

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

PUBLICADA SOB A DIREÇÃO DE

ALLAN KARDEC

Todo efeito tem uma causa. Todo efeito inteligente tem uma causa inteligente. O poder da causa inteligente está na razão da grandeza do efeito.

Terceiro Ano – 1860

Titulo original em francês:

REVUE SPIRITE

JOURNAL D'ÉTUDES PSYCHOLOGIQUES

Tradução: SALVADOR GENTILE

Revisão: ELIAS BARBOSA

1ª edição - 1.000 exemplares - 1993

2ª edição - 300 exemplares - 2001

© 1993 Instituto de Difusão Espírita

Índice geral das matérias

Janeiro

Maio

Setembro

Fevereiro

Junho

Outubro

Março

Julho

Novembro

Abril

Agosto

Dezembro

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Terceiro Ano – 1860

Janeiro

- [O Espiritismo em 1860](#)
- [O Magnetismo diante da Academia](#)
- [O Espírito de um lado e o corpo do outro. Sr. conde de R](#)
- [Conselhos de família. Ditados espontâneos](#)
- [As pedras de Java. Carta do Sr. Jobard](#)
- [Correspondência. Carta do Sr. Dorgeval ao Sr. Comettant](#)
- [Carta do Sr. Jobard sobre as qualidades do Espírito depois da morte](#)
- [Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas](#)

O Espiritismo em 1860

Revista Espírita, janeiro de 1860

A *Revista Espírita* começa seu terceiro ano, e estamos felizes ao dizer que ela o faz sob os a mais favoráveis auspícios. Aproveitamos com zelo esta ocasião para testemunhar aos nossos leitores toda a nossa gratidão pelas provas de simpatia que deles recebemos diariamente. Só isto seria um encorajamento para nós, se não encontrássemos, na própria natureza e objetivo de nossos trabalhos, uma grande compensação moral pelas fadigas que lhes são conseqüência. A multiplicidade desses trabalhos, aos quais nos consagramos inteiramente, é tal que nos é materialmente impossível responder a todas as cartas de felicitações que nos chegam. Isso nos força, pois, endereçar aos seus autores um agradecimento coletivo, que rogamos aceitem. Estas cartas, e as numerosas pessoas que nos honram vindo conferenciar conosco sobre essas graves questões, nos convencem, cada vez mais, dos progressos do Espiritismo *verdadeiro*, e entendemos por isso o Espiritismo cumprido em todas as suas conseqüências morais. Sem nos iludirmos sobre a importância dos nossos trabalhos, o pensamento de havermos para ele contribuído, lançando alguns grãos na balança, é, para nós, uma doce satisfação, porque esses alguns grãos sempre servirão para fazer refletir.

A prosperidade crescente de nossa coletânea é um indício do carinho com que é acolhida; não temos, pois, senão que prosseguir nossa obra na mesma linha, uma vez que recebe a consagração do tempo, sem nos afastarmos da moderação, da prudência e da conveniência que nos guiaram sempre. Deixando aos nossos contraditores o triste privilégio das injúrias e das personalidades, não os seguiremos, não mais, no terreno de uma controvérsia sem objetivo; dizemos sem objetivo porque ela não poderia trazer a eles a convicção, e é perder seu tempo discutir com pessoas que não conhecem a primeira palavra daquilo que falam. Não temos senão uma coisa a dizer: Estudai primeiro e nos veremos em seguida; nós temos outra coisa a fazer senão falar àqueles que não querem ouvir. Que importa, aliás, em definitivo, a opinião contrária deste ou daquele? Essa opinião é de uma importância tão grande que possa enterrar a marcha natural das coisas? As maiores descobertas encontraram os mais rudes adversários, o que não lhes fez soçobrar. Deixamos, pois, à incredulidade murmurar ao nosso redor, e nada nos fará desviar do caminho que nos está traçado, pela própria gravidade do assunto que nos ocupa.

Dissemos que as idéias Espíritas progridem. Há algum tempo, com efeito, elas ganharam um terreno imenso; dir-se-ia que elas estão no ar, e certamente não é ao bombo da imprensa periódica, pequena ou grande, que elas são devedoras. Se elas progridem para com e contra tudo, e não obstante a má vontade que se encontram em certas regiões, é porque elas possuem bastante de vitalidade para se bastarem a si mesmas. Aquele que se dá ao trabalho de aprofundar esta questão do Espiritismo, nele encontra uma satisfação moral tão grande. A solução de tantos problemas dos quais em vão pedira a explicação às teorias vulgares; o futuro se abre diante dele de um modo tão claro, tão preciso, tão LÓGICO, que se diz, com efeito, que é impossível que as coisas não se passem assim, e que admira não se as tenham compreendido mais cedo; que um sentimento íntimo lhe dizia dever estar aí; a ciência Espírita, desenvolvida, não faz outra coisa senão formular, tirar do nevoeiro, as idéias já existentes no seu foro interior; desde então o futuro tem, para ele, um objetivo claro, preciso, limpidamente definido; não caminha mais no vago, vê seu caminho; não é mais esse futuro de felicidade ou de infelicidade que a razão não podia compreender, e que por isso mesmo ele repelia; é um futuro racional, conseqüência das próprias leis da Natureza,

podendo suportar o exame mais severo; por isso ele é feliz, e como aliviado de um peso imenso: o da *incerteza*, porque a incerteza é um tormento. O homem, apesar de si, sonda as profundezas do futuro, e *não pode impedir de vê-lo eterno*; compara-o com a brevidade e a fragilidade da existência terrestre. Se o futuro não lhe oferece nenhuma certeza, ele se atordoa, se curva sobre o presente, e para torná-lo mais suportável, nada lhe importa; será em vão que sua consciência lhe fale do bem e do mal, ele se diz: O bem é o que me torna feliz. Que motivo teria, com efeito, em vero bem alhures? Por que suportar privações? Ele quer ser feliz, e para ser feliz, quer gozar; gozar daquilo que os outros possuem; quer o ouro, muito ouro; ele o tem como sua vida, porque o ouro é o veículo de todos os gozos materiais; que lhe importa o bem-estar de seu semelhante! O seu antes de tudo; ele quer satisfazer-se no presente, não sabendo se o poderá mais tarde, num futuro em que não crê; torna-se, pois, ávido, ciumento, egoísta, e, com todos esses gozos, ele não é feliz, porque o presente lhe parece muito curto.

Com a *certeza* do futuro, tudo muda de aspecto para ele; o presente não é senão efêmero, ele o vê escoar sem pesar; está menos ávido dos gozos terrestres, porque estes não lhe dão senão uma sensação passageira, fugidia, que deixa o vazio no seu coração; aspira a uma felicidade mais durável e, conseqüentemente, mais real; e onde poderá encontrá-la, se isso não estiver no futuro? O Espiritismo, mostrando-lhe, *provando-lhe* esse futuro, livra-o do suplício da incerteza, eis porque ele se torna feliz; ora, aquilo que traz felicidade, encontra sempre partidários.

Os adversários do Espiritismo atribuem sua rápida propagação a uma febre supersticiosa que se apodera da Humanidade, ao amor ao maravilhoso; mas é necessário, antes de tudo, ser lógico; aceitaremos seu raciocínio, se se pode chamar a isso de raciocínio, quando claramente explicarem porque essa febre atinge precisamente as classes esclarecidas da sociedade, antes que as classes ignorantes. Quanto a nós, dizemos que é porque o Espiritismo apela ao raciocínio e não a uma crença cega, que as classes esclarecidas examinam, refletem e compreendem; ora, as idéias supersticiosas não suportam o exame.

De resto, todos vós que combateis o Espiritismo, o compreendeis? Vós o estudastes, escrustaste-o em seus detalhes, pesando maduramente todas as suas conseqüências? Não, mil vezes não. Falais de uma coisa que não conheceis; todas as vossas críticas, não falo das tolas, deselegantes e grosseiras diatribes, desprovidas de todo raciocínio e que não têm nenhum valor, falo daquelas que têm pelo menos a aparência do sério; todas as vossas críticas, digo eu, acusam a mais completa ignorância da coisa.

Para criticar é necessário opor um raciocínio a um raciocínio, uma prova a uma prova; isso é possível sem conhecimento profundo do assunto do qual se trata? Que pensaríeis daquele que pretendesse criticar um quadro sem possuir, ao menos em teoria, as regras do desenho e da pintura; discutir o mérito de uma ópera sem saber a música? Sabeis qual é a conseqüência de uma crítica ignorante? É ser ridículo e acusar uma falta de julgamento. Quanto mais a posição crítica é elevada, mais estiver em evidência, tanto mais seu interesse lhe manda circunspeção, para não se expor a receber desmentidos, sempre fáceis a dar a quem fale daquilo que não conheça. É por isso que os ataques contra o Espiritismo têm tão pouca importância, e favorecem seu desenvolvimento em lugar de detê-lo. Esses ataques são da propaganda; provocam o exame, e o exame não pode senão nos ser favorável, porque nos dirigimos à razão. Não há um dos artigos publicados contra esta doutrina que houvesse não trazido um aumento de assinantes e que não tenha feito vender obras. O do senhor Oscar Comettant (ver o *Siècle* do dia 23 de outubro último e nossa resposta na *Revista* do mês de dezembro de 1859) fez vender em alguns dias, ao senhor Ledoyen, mais de cinquenta exemplares da famosa sonata de Mozart (que se vende a 2 francos, preço líquido, segundo a importante e espiritual nota do senhor Comettant). Os artigo do *Univers* de 13 de

abril e 28 de maio de 1859 (ver nossa resposta nos números da *Revista* de maio e de julho de 1859) fizeram esgotar prontamente o que restava da primeira edição de *O Livro dos Espíritos*, e assim de outros. Mas voltemos às coisas menos materiais. Enquanto não opuserem ao Espiritismo senão argumentos dessa natureza, ele nada terá a temer.

Repetimos que a fonte principal do progresso das idéias Espíritas está na satisfação que ela proporciona a todos aqueles que as aprofundam, e que nelas vêm outra coisa senão um fútil passatempo; ora, como se quer ser feliz antes de tudo, não é de admirar que se prenda a uma idéia que torne feliz. Dissemos em alguma parte que, no caso do Espiritismo, o período de curiosidade passou, e que o do raciocínio e o da filosofia lhe sucederam. A curiosidade não tem senão um tempo: uma vez satisfeita, se lhe muda o objeto para passara um outro; e não ocorre o mesmo com aquele que se dirige ao pensamento sério e ao julgamento. O Espiritismo tem sobretudo progredido depois que foi melhor compreendido em sua essência íntima, depois que se viu a sua importância, porque ele toca a corda mais sensível do homem: a da sua felicidade, mesmo neste mundo; aí está a causa de sua propagação, o segredo da força que o fará triunfar. Vós todos que o atacais, quereis, pois, um meio certo de combatê-lo com sucesso? Vou vo-lo indicar. Substituí-o por uma coisa melhor; encontrai uma solução MAIS LÓGICA para todas as questões que ele resolve; dai ao homem uma OUTRA CERTEZA que o torne mais feliz, e compreendei bem a importância dessa palavra *certeza*, porque o homem não aceita como *certo* o que não lhe pareça *lógico*; não vos contenteis em não dizer que isso não é, o que é muito fácil; provai, não por uma negação, mas por fatos, que isso não é, jamais foi e NÃO PODE SER; provai, enfim, que as conseqüências do Espiritismo não são as de tornar os homens melhores pela prática da mais pura moral evangélica, moral que se louva muito, mas que se pratica tão pouco. Quando tiverdes feito isso, serei o primeiro a me inclinar diante de vós. Até lá, permiti-me considerar vossas doutrinas, que são a negação de todo futuro, como a fonte do egoísmo, verme roedor da sociedade, e, por conseqüência, como um verdadeiro flagelo. Sim, o Espiritismo é forte, mais forte que vós, porque se apoia sobre as próprias bases da religião: Deus, a alma, as penas e as recompensas futuras baseadas no bem e no mal que se fez, vós vos apoiáis sobre a incredulidade; ele convida os homens à felicidade, à esperança, à verdadeira fraternidade; vós, vós lhes oferecis o NADA por perspectiva e o EGOÍSMO por consolação; ele explica tudo, vós não explicais nada; ele prova pelos fatos, e vós não provais nada; como quereis que se oscile entre as duas doutrinas?

Em resumo, constatamos, e cada um o vê e o sente como nós, que o Espiritismo deu um passo imenso durante o ano que acaba de se escoar, e esse passo é a garantia daquilo que não pode deixar de fazer durante o ano que começa; não somente o número de seus partidários está consideravelmente acrescido, mas operou uma mudança notável na opinião geral, mesmo entre os indiferentes; diz-se que no fundo de tudo isso poderia bem haver alguma coisa; que não é necessário apressar-se em julgar; aqueles que, a esse título, alteavam as espáduas, começam a temer o ridículo por si mesmos, ligando seu nome a um julgamento precipitado, que pode receber um desmentido; preferem pois calarem-se e esperarem. Sem dúvida, haverá por muito tempo ainda, pessoas que, nada tendo a perder na opinião da posteridade, procurarão denegri-lo, uns por caráter ou por estado, outros por cálculo; mas se familiarizam com a idéia de irem a Charenton desde que se veja em tão boa companhia, e esse mau prazer torna-se, como tantos outros, um lugar comum, o qual não abala mais de modo nenhum, porque no fundo desses ataques vê-se um vazio absoluto de raciocínio. A arma do ridículo, essa arma que se diz tão terrível, se enfraquece, evidentemente, e cai das mãos daqueles mesmos que a sustentavam; perdeu, pois, ela seu poder? Não, mas com a condição de não dar mais seus golpes em falso. O ridículo não prejudica senão aquele que é ridículo em si e de sério não tenha senão a aparência, porque ele fustiga o hipócrita e arranca sua máscara; mas aquele que é verdadeiramente sério não pode dele receber senão golpes passageiros e sai sempre triunfante da luta. Vede se uma

única das grandes idéias que foram achincalhadas em sua origem pela turba ignorante e ciumenta caiu para não mais se levantar! Ora, o Espiritismo é uma das maiores idéias, porque ele toca a questão mais vital, a da felicidade do homem, e não se joga impunemente com semelhante questão; ele é forte, porque tem suas raízes nas próprias leis da Natureza, e responde aos seus inimigos fazendo desde seu início a volta ao mundo. Ainda há alguns anos e seus detratores, impossibilitados de combatê-los pelo raciocínio, encontrar-se-ão de tal modo transbordados pela opinião, de tal modo isolados, que será forçoso para eles ou se calarem, ou abrirem os olhos para a luz.

O Magnetismo diante da Academia

Revista Espírita, janeiro de 1860

O Magnetismo, colocado à porta, entrou pela janela graças a uma dissimulação e a um outro nome; em lugar de dizer: Eu sou o magnetismo, o que provavelmente não lhe valeria um acolhimento favorável, ele disse: Eu me chamo *hipnotismo* (do grego *upnos*, sono). Graças a esta palavra de passe, chegou, contudo, depois de vinte anos de paciência; mas não perdeu por esperar, uma vez que soube introduzir-se por uma das maiores personagens. Guardou-se de apresentar-se com seu cortejo de passes, de sonambulismo, de visão a distâncias, de êxtases que o teriam traído; ele disse simplesmente: Sois bons e humanos, vosso coração sangra por ver os vossos doentes sofrerem; procurais um meio para acalmar a dor do paciente que o vosso escalpelo corta; aquilo que empregais, muitas vezes, é muito perigoso, e vos trago um simples e que, em todos os casos, não tem inconvenientes. Estava bem seguro falando em nome da Humanidade; e acrescentou, o astuto: Eu sou da família, uma vez que foi a um dos vossos que devo a abertura. Ele pensa, não sem razão, que essa origem não pode prejudicá-lo.

Se vivêssemos ao tempo da brilhante e poética Grécia, diríamos: O Magnetismo, filho da natureza e de um simples mortal, foi prescrito do Olimpo, porque atentou contra os privilégios de Esculápio e caminhou sobre seus despojes, gabando-se de poder curar sem o seu concurso. Errou muito tempo na Terra, onde ensinou aos homens a arte de curar através de meios novos; revelou ao vulgo uma multidão de maravilhas que, até então, estiveram misteriosamente escondidas nos templos; mas aqueles aos quais havia revelado os segredos e desmascarado a patifaria o perseguiram insistentemente a pedradas, de tal modo que foi, ao mesmo tempo, banido pelos deuses e maltratado pelos homens; mas não continuou menos a distribuir seus benefícios aliviando a Humanidade, certo de que um dia sua inocência seria reconhecida, e que lhe seria feita justiça. Teve um filho do qual escondeu cuidadosamente o nascimento, com medo de atrair-lhe as perseguições; chamou-o *Hipnotismo*. Esse filho partilhou por muito tempo de seu exílio, e durante esse tempo instruiu-se. Quando o acreditou bem formado, disse-lhe: Vá te apresentar ao Olimpo; guarda-te sobretudo de dizer que és meu filho; teu nome é um disfarce e com ele te facilitarão o acesso; Esculápio te introduzirá.

— Como! Meu pai; Esculápio! Vosso mais encarniçado inimigo! Ele que vos procreveu! — Ele mesmo te estenderá a mão. — Mas se me reconhecer, me expulsará. — Pois bem! Se expulsar, virás junto a mim, e continuaremos a nossa obra benfazeja entre os homens, à espera de tempos melhores. Mas esteja tranquilo, tenho boa esperança. Esculápio não é mau; antes de tudo ele quer o progresso da ciência, de outro modo não seria digno de ser o deus da medicina. Tenho, aliás, talvez cometido alguns erros com ele; ofendido por me ver denegrir, eu impliquei, e ataquei-o sem comedimento; eu lhe prodigalizei injúrias, rebaixei-o, vilipendiei-o, tratei-o de ignorante; ora, aí está um meio ruim para reconduzir os homens e os deuses, e seu amor próprio ferido pôde irritar-se um instante contra mim. Não faças como eu, meu filho; sé mais prudente e sobretudo mais cortês; se os outros não o são contigo, o erro será deles e a razão, tua. Vai, meu filho, e lembra-te que não se prendem moscas com vinagre. — Assim falou o pai. Hipnotismo caminhou timidamente para o Olimpo; o coração batia-lhe forte quando se apresentou à entrada da porta sagrada; mas ó surpresa! O próprio

Esculápio estendeu-lhe a mão e o introduziu.

Eis, portanto, o Magnetismo no lugar; que vai fazer? Oh! Não credes na vitória definitiva; nisso não estamos ainda mesmo nas preliminares da paz. Foi uma primeira barreira tombada, eis tudo; isso é importante, sem dúvida, mas não credes que vossos inimigos vão se confessar vencidos; o próprio Esculápio, o grande Esculápio, que o reconheceu como da família, abraçará francamente a sua defesa que seriam capazes de enviá-lo a Charenton. Vão dizer que é... alguma coisa...; mas que seguramente não é do Magnetismo. Seja; não chicaneemos sobre as palavras; seria tudo o que eles querem; mas, à espera disso, é um fato que terá conseqüências; ora, eis estas conseqüências: Primeiro, vão dele se ocupar somente do ponto de vista anestésico (do grego *aisthesis*, sensibilidade, e, a, prefixo que marca a privação; privação geral ou parcial da faculdade de sentir), e isto em conseqüência do predomínio das idéias materialistas, porque ainda há pessoas que desejam, por modéstia, sem dúvida, se reduzirem ao papel de espeto que, quando está deslocado, é lançado ao ferro velho sem que dele fique vestígio! Portanto, vai-se experimentar esse fato de todas as maneiras, não fosse senão por simples curiosidade; vai-se estudar a ação das diferentes substâncias para produzir o fenômeno catalepsia; depois, um belo dia, se reconhecerá que basta colocar o dedo. Mas isso não é tudo; observando o fenômeno da catalepsia, ele apresentará outros espontaneamente; já se notou a liberdade do pensamento durante a suspensão das faculdades orgânicas; o pensamento é, pois, independente dos órgãos; há, pois, no homem outra coisa que a matéria; serão vistas faculdades estranhas se manifestarem: a visão adquirir uma amplitude insólita, ultrapassar os limites dos sentidos; todas as percepções deslocadas; em uma palavra, e um campo vasto para a observação, e os observadores não faltarão; o santuário está aberto, esperemos que dele jorre a luz, a menos que o celeste areópago não deixe a honra a outros senão a si mesmo.

Nossos leitores ficarão contentes por narrarmos o notável artigo que o senhor Victor Meunier, redator do *Ami des Sciences*, publicou sobre esse interessante assunto, na Revista científica hebdomanária do *Siècle*, do dia 16 de dezembro de 1859.

"O magnetismo animal, levado à Academia pelo senhor Broca, apresentado à ilustre companhia pelo senhor Velpeau, experimentado pelos senhores Follin, Verneuil, Faure, Trousseau, Denonvilliers, Nélaton, Azam, Ch. Robin, etc., todos cirurgiões dos hospitais, foi a grande novidade do dia.

As descobertas, como os livros, têm o seu destino. Esta que vai estar em questão não é nova. Ela data de uma vintena de anos, e nem na Inglaterra onde nasceu, nem em França onde no momento não se ocupa de outra coisa, a publicidade não lhe faltou, um médico escocês, o doutor Braid, descobriu-a e consagrou-lhe todo um livro (*Neurypnology or the rationale of nervous sleep, considered in relation with animal magnetism*); um célebre médico inglês, o doutor Carpenter, analisou longamente a descoberta do senhor Braid no artigo *sleep* (sono) da Enciclopédia de Anatomia e de Fisiologia de Tood (*Cyclopedia of anatomy and physiology*); um ilustre sábio francês, o senhor Littré, reproduziu a análise do senhor Carpenter na segunda edição do *Manuel de physiologie* de J. Mueller; enfim, nós mesmos consagramos um de nossos folhetins da *Presse* (7 de julho de 1852) ao *hipnotismo* (foi o nome dado pelo senhor Braid ao conjunto de fatos dos quais tratou). A mais recente das publicações relativas a este assunto data, pois, de sete anos, e foi quando se poderia julgá-lo esquecido, que adquiriu essa imensa ressonância.

Há no hipnotismo duas coisas: um conjunto de fenômenos nervosos, e o procedimento por meio do qual são produzidos.

Este procedimento, empregado antigamente, se não me engano, pelo abade Faria, é de uma grande simplicidade.

Consiste em ter um objeto brilhante diante dos olhos da pessoa sobre a qual se experimenta, a uma pequena distância adiante da base do nariz, de modo que não possa olhá-lo sem olhar estrábico; deve fixar os olhos sobre ele. Suas pupilas primeiro se contraem, em seguida se dilatam fortemente, e em poucos instantes o estado cataléptico está produzido. Erguei os membros da pessoa, eles conservam a posição que lhes derdes. Esse não é senão um dos fenômenos produzidos, daqui a pouco falaremos de outros. O senhor Azam, professor suplente de clínica cirúrgica na Escola de Medicina de Bordeaux, tendo repetido com sucesso as experiências do senhor Braid, conversou com o senhor Paul Broca, que pensa que as pessoas hipnotizadas talvez sejam insensíveis à dor das operações cirúrgicas. A carta que ele acaba de dirigir à Academia de Ciência é o resumo de suas experiências a este respeito.

Antes de tudo, ele deveria se assegurar da realidade do hipnotismo; a isso chegaria sem dificuldade. Visitando uma senhora de quarenta anos, um pouco histérica, e que guardava o leito por ligeira indisposição, o senhor Broca achou de querer examinar os olhos da enferma, e pediu-lhe para olhar fixamente um pequeno frasco dourado que ele manteve diante dela a uns 15 centímetros, mais ou menos, diante da base do nariz. Ao cabo de três minutos, os olhos estão um pouco vermelhos, os traços imóveis, as respostas lentas e difíceis, mas perfeitamente racionais. O senhor Broca ergueu o braço da enferma, o braço permaneceu na atitude em que o colocou: Ele dá aos dedos as mais extremas situações, os dedos as conservam; belisca a pele em vários lugares com certa força, a paciente parece não se aperceber disso. Catalepsia, insensibilidade! O senhor Broca não levou mais longe a experiência; havia aprendido o que queria saber. Uma fricção sobre os olhos, uma insuflação de ar forçada sobre a fronte conduziram a enferma ao estado normal. Ela não tinha nenhuma lembrança do que acabara de se passar.

Restaria saber se a insensibilidade hipnótica resistiria à prova das operações cirúrgicas.

Entre os hóspedes do hospital Necker, no serviço do senhor Follin, havia uma pobre jovem de 24 anos, atingida por uma vasta queimadura nas costas e dos dois membros direitos, e de um enorme abscesso extremamente doloroso. Os menores movimentos eram para ela um suplício; consumida pelo sofrimento, e aliás muito pusilânime, essa infeliz não pensava senão com terror na operação que se fizera necessária. Foi sobre ela que, de acordo com o senhor Follin, o senhor Broca resolveu completar a prova do hipnotismo.

Colocaram-na sobre um leito, em frente de uma janela, prevenindo-a que ia dormir. Ao cabo de dois minutos suas pupilas dilataram, eleva-se seu braço esquerdo quase verticalmente acima do leito e ele permanece imóvel. Pelo quarto minuto, suas respostas são lentas e quase penosas, mas perfeitamente sensatas. Quinto minuto: o senhor Follin pica a pele do braço esquerdo, a enferma não se move; nova picadura mais profunda, que produz sangue, a mesma impassibilidade. Ergue-se o braço direito, que permanece erguido. Então as cobertas são erguidas e os membros inferiores abertos para pôr a descoberto a sede do abscesso. A enferma deixa fazê-lo, e diz, com tranquilidade que, sem dúvida, não vão fazer-lhe mal. O abscesso é aberto, ela dá um fraco grito; é o único sinal de reação que dá; durou menos que um segundo. Nem o menor estremeamento nos músculos da face ou dos membros, nem um tremor nos dois braços, sempre elevados verticalmente acima do leito. Os olhos um pouco injetados permanecem bem abertos; o rosto tem a imobilidade de uma máscara...

O calcanhar esquerdo erguido, permanece suspenso. Ergue-se o corpo brilhante (uma luneta); a catalepsia persiste; pela terceira vez pica-se o braço esquerdo. O sangue goteja, a

operada não sente nada. Há treze minutos que esse braço mantém a situação que lhe foi dada.

Enfim, uma fricção sobre os olhos, uma insuflação de ar frio despertam a jovem quase subitamente; seus braços e a perna esquerdos relaxados ao mesmo tempo caem sobre o leito. Ela esfrega os olhos, retoma conhecimento, não se lembra de nada, e espanta-se que a tenham operado. A experiência durara 18 a 20 minutos; o período de anestesia, 12 a 15.

Tais são, em resumo, os fatos essenciais comunicados pelo senhor Broca à Academia de Ciência. Já não são mais isolados. Um grande número de cirurgiões de nossos hospitais tiveram a honra de repeti-los e o fizeram com sucesso. O objetivo do senhor Broca e de seus honrados colegas foi e deveria ser cirúrgico. Esperemos que o hipnotismo tenha, como meio de provocar a insensibilidade, todas as vantagens dos agentes anestésicos, sem ter-lhes os inconvenientes; mas a medicina não é do nosso domínio, e, para não sair de nossas atribuições, nossa Revista não deve considerar o fato senão sob o aspecto fisiológico.

Depois de reconhecer a veracidade do senhor Braid sobre o ponto essencial, sem dúvida, dever-se-á verificar tudo o que diz respeito a esse estado singular, ao qual deu o nome de hipnotismo. Os fenômenos que lhe atribuem podem ser classificados do modo seguinte.

Exaltação da sensibilidade. —O odor é levado a um grau de acuidade que se iguala pelo menos no que se observa nos animais que têm o melhor nariz. O ouvido tornar-se muito vivo. O toque adquire, sobretudo com respeito à temperatura, uma delicadeza incrível.

Sentimentos sugeridos. — Colocai o rosto, o corpo ou os membros da pessoa na atitude que convenha à expressão de um sentimento particular, logo o estado mental correspondente é despertado. Assim, estando a mão do hipnotizado colocada sobre o cimo de sua cabeça, ele se indireita espontaneamente de toda sua superioridade, atira o corpo para trás; seu porte é o do orgulho mais vivo. Neste momento, curvai sua cabeça para a frente, flexionai docemente o corpo e os membros, e o orgulho dá lugar à mais profunda humildade. Afastai docemente os cantos de sua boca, como no riso, uma disposição alegre é logo produzida; um mau humor toma-lhe imediatamente o lugar colocando-se as sobrancelhas uma contra a outra e para baixo.

Idéias provocadas. - Elevai a mão do sujeito acima de sua cabeça e flexionai os dedos sobre a palma, a idéia de subir, de se balançar, de estirar uma corda, é suscitada. Se, ao contrário, flexionam-se todos os dedos deixando prender o braço, a idéia que se provoca é de erguer um peso. Se os dedos estão flexionados, o braço sendo levado para diante como para dar um golpe, surge a idéia de boxe. (A cena se passa em Londres).

Aumento da força muscular. — Querendo-se suscitar uma força extraordinária num grupo de músculos, basta sugerir ao sujeito a idéia da ação que reclama essa força e assegurar-lhe que pode cumpri-la com a maior facilidade se o quiser. "Vimos, disse o senhor Carpenter, um desses sujeitos hipnotizados pelo senhor Braid, notável pela pobreza do seu desenvolvimento muscular, erguer, com ajuda unicamente de seu dedinho, um peso de catorze quilogramas, e fazer girar ao redor de sua cabeça com a única segurança de que este peso era tão leve como uma pluma."

Limitar-nos-emos, por hoje, à indicação deste programa; à palavra e aos fatos, as reflexões virão mais tarde.

O Espírito de um lado e o corpo do outro

Revista Espírita, janeiro de 1860

Conversa com o Espírito de uma pessoa viva.

Nosso honorável colega, Sr. conde de R... C... nos dirigiu a seguinte carta, datada de 23 de novembro último:

"Senhor Presidente,

"Ouvi dizer que médicos, entusiastas de sua arte e desejosos de contribuir pelo progresso da ciência, tornando-se úteis à Humanidade, tinham, por testamento, legado seus corpos ao escalpelo das salas anatômicas. A experiência, à qual assisti, da evocação de uma pessoa viva (sessão da Sociedade do dia 14 de outubro de 1859) não me pareceu bastante instrutiva, porque se tratou de uma coisa muito pessoal: colocar em comunicação um pai vivo com a sua filha morta. Pensei que o que os médicos fizeram com relação ao corpo, um membro da Sociedade poderia fazê-lo com relação à alma, quando vivo, colocando-se à vossa disposição para uma experiência desse gênero. Poderíeis, talvez, preparando de antemão as perguntas que, nesta vez, nada teriam de pessoal, obter algumas luzes novas sobre o fato do isolamento da alma e do corpo. Aproveitando de uma indisposição que me retém em casa, venho oferecer-me como objeto de estudo, se vos aprouver. Sexta-feira próxima, pois, se não receber ordem contrária, deitar-me-ei às nove horas, e penso que às nove e meia podereis me chamar, etc..."

Aproveitamos o oferecimento do Sr. conde de R... C... com tanto mais diligência, porque, colocando-se à nossa disposição, pensamos que seu Espírito se prestaria mais voluntariamente às nossas pesquisas; por outro lado, sua instrução, a superioridade de sua inteligência (o que, abrindo parênteses, não o impede de ser um excelente Espírita) e a experiência que adquiriu ao redor do mundo como capitão da marinha imperial, poderiam nos fazer esperar, de sua parte, uma apreciação mais sadia de seu estado: Nossa espera não foi enganada. Tivemos, conseqüentemente, com ele, as duas entrevistas seguintes, a primeira no dia 25 de novembro, e a segunda no dia 2 de dezembro de 1859.

(Sociedade; 25 de novembro de 1859.)

1. Evocação. — R. Estou aqui.

2. Tendes, neste momento, consciência do desejo que expressastes de ser evocado? — R. Perfeitamente.

3. Em que lugar estais aqui? — R. Entre vós e o médium.

4. Vede-nos tão claramente como quando assistíeis pessoalmente às nossas sessões? — R. Mais ou menos, mas um pouco velada; eu ainda não durmo bem.

5. Como tendes consciência de vossa individualidade aqui presente, ao passo que o vosso corpo está em vosso leito? — R. Meu corpo não é senão um acessório para mim neste momento, sou EU que estou aqui.

Nota. Sou EU que estou aqui é uma resposta muito notável; para ele, o corpo não é a parte essencial de seu ser; esta parte é o Espírito que constitui o seu eu; seu. eu e seu corpo são duas coisas distintas.

6. Poderíeis vos transportar instantaneamente e à vontade daqui para vossa casa e da vossa casa para aqui? — R. Sim.

7. Indo de vossa casa para aqui e reciprocamente, tendes consciência do trajeto que fizestes? Vedes os objetos que estão no vosso trajeto? — R. Eu o poderia, mas negligencio fazê-lo, não estando nisso interessado.

8. O estado em que estais é semelhante ao de um sonâmbulo? — R. Não inteiramente; meu corpo dorme, quer dizer, está mais ou menos inerte; o sonâmbulo não dorme; suas faculdades orgânicas estão modificadas e não anuladas.

9. O Espírito de uma pessoa viva evocada poderia indicar remédios como um sonâmbulo? — R. Se os conhecesse, ou se entrasse em relação com um Espírito que os conheça, sim; do contrário, não.

10. A lembrança de vossa existência corpórea está nitidamente presente em vossa memória? — R. Muito nitidamente.

11. Poderíeis citar algumas de vossas ocupações, as mais importantes do dia? — R. Eu o poderia, mas não o farei, e lamento ter proposto esta pergunta. (Ele havia pedido que lhe endereçasse uma pergunta como prova.)

12. E como Espírito que lamentais a proposta desta pergunta?— R. Como Espírito.

13. Por que o lamentais? — R. Porque compreendo melhor o quanto é justo que seja a maioria do tempo proibido fazê-lo.

14. Poderíeis fazer-nos a descrição de seu quarto de dormir?— R. Certamente; e o do meu porteiro também.

15. Pois bem! Então sede bastante bom para nos descrever o vosso quarto, ou o do vosso porteiro? — R. Eu disse que o poderia, mas poder não é querer.

16. Qual é a enfermidade que vos retém em casa? — R. A gota.

17. Há um remédio para a gota? Se o conheceis seriais muito bom indicando-o, porque seria prestar um grande serviço. — R. Eu o poderia, mas disso me guardarei bem; o remédio seria pior que o mal.

18. Pior ou não, quereis indicá-lo, salvo a não se servir dele. -R. Há vários, entre outros o

cólquico.

Nota. Desperto, o senhor de R... reconheceu jamais ter ouvido falar desta planta como específico anti-gotoso.

19. Em vosso estado atual, veríeis o perigo que poderia correr um amigo, e poderíeis vir em sua ajuda? — R. Eu o poderia; inspirá-lo-ia, se escutasse minha inspiração, e com ainda mais sucesso se fosse médium.

20. Uma vez que vos evocamos segundo o vosso desejo, e quereis vos colocar à nossa disposição para os nossos estudos, quereis nos descrever, o melhor possível, e nos fazer compreender, se for possível, o estado em estais agora? — R. Estou no estado mais feliz e mais satisfatório que se possa provar. Jamais tivestes um desses sonhos onde o calor do leito vos leva a acreditar que estais deitando molemente nos ares, ou em flocos de uma onda tépida, sem nenhum cuidado com os vossos movimentos, sem nenhuma consciência de membros pesados e incômodos para mover ou arrastar, em uma palavra, sem nenhuma necessidade para satisfazer; não sentindo nem o agulhão da fome e nem o da sede? Estou neste estado junto a vós; embora não vos tenha tido senão uma pequena idéia do que experimento.

21. O estado atual de vosso corpo sente uma modificação fisiológica qualquer, em consequência da ausência do Espírito? — R. De nenhum modo; estou no estado que chamais o primeiro sono; sono pesado e profundo que todos experimentamos, e durante o qual nos afastamos do nosso corpo.

Nota. O sono, que não era completo no começo da evocação, se estabeleceu pouco a pouco, em consequência do próprio desligamento do Espírito que deixa o corpo num maior repouso.

22. Se em consequência de um movimento brusco, se despertasse instantaneamente vosso corpo, enquanto o vosso Espírito está aqui, que resultaria disso? — R. O que é brusco para o homem é bem lento para o Espírito, que sempre tem o tempo de ser advertido.

23. A felicidade que acabais de nos pintar, e da qual gozais no vosso estado livre, tem alguma relação com as sensações agradáveis que sentem, algumas vezes, nos primeiros momentos da asfixia? O senhor S..., que teve a satisfação de provar (involuntariamente), vos dirige esta pergunta. — R. Ele não tem inteiramente razão; na morte por asfixia há um instante análogo àquele do qual fala, mas somente o Espírito perde de sua lucidez, ao passo que aqui ela é consideravelmente aumentada.

24. Vosso Espírito está preso ainda por um laço qualquer ao vosso corpo? — R. Sim, disso tenho perfeitamente consciência.

25. A que poderíeis comparar esse laço? — R. A nada que conheceis, se não for como uma luz fluorescente, como aspecto, se pudésseis vê-la, mas que não produz sobre mim nenhuma sensação.

26. A luz vos afeta do mesmo modo; e no mesmo colorido que quando a vedes pelos olhos? — R. Absolutamente, uma vez que meus olhos servem, de alguma sorte, como janela à caixa de meu cérebro.

27. Percebeis os sons distintamente? — R. Mais distintamente, porque deles percebo muitos que vos escapam.

28. Como transmitis vosso pensamento ao médium? — R. Atuo sobre a sua mão para dar-lhe uma direção que facilito por uma ação sobre o cérebro.

29. Servi-vos das palavras do vocabulário que ele tem na cabeça, ou indicai-lhes as palavras que deve escrever? — R. Um e o outro, segundo minha conveniência.

29. Se tivésseis, por médium, alguém que não soubesse vossa língua e do qual a sua fosse desconhecida, um Chinês, como faríeis para ditar-lhes? — R. Isto seria mais difícil; e talvez impossível; mas, em todos os casos, isso não se poderia senão com uma flexibilidade e uma docilidade muito difíceis de se encontrar.

30. O Espírito cujo corpo estivesse morto provaria a mesma dificuldade para se comunicar com um médium completamente estranho à língua que ele falava quando vivo? — R. Talvez menos, porém, ela existiria sempre; acabo de vos dizer que, segundo a ocorrência, o Espírito dá ao médium suas expressões ou toma as dele.

31. Vossa presença aqui fatiga o vosso corpo? -- R. De nenhum modo.

32. Vosso corpo sonha? — R. Não; é nisto, justamente, que ele não se cansa; a pessoa de quem falais experimentava, por seus órgãos, impressões que transmitiam ao Espírito; é isto que a fadiga; eu não sinto nada semelhante.

Nota. Ele fez alusão a uma pessoa de quem se falava neste momento, e que, numa situação semelhante, havia dito que seu corpo se cansava, e havia comparado seu Espírito a um balão cativo, cujos abalos sacudiam o poste que o retinha.

No dia seguinte o senhor de R... disse-nos ter sonhado que estivera na Sociedade entre nós e o médium; foi, evidentemente, uma lembrança da evocação. É provável que no momento da pergunta não sonhasse, uma vez que respondeu negativamente; ou talvez também, e isto é o mais provável, o sonho não era senão uma lembrança da atividade do Espírito, não é, em realidade, o corpo que sonha, uma vez que o corpo não pensa. Portanto, pôde, e mesmo deve ter respondido negativamente, não sabendo se, uma vez desperto, seu Espírito se lembraria. Se seu corpo tivesse sonhado enquanto seu Espírito estava ausente, é que o Espírito teria tido uma dupla ação; ora, ele não poderia estar, ao mesmo tempo, na Sociedade e na sua casa.

33. Vosso Espírito está no estado que terá quando estiverdes morto? — R. Mais ou menos; menos quanto ao laço que o prende ao corpo.

34. Tendes consciência de vossas existências precedentes? — R. Muito confusamente: está ainda aí uma diferença que esqueci; depois do desligamento completo, que se segue à morte, as lembranças são sempre mais precisas; atualmente são mais completas do que durante a vigília, mas não bastante para poder especificá-las de um modo inteligível

35. Se, no vosso despertar, se vos submeter a vossa escrita, isso vos daria consciência das respostas que acabais de dar? —R. Nelas poderia encontrar alguns dos meus pensamentos; mas muitos outros não encontrariam nenhum eco no meu pensamento da vigília.

36. Poderíeis exercer sobre o vosso corpo uma influência bastante grande para vos despertar? — R. Não.

37. Poderíeis responder a uma pergunta mental? — R. Sim.

38. Vede-nos espiritualmente ou fisicamente? — R. Um e o outro.

39. Poderíeis ir visitar a irmã de vosso pai, que se diz estar numa ilha da Oceania, e como marinheiro, poderíeis precisar a posição dessa ilha? — R. Eu não posso nada de tudo isso.

40. Que pensais, agora, da vossa interminável obra e de seu objetivo? — R. Penso que devo prosseguir-la, assim como o objetivo; é tudo o que posso dizer.

Nota. Ele havia desejado que se lhe fizesse esta pergunta a respeito do importante trabalho que ele empreendera sobre a marinha.

41. Ficaríamos encantados se quisésseis endereçar algumas palavras aos vossos colegas, uma espécie de pequeno discurso. — R. Uma vez que para isto encontro ocasião, aproveito para vos afirmar, sobre minha fé no futuro da alma, que a maior falta que os homens podem cometer é procurar provas e provas; isto é mais ou menos perdoável aos homens que se iniciam no conhecimento do Espiritismo; não tenho vos repetido mil vezes que é necessário crer, porque se compreende e se ama a justiça e a verdade, e que se fosse dada satisfação a uma dessas perguntas pueris, aqueles que pretendessem fazê-lo para estarem convencidos não deixariam de fazer novas no dia seguinte e que infalivelmente vos dissipariam um tempo precioso para fazerem os Espíritos lerem a sorte? Agora eu compreendo muito melhor que quando desperto, e posso vos dar o sábio conselho, quando quiserdes obter esse resultado, de vos dirigir aos Espíritos batedores e às mesas falantes que não tendo nada de melhor para vos dizer, podem se ocupar dessas espécies de manifestações. Perdoai-me a lição, mas dela tenho necessidade como os outros e não me entristeço por dá-la a mim mesmo.

(Segunda conversa, 2 de dezembro de 1859.)

42. Evocação. — R. Estou aqui.

43. Dormis bem? — R. Não muito; mas isto vai chegar.

44. No caso particular em que estais, julgais que seja útil evocar em nome de Deus, como para o Espírito de um morto?— R. Por que pois? Credes que, do fato de que eu não esteja morto, Deus me seja indiferente?

45. Se, no momento em que estais aqui, vosso corpo sentisse uma picada não muito forte para vos despertar, mas suficiente para vos fazer estremecer, vosso Espírito a sentiria —R. Meu corpo não a sentiria.

46. Vosso Espírito disso teria consciência? — R. Não a menor; mas notai bem que me falais de u ma sensação leve, e sem nenhum alcance, como importância, diante do corpo e do Espírito.

47. A propósito da luz, dissestes que ela vos parecia como no estado de vigília, tendo em

vista que vossos olhos são como janelas por onde ela chega ao vosso cérebro. Concebemos isso para a luz percebida pelo vosso corpo; mas neste momento não é vosso corpo que vê. Vedes ainda por um ponto circunscrito ou por todo o vosso cérebro? — R. É muito difícil vos fazer compreender; o Espírito percebe essas sensações sem o intermédio dos órgãos, e não tem ponto circunscrito para percebê-las.

48. Insisto de novo para saber se os objetos, o espaço que vos cerca, têm para vós o mesmo colorido que quando estáveis desperto. - R. Para mim, sim, porque meus órgãos não me enganam; mas certos Espíritos nisto encontram grandes diferenças; vós, por exemplo, percebeis os sons e as cores muito diferentemente.

49. Percebeis os odores? — R. Também melhor do que vós.

50. Fazeis diferença entre a luz e a obscuridade? — R. Diferença, sim; mas a obscuridade não existe para mim como para vós; e eu vejo perfeitamente.

51. Vossa visão penetra os corpos opacos? — R. Sim.

52. Poderíeis ir para um outro planeta? — R. Isto depende.

53. Do quê isto depende? — R. Do planeta.

54. Em qual planeta poderíeis ir? —R. Naqueles que estão no mesmo grau que a Terra, ou mais ou menos.

55. Vedes os outros Espíritos? — R. Muito e ainda.

Nota. Uma pessoa que eu conhecia intimamente, e que assistia a esta sessão, disse que esta expressão lhe era muito familiar; ela vê nisto, assim como em toda a forma de sua linguagem, uma prova de identidade.

56. Vede-os aqui? — R. Sim.

57. Como constatais a sua presença? É por uma forma qualquer? - R. É pela sua forma própria; quer dizer, a do seu perispírito.

58. Algumas vezes vedes vossos filhos, e podeis lhes falar? — R. Eu os vejo e lhes falo muito freqüentemente.

59. Dissestes; Meu corpo é um acessório; sou *eu* que estou aqui. Esse *eu* é circunscrito, limitado; tem uma forma qualquer; em uma palavra como vos vedes? — R. É sempre o perispírito.

60. O perispírito é, pois, um corpo para vós? -- R. Mas sem dúvida.

61. Vosso perispírito afeta a forma de vosso corpo material, e vos parece estar aqui com o vosso corpo? — R. Sim, à primeira pergunta, e não à segunda; tenho perfeitamente consciência de não estar aqui senão com o meu corpo fluídico luminoso.

62. Poderíeis me dar um aperto de mão? —R. Sim, mas não o sentiríeis.

63. Poderíeis fazê-lo de um modo sensível? — R. Isto se pode, mas não o posso aqui.

64. Se, no momento em que estais aqui, vosso corpo viesse a morrer subitamente, que sentiríeis? — R. Eu existiria antes.

65. Seríeis mais prontamente desligado do que se morrêsseis nas circunstâncias comuns? — R. Muito; eu não entraria senão para fechar a porta depois de ter saído.

66. Dissestes que tendes a gota; não estais de acordo nisto com o vosso médico, aqui presente, que pretende que seja um reumatismo nevrálgico. Que pensais disto? — R. Penso que, uma vez que estais tão bem informados, isso deva vos bastar.

67. (O médico.) Sobre o quê vos fundais para que seja a gota? — R. É minha opinião a meu respeito; talvez me engane, sobretudo se estais MUITO SEGURO de não vos enganar, vós mesmo.

68. (O médico.) Seria possível que houvesse complicação de gota e de reumatismo. — R. Então todos os dois teriam razão; não nos restaria mais do que nos abraçarmos.

(Esta resposta provoca o riso na assembléia.)

69. Isto vos faz rir de nos ver rir? — R. Mas às gargalhadas; vós não me entendeis?

70. Dissestes que o colchico é um remédio eficaz contra a gota; de onde vos veio esta idéia, uma vez que, desperto, não o sabíeis? — R. Dele já me servi outrora.

71. Foi, pois, em uma outra existência? — R. Sim, e fez-me mal.

72. Se vos fizessem uma pergunta indiscreta, seríeis constrangido a respondê-la? — R. Oh! Esta é muito forte; tentai, pois.

73. Assim tendes perfeitamente o vosso livre arbítrio?—R. Mais que vós.

Nota. A experiência provou, em muitas ocasiões, que o Espírito isolado do corpo tem sempre a sua vontade, e não diz senão aquilo que quer; compreendendo melhor a importância das coisas, ele é mesmo mais prudente, mais discreto do que seria desperto. Quando diz uma coisa, é porque crê ser útil fazê-lo.

74. Éreis livre para não vir quando vos chamamos? — R. Sim, sob a condição de sofrer-lhe as conseqüências.

75. Quais são essas conseqüências? — R. Se me recuso a ser útil aos meus semelhantes, sobretudo quando tenho a perfeita consciências dos meus atos, eu sou livre, mas sou punido.

76. Qual gênero de punição sofreríeis? — R. Seria preciso vos desenvolver o código de Deus, e isto seria muito longo.

77. Se, neste momento, alguém vos insultar, vos dissesse coisas que desperto não suportaríeis, que sentimento isso vos faria sentir? — R. O desprezo.

78. Assim não procuraríeis vos vingar? — R. Não.

79. Fazeis uma idéia da classe que ocupareis entre os Espíritos quando aí estiverdes inteiramente? — R. Não, isto não é permitido.

80. Credes que, no estado atual em que estais, o Espírito possa prever a morte do seu corpo? — R. Algumas vezes, pois se devesse morrer subitamente, teria *sempre* o tempo de nele reentrar.

Conselhos de família

Revista Espírita, janeiro de 1860

Ditados espontâneos

Nossos leitores se lembram, sem dúvida, do artigo que publicamos, no mês de setembro último, sob o título: *Uma Família Espírita*. As comunicações seguintes lhe são digno complemento. São, com efeito, conselhos ditados numa reunião íntima, por um Espírito eminentemente superior e benevolente. Elas se distinguem pelo encanto e a doçura do estilo, a profundidade dos pensamentos, e por outro lado, pelas nuances de uma delicadeza extrema, apropriadas à idade e ao caráter das pessoas a quem são dirigidos. O senhor Rabache, negociante de Bordeaux, que serviu de intermediário, autorizou-nos a publicá-las; não podemos senão felicitar os médiuns que obtêm semelhantes mensagens: é uma prova de que têm simpatias felizes no mundo invisível.

Castelo de Pechbusque, novembro de 1859.

(Primeira sessão.)

Perguntado ao Espírito protetor da família se consentia dar alguns conselhos aos membros presentes, ele respondeu:

Sim: que tenham confiança em Deus e que procurem instruir-se quanto às verdades imutáveis e eternas que lhes ensina o livro divino da natureza; ele contém toda a lei de Deus, e aqueles que sabem lê-lo e compreendê-lo, são os únicos que seguem o verdadeiro caminho da sabedoria. Que nada daquilo que verão seja negligenciado por eles, porque cada coisa carrega consigo um ensinamento, e deve, com o uso do raciocínio, elevar a alma a Deus e aproximá-la dele. Em tudo o que tocar sua inteligência, procurem sempre distinguir o bem do mal; o primeiro para praticá-lo, o segundo para evitá-lo. Que antes de formular o seu julgamento, voltem sempre seu pensamento para o ETERNO, *que só os guiará no bem*, E NÃO OS ENGANARÁ JAMAIS.

(Segunda sessão.)

Boa noite, meus filhos. Se me amais, procurai vos instruir; reuni-vos freqüentemente com este pensamento. Ponde vossas idéias em comum, é um excelente meio, porque não se comunicam, em geral, senão as coisas que se crêem boas: têm-se vergonha das más, também se as guarda em segredo, ou não se as comunica senão àqueles dos quais se espera fazer cúmplices. Discernem-se os bons pensamentos dos maus naquilo que os primeiros podem, sem nenhum temor, comunicar-se a todo o mundo, ao passo que os primeiros não poderiam, sem perigo, comunicar senão a alguns. Quando um pensamento vos chegar, para julgar o seu valor, perguntai-vos se podeis, sem inconvenientes, torná-lo público, e se ele não produzirá nenhum mal: se vossa consciência a isso vos autoriza, não tende medo, vosso pensamento é bom. Dai-vos, mutuamente, bons conselhos, e, nisto, não tendes jamais em vista senão o bem daquele a quem os derdes, e não ao vosso. Vossa recompensa, para vós, estará no prazer que experimentareis por terdes sido úteis. A união dos corações é a fonte mais fecunda de felicidades, e se muitos homens são infelizes, é porque não procuram a

felicidade senão só para eles ; escapa-lhes precisamente porque não crêem encontrá-la senão no egoísmo. Eu digo a felicidade e não a fortuna, porque esta última, até hoje, não serviu senão para sustentar a injustiça, e o objetivo da existência é a justiça. Ora, se a justiça fosse praticada entre os homens, o mais afortunado seria aquele que houvesse cumprido a maior soma de boas obras. Se, portanto, quereis vos tornar ricos, meus filhos, fazei sempre boas ações; pouco importam os bens do mundo, não é a satisfação da carne que é preciso procurar, mas a da alma: aquela não tem senão uma duração efêmera, esta é eterna.

É bastante por hoje; meditai estes conselhos, e tratai de colocá-los em prática: aí está o caminho estreito da salvação.

(Terceira sessão.)

Sim, meu filhos, eis-me aqui. Tende confiança em Deus, que não abandona jamais aqueles que fazem o bem. O que credes o mal, freqüentemente, não o é senão com relação às vossas concepções. Freqüentemente, também, o mal real não vem senão do desencorajamento que ocasiona uma dificuldade, que a calma de espírito e a reflexão poderiam evitar. Refleti, portanto, sempre, e, como já vos disse, reportai tudo a Deus. Quando provais alguns desgostos, longe de vos entregardes a tristeza, resisti, ao contrário, e fazei todos os vossos esforços para dela triunfar, pensando que nada se obtém sem dificuldade, e que o sucesso, freqüentemente, é cheio de dificuldades. Invocai, em vossa ajuda, os Espíritos benevolentes; eles não podem, como se vos ensina, fazer boas obras em vosso lugar, nem nada obter de Deus por vós, porque é preciso que cada um ganhe, por si mesmo, a perfeição à qual todos estamos destinados, mas eles podem vos inspirar o bem, vos sugerir uma conduta conveniente, e vos ajudar com o seu concurso. Eles não se manifestam ostensivamente, mas no recolhimento; escutai a voz da vossa consciência, lembrando-vos os meus precedentes conselhos. — Confiança em Deus, calma e coragem.

(Quarta sessão.)

Boa noite, meus filhos. Sim, é preciso continuar (as sessões) até que um médium se manifeste para substituir aquele que deve vos deixar. Seu papel de iniciador entre vós está cumprido: continuai o que começastes, porque vós, também, servireis um dia à propagação da verdade que proclamam, nesse momento, no mundo inteiro, as manifestações ditas dos Espíritos. Persuadi-vos, meus filhos, de que o que se entende em geral por Espírito na Terra, não é Espírito senão para vós. Depois que este Espírito, ou alma, está separado da matéria grosseira que o envolve, para vós ele não tem mais o corpo, porque os vossos olhos materiais não podem mais vê-lo; mas ele é sempre matéria, relativamente àqueles que são mais elevados do que ele. Para vós, meus jovens filhos, vou fazer uma comparação muito imperfeita, mas que, todavia, poderá vos dar uma idéia da *transformação*, que impropriamente chamais morte. Figurai-vos uma lagarta que vedes todos os dias. Quando o tempo de sua existência nesse estado decorreu, ela se transforma em crisálida; passa ainda um tempo nesse estado, depois, chegado o momento, ela se despoja de seu envoltório grosseiro, e dá nascimento à borboleta que voa. Ora, a lagarta, deixando sua natureza grosseira, representa o homem que morre, a borboleta representa a alma que se eleva. A lagarta rasteja na terra, a borboleta voa para o céu; mudou de matéria, mas ainda é material. A lagarta, se ela raciocinasse, não veria a borboleta que, todavia, saíra da carapaça apodrecida da crisálida. Portanto, o corpo não pode ver a alma; mas a alma envolvida de matéria tem consciência de sua existência, e o maior dos materialistas, ele mesmo, o sente interiormente, seu orgulho, então, impede-o de convir nisto, e fica com sua ciência sem crença, sem elevar-se, até que, enfim, a *dúvida* lhe venha. Então, não está tudo acabado,

porque nele a luta é maior; mas isto não é senão uma questão de tempo, porque, lembrai-vos, meus amigos, todos os filhos de Deus foram criados para a perfeição. Felizes aqueles que não perdem seu tempo no caminho: A eternidade se compõe de dois períodos: o da prova, que se poderia chamar a incubação, e o da eclosão ou entrada na vida verdadeira, que chamais a felicidade dos eleitos.

(Quinta sessão.)

Meus queridos filhos, vejo com satisfação que começais a refletir sobre os avisos e conselhos que vos dou. Sei que, para o desenvolvimento atual de vossa inteligência, ao mesmo tempo são muitos assuntos de reflexão; mas devo aproveitar a ocasião que se apresenta: em alguns dias este meio não estará mais à minha disposição, e será necessário alcançar a vossa imaginação de maneira a sugerir o desejo de continuar as vossas sessões, até que, algum de vós, possa substituir o médium atual. Espero que estas poucas sessões, nas quais vos convido a meditar longamente, terão bastado para despertar a vossa atenção, e o desejo de aprofundar mais este vasto objeto de investigações. Tomai por regra jamais procurarem satisfazer uma vã curiosidade, mas vos instruir e vos aperfeiçoar. É inútil vos preocupardes com a diferença que possa existir entre o que eu vos ensinei e o que sabeis ou credes saber; cada vez que uma instrução vos for dada, perguntai se ela é justa, e se responde às exigências da consciência e da equidade: quando a resposta for afirmativa, não vos inquieteis em saber se ela concorda com que vos foi dito. Que vos importa isto! O importante é o justo, o consciencioso e o equitativo: tudo o que reúne essas condições, é de Deus. Obedecer a uma boa consciência, não fazer senão coisas úteis, evitar todas aquelas que, sem serem más, não têm utilidade, é o essencial; porque já é fazer mal fazendo alguma coisa inútil. Evitai escandalizar, mesmo para o vosso aperfeiçoamento. Há circunstâncias tais que unicamente a visão de vossa mudança pode produzir um mau efeito. Assim é que, por exemplo, à luz do dia não poderia, sem perigo, ferir subitamente os olhos de um homem encerrado num cárcere escuro. Que vosso progresso, então, não se entregue à investigação senão conforme a sabedoria vos aconselhar. Aperfeiçoai-vos sempre; vós os fareis ver somente quando isso estiver no tempo. Aqueles para quem escrevi este conselho o compreenderam, sem-que tivesse a necessidade de ser mais explícito; sua consciência lhes dirá.

Coragem, pois, e perseverança! Estas são as únicas leis do sucesso.

Nota. Este último conselho não poderia ser de uma aplicação geral; o Espírito, evidentemente, teve um objetivo especial, assim como ele mesmo disse, de outro modo se poderia enganar sobre o sentido e a importância de suas palavras.

As pedras de Java

Revista Espírita, janeiro de 1860

Bruxelles, 9 de dezembro de 1859.

Senhor Diretor,

Li, na Revista Espírita, o fato narrado por Ida Pfeiffer, sobre as pedras caídas em Java na presença de um oficial superior holandês, com o qual estive fortemente ligado em 1817, uma vez que foi ele quem me emprestou suas pistolas e serviu de testemunha no meu primeiro duelo. Chamava-se Michiels, de Maestricht, e se tornou general em Java. A carta que relatava este fato acrescentava que essa queda de pedras, na habitação isolada do distrito de Chéribon não durou menos que doze dias, sem que os sentinelas colocados pelo general nada houvessem descoberto, nem ele durante todo o tempo que ali ficou. Essas pedras, formadas por uma espécie de pedra vulcânica, pareciam se criar no ar, a alguns pés do teto. O general fez encher várias cestas delas, os habitantes vinham procurá-las para delas fazer amuleto, e mesmo remédio. Este fato é muito conhecido em Java, porque se renova muito freqüentemente, sobretudo os escarros de siry. Várias crianças foram perseguidas por pedradas em campo raso, mas sem serem atingidas. Dir-se-ia Espíritos falsantes que se divertem fazendo medo às pessoas. Evocai o Espírito do general Michiels, talvez vos explique esse fato. O doutor Vanden Kerkhove, que morou muito tempo em Java, confirmou-me como vos afirmo que vossa Revista torna-se todos os dias mais interessante, mais moralizante e mais procurada em Bruxelas.

Aceitai, Jobard.

O caráter conhecido da senhora Ida Pfeiffer, a marca de veracidade que levam todas essas narrações, não nos deixam nenhuma dúvida sobre a realidade do fenômeno em questão: mas concebe-se toda a importância que venha acrescentar-lhe a carta do senhor Jobard, pelo testemunho da principal testemunha ocular encarregada de verificar o fato, e que não tinha nenhum interesse em acreditá-lo se o reconhecesse falso. Em primeiro lugar, a natureza porosa dessa chuva de pedras poderia fazê-lo atribuir uma origem vulcânica ou aerolítica, e os cépticos não faltariam para dizerem que a superstição enganou-se sobre um fenômeno natural. Se não tivéssemos senão o testemunho dos Javaneses, a suposição seria fundada, e essas pedras, caídas em campo raso, viriam, sem contradita, em apoio desta opinião. Mas o general Michaels e o doutor Vanden Kerkhove não eram Malaios, e suas afirmações têm algum valor. A esta consideração, já muito poderosa, é necessário acrescentar que essas pedras não caíam somente em pleno ar, mas num quarto onde pareciam se formar a alguma distância do teto: foi o general quem o afirmou; ora, não pensamos que se viu aerolitos se formarem na atmosfera de um quarto. Admitindo-se a causa meteorológica ou vulcânica, não se saberia dizer dos escarros de siry que os vulcões jamais vomitaram, pelo menos de nosso conhecimento. Descartada esta hipótese pela própria natureza dos fatos, resta saber como essas substâncias puderam se formar. Encontrar-se-á a explicação em nosso artigo do mês de agosto de 1859, sobre *o Mobiliário de além-túmulo*.

Correspondência

Revista Espírita, janeiro de 1860

Carta do Sr. Dorgeval ao Sr. Comettant

Toulouse, 17 de dezembro de 1859.

Meu caro Senhor.

Acabo de ler vossa resposta ao senhor Oscar Comettant, de quem li o artigo. Se este folhetinista céptico e tolamente zombeteiro não está convencido pelas boas razões que lhe destes, ao menos poderá reconhecer em vossa resposta a urbanidade do estilo, que faltou totalmente à sua prosa; os parênteses deselegantes, nos quais crivou as evocações, me parecem do espírito de palhaço; as queixas das quais acompanhou os dois francos que lhe custaram a sonata poderiam bem merecer que a Sociedade lhe votasse um socorro de 2 francos. Pensai bem, meu caro senhor Allan Kardec, que sou Espírita muito inflamado para deixar sem resposta um artigo onde fui nomeado e colocado em causa; escrevi, também, de minha parte, ao senhor Oscar Comettant; no dia seguinte ao recebimento do seu jornal, ele recebeu de mim a carta seguinte:

Senhor,

Tive o prazer de ler o vosso folhetim de quinta-feira: Variedades. Como ele me coloca em causa, uma vez que ali sou pessoalmente nomeado, peço-vos conceder-me a permissão de fazer, a este respeito, algumas observações que consentireis em aceitar, sob o mesmo título que, eu mesmo, aceitei os espirituosos parênteses com os quais coloristes a narração que fizestes das evocações de Mozart e Chopin. Que quereis ridicularizar com este artigo humorístico? É o Espiritismo? Enganar-vos-éis muito crendo fazer-lhe o menor dano. Em França se brinca primeiro, depois se julga, e não se lhe concedem as honras do gracejo senão às coisas verdadeiramente grandes e sérias, quite para lhe conceder depois de todo o exame que elas merecem.

Se o senhor Ledoyen é tão ávido e interessado como quereis fazer crer, deve vos ser muito reconhecido em haver consentido, por um folhetim de onze colunas, assegurar o sucesso de uma de suas mais modestas publicações; foi a primeira vez que um artigo tão importante foi publicado num grande jornal sobre o Espiritismo; vejo, por este artigo quase ruidoso, que o Espiritismo já é levado em consideração por seus próprios inimigos, e vos direi, confidencialmente, que os Espíritos nos disseram que se serviriam também de seus inimigos para fazerem sua causa triunfar. Assim não tendes senão que vos manter em guarda, se não quereis vos tornar *o apóstolo a contragosto*.

Não quereis ver, no Espiritismo, senão o charlatanismo moral e comercial; nós, futuros locatários de Charenton, nele encontramos a solução de uma multidão de problemas contra os quais a Humanidade choca a sua razão desde longos séculos, a saber: o *reconhecimento* raciocinado de Deus em todas as suas obras materiais e espirituais; a imortalidade e a individualidade certas da alma provada pela manifestação dos Espíritos; a ciência das leis da

justiça divina, estudada nas diversas encarnações dos Espíritos, etc., etc. Dando-se ao trabalho de aprofundar um pouco estes assuntos, poder-se-ia ver que eles se encontram acima de todos os sarcasmos e de todas as zombarias. Seria inútil tratar-nos de sonhadores alucinados, diremos todos, em lugar do: *Épursimuove* de Galileu : e todavia Deus lá está!

Peço vos aceitar, etc.

BRION DORGEVAL.

Primeiro baixo de ópera cômica do teatro de

Toulouse, pensionista do senhor Carvalho.

Nota. Não é do nosso conhecimento que o senhor Oscar Comettant haja publicado esta resposta, não mais que a nossa; ora, atacar sem admitir a defesa não é uma guerra louvável.

Carta do Sr. Jobard sobre as qualidades do Espírito depois da morte

Bruxelas, 23 de dezembro de 1859.

Meu caro colega,

Venho vos submeter algumas reflexões etnográficas sobre o mundo dos Espíritos, na intenção de levantar uma opinião bastante geral, mas, na minha opinião, muito errônea sobre o estado do homem depois de sua espiritualização.

Imagina-se erroneamente que um imbecil, um ignorante, um bruto torne-se imediatamente um gênio, um sábio, um profeta, desde que deixou seu invólucro. E um erro análogo àquele que supusesse que um celerado livre da camisa de força vá se tornar honesto; um tolo espiritual e um fanático razoável, só por isso transporá a fronteira.

Não é nada disso; levamos conosco todos as nossas *conquistas* morais, nosso caráter, nossa ciência, nossos vícios e nossas virtudes, com exceção daquilo que diz respeito à matéria: os coxos, os caolhos e os corcundas não o são mais; mas os patifes, os avaros, os supersticiosos o são ainda. Não se deve, pois, espantar-se ouvindo os Espíritos pedindo preces, desejarem que se cumpram peregrinações que haviam prometido, ou mesmo que se encontre o dinheiro que esconderam, com objetivo de dá-lo à pessoa à qual o haviam destinado, e que indiquem exatamente, fosse ela ainda reencarnada.

Em suma, o Espírito que tinha um desejo, um plano, uma opinião, uma crença na Terra, deseja vê-las cumprir-se. Assim, Hahnemann se exclamaria: "Coragem, meus amigos, minha doutrina triunfa, que satisfação para a minha alma!"

Quanto ao doutor Gall, sabeis o que pensa de sua ciência, assim como Laváter, Swedenborg e Fourier, o qual me disse que seus alunos mutilaram sua doutrina querendo saltar acima da fase da segurança e me felicita por prosseguir.

Em uma palavra, todos os Espíritos que professam uma religião, uma idolatria, ou um cisma por convicção, persistem na mesma crença, até que sejam esclarecidos pelo estudo e pela reflexão. Tal é o objeto das minhas neste momento e, evidentemente foi um Espírito lógico que me ditou, porque, há uma hora, não sonhava que iria deitar-me para acabar a leitura do excelente pequeno livro da senhora Henry Gaugain sobre os piedosos preconceitos da Baixa-Bretanha contra as invenções novas.

Continuando vossos estudos, reconheceréis que o mundo de além-túmulo não é senão a imagem daguerreotipada deste, que encerra como sabeis Espíritos malignos como o diabo, e maus como os demônios. Não é de admirar que as pessoas boas se enganem e interditem todo o comércio com eles; o que as priva da visita dos bons e dos grandes Espíritos que são menos raro lá em cima do que neste mundo, uma vez que ali estão de todos os tempos e todos os países, os quais não pedem senão dar-nos bons conselhos e nos fazer o bem; ao passo que sabeis com que repugnância e com que cólera os maus respondem ao chamado forçado; mas o maior, ornais raros de todos os Espíritos, aquele que não vem senão três vezes durante a vida de um globo, o Espírito divino, o Santo Espírito, enfim, não obedece às evocações dos pneumatólogos; ele vem quando quer, *spiritus flat ubi vult*, o que não quer dizer que não envia outros para preparar-lhe o caminho.

A hierarquia é uma lei universal, *tudo é como tudo*, alhures como em nossa casa. O que retarda mais o progresso das boas doutrinas, que a perseguição não as deixa avançar, é o falso respeito humano. Há muito tempo o magnetismo teria triunfado se, em lugar de dizer: o senhor X., o senhor W., se houvesse dado o nome e endereço das pessoas, por referências, como dizem os Ingleses. Mas se disse: qual é esse senhor M. que se esconde? Um mentiroso aparente; esse senhor J? Um escamoteador; esse senhor F. um farsante, ou antes um ser de razão no qual tem-se razão de não se fiar, porque não se esconde e não se mascara senão para fazer mal ou mentir.

Hoje, que as academias admitem, enfim, o magnetismo e o sonambulismo, primos-irmãos do Espiritismo, é necessário que seus partidários se animem a assinar com todas as letras. O medo do *que disto se dirá* é um sentimento frouxo e mau.

A ação de assinar o que se viu e o que se crê não deve mais ser olhada como um traço de coragem; deveis, pois, convidar vossos adeptos a fazer o que faço todos os dias, a assinarem.

JOBARD.

Nota. Estamos, em todos os pontos de acordo com o senhor Jobard; primeiro, suas observações sobre o estado dos Espíritos são perfeitamente exatas. Quanto ao segundo ponto, aspiramos como ele momento em que o medo do *que disto se dirá* não reterá ninguém mais; mas, que quereis? É necessário fazer a parte da fraqueza humana, alguns começam, e o senhor Jobard terá o mérito de haver dado o exemplo; outros seguirão, estejai disto seguro, quando virem que se pode colocar o pé fora sem ser mordido; é preciso tempo para tudo; ora, o tempo vem mais depressa do que o crê o senhor Jobard; a reserva que colocamos na publicação de nomes é motivada por razões de conveniências, das quais, até o presente, não temos senão que nos aplaudir; mas, à espera disso, constatamos um progresso muito sensível na coragem de sua opinião. Vemos todos os dias pessoas que, ainda há pouco tempo, ousavam com dificuldade se confessarem Espíritas; hoje, elas o fazem abertamente na conversação, e sustentam teses sobre a Doutrina, sem se importarem, ao mínimo, com o mundo de epítetos sonantes com os quais são gratificadas; é um passo imenso: o resto virá. Eu o disse principiando: Ainda mais alguns anos, e ver-se-á uma outra mudança. Dentro em pouco, o mesmo será com o Espiritismo como com o magnetismo;

recentemente, não era senão entre quatro olhos que se ousava dizer-se magnetizador, hoje é um título com o qual se honra. Quando se estiver bem convencido de que o Espiritismo não queima, dir-se-ão Espíritas sem medo mais, como se diz frenologista, homeopata, etc. Estamos num momento de transição, e as transições jamais se fazem bruscamente.

Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas

Revista Espírita, janeiro de 1860

Sexta-feira, 2 de dezembro de 1859. (Sessão particular.)

Leitura da ata da sessão de 25 de novembro.

Pedidos de admissão. Cartas do senhor L. Benardacky, de São Petersburgo e da senhora Elisa Johnson, de Londres, que pedem para fazerem parte da Sociedade como membros titulares.

Comunicações diversas. Leitura de duas comunicações dadas ao senhor Bouché, antigo reitor da Academia, médium escrevente, pelo Espírito da duquesa de Longueville, a respeito de uma visita que esta última fizera, como Espírito, à Port-Royal-des Champs. Essas duas comunicações são notáveis pelo estilo e a elevação dos pensamentos. Elas provam que certos Espíritos revêem com prazer os lugares que habitaram quando vivos, e que têm o encanto da lembrança. Sem dúvida, quanto mais desmaterializado, menos ligam importância às coisas terrestres, mas há os que a isso se prendem, por muito tempo ainda, depois de sua morte, e parecem continuar, no mundo invisível, as ocupações que tinham neste mundo, ou pelo menos tomam nisto um certo interesse.

Estudos. 1ª Evocação do senhor conde Desbassyns de Richemont, morto em junho de 1859, e que, há mais de dez anos, professava as idéias Espíritas. Essa evocação confirma a influência destas idéias no desligamento do Espírito depois da morte.

2ª Evocação da irmã Marthe, morta em 1824.

3ª Segunda evocação do Sr. conde de R... C..., membro da Sociedade, retido em sua casa por uma indisposição e seguida de perguntas que lhe foram endereçadas sobre o isolamento momentâneo do Espírito e do corpo, durante o sono. (Publicada neste número.)

Sexta-feira, 9 de dezembro. (Sessão geral.)

Leitura da ata da sessão do dia 2 de dezembro.

Comunicações diversas. O senhor de la Roche transmitiu uma notícia sobre fatos de manifestações notáveis que ocorreram numa casa de Castelnaudary. Esses fatos são narrados na nota que precede o relatório da evocação que ocorreu a este respeito e que será publicado.

Estudos. 1ª Evocação do rei de Kanala (Nova Caledônia), já evocado no dia 28 de outubro, mas que então escrevera com muita dificuldade, e havia prometido se exercitar para escrever mais claramente. Dá curiosas explicações sobre a maneira que adotou para se aperfeiçoar. (Será publicada com a primeira evocação.)

2ª Evocação do Espírito de Castelnauary. Ele se manifestou por sinais de viva cólera sem nada poder escrever; quebrou sete ou oito lápis, dos quais vários foram lançados com força contra os assistentes, e sacudiu violentamente o braço do médium. São Luís dá explicações interessantes sobre o estado e a natureza desse Espírito, que é, disse ele, da pior espécie, e na situação a mais infeliz. (Será publicada com todas as outras comunicações relativas a este assunto.)

3ª Quatro comunicações são obtidas simultaneamente. A primeira de São Vicente de Paulo, pelo senhor Roze; a segunda de Charlet, pelo senhor Didier filho, seguindo o trabalho começado pelo mesmo Espírito. A terceira de Mélanchthon, pelo senhor Colin; a quarta de um Espírito que se deu o nome de Mikaël, protetor das crianças, pela senhora de Boyer.

Sexta-feira, 16 de dezembro de 1859. (Sessão particular.)

Leitura da ata.

Admissões. São admitidos como membros titulares: o senhor L. Benadacky, de São Petersburgo, e a senhora Elisa Johnson, de Londres, apresentados dia 2 de dezembro.

Pedidos de admissão. O senhor Forbes, de Londres, oficial de engenharia, e a senhora Forbes, de Florença, escrevem para pedirem fazer parte da Sociedade como membros titulares. Relatório e decisão remetidos para o dia 30 de dezembro.

Designação de seis delegados que deverão dividir os serviços das sessões gerais até o dia primeiro de abril, sem que haja necessidade de designar um para cada sessão. Terão, por outro lado, em suas atribuições, que assinalar as infrações que poderão cometer os ouvintes estrangeiros, contra o regulamento, em consequência de sua ignorância das exigências da Sociedade, a fim de advertir os membros titulares que lhes deram as cartas de introdução.

Sobre a proposição do senhor Allan Kardec, a Sociedade decidiu que o Boletim de suas sessões será doravante publicado em suplemento da Revista, a fim de que esta publicação não se faça em detrimento das matérias habituais do jornal. Em consequência desta adição, cada número será aumentado em torno de quatro páginas, cujas despesas serão levadas à conta da Sociedade.

O senhor Lesourd propôs que quando houver cinco sessões no mês, a quinta seja consagrada a uma sessão particular. (Adotado.) O senhor Thiry observou que, freqüentemente, os Espíritos sofredores reclamam o socorro de preces como um abrandamento para as suas penas; mas, tendo em vista que pode ocorrer perdê-los de vista, propôs que, em cada sessão, o Presidente lhes lembre os nomes. (Adotado.)

Comunicações diversas. 1ª Carta do senhor Jobard, de Bruxelas, que confirma, com detalhes circunstanciados, o fato das manifestações de Java, narrado pela senhora Ida Pfeiffer, e publicado na Revista de dezembro. Ele os obteve do próprio general holandês, com quem estava ligado, e que foi encarregado de fiscalizar a casa onde se passaram essas coisas, e por conseguinte, testemunha ocular. (Publicada neste número.)

2ª Leitura de uma comunicação do Espírito de Castelnauary, obtido pelo senhor e senhora Forbes, ouvintes na última sessão. Ele deu detalhes interessantes e circunstanciados sobre este Espírito, e os acontecimentos que se passaram na casa em questão. Várias outras

comunicações tendo sido obtidas sobre o mesmo assunto, elas serão reunidas à da Sociedade para serem publicadas quando o todo estiver completo.

3ª Leitura de uma notícia sobre a senhora Xavier, médium vidente. Esta senhora não vê à vontade, mas os Espíritos se apresentam a ela espontaneamente; sem estar nem em sonambulismo, nem em êxtase, ela está, contudo, naqueles momentos, num estado particular, que reclama a maior calma e muito recolhimento; de tal sorte que se interrogada sobre o que vê, este estado se dissipa num instante, e ela não verá mais nada. Como disto conserva uma lembrança completa, pode dar-se conta mais tarde, do que viu. Assim é que, por exemplo, ela viu, entre outros, a irmã Marthe, no dia em que ela foi evocada e a designou de modo a não deixar nenhuma dúvida sobre a sua identidade. Ela viu igualmente, na última sessão, o Espírito de Castelnau, vestido com uma camisa rasgada, um punhal à mão, as mãos tintas de sangue, sacudindo fortemente o braço do médium, durante suas tentativas para escrever, e cada vez que São Luís parecia ordenar-lhe fazê-lo. Ele tinha uma espécie de sorriso bestificado nos lábios; depois, quando se falou de preces, primeiro não pareceu compreender; mas logo depois das explicações, dadas por São Luís, ele se precipitou aos seus joelhos.

O rei de Kanala apareceu-lhe com a cabeça de um branco; ele tinha os olhos azuis, bigodes e suíças cinzas, mãos de negro, braceletes de aço, uma roupa azul, o peito coberto com uma multidão de objetos que ela não pôde distinguir. "Esta aparência, foi-lhe dito, deve-se a que, entre a existência anterior da qual falou e sua última, ele foi soldado em França, sob Luís XV. Era uma conseqüência de seu estado avançado comparativamente. Ele pediu para retornar entre os povos de onde tinha saído para ali fazer, como chefe, penetrar as idéias de progresso. Esta forma que tomou, e esta aparência metade selvagem e metade civilizada, destinam-se a vos mostrar, sob uma nova face, as que o Espírito pode dar ao perispírito, com um objetivo instrutivo, e como indício dos diferentes estados pelos quais passou."

A senhora X... viu ainda os Espíritos evocados virem responder à evocação e às perguntas que nada tinham de repreensível quanto à sua finalidade; e sob a ordem de São Luís, retiraram-se para deixar os Espíritos presentes responderem em seu lugar, desde que as perguntas tomassem um caráter insidioso. "A maior boa fé e a maior franqueza devem ditar as perguntas, nenhuma prevenção, acrescentou o Espírito interrogado a este respeito pelo marido desta senhora, não nos escapam; não procureis, portanto, jamais atingir vosso objetivo por caminhos secretos, pois assim o deixaríeis de tê-lo infalivelmente."

Ela via uma coroa fluídica rodear a cabeça do médium, como para indicar os momentos durante os quais estava interdito aos Espíritos não chamados para se comunicarem, porque as respostas deviam ser sinceras; mas desde que esta coroa era retirada, ela via todos estes Espíritos intrusos disputarem, de algum modo, o lugar que lhes deixava.

Ela viu, enfim, o Espírito do Sr, conde de R... sob a forma de um coração luminoso tombado, unido a um cordão fluídico que conduzia externamente. Era, foi-lhe dito, para vos ensinar primeiro que o Espírito pode dar, ao seu perispírito, a aparência que quer; em seguida porque pôde ali ver da inconveniência para esta senhora em reencontrar, frente a frente, um Espírito encarnado que vira como Espírito desligado. Mais tarde, este inconveniente terá diminuído ou desaparecido.

Estudos. 1º Evocação de Charlei.

2ª Três comunicações espontâneas foram obtidas simultaneamente: a primeira de Santo

Agostinho, pela senhora Roze. Ela explica a missão do Cristo, e confirma um ponto muito importante explicado por Arago, sobre a formação do globo; -a Segunda de Charlet, pelo senhor Didier filho (continuação do trabalho começado); - a terceira de Joinville, que assina em velha ortografia: Amy de Loys, pela senhora Huet.

Sexta-feira, 23 de dezembro de 1859. (Sessão geral.)

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão do dia 16 de dezembro.

Pedidos de admissão. Cartas do senhor Demange, negociante em Paris; do senhor Soive, negociante em Paris, apresentados como membros titulares. Relatório e decisão remetidos à sessão do dia 30 de dezembro.

Comunicações diversas. 1. Leitura de uma evocação feita em particular pela senhora de D... do Espírito que se comunicou espontaneamente por ela na Sociedade, sob o nome de Paul Miffet, no momento em que ia se reencarnar. Esta evocação, que apresenta um interessante quadro da reencarnação e da situação física e moral do Espírito nos primeiros instantes de sua vida corpórea, será publicada.

2. Carta do senhor Paul Netz sobre os fatos que conduziu à tomada de posse, pelos Chartreux, das ruínas do castelo Vauvert, situado no quarteirão do Observatório de Paris, sob Luís IX. Passaram-se, supostamente, neste castelo, cenas de feitiços, que cessaram desde que os monges aí foram instalados. São Luís, interrogado sobre esses fatos, respondeu que deles tem perfeitamente conhecimento, mas que eram uma hipocrisia.

Estudos. 1. Questões e problemas morais diversos dirigidos a São Luís, sobre o estado dos Espíritos sofredores. (Serão publicados.)

2. Evocação de John Brown.

3. Três comunicações espontâneas: a primeira pela senhora Roze, e assinada pelo Espírito de Verdade, contendo diversos conselhos à Sociedade; a segunda, de Charlei, pelo senhor Didier filho (continuação do trabalho começado); a terceira sobre os Espíritos que presidem às flores, pela senhora de B...

ALLAN KARDEC.

Nota. A nova edição de *O Livro dos Espíritos* vai aparecer em janeiro.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Terceiro Ano – 1860

Fevereiro

- [Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas](#)
- [Os Espíritos Glóbulos](#)
- [Os Médiuns especiais](#)
- [Bibliografia. A condessa Mathilde de Canossa, pelo R.P. Bresciani da Companhia de Jesus](#)
- [História de um Condenado](#)
- Comunicações espontâneas
 - [Estelle Riquier](#)
 - [O tempo presente, por Chateaubriand](#)
 - [Os Sinos](#)
 - [Conselhos de família](#)

Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas

Revista Espírita, fevereiro de 1860

Sexta-feira, 30 de dezembro de 1859. (Sessão particular.)

Leitura da ata da sessão de 23 de dezembro.

A Sociedade decidiu que, em cada sessão particular, em seguida à ata, será lida a lista nominativa dos ouvintes que tenham assistido à sessão geral precedente, com indicação dos membros que os apresentaram, e que o convite se destina a assinalar os inconvenientes dos quais poderiam ser causa a presença de pessoas estranhas à Sociedade. Em consequência, foi lida a lista dos ou vintes que assistiram à última sessão.

Foram admitidos como membros titulares, diante de seu pedido escrito, e depois do relatório verbal:

-1ª O senhor Forbes, de Londres, oficial de engenharia, apresentado em 16 de dezembro.

-2ª A senhora Forbes, nascida condessa Passerini Corretesi, de Florença, apresentada em 23 de dezembro.

-3ª O senhor Soive, negociante em Paris, apresentado em 16 de dezembro.

-4ª O senhor Demange, negociante em Paris, apresentado em 23 de dezembro.

Leitura de três novas cartas de pedido de admissão. Relatório e decisão remetidos para 6 de janeiro.

Comunicações diversas. 1ª Carta do senhor Brion Dorgeval, contendo a resposta que dirigiu ao senhor Oscar Commettant, a respeito do artigo publicado por este último no *Siècle*, (Ver o nº de janeiro.)

2ª Carta do senhor Jobard, de Bruxelas, contendo observações muito justas sobre o estado moral dos Espíritos. Lamenta ele que os partidários do Espiritismo sejam, o mais freqüentemente, designados pelas iniciais; ele pensa que indicações mais explícitas contribuiriam para o progresso da ciência, em consequência, convida todos os partidários da doutrina a colocarem o seu nome, como ele mesmo o faz. (Ver o nº de janeiro.)

Esta última nota do senhor Jobard foi fortemente apoiada por um grande número de membros, que declararam autorizar a colocação de seus nomes em todas as apreciações que poderão concernir-lhes.

O senhor Allan Kardec observou que o medo do *que se dirá disso* diminui cada dia, e que hoje há poucas pessoas que temem confessar suas opiniões a respeito do Espiritismo; os epítetos de mau gosto, dados aos seus partidários, eles mesmos se tornam lugares comuns, ridículos, dos quais se ri, quando se vêem tantas pessoas de elite zombarem da Doutrina; porque se entrevê o momento no qual a força da opinião imporá silêncio aos sarcasmos. Mas outra coisa é ter a coragem de sua opinião na conversação, ou de liberar seu nome à publicidade. Entre as pessoas que sustentam a causa do Espiritismo com mais energia, há muitas que não se incomodam de colocar-se em evidência, não mais por outras coisas do que por estas. Esses escrúpulos, que de nenhum modo implicam na falta de coragem, devem ser respeitados. Quando fatos extraordinários se passam em alguma parte, concebe-se que seria pouco agradável, para as pessoas que lhes são objeto, tornar-se alvo da curiosidade pública e serem atacadas pelos importunes. Sem dúvida, é necessário estar contente com aqueles que se colocam acima dos preconceitos, mas não é necessário censurar, muito levemente, aqueles que têm talvez motivos muito legítimos para não chamarem a atenção.

Estudos. 1ª Perguntas dirigidas a São Luís sobre os Espíritos que presidem às flores, a propósito da comunicação obtida pela senhora de B... Uma explicação muito interessante foi dada a esse respeito. (Será publicada.)

2ª Outras perguntas sobre o espírito dos animais.

3ª Duas comunicações espontâneas foram obtidas simultaneamente, a 1ª do Espírito de Verdade, pelo senhor Roze, e contendo conselhos dirigidos à Sociedade, a 2ª de Fénelon, pela senhorita Huet.

Sexta-feira, 6 de janeiro. (Sessão particular.)

Leitura da ata do dia 30 de dezembro.

Foram admitidos como membros titulares, sobre pedido escrito, e depois de relatório verbal:

1ª O senhor Ducastel, proprietário em Abbeville, apresentado em 30 de dezembro;

2ª a senhora Deslandes, de Paris, apresentada em 30 de dezembro;

3ª a senhora Rakowska, de Paris, apresentada em 30 de dezembro.

Leitura de uma carta de pedido de admissão.

Carta da senhora Poinsignon, de Paris, que felicita a Sociedade por ocasião do novo ano, e exprime seus votos pela propagação do Espiritismo.

Carta do senhor Demange, recentemente recebida, agradecendo sua admissão. Assegura à Sociedade sua cooperação ativa.

Exame de várias questões tocando em assuntos administrativos da Sociedade.

Comunicações diversas. Notícias sobre don Péra, prior de Armilly, morto há trinta anos. A esse respeito será feito um estudo.

2ª Carta do senhor Lussiez, de Troyes, contendo reflexões muito judiciosas, relativas à influência moralizante do Espiritismo sobre as classes trabalhadoras.

3ª Carta da senhora P..., de Rouen, que anuncia ter obtido como médium, comunicações notáveis, e em tudo conforme com a doutrina de *O Livro dos Espíritos*. Essa carta contém, por outro lado, reflexões que denotam, da parte de sua autora, uma apreciação muito sadia das idéias Espíritas.

4ª Carta relativa à senhorita Désirée Godu, médium curadora, em Hennebom. Sabe-se que, de parte da senhorita Godu, é uma obra de devotamento e de pura filantropia.

Estudos. 1º Perguntas dirigidas a São Luís, como esclarecimento e desenvolvimento de várias comunicações anteriores.

2º A Senhorita Dubois, médium, membro da Sociedade, tendo obtido uma comunicação de um Espírito que se diz ser Chateaubriand, deseja ter esclarecimentos a esse respeito. Um outro Espírito se apresenta com o seu nome, mas se recusa a confirmar sua identidade em nome de Deus; confessa sua fraude, pede desculpas e dá curiosas indicações sobre a sua pessoa.

O verdadeiro Chateaubriand, em seguida, deu uma curta comunicação espontânea, nela prometendo outra mais explícita numa outra vez.

Sexta-feira, 13 de janeiro de 1860. (Sessão geral)

Leitura da ata de 6 janeiro. Leitura de três novos pedidos de admissão. — Exame e relatório remetidos à sessão de 20 de janeiro.

Comunicações diversas. 1ª Carta do senhor Maurice.de Teil, de Ardèche, contendo relação de fatos extraordinários que ocorreram em uma casa de Fons, perto de Aubenas, e que parecem, sob alguns aspectos, os que se passaram em Java.

2ª Carta do senhor Albert Ferdinand, de Béziers, contendo três fatos notáveis que lhes são pessoais, e que provam a ação *física*, que os Espíritos podem exercer sobre certos médiuns.

3ª Carta do senhor Crozet, de Havre, médium correspondente da Sociedade, que dá conta de uma comunicação que teve, juntamente com o senhor Sprenger, da parte de um Espírito *brincalhão*. Este Espírito, que é de um capitão da marinha, morto em Marseille há seis meses, explica com uma precisão e uma lucidez notáveis os diferentes golpes de cartas do jogo "bésigue" e a maneira pela qual faz perder ou ganhar os parceiros. (Será publicada.)

4ª *Um Espírito dançarino*. O senhor e a senhora Netz, membros da Sociedade, há algum tempo, têm um Espírito que se manifesta em sua casa, dançando constantemente, quer dizer, fazendo dançar uma mesa que bate o ritmo perfeitamente conhecido de uma polca, de uma mazurca, de uma quadrilha, de uma valsa de dois ou três tempos, etc. Ele jamais quis escrever, e não responde senão por pancadas. Por esse meio, chegou a dizer que era Péruvien, de raça indiana, morto há cinqüenta e seis anos, com a idade de 35 anos; que quando vivo gostava muito de aguardente, e que agora frequenta os bailes públicos onde sente um grande prazer. Apresenta esta particularidade de que jamais chega antes das dez horas da noite, e em certos dias. Ele vem, disse, pela senhora Netz, mas não pode se

comunicar senão com o concurso do senhor D..., médium de efeitos físicos, de sorte que lhe é preciso a presença dos dois. Assim, o senhor D... jamais pôde fazê-lo vir à sua casa, e a senhora Netz não pode tê-lo se estiver só.

5ª Leitura de uma comunicação espontânea, enviada pelo senhor Rabache, de Bourdeaux, seguindo-se a série daquelas que foram publicadas sob o título de *conselhos de família*.

6ª A senhora Forbes dá a leitura de três comunicações espontâneas obtidas pelo seu marido, sobre o amor filial, o amor paternal e a paciência. Essas comunicações, notáveis pela sua alta moralidade e a simplicidade da linguagem, podem ser classificadas na categoria de conselhos íntimos.

Estudos. 1ª Evocação do Espírito de Castelnaudary, já evocado em 9 de dezembro. (Ver a relação completa, sob o título de *história de um condenado*.)

2ª Evocação do Espírito dançarino. Ele não quer escrever, mas bate o ritmo de várias danças com o lápis e agita o braço do médium em cadência. São Luís dá algumas explicações sobre o seu caráter, e confirma as informações fornecidas precedentemente.

3ª Perguntas sobre as manifestações de Fons, perto de Aube-nas. Respondeu que há verdades nestes fatos, mas que não é preciso aceitá-los sem controle, e que sobretudo deve-se manter em guarda contra o exagero.

4ª Evocação de don Péra, prior de Armilly. Ele forneceu interessantes detalhes sobre a sua situação e seu caráter.

5ª Foram obtidas duas comunicações espontâneas: a primeira pelo senhor Roze, de um Espírito que se designou sob o nome de Estelle Riquier, e que levou uma vida desordenada e faltou com todos os seus deveres de esposa e de mãe. A segunda pelo senhor Forbes, contendo conselhos sobre a cólera.

Sexta-feira, 20 de janeiro de 1860. (Sessão particular.)

Leitura da ata de 13 de janeiro.

São admitidos como membros titulares, a seu pedido escrito, e depois de relatório verbal:

1ª O senhor Krafzoff, de São Petersburgo, apresentado em 13 de janeiro. - 2ª O senhor Julien, de Belfort, (Haut-Rhin), apresentado em 13 de janeiro. - 3ª O senhor conde Alexandre Stenbock Fermor, de São Petersburgo, apresentado em 6 de janeiro.

Comunicações diversas. 1ª Leitura de uma comunicação espontânea obtida pelo senhor Pécheur, membro da Sociedade.

2ª Novos detalhes sobre o Espírito dançarino. A senhora Netz, que é médium escrevente, interrogando um outro Espírito a este respeito, obteve várias informações sobre o seu proveito, entre outras que era bastante rico quando vivo; que morreu de um acidente de caça, no momento em que se encontrava completamente só. Tendo, mais tarde, interrogado o próprio dançarino sobre esses fatos, com a ajuda de seu médium e por pancadas, dele se

obtiveram respostas idênticas. Ora, a senhora Netz não dera conhecimento ao médium das primeiras respostas escritas; por outro lado, não era mais ela que servia de médium, além disso havia colocado perguntas insidiosas que poderiam conduzir a respostas contrárias; havia, portanto, de uma parte e de outra, independência de pensamento, e a correlação das respostas foi um fato característico.

Um outro fato igualmente curioso, foi que seu médium predileto para dança foi tomado um dia, saindo de sua casa, de movimentos involuntários que o fizeram marchar cadenciadamente todo comprimento da rua. Por sua vontade, e resistindo, poderia deter esses movimentos; mas, desde que se abandonou a si mesmo, suas pernas retomaram sua maneira dançante. Não havia nada, bastante ostensivo, para ser notado pelos transeuntes; mas concebe-se, segundo isso, que Espíritos de uma outra ordem e ma! intencionados que o dançarino, que, em definitivo, não querem senão se divertir, possam provocar, sobre certas organizações, movimentos mais violentos e da natureza daqueles que se vêem nos convulsionários e nos crisiacos.

3ª Relato de um fato de comunicação espontânea de um Espírito de uma pessoa viva, narrada pelo senhor de G..., mediu m escrevente, que lhe é pessoal. Este Espírito entrou em detalhes circunstanciais completamente ignorados do médium e dos quais a exatidão foi verificada. O senhor de G. , não conhecia esta pessoa senão por tê-la visto uma única vez numa visita, e não a reviu depois. Não sabia senão seu nome de família; ora, o Espírito assinou, ao mesmo tempo, seu nome de batismo que era perfeitamente o seu. Esta circunstância, juntada a outras indicações de tempo e localidade, fornecidas pelo Espírito, constitui uma prova evidente de identidade.

O senhor conde de R... observou a este respeito, que essas espécies de comunicações, às vezes, podem ser indiscretas, e ele se pergunta se a pessoa em questão ficaria satisfeita se lhe tivesse feito parte de sua conversação. A isso respondeu: 1ª Que se essa pessoa se comunicou, foi porque quis, como Espírito, uma vez que veio de seu próprio movimento, o senhor de G..., com isso nem sonhava, nem a chamou; 2ª que o Espírito liberto do corpo tem sempre seu livre arbítrio, e não diz senão aquilo que quer; 3ª que, nesse estado, o Espírito tem mesmo mais prudência que no estado normal, porque aprecia melhor a importância das coisas. Se esse Espírito visse um inconveniente qualquer em suas palavras, não as teria dito.

4ª Leitura de uma comunicação dirigida de Lyon à Sociedade e na qual está dito entre outras coisas;

Que a reforma da Humanidade se prepara pela encarnação, na Terra, de Espíritos melhores que constituirão uma nova geração pelo amor ao bem; que os homens que se dão ao mal e que fecham os olhos à luz reencarnarão numa nova falange de Espíritos, simples e ignorantes, e enviados por Deus para trabalharem na formação de um globo inferior ao da Terra. Eles não poderão juntar-se a seus irmãos terrestres senão depois de haverem alcançado, através de rudes trabalhos, a classe onde esses últimos vão entrar depois dessa geração; porque não será dado aos Espíritos maus assistirem ao começo desta brilhante transformação." O senhor Theubet observou que esta comunicação parece consagrar o princípio de uma marcha retrógrada, contrariamente a tudo o que nos foi ensinado.

Uma longa e profunda discussão se inicia a este respeito. Ela se resume assim: O Espírito pode decair como posição, mas não sob o aspecto das aptidões adquiridas. O princípio da não retrogradação deve-se entender do progresso intelectual e moral; quer dizer, que o Espírito não pode perder o que adquiriu em inteligência e moralidade, e não retorna mais ao estado de infância do Espírito; em outros termos, que ele não se torna nem mais ignorante nem pior

do que era; o que não impede de estar reencarnado numa posição inferior mais penosa, e entre outros Espíritos mais ignorantes que ele, se desmereceu. Um Espírito muito atrasado que se encarnasse entre um povo civilizado aí estaria deslocado e não poderia sustentar sua classe; retornando entre os selvagens, numa nova existência, não fará, portanto, senão retomar o lugar que deixara muito cedo; mas as idéias que houvera adquirido, durante sua estada entre os homens mais esclarecidos, não estarão perdidas para ele. Deve ocorrer o mesmo com os homens que irão concorrer para a formação de um mundo novo. Encontrando-se deslocados na Terra melhorada, irão para um mundo em relação com o seu estado moral.

Estudos. Evocação do negro do navio *Constant*, já evocado em 30 de setembro de 1859. Dá novas explicações sobre as circunstâncias que acompanharam a sua morte.

2ª Três comunicações espontâneas: a primeira de Chateaubriand, pelo senhor Roze; a segunda de Platão, pelo senhor Colin; a terceira de Charlei, pelo senhor Didier filho, em continuação ao trabalho começado por ele sobre a natureza dos animais.

Os Espíritos Glóbulos

Revista Espírita, fevereiro de 1860

O desejo de ver os Espíritos é uma coisa muito natural, e conhecemos poucas pessoas que não desejam gozar desta faculdade; infelizmente é uma das mais raras, sobretudo quando é permanente. As aparições espontâneas são bastante freqüentes, mas são acidentais, e quase sempre motivadas por uma circunstância toda individual, baseada sobre as relações que puderam existir entre o vidente e o Espírito que lhe aparece; outra coisa é, pois, ver fortuitamente um Espírito ou vê-lo habitualmente, e nas condições normais mais comuns; ora, está aí o que constitui, propriamente falando, a faculdade dos médiuns videntes. Ela resulta de uma aptidão especial cuja causa é ainda desconhecida, e que pode se desenvolver, mas que se provocaria em vão quando não exista a predisposição natural. É necessário, pois, manter-se em guarda com outras ilusões que podem nascer no desejo de possuí-la, e que deram lugar a estranhos sistemas. Quanto mais combatamos as teorias duvidosas pelas quais se atacam as manifestações, sobretudo quando essas teorias acusam a ignorância dos fatos, mais devemos procurar, no interesse da verdade, destruir idéias que provam mais de entusiasmo que de reflexão, e que, por isso mesmo, fazem mais mal que bem, expondo-as ao ridículo.

A teoria das visões e das aparições é hoje perfeitamente conhecida; nós a desenvolvemos em vários artigos, e notadamente nos números de dezembro de 1858, fevereiro e agosto de 1859 e no nosso *O Livro dos Médiuns*, ou *Espiritismo Experimental*; não a repetiremos, portanto, aqui, mas somente lembraremos alguns pontos de fato, antes de chegar ao exame do sistema dos glóbulos.

Os Espíritos podem se produzir à visão sob diferentes aspectos: ornais freqüente é a forma humana. Sua aparição, geralmente, tem uma forma vaporosa e diáfana, algumas vezes vaga e indecisa. Freqüentemente, à primeira vista, é um clarão esbranquiçado, cujos contornos se determinam pouco a pouco. Outras vezes, as linhas são mais acentuadas, e os menores traços do rosto desenhados com uma precisão que permite dar-lhe a descrição mais exata. Um pintor, nestes momentos, poderia seguramente fazer-lhe o retrato com tanta facilidade como o faria para uma pessoa viva. As maneiras e o aspecto são os mesmos que durante a vida do Espírito. Podendo dar todas as aparências ao seu perispírito, que constitui seu corpo etéreo, apresenta-se sob aquela que melhor pode fazê-lo reconhecer; assim, se bem que, como Espírito, não tenha mais nenhuma das enfermidades corpóreas que poderia ter como homem, ele se mostrará estropiado, coxo ou corcunda, se julga oportuno para atestar sua identidade. Quanto à roupa, ela se compõe, o mais comumente, de uma roupagem que termina em longa túnica flutuante; pelo menos é a aparência dos Espíritos superiores que nada conservaram das coisas terrestres; mas os Espíritos vulgares, aqueles que se conheceram, quase sempre, tem a roupa que tinham no último período de vida. Freqüentemente, têm atributos característicos de sua classe. Os Espíritos superiores têm sempre uma figura bela, nobre e serena; os Espíritos inferiores, ao contrário, têm uma fisionomia vulgar, espelho onde se pintam as paixões mais ou menos ignóbeis que os agitaram; algumas vezes ainda carregam os traços de crimes que cometeram ou dos suplícios que suportaram. Uma coisa notável é que, a menos de circunstâncias particulares, as partes menos desenhadas, geralmente, são os membros inferiores, ao passo que a cabeça, o peito e os braços são sempre nitidamente traçados.

Dissemos que as aparições têm alguma coisa de vaporosa, malgrado a sua clareza; poder-se-ia, em certos casos, compará-la à imagem refletida num vidro sem estanho, que não impede ver os objetos que estão por detrás. Bastante ordinariamente, é assim que os distinguem os médiuns videntes; eles os vêem irem, virem, entrarem, saírem, circularem entre a multidão dos vivos, tendo o ar, para os Espíritos vulgares pelo menos, de tomarem parte ativa no que se passa ao redor deles, de se interessarem segundo o assunto, de escutarem o que se diz. São vistos, freqüentemente, aproximarem de pessoas, lhes soprarem idéias, influenciá-las, consolá-las, se mostrarem tristes ou contentes com os resultados que obtêm: em uma palavra, é o duplo ou o reflexo do mundo corporal, com suas paixões, seus vícios ou suas virtudes, mais virtudes do que a nossa natureza material nos permite dificilmente compreender. Tal é esse mundo oculto que povoa os espaços, que nos cerca, no meio do qual vivemos, sem disso desconfiar, como vivemos no meio de miríades do mundo microscópico.

Mas pode ocorrer que o Espírito revista uma forma ainda mais nítida e tome as aparências de um corpo sólido, ao ponto de produzir uma ilusão completa e de fazer crer a presença de um ser corpóreo. Enfim, a tangibilidade pode se tornar real, quer dizer, que se pode tocar, apalpar esse corpo, sentir a mesma resistência, o mesmo calor que da parte de um corpo animado, e isso quase pode se desvanecer com a rapidez do raio. Não somente a aparição desses seres, designados sob o nome de *agêneres*, é muito rara, ela é sempre acidental e de curta duração, e não poderiam tomar-se sob essa forma, os comensais habituais de uma casa.

Sabe-se que entre as faculdades excepcionais das quais o senhor Home deu provas irrecusáveis, é necessário colocar a de fazer aparecer mãos tangíveis que se podem apalpar, e que, por outro lado, podem agarrar apertar e deixar marcas sobre a pele. Os fatos de aparições tangíveis, dizemos, são bastante raros, mas aqueles que se passaram nestes últimos tempos confirmam e explicam aqueles que a história conta a respeito de pessoas que se mostraram, depois de sua morte, com todas as aparências corpóreas. De resto, por extraordinários que sejam semelhantes fenômenos, todo o sobrenatural desaparece quando se lhes conhece a explicação, e se compreende, então, que longe de ser uma derrogação das leis da Natureza não são senão uma sua aplicação.

Quando os Espíritos tomam a forma humana, não se poderia com isso enganar-se; mas assim não é quando tomam outras aparências. Não falaremos aqui de certas imagens terrestres refletidas pela atmosfera, e que puderam alimentar a superstição entre pessoas ignorantes, mas de alguns outros efeitos sobre os quais os homens, mesmos esclarecidos puderam se equivocar; é aí sobretudo que é necessário manter-se em guarda contra a ilusão para não expor-se a tomar por Espíritos fenômenos puramente físicos.

O ar não é sempre de uma limpidez perfeita, e há circunstâncias tais em que a agitação e as correntes das moléculas aeriformes produzidas pelo seu calor são perfeitamente visíveis. A aglomeração desses fragmentos forma pequenas massas transparentes que parecem flutuar no espaço, e que dão lugar ao singular sistema dos Espíritos sob a forma de glóbulos. A causa dessa aparência está, portanto, no próprio ar, mas pode estar também no olho. O humor aquoso oferece pontos imperceptíveis que perderam sua transparência; esses pontos são como corpos semi-opacos em suspensão no líquido do qual seguem os movimentos e as ondulações. Eles produzem no ar ambiente e à distância, por efeito de um engrossamento e da refração, aparência de pequenos discos, algumas vezes irisados, variando de um a dez milímetros de diâmetro. Vimos certas pessoas tomarem esses discos por Espíritos familiares que as seguiam e as acompanhavam por toda parte, e, em seu entusiasmo, verem figuras nas nuanças da irisação. Uma simples observação, fornecidas por essas mesmas pessoas vai reconduzi-las ao terreno da realidade. Esses discos ou medalhões, dizem elas, não somente as acompanham, mas seguem em todos os seus movimentos; vão à direita, à esquerda, para cima, para baixo, ou se detêm segundo os movimentos da cabeça;

essa coincidência prova por si só que a sede da aparência está em nós e não fora de nós, e o que o demonstra, por outro lado é que, em seus movimentos ondulatórios, esses discos não se separam jamais de um certo ângulo; mas como eles não seguem com precipitação o movimento da linha visual, parecem ter uma certa dependência. A causa desse efeito é muito simples. Os pontos opacos, ou semi-opacos, do humor aquoso, causa primeira do fenômeno são, dissemos, como estando em suspensão, mas têm sempre uma tendência a descerem; quando eles sobem, é que foram solicitados pelo movimento do olho de baixo para cima; chegados a uma certa altura, fixando-se o olho, vê-se o disco descer lentamente, depois deter-se; sua mobilidade é extrema, porque lhe basta um movimento imperceptível do olho para fazer percorrer ao raio visual toda amplitude do ângulo em sua abertura no espaço, onde a imagem se projeta.

Outro tanto dizemos das centelhas que se conduzem, algumas vezes, em maços ou feixes mais ou menos compactos, pela contração dos músculos do olho, e que se devem, provavelmente, à fluorescência ou à eletricidade naturais da íris, uma vez que são, geralmente, circunscritos na circunferência desse órgão.

De semelhantes ilusões não podem provir senão uma observação incompleta; quem haja estudado seriamente a natureza dos Espíritos por todos os meios que a ciência prática dá, compreenderá tudo o que elas têm de pueril. Se esses glóbulos aéreos fossem Espíritos, seria necessário convir que estariam constrangidos a um papel muito mecânico para seres inteligentes e livres; papel possivelmente fastidioso para Espíritos inferiores, com a mais forte razão incompatível com a idéia que fazemos dos Espíritos superiores.

Os únicos sinais que podem, verdadeiramente, atestar a presença dos Espíritos são os sinais inteligentes. Enquanto não se provar que as imagens das quais acabamos de falar, tivessem elas mesmo a forma humana, têm um movimento próprio, espontâneo, com caráter intencional evidente e acusando uma vontade livre, não veremos aí senão simples fenômenos fisiológicos ou de ótica. A mesma observação se aplica a todos os gêneros de manifestações, e sobretudo aos ruídos, às pancadas, aos movimentos insólitos de corpos inertes que milhares de causas físicas podem produzir. Nós o repetimos, tanto que um efeito não seja inteligente por si mesmo, e independente da inteligência dos homens, é necessário considerá-lo duas vezes antes de atribuí-lo aos Espíritos.

Os Médiuns especiais

Revista Espírita, fevereiro de 1860

A experiência prova, cada dia, o quanto são numerosas as variedades da faculdade medianímica; mas ela nos prova também que as diversas nuances dessa faculdade prendem-se a aptidões especiais, ainda não definidas, abstração feita das qualidades e dos conhecimentos do Espírito que se manifesta.

A natureza das comunicações é sempre relativa à natureza do Espírito, e traz a marca de sua elevação ou de sua inferioridade, de seu saber ou de sua ignorância; mas, com igualdade de mérito do ponto de vista hierárquico, incontestavelmente, há nele uma propensão para se ocupar de uma coisa antes que de uma outra; os Espíritos batedores, por exemplo, não saem quase nada das manifestações físicas; e entre aqueles que dão manifestações inteligentes, há poetas, músicos, desenhistas, moralistas, sábios, médicos, etc. Falamos de Espíritos de uma ordem mediana, porque, chegados a um certo grau, as aptidões se confundem na unidade da perfeição. Mas, ao lado da aptidão do Espírito, há a do médium que é para ele um instrumento mais ou menos cômodo, mais ou menos flexível, e no qual ele descobre qualidades particulares que não podemos apreciar.

Tomemos uma comparação: Um músico, muito hábil, tem sob a mão vários violinos que, para o vulgo, serão todos bons instrumentos, mas entre os quais o artista consumado faz uma grande diferença; aí percebe nuances de uma extrema delicadeza que lhe farão escolher uns e rejeitar os outros, nuances que compreende por intuição de preferência, mas que não pode defini-las. Ocorre o mesmo com respeito aos médiuns: com qualidades iguais na potência mediúmica, o Espírito dará preferência a um ou a outro, segundo o gênero de comunicação que quer fazer. Assim, por exemplo, vêem-se pessoas escreverem, como médium, admiráveis poesias embora, nas condições normais, jamais puderam ou souberam fazer dois versos; outras, ao contrário, que são poetas, e que, como médiuns, não puderam jamais escrever senão prosa, apesar de seu desejo. Ocorre o mesmo com o desenho, com a música, etc. Há os que, sempre sem terem por si mesmos conhecimentos científicos, têm uma aptidão toda particular para receberem comunicações sábias; outros são para os estudos históricos; outros servem, mais facilmente, de intérpretes aos Espíritos moralistas; em uma palavra, qualquer que seja a flexibilidade do médium, as comunicações que ele recebe com a maior facilidade têm, geralmente, um cunho especial; há mesmo aqueles que não saem de um certo círculo de idéias, e quando dele se afastam, não têm senão comunicações incompletas, lacônicas, e freqüentemente falsas. Fora as causas de aptidão, os Espíritos se comunicam ainda, mais ou menos de bom grado, por tal ou tal intermediário segundo a sua simpatia; assim, além de serem todas as coisas iguais, o mesmo Espírito será sempre mais explícito com certos médiuns, unicamente porque isso lhe convém mais.

Estar-se-ia em erro se, só porque se tem sob a mão um bom médium, tivesse ele a escrita mais fácil, pensando-se obter por ele boas comunicações em todos os gêneros. Para ter boas comunicações, a primeira condição, sem contradita, é assegurar-se da fonte de onde elas emanam, quer dizer, da qualidade do Espírito que as transmite; mas não é menos necessário levar em conta as qualidades do instrumento que se dá ao Espírito; é necessário, pois, estudar a natureza do médium, como se estuda a natureza do Espírito, porque aí estão os dois elementos essenciais para se obter um resultado satisfatório. Há um terceiro que

desempenha um papel igualmente importante, é a intenção, o pensamento íntimo, o sentimento mais ou menos louvável daquele que interroga; e isso se concebe. Para que uma comunicação seja boa, é necessário que ela emane de um Espírito bom; para que esse bom Espírito POSSA transmiti-la, lhe é necessário um bom instrumento; para que QUEIRA transmiti-la, é necessário que o objetivo lhe convenha. O Espírito, que lê no pensamento, julga se a questão que se lhe propõe merece uma resposta séria, e se a pessoa que dirige é digna de recebê-la; em caso contrário, não perde seu tempo semeando bons grãos sobre pedras, e é então que os Espíritos levianos e zombeteiros se dão inteira liberdade, porque, pouco se importando com a verdade, eles não a olham de tão perto, e são, geralmente, bem pouco escrupulosos sobre o objetivo e sobre os meios.

Segundo o que acabamos de dizer, compreende-se que deve haver Espíritos mais especialmente ocupados, por gosto ou por razão, com o alívio da Humanidade sofredora; que, semelhantemente, deve haver médiuns mais aptos do que outros para servir-lhes de intermediários. Ora, como esses Espíritos agem exclusivamente tendo em vista o bem, eles devem procurar em seus intérpretes, além da aptidão que se poderia chamar fisiológica, certas qualidades morais, entre as quais figuram, em primeira linha, *o devotamento e o desinteresse*. A cupidez sempre foi, e será sempre, um motivo de repulsão para os bons Espíritos e uma causa de atração para os outros. Ocorre com efeito, dentro do bom senso, que Espíritos superiores se prestem a todas as combinações do interesse material, e que estejam às ordens do primeiro que pretenda explorá-los? Os Espíritos, *quaisquer que eles sejam*, não querem ser explorados, e se alguns parecem a isso dar a mão, e mesmo se vão ao encontro de certos desejos muito mundanos, é quase sempre tendo em vista uma mistificação, da qual seriam em seguida como de uma boa peça pregada às pessoas muito crédulas. De resto, talvez não seja inútil que alguns queimem os dedos, a fim de lhes ensinar que é necessário jogar com as coisas sérias.

Seria aqui o caso de se falar de um desses médiuns *privilegiados* que os Espíritos parecem tomar sob seu patrocínio direto. A senhorita *Désirée Godu*, que mora em Hennebon (Morbihan), goza a este respeito de uma faculdade verdadeiramente excepcional, e da qual faz uso com a mais devotada abnegação. Sobre isso já dissemos algumas palavras num relatório das sessões da Sociedade, mas a importância do assunto merece um artigo especial que ficaremos felizes em consagrá-los no nosso próximo número. Além do interesse que se liga ao estudo de toda faculdade sem paralelo, consideraremos sempre como um dever fazer conhecer o bem e prestar justiça a quem o pratica.

Bibliografia

Revista Espírita, fevereiro de 1860

A condessa Mathilde de Canossa.

Tal é o título de um romance legendário, publicado em Roma em 1858, pelo *R.P. Bresciani* da Companhia de Jesus (1(1) Um vol. in-8, traduzido do italiano; casa J. B. Pélagaud, e Cie, rua de Saints-Pères, 57, em Paris. Preço 3 fr. 50 c.), autor do *Judeu de Verona*. O assunto da obra é a História, no gênero de Walter Scott, da antiga família de Canossa: por isso o autor a dedica ao descendente atual dessa ilustre família, o marquês Octave de Canossa: podestade de Verona e camarista de sua majestade o imperador da Áustria. A ação se passa na idade média, os feiticeiros e os mágicos nele têm um grande papel, e as cenas de sortilégios nele são descritas com uma precisão que faria inveja ao romancista escocês. O autor nos parece menos feliz em sua apreciação dos fenômenos Espíritas modernos, das mesas falantes, do magnetismo, do sonambulismo; ora, eis o que lemos a este respeito no capítulo X, página 170:

"Mais de um de meus leitores, e talvez não seja o menor número, poderia bem admirar-se vendo estender-se, nos capítulos que precedem, tudo o que combina feitiços, conjurações, sortilégios, alucinações, erupções fantásticas que não se parecem mal e aos relatos de velhas e de amas de leite. - Quem crê ainda, em nossos dias, em necromantes, em feiticeiros, em encantadores, em encantos, em filtros, no comércio com o diabo? Quereis nos conduzir aos contos de fadas de Martin dei Rio (1 Del Rio, sábio jesuíta, nascido em Anvers em 1551, morreu em 1608. O autor alude aqui à sua obra intitulada: *Disquisitiones magicae.*), às tolas superstições do povo, às comadres das encruzilhadas, por lendas de arrepiar os camponeses bochechudos que têm medo do lobisomem, e impedir de dormir, os garotos trementes, em nome de Bicho-papão? Verdadeiramente, o amigo, o momento está bem escolhido para nos debitar estas futilidades! -Tal é, mais ou menos, a linguagem que eu creio, estou de acordo em recorrer.

"Eu responderei que antes de desprezar as crenças antigas, seria necessário que cada um colocasse a mão em sua consciência e se perguntasse, muito francamente, se pelo menos não é tão crédulo quanto algum de seus antepassados. Vejamos um pouco: Que significa essa obra de magnetizadores e de médiuns, de mesas girantes, falantes, profetizantes; de sonâmbulos que vêm através das paredes, que lêem pelo cotovelo, que têm presente, diante de si, o que se diz e se faz a vinte, trinta, quarenta milhas dali; que lêem e escrevem sem saberem nem A nem B; que, sem conhecerem uma palavra de medicina, assinalam, determinam todos os casos patológicos, indicando-lhes as causas, e prescrevem o remédio com as doses da receita, em todos os termos greco-árabes do vocabulário científico? O que são esses interrogatórios de Espíritos, essas respostas de pessoas mortas e enterradas, suas profecias de acontecimentos futuros? Quem evoca essas sombras? Quem fá-las falar? Quem fá-las ver um futuro que não existe? Quem fá-las proferir estas blasfêmias contra Deus, contra os santos do Céu, contra os sacramentos da Igreja?

"Vejamos, bravas gentes, falai! Por que essas contorções e esses olhares assustadiços? - Oh! Acabareis me dizendo, quem sabe! Mistérios da natureza, leis desconhecidas, força de lucidez, sentido oculto no organismo humano! Sutilidade do fluido magnético, do influxo nervoso, das ondulações óticas, e acústicas; virtudes secretas que a eletricidade e o

magnetismo estimulam no cérebro, no sangue, nas fibras, em todas as partes vitais; poderes de forças supremas, da vontade da imaginação.

"Meus amigos, aí estão as futilidades, as palavras vazias de sentido, as frases ocas, os subterfúgios ambíguos, os enigmas que vós mesmos não compreendeis. Toda diferença que há entre nós e os nossos ancestrais é que, para negar um mistério, nós forjamos cem outros deles; enquanto essas pessoas boas chamavam um gato um gato, e o diabo o diabo, tínhamos a pretensão de gratificar a natureza com forças que ela não tem e não pode ter; nossos velhos, mais sábios e mais francos, diziam, sem tanto rodeios, que existiam operações sobrenaturais, e, as tratavam, ingenuamente, de maquinação.

"Menos versados que nós, todavia, no conhecimentos dos fenômenos naturais, ocorria-lhes, sem dúvida, tomarem algumas vezes por um efeito prodigioso coisas que não saem da ordem natural, ao passo que os modernos, muito mais esclarecidos, não deixam senão de olhar, grande número de fraudes dos magnetizadores, como o efeito misterioso de leis secretas da Natureza, e as operações verdadeiramente diabólicas como agilidade de prestidigitadores mais ou menos sutis. Mas os homens mais cristãos, do bom e velho tempo, sabiam muito bem que os maus Espíritos, evocados por meio de certos sinais, de certas conjurações, de certos pactos, apareciam, respondiam, alucinavam a imaginação impressionando de mil maneiras e, sobretudo, fazendo-lhe o maior mal que podiam àqueles que conversavam com eles. Reconheçamos, pois, de boa fé que, mesmo em nossos dias, nós temos, e em maior número que os antigos, nossos necromantes, nossos mágicos e nossos feiticeiros, com essa diferença que nossos pobres pais tinham horror desses malefícios, que os praticavam em segredo, nas trevas, nas cavernas, nas florestas, e que muitos disso se arrependiam, se confessavam e em seguida faziam penitências; em lugar que, em nossos dias, são realizados nos salões de douraduras e de luzes, em presença de curiosos, diante de jovens, de crianças, de mães, sem disso fazer o menor escrúpulo, e alegrando-se, freqüentemente, com superstições da idade média.

"Crede-me, em todas as épocas, os homens quiseram ter negocios com o demônio, e esse espírito velhaco, por pouco que os homens não o devolvam aos seus abismos e participem de seu comércio, sujeita-se a todas as transformações. Nos séculos de idolatrias, ele vivia com os oráculos e as pitonisas; mostrava-se sob a forma de pomba, de pega, de galo, de serpente, e cantava versos fatídicos. Na idade média, fazia o pedante em presença desses povos bárbaros, e lhes aparecia sob formas terríveis, em monstruosas conjurações. Se, às vezes, se diminuía e se sutilizava a ponto de se alojar nos cabelos, nas garrafinhas, nos filtros, que os feiticeiros faziam os enamorados tragarem, isso não o era sem inspirar ainda um grande terror. Hoje, em compensação, ele se presta à civilização do século; e se compraz no mundo bonito, nas noitadas brilhantes; alternativamente, dormindo com os sonâmbulos, dançando com as mesas, escrevendo com os curadores. Não é muito gentil, em verdade? Guarda-se bem para não assustar ninguém! Ele se veste à americana, à inglesa, à parisiense, ao alemão; é verdadeiramente amável, sob a barba e o fino bigode dos Italianos; é a coqueluche dos salões, e seria necessário ser bem grosseiro para não achá-lo de uma irrepreensível distinção. Portanto, vede! Ele se tornou tão bom apóstolo que se entretém, o mais cortesmente do mundo, com tal senhora que ainda vai à missa, e que, se vós lhe disserdes: - Tomai cuidado! Há coisas que não são naturais, e que não poderiam sê-lo: Estão tramando alguma intriga; os bons cristãos não se ocupam de tudo isso, - caçoarão de vós e responderéis com um pequeno ar picante: - Que diabo! Tudo isso é muito natural: Eu sou cristão também, eu; mas não sou um imbecil.

"À espera disso, se a ocasião se apresentar, fará magnetizar sua filha de vinte anos, para que leia, na intuição magnética, os fatos afastados ou secretos do futuro.

"Deixo-vos a pensar se esse belo diabo de luvas amarelas deve rir em sua barba e da boa cristã!"

Deixamos aos nossos leitores o cuidado de apreciarem o julgamento do P. Bresciani: nele, sem dúvida, procurarão em vão, como nós, argumentos peremptórios contra as idéias Espíritas, uma demonstração qualquer da falsidade dessas idéias; ele pensa, sem dúvida, que elas não valem o trabalho de uma refutação séria e que basta soprar por cima para dissipá-las. Mas nos parece que, a exemplo da maioria dos adversários, ele chega a uma conseqüência contrária à que esperava, desde que não prova, por A mais B, que isso não é e não PODE ser. Como o P. Bresciani é um homem de um talento incontestável e de uma instrução superior, pensamos que, uma vez que seu objetivo era combater os Espíritos, deve reunir contra eles suas armas mais temíveis; de onde concluímos que se não disse mais, é que nada mais tem a dizer; que se não dá outras provas, é que não tem melhores para opor; de outro modo, evitaria com todo cuidado deixá-las no fundo do saco. Os mais ridicularizados, em toda esta argumentação, não são os Espíritos, mas o próprio diabo, que é tratado um pouco bruscamente, e não como uma coisa tomada a sério. Estar-se-ia tentado a pensar, nesse estilo engraçado, que o autor não crê mais no diabo do que nos Espíritos. Se, todavia, como ele o pretende, é o agente único de todas as manifestações, convir-se-á que o faz desempenhar um papel mais divertido do que terrível, e bem mais capaz de excitar a curiosidade que de amedrontar. Tal é, de resto, até o presente, o resultado de tudo o que se disse e escreveu contra o Espiritismo; e bem mais serviu-o do que o prejudicou.

Segundo a maioria dos críticos, o fato das manifestações é sem importância; é um entusiasmo passageiro, um brinquedo de salão, e o autor não nos parece tê-lo encarado sob um lado mais sério; se assim é, para que com isso atormentar-se? Deixai à moda o cuidado de trazer amanhã um outro passatempo e o Espiritismo viverá o que viveu a mania do potiche: o espaço de duas estações. Atirando-lhe pedras, faz-se crer que dele se tem medo, porque não se procura abater senão àquilo que se teme; se for uma quimera, uma utopia, por que bater-se contra os moinhos de vento? É verdade que se diz que o diabo mistura-se com eles algumas vezes; mas não seria necessário muitos autores como este, pintando o diabo sob cores róseas, para dar a todas as mulheres a idéia de conhecê-lo.

O P. Bresciani examinou bem a questão? Pesou bem a importância de todas as suas palavras? Ele nos permitirá duvidar disso. Quando disse: *Que são essas respostas de pessoas mortas e enterradas? Quem lhes faz ver um futuro QUE NÃO EXISTE?* Perguntamo-nos se foi um cristão ou um materialista que escreveu semelhantes coisas; e ainda o materialista falaria dos mortos com mais respeito. - *Quem lhes fez proferir essas blasfêmias contra Deus?* Onde estão esses blasfemos? O autor, que coloca tudo na conta do diabo, sem dúvida, a supõe, de outro modo saberia que a mais ilimitada confiança na bondade infinita de Deus é a própria base do Espiritismo, que nele se faz tudo em nome de Deus; que os Espíritos perversos dele não falam senão com temor e respeito, e os bons senão com amor. O que há aí de blasfematório? - Mas que pensar destas palavras: *Temos a pretensão de gratificar a natureza das forças que ela não tem e não PODE ter; nossos VELHOS, mais sábios os trataram, ingenuamente, de maquinação.* Assim, é mais sábio atribuir os fenômenos da Natureza ao diabo do que a Deus. Ao passo que nós proclamamos o poder infinito do Criador, o P. Bresciani põe-lhe limites; a Natureza, que resume a obra divina, não é, e não PODE ter outras forças que aquelas que nós conhecemos; quanto àquelas que se poderia descobrir, é *mais sábio* homenagear o diabo por elas, que seria, assim, mais poderoso que Deus. É necessário perguntar de qual lado está a blasfêmia, ou o maior respeito para o Ser Supremo? - Enfim, o diabo toma todas as formas: *Não é muito gentil, em verdade ele se veste à americana, à inglesa, à parisiense; ele é verdadeiramente amável sob a barba e o fino bigode dos Italianos, e seria necessário ser bem grosseiro para não achá-lo de uma distinção*

irrepreensível. Não sabemos se os senhores Italianos estarão muito lisonjeados por serem tomados por diabos de luvas amarelas. Quem são estas belas senhoras, que fazem sua *coqueluche* estes gentis demônios, e que, ao aviso caridoso de que estão tramando alguma intriga a temer, vos riam diante do nariz em vos lançando um: *Que droga! Eu não sou um imbecil!* Se a Natureza surpreende, perguntamos em qual mundo, o inteiro ou a metade, ela se serve de tão lindas expressões. Lamentamos que o autor não tenha haurido seus conhecimentos em Espiritismo numa fonte mais séria, sem o que não falaria dele assim tão levemente. Enquanto não se lhe opuserem argumentos mais peremptórios, seus partidários poderão dormir muito tranqüilos.

História de um Condenado

Revista Espírita, fevereiro de 1860

(Sociedade, 9 de dezembro de 1859. - Primeira sessão.)

O senhor de la Roche, membro titular, comunicou o fato seguinte, que é de seu conhecimento pessoal:

Numa pequena casa perto de Castelnaudary, havia ruídos estranhos e diversas manifestações que faziam olhá-la como assombrada por algum mau gênio. Por esse fato, ela foi exorcizada em 1848, e ali se colocou um grande número de imagens de santidade. Desde então, o senhor D..., querendo nela habitar, fez-lhe reparos, e, por outro lado, fez tirar todas as gravuras. Ele morreu subitamente, há alguns anos. Seu filho, que a ocupava nesse momento ou antes, que a ocupava ainda há pouco tempo, recebeu um dia, entrando num apartamento, uma vigorosa bofetada dada por mão invisível; como estava perfeitamente só, não pôde duvidar de que não lhe veio de uma fonte oculta. Agora não quer mais ali morar, e vai deixá-la definitivamente. Há, na região, uma tradição segundo a qual um grande crime teria sido cometido nessa casa.

São Luís, interrogado sobre a possibilidade de evocar o aplicador de bofetadas, respondeu que isto era possível.

O Espírito chamado se manifestou por sinais de violência; o médium foi tomado por uma agitação extrema, sete ou oito lápis foram quebrados, vários foram lançados contra os assistentes, uma página foi rasgada e coberta de traços insignificantes, traçados com cólera. Todos os esforços foram improdutivos para acalmá-lo; instado a responder às questões que se lhe dirigia, escreveu com a maior dificuldade um *não* quase indecifrável.

1. (A São Luís.) Teríeis a bondade de nos dar algumas informações sobre este Espírito, uma vez que não pode ou não quer dá-las ele mesmo? - R. é um Espírito da pior espécie, um verdadeiro monstro; fizemo-lo vir, mas não pudemos constrangê-lo a escrever, apesar de tudo o que lhe foi dito; ele tem seu livre arbítrio. O infeliz dele faz um triste uso.
2. Faz muito tempo que está morto como homem? - R. Tomai vossas informações: Foi ele quem cometeu o crime, cuja lenda existe na região.
3. Que era quando vivo? - R. Sabê-lo-eis por vós mesmos.
4. Portanto, é ele que assombra essa casa agora? - R. Sem dúvida, uma vez que foi assim que eu vos fiz designá-lo.
5. Os exorcismos que se praticaram, portanto, não puderam expulsá-lo dela? - R. De nenhum modo.
6. Ele foi alguma coisa na morte súbita do senhor D...? - R. Sim.

7. De que maneira pôde contribuir para essa morte? - R. Pelo medo.
8. Foi ele quem deu a bofetada ao senhor D... filho? - R. Sim.
9. Poderia dá-la aqui em qualquer um de nós? - R. Mas, sem dúvida, e o desejo, para isso, não lhe faltaria.
10. Por que não o faz? - R. Não lhe é permitido.
11. Haveria um meio de fazê-lo mudar desta casa, e qual seria? -R. Se se quiser desembaraçar-se de obsessões de semelhantes Espíritos, isto é fácil orando por eles: É que se negligencia sempre fazê-lo. Preferem-se amedrontá-los com fórmulas de exorcismo, que os divertem muito.
12. Dando-se às pessoas interessadas a idéia de orar por este Espírito, nós mesmos orando por ele, far-se-ia desalojá-lo? - R. Sim; mas notai que eu disse orar *e não de fazer orar*.
13. Este Espírito é suscetível de melhorar-se? -R. Por que não? Não o são todos, aqueles como os outros? É necessário, contudo, esperar encontrar dificuldades; mas, por perverso que seja, o bem dado para o mal acabará por tocá-lo. Que se ore primeiro, e que se o evoque em um mês, podereis julgar da mudança que se operará nele.
14. Este Espírito é sofredor, infeliz; podeis nos descrever o gênero de sofrimentos que ele suporta? -R. Ele está persuadido de que deve permanecer na situação em que se encontra durante a eternidade. Ele vê constantemente o momento em que cometeu o seu crime: Toda outra lembrança foi-lhe retirada, e toda comunicação com um outro Espírito interdita; ele não pode, na Terra, ficar senão nesta casa, e se está no espaço, está nas trevas e na solidão.
15. De onde veio antes de sua última encarnação; a que raça pertencia? - R. Teve uma existência entre os povos mais ferozes e mais selvagens e, precedentemente, veio de um planeta inferior à Terra.
16. Se este Espírito se reencarnasse, em qual categoria de indivíduos se encontraria? - R. Isto dependerá dele e do arrependimento que sentir.
17. Poderia, na próxima existência corpórea. Ser o que se chama um homem honesto? -R. Isto ser-lhe-á difícil; o que quer que faça, não poderá evitar uma vida ainda bem agitada.

Nota. -A senhora X..., médium vidente que assistia à sessão, viu este Espírito no momento em que se quis fazê-lo escrever: ele sacudia o braço do médium; seu aspecto era apavorante; estava vestido com uma camisa coberta de sangue e tinha um punhal.

O senhor e a senhora F..., que não assistiam a esta sessão senão como ouvintes, não sendo ainda sócios, desde a mesma noite, receberam a recomendação feita a favor do infeliz Espírito, e oraram por ele. Obtiveram dele várias comunicações assim como de suas vítimas. Nós as narraremos em sua ordem, com aquelas que ocorreram na Sociedade sobre o mesmo assunto. Além do interesse que se prende a essa dramática história, dela ressalta um ensinamento que não escapará a ninguém.

(Segunda sessão (casa do senhor F...))

18. (Ao Espírito familiar.) Pode nos dizer alguma coisa do Espírito de Castelnaudary? - R. Evoque-o.
19. Será mau? - R. Tu o verás.
20. O que é preciso fazer?- R. Não lhe fale se nada tens a dizer-lhes.
21. Se lhe falarmos, para compartilharmos as suas penas, isto lhe fará bem? - R. A compaixão sempre faz bem ao infeliz.
22. Evocação do Espírito de Castelnaudary. - R. Que querem de mim?
23. Nós te chamamos com o objetivo de te ser útil. - R. Oh! vossa piedade me faz bem, porque eu sofro... Oh! Como eu sofro!... Que Deus tenha piedade de mim. Perdão... Perdão!
24. Nossas preces te serão salutares? - R. Sim; orai, orai.
25. Pois bem! Nós oraremos por ti. - R. Obrigado! Tu, pelo menos, não maldizes.
26. Por que não quisestes escrever na Sociedade, quando foste chamado? - R. Oh ! Maldição!
27. Maldição sobre quem? - R. Sobre mim, que expio bem cruelmente crimes onde minha vontade não teve senão uma fraca parte.
- Nota.* - Dizendo que a sua vontade não é senão uma fraca parte em seus crimes, ele quer atenuá-los, como se soube mais tarde.
28. Se te arrependes serás perdoado? - R. Oh! Nunca.
29. Não te desesperes. -R. Eternidade de sofrimentos, tal é o meu quinhão.
30. Qual é o teu sofrimento? -R. O que há de mais horrível; tu não o podes compreender.
31. Orou-se por ti desde ontem à noite? -R. Sim; mas eu sofro ainda mais.
32. Como ocorre isto? - Eu o sei!
- Nota.* - Essa circunstância foi explicada mais tarde.
33. Deve-se fazer alguma coisa com relação à casa onde estais instalado? - R. Não! Não! Não me fales mais dela... Perdão, meu Deus! Eu tenho sofrido bastante.
34. Tens que ali permanecer? - R. A isso estou condenado.
35. É para que tenhas, constantemente, teus crimes sob os olhos? - R. É isto.

36. Não desesperes; tudo pode ser perdoado no arrependimento. - Não há perdão para Caim.
37. Portanto mataste teu irmão? - R. Nós somos todos irmãos.
38. Por que quisestes fazer mal à senhora D...? - R. Bastante, de graça, bastante.
- 39.' Pois bem! Adeus; tem confiança na misericórdia divina! - R. Orai.

(Terceira sessão.)

40. Evocação. - Estou junto de vós.
41. Começas a ter esperança? -R. Sim, meu arrependimento é grande.
42. Qual era teu nome? - R. Sabê-lo-eis mais tarde.
43. Há quantos anos sofres? - R. 200 anos.
44. Em que época cometeste o crime? - R. Em 1608.
45. Podes repetir estas datas para no-las confirmar? - R. Inútil; é bastante uma vez. Adeus, eu vos falarei amanhã, uma vontade me chama.

(Quarta sessão.)

46. Evocação. - Obrigado, Hugo (nome de batismo do senhor F...).
47. Queres nos falar do que se passou em Castelnaudary? - R. Não; fazeis-me sofrer quando me falais disto; isso não é generoso de vossa parte.
48. Sabes bem que se disto te falamos, é com o objetivo de poder esclarecer a tua posição, e não para agravá-la; assim, fala sem medo. Como te deixaste ir cometer este crime? - R. Um momento de descaminho.
49. Houve premeditação? -R. Não.
50. Isto não pode ser a verdade. Teus sofrimentos provam que tu és mais culpado do que o dizes. Saibas que não é senão pelo arrependimento que podes abrandar tua sorte, e não pela mentira. Vamos! Sé franco. - R. Pois bem! Uma vez que eu o fiz, sim.
51. Foi um homem ou uma mulher que mataste? - R. Um homem.
52. Como causaste a morte do senhor D...-R. Eu lhe apareci visivelmente, e sou tão pavoroso de se ver, que minha única visão o matou.
53. Fizeste-o de propósito? - R. Sim.

54. Por que isto? - R. Ele quis me desafiar, e lhe faria outro tanto se viesse me tentar.
55. Se eu fosse morar nesta casa, far-me-ias mal? -R. Oh! Não, certamente; tu tens piedade de mim, tu, e tu me queres bem.
55. O senhor D... morreu instantaneamente? -R. Não; o medo se apoderou dele, mas ele não morreu senão duas horas depois.
57. Por que te limitaste a dar um sopro no senhor D... filho? - R. Seria muito ter matado dois homens.

Quinta sessão. (Sociedade, 16 de dezembro de 1859.)

58. *Perguntas dirigidas a São Luís.* O Espírito que se comunicou com o senhor e a senhora F... era o de Castelnaudary? - R. Sim.
59. Como ocorre que haja ele podido se comunicar com eles tão prontamente? - R. Na Sociedade ele ainda ignorava; não estava arrependido; o arrependimento é tudo.
60. As informações que deu sobre seu crime são exatas? -R. Cabe-vos procurar, disto vos assegurar e vos explicardes em seguida com ele.
61. Ele disse, que o crime foi cometido em 1608, e que morreu em 1659; há, pois, 200 anos que ele está neste estado? - R. Isto vos será explicado mais tarde.
62. Quereis nos descrever o gênero de seu suplício? -R. É atroz para ele; ele foi, como o sabeis, condenado a morar na casa onde o crime foi cometido, sem poder dirigir seu pensamento sobre outra coisa que sobre esse crime, sempre diante de seus olhos, e se crê condenado a essa tortura pela eternidade.
63. Ele está mergulhado na obscuridade? - R. Obscuridade quando ele quer se afastar desse lugar de exílio.
64. Qual é o gênero de sofrimento mais terrível que um Espírito possa, neste caso, sofrer? - R. Não há descrição possível das torturas morais que são a punição de certos crimes; aquele mesmo que as prova teria dificuldade em dar-vos uma idéia delas; mas a mais horrível é a certeza de crer-se estar a ela condenado sem retorno.
65. Eis aqui dois séculos que está nesta situação; ele aprecia o tempo como o fazia quando vivo; quer dizer o tempo parece-lhe tão longo ou menos longo que quando vivo?- R. Parece-lhe antes mais longo: o sono não existe para ele.
66. Foi-nos dito que, para os Espíritos, o tempo não existia, e que, para eles, um século é um ponto na eternidade; não ocorre, pois, o mesmo para todos? - R. Não, certamente; não ocorre assim senão para os Espíritos chegados a um grau muito elevado de adiantamento; mas para os Espíritos inferiores o tempo é algumas vezes bem longo, sobretudo quando sofrem.
67. Esse Espírito é punido bem severamente para o crime que cometeu; ora, vós nos

dissestes que, antes desta última existência, ele estivera entre as populações mais bárbaras. Ali deveu cometer atos pelo menos atrozes quanto o último; por isso foi punido da mesma forma. -R. Ele foi menos punido, porque, mais ignorante ainda, compreendia-lhe menos a importância.

Nota. - Todas as observações confirmam este fato, eminentemente conforme a justiça de Deus, que as penas são proporcionais, não à natureza da falta, mas ao grau de inteligência do culpado e à possibilidade, para ele, de compreender o mal que fez. Assim uma 'alta, menos grave em aparência, poderá ser punida mais severamente num homem civilizado, que um ato de barbárie num selvagem.

68. O estado em que se encontra esse Espírito, é dos seres vulgarmente chamados *condenados*? - R. Absolutamente; e os há bem mais terríveis ainda. Os sofrimentos estão longe de serem os mesmos para todos, mesmo para crimes semelhantes, porque eles variam segundo o culpado seja mais ou menos *acessível* ao arrependimento. Para este, a casa onde ele cometeu o seu crime é seu inferno; outros o carregam neles, pelas paixões que os atormentam e que não podem saciar.

Nota. -Com efeito, vimos avaros sofrerem com a visão do ouro, que, para eles, se tornara uma verdadeira quimera; orgulhosos, atormentados pelo ciúme das honras que viam render, e que não se dirigiam a eles; homens que haviam comandado na Terra, humilhados pelo poder invisível que os constrangia a obedecerem, e pela visão de seus subordinados que não curvavam mais diante deles; ateus sofrerem as angústias da incerteza, e se encontrarem em um isolamento absoluto no meio da imensidade, sem encontrar nenhum ser que pudesse esclarecê-los. No mundo dos Espíritos, se há alegrias para todas as virtudes, há penas para todas as faltas, e aquelas que a lei dos homens não atinge são sempre alcançadas pela lei de Deus.

69. Esse Espírito, apesar de sua inferioridade, sente os bons efeitos da prece; vimos a mesma coisa com outros Espíritos igualmente perversos e da mais bruta natureza; como ocorre que Espíritos mais esclarecidos, de uma inteligência mais desenvolvida, mostrem uma ausência completa de bons sentimentos; que se riam de tudo o que há de mais sagrado; em uma palavra, que nada os toca, e que não há nenhuma trégua em seu cinismo? - R. A prece não tem efeito senão em favor do Espírito que se arrepende; aquele que, levado pelo orgulho, se revolta contra Deus e persiste em seus descaminhos, exagerando-os ainda como o fazem infelizes Espíritos, sobre aqueles a prece nada pode, e nada poderá senão no dia em que uma luz de arrependimento se manifeste neles. A ineficácia da prece para eles é ainda um castigo; ela não alivia senão aqueles que não estão inteiramente endurecidos.

70. Quando se vê um Espírito inacessível aos bons efeitos da prece, é uma razão para se abster de orar por ele? - R. Não, sem dúvida, porque cedo ou tarde ela poderá triunfar de seu endurecimento e fazer germinar nele pensamentos salutares.

(Sexta sessão; casa do senhor F...)

71. *Evocação.* - Eis-me.

72. Podes, pois, deixar agora quando queres a casa de Castelnaudary? - R. É-me permitido, porque aproveito os vossos bons conselhos.

73. Experimentais algum alívio? R. Começo a ter esperança.

74. Se pudéssemos ver-te, sob qual aparência ver-te-íamos? -R. Ver-me-íeis de camisa, sem punhal.
75. Por que não terias mais teu punhal; que fizeste dele? - R. Eu o maldigo; Deus poupou-me de sua visão.
76. Se o senhor D... filho retornasse à casa, tu lhe farias ainda mal? - R. Não, porque estou arrependido.
77. E se quisesse ainda te desafiar? -R. Oh! Não me pergunteis isso; não poderia dominar-me, isso estaria acima de minhas forças... porque não sou senão um miserável.
78. As preces do senhor D... filho ser-te-iam mais salutares que as de outras pessoas? -R. Sim, porque foi a ele que fiz maior mal.
79. Pois bem! Continuaremos a fazer o que pudermos por ti. - R. Obrigado; pelos menos encontrei em vós amigos caridosos. Adeus.

(Sétima sessão.)

80. *Evocação do homem assassinado.* - Estou aqui.
81. Que nome tínheis quando vivíeis? - R. Eu me chamava Pierre Dupont.
82. Qual era a vossa profissão? -R. Eu era salsicheiro em Castelnaudary, onde fui assassinado por meu irmão, no dia 6 de maio de 1608, por Charles Dupont, meu irmão mais velho, com um punhal, no meio da noite.
83. Qual foi a causa desse crime? - R. Meu irmão acreditou que eu queria fazer a corte a uma mulher que ele amava, e que eu via muito freqüentemente; mas ele se enganou, porque jamais sonhei com isso.
84. Como vos matou? - R. Eu dormia; ele me atingiu na garganta e depois no coração; atingindo-me, ele despertou-me; quis lutar, mas sucumbi.
85. Vós o perdoastes? -R. Sim, no momento de sua morte, há 200 anos.
86. Com que idade ele morreu? - R. Com 80 anos.
87. Portanto, não foi punido quando vivo? - R. Não.
88. Quem foi acusado de vossa morte? - R. Ninguém; nesses tempos de confusão, dava-se pouca atenção a essas coisas; isso não teria nenhum objetivo.
89. Em que se tornou a mulher? -R. Pouco depois, ela morreu assassinada na minha casa por meu irmão.

90. Por que a assassinou? - R. Amor enganado; ele a havia desposado antes da minha morte.
91. Por que ele não fala da morte dessa mulher? -R. Porque a minha foi a pior para ele.
92. *Evocação da mulher assassinada.* - Estou aqui.
93. Que nome tínheis quando vivíeis? R. Marguerite Aeder, mulher de Dupont.
94. Quanto tempo estivestes casada? - R. Cinco anos.
95. Pierre nos disse que seu irmão acreditava em relações criminosas entre vocês dois, isso é verdade? - R. Nenhuma relação criminosa existia entre Pierre e mim; não crede nisso.
96. Quanto tempo depois da morte de seu irmão Charles ele vos assassinou? - R. Dois anos depois.
97. Que motivo o impeliu? -R. Ciúme, e o desejo de ter o meu dinheiro.
98. Podeis relatar as circunstâncias do crime? - R. Ele me agarrou e me atingiu na cabeça, na sala de trabalho, com a sua faca de salsicheiro.
99. Como ocorreu que não foi perseguido? - Para quê! Tudo era desordem nesses tempos de infelicidade.
100. O ciúme de Charles tinha fundamento? - Sim, mas isso não podia autorizá-lo a semelhante crime, porque neste mundo nós somos todos pecadores.
101. Quantos anos estivestes casada depois da morte de Pierre? - R. Depois de três anos.
102. Podeis precisar a data da vossa morte? - Sim, no dia 3 de maio de 1610.
103. Que se pensou da morte de Pierre?- Fez-se crer em assassinos que queriam roubar.

Nota. -Qualquer que seja a autenticidade desses relatos, que parecem difíceis de controlar, há um fato notável, que é a precisão e a concordância das datas e de todos os acontecimentos; só esta circunstância é um curioso objeto de estudo, considerando-se que esses três Espíritos chamados em diversos intervalos não se contradizem em nada. O que pareceria confirmar suas palavras, é que o principal culpado nesse negócio, tendo sido evocado por um outro médium, deu respostas idênticas.

(Nona sessão.)

104. Evocação do senhor D... - Eis-.me.
105. Desejamos vos perguntar alguns detalhes sobre as circunstâncias de vossa morte; consentis em no-los dar? - R. De bom grado.
106. Sabíeis que a casa que habitáveis era assombrada por um Espírito? - R. Sim; mas eu

quis desafiá-lo e errei ao fazê-lo; teria feito melhor orando por ele.

Nota. Vê-se, por aí, que os meios que se empregam geralmente para se desembaraçar de Espíritos importunes não são os mais eficazes. As ameaças os excitam mais do que os amedrontam. A benevolência e a comiseração têm mais império que o emprego de meios coercitivos que os irritam, ou de fórmulas das quais se riam.

107. Como esse Espírito vos apareceu? - R. À minha entrada na minha casa, ele estava visível, e me olhava fixamente; não pude escapar; o medo se apoderou de mim, e eu devi expirar sob os olhos terríveis desse Espírito, que eu havia desprezado e para com o qual me mostrara tão pouco caridoso.

108. Não podíeis chamar para vos socorrer? - R. Impossível; minha hora chegara, e era assim que eu deveria morrer.

109. Qual aparência tinha? -R. De um furioso disposto a me devorar.

110. Sofrestes ao morrer? - R. Horrivelmente.

111. Morrestes subitamente? - R. Não, duas horas depois.

112. Que reflexões tínheis em vos sentindo morrer? -R. Eu não pude refletir; estava atingido por um terror inexprimível.

113. A aparição permaneceu visível até o fim? -R. Sim, ela não deixou um instante meu pobre Espírito.

114. Quando vosso Espírito se achou livre, vistes a causa da vossa morte?-R. Não, tudo tinha acabado; eu a compreendi mais tarde.

115. Podeis indicar a data da vossa morte? -R. Sim, no dia 9 de agosto de 1853. (A data precisa não pôde ainda ser verificada; mas ela é exata aproximativamente.)

Décima sessão. (Sociedade, 13 de janeiro de 1860.)

Quando esse Espírito foi evocado em 9 de dezembro, São Luís convidou a chamá-lo de novo em um mês, a fim de julgar sobre o progresso que fizera nesse intervalo. Já se pôde julgar, pelas comunicações do senhor e da senhora F... da mudança que se operou em suas idéias, graças à influência das preces e dos bons conselhos. Tendo decorrido mais de um mês, desde sua primeira evocação, foi chamado de novo na Sociedade em 13 de janeiro.

116. Evocação. - Estou aqui.

117. Lembrai-vos de ter sido chamado entre nós há mais ou menos um mês? - R. Como o esqueceria?

118. Por qu e não pudestes escrever então? - R. Eu não o queria.

119. Por que não o quedeis? - R. Ignorância e brutalidade.

120. Vossas idéias mudaram desde aquele momento? - R. Muito; vários dentre vós se compadeceram e oraram por mim.

121. Confirmais todas as informações que foram dadas tanto por vós como por vossas vítimas? - R. Eu não as confirmo, isto seria dizer que não fui eu que as dei, e fui bem eu.

122. Entrevedes o fim de vossas penas? - R. Oh! Não ainda; já é muito mais do que mereço saber, graças à vossa intercessão, que elas não durarão para sempre.

123. Quereis nos descrever a situação em que estáveis antes da nossa primeira evocação. Compreendeis que vos perguntamos isso para a nossa instrução, e não por um motivo de curiosidade. -R. Eu vos disse, não tinha consciência de nada no mundo do meu crime, e não podia deixar a casa onde o cometera, senão para me elevar no espaço onde tudo, ao redor de mim, era solidão e obscuridade; não saberia vos dar uma idéia do que é, nunca nada compreendi; desde que me elevava acima do ar, era noite, era vazio; eu não sei o que era. Hoje sinto muito mais remorsos, mas, como provam minhas comunicações, não estou mais constrangido a permanecer nessa casa fatal; é-me permitido errar na Terra, e procurar esclarecer-me pelas minhas observações; mas, então, não compreendo senão melhor a enormidade de meus crimes; e se sofro menos de um lado, minhas torturas aumentam de outro pelo remorso; mas, pelo menos, tenho a esperança.

124. Se devíeis retomar uma existência corpórea, a qual escolheríeis? - R. Não vi ainda bastante, e refleti bastante para sabê-lo.

125. Reencontrais vossas vítimas? - R. Oh! Que Deus me guarde disso!

Nota. Sempre foi dito que as visões das vítimas é um dos castigo dos culpados. Aquele ainda não as vira, porque estava no isolamento e nas trevas: era o castigo; mas ele teme essa visão, isto será talvez o complemento de seu suplício.

126. Durante vosso longo isolamento, e se pode dizer o vosso cativo, tivestes remorsos? - R. Nem o menor, e foi por isso que tanto sofri; foi somente quando comecei a prová-los, quando foram provocadas com o meu desconhecimento, as circunstâncias que conduziram à minha evocação, à qual devo o começo de minha libertação. Obrigado, pois, a vós que tivestes piedade de mim e me esclarecestes.

Nota. Esta evocação não foi o fato do acaso; como deveria ela ser útil a esse infeliz, os Espíritos que velam por ele, vendo que começava a compreender a enormidade de seus crimes, julgaram que o momento chegara para lhe dar um socorro eficaz, e foi então que prepararam as circunstâncias propícias. É um fato que vimos se produzir muitas vezes.

Pergunta-se a esse respeito, o que lhe teria advindo senão houvesse sido evocado, e o que ocorre com todos os Espíritos sofredores que não o podem ser, ou nos quais não se pensa. A isso é respondido que os caminhos de Deus, para a salvação de suas criaturas, são inumeráveis; a evocação pode ser um meio de assisti-los, mas certamente não é o único; e Deus não deixa ninguém no esquecimento. Aliás, as preces coletivas devem também ter, sobre os Espíritos acessíveis ao arrependimento, sua parte de influência.

Comunicações espontâneas - Estelle Riquier

Revista Espírita, fevereiro de 1860

(Sociedade, 13 de janeiro de 1860.)

O tédio, o desgosto, o desespero me devoram. Esposa culpada, mãe desnaturada, abandonei as santas alegrias da família, o domicílio conjugal embelezado pela presença de dois pequenos anjos descidos do céu. Arrastada nas sendas do vício por um egoísmo, um orgulho e um coquetismo desenfreados, mulher sem coração, conspirei contra o santo amor daquele que Deus e os homens lhe deram por sustentáculo, e por companheiro na vida; ele procurou na morte um refúgio contra o desespero que lhe haviam causado meu frouxo abandono e sua desonra.

O Cristo perdoou à mulher adúltera e à Madalena arrependida; a mulher adúltera havia amado, e Madalena estava arrependida; mas eu! Miserável, vendia a preço de ouro um semblante de amor que jamais senti; semeei a manchei as o prazer e não recolhi senão o desprezo. A hedionda miséria e a fome cruel vieram pôr termo a uma vida que se me tornara odiosa.... E não estou arrependida! e eu, miserável, infame, freqüentemente empreguei, ai de mim! com um fatal sucesso, minha infernal influência, como Espírito, para compelir ao vício pobres mulheres que eu via virtuosas e gozarem a felicidade que eu havia esmigalhado sob os pés. Deus nunca me perdoará? Talvez, se o desprezo que ela vos inspira não vos impedir de orar pela infeliz Estelle Riquier.

Nota. Tendo-se comunicado espontaneamente, sem ser chamado e sem ser conhecido de nenhum dos assistentes, a esse Espírito foram dirigidas as perguntas seguintes:

1. Em que época morrestes? - R. Há cinqüenta anos.
2. Que região habitáveis? - R. Paris.
3. A que classe da sociedade pertencia vosso marido? - R. À classe média.
4. Com que idade morrestes? - R. Trinta e dois anos.
5. Que motivos vos levaram a se comunicar espontaneamente conosco? -- R. Foi-me permitido para a vossa instrução e para exemplo.
6. Recebestes uma certa educação? - R. Sim.
7. Esperamos que Deus vos levará em conta a franqueza da vossa confissão e de vosso arrependimento. Nós pedimos para que estenda sua misericórdia sobre vós, e vos envie bons Espíritos para vos esclarecer sobre os meios de reparar vosso passado. - R. Oh! Obrigada! Obrigada! Que Deus vos ouça!

Nota. Várias pessoas nos informam que creram cumprir um dever orando pelos Espíritos sofredores que nós assinalamos e que reclamam assistência. Fazemos votos que esse caridoso pensamento se generalize entre os nossos leitores. Alguns receberam a visita espontânea de Espíritos pelos quais se interessaram, e que lhes vieram agradecer.

O tempo presente, por Chateaubriand

Revista Espírita, fevereiro de 1860

(Sociedade, 20 de janeiro de 1860.)

Sois guiados pelo verdadeiro Gênio do Cristianismo, eu vos disse; é porque o próprio Cristo preside aos trabalhos de toda natureza que estão em vias de cumprimento para abrir a era de renovação e de aperfeiçoamento que vos predizem os vossos guias espirituais. Se, com efeito, lançais os olhos, fora das manifestações espíritas, sobre os acontecimentos contemporâneos, reconheceréis, sem nenhuma hesitação, os sinais precursores que vos provarão, de maneira irrecusável, que os tempos preditos estão chegados. As comunicações se estabelecem entre todos os povos, as barreiras materiais são derrubadas; os obstáculos morais que se opõem à sua união, os preconceitos políticos e religiosos, se apagarão rapidamente, e o reino da fraternidade se estabelecerá, enfim, de maneira sólida e durável. Observai, desde hoje, os próprios soberanos, levados por mão invisível, tomarem - coisa desconhecida para vós - a iniciativa das reformas; e as reformas que partem do alto e espontaneamente são mais rápidas e mais duráveis do que aquelas que partem de baixo e são arrancadas pela força. Eu tinha, apesar dos preconceitos de infância e de educação, apesar do culto da lembrança, pressentido a época atual; com ela estou feliz, e estou mais feliz ainda por vir dizer-vos: Irmãos, coragem! Trabalhai por vós e pelo futuro dos vossos; sobretudo, trabalhai pelo vosso adiantamento pessoal, e gozareis, na vossa primeira existência, de uma felicidade da qual vos é bastante difícil fazer idéia, como a mim de vo-la fazer compreender.

CHATEAUBRIAND.

Os Sinos

Revista Espírita, fevereiro de 1860

(Obtida pelo senhor Pécheur, em 13 de janeiro de 1860.)

Podes dizer-me por que sempre gostei de ou vir o som dos sinos? é que a alma do homem, que pensa ou que sofre, procura sempre desligar-se, quando prova essa felicidade muda que desperta em nós as lembranças vagas de uma vida passada; é que esse som é uma tradução da palavra do Cristo que vibra no ar há dezoito séculos: é a voz da esperança. Quantos corações ela consolou! Quanta força deu à Humanidade crente! Essa voz divina assustou os grandes da época: dela tinham medo, porque a verdade que abafaram fazia-os tremer. O Cristo a mostrava a todos: mataram o Cristo, mas não a idéia; sua palavra sagrada fora compreendida; era imortal, e todavia quantas vezes a dúvida se insinuou em vossos corações! Quantas vezes o homem acusou Deus de ser injusto! Este exclamou: Meu Deus, o que, pois, eu fiz? A infelicidade me marcou em meu berço? Estou, pois, destinado a seguir este caminho que me dilacera o coração? Parece que uma fatalidade se prende aos meus passos; sinto que minhas forças me abandonam; vou suprimir esta vida.

Neste momento, Deus faz entrar em vosso coração um raio de esperança; mão amiga vos tira a venda do materialismo que cobre vossos olhos; uma voz do céu vos diz: Olha no horizonte este foco luminoso: é um fogo sagrado que emana de Deus; este brilho deve esclarecer o mundo e purificá-lo; deve fazer penetrar sua luz no coração do homem e expulsar dele as trevas que obscurecem seus olhos. Homens pretenderam vos dar a luz, e não produziram senão o nevoeiro que fez perder o caminho reto.

Vós, a quem Deus mostra a luz, não sejais cegos; é o Espiritismo que vos permite levantar um canto do véu que cobria vosso passado. Olhai agora o que fostes, e julgai-vos. Curvai a cabeça diante da justiça do Criador; agradecei por vos dar a coragem para continuarem a prova que escolhestes. O Cristo disse: aquele que se serviu da espada perecerá pela espada, esse pensamento, todo Espirita, encerra o mistério de vosso sofrimento. Que a esperança a bondade de Deus vos dê a coragem e a fé; escutai sempre esta voz que vibra em vossos corações; cabe-vos compreender, estudar com sabedoria, elevar vossa alma por pensamentos todos fraternais; que o rico estenda a mão àquele que sofre, porque a riqueza não lhe foi dada para seus gozos pessoais, mas para que seja dela o dispensador, e Deus lhe pedirá conta do uso que houver dela feito. A única riqueza que Deus reconhece são as vossas virtudes; é a única que levareis convosco em deixando este mundo. Deixai dizer estes pretensos sábios que vos tratam de loucos; amanhã, talvez, eles vos pedirão preces para eles, porque Deus os julgará.

Tua filha que te ama e que ora por ti.

Conselhos de família

Revista Espírita, fevereiro de 1860

Continuação. (Ver o nº de janeiro. - Lida na Sociedade em 20 de janeiro de 1860.)

Meus caros filhos, em minhas precedentes instruções vos aconselhei a calma e a coragem, e, todavia, não mas mostrastes o quanto o devíeis. Pensais que o lamento não acalma jamais a dor, que ele tende, ao contrário, a aumentá-la. Um bom conselho, uma boa palavra, um sorriso, mesmo um gesto, dão a força e a coragem. Uma lágrima enfraquece o coração em lugar de fortalecê-lo. Chorai, se o coração a isso vos impele, mas que isso seja antes no momento de solidão que em presença daqueles que têm necessidade de toda sua força e de toda sua energia, que uma lágrima ou um suspiro pode diminuir ou enfraquecer. Todos temos necessidade de encorajamentos, e nada é mais próprio para nos encorajar do que uma voz amiga, que um olhar benevolente, que uma palavra saída do coração. Quando vos aconselhei vos reunir, não foi para que unísseis vossas lágrimas e vossas amarguras, não foi para vos excitar à prece, que não prova senão uma boa intenção, mas bem para que unísseis vossos pensamentos, vossos *esforços* mútuos e coletivos; para que vos désseis mutuamente bons conselhos, e procurásseis em comum, não o meio de vos entristecer, mas a marcha a seguir para vencer os obstáculos que se apresentem diante de vós. Em vão o infeliz que não tem pão se lançará de joelhos para pedir a Deus, a substância que não lhe cairá do céu; mas que ele trabalhe, e por pouco que obtenha, lhe valerá mais que todas as suas preces. A prece mais agradável a Deus é o trabalho útil qualquer que seja. Eu o repito, a prece não prova senão uma boa intenção, um bom sentimento, mas não pode produzir senão um efeito moral, uma vez que é toda moral. Ela é excelente como uma consolação da alma, porque a alma que ora sinceramente encontra na prece um alívio de suas dores morais: fora desses efeitos e daqueles que decorrem da prece, como vos expliquei em outras instruções, não espereis nada, porque vos frustraríeis em vossa esperança.

Segui, pois, exatamente meus conselhos; não vos contenteis em pedir a Deus para vos ajudar, ajudai-vos vós mesmos, porque será assim que provareis a sinceridade de vossa prece. Seria muito cômodo, em verdade, que bastasse pedir uma coisa em suas preces para que ela fosse concedida! Seria o maior encorajamento à preguiça e à negligência das boas ações. Eu poderia, sobre este assunto me estender mais, mas isso seria muito para vós: vosso estado de adiantamento não o comporta mais ainda. Meditai sobre esta instrução, como sobre as precedentes, elas são de natureza a ocuparem por muito tempo os vossos espíritos, porque contêm, em germe, tudo o que vos será desvendado no futuro. Segui meus precedentes conselhos.

ALLAN KARDEC.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Terceiro Ano – 1860

Março

- [Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas](#)
- [Os Pré-Adamitas](#)
- [Um Médium curador. Srta. Desiree Godu](#)
- [Manifestações físicas espontâneas. O Padeiro de Dieppe](#)
- Estudos sobre o Espírito de pessoas vivas
 - [O doutor Vignal](#)
 - [Sra. Idermulhe](#)
- [Bibliografia - Siamora, a druidesa](#)
- Ditados espontâneos
 - [O Gênio das flores](#)
 - [Felicidade. \(Stael\)](#)
- [O Livro dos Espíritos - Aviso sobre a 2ª edição](#)
- [Aos leitores da Revista - Cartas não assinadas](#)

Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas

Revista Espírita, março de 1860

Sexta-feira, 27 de janeiro de 1859. (Sessão Geral.)

A ata da sessão de 20 de janeiro foi lida e aprovada.

Depósito de uma carta com pedido de admissão. Enviada para leitura, exame e relatório, para a próxima sessão particular.

Comunicações diversas. 1ª Carta do senhor Hinderson Mackienze, de Londres, membro da Sociedade real dos antiquários, que dá detalhes, do maior interesse, sobre o emprego de globos de cristal ou metálicos como meio de se obterem comunicações espíritas. É o de que faz uso, com a ajuda de um médium vidente especial, segundo o conselho de um de seus amigos que fez, a este respeito, há trinta e cinco anos, as experiências mais completas e mais concludentes. O médium vê, nesta espécie de espelho, as respostas escritas às perguntas propostas, e assim são obtidas comunicações muito desenvolvidas e tão rápidas que é, freqüentemente, difícil para o médium segui-las.

2ª Leitura de um artigo do *Siècle*, de 22 de janeiro de 1860, no qual se nota a passagem seguinte: "As mesas falam, giram e dançam muito tempo antes da existência desta seita americana que Pretende haver lhes dado nascimento. Esse baile das mesas já era célebre em Roma, nos primeiros séculos de nossa era, e eis como, no capítulo XXIII da *Apologética*, Tertuliano exprimia-se, falando dos médiuns de seu tempo: "Se é dado ao mágicos fazerem aparecer fantasmas, evocar as almas dos mortos, e forçar a boca de crianças a se tornarem oráculos; se esses charlatães imitam um grande número de milagres que parecem devidos aos círculos e às correntes que pessoas formam entre elas, se mandam sonhos, se fazem conjurações, se têm às suas ordens espíritos mentirosos e demônios em virtude dos quais, as mesas e as cadeiras que profetizam são um fato vulgar, etc."

Fez-se notar, a este respeito, que jamais os Espíritas modernos pretenderam descobrir nem inventar as manifestações; ao contrário, têm proclamado constantemente a antigüidade e a universalidade dos fenômenos espíritas, e essa própria antigüidade é um argumento em favor da Doutrina, em demonstrando que ela tem seu princípio na Natureza, e que não é o fato de uma combinação sistemática. Aqueles que pretendem opor-lhe tal circunstância, provam que dele falam sem conhecer-lhe a primeira palavra, de outro modo saberiam que o Espiritismo moderno se apoia sobre este fato incontestável que se encontra em todos os tempos e entre todos os povos.

Estudos. 1ª Pergunta sobre o fenômeno dos globos metálicos ou de cristal, como meio de se obterem comunicações. Foi respondido que: "A teoria deste fenômeno não pôde ainda ser explicada; que faltam, para compreendê-la, certos conhecimentos preliminares que nascerão deles mesmos e decorrerão de observações ulteriores. Ela será dada em tempo oportuno."

2ª Nova evocação de Urbain Grandier que confirma e completa certos fatos históricos, e dá, por outro lado, sobre o planeta Saturno, explicações que vem em apoio do que já se disse a esse respeito.

3ª Dois ditados espontâneos foram obtidos simultaneamente; o primeiro de Abeilard, pelo senhor Rose, o segundo de João, o batista, pelo senhor Colin.

Em seguida, pedindo-se a um dos Espíritos sofredores, que reclamaram o socorro de preces, consentir em se comunicar espontaneamente, um dos médiuns escreveu o que se segue: "Fossais ser benditos por consentirdes em orar para o ser imundo e inútil que chamastes, e que se mostra ainda tão vergonhosamente ligado às suas miseráveis riquezas. Recebei os sinceros agradecimentos do *Père Crépin*."

Sexta-feira 3 de fevereiro de 1860. (Sessão particular.)

A ata da sessão de 27 de janeiro é aprovada. Leitura da lista nominativa dos ouvintes que assistiram à última assembléia geral. Nenhum inconveniente foi assinalado em sua presença.

O senhor doutor Gotti, diretor do Instituto Homeopático de Genes (Piémont), foi admitido como membro correspondente.

Leitura de dois novos pedidos de admissão. - Remetidos à próxima sessão particular.

Comunicações diversas. –1ª O senhor Allan Kardec anuncia que uma senhora, de seus assinantes da província, vem de lhe remeter uma soma de *dez mil francos*, para ser utilizada em proveito do Espiritismo.

Essa pessoa tendo recebido uma herança com a qual não contava, quer fazê-la participar da Doutrina Espírita, à qual ela deve supremas consolações e estar esclarecida sobre as verdadeiras condições de felicidade nesta vida e na outra. "Vós me fizestes, diz ela em sua carta, compreender o Espiritismo mostrando-me o seu verdadeiro objetivo; só isso pôde triunfar sobre as dúvidas e as incertezas que eram, para mim, a fonte de inexprimíveis ansiedades. Eu andava na vida como ao acaso, maldizendo as pedras que encontrava sob meus passos; agora vejo claro ao redor de mim, e antes de mim; o horizonte alargou-se e caminho com certeza e confiança para o futuro, sem me inquietar com os espinhos semeados no meu caminho. Desejo que este fraco óbolo vos ajude a difundir, sobre os outros, a benfazeja luz que me tornou tão feliz. Empregai-a como entenderdes: eu não quero nem recibo nem controle; a única coisa que desejo, é que se guarde o mais estrito anonimato".

Eu respeitarei, acrescentou o senhor Allan Kardec, o véu de modéstia com o qual essa pessoa quer cobrir-se, e me esforçarei para responder às suas generosas intenções. Eu não creio poder melhor cumpri-las senão destinando, sobre esta soma, o que será necessário para a instalação da Sociedade em condições mais favoráveis a seus trabalhos.

Um membro lamentou que o anonimato guardado por essa pessoa não permita à Sociedade testemunhar-lhe diretamente a sua gratidão.

O senhor Allan Kardec respondeu que não tendo a doação nenhuma destinação especial determinada além do Espiritismo em geral, ele se encarrega deste cuidado em nome de todos os partidários sérios do Espiritismo. E insiste sobre a qualificação de *partidários sérios*, tendo

em vista que não se pode dar este nome àqueles que, não vendo no Espiritismo senão uma questão de fenômeno e de experiência, não podem compreender-lhe as altas conseqüências morais e ainda menos eles mesmos aproveitá-lo ou fazê-lo aproveitar aos outros.

2ª O presidente depositou sobre a escrivaninha uma carta lacrada remetida pelo senhor doutor Vignal, membro titular, e que não deverá ser aberta senão no fim de março próximo.

3ª O senhor Netz remete um número da *Illustration*, contendo o relato de um fato de aparição. Este fato será objeto de um exame especial.

Estudos. 1ª Observação a propósito dos efeitos de visão em certos corpos, tais como vidros, globos de cristal, bolas metálicas, etc., dos quais se trataram na última sessão. O senhor Allan Kardec pensa que é necessário cuidadosamente evitar o nome *de espelhos mágicos* dado vulgarmente a esses objetos; propõe chamá-los *espelhos psíquicos*. Na opinião de vários membros a assembléia pensa que a designação de *espelhos psicográficos* responderia melhor à natureza do fenômeno.

2ª Evocação do senhor doutor Vignal que se ofereceu para um estudo sobre o estado do Espírito das pessoas vivas. Ele respondeu com uma perfeita lucidez às perguntas que lhe foram dirigidas. Dois outros Espíritos, o de Castelnau e o do doutor Cauvière, se comunicaram ao mesmo tempo por um outro médium, de onde resultou uma troca de observações muito instrutivas. Os doutores terminaram cada um por um ditado que traz a marca das altas capacidades que se lhes conhecem. (Publicado adiante.)

3ª Dois outros ditados espontâneos foram obtidos: O primeiro de saint François, pela senhora Mallet, o segundo, pelo senhor Colin, assinado por Moisés, Platão, depois Julien.

Sexta-feira, 10 de fevereiro de 1860. (Sessão geral.)

A ata do dia 3 de fevereiro foi lida e aprovada.

Depósito de uma carta pedindo admissão. - Remetida à próxima sessão particular.

Leitura de comunicações obtidas na última sessão.

Comunicações diversas. - O senhor Soive transmitiu a nota seguinte e perguntou se acreditava útil fazer dela o motivo de uma evocação. "O chamado T..., com a idade de trinta e cinco anos, morando no boulevard do Hospital, era perseguido por uma idéia fixa, a de ter, involuntariamente, matado um de seus amigos numa rixa, apesar de tudo o que foi feito para disso dissuadi-lo, mostrando-lhe este amigo vivo, acreditava ter relações com a sua sombra. Atormentado por seus remorsos, por um crime imaginário, ele asfixiou-se."

Evocação do senhor T... será feita se tiver lugar.

Estudos. -1º Cinco ditados espontâneos são obtidos simultaneamente, o primeiro pelo senhor Roze, assinado Lamennais; o segundo pela senhorita Eugénie, assinado Staël; o terceiro pelo senhor Colin, assinado Fourier; o quarto pela senhorita Huet. deum Espírito que, disse ele, se dará a conhecer mais tarde e anuncia uma série de comunicações; o quinto pelo senhor Didier filho, assinado Charlei.

2º Depois da leitura do ditado de Fourier, o presidente fez observar, para inteligência das pessoas estranhas à Sociedade, e que podem não estar ao corrente de sua maneira de proceder, que esta comunicação lhe parece, à primeira vista, suscetível de alguns comentários; que entre os Espíritos que se manifestam, os há de todos os graus; que suas comunicações são reflexo de suas idéias pessoais, que podem não serem sempre justas; a Sociedade, segundo o conselho que lhe foi dado, recebe-as como a expressão de uma opinião individual, que se reserva julgar submetendo-a ao controle da lógica e da razão. É essencial que se saiba bem que ela não adota como verdade tudo o que vem dos Espíritos; pelas suas comunicações, o Espírito dá a conhecer o que ele é em bem ou em mal, em ciência ou em ignorância: é para ela um objeto de estudo; aceita o que é bom, e rejeita o que é mau.

3ª Evocação da senhorita Indermuhle, de Berna, surda-muda de nascença, com a idade de trinta e dois anos, e viva. Esta evocação oferece um grande interesse do ponto de vista moral e científico, pela sagacidade e precisão das respostas que denotam, nesta pessoa, um Espírito já avançado.

4ª Evocação do senhor T..., do qual se falou mais acima. Dá sinais de uma grande agitação, e quebra vários lápis antes de poder traçar algumas linhas apenas legíveis. A perturbação de suas idéias é evidente; persiste de início na crença que matou seu amigo, e acaba por convir que isso dele não era senão uma idéia fixa; mas acrescentou que se não matou, tivera a vontade disso, e que não foi senão a força que lhe faltou. - São Luís deu algumas explicações sobre o estado deste Espírito e as conseqüências, para ele, de seu suicídio.

Esta evocação será renovada mais tarde, quando o Espírito estiver mais desligado.

Sexta-feira, 17 de fevereiro de 1860. (Sessão particular.)

A ata da sessão de 10 de fevereiro foi lida e aprovada.

Foram admitidos como membros titulares, a seu pedido escrito, e depois da ata:

A senhora de Regnez, de Paris;

O senhor Indermuhle de Wytenbach, de Berna;

A senhora Lubrat, de Paris.

Leitura de dois novos pedidos de admissão. - Remetido à Próxima sessão particular.

O senhor Allan Kardec transmitiu à Sociedade as observações seguintes, a respeito da doação que lhe foi feita:

"Se, disse ele, a doadora não reclama, pelo que lhe concerne, nenhuma conta do emprego dos fundos, não lhe tenho menos, para minha própria satisfação, a que este emprego seja submetido a um controle. Esta soma formará o primeiro fundo de uma *Caixa especial*, que nada terá em comum com os meus negócios pessoais, e que será o objeto de uma contabilidade distinta sob o nome de *Caixa do Espiritismo*.

"Esta caixa será ulteriormente aumentada pelos fundos que lhe poderão chegar de outras

fontes, e exclusivamente destinados às necessidades da Doutrina e ao desenvolvimento dos estudos espíritas.

"Um dos meus primeiros cuidados será de uma *biblioteca especial*, e de prover, assim como disse, ao que falte materialmente à Sociedade para a regularidade de seus trabalhos.

"Pedi a vários de nossos colegas consentirem em aceitar o controle desta caixa, e de constatarem, em épocas que serão ulteriormente determinadas, o emprego útil destes fundos.

"Esta comissão está composta pelos senhores: Solichon, Thiry, Levent, Mialhe, Krafzoff, e a senhora Parisse."

Leitura de comunicações obtidas na última sessão.

A Sociedade se ocupou, em seguida, do exame de várias questões administrativas.

Os Pré-Adamitas

Revista Espírita, março de 1860

Uma carta que recebemos contém a seguinte passagem: "O ensinamento que vos foi dado pelos Espíritos repousa, com isto devo convir, sobre uma moral inteiramente conforme à do Cristo, e mesmo muito mais desenvolvida do que não o está no Evangelho, porque mostrais a aplicação daquilo que, muito freqüentemente, não se encontra senão em preceitos gerais. Quanto à questão da existência dos Espíritos e das suas relações com os homens, para mim ela não é objeto de nenhuma dúvida; dela estaria convencido pelo único testemunho dos Pais da Igreja, se não lhe tivesse a prova por minha própria experiência. Não levanto, pois, nenhuma objeção a este respeito; não ocorre o mesmo com certos pontos de sua Doutrina que, evidentemente, são contrários ao testemunho das *Escrituras*. Limitar-me-ei, por hoje, a uma única questão, a relativa ao primeiro homem. Dissestes que Adão não foi nem o primeiro e nem o único que povoou a Terra. Se assim fora, seria necessário admitir que a Bíblia é um erro, uma vez que o ponto de partida seria controvertido; vede um pouco a quais conseqüências isto nos conduz! Este pensamento, eu o confesso, lançou alguma perturbação em minhas idéias; mas como sou, antes de tudo, pela verdade, e porque a fé não pode negar estabelecendo-se sobre o erro, consenti, eu vos peço, dar-me a este respeito alguns esclarecimentos, se o vosso lazer vo-lo permitir; e se puderdes tranqüilizar a minha consciência, por isto vos serei muito reconhecido."

Resposta.

A questão do primeiro homem na pessoa de Adão, como única fonte da Humanidade, não é a única sobre a qual as crenças religiosas deveram se modificar.

O movimento da Terra, numa certa época, pareceu de tal modo oposto ao texto das *Escrituras*, que foi motivo de perseguições das quais essa teoria não foi o pretexto, e, todavia, vê-se que, Josué detendo o sol não pôde impedir a Terra de girar; ela gira apesar dos anátemas, e hoje ninguém poderia contestá-lo sem prejuízo de sua própria razão.

A Bíblia diz igualmente que o mundo foi criado em seis dias, e fixa-lhe a época em torno de 4 mil anos antes da era cristã. Antes disso, a Terra não existia, ela foi tirada do nada: o texto é formal; e eis que a ciência positiva, inexorável, vem provar o contrário. A formação do globo está escrita em caracteres imprescritíveis do mundo fóssil, e está provado que os seis dias da criação são igualmente de períodos cada um, talvez, de várias centenas de milhares de anos. Isto não é um sistema, uma doutrina, uma opinião isolada, é um fato tão constante quanto o movimento da Terra, e que a teologia não pode se recusar em admitir; também não mais senão nas pequenas escolas que se ensina que o mundo foi feito em seis vezes vinte e quatro horas, prova evidente do erro no qual se pode cair tomando ao pé da letra as expressões de uma linguagem, freqüentemente, figurada. A autoridade da Bíblia recebeu um insulto aos olhos dos teólogos? De nenhum modo, eles se renderam à evidência, e disto concluíram que o texto podia receber uma interpretação.

A ciência, folheando os arquivos da Terra, reconheceu a ordem na qual os diferentes seres vivos apareceram na superfície; a observação não deixa nenhuma dúvida sobre as espécies orgânicas que pertencem a cada período, e essa ordem está de acordo com aquela que está indicada no Gênese, com a diferença de que esta obra, em lugar de ter saído

miraculosamente das mãos de Deus em algumas horas, cumpriu-se, sempre por sua vontade, mas segundo a Lei das forças da Natureza, em alguns milhões de anos. Deus, por isso, é menos grande e menos poderoso? Sua obra é menos sublime por não ter o prestígio da instantaneidade? Evidentemente não; seria necessário fazer-se da Divindade uma idéia bem mesquinha por não reconhecer sua onipotência nas leis eternas que ela estabeleceu para reger os mundos.

A ciência, do mesmo modo que Moisés, coloca o homem em último na ordem da criação dos seres vivos; mas Moisés coloca o dilúvio universal no ano de 1654 do mundo, ao passo que a geologia nos mostra esse grande cataclismo anterior à aparição do homem, tendo em vista que, até este dia, não se encontrou nas camadas primitivas nenhum traço de sua presença, nem dos animais da mesma categoria no ponto de vista físico; mas nada prova que isto seja impossível; várias descobertas já lançaram dúvidas a esse respeito; portanto, pode ser que, de um momento para outro, adquira-se a certeza dessa anterioridade da raça humana. Resta a ver se o cataclismo geológico, cujos traços estão por toda a Terra, é o mesmo do dilúvio de Noé; ora, a lei da duração da formação das camadas fósseis não permite confundi-las, a primeira remontando talvez a cem mil anos. Do momento em que forem encontrados os traços da existência do homem antes da grande catástrofe, ficará provado, ou que Adão não foi o primeiro homem, ou que a sua criação se perde na noite dos tempos. Contra a evidência não há raciocínios possíveis; os teólogos deverão, pois, aceitar este fato como aceitaram o movimento da Terra e os seis períodos da criação.

A existência do homem antes do dilúvio geológico, é verdade, é ainda hipotética, mas eis o que o é menos. Admitindo que o homem apareceu pela primeira vez na Terra quatro mil anos antes de Cristo, se 1650 mais tarde toda a raça humana foi destruída com exceção de um único, disso resulta que o povoamento da Terra não data senão de Noé, quer dizer, de 2350 anos antes da nossa era. Ora, quando os Hebreus emigraram para o Egito, no décimo oitavo século, encontraram este país muito povoado e já muito avançado em civilização.

A história prova que, nessa época, as índias e outros países estavam igualmente florescentes. Seria necessário, pois, que do décimo quarto ao décimo oitavo século, quer dizer, no espaço de 600 anos, não somente a posteridade de um único homem pôde povoar todos os imensos continentes então conhecidos, supondo que os outros não o fossem, mas que, nesse curto intervalo, a espécie humana pôde se elevar da ignorância absoluta, do estado primitivo, ao mais alto grau do desenvolvimento intelectual, o que é contrário a todas as leis antropológicas. Tudo se explica, ao contrário, admitindo-se a anterioridade do homem, o dilúvio de Noé com a catástrofe parcial confundida com o cataclismo geológico, e Adão, que viveu há 6.000 anos, como tendo povoado um continente ainda inabitável. Ainda uma vez, nada poderia prevalecer contra a evidência dos fatos; por isso cremos prudente não se inscrever muito levemente em falso contra doutrinas que podem, cedo ou tarde, como tantas outras, pôr em erro aqueles que as combatem. As idéias religiosas, longe de perderem, se engrandecem caminhando com a ciência; é o meio de não dar ensejo ao ceticismo em demonstrando um lado vulnerável.

Que teria acontecido à religião se ela se obstinasse contra a evidência, e se persistisse em cunhar de anátema quem não aceitasse a letra das Escrituras, disso resultaria que não poderia ser católico sem crer no movimento do sol, nos seis dias, nos 6.000 anos da existência da Terra; contai, pois, o que restaria hoje de católicos. Proscreevi também aquele que não se prende à letra, à alegoria da árvore e de seu fruto, da costela de Adão, da serpente, etc? A religião será sempre forte quando ela marchar de acordo com a ciência, porque ela reunirá a parte esclarecida da população; é o único meio de dar um desmentido ao preconceito que a faz considerar, pelas pessoas superficiais, como a antagonista do progresso. Se jamais, e isso a Deus não praza, ela repelisse as evidências dos fatos,

hostilizaria os homens sérios, e provocaria o cisma, porque nada poderia prevalecer contra a evidência. Também a alta teologia, que conta com homens eminentes por seu saber, admite, sobre muitos pontos controversos, uma interpretação conforme a sã razão. Somente é deplorável que ela reserve suas interpretações para os privilegiados, e continue a fazer ensinar a letra nas escolas; resulta disso que esta letra, primeiro aceita pelas crianças é mais tarde rejeitada por elas quando chega a idade do raciocínio; nada tendo por compensação, rejeitam tudo e aumenta o número dos incrédulos absolutos. Não daí, ao contrário, à criança senão aquilo que sua razão possa admitir mais tarde, e sua razão, em se desenvolvendo, a fortalecerá nos princípios que lhe inculcaram. Assim falando, cremos servir aos verdadeiros interesses da religião; ela será sempre respeitada quando mostrada onde realmente está, e quando não fará consistir nas alegorias das quais o bom senso não pode admitir a realidade.

Um Médiuim curador

Revista Espírita, março de 1860

Senhorita Désirée Godu, de Hennebon (Morbihan.)

Rogamos aos nossos leitores consentirem em se reportarem ao nosso artigo, do mês último, sobre os *médiuims especiais*; compreender-se-á melhor as informações que vamos dar sobre a senhorita Désirée Godu, cuja faculdade oferece um caráter de especialidade dos mais notáveis. Há oito anos mais ou menos, ela passou sucessivamente por todas as fases da mediunidade; de início médiuim de efeitos físicos muito poderoso, tornou-se alternativamente médiuim vidente, audiente, falante, escrevente, e finalmente todas as faculdades se concentraram para a cura dos enfermos, que esta parecia ser a sua missão, missão que cumpre com devotamento e uma abnegação sem limites. Deixemos falar a testemunha ocular, o senhor Pierre, preceptor em Lorient, que nos transmitiu estes detalhes em resposta às perguntas que lhe dirigimos:

"A senhorita Désirée Godu, pessoa jovem de vinte e cinco anos, pertence a uma família muito honrada, respeitável e respeitada de Lorient; seu pai é um antigo militar, cavaleiro da Legião de honra, e sua mãe, mulher paciente e laboriosa, ajuda o melhor que pode sua filha em sua penosa, mas sublime missão. Eis quase seis anos que esta família patriarcal faz esmolas dos remédios prescritos e, freqüentemente, de tudo o que é necessário aos tratamentos, aos ricos como aos pobres que a ela se dirigem. Suas relações com os Espíritos começaram na época das mesas girantes; ela morava então em Lorient, e durante vários meses não se falava senão das maravilhas operadas pela senhorita Godu sobre as mesas, sempre complacentes e dóceis sob suas mãos. Era um favor o ser admitido em sua casa nas sessões da mesa, e ali não ia quem quisesse; simples e modesta, ela não procura se pôr em evidência; entretanto, como bem o pensais, a malignidade não a poupou.

"O próprio Cristo foi achincalhado, embora não fizesse senão o bem e não ensinasse senão o bem; deve-se admirar de se encontrar ainda Fariseus, então que há ainda homens que não crêem em nada? É a sorte de todos aqueles que mostram uma superioridade qualquer, de ser alvo dos ataques da mediocridade invejosa e ciumenta; nada lhe custa para tombar aquele que eleva sua cabeça acima do vulgo, nem mesmo o veneno da 'calúnia: o hipócrita desmascarado jamais perdoa. Mas Deus é justo, e quanto mais o homem de bem for maltratado, mais estrondosa será a sua reabilitação, e mais humilhante será a vergonha de seus inimigos: a posteridade o vingará.

"À espera de sua verdadeira missão que, diz-se, deve começar em dois anos, o Espírito que a guia lhe propôs a de curar todas as espécies de enfermidades, o que ela aceitou. Para se comunicar, ele se serve agora de seus órgãos, e freqüentemente, apesar dela, no lugar das batidas insípidas das mesas. Quando é o Espírito que fala, o som da voz não é mais o mesmo; os lábios não se movimentam.

"A senhorita Godu não recebeu senão uma instrução vulgar, mas o principal de sua educação não devia ser a obra de homens. Quando ela consentiu em tornar-se médiuim curadora, o Espírito procedeu metodicamente à sua instrução, sem que ela visse outra coisa senão mãos. Um misterioso personagem colocava-lhe sob os olhos livros, gravuras ou desenhos, e lhe explicava todo o organismo do corpo humano, as propriedades das plantas, os efeitos da

eletricidade, etc. Ela não é sonâmbula; ninguém a adormece; é toda desperta, e bem desperta, que penetra seus enfermos com o seu olhar; o Espírito indica-lhe os remédios que, o mais freqüentemente, ela mesma prepara e aplica, cuidando e tratando as feridas mais repugnantes com o devotamento de uma irmã de caridade. Começa-se por dar-lhe a composição de certos unguentos que curam em poucos dias os panarícios e feridas de pouca gravidade, e isso com o objetivo de habituá-la, pouco a pouco, sem muita repugnância, com todas as horríveis e repelentes misérias que deverão se exhibir sob seus olhos, e colocar a fineza e a delicadeza de seus sentidos às mais rudes provas. Que não se imagine nela encontrar um ser sofredor, débil e medíocre; ela goza *domens sana in corpore sano* em toda sua plenitude; longe de cuidar de seus doentes por intermediário, é ela quem mete a mão em tudo, e basta a tudo, graças à sua robusta constituição. Ela sabe inspirar, aos seus enfermos, uma confiança sem limites, e encontra em seu coração consolações para todas as dores, sob sua mão remédios para todos os males. Ela é um caráter naturalmente alegre e jovial. Pois bem! Sua alegria é contagiosa como a fé que a anima, e age instantaneamente sobre os doentes. Ali vi muitos saírem com os olhos cheios de lágrimas, doces lágrimas de admiração, de reconhecimento e de alegria. Todas as quintas-feiras, dia de feira, e no domingo depois da seis horas da manhã, até cinco ou seis horas da tarde, a casa não se esvazia. Para ela, trabalhar é orar, e cumpre isso conscientemente. Antes de tratar dos enfermos, passava dias inteiros confeccionando vestes para os pobres e enxovais para os recém-nascidos, empregando os mais engenhosos meios para tornar incógnitos seus presentes em sua destinação, de sorte que a mão esquerda ignorava sempre o que dava a mão direita. Ela possui um grande número de certificados autênticos entregues por eclesiásticos, autoridades e pessoas notáveis atestando cura que, em outros tempos, seriam olhadas como miraculosas."

Sabemos, por pessoas dignas de fé, que nada há de exagerado na narração que se acaba de ler, e estamos felizes em poder assinalar o digno emprego que a senhorita Godu faz da faculdade excepcional que lhe foi dada. Esperamos que estes elogios, que nos fazemos prazer em reproduzi-los no interesse na Humanidade, não alterarão nela sua modéstia, que dobra o preço do bem, e que ela não escutará as sugestões do Espírito do orgulho. O orgulho é o escolho de um grande número de médiuns, e vimos muitos deles cujas faculdades transcendentais foram aniquiladas ou pervertidas, desde que deram ouvido a esse demônio tentador. As melhores intenções não garantem de suas armadilhas, e é precisamente contra os bons que ele levanta suas baterias, porque se satisfaz em fazê-los sucumbirem, e mostrar que é o mais forte; ele se introduz no coração com tanto jeito que, freqüentemente, está em seu meio sem que disso se suspeite; o orgulho também é o último defeito confessado a si mesmo, semelhante a essas doenças mortais das quais se tem o gérmen latente, e sobre a gravidade das quais o doente se ilude até o último momento; por isso é tão difícil desarraigá-las. Desde que o médium goza de uma faculdade tanto seja pouco notável, ele é procurado, enaltecido, adulado; é para ele uma terrível pedra de toque, porque acaba por se crer indispensável se não for essencialmente simples e modesto. Infeliz dele sobretudo se se persuade não ter relações senão com bons Espíritos; custa-lhe reconhecer que foi iludido e, freqüentemente mesmo, escreve ou ouve sua própria condenação, sua própria censura, sem crer que isso se dirija a ele; ora, é precisamente essa cegueira que dá presa sobre ele; os Espíritos enganadores disso se aproveitam para fasciná-lo, dominá-lo, subjugá-lo cada vez mais, ao ponto de fazê-lo tomar por verdades as coisas mais falsas, e é assim que se perde nele o dom precioso que não recebera de Deus senão para se tornar útil aos seus semelhantes, porque os bons Espíritos se retiram sempre, de quem escuta de preferência os maus. Aquele que a Providência destina para ser posto em evidência, sê-lo-á pela força das coisas, e os Espíritos saberão tirá-lo da obscuridade, se isso for útil, ao passo que não há, freqüentemente, senão decepção para aquele atormentado pela necessidade de fazer falar de si. O que sabemos do caráter da senhorita Godu, nos dá a firme confiança de que ela está acima dessas pequenas fraquezas, e assim jamais comprometerá, como tantos outros, a nobre missão que recebeu.

Manifestações físicas espontâneas

Revista Espírita, março de 1860

O padeiro de Dieppe.

Os fenômenos pelos quais os Espíritos podem manifestar sua presença são de duas naturezas, que se designam pelos nomes de manifestações físicas e de manifestações inteligentes. Pelas primeiras, os Espíritos atestam sua ação sobre a matéria; pelas segundas, eles revelam um pensamento mais ou menos elevado, segundo o grau de sua depuração. Um e outras podem ser espontâneas ou provocadas. São provocadas quando são solicitadas pelo desejo, e obtidas com a ajuda de pessoas dotadas de uma aptidão especial, dito de outro modo, de médiuns. Elas são espontâneas quando ocorrem naturalmente, sem nenhuma participação da vontade e, freqüentemente, na ausência de todo conhecimento e mesmo de toda crença espírita. É a essa ordem que pertencem certos fenômenos que não podem se explicar pelas causas físicas ordinárias. Não é necessário, entretanto, como já dissemos, apressar-se em atribuir aos Espíritos tudo o que é insólito e tudo aquilo que não se compreende. Não poderíamos muito insistir sobre este ponto, a fim de colocar em guarda contra os efeitos da imaginação e, freqüentemente, do medo. Nós o repetimos, quando o fenômeno extraordinário se produz, o primeiro pensamento deve ser que há uma causa material, porque é a mais freqüente e mais provável, tais são sobretudo os ruídos, e mesmo certos movimentos de objetos. O que é necessário fazer, neste caso, é procurar a causa, e é mais que provável que se encontrará uma muito simples e muito vulgar. Dizemo-lo ainda, o verdadeiro, e por assim dizer o único sinal real de intervenção dos Espíritos, é o caráter intencional e inteligente do efeito produzido, então quando a impossibilidade de uma intervenção humana está perfeitamente demonstrada. Nessas condições, raciocinamos segundo este axioma de que todo efeito tem uma causa, e que todo efeito inteligente deve ter uma causa inteligente, torna-se evidente que se a causa não está nos agentes ordinários de efeitos materiais, está fora desses mesmos agentes; que se a inteligência que atua não é uma inteligência humana, é necessário que ela esteja fora da humanidade. • Há, pois, inteligências extra humanas? - Isto parece provável; secretas coisas não são, e não podem ser, a obra de homens, é preciso que elas sejam a obra de alguém; ora, se esse alguém não for um homem, parece-nos que é preciso, de toda necessidade, que esteja fora da humanidade; se não se o vê, é necessário que seja invisível. É um raciocínio tão peremptório e tão fácil de compreender como aquele do senhor de La Falisse. - Quais são então essas inteligências? São as dos anjos ou dos demônios? E como inteligências invisíveis podem agir sobre a matéria visível? -- É o que sabem perfeitamente, aqueles que aprofundaram a ciência espírita, ciência que não se aprende mais que as outras num piscar de olhos, e que não podemos resumir em algumas linhas. Aqueles que fazem tal pergunta, colocaremos somente esta: *Como vosso pensamento, que é imaterial, faz mover, à vontade, vosso corpo que é material?* Pensamos que não devem ficar embaraçados para resolverem este problema, e que, se rejeitam a explicação dada pelo Espiritismo desse fenômeno tão vulgar, é que terão uma outra tão mais lógica a opor-lhe; mas, até o presente, não a conhecemos.

Vejamos os fatos que motivaram estas observações.

Vários jornais, e entre outros o *Opinion Nationale*, de 14 de fevereiro último, e o *Journal de*

Rouende 12 do mesmo mês, narram o fato seguinte, segundo a *Vigie de Dieppe*. Eis o artigo ao *Journal de Rouen*:

"A *Vigie de Dieppe* contém a carta seguinte, que lhe endereçou seu correspondente de Grandes-Ventes. Já assinalamos, no nosso número de sexta-feira, uma parte dos fatos relatados hoje neste jornal; mas a emoção, excitada na comunidade por esses acontecimentos extraordinários, nos levou a dar os novos detalhes contidos nesta correspondência.

"Não riremos hoje de histórias, mais ou menos fantásticas, dos bons e velhos tempos, e de nossos dias. Os pretensos feiticeiros não estão precisamente em muito grande veneração. Não se crê mais nos Grandes-Ventes que alhures; mais, entretanto, nossos velhos preconceitos populares têm, ainda, alguns adeptos entre os bons camponeses, e a cena verdadeiramente extraordinária, que acabamos por testemunhar, é bem adequada para fortificar sua crença supersticiosa.

"Ontem de manhã, o senhor Goubert, um dos padeiros de nossa vila, seu pai, que lhe serve de obreiro, e um jovem aprendiz de dezesseis a dezessete anos, iam começar seu trabalho normal, quando perceberam que vários objetos deixavam espontaneamente o lugar que lhes estava designado para se lançarem no batedor de massas. Foi assim' que tiveram que separar, sucessivamente, a farinha que trabalhavam de vários pedaços de carvão, de dois pesos de diferentes volumes, de um cachimbo e de uma vela. Apesar de sua extrema surpresa, continuaram sua tarefa, e tinham chegado a enrolar o pão quando, de repente, um pedaço de pá de dois quilos, escapando das mãos do jovem padeiro, lançou-se a uma distância de vários metros. Isso foi ali o prelúdio e como o sinal da mais estranha desordem. Eram, então, em torno de nove horas e, até o meio dia, foi positivamente impossível permanecer no forno e na adega contígua. Tudo foi transtornado, tombado e quebrado; o pão, lançado no meio da sala de trabalho, com os tabuleiros que os sustentavam, entre os detritos de toda sorte, foi completamente perdido; mais de trinta garrafas cheias de vinho se quebraram sucessivamente, e, enquanto o molinete da cisterna virava sozinho com uma velocidade extrema; os braseiros, as pás, os cavaletes e os pesos saltavam no ar e executavam evoluções do mais diabólico efeito.

"Pelo meio dia, o alarido cessou pouco a pouco, e algumas horas depois, quando tudo entrou em ordem e os utensílios foram recolocados, o chefe da casa pôde retomar seus trabalhos habituais.

"Este bizarro acontecimento causou ao senhor Goubert uma perda de pelo menos 100 francos."

A este mesmo relato, o *Opinion nationale* acrescentou as reflexões seguintes:

"Seria injustiçar nossos leitores, reproduzindo esta peça singular, sem convidá-los a se pôr em guarda contra os fatos sobrenaturais que ela relata. Eis, sabemos perfeitamente, uma história que não é de nossa época, e que poderá escandalizar mais que um dos sábios leitores da *Vigie*; mas, por inverossímil que pareça, ela não é menos verdadeira, e cem pessoas poderiam, se necessário, certificar-lhe a exatidão."

Confessamos não compreender muito as reflexões do jornalista que parece contradizer-se; de um lado, ele disse aos seus leitores *pata se porem em guarda contra os fatos sobrenaturais que esta cana relata*, e termina dizendo que "por inverossímil que pareça essa história, ela

não é menos verdadeira, e que cem pessoas poderiam, se necessário, certifi-cá-la." De duas coisas uma, ou ela é verdadeira, ou ela é falsa; se ela for falsa, tudo está dito; mas se for verdadeira, como atesta o *Opinion nationale*, o fato revela uma coisa bastante grave para merecer ser tratada com um pouco menos de leviandade. Coloquemos de lado a questão dos Espíritos, e não vejamos nisso senão um fenômeno físico; ele não é bastante extraordinário para merecer a atenção de observadores sérios? Que °s sábios se ponham, pois, à obra e, folheando nos arquivos da ciência, deles nos dêem uma explicação racional, irrefutável, explicando todas as circunstâncias. Se não o podem, é necessário convir que não conhecem todos os segredos da Natureza; e se somente a ciência espírita dá esta solução, é preciso optar entre a teoria que explica e a que não explica nada.

Quando os fatos desta natureza são relatadas, nosso primeiro cuidado, antes mesmo de nos indagarmos sobre a sua realidade, é examinar se são ou não possíveis, segundo o que conhecemos da teoria das manifestações espíritas. Citamos alguns deles, dos quais demonstramos a impossibilidade absoluta, notadamente a história que relatamos no nosso número de fevereiro de 1859, segundo o *Journal dès Débats*, sob o título de *Meu amigo Hermann*, e à qual certos pontos da doutrina espírita poderiam dar uma aparência de probabilidade. Sob este ponto de vista, os fenômenos que se passaram na casa do padeiro, perto do Dieppe, nada têm de mais extraordinários que muitos outros que foram perfeitamente averiguados e dos quais a ciência espírita dá a solução completa. Portanto, aos nossos olhos, se o fato não for verdadeiro, ele é possível. Pedimos a um dos nossos correspondentes de Dieppe, em quem temos toda a confiança, consentir em indagar da realidade. Eis o que nos respondeu:

"Posso hoje dar-vos todas as informações que desejais, tendo me informado em boa fonte. A narração feita na *Vigie* é a exata verdade; inútil relatar-lhe todos os fatos. Parece que vários homens de ciência vieram de muito longe para tomarem conhecimento destes fatos extraordinários, que não poderão explicar se não têm nenhuma noção da ciência espírita. Quanto às pessoas de nossos campos, estão desorientadas; uns dizem: São feiticeiros; os outros: é porque o cemitério mudou de lugar e se construiu em cima; e os mais malignos, aqueles que passam entre os seus por tudo conhecerem, sobretudo se foram militares, acabam por dizer: Minha fé! Não sei como isso pode acontecer, inútil vos dizer que não falta, em tudo isso, uma larga parte ao diabo. Para fazer compreender as pessoas do povo, todos esses fenômenos, seria necessário empreender iniciá-los na ciência espírita verdadeira; seria o único meio de destruir, entre eles, a crença nos feiticeiros e todas as idéias supersticiosas que por muito tempo ainda, serão os maiores obstáculos à sua moralização."

Terminaremos por uma última nota.

Ouvimos pessoas dizerem que não queriam se ocupar de Espiritismo com medo de atraírem os Espíritos, e de provocarem manifestações do gênero daquelas que acabamos de relatar.

Não conhecemos o padeiro Goubert, mas cremos poder afirmar que nem ele, nem seu filho, nem seu ajudante jamais se ocuparam com os Espíritos. Há mesmo a se notar que as manifestações espontâneas se produzem, de preferência, entre as pessoas que não têm nenhuma idéia do Espiritismo, prova evidente de que os Espíritos vêm sem serem chamados; dizemos mais, é que o conhecimento *esclarecido* desta ciência é o melhor meio de se preservar dos Espíritos inoportunos, porque ela indica a *única* maneira racional de afastá-los.

Nosso correspondente está perfeitamente na verdade, dizendo que o Espiritismo é um remédio contra a superstição. Com efeito, não é uma idéia supersticiosa crer que esses fenômenos estranhos se devem à mudança do cemitério? A superstição não consiste na

crença de um fato, quando o fato é confirmado; mas na causa irracional atribuída a este fato. Ela está sobretudo na crença em pretensos meios de adivinhação, em efeitos de certas práticas, na virtude dos talismãs, nos dias e horas cabalísticos, etc., todas as coisas das quais o Espiritismo demonstra o absurdo e o ridículo.

Estudos sobre o Espírito de pessoas vivas

Revista Espírita, março de 1860

O Doutor Vignal.

O senhor doutor Vignal, membro titular da Sociedade, tendo se oferecido para servir num estudo sobre uma pessoa viva, como isto ocorreu com o senhor conde R..., ele foi evocado na sessão de 3 de fevereiro de 1860.

1. (A São Luís.) Podemos evocar o senhor doutor Vignal? - R. Sem nenhum perigo, uma vez que para isso ele está preparado.
2. Evocação. - R. Estou aqui; eu o afirmo em nome de Deus, o que não faria se respondesse por um outro.
3. Embora estejais vivo, julgas necessário que a evocação seja feita em nome de Deus? - R. Deus não existe para os vivos como para os mortos?
4. Vede-nos tão claramente como quando assistíeis em pessoa às nossas sessões? - R. Mas, antes mais claramente que menos.
5. Em que lugar estais aqui? - R. Naturalmente no lugar que a minha ação necessita: à direita e um pouco atrás do médium.
6. Para vir de Souilly até aqui, tivestes consciência do espaço e atravessastes; vistes o caminho que percorrestes? - R. Não mais que a viatura que me conduziu.
7. Poder-se-ia vos oferecer uma assento? - R. Sois muito bom; não estou tão fatigado quanto vós.
8. Como constatais a vossa individualidade aqui presente? - R. Como os outros.

Nota. Ele faz alusão àquilo que já foi dito em semelhante caso, a saber: que o Espírito constata sua individualidade por meio de seu perispírito, que é para ele a representação de seu corpo.

9. Entretanto, vos estimulamos de nos dar, vós mesmo, a explicação. - R. É uma repetição que me pedis.
10. Uma vez que não quereis repetir o que foi dito, é porque pensais do mesmo modo? - R. Mas está bem claro.

11. Assim, vosso perispírito é para vós uma espécie de corpo circunscrito e limitado? - R. É pueril; isto vai sem dizer.
12. Podeis ver o vosso corpo dormindo? - R. Não daqui; vi-o deixando-o; deu-me vontade de rir.
13. Como a relação está estabelecida entre o vosso corpo, que está em Souilly, e o vosso Espírito que está aqui? - R. Como vos disse, por um cordão fluídico.
14. Quereis nos descrever, o melhor possível, a fim de nos fazer compreender a maneira pela qual vos vedes, abstração feita de vosso corpo? - R. É muito fácil; vejo-me como durante a vigília, ou antes, a comparação será mais justa, como se vê a si mesmo em sonho; tenho meu corpo, mas tenho consciência que ele está organizado de outro modo e é mais leve do que o outro; não sinto o peso, a força atrativa que me prende à terra durante a vigília; em uma palavra, como vos disse, não me sinto fatigado.
15. A luz vos parece com a mesma cor que no estado normal? - R. Não; ela é aumentada de uma luz que não é acessível aos vossos sentidos grosseiros; entretanto, não infirais disso que a sensação que as cores produzem sobre o nervo ótico seja diferente para mim: o que é vermelho é vermelho, e assim por diante; somente os objetos que eu não veria, no estado de vigília, na obscuridade, são luminosos, por si mesmos, e são perceptíveis para mim. Assim é que a obscuridade não existe *absolutamente* para o Espírito, se bem que ela possa estabelecer uma diferença entre o que, para vós, é claro e o que não o é.
16. Vossa visão é indefinida, ou limitada ao objeto sobre o qual levais vossa atenção? - R. Não é nem uma e nem outra. Eu não sei absolutamente o que ela pode provar de modificações para o Espírito inteiramente liberto; mas, para mim, sei que os objetos materiais são perceptíveis em seu interior; que minha visão os atravessa; entretanto, não poderia ver por toda parte ou ao longe.
17. Queríeis vos prestar para uma pequena experiência de prova que não é motivada pela curiosidade, mas pelo desejo de nos instruímos? - R. De modo nenhum; isso me é expressamente proibido.
18. Sois capaz de ler a pergunta que acabam de me passar, e respondê-la sem que eu tenha necessidade de articulá-la? - R. Eu o poderia, mas, repito-o, isto me está proibido.
19. Como tendes consciência da proibição que vos é feita? - R. Pela comunicação do pensamento do Espírito que mo proíbe.
20. Pois bem! Eis esta pergunta. Vedes num espelho? - R. Não. Que vedes num espelho? O reflexo de um objeto material e não posso produzir o reflexo senão com a ajuda da operação que me torna o perispírito tangível.
21. Assim um Espírito que se encontrasse nas condições de um agênera, por exemplo, poderia ver-se num espelho? - R. Certamente.
22. Poderíeis, neste momento, julgar quanto à saúde ou à enfermidade de uma pessoa tão judiciosamente como no vosso estado normal? - R. Mais judiciosamente.

23. Poderíeis dar-nos uma consulta se alguém vos pedisse uma? - R. Eu o poderia, mas não quero fazer concorrência com os sonâmbulos e os Espíritos benfazejos que os guiam. Quando estiver morto, eu não digo.

24. O estado em que estais agora é idêntico àquele em que estareis quando morrerdes? - R. Não; terei certas percepções muito mais precisas; não olvideis que, AINDA, estou ligado à matéria.

25. Vosso corpo poderia morrer, enquanto estais aqui, sem que disso suspeitásseis? - R. Não; morre-se como isso todos os dias.

26. Isto se concebe para uma morte natural, sempre precedida de alguns sintomas; mas suponhamos que alguém vos fira e vos mate instantaneamente, como o saberíeis? - R. Eu estaria pronto para receber o golpe antes que o braço abaixasse.

27. Que necessidade haveria em que vosso Espírito retornasse para o vosso corpo, uma vez que nele nada mais teria a fazer? - R. É uma lei muito sábia, sem a qual, uma vez saído, hesitar-se-ia, freqüentemente, tão bem nele reentrar que disso se faria um pretexto para se suicidar... hipocritamente.

28. Suponhamos que vosso Espírito não estivesse aqui, mas em vossa casa, a passear, enquanto o corpo dorme, deveríeis ver tudo o que ali se passa? - R. Sim.

29. Neste caso, suponhamos que se cometa uma ação má qualquer, da parte de algum dos vossos ou de um estranho, serieis, Pois, disso testemunha? - R. Sem dúvida, mas nem *sempre* livre Para a isto me opor; todavia, isto ocorre mais freqüentemente do que supondes.

30. Que impressão a visão dessa má ação vos faria; estaríeis tão afetado como se dela fósseis testemunha ocular? - R. Algumas vezes mais, algumas vezes menos, segundo as circunstâncias.

31. Sentiríeis o desejo de vos vingar? - R. Vingiar-me, não; impedir, sim.

Nota. Resulta do que acaba de ser dito e, de resto, é a conseqüência do que já sabemos, que o Espírito de uma pessoa que dorme sabe perfeitamente o que se passa ao seu redor; e aquele que quisesse se aproveitar de seu sono para cometer uma ação má, em seu prejuízo, engana-se quando crê que não é visto. Não deveria mesmo sempre contar com o esquecimento que acompanha o sonho, porque a pessoa pode dele guardar uma intuição, algumas vezes bastante forte, para inspirar-lhe suposições. Os sonhos de pressentimentos não são outra coisa senão uma lembrança mais precisa do que se viu. Está ainda aí uma das conseqüências morais do Espiritismo; dando a convicção deste fenômeno, pode ser um freio para muitas pessoas. Eis um fato que vem em apoio a esta verdade. Uma pessoa recebe um dia uma carta sem assinatura e muito descortês; ela escavaria inutilmente a cabeça para descobrir-lhe o autor. É necessário crer que durante a noite aprende o que desejaria saber, porque no dia seguinte, no seu despertar, e sem que tivesse um sonho, seu pensamento cai sobre alguém que ela não havia suposto, e depois de verificação, adquire a certeza de que não estava enganada.

32. Voltemos às vossas sensações e às vossas percepções. Por onde vedes? - R. Por todo o meu ser.

33. Percebeis os sons e por onde? - R. É a mesma coisa; uma vez que a percepção é transmitida ao Espírito enclausurado por seus órgãos imperfeitos, deve estar claro para vós que sente, quando está livre, numerosas percepções que vos escapam.

34. (Bate-se sobre uma campainha) Ouvis perfeitamente este som? - R. Mais do que vós.

35. Se vos fizesse ouvir uma música discordante, nisto sentiríeis uma sensação semelhante à que sentiríeis no estado de vigília? - R. Eu não disse que as sensações eram análogas; há uma diferença; mas há percepção muito mais completa.

36. Percebeis os odores? - R. Sem dúvida; sempre do mesmo modo.

Nota. Poder-se-ia dizer, segundo isto, que a matéria que envolve o Espírito é uma espécie de abafador que amortece a acuidade da percepção. O Espírito liberto, recebendo esta percepção sem intermediário, pode apanhar nuances que escapam àquele que a ela chega passando por um meio mais denso que o perispírito. Concebe-se, desde então, que os Espíritos sofredores possam ter dores que, por não serem físicas, do nosso ponto de vista, são mais pungentes que as dores corpóreas, e que os Espíritos felizes têm gozos dos quais as nossas sensações não podem dar-nos uma idéia.

37. Se tivésseis, diante dos vossos olhos iguarias apetitosas, sentiríeis o desejo de comê-las? - R. O desejo seria uma distração.

38. Suponhamos que, neste momento, enquanto o vosso Espírito está aqui, vosso corpo tenha fome, que efeito a visão dessas iguarias produziria sobre vós? - R. Isto me faria partir para satisfazer uma necessidade irresistível.

39. Poderíeis nos dar a compreender o que se passa em vós quando deixais vosso corpo para vir aqui, ou quando nos deixais para reentrar em vosso corpo? Como percebeis que estais aqui? - R. Isto ser-me-ia bem difícil; nele entro como dele saio, sem disto me aperceber, ou, dizendo melhor, sem me dar conta da maneira como se opera este fenômeno. Todavia, não credes que quando o Espírito entra no corpo, esteja enclausurado como no seu quarto; ele irradia sem cessar ao seu redor, de tal sorte que, pode-se dizer, está frequentemente mais fora do que dentro; somente a união é mais íntima, e os laços são mais cerrados.

40. Vedes outros Espíritos? - R. Aqueles que querem bem que eu veja.

41. Como os vedes? - R. Como eu mesmo.

42. Vede-os aqui ao vosso redor? - R. Em multidão.

43. Evocação de Charles Dupont (Espírito de Castelnaudary). - R. Venho ao vosso chamado.

44. (Ao mesmo.) Estais mais tranqüilo hoje que da última vez que vos chamamos? - R. Sim; eu progrido no bem.

45. Compreendeis agora que as vossas penas não durarão para sempre? - R. Sim.

46. Entrevedes o fim de vossas penas? - R. Não; Deus, para minha punição, não me permite

ver esse fim.

47. (Ao senhor Vignal.) Vedes o Espírito que acaba de nos responder? - R. Sim; ele não é belo.

48. Quereis descrevê-lo? - R. Eu o vejo como o vi, com a diferença que não há nem sangue e nem punhal, e que a sua fisionomia respira antes de tristeza quede embrutecimento feroz que apresentava em sua primeira aparição.

49. Desperto, tendes conhecimento do retrato que foi feito deste Espírito? - R. Sim, e de mais estou informado.

50. Como reconheceis, vendo um Espírito, se o seu corpo está morto ou vivo? - R. Pelo seu cordão fluídico.

51. Como julgais o moral deste? - R. Seu moral deve ser bem triste; mas ele se aprimora.

52. (A Charles Dupont.) Ouvistes o que se disse de vós; isto teve vos encorajar para perseverar no caminho do progresso, onde errastes? - R. Obrigado; é o que eu trato de fazer.

53. Vedes o Espírito do doutor com o qual conversamos? - R. Sim.

54. Como o vedes? - R. Eu o vejo com um envoltório menos transparente que dos outros Espíritos.

55. Como julgais que ele ainda está vivo? - R. Os Espíritos comuns são sem forma aparente; este tem como uma forma humana; ele está envolvido por uma matéria semelhante a uma nuvem que repete sua forma humana terrestre; o Espírito dos mortos não tem este envoltório: dele está desligado.

56. (Ao senhor Vignal). Se evocássemos um louco, o reconheceríeis e como? - R. Eu não reconheceria se sua loucura fosse recente, porque não teria tido nenhuma ação sobre o Espírito; mas se está alienado há muito tempo, a matéria exerceria uma certa influência sobre ele, isto, pois, lhe daria alguns sinais que lhe serviriam para reconhecê-lo como durante a vigília.

57. Podeis nos descrever as causas da loucura? - R. Não é outra coisa senão uma alteração, uma perversão de órgãos que não recebem mais as impressões de um modo regular, e transmitem sensações falsas, e por isso mesmo executam atos diametralmente opostos à vontade do Espírito.

Nota. Ocorre, freqüentemente, que certas pessoas, cujo Espírito é perfeitamente são, têm nos membros ou em outras partes do corpo, movimentos involuntários independentes de sua vontade, como, por exemplo, aqueles que são designados sob o nome de *fiques nervosos*. Compreende-se que se a alteração, em lugar de estar no braço ou nos músculos da face, estiver no cérebro, a emissão de idéias sofreria com isto; a impossibilidade de dirigir ou de dominar esta emissão constitui a loucura.

58. Depois da última resposta do senhor Vignal, o médium que serviu de intérprete a Charles Dupont, escreveu espontaneamente: Reconhecem-se esses Espíritos (o dos loucos) em sua

chegada entre nós, naquilo que eles giram em todos os sentidos sem terem uma idéia fixa nem de Deus, nem de preces; é lhes preciso tempo para poderem se fixar.

Assinado CAUVIÈRE.

Ninguém tendo pensado em chamar esse Espírito, o senhor Belliol perguntou se seria o do doutor Cauvière, de Marselha, do qual fora outrora aluno. - R. Sim, sou eu, morto há um ano e meio.

Nota. O senhor Belliol reconhece a assinatura como a do doutor Cauvière; mais tarde pôde-se compará-la a uma assinatura original, e constatar à perfeita semelhança da escrita e da rubrica.

59. (Ao senhor Cauvière.) O que foi que nos proporcionou a vantagem da vossa visita inesperada? - R. Não é a primeira vez que venho entre vós; hoje, achei uma ocasião favorável para comunicar-me, e aproveitei-a.

60. Vedes vosso colega, o doutor Vignal, que está aqui em Espírito? - R. Sim, eu o vejo.

61. Como reconheceis que ele está ainda vivo? - R. Pelo seu envoltório menos transparente que o nosso.

62. Esta resposta concorda com as que Charles Dupont acaba de nos dar, e que nos pareceu ultrapassar o nível de sua inteligência; fostes vós que lha ditastes? - R. Eu bem que poderia influenciá-lo, uma vez que lá estava.

63. Em que estado estais como Espírito? - R. Não estou ainda reencarnado, mas sou um Espírito avançado, e entretanto, estava longe, na Terra, de crer naquilo que chamais o Espiritualismo; foi necessário que eu fizesse a minha educação aqui onde estou; mas minha inteligência aperfeiçoada pelo estudo aí chegou imediatamente.

64. Nós vamos, se consentirdes, dirigir-vos uma pergunta preparada pelo senhor Vignal, e pedimos consentir em respondê-las, cada um de vosso lado com a ajuda de vossos intérpretes particulares. Como encarais agora a diferença entre o espírito dos animais e o do homem? - R. Do senhor Vignal. Não me é muito mais fácil de fazê-lo do que no estado de vigília; meu pensamento atual é de que o animal dorme, está entorpecido moralmente, e que no homem, em seu início, ele desperta penosamente.

R. Do senhor Cauvière. - Ó Espírito do homem está chamado a uma maior perfeição que o dos animais; a diferença neles é sensível pela razão de que, entre estes últimos, não existe ainda senão o estado de instinto; mais tarde, esse instinto pode-se aperfeiçoar.

65. Pode aperfeiçoar-se ao ponto de se tornar um Espírito humano? - R. Ele o pode, mas depois de passar por muitas existências animais, seja no nosso planeta terrestre, seja em outros.

66. Quereis ser bastante bons, um e outro, para nos ditarem, cada um de vosso lado, uma pequena alocução espontânea sobre assunto à vossa escolha.

Ditado do Sr. Cauvière.

Meus bons amigos, eu estou tão feliz em poder conversar um pouco convosco que quero vos dar um conselho, não a vós particularmente que sois crentes, mas àqueles cuja fé ainda é vacilante, ou que não a têm ainda e a repelem. Que não posso ver aqui todos os meus colegas vivos, que não creram em mim, é verdade; entretanto, eu lhes diria que quando vivo, repeli com veemência a verdade, embora eu a sentisse no fundo de meu coração. A maioria dentre eles fazem como eu: por um falso amor-próprio, não Querem convir no que às vezes sentem; erram, porque a indecisão fez sofrer na Terra, sobretudo no momento de deixá-la. Instruí-vos, Pois; sede de boa fé, sereis assim mais felizes em vossa vida bem como no mundo onde estou agora. Se quiserdes, virei, algumas vezes, conversar convosco.

CAUVIÈRE.

Ditado do Sr. Vignal.

Por que a astronomia, e que nos importa o tempo que gastará uma bala de canhão para percorrer a distância que existe entre a Terra e o Sol? Assim raciocinam pessoas honestas que não vêem outro resultado, nas ciências, senão a aplicação que dela podem fazer à indústria ou ao seu bem-estar; mas sem a astronomia, qual razão teríeis para adotar antes o admirável sistema que nos foi desenvolvido, que tal ou tal outro posto em dia ao nosso redor por Espíritos ignorantes ou ciumentos?

Se a Terra fosse, como se acreditou por muito tempo, o ponto central do Universo; se os numerosos sóis que povoam o espaço não fossem senão pontos brilhantes fixos numa abóbada de cristal, qual razão teríamos para admitir o passado e o futuro do Espírito? A astronomia, ao contrário, vem nos demonstrar que a vida planetária que circula ao redor de nosso sol, é refletida ao redor de todos aqueles que compõem a nebulosa da qual o nosso mundo faz parte; que todos esses planetas estão organizados de maneira diferentes uns dos outros, e que, conseqüentemente, as condições de vida neles não são as mesmas. Sois então conduzidos a vos perguntarem, se Deus criou instantaneamente e para cada corpo, o Espírito que deve animá-lo, por qual razão não teria achado justo de criá-lo aqui antes que ali, antes na Terra que num outro mundo, e antes numa condição que numa outra.

Uma lógica inflexível vos conduz, pois, a admitir como a expressão da maior verdade, a habitabilidade dos mundos, a preexistência das almas e a reencarnação.

A astronomia é, pois, útil, uma vez que vos coloca em condições de receberem o esboço de sublimes verdades que se desenvolverão, para vós, em conseqüência do progresso que o Espiritismo terá, e a própria ciência; porque, com a ajuda da indústria, ela está chamada a vos fazer descobrir muitas outras maravilhas que aquelas que apenas podeis entrever: doravante a astronomia e a teologia são irmãs e vão caminhar de mãos dadas.

VIGNAL, por Arago.

Senhorita Indermuhle.

SURDA-MUDA DE NASCENÇA, IDADE DE TRINTA E DOIS ANOS, VIVA, MORANDO EM BERNA.

(Sessão de 10 de fevereiro de 1860.)

1. (A São Luís.) Podemos entrar em comunicação com o Espírito da senhorita Indermuhle? - R. Vós o podeis.
2. Evocação. - R. Estou aqui, e o afirmo em nome de Deus.
3. (A São Luís.) Quereis nos dizer se o Espírito que respondeu foi mesmo o da senhorita Indermuhle? - R. Posso afirmá-lo e vos afirmo; mas sois mais avançadas que ela, e crede que, se for útil que um outro responda em seu lugar, isso seja embaraçador? A afirmação vos prova que ela está aqui; cabe a vós assegurar-vos uma boa comunicação pela natureza e o móvel das vossas perguntas.
3. Sabeis bem onde estais neste momento? - R. Perfeitamente; credes que disso não fui instruída?
4. Como ocorre que possais nos responder aqui, enquanto o vosso corpo está na Suíça? - R. Porque não é meu corpo que vos responde; de resto, ele está perfeitamente incapaz, vós o sabeis.
5. Que faz o vosso corpo neste momento? - R. Ele dorme.
6. Ele está com boa saúde? - R. Excelente.

Nota. O irmão da senhorita Indermuhle, que está presente, confirma que com efeito ela está com boa saúde.

7. Quanto tempo gastastes para vir da Suíça até aqui? - R. Um tempo inapreciável para vós.
8. Vistes o caminho que percorrestes para vir aqui? - R. Não.
9. Estais surpresa por vos encontrardes nesta reunião? - R. Minha primeira resposta vos prova que não.
10. O que ocorreria se o vosso corpo viesse a despertar enquanto nos falais? - R. Ali eu estaria.
11. Há entre o vosso Espírito, que está aqui, e o vosso corpo que está lá embaixo, um laço qualquer? - R. Sim, sem isto quem me advertiria que devo nele reentrar?
12. Vede-nos bem distintamente? - R. Sim, perfeitamente.
13. Compreendeis que podeis nos ver, e que nós não podemos vos ver? - R. Mas sem dúvida.
14. Ouvis o ruído que faço neste momento batendo? R-Eu não sou surda aqui.
15. Como disso vos dais conta, uma vez que não tendes, para comparação, a lembrança do ruído no estado de vigília? - R. *Eu não nasci ontem.*

Nota. A lembrança da sensação do ruído vinha-lhe de existências onde ela não era surda.

Esta resposta é perfeitamente lógica.

16. Ouvis a música com prazer? - R. Com tanto mais prazer como isto há muito tempo não me ocorre; cantai-me, pois, alguma coisa.

17. Lamentamos não poder fazê-lo neste momento, e que não haja aqui um instrumento para vos proporcionar este *prazer*; mas nos parece que vosso Espírito, libertando-se todos os dias durante o sono, deveis transportai-vos para lugares onde possais ouvir a música? - R. Isto me acontece bastante raramente.

18. Como podeis nos responder em francês, uma vez que estais na Alemanha, e que não sabeis a nossa língua? - R. O pensamento não tem língua; eu o comunico ao guia do médium, que o traduz na língua que lhe é familiar.

19. Qual é esse guia do qual falais? - R. Seu Espírito familiar; é sempre assim que recebeis as comunicações de Espíritos estranhos, e é assim que os Espíritos falam todas as línguas.

Nota. - Deste modo as respostas não nos chegam, freqüentemente, senão de terceira mão; o Espírito interrogado transmite o pensamento ao Espírito familiar, este ao médium, e o médium o traduz pela escrita ou pela palavra; ora, o médium, podendo estar assistido por Espíritos mais ou menos bons, isto explica como, em muitas circunstâncias, o pensamento do Espírito interrogado pode ser alterado; também São Luís disse, em começando, que a presença do Espírito evocado não basta sempre para assegurar a integridade das respostas. Cabe-nos apreciá-las, e julgar se são lógicas e em relação com a natureza do Espírito. De resto, segundo a senhorita Indermuhle, esta tripla fileira não ocorreria senão para os Espíritos estrangeiros.

20. Qual é a causa da enfermidade que vos afeta? - R. Uma causa voluntária.

21. Por qual singularidade vossos seis irmãos e irmãs sofrem da mesma enfermidade? - R. Pelas mesmas causas que eu.

22. Assim, foi voluntariamente que todos vós escolhestes essa prova; pensamos que esta reunião, numa mesma família, deveria ter ocorrido tendo em vista uma prova para os parentes; esta razão é boa? - R. Ela aproxima da verdade.

23. Vedes aqui o vosso irmão? - R. Bela pergunta!

24. Estais contente por vê-lo? - A mesma resposta.

Nota. Sabe-se que os Espíritos não gostam de repetir; nossa linguagem é tão lenta para eles que evitam tudo o que lhes pareça inútil. Está aí um ponto que caracteriza os Espíritos sérios; os Espíritos levianos, zombeteiros, obsessores e pseudo-sábios, freqüentemente, são verbosos e prolixos; como os homens que carecem de fundo, eles falam para nada dizerem; as palavras tomam o lugar dos pensamentos, e crêem imporem-se por frases redundantes e um estilo pedante.

25. Quereis dizer-lhe alguma coisa? - R. Peço-lhe receber a expressão dos meus sinceros agradecimentos pelo bom pensamento que teve ao me chamar aqui onde me encontro, muito feliz, em contato com os bons Espíritos, se bem que, entretanto, vejo alguns que não valem

muito; com eles ganharei em instrução, e não esquecerei o que lhes devo.

Bibliografia - Siamora, a druidesa

Revista Espírita, março de 1860

OU O ESPIRITUALISMO NO DÉCIMO QUINTO SÉCULO (1-(1) Um vol. in-18, preço 2 fr.; Vannier, livreiro-editor, rua Notre-Dame-des Victoires, n° 52. - 1860.).

Por Clément de la Chave.

As idéias espíritas formigam num grande número de escritores antigos e modernos, e mais de um autor contemporâneo ficariam admirados em se lhe provando, por seus próprios escritos, que eles são Espíritas sem o saberem. O Espiritismo, pois, pode encontrar argumentos em seus próprios adversários, que parecem ter sido compelidos, com seu desconhecimento, a fornecer-lhe as armas. Os autores sacros e profanos apresentam, assim, um campo onde não há somente a respigar, mas também a colher a mancheias; é o que nos propomos fazer algum dia e, então, veremos se os críticos julgam oportuno de enviar ao manicômio aqueles que incensaram, e cujos nomes conseguiram autoridade nas letras, nas artes, nas ciências, na filosofia ou na teologia. O autor do pequeno livro que anunciamos não é daqueles que se pode dizer Espíritas sem o saberem; é, ao contrário, um adepto sério e esclarecido, que se apraz em resumir as verdades fundamentais da Doutrina em uma ordem menos árida do que a forma didática, e tendo o atrativo de uma romance semi-histórico; aí encontramos, com efeito, o delfim que foi mais tarde Luís XI, e alguns personagens de seu tempo, com a pintura dos costumes da época. Siamora, última descendente das antigas druidesas, conservou as tradições do culto dos seus ancestrais, mas iluminadas pelas verdades do Cristianismo. Vimos, num artigo da *Revista*, do mês de abril de 1858, a que grau os sacerdotes da Gália chegaram no que concerne à filosofia espírita; não há, pois, nenhuma contradição colocando-se essas mesmas idéias na boca de seus descendentes; ao contrário, é pôr em evidência uma verdade muito pouco conhecida, e sob esse aspecto tem bem o mérito dos Espíritas modernos. Pode ser julgado pelas citações seguintes. Edda, jovem noviça, no momento de êxtase, dirigindo-se à Siamora, assim se exprime:

"Sob a forma de meu bom anjo, de meu Espírito familiar, um Espírito me apareceu; ele se ofereceu para guiar-me nas visões penosas deste mundo. Os homens, disse-me, não são maus senão porque desconhecaram sua natureza espiritual; porque rejeitaram esse agente sutil, esse fluxo divino que Deus havia espalhado para a felicidade dos homens na criação, e que os fazia iguais e irmãos. Então, os homens curavam, porque apelavam para esse agente sutil da criação, e dele retiravam um poderoso recurso....."

"É na hora da morte que cada homem me aparece! Oh tristeza! Oh desgosto! Que amargo desespero! Cessaram de amar, esses seres perversos. Siamora, cada homem, em morrendo, leva virtudes e vícios. Levianos, ou carregados de faltas, sua alma se eleva mais ou menos, porque ele guardou pouco ou muito do agente sutil, o amor, esta substância de Deus que, segundo as afinidades, atrai a ela as substâncias semelhantes e repele aquelas que procedem de um princípio contrário.

"A alma do homem mau permanece errante neste mundo, soprando em todos a sua essência empestada. Ela tem a alegria do mal e o orgulho do vício. Nós a chamamos *demônio*; no céu tem o nome de *irmão extraviado*. - Mas de todos os corações piedosos, Siamora, um doce vapor se eleva e, apesar dela, a alma-demônio vem a ser por eles saturado; ela se

retempera, e despoja em parte sua corrupção... Então, começa a perceber a idéia de Deus, o que no estado de alma não podia fazer. Assim como a alma leva consigo a imagem exata, mas toda espiritual, de seu corpo, do mesmo modo ela junta com outra cheia de seus vícios e de suas manchas, e a alma assim embrutecida não pode ver.

"Nesse mundo invisível acima do nosso, Siamora, onde, com esforço, pouco a pouco me elevo, nuvens brilhantes limitam minha visão; milhares de almas, Espíritos celestes, nele entram e dele saem; assim, flocos nevosos baixos, elevados, extraviados, correm, levados pelo ímpeto caprichoso dos ventos. Em sua essência espiritual, descem entre nós os anjos, dizendo a um palavras de paz, insinuando ao coração do outro a divina crença; inspirando este na procura da ciência; soprando àquele o instinto do bem e do belo; porque foi tocado pelo dedo de Deus, aquele que, em sua arte, nela colocou o gosto das nobres e grandes coisas. Todo homem tem sua Egéria, seu conselho, seu amante; ela a todos lançou a corda da salvação; cabe a nós agarrá-la.....

"E esse homem mau, antes, essa alma-demônio, cujos olhos ao contato com o ar puro, começaram a se abrir, vai chorando seu crime e pedindo sofrer para expiá-lo. Só, e privado de recursos, que fará?

"Um anjo de caridade se aproxima: *Irmão desviado*, disse-lhe, entra comigo na vida: lá está o inferno, lá é o lugar de sofrimentos, onde cada um de nós se regenera; vem, eu te sustentarei: tratemos de fazer um pouco de bem, a fim de que para ti a balança do bem e do mal acabe por pender do bom lado.

"É assim, Siamora, que ele chega, para todos os homens, no momento de morrer. Eu os vejo mais ou menos se elevarem nos céus, reentrar na vida, sofrer de novo, depurar-se, morrer ainda, e subir, sem cessar, mais alto nos espaços celestes; eles não atingem ainda o céu do Deus único, mas longas peregrinações através de outros mundos, bem mais maravilhosos e mais aperfeiçoados que este, chegarão, à força de depurá-los, a lhes fazer possuí-lo."

Ditados espontâneos - O Gênio das flores

Revista Espírita, março de 1860

(Sessão de 23 dezembro de 1859. Médiun, senhora de Boyer.)

Eu sou Hettani, um dos Espíritos que presidem à formação das flores, e à diversidade de seus perfumes; sou eu, ou antes, somos nós, porque somos vários milhares de Espíritos, somos nós que ornamos os campos, os jardins; que damos ao horticultor o gosto das flores; não poderíamos ensinar-lhe a mutilação que algumas vezes fá-las sofrer; mas nós lhe ensinamos a variar seus perfumes, a embelezar suas formas já graciosas. Entretanto, é sobretudo sobre as flores naturalmente eclodidas que se coloca toda a nossa atenção; àquelas nós prodigalizamos ainda mais cuidados; são nossas preferidas; como tudo o que é só tem mais necessidade de ajuda, eis porque nós as cuidamos melhor.

Estamos assim encarregados de esparramar os perfumes; somos nós que levamos ao exilado uma lembrança de seu país, fazendo entrar em sua prisão um perfume das flores que ornaram o jardim paterno. Àquele que ama, que ama realmente, levamos o perfume das flores destinadas à sua noiva; àquele que chora, uma lembrança daqueles que morreram, fazendo desabrochar, sobre a sua tumba, as rosas e as violetas que lembram as virtudes.

Quem de vós não nos deu doces emoções? Quem não estremeceu ao contato de um perfume amado? Estais admirado, penso, em nos ouvir dizer que há Espíritos para tudo isso, e todavia é muito verdadeiro. Jamais estivemos encarnados, e não estaremos, talvez, jamais entre vós; entretanto, há os que já foram homens, mas poucos entre os Espíritos dos elementos. Nossa missão, na vossa Terra, não é nada; progredimos como vós, mas é nesses planetas superiores, sobretudo, que somos felizes; em Júpiter, nossas flores soltam sons melodiosos e nós fazemos moradas aéreas, das quais só os ninhos de colibris podem vos dar uma fraca idéia. Eu vos farei a primeira vez a descrição de algumas dessas flores, magníficas, não, mas sublimes e dignas dos Espíritos elevados aos quais servem de moradas.

Adeus; que um perfume de caridade vos ilumine; as próprias virtudes têm seu perfume.

PERGUNTAS SOBRE O GÊNIO DAS FLORES.

(Sociedade, 30 de dezembro de 1859. Médiun, Sr. Roze.)

1. (A São Luís.) Tivemos outro dia uma comunicação espontânea de um Espírito que disse presidir às flores e aos seus perfumes; há realmente Espíritos que podem ser considerados os gênios das flores? - R. Esta expressão é poética e bem aplicada ao assunto; mas, propriamente falando, ela seria defeituosa. Não deveis duvidar que o Espírito não preside, para toda a criação, ao trabalho que Deus lhe confia; assim é que é necessário entender esta comunicação.

2. Este Espírito é chamado *Hettano*; como ocorre que ele não tenha um nome e que jamais

encarnou? - R. É uma ficção. O Espírito não preside, de um modo particular, à formação das flores; o Espírito elementar, antes de passar para a série animal, dirige a ação fluídica na criação do vegetal; este não está ainda encarnado; mas não age senão sob a direção de inteligências mais elevadas, tendo já vivido bastante para adquirir a ciência necessária à sua missão. Foi um destes que se comunicou; ele vos fez uma mistura poética da ação das duas classes de Espíritos que agem na criação vegetal.

3. Este Espírito não tendo vivido ainda, mesmo na vida animal, como ocorre que seja tão poético? - R. Relede.

Nota. - Vede a nota feita mais acima junto da questão 24, página 90.

4. Assim o Espírito que se comunicou não é o que habita e anima a flor? - R. Não, não; eu vos disse bem claramente: ele guia.

5. Este Espírito que nos falou foi encarnado? - R. Foi.

6. O Espírito que dá a vida às plantas e às flores, tem um pensamento, a inteligência de seu eu? - R. Nenhum pensamento, nenhum instinto.

Felicidade

Revista Espírita, março de 1860

(Sociedade, 10 de fevereiro de 1860. Médiun, senhorita Eugénie.)

Qual é o objetivo de cada indivíduo na Terra? Ele quer a felicidade a qualquer preço que seja. É o que faz com que todos nós sigamos um caminho diferente? É que cada um nós espera encontrá-lo num lugar ou numa coisa que lhe agrade particularmente: uns procuram a glória, outros as riquezas, outros as honras; o maior número corre atrás da fortuna, porque, em nossos dias, é o meio mais poderoso para chegar a tudo; ele serve de pedestal para tudo. Mas quantos vêem essa necessidade de felicidade realizada? Bem poucos; e perguntai a cada um daqueles que chegam se atingiram o objetivo a que se tinham proposto: se são felizes? Todos respondem: ainda não; porque todos os desejos aumentam na razão que sejam satisfeitos. Se hoje há tantas pessoas que querem se interessar pelo Espiritismo, é que depois de ver que tudo é quimera, e querendo pelo menos chegar, tentam o Espiritismo como tentaram a riqueza e a glória.

Se Deus colocou nos corações esta necessidade tão grande de felicidade, é que esta deve existir em alguma parte. Sim, tende confiança nele, mas sabeis que tudo o que Deus promete deve ser divino como ele, e que a felicidade que procurais não pode ser material.

Vinde a nós, vós todos que sofreis; vinde a nós, todos vós que tendes necessidade de esperança, porque quando tudo na Terra vos faltar, enfraquecer, nós aqui, teremos mais do que as vossas necessidades pedirem. Mães desesperadas, que vos lamentais sobre uma tumba, vinde aqui: O anjo que chorais vos falará, vos protegerá, vos inspirará a resignação para as penas que tendes sofrido na Terra. Todos vós que tendes a necessidade insaciável da ciência, dirigi-vos a nós, só nós podemos dar ao vosso Espírito o alimento de que ele necessita. Vinde, saberemos encontrar para cada ferida uma doçura, e por desamparados que vos pareçam, há Espíritos que vos amam e que estão prontos para vo-lo provar. Eu falo em nome de todos. Desejo ver virem nos pedir conselhos, porque estou segura que vós, com isto, tereis a esperança no coração.

STAEL.

Nota. - Um instante depois, o Espírito escreveu de novo, espontaneamente:

O sorriso vem mais de uma vez aos lábios de certos ouvintes, e se escapa ao médiun, não escapa aos Espíritos; mas não tendes medo; são aqueles que mais riem que crêem mais depois, e nós vos perdoamos, porque um dia podereis vos arrepender de vossa ironia. Estou segura que se, junto de cada um de vós, senhoras, viesse um ser perdido e que amastes vos lembrar uma recordação, mudaríeis o vosso sorriso de uma incredulidade em um suspiro, e serieis ou felizes ou ansiosas. Sede tranquilas, vosso dia virá, e sereis tocadas pelo coração, porque é a vossa corda mais sensível: eu a conheço.

STAEL.

O Livro dos Espíritos - Aviso sobre a 2ª edição

Revista Espírita, março de 1860

EM VENDA: O LIVRO DOS ESPÍRITOS.

Segunda edição

INTEIRAMENTE REFUNDIDA E CONSIDERAVELMENTE AUMENTADA.

Aviso sobre esta nova edição.

Na primeira edição desta obra, anunciamos uma parte suplementar. Ela deveria se compor de todas as perguntas que não encontraram ali lugar, onde as circunstâncias ulteriores e novos estudos deveriam dar nascimento; mas como são todas elas relativas, há algumas das partes já tratadas e das quais são o desenvolvimento, sua publicação isolada não apresentaria nenhuma continuidade. Preferimos esperar a reimpressão do livro para fundir todo o conjunto, e nisto aproveitamos para dar, na distribuição das matérias, uma ordem muito mais metódica, ao mesmo tempo que podamos tudo o que tinha duplo emprego. Esta reimpressão pode, pois, ser considerada como uma obra nova, embora os princípios não hajam sofrido nenhuma mudança, com um número muito pequeno de exceções, que são antes complementos e esclarecimentos que verdadeiras modificações. Esta conformidade nos princípios emitidos, apesar da diversidade das fontes onde os haurimos, é um fato importante para o estabelecimento da ciência espírita. Nossa correspondência nos prova mesmo que comunicações em todos os pontos idênticas, se não pela forma ao menos pelo fundo, foram obtidas em diferentes localidades, e isso bem antes da publicação do nosso livro, que veio confirmá-las e dar-lhes um corpo regular. A história, de seu lado, atesta que a maioria destes princípios foram professados por homens eminentes de tempos antigos e modernos, e vem trazer-lhe sua sanção.

Aos leitores da *Revista* - Cartas não assinadas

Revista Espírita, março de 1860

Recebemos, algumas vezes, cartas trazendo por única subscrição: *um de vossos assinantes, um de vossos leitores, um de vossos adeptos.* etc., sem outra designação. Essa cartas contêm, na maioria, relatos de fatos, de comunicações espíritas, ou de questões às quais nos pedem responder, ou ainda o pedido de evocar certas pessoas. Cremos dever prevenir nossos leitores, assinantes ou não, de que toda carta não autêntica, é para nós não advinda e não temos por ela nenhuma consideração. Nos nossos comentários usamos de uma grande reserva, quanto à publicação de nomes próprios, porque compreendemos a necessidade de certas posições, e é por isso que não nomeamos senão aqueles que para isso nos autorizam; mas não poderia ser o mesmo com respeito as comunicações que nos fazem: tudo o que não estiver assinado é colocado no lixo, sem mesmo ser lido, porque os nossos trabalhos são múltiplos demais para podermos ocupar-nos daquilo que não tem um caráter sério.

ALLAN KARDEC

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Terceiro Ano – 1860

Abril

- [Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas](#)
- [Considerações sobre o objetivo e o caráter da Sociedade](#)
- [Formação da Terra - Teoria da incrustação planetária](#)
- [Cartas do doutor Mortiéry sobre a Srta. Desirée Godu](#)
- Variedades
 - [O Fabricante de São Petersburgo](#)
 - [Aparição tangível](#)
- Ditados Espontâneos
 - [O Anjo das Crianças](#)
 - [Conselhos](#)
 - [A ostentação](#)
 - [Amor e Liberdade](#)
 - [A imortalidade](#)
 - [Parábola](#)
 - [O Espiritismo](#)
 - [Filosofia](#)
 - [Comunicações lidas na Sociedade](#)
 - [A Consciência](#)
 - [A Morada dos Eleitos](#)
 - [O Espírito e o julgamento](#)
 - [O Incrédulo](#)
 - [O Sobrenatural](#)

Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas

Revista Espírita, abril de 1860

Sexta-feira, 24 de fevereiro de 1860. (Sessão geral.)

Comunicações diversas. 1ª Carta de Dieppe que confirma, em lodosos pontos, os fatos de manifestações espontâneas, que ocorreram na casa de um padeiro da vila de Grandes-Ventes, perto de Dieppe, e narradas por *la Vigie*. (Publicado no número de março.)

2ª Carta do senhor M..., de Teil d'Ardèche, que dá novas informações sobre os fatos passados no castelo de Fons, perto de Aubenas.

3ª Carta do senhor barão Tscherkassoff, que dá detalhes circunstanciais e autênticos, sobre um fato muito extraordinário de manifestações espontâneas por um Espírito perturbador, acontecido no começo deste século, na casa de um fabricante de São Petersburgo. (Publicada adiante.)

4ª Narração de um fato de aparição tangível, tendo todas as características de um agêner, acontecido em 15 de janeiro último, no município de Brix, perto de Valognes. Esse fato foi transmitido ao senhor Ledoyen por uma pessoa do seu conhecimento e que lhe certificou a exatidão. (Publicada adiante.)

5ª Leitura de uma tradição muçulmana, sobre o profeta Esdras, extraída do *Monitor*, de 15 de fevereiro de 1860, e que repousa sobre um fato de faculdade medianímica.

Estudos. 1^{fi} Ditado espontâneo de Charlei, obtido pelo senhor Didier filho, e dando seqüência ao trabalho começado.

2ª Evocação do senhor Jules-LouisC..., morto em 30 de janeiro último, no hospital Val-de-Grâce, em consequência de um câncer que lhe destruíra parte da face e do maxilar. Essa evocação foi feita segundo o desejo de um de seus amigos presente à sessão, e de uma pessoa de sua família; ela é, sobretudo, instrutiva do ponto de vista de modificação das idéias depois da morte, em virtude de que, quando vivo, o senhor C... professava com ardor o materialismo.

3º São Luís foi instado a dizer se poderia chamar o Espírito que se manifestou na casa do padeiro de Dieppe. Ela respondeu que isso não era possível, por razões que seriam conhecidas mais tarde.

Sexta-feira, 2 de março de 1860. (Sessão particular.)

Exame e discussão de várias questões administrativas.

Estudo e apreciação de várias comunicações Espíritas obtidas quer na Sociedade, quer fora de suas sessões.

São Luís, instado a consentirem dar um ditado espontâneo, escreveu o que se segue, por intermédio da senhorita Huet: "Eis-me, meus amigos, pronto para vos dar os meus conselhos, como o tenho feito até hoje. Desconfiai dos maus Espíritos que poderiam se insinuar entre vós, e procurar semear a desunião. Infelizmente, aqueles que querem se tornar úteis a uma obra, encontram sempre obstáculos; aqui não está a pessoa generosa que os encontra, mas o encarregado de executar os desejos que ela manifeste. Não vos amedronteis; triunfareis de todos os obstáculos pela paciência, um cuidado firme contra as vontades que querem impor. Quanto às diversas comunicações que se me atribuem, freqüentemente, é um outro Espírito que toma o meu nome; eu me comunico pouco fora da Sociedade, que tomei sob meu patrocínio; gosto desses lugares de reunião que me são principalmente consagrados; é só aqui que gosto de dar os meus avisos e conselhos; desconfiai também de Espíritos que, freqüentemente, se servem de meu nome. Que a paz e a união estejam entre vós! Em nome de Deus todo-poderoso que criou o bem, eu o desejo.

SÃO LUÍS.

Um membro fez este apontamento; Como um Espírito inferior pode usurpar o nome de um Espírito superior sem o consentimento deste último? Não pode ser senão com má intenção, e, então, porque os bons Espíritos o permitem? Se a isso não podem se opor, são, pois, menos poderosos que os maus?

A isso ele respondeu: Há alguma coisa mais poderosa do que os bons Espíritos: é Deus. Deus pode permitir aos maus Espíritos se manifestarem para ajudá-los a se melhorarem e, por outro lado, para provar a nossa paciência, a nossa fé, a nossa confiança, a nossa firmeza em resistir à tentação, e, sobretudo, para exercitar a nossa perspicácia em distinguir o verdadeiro do falso. Depende de nós afastá-los, por nossa vontade, em lhes provando que não somos seus patetas; se tomam império sobre nós, não é senão pela nossa fraqueza; é o orgulho, o ciúme, e todas as más paixões dos homens que fazem sua força e se lhes expõe. Sabemos, por experiência, que cessam suas obsessões quando vêem que não conseguem nos cansar; cabe a nós, pois, mostrar-lhes que perdem seu tempo. Se Deus quer nos provar, não está no poder de nenhum Espírito a isso se opor. A obsessão dos Espíritos enganadores ou malevolentes, pois, não é o resultado nem de seu poder, nem da fraqueza dos bons, mas de uma vontade que lhes é superior a todos; quanto mais a luta for grande, mais mérito teremos saindo dela vencedores.

Sexta-feira, 9 de março de 1860 (Sessão particular.)

Leitura do projeto de modificações a serem introduzidas no regulamento da Sociedade.

A esse respeito, o senhor Allan Kardec apresentou as observações seguintes:

Considerações sobre o objetivo e o caráter da Sociedade.

"Senhores,

"Algumas pessoas parecem estar equivocadas sobre o verdadeiro objetivo e sobre o caráter da Sociedade; permiti-me lembrá-los em poucas palavras.

"O objetivo da Sociedade está nitidamente definido em seu título e no preâmbulo do regulamento atual; este objetivo é essencialmente, e pode-se dizer exclusivamente, o estudo da ciência Espírita; o que queremos, antes de tudo, não é convencer-nos, pois já o somos, mas instruir-nos e aprendermos o que não sabemos. Queremos, para esse fim, colocar-nos nas condições mais favoráveis; exigindo, esses estudos, a calma e o recolhimento, queremos evitar tudo o que seria uma causa de perturbação. Tal é a consideração que deve prevalecer na apreciação das medidas que adotaremos.

"Partindo desse princípio, a Sociedade não se coloca, de modo algum, como uma Sociedade de propaganda. Sem dúvida, cada um de nós deseja a difusão de idéias que creê justas e úteis; contribui no círculo de suas relações e na medida de suas forças, mas seria falso crer que, para isso, seja necessário estar reunido em sociedade, e mais falso ainda crer que a Sociedade seja uma coluna sem a qual o Espiritismo estaria em perigo. Estando regularmente constituída, nossa Sociedade, por isso mesmo, procede com mais ordem e método do que se caminhasse ao acaso; mas, à parte isso, ela não é mais preponderante que as milhares de sociedades livres ou reuniões particulares, que existem na França e no exterior. O que ela quer, ainda uma vez, é instruir-se; eis porque não admite, em seu seio, senão pessoas sérias e animadas pelo mesmo desejo, porque o antagonismo de princípios é uma causa de perturbação; eu falo de um antagonismo sistemático sobre as bases fundamentais, porque ela não poderia, sem se contradizer, afastar a discussão sobre os fatos do detalhe. Se adotou certos princípios gerais, não o foi por um estreito espírito de exclusivismo; ela viu tudo, estudou tudo, comparou tudo, e só foi depois disso que se formou uma opinião, baseada na experiência e no raciocínio; só o futuro pode encarregar-se de dar-lhe erro ou razão; mas, à espera disso, não procura nenhuma supremacia e não há senão aqueles que não a conhecem que podem supor-lhe a ridícula pretensão de absorver todos os partidários do Espiritismo ou de colocar-se como reguladora universal. Se ela não existisse, cada um de nós se instruiria de seu lado, e, em lugar de uma única reunião, formaríamos talvez dez ou vinte, eis toda a diferença. Não impomos as nossas idéias a ninguém; aqueles que as adotam é porque as acham justas; aqueles que vêm a nós é porque pensam e acham ocasião para aprenderem, mas não o é como *filiação*, porque não formamos nem *seita*, nem *partido*; estamos reunidos para o estudo do Espiritismo, como outros para o estudo da frenologia, da história ou de outras ciências; e como as nossas reuniões não repousam em nenhum interesse material, pouco nos importaria que se formassem outras ao nosso lado. Isso seria, em verdade, supor-nos idéias bem mesquinhas, bem estreitas, bem pueris, crer que as veríamos com olhos de ciúme, e aqueles que pensassem criássemos *rivalidades* mostrariam, por isso mesmo, o quão pouco compreendem o verdadeiro espírito da Doutrina; não nos lamentamos senão de uma coisa, de que nos conheçam tão mal para nos crerem acessíveis ao ignóbil sentimento do ciúme. Que empresas mercenárias rivais, que podem se prejudicar com a concorrência, se olhem com mau olhar, isso se concebe; mas se essas reuniões não têm, como isso deve ser, em vista senão um interesse moral, se com ele não misturam nenhuma consideração *mercantil*, eu o pergunto, em que podem elas se prejudicarem pela multiplicidade? Dir-se-á, sem dúvida, que se não há interesse material, há o do amor-próprio, o desejo de destruir o crédito moral do vizinho; mas esse móvel seria mais ignóbil ainda; se assim o fora, que a Deus não praza, não haveria senão que lamentar aqueles que estivessem movidos por semelhantes pensamentos. Quer preponderar mais que o vizinho? Que se trate de fazer melhor do que ele; aí está uma luta nobre e digna, se ela não for deslustrada pela inveja e pelo ciúme.

"Eis, pois, Senhores, um ponto que é essencial não perder de vista, é que não formamos nem seita, nem uma sociedade de propaganda, nem uma corporação tendo um interessa comum;

que, se deixássemos de existir, com isso o Espiritismo não sofreria nenhum prejuízo, e que de nossos restos vinte outras sociedades se formariam; portanto, aqueles que procurassem destruir-nos com o objetivo de entravar o progresso das idéias Espíritas com isso não ganhariam nada; porque é necessário que eles saibam bem que as raízes do Espiritismo não estão na nossa sociedade, mas no mundo inteiro. Há alguma coisa mais poderosa que eles, mais influente que toda a sociedade, é a doutrina que vai ao coração e à razão daqueles que a compreendem; e, sobretudo, daqueles que a praticam.

"Esses princípios, Senhores, nos indicam o verdadeiro caráter do nosso regulamento, que nada tem de comum com os estatutos de uma corporação; nenhum contrato nos liga uns aos outros; fora das nossas sessões não temos outra obrigação, a respeito de uns e de outros, que nos comportar como pessoas bem elevadas. Aqueles que não encontrarem, nessas reuniões, o que esperavam aí encontrar, têm toda a liberdade de se retirarem, e eu não conceberia mesmo que ali permanecessem, desde do momento de que o que se aí fizesse não lhes conviria. Não seria racional que perdessem seu tempo.

"Em toda reunião, é necessária uma regra para mantê-la em boa ordem: nosso regulamento não é, pois, propriamente falando, senão uma senha destinada a estabelecer o policiamento de nossas sessões, a manter, entre as pessoas que assistem a elas, as relações de urbanidade e de conveniência que deve presidir a todas as assembléias de pessoas que sabem viver, abstração feita das condições inerentes à especialidade dos nossos trabalhos; porque temos relações, não somente com os homens, mas com os Espíritos que, como o sabeis, não são todos bons, e contra a patifaria daqueles com os quais é preciso pôr-se em guarda. Entre eles, há os muito astuciosos, que podem mesmo, por ódio ou pelo bem, nos impelir para um caminho perigoso; cabe a nós sermos bastante prudentes e perspicazes para frustrá-los, e é isso que nos obriga tomar precauções particulares.

"Lembraí-vos, Senhores, a maneira pela qual a sociedade foi formada. Eu recebia, em minha casa, algumas pessoas em comissão; crescendo seu número, foi dito: é necessário um local maior; para ter esse local, é necessário pagá-lo, portanto, é necessário cotizar-se. Foi dito ainda: é necessária a ordem nas sessões; não se pode admitir ali qualquer um, portanto, é necessário um regulamento: eis toda a história da Sociedade; ela é muito simples, como vedes. Não entrou no pensamento de ninguém fundar uma instituição, nem ocupar-se do que quer que seja fora dos estudos, e eu declaro, mesmo de um modo muito formal, que se a Sociedade quisesse ir além desse objetivo, eu não a seguiria.

"O que fiz, outros são mestres em fazê-lo de sua parte, ocupando à sua vontade e segundo seus gostos, suas idéias, seus objetivos particulares, e esses diferentes grupos podem perfeitamente entender-se e viverem como bons vizinhos. A menos de tomar um lugar público por lugar de reunião, como é materialmente impossível reunir, num mesmo local, todos os partidários do Espiritismo, esses diferentes grupos devem ser frações de um grande todo, mas não seitas rivais; e o mesmo grupo, tornando-se muito numeroso, pode subdividir-se como os enxames de abelhas. Esses grupos já existem em grande número, e se multiplicam todos os dias; ora, é precisamente contra essa multiplicidade que a má vontade dos inimigos do Espiritismo virá se quebrar, porque os entraves teriam, por efeito inevitável e pela própria força das coisas, multiplicar as reuniões particulares.

"Há, é necessário nisso convir, entre certos grupos, uma espécie de rivalidade, ou antes, de antagonismo; qual é a sua causa? Pois bem! Meu Deus! Essa causa está na fraqueza humana, no espírito de orgulho que quer impor-se; está sobretudo no conhecimento ainda incompleto dos verdadeiros princípios do Espiritismo. Cada um defende os seus Espíritos como outrora as cidades da Grécia defendiam seus deuses, que, diga-se de passagem, não

eram senão os Espíritos mais ou menos bons. Essas dissidências não existem senão porque há pessoas que querem julgar antes de terem visto tudo, e que julgam sob o ponto de vista de sua personalidade; elas se apagarão, como já muitos se eclipsaram, à medida que a ciência se formular; porque, em definitivo, a verdade é una, e ela sairá do exame imparcial das diferentes opiniões. Esperando que a luz se faça sobre todos esses pontos, quem será o juiz? A razão, dir-se-á; mas quando duas pessoas se contradizem, cada uma invoca a sua razão; que razão superior decidirá entre essas duas razões?

"Sem nos deter na forma mais ou menos imponente da linguagem, forma que os Espíritos impostores e os pseudo-sábios sabem muito bem tomar para seduzirem, pelas aparências, partimos desse princípio que os bons Espíritos não podem aconselhar senão o bem, a união, a concórdia; que sua linguagem é sempre simples, modesta, cheia de benevolência, isenta de acrimônia, de arrogância e de fatuidade, em uma palavra, que tudo neles respira a caridade mais pura. A caridade, eis o verdadeiro critério para julgar os Espíritos, e para julgar-se a si mesmo. Quem, sondando o foro interior de sua confiança, aí encontre um germe de rancor contra o seu próximo, mesmo um simples desejo de mal, pode-se dizer, com segurança, que está solicitado por um mau Espírito, porque esquece estas palavras do Cristo; Sereis perdoado como vós mesmos houverdes perdoado. Portanto, se há rivalidade entre dois grupos Espíritas, os Espíritos verdadeiramente bons não poderiam estar do lado daquele que lançasse anátema ao outro; porque jamais um homem sensato poderá crer que o ciúme, o rancor, a malevolência, em uma palavra, todo sentimento contrário à caridade possa emanar de uma fonte pura. Procurai, pois, de qual lado há mais caridade, *prática* e não em palavras, e reconheceréis, sem dificuldade, de que lado estão os melhores Espíritos e, por conseguinte, aqueles nos quais há mais razão para se esperar a verdade.

"Essas considerações, Senhores, longe de nos afastarem de nosso assunto, nos colocam sobre o nosso verdadeiro terreno. O regulamento, encarado deste ponto de vista, perde completamente seu caráter de contrato, para revestir o bem mais modesto, de um simples regulamento disciplinar.

"Todas as reuniões, qualquer que seja o objeto, têm que se premunirem contra um escolho, o dos caracteres trapalhões que parecem nascidos para semear a perturbação e a cizânia por onde se encontrem; a desordem e a contradição são os seus elementos. As reuniões Espíritas têm, mais do que as outras, que temê-los, porque as melhores comunicações não se obtêm senão numa calma e num recolhimento incompatíveis com a sua presença e com os Espíritos simpáticos que eles trazem.

"Em resumo, o que devemos procurar, é evitar todas as causas de perturbação e de interrupção; de manter, entre nós, as boas relações, as quais os Espíritas sinceros devem, mais que outros, dar o exemplo; de nos opor, por todos os meios possíveis, a que a Sociedade se desvie de seu objetivo, que aborde questões que não são de sua alçada, e que degenerem em arena de controvérsias e de personalismos. O que devemos procurar, ainda, é a possibilidade da execução simplificando, o mais possível, os órgãos. Mais esses órgãos sejam complicados, haverá mais causas de perturbação; o relaxamento se introduzirá pela força das coisas, e do relaxamento à anarquia não há senão um passo."

Sexta-feira, 16 de março de 1860. (Sessão particular.)

Discussão e adoção do regulamento modificado.

Sexta feira, 23 de março. (Sessão particular.)

Nomeação da secretaria e da comissão.

Estudos. - Dois ditados espontâneos foram obtidos, o primeiro do Espírito de Charlet, pelo senhor Didier filho, o segundo pela senhora de Boyer, de um Espírito que diz ser forçado a vir acusar-se por ter querido romper a boa harmonia e lançar a perturbação entre os homens, suscitando o ciúme e a rivalidade entre aqueles que deveriam estar unidos; citou alguns dos fatos dos quais se tornou culpado. Essa confissão espontânea, diz-se, faz parte da Punição que lhe foi imposta.

Formação da Terra - Teoria da incrustação planetária

Revista Espírita, abril de 1860

Nosso sábio confrade, o senhor Jobard, de Bruxelas, escreveu-nos o que se segue, a propósito do nosso artigo sobre os Pré-adamitas, publicado na *Revista* do mês último:

"Permiti-me algumas reflexões sobre a criação do mundo, com o objetivo de reabilitar a Bíblia aos vossos olhos e aos olhos dos livres pensadores. Deus criou o mundo em seis dias, 4000 anos antes da era cristã; eis o que os geólogos contestam pelo estudo dos fósseis e dos milhares de caracteres incontestáveis de longa idade que fazem remontar a origem da Terra, a milhares de milhões de anos, e todavia as Escrituras disseram a verdade, e os geólogos também, e é um simples camponês que os põe de acordo ensinando-nos que nossa Terra não é senão um planeta *incrustativo* muito moderno, composto de materiais muito velhos.

"Depois da retirada do *planeta desconhecido*, chegada à maturidade onde, em harmonia com aquele que existia no lugar que ocupamos hoje, a alma da Terra recebeu a ordem de reunir seus satélites para formar nosso globo atual, segundo as regras do progresso em tudo e por tudo. Quatro desses astros somente, consentiram na associação que lhes era proposta; só a Lua persistia em sua autonomia, porque os globos têm também o seu livre arbítrio. Para proceder a essa fusão, a alma da Terra dirigiu para os satélites um raio magnético atrativo que cataleptizou todo o mobiliário vegetal, animal e hominal que eles carregavam para a comunidade. A operação não teve por testemunhas senão a alma da Terra e os grandes mensageiros celestes que a ajudaram nessa grande obra, abrindo seus globos para colocar suas entranhas em comum. Operada a soldadura, as águas escorreram nos vazios deixados pela ausência da Lua, a qual tinha direito de esperar uma melhor apreciação de seus interesses.

"As atmosferas se confundiram, e o despertar, ou a *ressurreição dos germens cataleptizados* começou; o homem foi tirado, em último lugar, do seu estado de hipnotismo, e se viu cercado da vegetação luxuriante do paraíso terrestre e de animais que pastavam em paz ao seu redor. Tudo isso, nisso convireis, poderia fazer-se em seis dias com trabalhadores tão poderosos como aqueles que Deus havia encarregado dessa tarefa. O planeta *Ásia* trouxe-nos a raça amarela, a mais antiga civilizada, o *África*, a raça negra, o *Europa*, a raça branca e o *América*, a raça vermelha. Sem dúvida, a Lua nos trouxe a raça verde ou azul.

"Assim, certos animais dos quais não se encontram senão os restos, jamais teriam vivido na nossa Terra atual, mas foram transportados de outros mundos deslocados pela velhice. Os fósseis que se encontram nos climas onde não poderiam existir neste mundo, sem dúvida, viviam em zonas diferentes nos globos onde nasceram. Tais restos se encontram nos nossos pólos, que viviam no Equador deles. E depois, essas enormes massas das quais não podemos imaginar a possibilidade de existência no ar, viviam no fundo dos mares, sob a pressão de um meio que lhes tornava a locomoção fácil. Os futuros levantamento dos mares nos trouxeram muitos outros restos, muitos outros germens, que se despertaram da longa letargia para nos mostrarem espécies desconhecidas de plantas, de animais e de autóctones, contemporâneos do dilúvio, e estareis muito espantado por descobrir no meio do vasto Oceano ilhas novas povoadas de plantas e animais que não podem vir de nenhuma parte,

nem pelo transporte dos ventos, nem pelo das ondas.

"Nossa ciência, que acha a Bíblia em falta, acabará por restituir-lhe a estima, como foi forçada a fazê-lo com respeito à rotação da Terra, porque não é falta da Bíblia, é falta daqueles que não a compreendem. Eis uma prova disso:

"Josué deteve o Sol dizendo-lhe: *Sta, sol!* Ora, desde esse tempo, ele está parado, porque não encontrais em nenhuma parte que se lhe ordenasse andar de novo, e se, desde vencidos os Amalecitas a noite sucede, ainda, ao dia, é bem preciso que a Terra gire. Portanto, não é Galileu, mas os inquisidores que merecem ser censurados por não terem tomado a Bíblia ao pé da letra.

"Negou-se também a existência do licorne bíblico, e acabam de matar dois nas montanhas do Tibet. Negou-se a aparição do espectro de Saul, e, obrigado, Deus! Sois capaz de convencer os negadores. Recordemos sempre esta advertência das Escrituras: *Noli esse incredulu sicut equus et mulus, quibus non est intellectus.*

"Saudações cordiais e respeitosas ao autor da Etnografia do mundo Espírita.

JOBARD."

A teoria da formação da Terra pela incrustação de vários corpos planetários já foi dada em diversas épocas, por certos Espíritos, e por intermédio de médiuns estranhos uns aos outros. Não nos fazemos o apóstolo desta doutrina, que confessamos não ter ainda estudado suficientemente para nos pronunciar, mas reconhecemos que ela merece um sério exame. As reflexões que nos sugerem não são, pois, senão no estado de hipótese, até que dados mais positivos venham confirmá-las ou desmenti-las; enquanto se espera, é um ponto de partida que pode colocar no caminho de uma grande descoberta e guiar nas pesquisas e talvez um dia os sábios aí encontrarão a solução de mais de um problema.

Mas, dirão certos críticos, não tende, pois, confiança nos Espíritos, uma vez que duvidais de suas afirmações? Como inteligências libertas da matéria não podem levantar todas as dúvidas da ciência, lançar luz onde reina a obscuridade?

Esta uma questão muito grave, que se prende à própria base do Espiritismo, e que não poderíamos resolver neste momento, sem repetir o já dissemos a esse respeito; não diremos, senão algumas palavras para justificar as nossas reservas. Responder-lhes-emos, de início, que se tornaria sábio a bom preço se não se tratasse senão de interrogar os Espíritos para conhecer-se tudo o que se ignora. Deus quer que adquiramos a ciência pelo trabalho, e não encarregou os Espíritos de nos trazer tudo pronto para favorecer a nossa preguiça. Em segundo lugar, a Humanidade, como os indivíduos, tem sua infância, sua adolescência, sua juventude e sua virilidade. Os Espíritos, encarregados por Deus de instruírem os homens, devem, pois, proporcionar seu ensinamento para o desenvolvimento da inteligência; nunca dirão tudo a todo mundo, e esperam, antes de semear, que a Terra esteja pronta para receber a semente, para fazê-la frutificar. Eis porque certas verdades, que nos são ensinadas hoje não o foram aos nossos pais que, eles também, interrogavam os Espíritos; eis porque, verdades pelas quais não estamos maduros, não serão ensinadas senão àqueles que virão depois de nós. Nosso erro é crer-nos chegados ao topo da escala, ao passo que não estamos ainda senão na metade do caminho.

Dizemos de passagem que os Espíritos têm duas maneiras para instruírem os homens;

podem fazê-lo, seja comunicando-se diretamente com eles, o que fizeram em todos os tempos assim como o provam todas às histórias sagradas e profanas, seja encarnando-se entre eles para aí cumprir missões de progresso. Tais são esses homens de bem e de gênio que aparecem, de tempos em tempos, como luz para a Humanidade e lhe fazem dar alguns passos à frente. Vede o que ocorre quando esses mesmos homens vêm antes do tempo propício para as idéias que devem propagar: são desconhecidos quando vivos, mas o seu ensinamento não se perde; depositado nos arquivos do mundo, como um grão precioso colocado em reserva, um belo dia sai do pó, no momento em que pode dar seus frutos.

Desde então, compreende-se que se o tempo requerido para difundir certas idéias não chegou, interrogar-se-ia os Espíritos em vão, eles não podem dizer senão o que lhes é permitido. Mas é uma outra razão que compreendem perfeitamente todos aqueles que têm alguma experiência do mundo Espírita.

Não basta ser Espírito para possuir a ciência universal, de outro modo a morte nos tornaria quase os iguais a Deus. O simples bom senso, de resto, recusa-se a admitir que o Espírito de um selvagem, de um ignorante ou de um mau, desde o momento que esteja livre da matéria, esteja no nível de sábio ou do homem de bem; isso não seria racional. Há, pois, Espíritos avançados, e outros mais ou menos atrasados que devem percorrer mais de uma etapa, passar por numerosos e severos exames, antes de estarem despojados de todas as suas imperfeições. Isso resulta que se encontram, no mundo dos Espíritos, todas as variedades morais e intelectuais que se encontram entre os homens, e muitas outras ainda; ora, a experiência prova que os maus se comunicam tão bem quanto os bons. Aqueles que são francamente maus são facilmente reconhecíveis; mas há também, entre eles, os meio sábios, os falsos sábios, os presunçosos, os sistemáticos e mesmo os hipócritas; aqueles são os mais perigosos porque afetam uma aparência de seriedade, de sabedoria e de ciência, a favor da qual debitam, freqüentemente, no meio de algumas verdades, de algumas boas máximas, as coisas mais absurdas; e para melhor enganarem, não temem em se ornarem com os nomes mais respeitáveis. Distinguir o verdadeiro do falso, descobrir a fraude escondida sob uma parada de grandes palavras, desmascarar os impostores, eis aí, sem contradita, uma das maiores dificuldades da ciência Espírita. Para superá-la é preciso uma longa experiência, conhecer todas as *astúcias* das quais são capazes os Espíritos de baixo estágio, ter muita prudência, ver as coisas com o mais imperturbável sangue frio, e se guardar, sobretudo, contra o entusiasmo que cega. Com habilidade e um pouco de tato chega-se facilmente a ver a ponta da orelha, mesmo sob a ênfase da mais pretensiosa linguagem. Mas infeliz o médium que se crê infalível, que se ilude sobre as comunicações que recebe: o Espírito que o domina pode fasciná-lo ao ponto de fazê-lo achar sublime o que, freqüentemente, é simples absurdo e salta aos olhos de todos quanto dele mesmo.

Voltemos ao nosso assunto. A teoria da formação da Terra por incrustação não é a única que foi dada pelos Espíritos. Na qual crer? Isso nos prova que fora da moral, que não pode haver duas interpretações, não é necessário aceitar as teorias científicas dos Espíritos senão com a maior reserva, porque, ainda uma vez, eles não estão encarregados de nos trazer a ciência toda pronta; que estão longe de tudo saberem, sobretudo no que concerne ao princípio das coisas; que é necessário, enfim, desconfiar das idéias sistemáticas que alguns, dentre eles, procuram fazer prevalecer, e às quais não têm escrúpulo de darem uma origem divina. Examinando-se essas comunicações com sangue frio, sobretudo *sem prevenção*, pesando-se madura mente todas as palavras, descubrem-se facilmente os traços de uma origem suspeita, incompatível com o caráter do Espírito que supostamente fala. Algumas vezes, são heresias científicas de tal modo patentes que seria preciso ser cego, ou bem ignorante, para não percebê-las, ora, como supor que um Espírito superior cometa semelhantes absurdos? Outras vezes são expressões triviais, de formas ridículas, pueris, e mil outros sinais que traem a inferioridade para quem não esteja vacinado. Que homem de bom senso poderia crer

que uma doutrina que contradissesse os dados mais positivos da ciência pudesse emanar de um Espírito sábio, e ainda mesmo que ele trouxesse o nome de Arago? Como crer na bondade de um Espírito que desse conselhos contrários à caridade e à benevolência, ainda que fossem assinados com o nome de um apóstolo da beneficência? Dizemos mais, que há profanação em misturar nomes veneráveis às comunicações que trazem traços evidentes de inferioridade. Quanto mais os nomes sejam elevados, mais é necessário acolhê-los com circunspeção, e temer ser o juguete de uma mistificação. Em resumo, o grande critério do ensinamento dado pelos Espíritos é a lógica. Deus deu-nos o juízo e a razão para deles nos servirmos; os bons Espíritos no-lo recomendam, e nisso dão uma prova de sua superioridade; os outros disso se guardam muito bem: querem ser acreditados sob palavra, pois bem sabem que têm tudo a perder com o exame.

Temos, pois, como se vê, muitos motivos para não aceitarmos, levemente, todas as teorias dadas pelos Espíritos. Quando uma nos surge, nos limitamos ao papel de observador; fazemos abstração de sua origem espírita, sem nos deslumbrarmos pela imponência de nomes pomposos; nós a examinamos como se ela emanasse de um simples mortal, e vemos se é racional, se dá conta de tudo, se resolve todas as dificuldades. Foi assim que procedemos com a doutrina da reencarnação que não adotamos, embora vinda dos Espíritos, senão depois de reconhecer que só ela, mas só *ela*, podia resolver o que nenhuma filosofia ainda não resolvera, e isso abstração feita das provas materiais que dela são dadas, cada dia, a nós e a muitos outros. Pouco nos importa, pois, os contraditores, fossem eles mesmo Espíritos; desde que ela é lógica, conforme a justiça de Deus; que eles não podem substituí-la por algo mais satisfatório, não nos inquietamos mais com eles do que com aqueles que afirmam que a Terra não gira ao redor do Sol. - porque há Espíritos dessa força e que se dão por sábios - ou que pretendem que o homem tenha vindo inteiramente formado de um outro mundo, carregado nas costas de um elefante alado.

Nisso não estamos, falta muito, no mesmo ponto com respeito à formação e, sobretudo, o povoamento da Terra; foi por isso que dissemos, em começando, que para nós a questão não estava suficientemente elucidada. Considerada do ponto de vista puramente científico, dissemos somente que, à primeira vista, a teoria da incrustação não nos parecia despida de fundamentos, e sem nos pronunciarmos nem pró nem contra, dissemos que nela encontramos material para exame. Com efeito, estudando-se os caracteres fisiológicos das diferentes raças humanas, não é possível atribuir-lhes uma estirpe comum, porque a raça negra não é um abastardamento da raça branca. Ora, adotando-se a letra do texto bíblico, que faz proceder todos os homens da família de Noé, 2400 anos antes da era cristã, seria necessário admitir não apenas que, em alguns séculos, só essa família teria povoado a Ásia, a Europa e a África, mas que se transformara em Negros. Sabemos muito bem que influência o clima e os hábitos podem exercer sobre a economia; um sol ardente avermelha a epiderme e amarela a pele, mas não se viu em nenhuma parte mesmo sobre o mais intenso ardor tropical, famílias brancas procriarem negros sem cruzamentos de raças. Portanto, para nós, é evidente que as raças primitivas da Terra provêm de estirpes diferentes. Qual é o seu princípio? Aí está a questão, e até provas certas não é permitido fazer, a esse respeito, conjecturas; aos sábios, pois, cabe ver aqueles que concordam melhor com os fatos constatados pela ciência.

Sem examinar como pôde fazer-se a junção e a soldadura de vários corpos planetários para deles formar o nosso globo atual, devemos reconhecer que a coisa não é impossível, e desde então se explicaria a presença simultânea de raças heterogêneas tão diferentes em costumes e linguagens, das quais cada globo teria trazido os germens ou os embriões; e, quem sabe mesmo, talvez indivíduos todos formados? Nessa hipótese a raça branca proveria de um mundo mais avançado do que aquele que houvesse trazido a raça negra. Em todos os casos, a junção não poderia se operar sem um cataclismo geral, o qual não deixaria subsistir alguns

indivíduos. Assim, segundo essa teoria, nosso globo seria, ao mesmo tempo, muito antigo pelas suas partes constituintes, e muito novo pela sua aglomeração. Esse sistema, como se vê, não contradiz em nada os períodos geológicos que remontariam, assim, a uma época indeterminada e anterior à junção. Qualquer que ele seja, e o que diga dele o senhor Jobard, se as coisas se passaram assim, parece difícil que um tal acontecimento tenha se cumprido, e sobretudo que o equilíbrio, de semelhante caos, pudesse se estabelecer em seis dias de 24 horas. Os movimentos da matéria inerte estão submetidos a leis eternas que não podem ser derogadas senão por milagres.

Resta-nos explicar o que se deve entender por alma da terra, porque não pode entrar no pensamento de ninguém atribuir uma vontade à matéria. Os Espíritos sempre disseram que certos dentre eles têm atribuições especiais; agentes e ministros de Deus, dirigem, segundo o grau de sua elevação, os fatos de ordem física, assim como aqueles de ordem moral. Do mesmo modo que alguns velam sobre os indivíduos, dos quais se constituem os gênios familiares ou protetores, outros tomam sob sua proteção as reuniões de indivíduos, os grupos, as cidades, os povos e mesmo os mundos. A alma da Terra deve, pois, ser entendida como Espíritos chamados, por sua missão, para dirigi-la e para fazê-la progredir, tendo sob suas ordens as inumeráveis legiões de Espíritos encarregados de velar pelo cumprimento dos seus desígnios. O Espírito diretor de um mundo, necessariamente, deve ser de uma ordem muito superior e tanto mais elevada quanto o próprio mundo seja mais avançado.

Se insistimos sobre vários pontos que puderam parecer estranhos ao nosso assunto, foi precisamente porque se trata de uma questão científica eminentemente controvertida. Importa que seja bem constatado por aqueles que julgam as coisas sem conhecê-las, que o Espiritismo está longe de ter por artigo de fé tudo o que vem do mundo invisível, e que assim não se apoia, como pretendem, sobre uma crença cega, mas sobre a razão. Se todos os seus partidários não guardam a mesma circunspeção, isso não é por falta da ciência, mas daqueles que não se dão ao trabalho de aprofundá-la; ora, não seria mais lógico julgá-la sobre o exagero de alguns, como não o seria condenar a religião sobre a opinião de alguns fanáticos.

Cartas do doutor Mortiéry sobre a Srta. Desirée Godu

Revista Espírita, abril de 1860

Falamos da notável faculdade da senhorita Desirée Godu, como médium curadora, e pudemos citar os atestado autênticos que temos sob os olhos; mas eis um testemunho do qual ninguém pode contestar a alta importância; não é mais um desses certificados que, freqüentemente se entrega com um pouco de leviandade, é o resultado de observações sérias de urrt homem de saber, eminentemente competente para apreciar as coisas sob o duplo ponto de vista da ciência e do Espiritismo. O senhor doutor Morhéry nos dirigiu as duas cartas seguintes, que nossos leitores nos agradecerão por reproduzi-las.

"Plessis-Boudet, près Loudèac (Côtes-du-Nord).

"Senhor Allan Kardec,

"Se bem que esmagado de ocupações neste momento, como membro correspondente da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, creio dever vos informar de um acontecimento inesperado para mim e que, sem dúvida, interessa a todos os nossos colegas.

"Falastes com elogio, nos últimos números de vossa Revista, da senhorita Desirée Godu, de Hennebon. Dissestes que após ter sido médium vidente, médium audiente e médium escrevente, essa senhorita tornou-se, desde alguns anos, médium curadora. Foi nessa última qualidade que ela se dirigiu a mim, e reclamou-me o concurso, como doutor em medicina, para provar a eficácia de sua medicação, que se poderia chamar, eu creio, *Espírita*. De início, pensei que as ameaças que lhe eram feitas e os obstáculos que colocavam à sua prática médica, sem diploma, era a única causa da sua diligência; mas ela disse-me que o Espírito que a dirige, há seis anos, aconselhou como necessária, do ponto de vista da Doutrina Espírita. Qualquer que o seja, acreditei que era meu dever, e do interesse da Humanidade, aceitar a sua generosa proposição, mas duvido que ela se realizasse. Sem conhecê-la, nem tê-la visto jamais, soube que essa jovem e piedosa pessoa não quis separar-se de sua família senão numa circunstância excepcional e ainda para cumprir uma missão, não menos importante, com a idade de 17 anos. Portanto, fiquei bem agradavelmente surpreso em vê-la chegar a minha casa, conduzida por sua mãe, que ela deixou, no dia seguinte, com um profundo desgosto; mas esse desgosto estava temperado pela coragem da resignação. Há dez dias, a senhorita Godu está no meio de minha família, à qual constitui uma alegria, apesar de sua ocupação enervante.

"Desde a sua chegada, já consignara 75 casos de observações de moléstias diversas e contra as quais, na maioria, os recursos da medicina fracassaram. Temos casos de amauroses, de oftalmias graves, de paralisias antigas e rebeldes a todo tratamento, escrofulosos, herpéticos, cataratas e cânceres no último período; todos esses casos são numerados, a natureza da doença é constatada por mim, os curativos são mencionados, e tudo é levado em conta como numa sala de clínica destinada às observações.

Ainda não há bastante tempo para que possa pronunciar-me, de maneira peremptória, sobre

as curas operadas por medicação da senhorita Godu; mas, desde hoje, posso manifestar minha surpresa pelos resultados revulsivos que ela obtém pela aplicação de seus unguentos, cujos efeitos variam ao infinito, por uma causa que eu não saberia me explicar com as regras comuns da ciência. Vi também, com prazer, que ela cortava as febres sem nenhuma preparação de quinino ou de seus extratos, e pela simples infusão de flores ou de folhas de diversas plantas.

"Sigo, sobretudo, com vivo interesse, o tratamento de um câncer no terceiro período. Esse câncer, que foi constatado e tratado, sem sucesso como sempre, por vários de meus confrades, é o objeto da maior preocupação da senhorita Godu. Não foi nem uma, nem duas vezes que ela o tratou, mas bem todas as horas. Desejo muito vivamente que seus esforços sejam coroados de sucesso, e que ela cure esse indigente, que trata com zelo acima de todo elogio. Se ela triunfar sobre aquele, naturalmente, pode se esperar que triunfará sobre outros, e neste caso prestará um imenso serviço à Humanidade, curando esta horrível e atroz moléstia.

Sei que alguns confrades maldizentes poderão rir das esperanças com as quais me embalo; mas que me importa se essa esperança se realizar! Já me censuraram por prestar, assim, meu concurso a uma pessoa, da qual ninguém contesta a intenção, mas da qual a maioria lhe nega à aptidão para curar, uma vez que essa aptidão não lhe foi dada pela Faculdade.

"A isso responderei: não foi a Faculdade que descobriu a vacina, mas simples padres; não foi a Faculdade que descobriu as cascas de árvores do Peru, mas os indígenas desse país. A Faculdade constata os fatos; agrupa-os e classifica-os para formar com eles a preciosa base do ensinamento, mas ela não os produz exclusivamente. Alguns tolos (infelizmente são encontrados aqui como em toda parte) crêem se darem do espírito qualificando a senhorita Godu de feiticeira. Seguramente, é uma amável e bem útil feiticeira, porque ela não inspira nenhum medo da feitiçaria, nem nenhum desejo de consagrá-la à fogueira.

"A outros, que pretendem ser ela um instrumento do demônio, responderei, muito sem cerimônia; se o demônio vem à Terra para curar os incuráveis, abandonados e indigentes, seria necessário concluir que o demônio, enfim, se converteu e tem direito aos nossos agradecimentos; ora, duvido muito que, entre aqueles que têm essa linguagem, não haja muitos que não preferem ainda curar por suas mãos a morrer pelas de um médico. Tomemos, portanto, o bem de onde ele venha, e, a menos de prova autêntica, não lhe atribuamos o mérito ao diabo. É mais moral e mais racional atribuir o bem a Deus e agradecê-lo por ele, e sob esse aspecto penso que meu conselho será partilhado por vós e por todos os meus colegas.

"De resto, que isso se torne ou não uma realidade, resultará sempre alguma coisa para a ciência. Eu não sou homem para deixar, no esquecimento, certos meios empregados que hoje negligenciamos muito. A medicina, diz-se, fez imensos progressos; sim, sem dúvida, para a ciência, mas não tanto para a arte de curar. Muito aprendemos e muito olvidamos; o Espírito humano é como o Oceano: não pode tudo abarcar quando invade uma praia, deixa uma outra. Retornarei a este assunto e vos mantereí ao corrente desta curiosa experimentação. Dou-lhe a maior importância; se ela triunfar, isso será manifestação brilhante contra a qual será impossível lutar porque nada detém aqueles que sofrem e querem se curar. Estou decidido a tudo afrontar nesse objetivo, mesmo ao ridículo que se teme tanto na França.

"Aproveito a ocasião para vos dirigir minha tese inaugural. Se consentirdes tomar o trabalho de lê-la, compreenderéis facilmente o quanto estou disposto a admitir o Espiritismo. Essa

tese foi sustentada quando a medicina estava caída no mais profundo materialismo. Era um protesto contra essa corrente que nos arrastou à medicina orgânica e à farmacologia mineral, das quais se fez tão grande abuso. Quantas saúdes arruinadas pelo uso dessas substâncias minerais que, em caso de fracasso, aumentam o mal, e, em casos de sucesso, freqüentemente, deixam muitos traços na nossa organização!

Aceitai, etc.

MORHÉRY."

"Senhor,

"20 de março de 1860.

"Na minha última carta vos anunciei que a senhorita Desirée Godu consentira vir exercer, sob meus olhos, sua faculdade curativa; hoje venho vos dar algumas novidades.

"Desde 25 de fevereiro, comecei minhas observações sobre um grande número de doentes, quase todos indigentes, e na impossibilidade de se tratarem convenientemente. Alguns têm doenças pouco importantes; mas a maioria está atacada de afecções que têm resistido aos meios curativos ordinários. Enumerei, desde 25 de fevereiro, 152 casos de doentes muito variados. Infelizmente, em nosso país, sobretudo os doentes indigentes, seguem seu capricho e não têm a paciência de se resignarem a um tratamento continuado e metódico; desde que experimentam melhora, se crêem curados e não fazem mais nada; é um fato que, freqüentemente, tenho constatado na minha clientela, e que necessariamente, deveria se representar com a senhorita Godu.

Como vos disse, eu não quero nada prejudicar, nada afirmar, a menos de resultados constatados pela experiência; mais tarde farei o escrutínio das minhas observações, e constatarei as mais notáveis; mas, desde hoje, posso vos exprimir a minha admiração por certas curas obtidas fora dos nossos meios ordinários.

"Vi curar, sem quinino, três febres intermitentes rebeldes, das quais uma resistira a todos os meios que eu empregara.

"A senhorita Godu curou, igualmente, três panarizes e duas inflamações subaponeuróticas da mão em muito poucos dias; com isso fiquei verdadeiramente surpreso.

"Pude constatar também a cura, ainda não radical, mas bem avançada de um dos nossos mais inteligentes lavradores, Pierre Lê Boudec, de Saint-Hervé, atacado de surdez há dezoito anos; ele ficou mais maravilhado que eu quando, depois de três dias de tratamento, pôde ouvir o canto dos pássaros e a voz de seus filhos. Vi-o esta manhã, tudo faz esperar uma cura radical dentro em pouco. "Entre nossos doentes, aquele que atrai mais a minha atenção, neste momento, é o de nome Bigot, trabalhador do campo em Saint-Caradec, atingido há dois anos e meio de um câncer no lábio inferior. Esse câncer chegou ao último período; o lábio inferior estava em parte comido, as gengivas, as glândulas sublinguais e submaxilares estão cancerosas; o osso maxilar inferior participa, ele mesmo, da doença. Quando se apresentou em minha casa, seu estado era desesperador; suas dores eram atrozes; não dormia há seis meses; toda operação era impraticável, o mal estando muito avançado; toda a cura me parecia impossível, eu o declarei muito francamente à senhorita Godu, a fim de premuni-la contra um fracasso inevitável. Minha opinião não mudou com respeito ao

prognóstico; não podia crer na cura de um câncer tão avançado; entretanto, devo declarar que, desde o primeiro curativo, o doente sentiu alívio, e que desde esse dia, 25 de fevereiro, ele dorme bem e pode alimentar-se; a confiança voltou-lhe; a chaga mudou de aspecto de maneira visível, e se isso continua, serei, apesar de minha opinião tão formal, obrigado a esperar uma cura. Se ela realizar, isso será o maior fenômeno curativo que se possa constatar; é necessário esperar e ter paciência com o doente. A senhorita Godu tem-lhe um cuidado todo particular; por vezes lhe tem feito curativos todas as meias horas; esse indigente é o seu favorito.

"Por outro lado, nada a vos dizer. Poderia vos edificar sobre os mexericos, sobre as bisbilhotices, as alusões à feitiçaria; mas como a insensatez é inerente à Humanidade, não me preocupo em nada com o cuidado de curá-la.

"Aceitai, etc.

MORHÉRY."

Nota. Como se pôde disso convencer, pelas duas cartas acima, o senhor Morhéry não se deixa deslumbrar pelo entusiasmo; ele observa as coisas friamente, como homem esclarecido que não se ilude; faz com uma inteira boa fé, pondo de lado o amor-próprio do doutor, não temendo a confessar que a natureza pode abster-se dele, inspirando a uma jovem, sem instrução, meios para curar que não encontrou nos ensinamentos da Faculdade, nem no seu próprio cérebro, e com isso não se crê de nenhum modo humilhado. Seus conhecimentos em Espiritismo mostram-lhe que a coisa é possível, sem que haja para isso derrogação das leis da Natureza; ele a compreende, desde que esta faculdade notável é, para ele, um simples fenômeno mais desenvolvido na senhorita Godu que em outros. Pode-se dizer que essa jovem é para a arte de curar o que Jeanne d'Arc o era para a arte militar. O senhor Morhéry, esclarecido sobre os dois pontos essenciais: o Espiritismo como fonte, e a medicina comum como controle, pondo de lado todo o amor-próprio e todo sentimento pessoal, está na melhor posição para fazer um julgamento imparcial, e felicitamos a senhorita Godu pela resolução que tomou de se colocar sob seu patrocínio. Nossos leitores nos serão agradecidos, sem dúvida, por tê-los ao corrente das observações que serão feitas ulteriormente.

Variedades

Revista Espírita, abril de 1860

O Fabricante de São Petersburgo

O fato seguinte, de manifestação espontânea, foi transmitido ao nosso colega, senhor Kratzoff, de São Petersburgo, pelo seu compatriota, o barão Gabriel Tscherkassoff, que mora em Cannes (Var), e que lhe certifica a autenticidade. Parece, de resto, que o fato é muito conhecido, e fez muita sensação na época em que se produziu.

"No começo deste século, havia em São Petersburgo um rico artesão que ocupava um grande número de obreiros em sua oficina; seu nome me escapa, mas creio que era um Inglês. Homem probo, humano e organizado, não se ocupava tão-somente com a boa execução de seus produtos, mas, muito mais ainda, com o bem-estar físico e moral de seus operários, que ofereciam, por conseguinte, o exemplo da boa conduta e de uma concórdia quase fraternal. Segundo o costume observado na Rússia até nossos dias, eram isentados do alojamento e da alimentação por seus patrões, e ocupavam os andares superiores e os sótãos da sua mesma casa. Uma manhã, vários dos operários, em despertando, não encontraram mais suas roupas que haviam colocado ao lado deles ao se deitarem. Não se poderia supor um roubo; questionou-se, mas inutilmente, e os mais maliciosos supuseram querer pregar uma peça aos seus camaradas; enfim, à força de procuras, encontraram todos os objetos desaparecidos no celeiro, nas chaminés, e até sob os telhados. O patrão fez repreensões gerais, uma vez que ninguém se confessava culpado; ao contrário, cada um protestava por sua inocência.

"Depois de algum tempo disso, a mesma coisa se repetiu; novas advertências, novos protestos. Pouco a pouco isso começou a se repetir todas as noites, e o patrão com isso concebeu vivas inquietações, porque, além de seu trabalho sofrer muito com isso, via-se ameaçado por uma emigração de todos os seus operários, que tinham medo de permanecer na casa onde se passavam, diziam eles, coisas sobrenaturais. Segundo o conselho do patrão, foi organizado um serviço noturno, escolhido pelos próprios operários, para surpreender o culpado; mas nada adiantou, pelo contrário, as coisas foram piorando. Os operários, para chegarem aos seus quartos, deviam subir escadas que não eram iluminadas; ora, aconteceu, a vários deles, receberem golpes e sopros; mas quando procuravam se defender, não atingiam senão o espaço, ao passo que a força dos golpes fazia-lhes supor que estavam em relação com um ser sólido. Esta vez, o patrão aconselhou-os se dividirem em dois grupos; um deveria permanecer no alto da escada, o outro chegar de lá de baixo; dessa maneira, o mau engraçado não poderia deixar de ser preso e receber a correção que merecia. Mas a providência do patrão caiu ainda em falta, os dois golpes foram dados com todo exagero, e cada um acusou o outro. As recriminações tornaram-se sangrantes, e a desinteligência entre os operários atingira seu cúmulo, e o pobre patrão pensava já em fechar suas oficinas ou mudar de lugar.

"Uma noite, estava sentado, triste e pensativo, cercado de sua família; todo o mundo estava mergulhado no abatimento, quando, de repente, um grande ruído se fez ouvir no quarto ao lado que lhe servia de escritório de trabalho. Ergueu-se precipitadamente, e foi reconhecer a causa desse ruído. A primeira coisa que viu, abrindo a porta, foi sua escrivaninha aberta e o castiçal aceso; ora, há poucos instantes fechara a mesa e apagara a luz. Aproximando-se, distinguiu sobre a escrivaninha um tinteiro de vidro e uma caneta que não lhe pertenciam, e

uma folha de papel na qual estavam escritas estas palavras, que não tiveram; ainda, tempo para secarem; "Faça demolir a parede em tal lugar (era na escada); ali encontrarás ossadas humanas que farás enterrar em terra santa." O patrão pegou o papel e correu para informá-lo a polícia.

"No dia seguinte, portanto, puseram-se a procurar de onde provinham o tinteiro e a caneta. Sendo mostrado aos habitantes da mesma casa, chegou-se a um vendedor de legumes e de mercadorias coloniais que tem a sua loja no térreo, e que reconheceu, um e outro, por seus. Interrogado sobre a pessoa a quem os havia dado, respondeu: "Ontem à noite, tendo já fechado a porta de minha loja, ouvi uma pequena pancada no postigo da janela; eu a abri, e um homem cujo traços me foi impossível distinguir, disse-me: Dá-me, eu te peço, um tinteiro e uma caneta e eu te pagarei. Passando-lhe esses dois objetos, lançou-me uma grossa moeda de cobre, que ouvi cair no assoalho, mas que não pude encontrar.

"Fez-se demolir a parede no lugar indicado, e ali encontraram ossaturas humanas, que foram enterradas, e tudo entrou em ordem. Não se pôde jamais saber a quem pertencia essas ossadas."

Fatos desta natureza deveram se produzir em todas as épocas, e se vê que não são de nenhum modo provocados pelos conhecimentos Espíritas. Concebe-se que, nos séculos recuados, ou entre os povos ignorantes, tenham podido ocorrer todas as espécies de suposições supersticiosas.

Aparição tangível.

No dia 14 de janeiro último, o senhor Lecomte, agricultor na comuna de Brix, arredores de Valognes, foi visitado por um indivíduo que se disse ser um de seus antigos camaradas, com o qual trabalhara no porto de Cherbourg. cuja morte remonta há dois anos e meio. Essa aparição tinha por fim pedir a Lecomte que lhe fizesse dizer uma missa. No dia 15, a aparição se reproduziu; Lecomte, menos amedrontado, reconheceu efetivamente seu antigo companheiro; mas, perturbado ainda, não soube o que responder; o mesmo ocorreu nos dias 17 e 18 de janeiro. Não foi senão no dia 19 que Lecomte lhe disse: uma vez que desejas uma missa, onde queres que ela seja dita, e a ela assistirás? - Eu desejo, respondeu o Espírito, que a missa seja dita na capela de Saint-Sauveur, em oito dias, e ali me encontrarei. Ele acrescentou: há muito tempo que não te via e estava distante para vir te encontrar. Dito isso, deixou-o, *apertando-lhe a mão*.

O senhor Lecomte não faltou com a sua promessa; no dia 27 de janeiro, a missa foi dita em Saint-Sauveur, e ele viu seu antigo camarada ajoelhado nos degraus do altar, junto ao padre oficiante; mas nenhum outro que ele o percebeu, se bem que perguntara ao padre e aos assistentes se não o viam.

Desde esse dia, o senhor Lecomte não foi mais visitado, e retomou sua tranqüilidade habitual.

Nota. Segundo esse relato, cuja autenticidade está garantida por uma pessoa digna de fé, não se trata de uma simples visão, mas de uma aparição tangível, uma vez que o defunto amigo do senhor Lecomte apertou-lhe a mão. A isso os incrédulos chamarão uma alucinação; mas até o presente, esperamos ainda de sua parte uma explicação clara, lógica e verdadeiramente científica dos estranhos fenômenos que eles designam com esse nome, que nos parece antes um fim de não receber senão uma solução.

Ditados Espontâneos

Revista Espírita, abril de 1860

O Anjo das Crianças.

(Sociedade, Médiun Senhora de Boyer.)

Chamo-me Micaël; sou um desses Espíritos prepostos para a guarda das crianças. Que doce missão! E que felicidade dá ela à alma! A guarda das crianças, direis? Mas não têm seus anjos prepostos para essa guarda? E por que é necessário ainda um Espírito encarregado de se ocupar delas? Mas não pensais naqueles que não têm mais essa boa mãe? Não os há, ah! muitíssimos destes? E a mãe, ela mesma, algumas vezes não tem necessidade de ajuda? Quem a desperta no meio do seu primeiro sono? Quem fala pressentir o perigo, inventar o alívio, quando o mal é grave? Nós, sempre nós; nós, que desviamos a criança da margem na qual se precipita estouvadamente, que afastamos dela os animais nocivos, que desviamos o fogo que se poderia misturar aos seus louros cabelos. Nossa missão é doce! Somos nós ainda que lhe inspiramos a compaixão pelo pobre, a doçura, a bondade; nenhum dos mais maus mesmo poderia nos evitar; há sempre um instante em que seu pequeno coração nos está aberto. Mais de um, entre vós, se espantará dessa missão; mas não dizeis freqüentemente: há um Deus para as crianças? Sobretudo para as crianças pobres? Não, não há um Deus, mas anjos, amigos. E como poderíeis explicar, de outro modo, os salvamentos miraculosos? Há ainda muitas outras forças das quais não supondes mesmo a existência; há o Espírito das flores, o dos perfumes, os há aos milhares, cujas missões, mais ou menos elevadas, vos pareceriam deliciosas, invejáveis segundo a vossa dura vida de provas; eu os convidarei a vir ao vosso meio. Eu estou neste momento recompensado de uma vida toda devotada às crianças. Casada jovem com um homem que as tinha muitas, não tive a felicidade de tê-las por mim mesmo; toda devotada a eles, Deus, o bom e soberano senhor, concedeu-me ser ainda o guardião das crianças. Doce e santa missão! Eu o repito, e cuja onipotência mães aqui presentes não poderiam negar. Adeus, vou em apoio aos meus pequenos protegidos; a hora do sono é a minha hora, e é necessário que eu visite todas essas bonitas pálpebras fechadas. O bom anjo que vela sobre elas, sabe-o, não é uma alegoria, mas bem uma verdade.

Conselhos.

(Sociedade, 25 de novembro de 1859. Méd. Sr. Roze.)

Outrora vos teriam crucificado, queimado, torturado; o cadafalso está tombado; a fogueira está extinta; os instrumentos de tortura estão quebrados; a arma terrível do ridículo, tão poderosa contra a mentira, se enfraquecerá contra a verdade; seus mais terríveis inimigos estão encerrados num círculo intransponível. Com efeito, negar a realidade das manifestações seria negar a revelação que é a base de todas as religiões; atribuí-las ao demônio é pretender que o Espírito do mal venha vos confirmar, desenvolver o Evangelho, exortar-vos ao bem, à prática de todas as virtudes, é simples e felizmente provar que ele não existe. Todo reino dividido contra si mesmo perecerá. Restam os maus Espíritos. Jamais uma boa árvore produzirá maus frutos; jamais uma má árvore produzirá bons frutos. Não tendes,

pois, nada melhor a fazer que responder-lhes como respondeu o Cristo aos seus predecessores quando, contra ele, formularam as mesmas acusações, e, como ele, pedir a Deus para perdoá-los, porque não sabem o que fazem.

O ESPÍRITO DA VERDADE.

(Outra, ditada ao Sr. Roze e lida na Sociedade.)

A França carrega o estandarte do progresso e deve guiar as outras nações; os acontecimentos passados e contemporâneos o provam. Postes escolhidos para vos tornardes o espelho que deve receber e refletir a luz divina, que deve esclarecer a Terra, até então mergulhada na ignorância e na mentira. Mas se não estiverdes animado pelo amor ao próximo e por um desinteresse sem limites, se o desejo de conhecer e propagar a verdade, da qual deveis abrir os caminhos para a posteridade não for o único móvel que guia os vossos trabalhos; se o mais leve preconceito de orgulho, de egoísmo e de interesse material encontra um lugar em vossos corações, não nos serviremos de vós senão como o artesão que emprega provisoriamente uma ferramenta defeituosa; viremos a vós até que tenhamos encontrado ou provocado um centro mais rico que vós em virtudes, mais simpático à falange de Espíritos que Deus enviou para revelar a verdade aos homens de BOA vontade. Pensai seriamente nisso; descei em vossos corações, sondai-lhe as dobras mais ocultas, e enxotai dele, com energia, as más paixões que nos distanciam, senão retirai-vos antes de comprometer os trabalhos de vossos irmãos com a vossa presença, ou a dos Espíritos que traríeis convosco.

O ESPÍRITO DE VERDADE.

A ostentação.

(Sociedade, 16 de dezembro de 1860 Méd. Srta. Huet)

Em uma bela noite de primavera, um homem rico e generoso estava sentado em seu salão; aspirava com alegria o perfume das flores de seu jardim. Enumerava com complacência todas as boas obras que fizera durante o ano. Com essa lembrança, não pôde esquivar-se de lançar um olhar, quase desdenhoso, sobre a casa de um dos seus vizinhos, o qual não pudera dar senão módica peça de moeda para a construção da igreja paroquial. De minha parte, disse, dei mais de mil escudos para essa obra pia; lancei negligentemente uma cédula de 500 francos na bolsa que me estendia essa jovem duquesa em favor dos pobres; dei muito para as festas de beneficência, para toda espécie de loteria, e creio quê Deus me será grato de tanto bem que fiz. Ah! Esquecia-me de uma leve esmola que fiz ultimamente a uma infeliz viúva, carregada de numerosa família, e que cria ainda um órfão; mas o que lhe dei é tão pouca coisa que, certamente, por isso, o céu não se me abrirá.

Tu te enganas, respondeu-lhe de repente uma voz que lhe fez girar a cabeça: é a única que Deus aceita, eis sua prova. No mesmo instante, uma mão apagou o papel que ele havia enegrecido com todas as suas boas obras, e não deixando senão a última inscrita, ela o levou ao céu.

Não é, pois, a esmola feita com ostentação que é a melhor, mas aquela que é feita com toda a humildade do coração.

Amor e Liberdade.

(Sociedade, 27 de janeiro de 1860. Méd. Sr. Roze.)

Deus é amor e liberdade; é pelo amor e pela liberdade que o Espírito se aproxima dele. Pelo amor ele se cria, em cada existência, novas relações que se aproximam da unidade; pela liberdade escolhe o bem que o aproxima de Deus. Sede ardentes em propagar a nova fé; que o santo ardor que vos anima jamais vos faça atingir a liberdade de outrem. Evitai, por uma insistência muito grande junto da incredulidade orgulhosa e temível, de exacerbar uma resistência meio vencida e quase a se render. O reino do constrangimento e da opressão acabou; o da razão, da liberdade e do amor fraterno começa. Não será mais pelo medo e a força que os poderosos da Terra adquirirão o direito de dirigir os interesses morais, espirituais e físicos dos povos, mas pelo amor e a liberdade.

ABEILLARD.

A imortalidade.

(Sociedade, 8 de fevereiro de 1860. Méd. Srta. Huet.)

Como um homem, e um homem inteligente, pode não crer na imortalidade da alma, e, por conseqüência, numa vida futura que não é senão o Espiritismo? Em que se tornaria esse amor imenso que a mãe dirige ao seu filho, esses cuidados com os quais o cerca em sua jovem idade, essa solicitude esclarecida que o pai dirige à educação desse ser bem-amado? Tudo isso seria, pois, aniquilado no momento da morte ou da separação? Portanto, seríamos semelhantes aos animais, cujo instinto é admirável, sem dúvida, mas que não cuidam de sua progênie com ternura senão até o momento que ela cessa de ter necessidade dos cuidados materiais? Chegando esse momento, os pais abandonam seus filhos, tudo está acabado: o corpo está criado, a alma não existe; mas o homem não teria uma alma, uma alma imortal! E o gênio sublime, que não se pode compará-lo senão a Deus, tanto que dele emana, esse gênio que cria prodígios, que cria obras-primas, tudo isso se aniquilaria com a morte do homem! Profanação! Não podem se aniquilar assim as partes que vêm de Deus. Um Rafael, um Newton, um Michelângelo, e tantos outros gênios sublimes, abraçam ainda o Universo com seu Espírito, embora seus corpos não mais existam; nisso não vos enganeis; eles vivem e viverão eternamente. Quanto a se comunicarem convosco, isto é mais fácil de ser admitido pela generalidade dos homens; não é senão pelo estudo e a observação que podem adquirir a certeza de que isso é possível.

FÉNELON

Parábola.

(Sociedade, 9 de dezembro de 1859 Méd Sr Roze.)

Um velho navio, em sua última travessia, foi atacado por uma tempestade terrível. Levava, além de grande quantidade de passageiros, uma multidão de mercadorias estrangeiras ao

seu destino, que a avareza e a cupidez de seus patrões havia acumulado. - O perigo era iminente; a maior desordem reinava a bordo; os chefes recusavam lançar sua carga ao mar; suas ordens eram desconhecidas; perderam a confiança da tripulação e dos passageiros. Era necessário pensar em abandonar o navio; colocaram-se três embarcações no mar; na primeira e a maior, se precipitaram estouvadamente os mais impacientes, e os mais inexperientes, que se apressaram em dar força aos remos até a luz que perceberam na costa, ao longe. Caíram nas mãos de uma horda de provocadores de naufrágios, que os despojaram dos objetos preciosos que juntaram às pressas, e os maltratou sem piedade.

Os segundos, mais clarividentes, souberam distinguir um farol redentor no meio das luzes enganosas que se acendiam no horizonte, e, confiantes, abandonaram seu barco ao capricho das ondas; foram se quebrar nos recifes, bem ao pé do farol que não escapara de seus olhos, e foram tanto mais sensíveis à sua ruína e à perda de seus bens quanto entreviram a salvação.

Os terceiros, pouco numerosos, mais sábios e prudentes, guiaram com cuidado seu frágil barquinho no meio dos escolhos e abordaram, corpos e bens, sem outro mal que a fadiga da viagem.

Não vos contenteis, pois, em vos colocar em guarda contra os fogos dos provocadores de naufrágios, contra os maus Espíritos; mas sabei também evitar a falta dos viajores indolentes que perderam seus bens e foram naufragar no porto. Sabei guiar vosso barco no meio dos escolhos das paixões, e abordareis felizes o porto da vida eterna, ricos de virtudes que adquiristes em vossas viagens.

SÃO VICENTE DE PAULO.

O Espiritismo.

(Sociedade, 8 de fevereiro de 1860 Méd Sra. M)

O Espiritismo está chamado a esclarecer o mundo, mas lhe é necessário um certo tempo para progredir. Ele existiu desde a criação, mas não foi conhecido senão por poucas pessoas, porque a massa, em geral, pouco se ocupa em meditar sobre as questões Espíritas. Hoje, com a ajuda desta pura doutrina, far-se-á uma luz nova. Deus, que não quer deixar a criatura na ignorância, permite aos Espíritos elevados virem em nossa ajuda, para contrabalançar o Espírito das trevas que tende a envolver o mundo; o orgulho humano obscurece o julgamento, e faz cometer muitas faltas neste mundo; são necessários Espíritos simples e dóceis para comunicar a luz e atenuar todos os nossos males. Coragem! Persisti nesta obra, que é agradável a Deus, porque ela é útil para sua maior glória, e dela resultarão grandes bens para a salvação das almas.

FRANÇOIS DE SALES

Filosofia.

(Sociedade, 3 de fevereiro de 1860. Méd Sr. Colin)

Escrevei estas coisas: O homem! Que é ele! De onde sai! para onde vai! - Deus! A Natureza!

A criação! O mundo! Sua eternidade no passado, no futuro! Limite da Natureza, relações do ser infinito com o ser particular? Passagem do infinito ao finito? - Perguntas que deve ter feito o homem, criança ainda, quando viu pela primeira vez com sua razão, acima de sua cabeça, a marcha misteriosa dos astros; sob seus pés a Terra, alternativamente revestida com roupa de festa sob o lépido hálito da primavera, ou coberta com um manto de tristeza sob o sopro gelado do inverno; quando se viu ele mesmo, pensando, sentindo, por um instante, lançado, nesse imenso turbilhão vital, entre ontem, dia de seu nascimento, e amanhã, dia de sua morte. Perguntas que se colocaram todos os povos, em todas as idades e em todas as suas escolas, e que, entretanto, não permaneceram menos enigmas para as gerações seguintes; perguntas bem dignas, contudo, para cativar o espírito investigador de vosso século e o gênio de vosso país. - Se, pois, houver entre vós um homem, dez homens, tendo consciência da alta gravidade de uma missão apostólica, e vontade de deixarem um sinal de sua passagem aqui para servir de ponto de referência à posteridade, eu lhes direi: por muito tempo transigistes com os erros e os preconceitos de vosso tempo; para vós, a época das manifestações materiais e físicas passou; o que chamais *evocações experimentais* não pode mais vos ensinar grande coisa, porque, ornais freqüentemente, só a curiosidade está em jogo; mas a era filosófica da doutrina se aproxima. Não fiquéis, pois, por mais tempo agarrados à madeira logo carcomida do pórtico, e penetrai audaciosamente no santuário celeste, tendo orgulhosamente à mão a bandeira da filosofia moderna, sobre a qual escrevereis sem medo: *misticismo, racionalismo*. Fazei ecletismo no ecletismo moderno; fazei-o como os Antigos, apoiando-vos sobre a tradição histórica, mística e legendária, mas tendo cuidado sempre em não sair da *revelação*, luz que nos faltou a todos em recorrendo às luzes dos Espíritos superiores votados missionariamente à marcha do espírito humano. Esses Espíritos, por elevados que sejam, não sabem todas as coisas: só Deus as conhece; além disso, de tudo que sabem, não podem tudo revelar. Onde estaria, em que se tornaria, com efeito, o livre arbítrio do homem, sua responsabilidade, o mérito e o demérito; e, como sanção, o castigo, a recompensa?

Entretanto, posso alinhar o caminho que vos mostro, com alguns princípios fundamentais; escutai, pois, estas coisas:

- 1- A alma tem o poder de se esquivar à matéria;
- 2- De se elevar bem acima da inteligência;
- 3- Esse estado é superior à razão;
- 4- Ele pode colocar o homem em relação com o que escapa às suas faculdades;
- 5- O homem pode provocá-lo pela prece a Deus, por um esforço constante da vontade, reduzindo, por assim dizer, a alma ao estado de *pura essência*, privada de atividade sensível e exterior; pela abstração, em uma palavra, de tudo o que há de diverso, de múltiplo, de indeciso, de turbilhonante, de exterioridade na alma;
- 6- Existe no *eu* concreto e complexo do homem uma força completamente ignorada até aqui: procurai-a, pois.

MOISÉS, PLATÃO, DEPOIS JULIANO.

Comunicações lidas na Sociedade.

(Pelo Sr. Pêcheur.)

Meu amigo, não sabes que todo homem que caminha na rota do progresso, tem sempre contra si a ignorância e a inveja? *A inveja é a poeira que os vossos passos levantam.* Vossas idéias revoltam certos homens, porque não compreendem, ou bem abafam pelo orgulho a voz da consciência que lhes grita: Aquilo que rejeitas, teu juiz o lembrará a ti um dia; é uma mão que Deus te estende para te retirar do lamaçal onde tuas paixões te lançaram. Escuta por um instante a voz da razão; pensa que vives num século de prata, onde o eu domina; que o amor às riquezas vos seca o coração, carrega vossa consciência de muitas faltas, e mesmo de crimes que vos será necessário confessar. Homens sem fé, que vos dizeis hábeis, vossa habilidade vos serve para vos naufragar; nenhuma mão vos será estendida; tostes surdos para a infelicidade dos outros, vós vos engolireis sem que uma lágrima caia sobre vós. Detende-vos! ainda há tempo; que o arrependimento penetre em vossos corações; que ele seja sincero, e Deus vos perdoará. Procurai o infeliz que não ousa se lamentar e a miséria mata lentamente, e o pobre que houverdes aliviado misturará vosso nome em sua prece; bendirá a mão que talvez terá salvado sua filha da fome que mata, e da vergonha que desonra. Infeliz de vós, se fordes surdos a essa voz. Deus vos disse pela boca sagrado do Cristo: Ama a teu irmão

como a ti mesmo. Não vos foi dada a razão para julgardes o bem e o mal? Não vos foi dado um coração para compartilhar os sofrimentos de vossos semelhantes? Não sentis que, em abafando a vossa consciência, abafais a voz do progresso e da caridade? Não sentis que não arrastais mais que um corpo vazio; que nada bate mais em vosso peito, o que torna a vossa marcha incerta? Porque fugistes da luz e os vossos olhos se tornaram de carne; as trevas que vos cercam vos agitam e vos causam medo; procurais, mas muito tarde, sair desse caminho que desaba sob vossos pés: o medo que não podeis definir vos torna supersticiosos; simulais o homem caridoso; esperando resgatar vossa vida egoísta, dais o dinheiro que o medo vos arranca, mas Deus sabe o que vos faz agir: não podeis enganá-lo; vossa vida se apagará sem esperança, e não podereis prolongá-la de um só dia; ela se apagará apesar de vossa riquezas, que vossos filhos cobiçam antecipadamente, porque lhes destes o exemplo; como vós, não têm senão um único amor, o do ouro, único sonho de felicidade para eles; e quando essa hora de justiça soar, vos será necessário comparecer perante o juiz supremo, que tereis desconhecido.

TUA FILHA.

A Consciência.

Cada homem tem em si o que chamais uma voz interior, é o que o Espírito chama a consciência, juiz severo que preside a todas as ações da vossa vida. Quando o homem está só, escuta essa consciência e se pesa em seu justo valor; freqüentemente, tem vergonha de si mesmo. Nesse momento, reconhece Deus, mas a ignorância, fatal conselheira, lhe empurra e coloca-lhe a máscara do orgulho; apresenta-se a vós inchado de seu vazio; procura vos enganar pela altivez que se dá; mas o homem de coração não tem a cabeça arrogante; ele escuta com proveito as palavras do sábio; sente que não é nada e que Deus é tudo. Procura se instruir no livro da Natureza, escrito pelas mãos do Criador; seu Espírito se eleva e arranca de seu envoltório as paixões materiais que, muito freqüentemente, vos perdem. É um guia perigoso, senão uma paixão que vos conduz; guarda isto, amigo: Deixa o cético rir, seu riso se apagará. Em sua hora última, o homem se torna crente. Amigo, pensa sempre em Deus, só ele não engana. Lembra-te de que não há senão um caminho que leva até ele: a fé e o

amor de seus semelhantes.

TUA FILHA

A Morada dos Eleitos.

(Pela sra. Des...)

Teu pensamento ainda está absorvido pelas coisas da Terra; se queres nos ouvir, é necessário esquecê-las. Experimentemos conversar do alto; que teu Espírito se eleve até essas regiões, morada dos eleitos do Senhor. Vê esses mundos que esperam todos os mortais, cujo lugar está marcado segundo o tenham merecido. Quantas felicidades para aquele que se compraz com as coisas santas, com os grandes ensinamentos dados em nome de Deus! Oh! Homens, como sois pequenos, comparados aos Espíritos desligados da matéria, e que planam nos espaços ocupados pela glória do Senhor! Felizes aqueles que são chamados a habitar os mundos onde a matéria não é quase mais que um nome; onde tudo é etéreo e translúcido; *onde não se ouvem mais os passos*. A música celeste é o único ruído que chega aos sentidos tão perfeitos para agarrar os menores sons, desde que se chamem harmonia! Que leveza iguala todos esses seres amados de Deus! Como percorrem, com delícias, esses lugares encantados, tornados seu asilo! Ali, não mais discórdias, não mais ciúme, não mais ódio; o amor tornou-se o laço destinado a unir, entre si, todos os seres criados, e esse amor que enche seus corações não tem por limite senão o próprio Deus, que é o fim, e no qual se resumem; a fé, o amor e a caridade.

UM AMIGO.

(Outra Pela mesma.)

Teu esquecimento me afligia; não me deixes mais tão longo tempo sem chamar-me; sinto-me disposto a conversar contigo e dar-te conselhos. Guarda-te de crer em tudo o que os outros Espíritos poderiam dizer-te: talvez te arrastassem para um mau caminho. Sé prudente com tudo, a fim de que Deus não te tire a missão que te encarregou de cumprir, a saber: de ajudar a levar ao conhecimento dos homens a revelação da existência de Espíritos ao redor deles. Todos não estão no estado de apreciar e compreender a alta importância dessas coisas, cujo conhecimento Deus não permite ainda senão aos eleitos. Um dia virá em que essa ciência, cheia de consolações e de grandeza, será o quinhão da Humanidade inteira, e onde não mais se encontrará um incrédulo. Os homens não poderão compreender, então, que tão palpável verdade pudera ser posta em dúvida um só instante, pelo mais simples dos mortais. Em verdade, eu te o digo, não se passará meio século, antes que os olhos de todos sejam abertos e os ouvidos franqueados a essa grande verdade: que os Espíritos circulam no espaço e ocupam diferentes mundos, segundo seu mérito aos olhos de Deus; que a verdadeira vida está na morte, e que é necessário que o homem seja várias vezes resgatado, antes de obter a vida eterna, à qual todos deverão chegar através de mais ou menos séculos de sofrimentos, segundo foram mais ou menos fiéis à voz do Senhor.

UM AMIGO.

O Espírito e o julgamento.

(Pela Sra Netz.)

A liberdade do homem é toda individual; ele nasceu livre, mas essa liberdade, freqüentemente, faz a sua infelicidade. Liberdade moral, liberdade física, tem tudo reunido, mas, a miúdo, é o discernimento que lhe falta, o que chamais bom senso. Que um homem tenha muito de espírito, e que lhe falte esta última qualidade, é absolutamente como se ele nada tivesse, porque o que faria de seu espírito, se não pode governá-lo, se não tem a inteligência necessária para saber conduzir-se, se crê andar num bom caminho, quando está no lamaçal, se crê ter sempre razão, quando, freqüentemente, está errado? O discernimento pode ter lugar de espírito, mas o espírito jamais substituirá o discernimento. É uma qualidade que é necessário ter, e quando não se a tem, é preciso fazer todos os esforços para adquiri-la.

UM ESPÍRITO FAMILIAR.

O Incrédulo.

(Pela Sra. L...)

Vossa doutrina é bela e santa; a primeira baliza está plantada, e solidamente plantada. Agora não tendes mais que caminhar; o caminho que vos está aberto é grande e majestoso. Feliz será aquele que chegar ao porto; quanto mais houver feito prosélitos, mais isso lhe será contado. Mas, para isso, não é necessário abraçar a doutrina friamente; é preciso nela colocar o ardor, e esse ardor será dobrado, porque Deus está sempre convosco quando fazeis o bem. Todos aqueles que conduzirdes, serão igualmente ovelhas reentradas no aprisco; pobres ovelhas meio extraviadas! Crede bem que o mais cético, o mais ateu, o mais incrédulo, enfim, tem sempre um pequeno canto, no coração, que gostaria de esconder a si mesmo. Pois bem! É esse pequeno canto que é necessário procurar, que é preciso encontrar, é esse canto vulnerável que é necessário atacar; é uma pequena brecha deixada aberta propositadamente por Deus para facilitar, à sua criatura, o meio de reentrar no seu seio.

São Bento.

O Sobrenatural.

(Pelo Sr. Rabache, de Bordeaux.)

Meus filhos, vosso pai fez bem em chamar vossa atenção séria para os fenômenos que se produzem nas sessões que vos ocupam há alguns dias. A julgá-los segundo as instruções de certos Espíritos sectários, ignorantes ou dominadores, esses efeitos são sobrenaturais. Não o crede nada, meus filhos; nada do que ocorre é *sobrenatural*: se o fora, o bom senso vos diz que não ocorreriam senão fora da matéria, e então não os veríeis. Para que vossos olhos ou vossos sentidos percebam uma coisa, é preciso *de toda necessidade* que essa coisa seja *natural*. Com um pouco de reflexão, não há Espírito sério que possa consentir crer em coisas sobrenaturais. Não quero dizer, por aí, que não hajam coisas que pareçam tais à vossa inteligência, mas a sua única razão é que não as compreendeis. Quando algum fato vos pareça sair do que credes natural, guardai-vos dessa preguiça de espírito que vos induzirá a crer que é sobrenatural; procurai compreendê-lo; para isso foi que a inteligência vos foi dada. De que vos serviria ela se devesseis vos contentar em aprender e em crer no que vos ensinaram vossos predecessores? É necessário que cada um coloque a sua inteligência a

serviço do progresso, que é a obra coletiva de todos. Uma vez que sois dotados do pensamento, pensai; uma vez que tendes julgamento, não é por nada, examinai e julgai. Não aceiteis os julgamentos prontos, senão depois de tê-los passado pelo cadinho da vossa razão. Duvidai por muito tempo se não tiverdes a certeza, mas não negueis jamais o que não compreendeis. Examinai, examinai seriamente. Só o preguiçoso, o que não é inteligente, o indiferente, aceitam, como verdadeiro ou falso, tudo o que ouvem afirmar ou negar. Enfim, meus filhos, fazei todos os esforços para vos tornardes seres sérios e úteis, a fim de bem cumprir a missão que vos está confiada. Nunca é demasiado cedo para se ocupar do que é bem e bom; começai, pois, em boa hora, a vos ocupar com as coisas sérias; o tempo de utilidades é sempre muito longo: é perdido para o vosso progresso, que não deveis perder de vista um instante. As coisas da Terra nada são; elas não servem senão à vossa passagem para um outro estado, que será tanto mais perfeito quanto o tiverdes melhor preparado.

Vossa avó.

ALLAN KARDEC.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Terceiro Ano – 1860

Maio

- [Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas](#)
- [História do Espírito familiar do senhor de Corasse](#)
- [Correspondência](#)
- Conversas familiares de além-túmulo
 - [Jardin](#)
 - [Uma Convulsionária](#)
- Variedades
 - [A Biblioteca de New York](#)
 - [A noiva traída](#)
 - [Superstição](#)
 - [Fato de pneumatografia ou escrita direta](#)
 - [Espiritismo e Espiritualismo](#)
- Ditados espontâneos
 - [As diferentes ordens de Espíritos](#)
 - [Remorsos e arrependimentos](#)
 - [Os Médiuns](#)

Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas

Revista Espírita, maio de 1860

Sexta-feira, 30 de março de 1860. (Sessão particular.)

Assuntos administrativos. O senhor Ledoyen, tesoureiro, apresenta a conta da situação financeira da Sociedade para o segundo semestre do ano social, findando em 30 de março de 1860. A conta é aprovada.

Comunicações diversas. 1º O Sr. Chuard, de Lyon, faz doação à Sociedade de duas brochuras contendo uma *Ode sacra sobre a imortalidade da alma*, a outra uma *Sátira sobre as sociedades em comandita*. A Sociedade agradece ao autor, e embora uma, dessas duas brochuras, sobretudo, seja estranha ao objeto de seus trabalhos, serão depositadas na sua biblioteca.

2º Leitura de três cartas, do Sr. Morhéry sobre as curas operadas pela Srta. Godu, médium curadora, que foi morar em sua casa, e se colocou sob o seu patrocínio. O Sr. Morhéry observa, como homem de ciência, os efeitos do tratamento praticado por essa senhorita nos diversos doentes que ela cuida; disso toma nota exata como o faria numa sala de clínica, e foi capaz de constatar, num muito curto espaço de tempo, resultados prodigiosos.

A Sociedade, acrescenta o Sr. Presidente, tem um duplo motivo Para se interessar pela Srta. Godu; além da simpatia que, naturalmente, estimula os exemplos de caridade e de desinteresse, tão raros em nossos dias, do ponto de vista Espírita, essa jovem Pessoa lhe oferece um precioso objeto de estudo, como gozando de faculdade de alguma sorte excepcional. Interessa-se por um médium de efeitos físicos, podendo produzir fenômenos extraordinários; não se poderia ver com mais indiferença aquele cujas faculdades são proveitosas à Humanidade, e que nos revela, por outro lado, uma nova potência da Natureza.

3ª Carta do Sr. conde de R..., membro titular, que partiu para o Brasil, e que se encontra, agora, retido no ancoradouro de Cherbourg, devido ao mau tempo. Pede à Sociedade evocá-lo na presente sessão, se isso se pode.

O Sr. T... observa que, tendo essa mesma pessoa sido evocada duas vezes, uma terceira lhe parece supérflua.

O Sr. Allan Kardec responde que, sendo o estudo o objetivo da Sociedade, o mesmo sujeito pode oferecer informações úteis na terceira vez tão bem quanto na segunda ou na primeira; a experiência, aliás, prova que o Espírito está tanto mais lúcido e explícito quanto se comunica mais freqüentemente e se identifica, de alguma sorte, com o médium que lhe serve de instrumento. Não se trata, aqui, de satisfazer um capricho, nem uma vã curiosidade; a Sociedade, em suas evocações, não procura nem seu agrado nem seu divertimento: ela quer instruir-se; ora, o Sr. de R..., encontrando-se numa situação toda diferente daquela na qual estava quando evocado, pode dar lugar a novas anotações.

São Luís, consultado sobre a oportunidade dessa evocação, respondeu que ela não poderia ter lugar naquele momento.

Estudos. 1° São obtidos dois ditados espontâneos, um de São Luís, pela Srta. Huet, o outro de Charlet, pelo Sr. Didier filho.

2- Perguntas diversas dirigidas a São Luís sobre o Espírito que se comunicou, espontaneamente, na última sessão, sob o nome de *Being*, pela Sra. de Boyer, e que se acusou de procurar semear a perturbação e a discórdia, e se misturou em diversas comunicações. Das respostas obtidas, resultou ensinamento interessante sobre o modo de ação dos Espíritos uns sobre os outros.

3- O Sr. R... propõe a evocação de um de seus amigos, desaparecido desde 1848, o do qual não se têm notícias.

Devido à hora avançada, essa evocação foi adiada para uma próxima sessão.

A Sociedade decide que não se reunirá sexta-feira, 6 de abril. A partir de 20 de abril, as sessões terão lugar no novo local da Sociedade, rua Sainte-Anne n° 50, passagem Sainte-Anne.

Sexta-feira. 13 de abril de 1860 (Sessão particular.)

Assuntos administrativos. Nomeação de quatro novos membros como associados livres.

A Sociedade confirma o título de membro honorário a cinco dos membros precedentemente nomeados.

Comunicações diversas. A Senhora Desl..., membro da Sociedade, tendo viajado a Dieppe, esteve em Grandes-Ventes onde teve, da própria boca do senhor Goubert, a confirmação de todos os fatos que foram relatados no número do mês de março, e com detalhes ainda mais circunstanciais. Ela pôde constatar, pelo exame das localidades, que, sobretudo para certos fatos, a fraude era impossível. Parecia resultar, das informações obtidas, que esses fenômenos tiveram por causa a presença de jovem garçom que o padeiro tinha, há algum tempo, em seu serviço, e que coisas semelhantes ocorreram em outras casas. Sendo esses fenômenos independentes de sua vontade, pode-se classificá-lo na categoria de *médiuns naturels ou involuntários*, para efeitos físicos. Depois, então, deixou a casa do senhor Goubert, e nada se renovou.

Estudos. 1° Ditados espontâneos obtidos por três médiuns.

2° Evocação do doutor Vogel, viajante no interior da África, onde morreu assassinado. Essa evocação não dá os resultados que dela se esperavam. O Espírito se declara ser sofredor e reclama preces para ajudá-lo a sair da perturbação em que ainda está; mais tarde, disse ele, poderá ser mais explícito.

O Sr. Allan Kardec propôs, como objeto de estudo, o exame aprofundado e detalhado de certos ditados, espontâneos ou outros, que se poderiam analisar e comentar, como se faz nas críticas literárias. Esse gênero de estudo, teria a dupla vantagem de exercer a apreciação do

valor das comunicações Espíritas, e, em segundo lugar, e por consequência mesmo dessa apreciação, desencorajar os Espíritos enganadores que, vendo todas as suas palavras criticadas, controladas pela razão, e finalmente rejeitadas desde que tenham um sinal suspeito, acabariam por compreender que perdem seu tempo. Quanto aos Espíritos sérios, poder-se-ia chamá-los para pedir-lhes explicações e desenvolvimentos sobre os pontos de suas comunicações que tivessem necessidade de serem elucidados.

A Sociedade aprovou essa proposição.

Sexta-feira, 20 de abril de 1860 (Sessão particular)

Correspondência. 1ª Carta do Sr. J...de Saint-Etienne, membro titular. Essa carta contém apreciações muito justas sobre o Espiritismo, e prova que o autor o compreende sob seu verdadeiro ponto de vista.

2ª Carta do Sr. L..., trabalhador de Troyes, contendo reflexões sobre a influência moralizadora da Doutrina Espírita sobre as classes laboriosas. Ele convida os adeptos sérios a se ocuparem de propagá-la em suas fileiras, no interesse da ordem, e em vista de despertar, entre elas, os sentimentos religiosos que se extinguem e dão lugar ao ceticismo, que é a praga do nosso século, e a negação de toda responsabilidade moral.

Esses dois senhores já declararam, em outras cartas, não terem jamais visto fato do Espiritismo prático, mas com isso não estão menos firmemente convencidos, unicamente pela importância filosófica da ciência. O Presidente fez notar, a esse respeito, que diariamente tem exemplos semelhantes, não da parte de pessoas que crêem cegamente, mas, ao contrário, da parte daqueles que refletem e se dão ao trabalho de compreender. Para eles, a parte filosófica é a principal, porque ela explica o que nenhuma outra filosofia resolveu; o fato das manifestações é acessório.

3ª Carta do Sr. Dumas, de Sétif (Argélia), membro da Sociedade, que transmite novos detalhes interessantes sobre os resultados dos quais foi testemunha; cita notadamente um jovem médium que apresenta um fenômeno singular, é que entra espontaneamente, e sem estar magnetizado, numa espécie de sonambulismo, cada vez que se quer fazer uma evocação por seu intermédio, e nesse estado ele escreve ou diz verbalmente as respostas às perguntas propostas.

Comunicações diversas. 1ª A Sra. R... (de Jura), membro correspondente da Sociedade, transmite um fato curioso que lhe é pessoal; trata-se de um velho relógio de bolso, ao qual se ligam as lembranças da família, e que parece estar submetido a uma influência singular e inteligente, em certas circunstâncias dadas.

2ª Leitura de uma comunicação obtida em uma outra reunião Espírita, e assinada Jeanne D'Arc. Ela contém excelentes conselhos, dados aos médiuns, sobre as causas que podem anular ou perverter suas faculdades medianímicas (publicada adiante.)

3ª O Sr. Col... começa a leitura de uma evocação de São Lucas, evangelista, que fez particularmente.

O Presidente, percebendo que nessa evocação são tratadas diversas questões de dogmas religiosos, interrompe-lhe a leitura, em virtude do regulamento que proíbe ocupar-se dessa

espécie de matéria.

O Sr. Col... observa que essa comunicação, nada tendo de ortodoxa, não havia pensado que houvesse inconveniente em lê-la.

O Presidente objeta que respostas supõem sempre perguntas; ora, sejam essas respostas ortodoxas ou não, não" dariam menos lugar para supor que a Sociedade se ocupa de coisas que lhe são interditas. Uma outra consideração ver corroborar esses motivos, é que, entre os membros, há àqueles que pertencem a diferentes cultos; o que seria ortodoxo para uns poderia não ser para outros, e é uma razão a mais para abster-se. De resto, o regulamento prescreve o exame antecipado de toda comunicação obtida fora da Sociedade; essa medida deve ser rigorosamente observada.

Estudos. Evocação do Sr. B..., amigo do Sr. Royer, desaparecido de sua casa, desde 25 de junho de 1848. Dá algumas informações sobre sua morte, ocorrida por acidente, quando das perturbações dessa época. O Sr. Royer reconhece sua identidade por sua linguagem, e algumas particularidades íntimas.

Sexta-feira, 27 de abril de 1860. (Sessão geral)

Comunicações diversas. 1^ª Carta do Sr. doutor Morhéry, contendo novos estudos sobre as curas que obteve com o concurso da senhorita Godu. E com a ajuda do que se pode chamar a *medicina intuitiva*, (publicada adiante.)

2^a A propósito da medicina intuitiva, o Sr. C..., um dos ouvintes presentes à sessão, segundo o convite do Presidente, dá informações, do mais alto interesse, sobre o poder curador de que gozam certas castas de negros. O Sr. C..., natural do Indostão, e de origem indiana, foi testemunha ocular de numerosos fatos desse gênero, mas dos quais, nessa época, não se dava conta; hoje, deles encontra a chave no Espiritismo e no magnetismo. Os negros curadores fazem bem uso de certas plantas mas, freqüentemente, se contentam em apalpar o doente, e agem segundo as indicações de vozes ocultas que lhes falam.

3^a Fato curioso de intuição circunstanciada de uma existência anterior. A pessoa em questão, que consigna o fato numa carta a um de seus amigos, e da qual é dada a leitura, diz que desde a sua infância tem uma lembrança precisa de ter perecido durante os massacres da São Bartolomeu, e se lembra mesmo os detalhes de sua morte, as localidades, etc. Essas circunstâncias não permitem ver, nesse pensamento, o resultados de uma imaginação impressionada, porque essa lembrança remonta a uma época na qual não havia nenhuma questão dos Espíritos nem da reencarnação.

4^a O Sr. Georges G..., de Marseille, transmite o fato seguinte: Um jovem morreu há oito meses, e sua família, na qual se encontram três irmãs médiuns, evoca-o quase diariamente, servindo-se de uma cesta. Cada vez que ele é chamado, um pequeno cão que muito amara, salta sobre a mesa e vem cheirar a cesta, gemendo. A Primeira vez que isso aconteceu, a cesta escreveu espontaneamente: Meu bravo cãozinho que me reconhece.

Eu posso, diz o Sr. G..., assegurar-vos da realidade desse fato; eu não o vi, mas as pessoas de quem eu o obtenho, e que, freqüentemente foram testemunhas deles, são muito bons Espíritas e muito sérios para que eu possa pôr em dúvida a sua sinceridade. Eu me pergunto, segundo isso, se o perispírito, mesmo não tangível, tem um aroma qualquer, ou bem se certos animais são dotados de uma espécie de mediunidade.

Um estudo especial far-se-á, ulteriormente sobre esse interessante assunto, sobre o qual outros fatos, não menos curiosos, parecem dever lançar alguma luz.

5ª Constatação de um mau Espírito conduzido a uma reunião particular por um visitante, de onde se pode deduzir a influência que podem exercer, certas pessoas, em dadas circunstâncias.

6ª Leitura de uma evocação, feita em particular pelo Sr. Allan Kardec, de uma das principais convulsionárias de Saint-Médard, falecida em 1830, e em presença de sua própria filha, que pôde constatar a identidade do Espírito evocado. Essa evocação apresenta, sob diferentes aspectos, um alto grau de ensinamento e empresta um interesse particular nas circunstâncias em que foi feita, (publicada adiante.)

Estudos. 1º Ditado espontâneo, obtido por intermédio da senhora P...

2º Evocação de Stevens, companheiro de Georges Brown.

História do Espírito familiar do senhor de Corasse

Revista Espírita, maio de 1860

Devemos à cortesia de um dos nossos assinantes a interessante notícia seguinte, tirada das crônicas de Froissard, e que prova que os Espíritos não são uma descoberta moderna. Pedimos aos nossos leitores a permissão de narrá-la no estilo do tempo (século XVI); ela não poderia senão perder a sua simplicidade se fosse traduzida em linguagem moderna.

A batalha de Juberoth é célebre nas crônicas antigas. Ela se deu durante a guerra que João, rei de Castela, e Diniz, rei de Portugal, se fizeram para sustentar suas respectivas pretensões sobre este último reino. Os Castelhanos e os Bearnases nela foram inteiramente desfeitos. O fato que Froissard narra nessa ocasião é dos mais singulares. Lê-se no capítulo XVI do livro III, de sua crônica, que, no dia seguinte ao combate, o conde de Foix foi informado do que ela resultará, o que a distância dos lugares tornava inconcebível nessa época. Foi um escudeiro do conde de Foix que contou a Froissard o fato do qual se trata:

"Todo o dia de domingo, e o dia de segunda e o de terça-feira seguinte, o conde de Foix, estando em seu castelo, em Ortais, fazia-se tão simples e carrancudo, que não se podia tirar palavra dele: e não quis nunca, nesses três dias, sair de seu quarto, nem falar a cavaleiro, nem a escudeiro (por próximo que lhe fosse) se não o mandasse: e adveio ainda que ele chamou a tal a quem não falou nenhuma palavra todos os três dias. Quando chegou a terça-feira à noite, chamou seu irmão Arnaut-Guillaume, e lhe disse baixinho: Nossa gente teve disputas com as quais estou enfurecido, porque foram atacados em viagem, como lhes disse ao partirem (na partida). Arnaut-Guillaume, que é um homem muito sábio, e cavaleiro prevenido, e que conhece a maneira e condição de seu irmão, calou-se, e o conde, que desejava esclarecer sua coragem, porque por muito tempo tinha suportado seu aborrecimento, repetiu ainda sua palavra, e falou mais alto do que fizera na primeira vez, e disse: Por Deus, senhor Arnaut, foi assim que vos disse e logo teremos novas deles; mas nunca o país de Bearn perdeu tanto, desde cem anos, em um dia, como perdeu esta vez em Portugal. Vários cavaleiros e escudeiros, que estavam ali presentes, e que ouviram e entenderam o conde, não ousaram falar: E lá dentro, dez dias depois, soube-se da verdade, por aqueles que, em trabalho, lá estiveram, e que contaram, primeiramente e em seguida, a todos aqueles que quisessem ouvir, todas as coisas, na forma e maneira como elas ocorreram em Juberoth. Aí renovou a tristeza do conde e daqueles do país, os quais perderam seus irmãos, seus pais, seus filhos e seus amigos.

"Santa Maria, disse eu ao escudeiro que me contava seu conto, e como o pôde o conde de Foix tão cedo saber, não presumir, como do dia o dia de amanhã? Pela minha fé, disse ele, o sente bem, como apareceu. - Portanto, é adivinho, disse eu; ou tem mensageiros que cavalgam com o vento, ou é necessário que tenha alguma arte. - O escudeiro começou a rir, e disse, realmente é necessário que o saiba por alguma via de necromancia. Nada sabemos, verdadeiramente dizendo, neste país, como ele o usa, exceto por imaginação (por suposição). Então, disse eu ao escudeiro, a imaginação que pensais, quereis ma dizer e declarar, e por isso vos seria agradecido; e se essa coisa é para esconder, eu a esconderei bem, nem nunca, tanto que eu seja neste mundo, disso abrirei minha boca. - Isso vos peço, disse o escudeiro, porque não gostaria que soubessem que eu lhe dissera. Então levou-me para um ângulo da

cobertura do castelo de Ortais, e depois começou a contar e disse:

Há bem em torno de vinte anos que reinou neste país um barão, que se chamou, em seu nome, Raymon, senhor de Gorasse. Courasse que vós o ouvis, é uma cidade a sete léguas desta cidade de Orlais. Ó senhor de Gorasse, pelo tempo que vos falo, tinha uma audiência em Avignon, diante do Papa, pelos dízimos da Igreja, em sua cidade, ao encontro de um clérigo de Catalunha, o qual clérigo era grandemente autorizado, e clamava ter grande direito nesses dízimos de Gorasse que bem valiam de retorno cem florins por ano, e o direito que tinha mostrava e provava; porque, por sentença definitiva, o Papa Urbano quinto, em consistório geral, condenou o cavaleiro e julgou para o clérigo. Da última sentença do Papa, levou carta, e cavalgou tanto por seus dias que chegou a Bearn, e mostrou suas bulas e suas cartas, e se fez entrar na posse desse direito ao dízimo. O senhor de Gorasse veio diante dele, e disse ao clérigo: Senhor Pierre, ou Senhor Martin, assim que nome tenha, pensais que, pelas vossas cartas, eu deva perder minha herança? Eu não o sei tão audacioso, para que isso tomeis, nem que leveis a coisa que seja minha, porque se o fizerdes, nisso poreis a vida. Mas ide alhures impetrar benefícios, porque de minha herança nada tereis: e de uma vez por todas, eu vo-lo proíbo. O clérigo duvidou (desconfiou), porque ele era cruel, e não ousou perseverar. Avisou que retornaria para Avignon, como o fez. Mas, quando devia partir, veio em presença do cavaleiro, e senhor de Gorasse, e lhe disse: Pela vossa força, e não direito, impedis os direitos de minha Igreja, da qual, em consciência, procedestes muitíssimo mal. Eu não sou tão forte neste país como o sois, mas sabeí que, o mais cedo que puder, vos enviarei tal campeão que hesitareis (temereis) mais que eu. O senhor de Gorasse, que não fez conta de suas ameaças, disse-lhe: Vai a Deus, faze o que puderes; eu não hesito (não temo) mais morto que vivo; por tuas palavras não perderei minha herança.

Assim partiu o Clérigo, em regressando, não sei para que parte, Catalunha ou Avignon, e não se esqueceu do que lhe dissera, ao partir, o senhor de Gorasse, porque quando o cavaleiro nisso menos pensava, em torno de três meses depois, em seu castelo, lá onde dormia em seu leito, junto de sua mulher, vieram mensageiros invisíveis que começaram a desgraçar tudo o que encontravam nesse castelo, e parecendo que devessem tudo demolir, batendo pancadas tão fortes, à porta do quarto do senhor, que a senhora, ali deitada, estava toda medrosa. O cavaleiro ouviu (ouviu) bem tudo isso, mas não queria dizer palavra, porque não queria mostrar coragem de homem apavorado: e também estava com bastante audácia para esperar todas as aventuras. Esses transtornos e pavores, feitos em vários lugares no castelo, duraram um longo tempo e depois cessaram. No dia seguinte, quando vieram todas as pessoas (gentes) hóspedes, se reuniram e vieram ao Senhor, na hora que despertou, e lhe perguntaram: Senhor, não ouvistes o que ouvimos à noite? Então lhe recordaram como fora transtornado seu castelo, e revirada e partida toda a louça da cozinha. Ele começou a rir, e disse que tinham sonhado, e que isso não fora senão o vento. Em nome de Deus, disse a senhora, ou ouvi bem.

"Quando veio a outra noite, depois em seguida, ainda retornaram esses ruídos estrondosos, e fizeram maior barulho que antes, batendo pancadas tão grandes às portas e janelas do quarto do cavaleiro, parecendo que tudo devesse se romper. O cavaleiro saiu de sobre (sobre) seu leito e não se pôde, nem se quis, conseguir que não perguntasse: quem é que bate assim na minha porta a esta hora? Logo lhe responderam, sou eu. O cavaleiro disse-lhe: quem te enviou aqui? Enviou-me o clérigo de Catalunha, aquém fizestes mal, porque lhe tirastes (tirar) os direitos em seu benefício. Não ficarás em paz enquanto não lhe houveres dado boa conta, e que ele fique contente.

Disse o cavaleiro: como te chamas, que és tão bom mensageiro? - Sou chamado Orthon. - Orthon, disse o cavaleiro, o serviço de um clérigo não te vale nada; ele te dará e fará muita pena. Se queres crer-me, eu te peço, deixa-o em paz e me serve, e ser-te-ei muito

agradecido. - Orthon foi logo aconselhado a responder, porque se enterneceu com o cavaleiro e disse-lhe: Quereis? - Sim, disse o cavaleiro, mas que não façam mal a ninguém nesta casa. Não, disse Orthon, não tenho poder nenhum para fazer outro mal que o de te despertar, e de impedir de dormir tu ou outrem. - Faze o que te digo, disse o cavaleiro, estaremos bem de acordo, e deixa esse clérigo mau, porque nada terá de bem nele, exceto pena para ti e, assim (assim) me serve. - E, uma vez que o queres, eu o quero, disse Orthon.

"Ali se afeiçoou de tal modo aquele Orthon ao Senhor de Gorasse, que, freqüentemente, bem vinha vê-lo de noite; e quando o encontrava dormindo, puxava-lhe o travesseiro, ou batia grandes golpes na porta e nas janelas de seu quarto, e o cavaleiro, quando despertava, dizia-lhe: Orthon, deixa-me dormir. Não farei, dizia Orthon, sim e dir-te-ei as novidades. Ali estava a mulher do cavaleiro com tão grande pavor que todos os seus cabelos se eriçavam, e se escondia em sua coberta. Ali, perguntava-lhe o cavaleiro que novas me trazes? - Dizia Orthon: venho da Inglaterra, ou da Hungria, ou de outro lugar; parti ontem e tais coisas aconteceram. Assim (assim) sabia o senhor de Gorasse, por Orthon, tudo o que ocorria pelo mundo; e bem manteve aquele criado por cinco anos, sem poder calá-lo, e se descobriu o conde de Foix, realmente por maneira que vos direi. No primeiro ano, o senhor de Gorasse veio diversas vezes ao conde de Foix, em Orlais, e lhe dizia: Monsenhor, tal coisa ocorreu na Inglaterra, ou na Alemanha, ou em outro país, e o conde de Foix, que depois achava tudo isso verdadeiro, tinha grande maravilha por essas coisas que vinha a saber; e tanto pressionou-o uma vez, que o senhor de Gorasse disse-lhe como e por quem lhe vinham tais novidades.

"Quando o conde de Foix soube da verdade, ficou muito alegre e disse-lhe: Senhor de Gorasse, tende-lhe muito amor (tende-o por agradável), eu bem que gostaria de ter um tal mensageiro. Não vos custa nada, e sim (por esse meio) sabeis verdadeiramente tudo o que advém pelo mundo. O cavaleiro respondeu, Monsenhor, assim eu farei. - Assim então o senhor de Gorasse serviu-se de Orthon por muito tempo. Não sei se esse Orthon tinha mais de um senhor, mas todas as semanas, duas ou três vezes, visitava o senhor de Gorasse, e dizia-lhe as novidades que lhe ocorreram, o país onde conversara, e o senhor de Gorasse disse escrevia ao conde de Foix, ao qual dava grande alegria.

"Uma vez estava o senhor de Gorasse com o conde de Foix e, juntos, conversavam sobre isso, de maneira que o conde de Foix lhe perguntou: Senhor de Gorasse, tendes visto ainda o vosso mensageiro? - Por minha fé, nunca, disse não tenho pressa. - É maravilha, disse o conde, e se estivesse tão bem combinado quanto vós, ter-lhe-ia pedido que se mostrasse a mim, e peço-vos que vos preocupeis disso e me saibais dizer de que forma ele é, e de qual maneira. Dissestes que ele fala tão bem o gascão como eu ou vós. - Por minha fé, disse o senhor de Gorasse, é verdade; ele fala tão bem e tão belo como eu e vós, e por minha fé, eu me preocuparei em vê-lo como me aconselhais. Ocorreu que o senhor de Gorasse (como havia estado em outras noites) estava em seu leito, ao lado da mulher, que já se acostumara a ouvir Orthon, e não lhe tinha mais medo. Então veio Orthon, tirou o travesseiro do senhor de Gorasse, que dormia muito. O senhor de Gorasse despertou e perguntou quem ali estava? - Respondeu Orthon: esse sou eu. - Perguntou-lhe: de onde vens? - Venho de Praga, na Boêmia. - Quanto, disse ele, há bem dali? - Sessenta jornadas, disse Orthon. - E retornaste tão depressa? - Mas Deus, sim; vou tão rápido quanto o vento, ou mais rápido. - E tens asas (asas)? - Não, disse ele. - Como podes, pois, voar assim tão rápido? - Respondeu Orthon: Não tendes a fazer senão saber. - Eu te veria com mais bom grado por saber de qual forma és, e de que maneira. - Respondeu Orthon: basta-vos quando me ouvís, e vos relato certas novidades. - Por Deus, disse o senhor de Gorasse, eu te quereria mais se te visse. - Respondeu Orthon: uma vez que tendes desejo de me ver, a primeira coisa que vereis e encontrareis, amanhã de manhã, quando sairdes de vosso leito, esse serei eu. - Basta, disse o senhor de Gorasse. Ora, vai; eu te dou licença para esta noite. Quando veio o dia seguinte,

o Senhor de Gorasse se levantou. A senhora tinha tanto pavor que ficou doente, e disse que não se levantaria naquele dia, e o senhor queria que ela se levantasse. Senhor, disse ela, eu verei Orthon; e não quero vê-lo, se aprouver a Deus não encontrá-lo. Então, disse o senhor de Gorasse, eu quero bem vê-lo. E saiu devagar de seu leito, mas não viu nenhuma coisa que pudesse dizer eu vi aqui (eu vi aqui) Orthon. O dia passou e veio a noite. Quando o senhor de Gorasse foi para o seu leito dormir, Orthon veio e começou a falar como estava acostumado; vai, disse o senhor de Gorasse a Orthon, não és senão um mentiroso; tu deverias te mostrar tão bem a mim, e para isso nada fizeste. - Sim, o fiz. - Não o fizeste. - E não vistes, disse Orthon, quando saístes de vosso leito, alguma coisa? E o senhor de Gorasse pensou um pouco, e depois achou. Sim, disse ele, sentando no meu leito, e pensando em ti, vi dois pedaços de palha no soalho (pedaços de palha no soalho) que giravam juntos. - Era eu, disse Orthon, nessa forma que me coloquei. - Disse o senhor de Gorasse: não me basta; eu te peço que te coloques numa outra forma tal que eu te possa ver e conhecer. Orthon respondeu: fareis tanto que me perdereis, e que me irei de vós, porque me requereis muito antes. - Disse o senhor de Gorasse: tu não te irás de mim; eu te confesso, uma vez visto, não te quero mais ver (não pedirei mais para te ver).

Ora, disse Orthon, ver-me-eis amanhã, e ficai em guarda quanto à primeira coisa que vereis quando estiverdes fora de vosso quarto. Quando veio o dia seguinte, na hora terceira, o senhor de Gorasse levantou-se e aprontou-se, e estando fora de seu quarto, veio a um lugar que olha sobre (sobre) o pátio do castelo; lançou os olhos e a primeira coisa que viu foi uma porca, a maior que vira; mas esta era tão magra que por semblante não se lhe via senão os ossos e a pele, e tinha orelhas grandes, longas e pendentes, e toda suja; tinha um focinho longo e agudo e afinado. O senhor de Gorasse se maravilhou muito com essa porca. Se não a viu de bom grado, mandou seu pessoal: ora, logo, colocai os cães fora; quero que essa porca seja morta e devorada. Os serviçais saíram e abriram o lugar onde os cães estavam, e fizeram atacar a porca, que lançou um grande grito e olhou sobre o senhor de Gorasse, que se apoiava diante de seu quarto numa sacada, e que depois não a viu, porque ela esvaeceu-se; não se sabendo em que se tornou. O senhor de Gorasse reentrou em seu quarto todo pensativo, e lembrou Orthon. Creio que vi Orthon, meu mensageiro; arrependo-me do que fiz, de lançar meus cães contra ele. Azar será (isso será um azar) se nunca mais o ver, porque ele me disse várias vezes que, assim que o conhecesse, perdê-lo-ia. - Ele disse a verdade: nunca mais retornou ao castelo de Gorasse e o cavaleiro morreu no ano seguinte.

"É verdade, disse eu ao Escudeiro, o conde de Foix serviu-se de um tal mensageiro? Em boa verdade, é a imaginação (opinião) de vários homens de Béarn, que sim; porque não se fez nada no país nem alhures, quando ele quis, e ele põe perfeitamente seus cuidados (cuidados) que tanto não o saiba, e quando disso não sede o menos de guarda. Assim foram bons cavaleiros e Escudeiros desse país que estavam morando em Portugal. A graça e o renome que ele tem disso, fez-lhe grande proveito, porque não se perdeu nesta casa o valor de uma colher de ouro ou de prata, nem nada que ele não saiba tanto.

Correspondência

Revista Espírita, maio de 1860

Carta do Sr. doutor Morhéry sobre diversos casos de cura obtidos pela medicação da senhorita Désiré Godu.

Plessis-Doudet, perto de Loudác, Côtes-du-Nord,

25 de abril de 1860.

Senhor Allan Kardec,

Venho hoje cumprir a promessa que vos fiz de assinalar os casos de cura que obtive com o concurso da senhorita Godu. Assim como o deveis pensar, não vos posso enumerar todos, isso seria muito longo. Limitar-me-ei a fazer uma seleção, não em razão da gravidade, mas em razão da variedade das doenças. Não quis repetir duas vezes os mesmos casos, nem mencionar curas de pouca importância.

Vede-o, Senhor, a senhorita Godu não perdeu seu tempo desde que está em Plessis-Boudet; já visitamos mais de duzentos enfermos, e tivemos a satisfação de curar quase todos aqueles que tiveram a paciência de seguirem as nossas prescrições. Não vos falo de nossos cancerosos, estão no bom caminho; mas esperarei resultados positivos antes de me pronunciar. Temos ainda um grande número de doentes em tratamento, e escolheremos, de preferência, aqueles que são reputados incuráveis. Dentro em pouco espero, pois, ter casos novos de cura a vos assinalar; sobre tudo, é sobre as afecções reumáticas, as paralisias, as ciáticas, as úlceras, os desvios ósseos, as feridas de toda natureza, que o sistema de tratamento me parece melhor resultar.

Posso vos assegurar, Senhor, que aprendi muitas coisas úteis, que ignorava antes das minhas relações com essa senhorita; cada dia, ela me ensina alguma coisa nova, tanto para o tratamento quanto para o diagnóstico. Quanto ao prognóstico, ignoro como pode ela fixá-lo; entretanto, ela aí não se engana. Com a ciência comum não se pode explicar uma tal penetração; mas vós, Senhor, vós a compreendeis facilmente.

Termino declarando que certifico verdadeiras e sinceras todas as observações adiante e assinadas com meu nome.

Aceitai, etc. morhéry, doutor em medicina,

Observação, no. 5(23 de fevereiro de 1860). François Langle, trabalhador diarista. Diagnóstico: febre terça há seis meses. Essa febre tinha resistido ao sulfato de quinina, por mim administrado diversas vezes ao doente, foi curado em cinco dias de tratamento com simples infusões de plantas diversas, e o doente se porta melhor do que nunca. Poderia citar dez curas semelhantes.

2ª *Observação*, nº 9 (24 de fevereiro de 1860). Senhora R..., idade 32 anos, de Loudéac.

Diagnóstico: inflamação e ingurgitação crônicas das amígdalas; cefaléia violenta; dores na coluna vertebral; abatimento geral; apetite nulo. O mal começou com calafrios e surdez; dura há dois anos. - Prognóstico: caso grave e difícil de curar, tendo o mal resistido aos tratamentos melhor dirigidos. Hoje, a doença está curada; ela não continua o tratamento senão para evitar uma recaída.

3ª *Observação*, nº13 (25 de fevereiro de 1860). Pierre Gaubichais, da aldeia de Veniou-Lamotte, idade 23 anos. Diagnóstico: inflamação sub-aponeurótica no dorso e na palma da mão. Prognóstico: caso grave, mas não incurável. A cura foi obtida em menos de quinze dias. Temos quatro ou cinco casos semelhantes.

4ª *Observação*, nº18 (26 de fevereiro de 1860). François R..., de Loudéac, idade 27 anos. Diagnóstico: Tumor branco cicatrizado no joelho esquerdo; abscesso fistuloso na parte posterior da coxa, acima da articulação. O mal existe há 10 anos. - Prognóstico: ca só muito grave e incurável. O mal resiste aos melhores tratamentos seguidos durante 6 anos. Esse doente foi tratado com os unguentos preparados pela Srta. Godue tomou infusões de plantas diversas. Hoje pode-se considerá-lo como curado.

5ª *Observação*, nº 23 (25 de fevereiro de 1860). Jeanne Gloux, operária em Tierné-Loudéac. Diagnóstico: panarício muito intenso há dez dias. A doente foi radicalmente curada em quinze dias, unicamente pelos unguentos da senhorita Godu. Desde o segundo tratamento, as dores desapareceram. Temos três curas semelhantes.

6ª *Observação*, nº12 (25 de fevereiro de 1860). Vincent Gourdel, tecelão em Lamotte, idade 32 anos. Diag.: oftalmia aguda em consequência de erisipela intensa. Injeção inflamatória da conjuntiva, e grande belida manifestando-se sobre a córnea transparente do olho esquerdo; estado geral inflamatório. Prognóstico: afecção grave e muito intensa. Há a temer-se que o olho não se perca em dez dias. -Tratamento: aplicação de unguentos sobre o olho doente. Hoje a oftalmia está curada; a belida desapareceu, mas continua-se o tratamento para combater a erisipela, que parece de natureza periódica, e talvez herpética.

7ª *Observação*, nº 31 (27 de fevereiro de 1860). Marie-Louise Rivière, diarista em Lamotte, idade de 24 anos. Diag.: reumatismo antigo na mão direita com debilidade completa e paralisia das falanges; impossibilidade de trabalhar. Causa desconhecida. -Prognóstico: cura muito difícil, senão impossível. Curada em 20 dias de tratamento.

8ª *Observação*, nº 34 (28 de fevereiro de 1860). Jean-Marie Lê Berre, idade de 19 anos, indigente em Lamotte. Diag.: Cefalalgia violenta, insônia, hemorragias freqüentes pelas fossas nasais; desvio no interior do joelho direito, e fora da mesma perna. O doente está verdadeiramente estropiado. - Prognóstico: incurável. -Tratamento: tópico extrativo e unguentos da Srta. Godu. Hoje o membro está direito, e a cura quase completa; entretanto, continua seu tratamento mais por precaução.

9ª *Observação*, nº 50 (28 de fevereiro de 1860). Marie Nogret, idade de 23 anos, de Lamotte. Diag.: inflamação da pleura do diafragma, inchação e inflamação das amígdalas e úvula, palpitações, atordoamento, sufocações. - Prognóstico: se bem que a pessoa seja forte, seu estado é muito grave; ela não pode dar dois passos a pé. - Tratamento: infusões de plantas diversas. Melhor desde o dia seguinte, e cura radical em oito dias.

10ª *Observação*, nº109 (12 de março de 1860). Pierre Lê Boudu, comuna de Saint-Hervé. Diag.: Surdez há dez anos, em consequência de uma febre tifóide. - Prognóstico: incurável e

rebelde a todo tratamento. - Tratamento: injeções e uso de infusões de plantas diversas preparadas pela Srta. Godu. Hoje o doente ouve o movimento de seu relógio; o ruído o incomoda e atordoa, por causa da sensibilidade do ouvido.

11ª *Observação*, nº132 (18 de março de 1860). Marie Lê Maux, idade de 10 anos, morando em Grâces. Diag.: reumatismo com enrijecimento das articulações, particularmente nos dois joelhos; a criança não pode andar senão com muletas. - Prognóstico: caso muito grave, senão incurável. - Tratamento: tópico extrativo e curativo com o unguento da Srta. Godu. Cura em menos de vinte dias. A criança anda hoje sem muletas nem bastão.

12ª *Observação*, nº 80 (19 de março de 1860). Hélène Lucas, idade de 9 anos, indigente em Lamotte. Diag.: saída e inchações permanentes da língua, que avança de 5 a 6 centímetros além dos lábios e parece sufocar; a língua está rugosa, os dentes inferiores estão roídos pela língua; para comer a criança é obrigada a afastar a língua de um lado com a mão, e de enfiar os alimentos na boca com a outra. Esse estado remonta à idade de dois anos e meio. - Prognóstico: caso muito grave e julgado incurável. Hoje a língua reentrou, e a doente quase inteiramente curada.

MORHÉRY.

Nota-se, sem dificuldade, que as notícias acima não são desses certificados banais solicitados pela cupidez, e nos quais a complacência, muito freqüentemente, o disputa à ignorância. São observações de um homem da arte, que, pondo de lado seu amor-próprio, convém francamente de sua insuficiência em presença dos recursos infinitos da Natureza, que não lhe disse sua última palavra nos bancos escolares. Ele reconhece que essa jovem, sem instrução especial, ensinou-lhe mais que certos livros dos homens, porque ela lê no próprio livro da Natureza; homem sensato, prefere salvar o doente por meios em aparência irregulares, antes de deixá-lo morrer segundo as regras, e não se crê com isso humilhado.

Propomo-nos, num próximo artigo, fazer um estudo sério, do ponto de vista teórico, sobre essa faculdade intuitiva mais freqüente do que se crê, mas que está mais ou menos desenvolvida, e onde a ciência poderá haurir preciosas luzes, quando os homens não se crerem mais sábios que o Senhor do Universo. Temos, de um homem muito esclarecido, nativo do Indústão e de origem indiana, preciosas informações sobre a prática da medicina intuitiva pelos indígenas, e que vem acrescentar à teoria o testemunho de fatos autênticos bem observados.

Conversas familiares de além-túmulo

Revista Espírita, maio de 1860

Jardin.

(Sociedade de Paris, 25 de novembro de 1859)

- Leu-se no *Journal de la Nièvre*: Um funesto acidente ocorreu sábado último na estação da estrada de ferro. Um homem, com idade de sessenta e dois anos, o senhor Jardin, saindo do pátio de embarque, foi atingido pelos varais de um tálburi e, algumas horas depois, exalava o último suspiro.

A morte desse homem revelou uma história mais extraordinária, e à qual não daríamos fé se testemunhos verídicos não lhe certificassem a autenticidade. Ei-la tal como nos foi contada:

Jardin, antes de estar empregado no entreposto de tabaco de Nevers, morava no Cherlebourg de Saint-Germain-des-Bois, onde exercia a profissão de alfaiate. Sua mulher sucumbira há cinco anos nessa aldeia, atingida por uma inflamação dos pulmões, quando há oito anos deixou Saint-Germain para vir morar em Nevers. Jardin, empregado laborioso, era de uma grande piedade, de uma devoção que ele levava até à exaltação; entregava-se com fervor às práticas de sua religião; tinha em seu quarto um genuflexório no qual, freqüentemente, gostava de se ajoelhar. Sexta-feira à noite, achando-se só com sua filha, anunciou-lhe, de repente, que um secreto pressentimento advertia-o de que seu fim estava próximo. - "Escuta, disse-lhe, minhas últimas vontades: Quando estiver morto, tu entregarás ao senhor B... a chave de meu genuflexório para que ele tire o que ali encontrar e o deposite no meu caixão."

Espantada com essa brusca recomendação, a filha de Jardin, não sabendo muito se seu pai falava seriamente, perguntou-lhe o que poderia conter o seu genuflexório. No início recusou responder-lhe; mas como ela insistia, fez-lhe esta estranha revelação do que se achava no genuflexório: eram os restos de sua mãe! Ensinou-lhe que, antes de deixar Sain-Germain-des-Bois, fora durante a noite no cemitério. Todo o mundo dormia na aldeia; sentindo-se bem só, dirigiu-se para a tumba de sua mulher, e, armado de uma picareta, cavou a terra até o momento em que alcançou o caixão, que continha os restos daquela que fora sua companheira. Não querendo separar-se desse precioso depósito, recolheu os ossos e depositou-os no seu genuflexório.

A essa estranha confidencia, a filha de Jardin, um pouco amedrontada, mas duvidando sempre que seu pai falasse seriamente, prometeu-lhe, no entanto, se conformar com as suas últimas vontades, bem persuadida de que ele queria divertir-se às suas custas, e que no dia seguinte dar-lhe-ia a chave desse fantástico enigma.

No dia seguinte, sábado, Jardin foi para a sua oficina como de costume. Cerca de uma hora, foi enviado à estação de mercadorias para ali receber sacos de tabacos destinados à provisão

do entreposto. Apenas saía da estação, e os varais de um tálburi, que não percebera no meio do atravancamento de viaturas que estacionavam no embarcadouro, vieram atingi-lo em pleno peito. Seus pressentimentos não o enganaram. Derrubado por esse choque violento, foi trazido para sua casa privado de sentimento.

Os socorros que lhe prodigalizaram fizeram-lhe recobrar os sentidos. Então, pediu-se-lhe para deixar levantar sua roupa para examinar suas feridas; ele se opôs vivamente; insistiu-se e ele recusou-se ainda. Mas como, apesar de sua resistência, dispunha-se a lhe tirar a sua roupa, de repente, ele curvou-se sobre si mesmo: estava morto.

Seu corpo foi depositado numa cama, mas qual não foi a surpresa das pessoas presentes quando, depois de despojar Jardim de suas roupas, viu-se, sobre o seu coração, um saco de pele, retido por laços amarrados ao redor do corpo! Um golpe de lanceta, dado pelo médico chamado para constatar o decesso, separou o saco em duas partes: dele escapou uma mão seca!

A filha de Jardim, então, lembrando-se do que o pai lhe dissera na véspera, preveniu- os senhores B... e J..., marceneiros. O genuflexório foi aberto; dele se retirou um chapéu da guarda nacional. No fundo desse chapéu encontrou-se uma cabeça de morto, ainda guarnecida, com seus cabelos; depois, no fundo do genuflexório, percebeu-se, enfileirados sobre as prateleiras, os ossos de um esqueleto: eram os restos da mulher de Jardim.

Domingo último, conduziu-se para a sua derradeira morada os despejos de Jardim. Para conformar-se à vontade do sexagenário, colocaram-se em seu caixão os restos de sua mulher, e sobre seu peito a mão seca que, se podemos assim nos exprimir, durante oito anos, sentira bater seu coração.

1. Evocação. - R. Estou aqui.
2. Quem vos preveniu que desejávamos falar-vos? - R. Nada sei disso, fui arrastado para cá.
3. Onde estáveis quando vos chamamos? - R. Estava perto de um homem de quem gosto, acompanhado de minha mulher.
4. Como tivestes o pressentimento de vossa morte? - R. Dela fui advertido por aquela que lamentava tanto; Deus o concedera por sua prece.
5. Vossa mulher estava, pois, sempre junto de vós? - R. Ela não me deixava nunca.
6. É que os restos mortais de vossa mulher, que conserváveis, eram a causa de sua presença contínua? - R. De modo nenhum, mas eu o acreditava.
7. Assim, não houvésseis conservado esses restos, que o Espírito de vossa mulher não estaria menos junto a vós? - R. E que o pensamento não está aí, e não é mais poderoso, para atrair o Espírito, que restos sem importância para ele?
8. Revistes imediatamente vossa mulher no momento de vossa morte? - R. Foi ela quem veio me *esclarecer* e receber-me.
9. Tivestes imediatamente consciência de vós mesmo? - R. Ao cabo de pouco tempo; tinha

uma fé intuitiva na imortalidade da alma.

10. Vossa mulher deve ter tido existências anteriores à última, como ocorre que as esqueceu para consagrar-se inteiramente a vós? - R. Ela devia guiar-me na vida material sem renunciar, por isso, às suas antigas afeições. Quando dizemos que não deixamos jamais um Espírito encarnado, deveis compreender que queremos dizer, com isso, que estamos junto dele, mais freqüentemente que alhures; a rapidez do nosso deslocamento no-lo permite tão facilmente quanto a vós uma conversação com vários interlocutores.

11. Lembrai-vos de vossas existências precedentes? - R. Sim; na minha última, fui um pobre habitante do campo, sem nenhuma instrução, mas, precedentemente, fui religioso, sincero, devotado ao estudo.

12. A extraordinária afeição que tínheis por vossa mulher, não o seria por causa de antigas relações de outras existências? - R. Não.

13. Sois feliz como Espírito? - R. Não se pode mais, deveis pensá-lo.

14. Quereis nos definir a vossa felicidade atual e dizer-nos sua causa? - R. Não deveria ter necessidade de vo-lo dizer; eu amei, e lamentava um Espírito querido; eu amava a Deus; era homem honesto; reencontrei aquela que lamentava; aí estão os elementos da felicidade para um Espírito.

15. Quais são as vossas ocupações como Espírito? - R. Eu vos disse que, no momento de vosso chamado, estava junto de um homem a quem amava; procurava inspirar-lhe o desejo do bem, como o fazem sempre os Espíritos que Deus julga dignos. Temos também outras ocupações que não podemos, ainda, vos revelar.

16. Agradecemos ter consentido em vir. - R. Também vos agradeço.

Uma Convulsionária.

Tendo as circunstâncias nos colocado em relação com a filha de uma das principais convulsionárias de Saint-Medard, pudemos recolher, sobre essa espécie de seita, informações particulares. Assim, nada há de exagerado no que se relata das torturas às quais esses fanáticos se submetiam voluntariamente. Sabe-se que uma das provas, designadas sob o nome de *grandes socorros*, consistia em sofrer a crucificação e todos os sofrimentos da Paixão de Cristo. A pessoa de quem falamos, e que não morreu senão em 1830, tinha ainda nas mãos os buracos feitos pelos pregos que serviram para suspendê-la na cruz, e ao lado as marcas dos golpes de lança que recebera. Ela escondia com cuidado esses estigmas do fanatismo, e sempre evitara explicá-los com seus filhos. É conhecida na história dos convulsionários sob um pseudônimo, que calaremos pelo motivo que indicaremos daqui a pouco. A conversa seguinte ocorreu em presença de sua filha, que a desejava; dela suprimimos as particularidades íntimas, que não poderiam interessar a estranhos, e que foram sobretudo, para esta, uma prova incontestável de sua identidade.

1. Evocação. - R. Eu desejo, há muito tempo, conversar convosco.

2. Que motivo fê-la desejar conversar comigo? - R. Sei apreciar vossos trabalhos, o que quer

que possas pensar de minhas crenças.

3. Vedes aqui a senhora vossa filha? Foi ela sobretudo quem desejou conversar convosco, e ficaremos encantados aproveitando-a para a nossa instrução. - R. Sim; uma mãe vê sempre seus filhos.

4. Sois feliz como Espírito? -R. Sim e não, porque poderia fazê-lo melhor; mas Deus leva em conta a minha ignorância.

5. Lembrai-vos perfeitamente de vossa última existência? - R. Teria muitas coisas a vos dizer, mas orai por mim, a fim de que me seja permitido.

6. As torturas às quais vos submetestes, vos elevaram e tornaram mais feliz como Espírito? - R. Elas não me fizeram mal, mas não me avançaram como inteligência.

7. Quereis precisar, eu vos peço; pergunto-vos se vos levaram em conta como de um mérito? - R. Dir-vos-ei que tendes um artigo em O Livro dos Espíritos que dá a resposta geral; quanto a mim, era uma pobre fanática.

Nota. Alusão ao artigo 726 de O Livro dos Espíritos, sobre os sofrimentos voluntários.

8. Esse artigo diz que o mérito do sofrimento voluntário está em razão da utilidade que dele resulta para o próximo; ora, os dos convulsionários não tinham, creio, senão um objetivo puramente pessoal? - R. Era geralmente pessoal, e se dele jamais falei aos meus filhos, foi porque compreendia vagamente que esse não era o verdadeiro caminho.

Nota. O Espírito da mãe responde aqui, por antecipação, ao pensamento de sua filha que se propunha perguntar-lhe porque, quando viva, evitara disso falar aos seus filhos.

9. Qual era a causa do estado de crise dos convulsionários? -R. Disposição natural e superexcitação fanática. Nunca quis que meus filhos fossem arrastados por esse pendor fatal, que hoje reconheço ainda melhor.

O Espírito respondendo espontaneamente a uma reflexão de sua filha, que, no entanto, não formulara a pergunta, acrescentou: Eu não tinha educação, mas muito de existências anteriores, das quais tinha intuição.

10. Entre os fenômenos que se produziam nos convulsionários, alguns têm analogia com certos efeitos sonambúlicos, como, por exemplo, a penetração do pensamento, a visão à distância, a intuição das línguas; é que o magnetismo neles tinha um certo papel? - R. Muito, e vários padres magnetizavam com o desconhecimento das pessoas.

11 . De onde provieram as cicatrizes que trazíeis nas mãos e sobre outras partes do corpo? - R. Pobres troféus de nossas vitórias, que não serviram a ninguém, e que, freqüentemente, têm excitado paixões; deveis compreender-me.

Nota. Parece que nas práticas dos convulsionários passavam-se coisas de grande imoralidade, que revoltaram o coração dessa senhora, e lhe fizeram, mais tarde, quando a febre fanática acalmou, tomar em aversão tudo aquilo que lhe lembrava esse passado. Sem dúvida, foi uma das razões que a levaram a dele não falar aos seus filhos.

12. Realmente, operavam-se curas sobre o túmulo do diácono Paris? - R. Oh! Que pergunta! Sabeis bem que não; pouca coisa, sobretudo para vós.

13. Depois de vossa morte, revistes Paris? -R. Não me ocupei mais com ele, porque lhe atribuo meu erro depois que sou Espírito.

14. Como o consideráveis quando viva? - R. Como um enviado de Deus, e é por isso que o acuso pelo mal que causou em nome de Deus.

15. Mas não é inocente das tolices que fizeram em seu nome depois de sua morte? - R. Não, porque ele mesmo não acreditava no que ensinava; não o compreendi quando viva como o faço nesta hora.

16. É verdade que seu Espírito permaneceu estranho, como ele o disse, às manifestações que ocorreram sobre seu túmulo? - R. Ele vos enganou.

17. Assim ele excitava o zelo fanático? - R. Sim, e fá-lo ainda.

18. Quais são as vossas ocupações como Espírito? - R. Procuo instruir-me, por isso disse que desejava vir entre vós.

19. Em que lugar estais aqui? -R. Junto do médium, minha mão sobre seu braço ou sobre sua espádua.

20. Se se pudesse vos ver, sob qual forma serieis vista? - R. Minha filha veria sua mãe, como em minha vida. Quanto a vós, ver-me-íeis em Espírito; a palavra, não vo-la posso dizer.

21. Quereis vos explicar; que entendeis dizendo que vê-la-íamos em Espírito? - R. Uma forma humana transparente, segundo a depuração do Espírito.

22. Dissestes que tivestes outras existências, lembrai-vos delas? - R. Sim, delas vos falei, e deveis ver, pelas minhas respostas, que tive muitas.

23. Poderíeis dizer-nos qual foi a que precedeu à última que conhecemos? - R. Não esta noite, e não por este médium. Pelo Senhor, se quiserdes.

Nota. Ela designou um dos assistentes que começava a escrever como médium, e explicou sua simpatia por ele porque, disse ela, conheceu-o na sua precedente existência.

24. Serieis contrariada se eu publicasse esta conversa na *Revista*¹? - R. Não; é necessário que o mal seja divulgado; mas não me chameis..... (seu nome de guerra); eu execro esse nome.

Designai-me, se quiserdes, como grande mestra.

Nota. Foi por condescender ao seu desejo que não citamos o nome sob o qual era conhecida, e que lhe traz penosas recordações.

25. Nós vos agradecemos por consentirdes vir e pelas explicações que nos destes. - R. Sou em quem vos agradeço, por ter proporcionado à minha filha a oportunidade de reencontrar sua mãe, e a mim a de fazer um pouco de bem.

Variedades

A Biblioteca de New York

Revista Espírita, maio de 1860

Leu-se no *Courriéres États-Unis*:

Um jornal de New York publicou um fato bastante curioso, do qual um certo número de pessoas já tinha conhecimento, e sobre o qual, há alguns dias, consagravam-se comentários muito divertidos. Os espiritualistas nele viam mais um exemplo de manifestações do outro mundo. As pessoas sensatas não vão procurar-lhe a explicação tão longe, e reconhecem claramente os sintomas de uma alucinação. É a opinião do próprio doutor Cogswell, o herói da aventura.

O doutor Cogswell é bibliotecário chefe da *Astor Library*. O devotamento que leva no remate de um catálogo completo da biblioteca, freqüentemente, fá-lo tomar, para o seu trabalho, as horas que deveria consagrar ao sono, e assim é que tem ocasião de visitar sozinho, à noite, as salas onde tantos volumes estão alinhados nas prateleiras.

Há cerca de quinze dias, ele passava assim, castiçal à mão, pelas onze horas da noite, diante de um canto cheio de livros, quando, para sua grande surpresa, percebeu um homem bem posto que parecia examinar com cuidado os títulos dos volumes. Imaginou, de início, estar em contato comum ladrão, recuou e examinou atentamente o desconhecido. Sua surpresa tornou-se mais viva ainda quando reconheceu, no noturno visitante, o doutor *** que vivera na vizinhança de Lafayette-Place, mas que está morto e enterrado há seis meses.

O Sr. Cogswell não crê muito em aparições e com elas se atemoriza ainda menos. Todavia, acreditou dever tratar o fantasma com considerações, e elevando a voz: Doutor, disse-lhe, como ocorre que vós que, quando vivo, provavelmente jamais viestes a esta biblioteca, a visitais assim depois de sua morte? O fantasma, perturbado na sua contemplação, olhou o bibliotecário com olhos ternos e desapareceu sem responder.

— Singular alucinação, se disse o Sr. Cogswell. Terei, sem dúvida, comido alguma coisa indigesta no meu jantar.

Retornou ao seu trabalho, depois foi deitar-se e dormir tranqüilamente. No dia seguinte, na mesma hora, teve vontade de visitar ainda a biblioteca. No mesmo lugar da véspera, encontrou o mesmo fantasma, dirigiu-lhe as mesmas palavras e obteve o mesmo resultado.

— Eis que é curioso, pensou, é necessário que eu volte amanhã.

Mas antes de voltar, o senhor Cogswell examinou as prateleiras que pareceu interessar vivamente ao fantasma, e, por uma singular coincidência, reconheceu que estavam todas carregadas de obras antigas e modernas de necromancia. No dia seguinte, portanto, quando, pela terceira vez, reencontrou o doutor defunto, variou sua frase e lhe disse: "Eis a terceira vez que vos reencontro, doutor. Dizei-me, pois, se algum desses livros perturba o vosso

repouso, para que eu o faça retirar da coleção." O fantasma não respondeu mais desta vez do que nas outras, mas desapareceu definitivamente, e o perseverante bibliotecário retornou na mesma hora e no mesmo lugar, várias noites seguintes, sem aí reencontrá-lo.

Entretanto, aconselhado por amigos aos quais contou a história, e médicos que consultara, decidiu repousar um pouco e fazer uma viagem de algumas semanas até Charlestown, antes de retomar a tarefa longa e paciente que se impôs, e cujas fadigas, sem dúvida, causaram a alucinação que acabamos de contar.

Nota. Faremos sobre esse artigo uma primeira observação, é a sem cerimônia com a qual aqueles que não crêem nos Espíritos se atribuem o monopólio do bom senso. "Os Espiritualistas, diz o autor, vêem neste fato um exemplo a mais de manifestações do outro mundo; *as pessoas sensatas* não vão procurar-lhe a explicação tão longe, e aí reconhecem *claramente* ossintomas de uma alucinação." Assim, da parte desse autor, não há pessoas sensatas senão aquelas que pensam como ele, todas as outras não têm o senso comum, fossem mesmo doutores, que o Espiritismo os conta ao milhares. Estranha modéstia, em verdade, que aquele que tem por máxima: Ninguém tem razão senão nós e nossos amigos!

Estamos ainda para ver uma definição clara e precisa, uma explicação fisiológica da alucinação; mas à falta de explicação, há um sentido ligado a essa palavra; no pensamento daqueles que a empregam, ela significa *ilusão*; ora, quem diz *ilusão* diz *ausência de realidade*; segundo eles, é uma imagem puramente fantástica, produzida pela imaginação, sob o império de uma superexcitação cerebral. Não negamos que assim possa ser em certos casos; a questão é saber se todos os fatos do mesmo gênero estão nas condições idênticas. Examinando aquele que narramos acima, parece-nos que o doutor Cogswell era perfeitamente calmo, assim como ele mesmo declara, e que nenhuma causa fisiológica ou moral viera perturbar seu cérebro. De outro lado, admitindo nele uma ilusão momentânea, ficaria ainda por explicar como essa ilusão se produziu vários dias seguidos, à mesma hora, e com as mesmas circunstâncias; não está aí o caráter da alucinação propriamente dita. Se uma causa material desconhecida impressionou seu cérebro no primeiro dia, é evidente que essa causa cessou ao cabo de alguns instantes, quando a aparição desapareceu; como então reproduziu-se identicamente três dias seguidos, com 24 horas de intervalo? O que é lamentável é que o autor do artigo negligenciou de fazê-lo, porque ele deve, sem dúvida, ter excelentes razões, uma vez que faz parte das pessoas sensatas.

Convenhamos, todavia, que, no fato acima mencionado, não há nenhuma prova positiva de realidade, e que, a rigor, poder-se-ia admitir que a mesma aberração dos sentidos pudera se reproduzir; mas é a mesma coisa quando as aparições são acompanhadas de circunstâncias de alguma sorte materiais? Por exemplo, quando pessoas, não em sonho, mas perfeitamente despertas, vêem parentes ou amigos ausentes, com os quais não sonham de nenhum modo, aparecer-lhes no momento de sua morte, que vêm anunciar, pode-se dizer que esse seja um efeito da imaginação? Se o fato da morte não fosse real, haveria incontestavelmente ilusão; mas quando o acontecimento vem confirmar a previsão, e o caso é muito freqüente, como não admitir outra coisa que uma simples fantasmagoria? Se ainda o fato fosse único, ou mesmo raro, poder-se-ia crer num jogo do acaso; mas como o dissemos, os exemplos são inumeráveis e perfeitamente averiguados. Que os *alucinacionistas* queiram bem delas nos dar uma explicação categórica, e, então, veremos se suas razões são mais probantes que as nossas. Quereríamos, sobretudo, que nos provassem a impossibilidade material que a alma, se todavia eles, que são sensatos por excelência, admitem que temos uma alma sobrevivendo ao corpo, que provassem, dizemos, que essa alma, que deve estar em alguma parte, não pode estar ao nosso redor, nos ver, nos ouvir, e, desde então, comunicar-se conosco.

A Noiva traída.

O fato seguinte foi reportado pela *Gazetta deiteatri* de Milão, de 4 março de 1860.

Um jovem amava perdidamente uma jovem, que lho reconhecia, e que iria desposar quando, cedendo a um arrastamento culposo, abandonou sua noiva por uma mulher indigna de um verdadeiro amor. A infeliz abandonada pediu, chorou, mas tudo foi inútil; seu leviano amante permaneceu surdo aos seus prantos. Então, desesperada, ela penetrou em sua casa e, na sua presença, expirou em consequência de um veneno que acabara de tomar. À vista do cadáver, daquela a quem causara a morte, uma terrível reação se operou nele, e quis, a seu turno, se arrancar à vida. Entretanto, ele sobreviveu, mas sua consciência sempre lhe censurava o crime. Desde o momento fatal, e cada dia à hora de seu jantar, ele via a porta da sala se abrir, e sua noiva aparecer-lhe sob a figura de um esqueleto ameaçador. Achou bom procurar distrair-se, mudar seus hábitos, viajar, freqüentar companhias alegres, suprimir os relógios, nada disso fez; em qualquer lugar que fosse, na dita hora o espectro sempre se apresentava. Em pouco tempo emagreceu, sua saúde se alterou ao ponto que os homens da arte desesperaram por salvá-lo.

Um médico, de seus amigos, tendo-o estudado seriamente, depois de tentar inutilmente diversos remédios, teve a idéia do meio seguinte. Na esperança de demonstrar-lhe que era o joguete de uma ilusão, conseguiu um verdadeiro esqueleto que fez dispor num quarto vizinho; depois, tendo convidado seu amigo para jantar, ao cabo de quatro horas, que era a hora da visão, fez chegar o esqueleto por meio de polias dispostas para isso. O médico acreditava triunfar, mas seu amigo tomado de um terror súbito, exclamou: Ai de mim! Não era, pois, bastante um só; eis dois deles agora; depois caiu morto, como fulminado.

Nota. Lendo este relato, que não narramos senão sob a fé do jornal italiano do qual o tomamos, os *alucinacionistas* se alegrarão, porque poderão dizer, com razão, que havia ali uma causa evidente de superexcitação cerebral que pôde produzir uma ilusão num Espírito impressionado. Nada prova, com efeito, a realidade da aparição que se poderia atribuir a um cérebro enfraquecido por um violento abalo. Para nós, reconhecemos tantos fatos análogos fora de dúvida, dizemos que ela é possível e, em todos os casos, o conhecimento aprofundado do Espiritismo teria dado ao médico um meio mais eficaz para curar seu amigo. Esse meio seria o de evocar a jovem em outras horas e conversar com ela, seja diretamente, seja com a ajuda de um médium; o que deveria fazer para dar-lhe prazer e obter o seu perdão; de orar ao anjo guardião para interceder junto dela para dobrá-la, e como, em definitivo, ela o amava, seguramente esqueceria seus erros se reconhecesse nele um arrependimento e lamentos sinceros, em lugar de um simples terror, que talvez era nele o sentimento dominante; teria cessado de se mostrar sob uma forma horrenda, para revestir a forma graciosa que tinha quando viva, ou teria cessado de aparecer. Ter-lhe-ia dito, sem dúvida, dessas boas palavras que pudessem restabelecer a calma em sua alma; a certeza de que nunca estariam separados, que ela velava ao seu lado, e que um dia se reuniriam, ter-lhe-ia dado coragem e resignação. É um resultado que, freqüentemente, pudemos constatar. Os Espíritos que aparecem espontaneamente têm sempre um objetivo; o melhor, nesse caso, é perguntar-lhes o que desejam; se são sofrendores, é necessário orar por eles, e fazer o que possa lhes ser agradável. Se a aparição tem um caráter permanente e de obsessão, ela cessa, quase sempre, quando o Espírito está satisfeito. Se o Espírito que se manifesta com obstinação, seja à visão, seja por meios perturbadores, que se poderia tomar por uma ilusão, é mau, e se age por maldade, é comumente mais tenaz o que não impede de ter-lhe razão com a perseverança, e sobretudo pela prece sincera feita em sua intenção; mas é preciso bem se persuadir de que não há para isso nem palavras sacramentais, nem formas

cabalísticas, nem exorcismos que tenham a menor influência; quanto mais são maus, mais se riem do terror que inspiram, e da importância que se dá à sua presença; divertem-se em se ouvir chamar diabos e demônios, por isso se dão seriamente os nomes de Asmodée, Astaroth, Lucifer e outras qualificações infernais aumentando as malícias, ao passo que se retiram quando vêem que perdem seu tempo com pessoas que não são seus patetas, e que se limitam a chamar, sobre eles, a misericórdia divina.

Superstição.

Leu-se no *Siècle*, de 6 de abril de 1860:

"O senhor Félix M..., jardineiro nos arredores de Orléans, passava por ter o talento de isentar os conscritos do sorteio, isto é, de fazê-los ter um bom número. Prometeu ao senhor Frédéric Vincent P..., jovem vinhateiro de St-Jean-de-Braye, de fazê-lo ter o número que quisesse, pagando 60 fr. dos quais 30 pagos adiantadamente, e 30 depois do sorteio. O segredo consistia em dizer três *Pater* e três *Ave* durante nove dias. Por outro lado, o feiticeiro afirmou que, graças àquilo que faria de sua parte, *aqui* trabalharia talvez bem o conscrito, e impedi-lo-ia de dormir durante a última noite, mas que estaria isento. Infelizmente o encanto não se operou; o conscrito dormiu como de hábito e trouxe o número 31 que fez dele um soldado. Esses fatos, renovados duas vezes ainda, não puderam ser mantidos em segredo e levaram o feiticeiro Félix M... diante da justiça."

Os adversários do Espiritismo acusam-no de despertar as idéias supersticiosas; mas o que há de comum entre a doutrina que ensina a existência do mundo invisível, comunicando com um mundo invisível, e fatos da natureza daquele que narramos, que são os verdadeiros tipos da superstição? Onde se viu que o Espiritismo ensinasse semelhantes absurdos? Se aqueles que o atacam sob esse aspecto se dessem ao trabalho de estudá-lo antes de julgá-lo levemente, saberiam que não somente ele condena todas as práticas adivinhatórias, mas que lhes demonstra a nulidade. Portanto, como dizemos freqüentemente, o estudo sério do Espiritismo tende a destruir as crenças verdadeiramente supersticiosas. Na maioria das crenças populares, quase sempre, há um fundo de verdade, mas desnaturado, amplificado; são os acessórios, as falsas aplicações que constituem, propriamente falando, a superstição. É assim que os contos de fadas e de gênios repousam sobre a existência de Espíritos bons ou maus, protetores ou malévolos; que todas as histórias de fantasmas têm sua fonte no fenômeno, muito real, das manifestações Espíritas, visíveis e mesmo tangíveis; esse fenômeno, hoje perfeitamente averiguado e *explicado*, entra na categoria de fenômenos naturais, que são uma consequência das leis eternas da criação. Mas o homem raramente se contenta com a verdade que lhe pareça muito simples; eles se vestem com todas as quimeras criadas pela sua imaginação, e é então que cai no absurdo. Depois vêm aqueles que têm interesse em explorar essas mesmas crenças, às quais acrescentam um prestígio fantástico, próprio para servirem aos seus objetivos; daí essa turba de adivinhos, feiticeiros, ledores da boa sorte, contra os quais a lei pune com justiça. O Espiritismo verdadeiro, racional, não é, pois, mais responsável do abuso que se lhe possa fazer, que o médico não o é das ridículas fórmulas e práticas empregadas pelos charlatães ou ignorantes. Ainda uma vez, antes de julgar, dai-vos ao trabalho de o estudar.

Concebe-se o fundo de verdade de certas crenças, mas talvez perguntar-se-á sobre o que pode repousar aquela que deu lugar ao fato acima, crença muito difundida nos nossos campos, como se sabe. Ela nos parece, de início, ter seu princípio no sentimento intuitivo dos seres invisíveis aos quais foram levados a atribuir uma força que, freqüentemente, eles não têm. A existência de Espíritos enganadores, que pululam ao nosso redor, em consequência da

inferioridade do nosso globo, como os insetos no pântano, e que se divertem às expensas das pessoas crédulas predizendo-lhe um futuro quimérico, sempre próprio para bajular seus gostos e seus desejos, é um fato dos quais, todos os dias, temos a prova por nossos médiuns atuais; o que se passa aos nossos olhos, ocorreu em todas as épocas pelos meios de comunicação em uso, segundo os tempos e os lugares, eis a realidade. O charlatanismo e a cupidez ajudando, a realidade passou ao estado de crença supersticiosa.

Fato de pneumatografia ou escrita direta.

O Sr. X..., um dos nossos mais sábios literatos, achava-se no dia 11 de fevereiro último, na casa da senhorita Huet, com seis outras pessoas há muito tempo iniciadas nas manifestações Espíritas. O Sr. X... e a senhorita Huet sentaram-se, um na frente do outro, numa pequena mesa escolhida pelo próprio Sr. X.... Este último tirou do seu bolso um papel perfeitamente branco, dobrou-o em quatro e marcou para si um sinal quase imperceptível, mas suficiente para ser facilmente reconhecido; colocou-o sobre a mesa e cobriu-o com um lenço branco, que lhe pertencia. A senhorita Huet posou suas mãos sobre a extremidade do lenço; de sua parte, o Sr. X... fazendo um outro tanto do seu, pediu aos Espíritos uma manifestação direta com um objetivo de edificação. O Sr. X... pediu de preferência a Channing, que foi evocado para esse efeito. Ao cabo de dez minutos, ele mesmo levantou o lenço e retirou o papel que trazia escrito, sobre uma das faces, o esboço de uma frase penosamente traçada e quase ilegível, onde, entretanto, podia-se descobrir os rudimentos destas palavras: *Deus vos ama*: sobre a outra face estava escrito: *Deus* no ângulo externo, e *Cristo* na extremidade do papel. Essa última palavra estava escrita de modo a deixar uma marca sobre a folha dobrada.

Uma segunda prova se fez, em condições exatamente semelhantes, e ao cabo de um quarto de hora o papel trazia, sobre a face inferior, e em caracteres fortemente traçados em negro, estas palavras inglesas: *God loves you*, e abaixo *Channing* na extremidade do papel estava escrito em francês: *Foi en Dieu*; enfim, sobre o verso da mesma página havia uma cruz, com um sinal semelhante um caniço, ambos traçados com uma substância vermelha.

Terminada a prova, o Sr. X... expressou à senhorita Huet o desejo de obter, por seu intermédio, como médium escrevente, algumas explicações mais desenvolvidas de Channing, e estabeleceu-se o diálogo seguinte entre ele e o Espírito:

P. Channing, estais presente? -R. Eis-me aqui; estais contente comigo?

P. A quem está dirigido isso que escrevestes; é a todos ou a mim particularmente? - R. Eu vos escrevi esta frase cujo sentido se dirige a todos os homens, mas da qual a experiência que fiz de escrever em inglês foi para vós, para vós em particular. Quanto à cruz, é o sinal da fé.

P. Por que o fizestes em cor vermelha? - R. Para vos pedir ter fé. Não poderia nada escrever, era muito comprido: Eu vos dei o sinal simbólico.

P. O vermelho é, pois, a cor simbólica da fé? - R. Certamente; é a representação do batismo de sangue.

Nota. A senhorita Huet não sabia inglês, e o Espírito quis dar por aí uma prova a mais de que seu pensamento era estranho à manifestação. O Espírito fê-lo espontaneamente e de sua plena vontade, mas é mais que provável que se o tivesse pedido como prova não teria se

prestado para isso; sabe-se que os Espíritos não gostam de servir de instrumentos em vista de experiências. As provas mais patentes surgem, freqüentemente, no momento em que menos se espera; e quando os Espíritos agem por seu próprio movimento, a miúdo, dão mais do que se lhes teria pedido, seja que ajudem ao coração mostrar sua independência, seja porque falte, para produção de certos fenômenos, um concurso de circunstâncias que a nossa vontade nem sempre basta para fazer nascer. Não saberíamos mais repeti-lo, os Espíritos, que têm o seu livre arbítrio, querem nos provar que não estão submetidos aos nossos caprichos; por isso, cedem raramente ao desejo da curiosidade.

Os fenômenos, de qualquer natureza que sejam, não estão, pois, de maneira certa, à nossa disposição, e ninguém saberia responder poder obtê-los à vontade e em um tempo dado. Quem quer observá-los, deve se resignar a esperá-los, e é, freqüentemente, da parte dos Espíritos, uma prova para a perseverança do observador, e o objetivo que se propõe; os *Espíritos se preocupam muito pouco em divertir os curiosos* e não se ligam de bom grado senão às pessoas sérias, que provam sua vontade de instruir-se, fazendo o que é preciso para isso, sem regatear sua dificuldade e seu tempo.

A produção simultânea de sinais em caracteres de cores diferentes é um fato extremamente curioso, mas que não é mais sobrenatural que todos os outros. Pode-se disso dar-se conta lendo a teoria da escrita direta na *Revista Espírita* do mês de agosto de 1859, páginas 197 e 205; com a explicação, o maravilhoso desapareceu para dar lugar a um simples fenômeno que tem sua razão de ser nas leis gerais da Natureza, e no que se poderia chamar a fisiologia dos Espíritos.

Espiritismo e Espiritualismo.

Num discurso pronunciado recentemente no Senado, por S. Em. o cardeal Donnet, nota-se a frase seguinte: "Mas hoje, como outrora, é verdadeiro dizer, com um eloqüente publicista que no gênero humano *o Espiritualismo* está representado pelo cristianismo."

Seria sem dúvida, estranho erro, se se pensasse que o ilustre Prelado, nessa circunstância, haja entendido *o Espiritualismo* no sentido da manifestação dos Espíritos. Essa palavra está aqui empregada na sua verdadeira acepção, e o orador não poderia exprimir-se de outro modo, a menos de se servir de uma perífrase, porque não existe outro termo para expressar o mesmo pensamento. Se não tivéssemos indicado a fonte de nossa citação, certamente se crera saída *textualmente* da boca de um Espiritualista americano a propósito da Doutrina dos Espíritos, igualmente representada pelo *cristianismo*, do qual é a mais sublime expressão. Seria possível, depois disso, que um erudito futuro, interpretando à sua vontade as palavras do Mons. Donnet, empreendesse demonstrar aos filhos dos nossos sobrinhos, que no ano 1860 um cardeal confessou publicamente, diante do Senado da França, a manifestação dos Espíritos? Não vemos, nesse fato, uma nova prova da necessidade de se ter uma palavra para cada coisa, a fim de entender-se? Que intermináveis disputas filosóficas não tiveram por causa senão o sentido múltiplo das palavras! O inconveniente é mais grave ainda nas traduções, e o texto bíblico disso nos oferece mais que um exemplo. Se na língua hebraica, a mesma palavra não significasse *dia* e *período*, não se enganaria sobre o sentido da Gênese a propósito da duração da formação da Terra, e o anátema não seria lançado, por falta de entender-se, contra a ciência, quando ela demonstrou que essa formação não pôde se cumprir em seis vezes 24 horas.

Ditados espontâneos

Revista Espírita, maio de 1860

As diferentes ordens de Espíritos.

(Comunicação particular obtida pela Senhora Desl..., membro da Sociedade, da parte de seu marido defunto.)

Escuta-me, minha cara amiga, se queres que eu venha dizer-te boas e grandes coisas. Não vês a direção dadas a certos fatos, e a vantagem que se pode disso tirar para o progresso da obra santa? Escuta os Espíritos elevados, e trata sobretudo de não confundir com eles aqueles que procuram se impor por uma linguagem mais pretensiosa que profunda. Não misture teu pensamento ao seu pensamento. Seria possível que os habitantes da Terra pudessem encarar as coisas do mesmo ponto de vista que os Espíritos desligados da matéria e obedientes às leis do Senhor? Não confundas em conjunto todos os Espíritos: há deles bem diferentes ordens. O estudo do Espiritismo vo-lo ensina, mas desse lado, quanto tendes a aprender ainda! Está sobre a Terra uma multidão de indivíduos cujas inteligências não se assemelham; alguns, dentre eles, parecem aproximar-se do animal mais que do homem, ao passo que há outros deles de tal modo superiores, que se está tentado a dizer que se aproximam de Deus, espécie de blasfêmia que seria necessário traduzir por esse pensamento, que têm neles uma chama dessas claridades celestes lançadas em seu coração pelo divino Senhor. Pois bem! Qualquer que seja a diversidade das inteligências na raça humana, estejas convencida de que essa diversidade é infinitamente maior ainda entre os Espíritos. Há inferiores neste ponto, que deles não se encontram semelhantes entre os homens, ao passo que existem bastante purificados para se aproximarem de Deus e contemplá-lo em toda a sua glória; submetidos às suas menores ordens, não aspiram senão a obedecer-lhe e agradá-lo. Chamados a circular em no meio dos mundos, ou se fixarem segundo convém à execução dos grandes desígnios do Senhor, a uns, disse: Ide, revelai meu poder a esses seres grosseiros, cuja inteligência é tempo de despertar; a outros: Percorrei esses mundos, a fim que, guiados pelos vossos ensinamentos, os seres superiores que os habitam acrescentem novas grandezas a todas aquelas que já lhes foram reveladas. Que todos sejam instruídos, que um dia virá onde as claridades do alto não serão mais obscurecidas, mas brilharão eternamente.

TEU AMIGO

Os dois ditados seguintes foram obtidos num pequeno círculo íntimo do bairro Luxembourg, e nos foram comunicados pelo nosso colega Sr. Solichon, que assistiu a eles. Lamentamos que nossas ocupações não nos hajam ainda permitido ir a essas reuniões, para as quais nos convidaram. Ficaremos felizes quando pudermos assistir a elas, porque sabemos que um sentimento de verdadeira caridade cristã e de benevolência recíproca ali preside.

I

Remorsos e arrependimentos.

Estou feliz por vos ver todos reunidos pela mesma fé e o amor de Deus Todo-poderoso, nosso divino senhor. Possa ele sempre vos guiar num bom caminho, vos cumular com seus benefícios, o que fará se vos tornar dignos disso.

Amai-vos sempre uns aos outros como irmãos; prestai-vos um apoio mútuo, e que o amor ao próximo não seja para vós uma palavra vazia de sentido.

Lembraí-vos de que a caridade é a mais bela das virtudes, e que, de todas, é a mais agradável a Deus; não somente essa caridade que dá um óbolo aos infelizes, mas aquela que vos faz compadecer de nossos irmãos infelizes; que vos faz partilhar suas dores morais, aliviar os fardos que os oprimem, a fim de lhes tornar a dor menos viva e a vida mais fácil.

Lembraí-vos de que o arrependimento sincero obtém o perdão de todas as faltas, tanto a bondade de Deus é grande, o remorso nada tem de comum com o arrependimento. O remorso, meus irmãos, é já o prelúdio do castigo; o arrependimento, a caridade, a fé, vos conduzirão às felicidades reservadas aos bons Espíritos.

Ouvireis a palavra de um Espírito superior, bem amado de Deus; recolhei-vos, e abri vosso coração às lições que ele vos dará.

UM ANJO GUARDIÃO.



Os Médiuns.

Estou satisfeita em vos ver todos pontuais ao encontro que vos dei. A bondade de Deus estender-se-á sobre vós, e todos os vossos anjos guardiães ajudar-vos-ão com seus conselhos, e vos preservarão da influência dos maus Espíritos, se souberdes escutar sua voz e fechar vossos corações ao orgulho, à vaidade e ao ciúme.

Deus encarregou-me de uma missão para cumprir junto aos crentes que ele favorece com o mediunato. Quanto mais recebem graças do Mais Alto, mais correm perigos; e esses perigos são tanto maiores quanto nascem dos próprios favores que Deus lhes concede.

As faculdades de que os médiuns gozam lhes atraem os elogios dos homens: as felicitações, as adulações, eis seu escolho. Os próprios médiuns, que deveriam ter presente na memória sua incapacidade primitiva, esquecem-no; fazem mais: o que eles não devem senão a Deus, atribuem ao seu próprio mérito. Que acontece então? Os bons Espíritos os abandonam; não tendo mais bússola para guiá-los, tornam-se joguetes de Espíritos enganadores. Quanto mais são capazes, mais são levados a se fazerem um mérito de sua faculdade, até que Deus, enfim, para puni-los, retira-lhes um dom que não pode mais que lhes ser fatal.

Eu não saberia muito vos lembrar de vos recomendar ao vosso anjo guardião, afim de que vos ajude a manter-vos em guarda contra vosso mais cruel inimigo, que é o orgulho. Lembrai-vos de que sem o apoio do vosso divino mestre, vós, que tendes a felicidade de ser os intermediários entre os Espíritos e os homens, sereis punidos tanto mais severamente quanto

fordeis mais favorecidos, se não aproveitastes da luz.

Alegro-me em ter esta comunicação, da qual deras conhecimento à tua sociedade, levará seus frutos, e que todos os médiuns que ali se encontrem reunidos, se mantenham em guarda contra o escolho onde viriam quebrar-se; este escolho, eu vo-lo disse a todos, é o orgulho.

JEANNE D'ARC

Aviso. Estamos felizes em anunciar aos nossos leitores a reimpressão da *Histoire de Jeanne d'Arc*. ditada por ela mesma. Essa obra aparecerá dentro em pouco, na casa do Sr. Ledoyen. Disso tornaremos a falar.

ALLAN KARDEC.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Terceiro Ano – 1860

Junho

- [Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas](#)
- [O Espiritismo na Inglaterra](#)
 - [Um Espírito falador](#)
- [O Espírito e o cãozinho](#)
- [O Espírito de um idiota](#)
- [Conversas familiares de além-túmulo - Senhora Duret](#)
- [Medicina intuitiva](#)
- [Um grão de loucura](#)
- [Tradição muçulmana](#)
- [Um erro de linguagem por um Espírito](#)
- Ditados Espontâneos e Dissertações Espíritas
 - [A vaidade](#)
 - [A miséria humana](#)
 - [A tristeza e o desgosto](#)
 - [A fantasia](#)
 - [Influência do médium sobre o Espírito](#)
- Bibliografia
 - [The Spiritual Magazine \(Londres\)](#)
 - [L'Amore dei vero \(Itália\)](#)
 - [História de Joana D'Arc](#)

Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas

Revista Espírita, junho de 1860

Sexta-feira, 4 de maio de 1860. (Sessão particular.)

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão de 17 de abril.

Com o parecer e a proposição do Comitê, e depois de relatório verbal, a Sociedade recebe, no número dos sócios livres: 1ª o Sr. Achille R..., empregado em Paris; 2ª o Sr. Serge de W..., de Moscou.

Comunicações diversas. 1ª Carta da senhora P..., médium, de Rouen, que diz que vários Espíritos sofredores, evocados na Sociedade, foram procurá-la espontaneamente para agradecer-lhe por ter pedido por eles. Desde que recobrou a sua faculdade mediúnica, ela não teve, disse ela, relação senão com Espíritos infelizes. Foi-lhe dito que sua missão era, principalmente, ajudar no seu alívio.

2ª Leitura de um ditado espontâneo sobre a vaidade, obtido pela senhora Lese..., médium, membro da Sociedade, da parte de seu Espírito familiar. (Publicado adiante.)

3ª Carta do Sr. Bénardacky, datada de Bruxelas, contendo uma comunicação que obteve, sobre a teoria da formação da Terra por incrustação de vários corpos planetários, e o estado cataléptico, no qual se encontraram seus primeiros habitantes e os outros seres vivos. Essa comunicação ocorreu a propósito de um fenômeno de catalepsia voluntária que se produziu, disse ele, entre os habitantes da Índia e do interior da África. Esse fenômeno consiste em que certos indivíduos se faziam enterrar vivos, mediante o pagamento de uma soma em dinheiro, e ao cabo de vários meses, eram retirados da tumba, retornando à vida.

O Sr. Arnauld d'A..., membro da Sociedade, antigo amigo e conselheiro do finado rei da Abissínia, e que durante muito tempo habitou esses países, citou dois fatos de seu conhecimento, dos quais um ocorreu na Inglaterra e o outro na Índia, e que parecem confirmar a possibilidade da catalepsia voluntária de curta duração; mas declara que nunca conhecera fatos da natureza dos quais fala o Sr. Bénardacky. O Sr. d'A..., estando familiarizado com a língua e os costumes desses países, que observou em sabendo, ficaria admirado se esses fatos tão extraordinários não viessem ao seu conhecimento, de onde pode supor que houve exagero.

Estudos. 1ª Pergunta se se pode fazer uma nova evocação do Sr. Jules-Louis C..., morto no hospital de Val-de-Grâce, em condições excepcionais, e já evocado em 24 de fevereiro. (Ver o número de abril, pág. 97.) Esse pedido é motivado pela presença de uma pessoa de sua família que lhe tem um grande interesse, e, além disso, pelo desejo de julgar o progresso que pôde fazer depois. - São Luís responde que o Espírito prefere ser chamado em uma sessão íntima.

2ª Perguntas sobre a teoria de formação da Terra por incrustação, e o estado cataléptico dos seres vivos em sua origem, a propósito da comunicação do Sr. Bénardacky. Numerosas observações são feitas, a esse respeito, por diversos membros.

3ª Estudo sobre o fenômeno, relatado na última sessão, de um cão que reconhece seu senhor evocado. O Espírito de Charlet intervém espontaneamente nessa questão, e desenvolve uma teoria da qual ressalta a possibilidade do fato. (Publicada adiante.)

(Sexta-feira, 11 de maio de 1860 (Sessão geral.)

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão do dia 4 de maio.

Comunicações diversas. 1ª Carta do Sr. Rabache, escrita de Liverpool, e na qual relata uma comunicação espontânea que lhe dera Adam Smith, sem que a provocasse; depois, a conversa que se lhe seguiu, na qual as respostas eram dadas em inglês, ao passo que as perguntas eram feitas em francês. Nessa conversa, Adam Smith critica o ponto que serviu de base em seu sistema econômico; disse que, se escrevesse hoje seu livro *Sentimentos morais*, daria a este por princípio: a consciência inata, tendo por móvel especial o amor.

2º Segunda carta do Sr. Bénardacky completando as comunicações que obteve sobre a cataleptização.

Nota. Numa sessão particular, São Luís, interrogado sobre o valor dessas comunicações, confirmou-as em várias partes, mas acrescentou, por intermédio do Sr. T..., médium:

"Podeis estudar essas coisas, mas vos convido a não publicá-las agora; são necessários muitos outros documentos, que vos serão dados mais tarde, e que as circunstâncias conduzirão. Publicando-os no presente, vos exporíeis a cometer graves erros sobre os quais serieis obrigados a retornar, o que seria deplorável, e faria muito dano ao Espiritismo. Sede, pois, muito prudentes no que toca às teorias científicas, porque é aí sobretudo que tendes a temer os Espíritos impostores e pseudo-sábios. Lembrai-vos do que freqüentemente vos é dito: os Espíritos não têm por missão trazer-vos a ciência inteiramente feita, que deve ser o fruto do trabalho e do gênio do homem, nem levantar todos os véus antes que os tempos tenham chegado. Tratai, sobretudo, de vos melhorar: está aí o essencial; Deus vos terá mais em conta de vosso bom coração e de vossa humildade, que de um saber onde a curiosidade, freqüentemente, tem a maior parte. É praticando suas leis, em praticando-as, ouvi-o bem, que merecereis ser favorecidos pelas comunicações dos Espíritos verdadeiramente superiores, que não enganam nunca."

Não se poderia desconhecer a profundidade e a alta sabedoria desses conselhos. Essa linguagem, ao mesmo tempo simples e sublime, marcada por uma extrema benevolência, contrasta singularmente com o tom altivo e cortante ou a fanfarrice dos Espíritos que se impõem.

3ª Leitura de uma notícia, enviada pelo Sr. T..., contendo a descrição de um mundo superior, ao qual seu Espírito foi transportado durante o sono. Esse mundo parecia ter muito de analogia com o estado indicado para Júpiter, mas num grau ainda mais elevado.

Estudos. Dois ditados espontâneos foram obtidos, um da senhora Parisse, assinado *Luís*, o outro pelo Sr. Didier, filho, assinado Gérard de Nerval.

2ª Perguntas relativas à visão do Sr. T..., dirigidas a São Luís. O vago e a incoerência das respostas acusam, evidentemente, a intromissão de um Espírito enganador.

3º Evocação de Adam Smith, a propósito da carta do Sr. Rabache. Perguntas sobre suas opiniões atuais, comparadas com as que emitiu em suas obras. Ele confirma o que disse ao Sr. Rabache, no que toca ao erro de princípio que lhe serviu de base em suas apreciações morais.

Sexta-feira, 18 de maio de 1860. (Sessão particular.)

Leitura da ata e dos trabalhos da última sessão. Com o parecer e a proposta do Comitê, e depois de relatório verbal, a Sociedade recebeu no número de seus sócios livres: 1º o sr. B..., negociante em Paris; 2º o Sr. C..., negociante em Paris.

Comunicações diversas. 1ª Leitura da comunicação seguinte, obtida numa sessão particular, a propósito dos trabalhos da última sessão, pela senhora S..., médium.

P. Por que São Luís não se comunicou, na última sexta-feira, pelo Sr. Didier, e deixou que falasse um Espírito enganador? -R. São Luís estava presente, mas não quis falar. Aliás, não reconheceste que não era São Luís? E o essencial. Não fostes enganados, do momento que reconheceste a impostura.

P. Com que objetivo não quis falar? -R. Podes perguntara ele mesmo; está aqui.

P. São Luís, poderíeis fazer-nos conhecer o motivo de sua abstenção? - R. Ficaste contrariado com o que se passou, mas deves entretanto saber que nada ocorre sem motivo. Há, freqüentemente, coisas das quais não compreendeis o objetivo; que vos parecem más à primeira vista, porque sois muito impacientes, mas das quais, mais tarde, reconheceréis a sabedoria. Esteja, pois, tranqüilo, e não te inquietes com nada; sabemos distinguir aqueles que são sinceros e velamos sobre eles.

P. Se foi uma lição que nos quisestes dar, concebê-la-ia quando estamos entre nós; mas em presença de estranhos, que dela puderam receber uma impressão má, parece-me que o mal domina sobre o bem. - R. Estás errado vendo as coisas assim; o mal não é o que tu crês, e te asseguro que houve pessoas aos olhos das quais essa espécie de fracasso foi uma prova de boa-fé de tua parte. Aliás, do mal, com freqüência, sai o bem. Quando vês um jardineiro cortar belos ramos de uma árvore, deploras a perda da verdura, e isso te parece um mal; mas uma vez cortados esses ramos parasitas, os frutos são mais belos e mais saborosos: eis o bem, e achas, então, que o jardineiro foi sábio e mais previdente do que creste. Do mesmo modo, ainda, se se amputa um membro a algum doente, a perda do membro é um mal, mas, depois da amputação, se fica melhor, eis o bem, porque ter-lhe-á, talvez, salvado a vida. Reflete bem nisto, e compreenderás.

P. Isso é muito justo; mas como ocorre que, apelando aos bons Espíritos, rogando-lhes afastar os impostores, esse apelo não seja ouvido? - R. Ele é ouvido, guarda-te de duvidar disso. Mas estais bem seguro de que esse apelo seja feito do fundo do coração por todos os assistentes, ou que não haja aqui ninguém que, ao menos por um pensamento pouco caridoso e malévolo, se não for pelo desejo, atraia junto a vós os maus Espíritos? Eis porque todos nós dizemos sem cessar: Sede unidos, sede bons e benevolentes uns para com os outros. Jesus disse: Quando estiverdes reunidos em meu nome, estarei no meio de vós.

Credeis, para isso, que basta pronunciar seu nome? Não o penseis, e estejais bem convencidos que Jesus não vai senão ali onde ele é chamado por corações puros: com aqueles que praticam seus preceitos, porque estes estão verdadeiramente reunidos em seu nome; não vai nem para os orgulhosos, nem para os ambiciosos, nem para os hipócritas, nem para aqueles que desejam o mal de seu próximo; foi deles que disse: Eles não entrarão no reino dos céus.

P. Concebo que os bons Espíritos se retirem daqueles que não escutam seus bons conselhos; mas se, entre os assistentes, há os mal-intencionados, é isso uma razão para punir os outros? - R. Admiro-me de tua insistência; parece que me expliquei bastante claramente para quem queira compreender. É necessário, pois, repetir-te para não te preocupares com essas coisas, que são pueris perto do grande edifício da doutrina que se eleva? Crês que a casa vai cair porque uma telha se destacou dela? Duvidais do nosso poder, da nossa benevolência? Não. Pois bem! Deixa-nos, pois, agir, e esteja certo que todo pensamento, bom ou mau, tem seu eco no seio do Eterno.

P. Nada dissestes a respeito da evocação geral que fazemos no começo de cada sessão; quereis dizer-nos o que pensais disso? -R. Deveis sempre apelar para os bons Espíritos; a forma, vós o sabeis, é insignificante: o pensamento é tudo. Tu te admiras do que se passou; mas examinaste bem os rostos daqueles que te escutam quando fazes essa evocação? Não viste, mais de uma vez, o sorriso de sarcasmo errar sobre seus lábios? Que Espíritos crês que essas pessoas vos conduzem? Espíritos que, como elas, se riem das coisas mais sagradas. Por isso vos disse também não admitir o primeiro que chegue entre vós, e para evitar os curiosos que não vêm para se instruírem. Cada coisa virá a seu tempo, e ninguém pode prejudicar os desígnios de Deus; eu vos digo, em verdade, que aqueles que riem hoje destas coisas, não rirão por muito tempo.

São Luís

2ª Nota dirigida pelo Sr. Jobard, de Bruxelas, sobre a evocação, que ele fez, do Sr. Ch. de Br..., morto há pouco.

3ª Leitura de uma comunicação obtida pela senhora Lese..., médium, membro da Sociedade, e dando interessantes explicações sobre a história do Espírito e do pequeno cão. (Publicada adiante.)

4ª Outro ditado espontâneo, ao mesmo médium, sobre: a tristeza e o desgosto.

5ª Carta do Sr. B..., professor de ciências, sobre a teoria que lhe foi dada de horas fixas nas quais o Espírito pode se manifestar. Essa teoria é considerada, por todo o mundo sem exceção, como o resultado de uma obsessão da parte de Espíritos sistemáticos e ignorantes. A experiência e o raciocínio demonstram, à saciedade, que ela não merece um exame sério.

6º Relato de fato curioso relativo a um retrato pintado sob influência de uma mediunidade natural intuitiva. O Sr. T...artista pintor, perdera seu pai numa idade em que não poderia conservar nenhuma lembrança de seus traços. Lamentava vivamente, assim como outros membros da família, de não ter nenhum retrato dele. Um dia, que estava em seu atelier, uma espécie de visão apareceu-lhe, ou antes, uma imagem se traçou em seu cérebro, e pôs-se a reproduzi-la sobre a tela. A execução se fez em várias sessões, e, cada vez, a mesma imagem se lhe apresentava. Veio-lhe o pensamento de que poderia ser seu pai, mas disso não falou a ninguém, e quando o retrato foi acabado, mostrou-o aos seus parentes, e todos o

reconheceram sem hesitar.

Estudos. 1º Quatro ditados espontâneos são obtidos simultaneamente: o primeiro pela senhorita Huet, do Espírito que começou a escrever suas memórias; o segundo pela senhora S..., sobre a *Fanlasia*, de Alfred de Musset; o terceiro pela senhorita Stéphanie S..., de um Espírito familiar, morto há alguns anos, e que, quando vivo, chamava-se Gustave Lenormand. E um Espírito ainda pouco avançado, de um caráter jovial e espirituoso, mas muito bom, muito serviçal, e que é considerado em várias famílias, onde vai com freqüência, como o amigo da casa. Dissera, um dia, que viria fazer a caça dos maus Espíritos. - O quarto da senhorita Parisse, assinada *Luís*.

2ª Evocação do Sr. B..., professor de ciências, da qual se falou mais acima, vivo, e que foi designado por um outro Espírito como podendo fornecer informações sobre François Bayle, médico do décimo-sétimo século, do qual se quer estabelecer a biografia. O resultado dessa evocação tende a provar que *Bayle*, morto, e o Sr. B..., vivo, não são senão um. Este último fornece, com efeito, as informações desejadas, e dá várias explicações do mais alto interesse. (Será publicada.)

(Sexta-feira, 25 de maio de 1860. (Sessão geral.)

Leitura da ata e dos trabalhos da última sessão.

Comunicações diversas. Carta do Sr. doutor Morhéry, contendo uma apreciação, do ponto de vista científico, da medicação empregada, sob sua direção, pela senhorita Desiré Godu. (Publicada adiante.)

2ª Leitura de um ditado espontâneo, obtido pela senhora Lese..... médium, sobre a *miséria humana*.

3ª Leitura de uma série de comunicações muito notáveis, feitas em sessões particulares por diversos membros da família russa W... (Serão publicadas.)

4ª Leitura da evocação feita, em sessão particular, da senhora Duret, médium, morta em Argélia em 1º de maio. Ela encerra importantes apreciações sobre os médiuns.

Estudos. 1ª Evocação da senhora Duret: conseqüência de suas comunicações.

2ª Evocação de Charles de Saint-G... idiota, com idade de treze anos; ela dá curiosas revelações sobre o estado desse Espírito, antes e depois de sua encarnação. (Publicada adiante.)

3ª Estudo sobre o Sr. V..., oficial da marinha, vivo, que conservou a lembrança precisa de sua existência e de sua morte na época de São Bartolomeu. (Será publicada.)

O Espiritismo na Inglaterra

Revista Espírita, junho de 1860

O Espiritismo encontrou na Inglaterra, no princípio, uma oposição da qual se admirou com razão. Não foi que ali não encontrasse partidários isolados, como por toda parte, mas seus progressos ali foram infinitamente menos rápidos do que na França. É que, como alguns pretenderam, os Ingleses mais frios, mais positivos, menos entusiasmados que nós, se deixam levar menos pela sua imaginação; que sejam menos levados ao maravilhoso? Se assim fora, dever-se-ia espantar, com muito mais forte razão, que tivesse seu principal foco nos Estados Unidos, onde o positivismo dos interesses materiais reina soberanamente absoluto. Não seria mais racional que saísse da Alemanha, ao passo que a Rússia, sob esse aspecto, parece dever ultrapassar a terra clássica das lendas? A oposição que o Espiritismo encontrou na Inglaterra não se prende, de nenhum modo, ao caráter nacional, mas à influência das idéias religiosas de certas seitas preponderantes, rigorosamente apegadas à letra mais que ao espírito de seus dogmas; elas se emocionaram com uma doutrina que, à primeira vista, pareceu-lhes contrária às suas crenças; mas não poderia sê-lo por muito tempo assim num povo que reflete, é esclarecido, e onde o livre exame não sente nenhum entrave, onde o direito de reunião para discutir é absoluto. Diante da evidência dos fatos, ser-lhe-ia bem necessário render-se; ora, precisamente porque os Ingleses julgaram-nos friamente e sem entusiasmo, foi que os apreciaram e compreenderam toda a sua importância. Quando, depois de uma observação séria, saiu para essa verdade capital que as idéias espíritas têm sua fonte nas idéias cristãs, que longe de se contradizerem elas se corroboram, se confirmam, se explicam umas pelas outras, toda satisfação foi dada ao escrúpulo religioso; a consciência firmada, nada mais se opôs ao progresso das idéias novas, que se propagaram, nesse país, com uma espantosa rapidez. Ora, ali como alhures, é ainda na parte esclarecida da população que se encontram seus mais numerosos e mais zelosos partidários; argumento peremptório ao qual ainda nada se opôs. Ali os médiuns se multiplicam; numerosos centros se estabeleceram, aos quais se associam os membros do alto clero, que proclamam abertamente suas convicções. Os adversários dirão que a febre do maravilhoso triunfou da fleuma inglesa? Qualquer que ela seja, é um fato notório, é que suas classes se esclarecem, todos os dias, a despeito de seus sarcasmos.

O desenvolvimento das idéias espíritas na Inglaterra não poderia deixar de dar nascimento a publicações especiais. Elas têm ali agora um órgão mensal muito interessante, que se publica em Londres, desde o 1^o de maio último, sob o título de *the Spiritual Magazine*, do qual tomamos o relato seguinte:

Um Espírito falador.

Estando, há algumas semanas, em Worcester, encontrei por acaso, na casa de um banqueiro dessa cidade, uma senhora com a qual fiz o conhecimento e, de sua própria boca, ouvi uma história de tal modo surpreendente, que não me foi necessário mais que um testemunho comum para nela acrescentar fé. Quando interroguei nosso hospedeiro sobre essa senhora, disse-me que a conhecia há mais de trinta anos. "Ela é de tal modo verídica, ajuntou ele, sua justiça é tão bem conhecida de todo o mundo, que não tenho a menor dúvida sobre a realidade do que contou. É uma mulher de uma reputação sem mancha, de costumes irrepreensíveis, possuindo um espírito forte e inteligente, e uma instrução variada. "Considerava, pois, como

impossível que ela procurasse enganar os outros, ou que se enganasse ela mesma. Ouvira-lhe, freqüentemente, contar essa história, e sempre de maneira clara e precisa, de sorte que ficava extremamente embaraçado; repugnava-lhe admitir semelhantes fatos, e, de outro lado, não ousava pôr em dúvida a boa-fé de ninguém.

Minhas próprias observações tendiam a confirmar tudo o que me dissera a senhora em questão. Havia em seu ar, em suas maneiras, mesmo no som de sua voz, um não sei que que raramente engana, e que leva em si mesmo a convicção da verdade. Era-me, pois, impossível não a julgar sincera, tanto mais que ela parecia falar dessas coisas com uma repugnância evidente. O banqueiro dissera-me que era muito difícil fazê-la falar sobre esse assunto, porque, em geral, encontrava ouvintes mais dispostos a rirem que a crerem. Acrescentai a isso que nem a senhora, nem o banqueiro, conheciam o Espiritismo, ou dele apenas ouviram falar.

Eis o relato dessa senhora:

"Pelo ano de 1820, tendo deixado nossa casa de Suffolk, fomos habitar na cidade de ***, porto de mar, na França. Nossa família se compunha de meu pai, de minha mãe, uma irmã, um jovem irmão em torno de doze anos, de mim e de um doméstico inglês. Nossa casa estava situada num lugar bem retirado, um pouco fora da cidade, no belo meio da praia; não havia outra casa nem nenhuma espécie de navio na vizinhança.

"Uma noite, meu pai viu, a algumas jardas somente da porta, um homem envolvido num grande casaco e sentado sobre um pedaço de rochedo. Meu pai aproximou-se dele para dizer-lhe boa-noite, mas, não recebendo resposta, voltou atrás. Antes de entrar, todavia, teve a idéia de se voltar, e, para seu grande espanto, não viu mais ninguém. Ficou ainda mais surpreendido quando, depois de se aproximar de novo, e bem examinar tudo ao redor do rochedo, não viu o menor traço do indivíduo, que ali estivera sentado um instante antes, e nenhum abrigo existia onde pudesse se esconder. Quando meu pai reentrou na casa, disse-nos: "Meus filhos, acabo de ver uma aparição." Como se pode crer nos pusemos todos a rir às gargalhadas.

No entanto, nessa noite, e em várias noites seguidas, ouvimos ruídos estranhos em diversos lugares da casa; eram ora gemidos que partiam de debaixo de nossas janelas, ora parecia que se raspava sobre as próprias janelas, e, em outros momentos, dir-se-ia que várias pessoas raspavam no teto. Abrimos nossas janelas várias vezes e, pedindo em voz alta: "Quem está aí?" mas sem obter resposta.

"Ao cabo de alguns dias, os ruídos se fizeram ouvir no próprio quarto onde minha irmã e eu nos deitávamos (ela tinha vinte anos e eu dezoito). Despertamos todos da casa, mas não quiseram nos escutar; censuraram-nos e nos trataram de loucas. Os ruídos consistiam, comumente, em pancadas: algumas vezes eram 20 ou 30 num minuto, de outras vezes decorria um minuto entre cada golpe.

"Afinal, os ruídos de fora e de dentro foram igualmente ouvidos por nossos pais, e foram bem forçados a admitirem que a imaginação não tomara parte em nada. Então lembrou-se do fato da aparição; mas, em suma, não estávamos muito atemorizados, e acabamos por nos habituar a todo esse barulho.

"Uma noite, enquanto se batia como de hábito, veio-me ao pensamento dizer: "Se és um Espírito, bata seis vezes." Imediatamente ouvi bater os seis golpes muito distintamente. Com

o tempo esses ruídos se nos tornaram de tal modo familiares que não só deles não tínhamos nenhum pavor, mas nos deixaram mesmo de ser desagradáveis.

"Atualmente, vou contar a parte mais curiosa dessa história, e hesitaria em vos comunicar, se todos os membros de minha família não fossem testemunhas do que exponho. Meu irmão, então criança, mas que é agora um homem muito distinguido em sua profissão, poderá, se necessário, vo-la confirmar todos os detalhes.

"Além das pancadas no nosso quarto de dormir, começamos a ouvir, no salão principalmente, como uma voz humana. Na primeira vez que a ouvimos, minha irmã estava ao piano; cantávamos uma canção, e eis que o Espírito se pôe a cantar conosco. Pode-se imaginar nosso espanto. Não havia mais meios de duvidar da realidade do fato, porque pouco depois a voz começou a nos falar, de maneira clara e inteligível, misturando-se de tempo a tempo em nossa conversação. A voz era baixa, os tons lentos, solenes, muito distintos: o Espírito nos falava sempre em francês. Disse-nos que se chamava Gaspard, mas quando queríamos interrogá-lo sobre sua história pessoal, ele não respondia; nunca quis dizer o motivo que o levou a se relacionar conosco. Geralmente, pensávamos que era Espanhol; não posso todavia lembrar-me de onde nos veio essa idéia. Ele chamava cada membro da família por seu nome de batismo; algumas vezes nos recitava versos, e procurava constantemente nos inculcar sentimentos de moral cristã, mas sem nunca tocar nas questões do dogma. Parecia deseioso de nos fazer compreender o que há de grande na virtude, o que há de belo na harmonia que reina entre os membros de uma mesma família. Uma vez que minha irmã e eu tivemos uma leve disputa, ouvimos a voz dizer-nos: "M...está errada; S...tem razão." Desde o momento que se deu a conhecer, ocupou-se constantemente em nos dar bons conselhos. Uma vez meu pai estava muito inquieto a respeito de certos documentos que acreditava ter perdido, e que estava deseioso de reencontrar. Gaspard disse-lhe onde estavam na nossa velha casa de Suffolk; procurou-se, e no mesmo lugar que indicara, encontraram-se os papéis.

"As coisas continuaram a se passar assim durante mais de três anos; todas as pessoas da família, sem excetuar os domésticos, ouviram a voz. A presença do Espírito, porque nunca duvidamos de sua presença, era sempre uma grande alegria para todos nós; ao mesmo tempo o considerávamos nosso companheiro e nosso protetor.

Um dia, nos disse: "Durante alguns meses, não estarei mais convosco." Com efeito, suas visitas cessaram durante vários meses; uma noite, ouvimos essa voz, tão bem conhecida nossa, dizer-nos: "Eis-me ainda entre vós." Seria difícil pintar a nossa alegria.

"Até aqui, sempre o ouvíamos, mas não era visto. Uma tarde meu irmão disse: "Gaspard, eu gostaria muito de vos ver." e a voz respondeu: "Eu vos contentarei; ver-me-eis se fordes até o outro lado da praça." Meu irmão nos deixou, mas logo voltou dizendo: "Eu vi Gaspard; ele portava um casaco e um chapéu de abas largas; olhei-o sob seu chapéu, e ele me sorriu. - Sim, disse a voz, misturando-se na conversa, era eu."

A maneira pela qual nos deixou completamente, nos foi muito sensível. Retornamos a Suffolk, e lá, como na França, durante várias semanas depois de nossa chegada, Gaspard continuou suas conversas conosco.

"Uma noite, ele nos disse: "Vou deixar-vos para sempre, e serieis infelizes se permanecesse junto a vós neste país, onde nossas comunicações seriam mal compreendidas e mal interpretadas."

"Desde esse momento, acrescentou a senhora, com um acento de tristeza, como quando se fala de um ser amado que a morte levou, não mais ouvimos a voz de Gaspard."

Eis os fatos tais como me foram contados. Tudo isso me faz refletir, e pode igualmente fazer refletir vossos leitores. Não pretendo dar nenhuma explicação, nenhuma opinião; direi somente que tenho inteira confiança na boa-fé da pessoa de quem os tomei, e assino meu nome, em garantia da exatidão de minha narração.

S. C. HALL

O Espírito e o cãozinho

(Sociedade, 4 de maio de 1860. Méd. Sr Didier.)

O Sr. G.G..., de Marseille, nos transmite o fato seguinte: "Um jovem morreu há oito meses, e sua família, na qual se encontram três irmãs médiuns, evoca-o quase diariamente com a ajuda de uma cesta. Cada vez que o Espírito é chamado, um cãozinho, que muito amara, salta sobre a mesa e vem cheirar a cesta, produzindo pequenos gemidos. A primeira vez que isso ocorreu, a cesta escreveu: "Meu bravo cãozinho, que me reconhece."

"Eu não vi o fato, mas as pessoas de quem o tenho, freqüentemente, foram testemunhas, e são muito bons Espíritos, e muito sérios para que me seja permitido pôr em dúvida a sua veracidade. Perguntei-me se o perispírito conservaria bastante partículas materiais para afetar o odor do cão, ou se o cão era dotado da faculdade de ver os Espíritos; é um problema que me pareceria útil aprofundar, se todavia não estiver já resolvido.

1ª Evocação de M.***, morto há oito meses, e do qual veio a ser questão. - R. Estou aí.

2ª Confirmais o fato relativo ao vosso cão, que vem cheirar a cesta que serve em vossas evocações, e que parece vos reconhecer? - R. Sim.

3ª Poderíeis dizer-nos qual a causa que atrai o vosso cão para a cesta? - R. A extrema fineza dos sentidos pode fazê-lo adivinhar a presença do Espírito, vê-lo mesmo.

4ª O cão vos vê ou vos sente? - R. O odor, sobretudo, e o fluido magnético.

Charlet

Nota. Charlei, o pintor, deu à Sociedade uma série de ditados muito notáveis sobre os animais, e que publicaremos proximamente; foi a esse título, sem dúvida, que interveio espontaneamente na presente evocação.

5ª Uma vez que Charlet interveio na questão que nos ocupa, rogamos dar-nos algumas explicações a esse respeito. - R. De bom grado. O fato é perfeitamente verossímil, e por conseqüência natural. Falo em geral, porque não tenho conhecimento daquele que se trata. O cão está dotado de um organismo todo particular; ele compreende o homem, é dizer tudo; ele o sente, segue-o em todas as suas ações com a curiosidade de uma criança; ele ama, que mais é, ao ponto, - e se têm bastantes exemplos para confirmar o que exponho - ao ponto, disse eu, de se devotar a ele. O cão deve ser, disso não estou seguro, ouvi-o bem, mas o cão deve ser um desses animais vindos de um mundo já avançado para sustentar o homem em sua pena, servi-lo, guardá-lo. Acabo de falar das qualidades morais que o cão possui em si mesmo positivamente. Quanto às suas faculdades sensitivas, elas são extremamente finas; todos os caçadores conhecem a sutilidade do odor do cão; além desta qualidade, o cão compreende quase todas as ações do homem; compreende a importância de sua morte; por que não adivinharia sua alma, e por que mesmo não a veria?

No dia seguinte, a senhora Lese..., médium,- membro da Sociedade, obteve em particular a explicação seguinte sobre o mesmo assunto.

"O fato citado na Sociedade é verdadeiro, embora o perispírito, desligado do corpo, não tenha nenhuma de suas emanções. O cão cheirava a presença de seu senhor; quando se diz *cheirar*, entendo que seus órgãos percebiam sem que seus olhos vissem, sem que seu nariz sentisse; mas todo o seu ser estava advertido da presença do senhor, e essa advertência era-lhe sobretudo dada pela vontade que se exalava do Espírito daqueles que evocavam o morto. A vontade humana fere e adverte o instinto dos animais, sobretudo o dos cães, antes que nenhum sinal exterior a haja revelado. Esse cão está colocado, por sua fibra nervosa, em relação direta conosco, os Espíritos, quase tanto quanto vós com os outros homens; ele percebe as aparições; dá-se conta da diferença que existe entre elas e as coisas reais terrestres, e delas tem um grande terror. O cão uiva à lua, segundo a expressão vulgar; uiva também quando sente a morte chegar. Nesses dois casos, e em muitos outros, o cão é intuitivo: vê menos do que sente; o fluido elétrico penetra-o quase que habitualmente. O fato que me serviu de ponto de partida, nada tem de espantoso, porque, no momento do desprendimento da vontade que chamava seu senhor, o cão sentia a sua presença tão viva quanto o próprio Espírito ouvia e respondia ao chamado que se lhe fizera."

Georges (*Espírito familiar.*)

O Espírito de um idiota

(Sociedade, 25 de maio de 1860.)

Charles de Saint-G... é um jovem idiota de treze anos, vivo, e cujas faculdades intelectuais são de tal modo nulidade que não reconhece seus pais, e pode, com dificuldade, tomar ele mesmo seu alimento. Há nele parada completa do desenvolvimento de todo o sistema orgânico. Pensara-se que aí poderia estar um interessante assunto de estudo psicológico.

1. (A São Luís.) Quereis dizer-nos se podemos evocar o Espírito dessa criança? - R. Podeis evocá-lo como evocais o Espírito de um morto.
2. Vossa resposta nos faria supor que a evocação poderia dar-se qualquer momento. - R. Sim; sua alma liga-se ao seu corpo por laços materiais, mas não por laços espirituais; ela pode sempre se desligar.
3. Evocação de Ch. de Saint-G...-R. Sou um pobre Espírito amarrado à Terra como um pássaro por uma pata.
4. Em vosso estado atual, como Espírito, tendes a consciência de vossa nulidade nesse mundo? -R. Certamente; sinto bem o meu cativoiro.
5. Quando o vosso corpo dorme, e que o vosso Espírito se desliga, tendes as idéias tão lúcidas como se estivésseis num estado normal? - R. Quando meu infeliz corpo repousa, estou um pouco mais livre para elevar-me ao céu a que aspiro.
6. Sentis, como Espírito, um sentimento penoso de vosso estado corpóreo? - R. Sim, uma vez que é uma punição.
7. Lembrai-vos de vossa existência precedente? - R. Oh! Sim; foi a causa de meu exílio na presente.
8. Qual foi essa existência? - R. Um jovem libertino ao tempo de Henrique III.
9. Dissestes que a vossa condição atual é uma punição; portanto, não a escolhestes? - R. Não.
10. Como a vossa existência atual pode servir ao vosso adiantamento, no estado de nulidade em que estais? - R. Ela não é nula para mim diante de Deus que ma impôs.
11. Prevedes a duração de vossa existência atual? - R. Não; ainda alguns anos e reentrarei em minha pátria.
12. Desde a vossa precedente existência até a vossa encarnação atual, que fizestes como

Espírito? -R. Foi porque eu era um Espírito leviano que Deus me aprisionou.

13. Em vosso estado de vigília, tendes consciência do que se passa ao vosso redor, e isso apesar da imperfeição dos vossos órgãos? - R. Eu vejo, ouço, mas meu corpo não compreende nem vê nada.

14. Podemos fazer alguma coisa que vos seja útil? - R. Nada.

15. (A São Luís.) As preces por um Espírito reencarnado podem ter a mesma eficácia que para um Espírito errante? - R. As preces são sempre boas e agradáveis a Deus; na posição desse pobre Espírito, não podem lhe servir para nada; servir-lhe-ão mais tarde, porque Deus as reserva.

Nota. Ninguém desconhecerá o alto ensinamento moral que ressalta desta evocação. Ela confirma, por outro lado, o que sempre se disse sobre os idiotas. Sua nulidade moral não se prende à nulidade de seu Espírito que, abstração feita dos órgãos, goza de todas as suas faculdades. A imperfeição dos órgãos não é senão um *obstáculo* à livre manifestação das faculdades; ela não as aniquila. É o caso de um homem vigoroso cujos membros sejam comprimidos por laços. Sabe-se que, em certos países, os cretinos, longe de serem um objeto de desprezo, são cercados de cuidados benevolentes. Esse sentimento não se prenderia à intuição do verdadeiro estado desses infortunados, tanto mais dignos de considerações quanto seu Espírito, que compreende sua posição, deve sofrer por se ver o resto da sociedade?

Conversas familiares de além-túmulo - Senhora Duret

Revista Espírita, junho de 1860

Médium escrevente, morta em 1^{fl} de maio de 1860, em Argélia, evocada primeiro na casa do Sr. Allan Kardec, dia 21, depois na Sociedade, dia 25 de maio.

1. Evocação. - Eis-me.
 2. Conhecemo-nos de nome, se não de fato; embora nunca me vistes, reconheceis-me? - R. Oh! muito bem.
 3. Depois de vossa morte, já viestes me visitar? - R. Não ainda, mas sabia bem que me chamaríeis.
 4. Como médium, e perfeitamente iniciada no Espiritismo, pensei que poderíeis, melhor que outro, dar-nos explicações instrutivas sobre diferentes pontos da ciência. - R. Responderei o melhor que puder.
 5. Esta primeira evocação não tem por objeto senão renovar, de alguma sorte, o conhecimento, e colocar-nos em relação; quanto às perguntas, como são de interesse geral, prefiro vo-las dirigir na Sociedade. Pergunto, pois, se consentis em vir? - Sim, de muito bom grado; responderei e pedirei a Deus que me esclareça.
 6. Há aqui cinco médiuns; preferis um deles para vos servir de intérprete? - R. Isso me é indiferente, desde que seja um bom médium.
 7. Como médium, fostes alguma vez enganada pelos Espíritos em vossas comunicações? - R. Oh! Muito freqüentemente. Há poucos médiuns que não o sejam, mais ou menos.
- Nota.* No dia seguinte, a senhora Durei se manifestou, espontaneamente, e testemunhou o pesar por não se lhe dirigir, na véspera, um maior número de perguntas.
8. Se não o fiz, como disse, foi que as reservei para a Sociedade; queria simplesmente assegurar-me de que podia contar convosco. - R. O que é feito em vossa casa, é igualmente dado para a instrução da Sociedade, e é, com freqüência, útil aproveitar os instantes em que o Espírito quer se comunicar, não lhe sendo sempre as circunstâncias igualmente favoráveis.
 9. Quais são as circunstâncias que lhe podem ser favoráveis? - R. Há muitas que conheceis; mas é necessário que saibais que isso não depende sempre dele. Algumas vezes, tem necessidade de ser assistido por outros Espíritos, que nem sempre estão ali a propósito.
 10. Uma vez que viestes, espontaneamente, devo crer que estais num desses momentos propícios, e disso aproveitarei se consentirdes. Dissestes ontem que, freqüentemente, fostes

enganada como médium; vedes agora os Espíritos que vos enganavam? -R. Sim, vejo-os muito bem. Gostariam muito ainda de me enganar, mas no presente, vejo-os claro; não sou mais sua vítima; também, eu os repilo.

11. Dissestes, também, que há muitos médiuns que foram, mais ou menos, enganados; de que isso depende? - R. Muito do médium, e também daquele que interroga.

12. Peco-vos explicar-vos mais claramente? - R. Quero dizer que se pode sempre, quando se o quer, preservar-se dos maus Espíritos, e a primeira condição, para isso, é não atraí-los pela sua fraqueza ou por seus defeitos. Quantas coisas terei a vos dizer lá em cima! Ah! Se os médiuns soubessem todo o mal que se fazem expondo-se aos Espíritos malévolos!

13. É no mundo dos Espíritos que eles se fazem mal? - R. Sim, e no mundo dos vivos também.

14. Que mal isso pode fazer-lhes no mundo dos vivos? - R. Vários; primeiro, tornam-se vítimas dos maus Espíritos, que os enganam e impelem ao mal, excitando todos os seus defeitos, que encontram em germe nele, principalmente o orgulho e o ciúme. Em seguida, Deus pune-os, freqüentemente, pelas penas da vida.

Nota. Temos mais de um exemplo de médiuns dotados das mais felizes disposições, e que a infelicidade perseguiu e oprimiu, depois de se deixarem dominar pelos maus Espíritos.

15. Mas, então, não seria melhor não ser médium, uma vez que essa faculdade pode arrastar a tão grandes inconvenientes? -R. Credes, pois, que os maus Espíritos não venham atacar senão os médiuns? A mediunidade, ao contrário, é um meio precioso para reconhecê-los e deles se preservar; é o remédio que Deus, em sua bondade, dá ao lado do mal; é a advertência de um bom pai que ama seus filhos e quer preservá-los do perigo. Infelizmente, aqueles que gozam desse dom não sabem ou não querem aproveitá-lo; são como o imprudente que se fere com a arma que deve servir para defendê-lo.

16. Sois bem vós, senhora Duret, que dais estas respostas? -R. Sou eu quem as dou. e o certifico em nome de Deus; mas creio que se estivesse abandonada a mim mesma, delas seria incapaz. Os pensamentos me vêm de mais alto.

17. Vedes o Espírito que vos inspira? -R. Não; há aqui uma multidão de Espíritos diante dos quais me inclino, e cujos pensamentos parecem irradiar em mim.

18. Assim, um Espírito pode receber as inspirações de outros Espíritos tão bem quanto aquele que está encarnado, e servir-lhe de intermediário? -R. Guardai-vos de duvidar disso; freqüentemente, ele crê responder por si mesmo, e não é senão um eco.

19. Que os pensamentos sejam vossos pessoalmente, ou que vos sejam sugeridos, pouco nos importa, do momento que são bons, e agradecemos os bons Espíritos que vo-los sugerem; mas, então, perguntarei por que esses mesmos Espíritos não respondem diretamente? - R. Fá-lo-iam se vós os interrogásseis; foi a mim que evocastes; eles querem responder, e então servem-se de mim para a minha própria instrução.

20. O Espírito que obsidia um médium quando vivo, obsidia-o ainda depois da sua morte? - R. A morte não livra o homem da obsessão dos maus Espíritos; é a figura do demônio

atormentando as almas em pena. Sim, esses Espíritos perseguem-no depois da morte, e causam-lhes sofrimentos horríveis, porque o Espírito atormentado sente-se sob uma opressão da qual não pode se livrar. Aquele, ao contrário, que se livrou da obsessão quando vivo, é forte, e os maus Espíritos olham-no com temor e respeito; encontraram seu senhor.

21. Há muitos médiuns verdadeiramente bons, em toda a acepção da palavra? - R. Não são os médicos que faltam, mas os bons médicos são raros; ocorre o mesmo com os médiuns.

22. Por que sinal se pode reconhecer que as comunicações de um médium merecem confiança? - R. As comunicações dos bons Espíritos têm um caráter com o qual não é possível enganar-se, quando se quer dar-se ao trabalho de estudá-las. Quanto ao médium, o melhor seria aquele que nunca foi enganado, porque isso seria a prova de que não atrai senão os bons Espíritos.

23. Mas não há médiuns dotados de excelentes qualidades morais e que são enganados? - R. Sim, os maus Espíritos podem tentar, e não triunfam senão pela fraqueza ou a confiança muito grande do médium, que se deixa enganar; mas isso não dura muito, e os bons Espíritos facilmente levam vantagem quando a vontade aí está.

24. A faculdade mediúnica é independente das qualidades morais do médium? -R. Sim, freqüentemente, é dada em muito alto grau a Pessoas viciosas, a fim de ajudá-las a se corrigirem. É que os doentes não têm mais necessidade de remédios que as pessoas que se portam bem? Os maus Espíritos, algumas vezes, dão-lhe bons conselhos sem o quererem; são impelidos por bons Espíritos; mas disso não se aproveitam, porque, pelo orgulho, não os tomam Para si.

Nota. Isso é perfeitamente exato, e vêem-se, freqüentemente, Espíritos inferiores darem rudes lições, e em termos pouco medidos, assinalarem os defeitos, virarem os defeitos em ridículo, com mais ou menos comedimento, segundo as circunstâncias e, algumas vezes, de modo muito espiritual.

25. Os bons Espíritos podem se comunicar por maus médiuns? - R. Algumas vezes, médiuns imperfeitos podem ter muito belas comunicações, que não podem vir senão de bons Espíritos; quanto mais essas comunicações sejam sábias e sublimes, mais os médiuns são culpados por não aproveitá-las. Oh! Sim; são bem culpados, e carregam cruelmente a pena de sua cegueira.

26. As boas intenções e as qualidades morais daquele que interroga, podem conjurar os maus Espíritos atraídos por um médium imperfeito, e assegurar-lhe boas comunicações? - R. Os bons Espíritos apreciam a intenção, e, quando julgam útil fazê-lo, podem se servir de toda espécie de médium, segundo o objetivo que se propõem; mas, em geral, as comunicações são tanto mais seguras quanto o médium tenha mais qualidades sérias.

27. Nenhum homem podendo ser perfeito. seguir-se-ia que não há médiuns perfeitos? -R. Há os que são tão perfeitos quanto o comporta a humanidade terrestre; são raros, mas os há; estes são os preferidos de Deus e se preparam grandes alegrias no mundo dos Espíritos.

28. Quais são os defeitos que mais dão presa aos maus Espíritos? -R. Eu vos disse: o orgulho, e o ciúme, que é uma conseqüência do orgulho e do egoísmo. Deus ama os humildes e castiga os soberbos.

29. Disso se conclui que o médium que não seja humilde não merece nenhuma confiança? - R. Não, não de maneira absoluta; mas se reconheceis num médium do orgulho, do ciúme e pouca caridade, tendes muito mais chance de serdes enganados.

Nota. O que perde muitos médiuns, é crerem-se os únicos capazes de receber boas comunicações e desprezar a dos outros; se crêem profetas, e não são senão os intérpretes de Espíritos astutos que os enlaçam em suas redes, persuadindo-os de que tudo o que escrevem é sublime, e que não têm necessidade de conselho, a crença de certos médiuns na infalibilidade e na superioridade de suas comunicações é tal que nela tocar é quase uma profanação; duvidar delas é quase injuriá-los; bem mais, é mesmo expor-se a fazer deles inimigos, porque melhor seria dissera um poeta que seus versos são maus. Esse sentimento, que tem o orgulho por princípio, é mantido pelos Espíritos que os assistem, e que têm grande cuidado em inspirar-lhes o afastamento de quem possa esclarecê-los; isso só deveria bastar-lhes, se não estivessem fascinados, para fazê-los abrir os olhos. Um princípio que ninguém poderia contestar é que os bons Espíritos não podem aconselhar senão o bem; portanto, tudo o que não for *bem*, num sentido absoluto, não pode vir de um bom Espírito; conseqüentemente, todo conselho ditado, ou todo sentimento inspirado, que refletisse o menor pensamento mau, seria, por isso mesmo, de origem suspeita, quaisquer que sejam, de resto, as qualidades ou a redundância do estilo.

Um sinal não menos característico dessa origem, é a adulação, da qual os maus Espíritos não são avaros com relação a certos médiuns. Eles sabem, oportunamente, louvar suas vantagens físicas ou suas qualidades morais, acariciar suas tendências secretas, excitar sua cobiça ou sua cupidez, e, em censurando o orgulho e aconselhando a humildade, inchar sua vaidade e seu amor-próprio. Um dos meios que empregam consiste, sobretudo, em persuadi-los quanto à sua superioridade como médiuns, colocando-os como os apóstolos em missões, ao menos duvidosas, e para as quais a primeira de todas as qualidades seria a humildade, junto à simplicidade e à caridade.

Ofuscados por nomes de seres veneráveis, dos quais se crêem os intérpretes, não percebem a ponta da orelha que os falsos Espíritos deixam passar, apesar deles, porque seria impossível a Espíritos inferiores simular completamente todas as qualidades que não têm. Os médiuns não se livrarão, verdadeiramente, da obsessão da qual são alvo, senão quando compreenderem esta verdade; só então os maus Espíritos, de seu lado, compreenderão que perdem seu tempo com pessoas que não saberiam apanhar em falta.

(Sociedade, 25 de maio de 1860.)

30. Vosso marido possuía, ao que parece, a faculdade de médium vidente; tem realmente esta faculdade? - R. Sim, positivamente.

31. Ele disse ter-vos visto duas vezes depois de vossa morte; isso é verdade? - R. Sim, isso é bem verdade.

32. Os médiuns videntes estão expostos a serem enganados pelos Espíritos impostores como os médiuns escreventes? - R. Freqüentemente, são menos enganados que os médiuns escreventes, mas podem sê-lo igualmente por falsas aparências, quando não estão inspirados em Deus. Sob os Faraós, ao tempo de Moisés, os falsos profetas não faziam milagres que enganavam o povo? Só Moisés não enganava, porque estava inspirado por Deus.

33. Quereis agora nos explicar as vossas sensações, na vossa entrada no mundo dos

Espíritos. À parte a perturbação, mais ou menos longa, que segue sempre a morte, houve um instante em que o vosso Espírito perdeu toda a consciência de si mesmo? -R. Sim, como sempre; é impossível de outro modo.

34. Essa perda absoluta de consciência começou antes do instante da morte? - R. Começou na agonia.

35. Persistiu depois da morte? - R. Muito pouco tempo.

36. Quanto tempo pôde durar ao todo? -R. Em torno de quinze a dezoito de vossas horas.

37. Essa duração é variável segundo os indivíduos? - R. Certamente, ela não é a mesma em todos os homens; isso depende muito do gênero de morte.

38. Enquanto se cumpria o fenômeno da morte, tínheis a consciência do que se passava em vosso corpo? - R. Nenhuma. Deus, que é bom para todas as suas criaturas, quer poupar ao Espírito as angústias desse momento; por isso, tira-lhe toda lembrança e toda sensação.

Nota. Este fato, que sempre nos foi confirmado, é análogo ao que se passa na reentrada do Espírito no mundo corpóreo. Sabe-se que, desde o instante da concepção, o Espírito designado para habitar o corpo que deve nascer, está tomado de uma perturbação que vai crescendo à medida que os laços fluídicos, que o unem à matéria, se apertam, até a proximidade do nascimento; nesse momento, perde igualmente toda a consciência de si mesmo, e não começa a recobrar suas idéias senão no momento em que a criança respira; é só então que a união do Espírito e do corpo está completa e definitiva.

39. Como se opera o instante do despertar? Vós vos reconhecestes subitamente ou bem houve um momento de meia consciência, quer dizer, de vago nas idéias? - R. Estive, durante alguns instantes, no vago, depois, pouco a pouco, reconheci-me.

40. Quanto tempo durou esse estado? -R. Não sei ao certo; mas pouco tempo; creio que em torno de duas horas.

41. Durante essa espécie de meio sono, experimentáveis uma sensação agradável ou penosa? - R. Eu não sei; não tinha quase nada a consciência de mim mesma.

42. À medida que as vossas idéias se elucidavam, tínheis a certeza da morte de vosso corpo, ou bem crestes um instante estar ainda neste mundo? -R. Acreditei, efetivamente, durante alguns instantes.

43. Quanto tivestes a certeza de vossa morte, disso não sentistes desgosto? - R. Não, de modo algum; a vida nada tem a lamentar.

44. Quando vos reconhecestes, onde estáveis, e o que primeiro feriu vossa vista? -R. Encontrei-me com Espíritos que me rodeavam, que me ajudavam a sair da perturbação; foi essa mudança que me impressionou.

45. Encontraste-vos perto de vosso marido? -R. Eu o deixo pouco; ele me vê; me evoca; isso substitui meu pobre corpo.

46. Postes imediatamente rever as pessoas que conhecestes: o Sr. Dumas e os outros Espíritas de Sétif? -R. Não imediatamente: pensei que me evocariam. Não fazia muito tempo que os deixara, e aí encontrei os que conhecera e não vira há muitos séculos. Eu era médium e Espírita; todos os Espíritos que evoquei vieram receber-me; isso me impressionou. Se soubésseis como é doce reencontrar nossos amigos neste mundo!

47. O mundo dos Espíritos vos pareceu uma coisa estranha, nova para vós? - R. Oh! Sim.

48. Esta resposta nos admira, porque não foi a primeira vez que vos encontrastes no mundo dos Espíritos. - R. Isso nada tem que deva vos espantar; eu não era tão avançada quanto hoje; depois, a diferença é tão grande entre o mundo corpóreo e o mundo dos Espíritos, que isso surpreende sempre.

49. Vossa explicação poderia ser mais clara; isso não se prenderia a que, cada vez que se retorna ao mundo dos Espíritos, o progresso que se fez dá percepções novas, e permite considerá-lo sob um novo aspecto? - R. É bem isso; eu vos disse que não era tão avançada quanto hoje.

Nota. A comparação seguinte pode fazer compreender o que se passa nesta circunstância. Supomos que um pobre camponês venha a Paris pela primeira vez; ali freqüentará uma sociedade, habitará um quarteirão conforme com a sua situação. Que depois de uma ausência de vários anos, durante a qual se enriqueceu, e adquiriu uma certa educação, ele retorne a Paris, e se encontrará num meio diferente do da primeira vez, e que deverá parecer-lhe novo; compreenderá e apreciará uma multidão de coisas que apenas fixara sua atenção a primeira vez; em uma palavra, terá dificuldade em conhecer sua antiga Paris, e todavia será sempre Paris, mas que lhe aparece sob uma nova luz.

50. Como julgais agora as comunicações que se obtêm em Sétif; são em geral antes boas que más? - R. É como por toda parte; obtêm-se boas e más, verdadeiras e falsas. Elas se ocupam, freqüentemente, de coisas que não são bastante sérias, e não são muito hábeis, mas não crêem fazer mal. Farei de sorte a corrigi-los.

51. Nós vos agradecemos por ter consentido vir, e pelas explicações que nos destes. - R. Eu também vos agradeço por pensarem em mim.

Medicina intuitiva

Revista Espírita, junho de 1860

Plessis- Boudet, 23 de maio de 1860.

Senhor,

Em minha última carta, eu vos dei um boletim de curas obtidas por meio da medicação da senhorita Godu. Estou sempre na intenção de vos ter ao corrente dos fatos, mas hoje creio mais útil falar-vos de seu modo de tratar. É bom ter as pessoas ao corrente, porque nos vieram de longe doentes que se faziam uma idéia muito falsa desse gênero de medicação, e que se expunham a fazer uma viagem inútil e de pura curiosidade.

A senhorita Godu não é sonâmbula; ela nunca consulta à distância, nem mesmo em meu domicílio, senão sob a minha direção e sob o meu controle. Quando estamos de acordo, o que ocorre quase sempre, porque sou capaz de apreciar hoje sua medicação, começamos o tratamento acertado, e a senhorita Godu executa os curativos, prepara as tisanas e age, em uma palavra, como enfermeira, mas enfermeira *de elite*, e com um zelo sem exemplo, em nossa modesta casa de saúde improvisada.

É por um fluido depurador, do qual estaria dotada, que ela obtêm tão preciosos resultados?

É pela sua assiduidade nos curativos, ou pela confiança que ela inspira?

Enfim, é por um sistema de medicação bem concebido e bem dirigido que ela obtêm sucesso?

Tais são as três perguntas que, com freqüência, tenho me colocado.

Para o momento, não quero entrar na primeira pergunta, porque ela exige um estudo aprofundado, e uma discussão científica de primeira ordem; ela virá mais tarde.

Para a segunda pergunta, posso resolvê-la hoje afirmativamente, e nisso a senhorita Godu se encontra nas mesmas condições que todos os médicos, enfermeiros ou operadores que sabem levantar o moral de seus doentes, e inspirar-lhes uma confiança salutar.

Quanto à terceira pergunta, não hesito mais em resolvê-la afirmativamente. Adquiri a convicção de que a medicação da senhorita Godu constitui todo um sistema muito metódico. Esse sistema é simples em sua teoria, mas na prática varia ao infinito, e é na aplicação que ele reclama toda a atenção e toda habilidade possíveis. O homem da arte, o mais prático, tem dificuldade em compreender, de início, esse mecanismo e essa série de modificações incessantes em razão do progresso ou do declínio da doença; ele é ofuscado e não compreende senão pouca coisa; mas, com o tempo, facilmente se dá conta dessa medicação e de seus efeitos.

Seria muito longo vos enumerar com detalhes, e *corrente calamo*, todo um sistema médico novo para nós, se bem que, sem dúvida, muito antigo com relação à idade dos homens sobre

nosso planeta. Eis as bases sobre as quais repousa esse sistema, que sai raramente da medicina revulsiva.

A senhorita Godu, na maioria dos casos, aplica um tópico extrativo composto de uma ou duas matérias que se encontram por toda parte, na cabana como no palácio. Esse tópico tem um efeito de tal modo enérgico que se obtêm efeitos incomparavelmente superiores a todos os nossos revulsivos conhecidos, sem disso excetuar o cautério atual e as cauterizações. Algumas vezes se limita à aplicação de vesicatórios, quando um efeito enérgico não é indispensável. A habilidade consiste em proporcionar o remédio ao mal, em manter uma supuração constante e variada, e eis o que se obtêm com um unguento de tal modo simples que não se pode classificá-lo entre os medicamentos. Pode-se assimilá-lo ao cerato simples e mesmo aos cataplasmos, e entretanto esse unguento produz efeitos firmes e não se pode mais variados: aqui são os sais calcários que se obtêm sobre o emplastro; nos hidróticos, é a água; nas pessoas com humores, é uma supuração abundante, ora clara e, freqüentemente, espessa; enfim, os efeitos de seu unguento variam ao infinito por uma causa que não pude ainda apreender, e que, de resto, deve entrar no estudo da primeira pergunta posta. Eis para o exterior; mais tarde, dir-vos-ei uma palavra da medicação interna, que me explico facilmente. Não é necessário acreditar que o mal desapareça como com a mão; é necessário, como sempre, tempo e perseverança para curar radicalmente as doenças rebeldes.

Aceitai, etc. MORHÉRY.

Um grão de loucura

Revista Espírita, junho de 1860

O *Journal de la Haut-Saône* narrou recentemente o fato seguinte:

"Viram-se reis destronados enterrarem-se sob os destroços de seus palácios; viram-se jogadores infelizes abdicarem da vida depois de perderem sua fortuna; mas um proprietário que se suicida para não sobreviver à expropriação de um campo, foi o que, talvez, nunca se viu, antes do fato que citamos. Um proprietário de Saint-Loup fora advertido de que um de seus campos seria expropriado, dia 14 de maio, pela Companhia dos caminhos de ferro do Estado. Essa informação afetou-o vivamente; ele não podia suportar a idéia de se separar de seu campo, e deu sinais de alienação mental. Em 2 de maio, saiu de sua habitação, às três horas da manhã, e se afogou no rio de Combeauté". É difícil, com efeito, suicidar-se por uma causa mais fútil, e um ato tão desarrazoado não pode se explicar senão pelo desarranjo do cérebro; mas o que produziu esse desarranjo? Certamente, não foi a crença nos Espíritos. Foi o fato da expropriação do campo? Mas, então, por que todos aqueles a quem se expropria não se tornam loucos? Dir-se-á que nem todos têm o cérebro tão fraco. Então, admitis, pois, uma predisposição natural à loucura, e não poderia ser de outro modo, do momento em que a mesma causa não produz sempre o mesmo efeito. Dissemo-lo muitas vezes em resposta àqueles que acusam o Espiritismo de provocar a loucura; que digam se, antes que não fosse a questão dos Espíritos, não havia loucos, e se não há loucos senão entre aqueles que crêem nos Espíritos. Só uma causa física ou uma violenta comoção moral podem produzir uma loucura instantânea; fora disso, examinando-se os antecedentes, encontrar-se-ão sempre sintomas, que uma causa fortuita deve desenvolver; a loucura toma, então, o caráter da preocupação principal; o louco fala do que o preocupa, mas a causa não é essa preocupação, de alguma sorte, isso não é senão um modo de manifestação. Assim, estando dada uma predisposição à loucura, aquele que se preocupa com a religião terá uma loucura religiosa; o amor produzirá a loucura amorosa; a ambição, a loucura das honras e das riquezas, etc. No fato narrado acima, seria absurdo ali ver outra coisa que um simples efeito que qualquer outra causa poderia provocar, porque a disposição ali estava. Vamos ainda mais longe, agora; dizemos claramente que se esse proprietário, tão impressionável com respeito ao seu campo, fosse profundamente imbuído dos princípios do Espiritismo, não se tornaria louco e não se afogaria, duas infelicidades que seriam evitadas, assim como temos numerosos exemplos. A razão disso é evidente. A loucura tem por causa primeira uma fraqueza moral relativa, que torna o indivíduo incapaz de suportar o choque de certas impressões, no número das quais figuram, em três quartos ou menos, o desgosto, o desespero, o desapontamento e todas das tribulações da vida. Dar ao homem a força necessária para ver essas coisas com indiferença, é, pois, atenuar nele a causa mais freqüente da loucura e do suicídio; ora, essa força, haurirá na Doutrina Espírita bem compreendida. Em presença da grandeza do futuro que se desenrola aos seus olhos, e do qual dá a prova patente, as tribulações da vida se tornam tão efêmeras, que deslizam sobre a alma como a água sobre o mármore, sem aí deixar traços. O verdadeiro Espírita não se apega à matéria senão ao razoável, ao que é necessário às necessidades da vida; mas se uma corda lhe falta, tira-lhe partido, porque sabe que não está aqui, senão em passando, e que uma sorte bem melhor o espera; também não se afeta mais por encontrar uma pedra acidentalmente em seu caminho. Se o nosso homem fosse imbuído dessas idéias, em que se tornaria seu campo aos seus olhos? A contrariedade que ele experimentou foi insignificante ou nula e uma infelicidade imaginária não pode causar uma infelicidade real. Em resumo, um dos efeitos, e podemos dizer um dos benefícios do Espiritismo, é dar à alma a força que lhe falta em muitas

circunstâncias, e é nisso que pode diminuir as causas da loucura e do suicídio. Como se vê, os mais simples fatos podem ser uma fonte de ensinamentos para quem quer refletir. É em mostrando as aplicações do Espiritismo aos casos mais vulgares, que se fará compreender-lhe toda a sublimidade. Não está aí a verdadeira filosofia?

Tradição muçulmana

Revista Espírita, junho de 1860

Extraímos a passagem seguinte da notável e sábia obra que o Sr. Géraldy Saintine publicou sob o título: *Três anos na Judéia*.

"Quando o sultão de Babel Bakhtunnassar (Nabucodonosor) foi enviado por Deus para punir os filhos de Israel, que tinham abandonado a doutrina da unidade, despojou o templo de todos os objetos preciosos que ali estavam reunidos; e, reservando para si mesmo o trono de Salomão, com seus suportes, os dois leões de ouro puro animados por uma arte mágica, que lhe defendia a entrada, distribuiu o resto da presa aos diferentes reis de sua corte. O rei de Roum recebeu a roupa de Adam e a vara de Moisés; o rei de Antakie teve, de sua parte, o trono de Belkis, e o pavão maravilhoso cuja cauda, toda em pedrarias, formava nesse trono um rico espaldar; o rei de Andaluzia pegou a mesa de ouro do Profeta. Um cofre de pedra, que continha o Tourat (Bíblia), estava no meio de todas essas riquezas, e ninguém lhe dava atenção, se bem que fosse, de todos os tesouros, o mais precioso. Foi deixado, pois, abandonado ao capricho dos saqueadores, que percorriam a cidade e o templo, fazendo mão baixa sobre tudo o que encontravam, e o depósito da palavra divina desapareceu nessa imensa desordem.

"Quarenta anos mais tarde, a cólera de Deus estando apaziguada, resolveu restabelecer os filhos de Israel em sua herança e suscitou o profeta Euzer (Esdras), -sobre quem estava a salvação! - Predestinado pela vontade divina a uma missão gloriosa, passou toda a sua juventude na prece e na meditação, negligenciando as ciências humanas para se absorver na contemplação do Ser infinito, e vivendo separado do mundo no fundo de uma das grutas que cercam a cidade santa. Essa gruta, ainda hoje chama-se *el Azérie* (1-Nome árabe da gruta conhecida sob o nome de Túmulo de Lázaro). Obediente à ordem de Deus, saiu de seu retiro e veio para o meio dos filhos de Israel, indicar-lhes como deveriam reconstruir o templo e colocar em honra os antigos ritos.

"Mas o povo não acreditou na missão do profeta; declarou que não se submeteria à lei; que cessaria mesmo os trabalhos de construção do templo e iria habitar outros países, se não se lhe representasse o livro onde nosso senhor Moisés - sobre quem estava a salvação! - consignara todas as prescrições religiosas, a eles ditadas no Monte Sinai. Esse livro desaparecera, e todas as pesquisas para reencontrá-lo foram infrutíferas.

"Euzer, portanto, nesse grande embaraço, fez a Deus ferventes preces, para tirá-lo da dificuldade e impedir o povo de persistir no caminho da perdição. Estava sentado sob uma árvore, contemplando com tristeza as ruínas do templo, ao redor do qual se agitava a multidão indócil. De repente, uma voz do alto ordenou-lhe escrever, e, se bem que nunca pegara um *galam* (pena ou caniço), obedeceu imediatamente. Depois da prece do meio-dia até o dia seguinte, à mesma hora, sem alimentar-se, sem levantar-se do lugar bendito onde estava sentado, continuou a escrever tudo o que lhe ditava a voz celeste, não hesitando um só instante, não se detendo mesmo pelas trevas da noite, porque uma luz sobrenatural clareava seu espírito e um anjo guiava a sua mão.

"Todos os filhos de Israel estavam assombrados e contemplavam em silêncio essa manifestação de onipotência divina. Mas quando o profeta terminou sua cópia miraculosa, os

imãs, invejosos do favor particular do qual vinha de ser objeto, pretenderam que o novo livro fosse uma invenção diabólica que não se assemelhava, de modo algum, ao antigo.

"Euzer dirigiu-se de novo à bondade infinita, e, cedendo a uma inspiração súbita, dirigiu-se, seguido por todo o povo, para a fonte de Siloam. Chegado diante da fonte, elevou as mãos ao céu, fez uma longa e ardente prece, e toda a multidão se prosternou com ele. De repente, apareceu na superfície da água uma pedra quadrada que flutuava como sustentada por mão invisível; nessa pedra os imãs reconheceram, trementes, o cofre sagrado há muito tempo perdido; Euzer tomou-o com respeito; o cofre se abriu por si mesmo; o Tourat de Moisés, dele saiu como se estivesse animado de uma vida própria, e a nova cópia, escapando do seio do profeta, vai ela mesma colocar-se na caixa sagrada.

"A dúvida não era mais permitida; todavia, o santo homem exige que os imãs confrontem os dois exemplares. Estes, apesar de sua confusão, obedecem à sua vontade. Testemunham em alta voz, depois de um longo exame, que nem uma palavra, nem um *kareket* (acento), não estabelecia a menos diferença entre o livro escrito por Euzer e o que Moisés traçou. Desde que renderam essa homenagem à verdade, Deus, para punir os seus primeiros erros, extinguiu seus olhos e os mergulhou nas trevas eternas.

Foi assim que os filhos de Israel foram reconduzidos à fé de seus pais. O lugar onde estava sentado o chefe que Deus lhes dera foi chamado depois *Kermechcheick* (o recinto ou a vinha do Cheik)."

Quem não reconhece, nesse relato, vários fenômenos espíritos que os médiuns reproduzem sob os nossos olhos e que nada têm de sobrenatural?

Um erro de linguagem por um Espírito

Revista Espírita, junho de 1860

Recebemos a carta seguinte, a propósito do fato de escrita direta, narrado no número da Revista Espírita do mês de maio, página 155.

Senhor,

Li, hoje somente, o vosso número de maio, e nele encontrei o relato de uma experiência de escrita direta, feita em minha presença, na casa da senhorita Huet. Dá-me prazer confirmar esse relato, anotando, todavia, uma pequena inexatidão que escapou ao narrador. Não foi *God loves you*, mas *God love you* que encontramos sobre o papel; quer dizer que o verbo *love*, pela ausência da letra *s*, não se encontrava na terceira pessoa do indicativo presente; não se poderia, pois, traduzir por Deus vos *ama*, a menos que subentenda *que* e dele fazer uma fórmula de imperativo ou de subjuntivo. A observação sobre isso foi feita numa sessão subsequente ao Espírito de Channing (se tanto for que seja bem o Espírito de Channing, porque me conheceis, e vos peço permissão para conservar as minhas dúvidas sobre a identidade absoluta dos Espíritos), e o Espírito de Channing, digo eu, não se explicou bem categoricamente a respeito desse *s* omitido por desejo ou inadvertência; censurou-nos mesmo um pouco, se tenho boa memória, por darmos importância a uma letra a mais ou a menos numa experiência tão notável.

A despeito dessa censura amistosa feita pelo Espírito de Channing, acreditei dever vos comunicar minha observação sobre a maneira pela qual a palavra *love* foi realmente escrita. Ó honorável Sr. E. de B..., que ficou possuidor do papel, pôde mostrá-lo ou mostrá-lo-á a muitas pessoas, e entre essas pessoas poderá encontrar-se as que tenham conhecimento do vosso último número; ora, importa (e estou persuadido de que é o vosso conselho como o meu), que a maior fidelidade se encontre nos relatos de fatos tão estranhos e tão maravilhosos que obtemos.

Aceitai, etc. MATHIEU.

Havíamos perfeitamente notado a falta assinalada pelo Sr. Mathieu, e tomamos sobre nós corrigi-la, sabendo, por experiência, que os Espíritos ligam pouca importância a essas espécies de pecadilhos, dos quais os mais esclarecidos não se fazem nenhum escrúpulo; também não estamos de nenhum modo admirados da observação de Channing em presença, como ele o disse, de um fato de outro modo capital. A exatidão na reprodução dos fatos, sem dúvida, é uma coisa essencial; mas a importância desses fatos é relativa, e confessamos que deveríamos sempre, para o francês, seguir a ortografia dos Invisíveis, os senhores gramáticos teriam sorte por tratá-los de cozinheiros, então mesmo que o médium passou por conhecedor nessas matérias. Temos um, ou uma, na Sociedade, que está provida de todos os seus diplomas, e cujos conhecimentos, embora escritos pausadamente, têm numerosas manchas desse gênero. Os Espíritos sempre nos disseram: "Agarrai-vos ao fundo e não à forma; para nós o pensamento é tudo, a forma nada; corrigi, pois, a forma, se julgais a propósito; deixamos a vós esse cuidado." "Se, pois, a forma está defeituosa, não a

conservamos senão quando dela pode sair um ensinamento; ora, tal não era o caso, em nossa opinião, no fato acima, porque o sentido era evidente.

Ditados Espontâneos e Dissertações Espíritas

Revista Espírita, junho de 1860

Obtidos ou lidos nas sessões da Sociedade.

A Vaidade.

(Pela senhora Lese..., médium.)

Quero falar-te da vaidade que se mistura a todas as ações humanas: ela deslustra os mais doces pensamentos; invade o coração, a cabeça. Planta má, abafa em seu germe a bondade; todas as qualidades são aniquiladas pelo seu veneno. Para lutar contra ela, é necessário empregar a prece; só ela dá a humildade e a força. Esquecei-vos, sem cessar, de Deus, homens ingratos! Ele não é para vós senão o socorro implorado na angústia, e nunca o amigo que se convida ao banquete da alegria. Ele vos deu, para iluminar o dia, o Sol, irradiação de sua glória, e para clarear a noite, as estrelas, flores de ouro. Por toda parte, ao lado dos elementos necessários à Humanidade, colocou o luxo necessário à beleza de sua obra. Deus vos tratou como o fária um hospedeiro generoso que multiplica, para receber seus convidados, o luxo de sua casa e a abundância de seu festim. Que fazeis, vós que não tendes senão o vosso coração para oferecer-lhe? Longe de adorná-lo de alegrias e de virtudes, longe de oferecer-lhe as primícias de vossas esperanças, não o desejais, não o convidais a penetrar em vós, senão quando o luto e as ásperas decepções vos fatigaram muito e vos enrugaram. Ingratos! Que esperais para amar a vosso Deus? A infelicidade e o abandono. Oferecei-lhe, pois, antes o vosso coração livre de dores; oferecei-lhe, como homens de pé, e não como escravos ajoelhados, vosso amor purificado de temor, e ele se lembrará, na hora do perigo, de vós, que não o esquecestes na hora da felicidade.

Georges. (*Espírito familiar.*)

A miséria humana.

A miséria humana não está na incerteza dos acontecimentos que ora elevam, ora precipitam. Ela age inteiramente no coração ávido e insaciável que aspira sem cessar a receber, que se lamenta da segura de outrem, e não se previne nunca de sua aridez. Essa infelicidade de aspirar ao mais alto que si mesmo, essa infelicidade de não estar satisfeito pelas mais caras alegrias, essa infelicidade, digo eu, constitui a miséria humana. Que importa o cérebro, que importam as mais brilhantes faculdades, se estão sempre assombradas pelo desejo áspero e insaciado dessa alguma coisa que lhes escapa sem cessar; a sombra flutua junto ao corpo, a felicidade flutua junto da alma, imperceptível para ela.

Não deveis, entretanto, nem vos lamentar, nem maldizer a vossa sorte; porque essa sombra, essa felicidade, fugidia e móvel como a onda, dá, para o ardor e a angústia que deposita no coração, a prova da divindade aprisionada na Humanidade. Amai, pois, a dor e a poesia

vivificante, que fazem vibrar os vossos Espíritos pela lembrança da pátria eterna. O coração humano é um cálice cheio de lágrimas; mas vem a aurora e ela absorverá a água de vossos corações; será, para vós, a vida que maravilhará os vossos olhos cegos pela obscuridade da prisão carnal. Coragem! Cada dia é uma libertação; caminhai na via dolorosa; caminhai, seguindo com os olhos a estrela da misteriosa esperança.

Georges (*Espírito familiar.*)

A tristeza e o desgosto.

(Pela senhora Lese..., médium.)

É um erro ceder com freqüência à tristeza. Nisso não vos enganeis, o desgosto é o sentimento firme e honesto que o homem sente, atingido em seu coração ou em seus interesses; mas a frouxa tristeza não é senão a manifestação física do sangue diminuído ou precipitado em seu curso. A tristeza cobre, com seu nome, muitos egoísmos, muitas covardias. Debilita o espírito que a ela se abandona. Ao contrário, o desgosto é o pão dos fortes; esse áspero alimento nutre as faculdades do espírito e reduz a parte animal. Não procureis o martírio do corpo, mas sede ávidos pelo martírio da alma. Os homens compreendem que devem movimentar suas pernas e seus braços para manterem a vida do corpo, e não compreendem que devem sofrer para exercerem as faculdades morais. A felicidade, ou somente a alegria, são habitantes tão passageiros da Humanidade, que não podeis, sem serdes por elas esmagados, carregar sua presença, por leve que seja. Postes feitos para sofrer e para sonhar, sem cessar, com a felicidade, porque sois pássaros sem asas, pregados ao solo, que olhais o céu e invejais o espaço.

Georges. (*Espírito familiar.*)

Nota. Estas duas comunicações encerram, incontestavelmente, belos pensamentos e imagens de uma grande elevação; mas nos parecem escritas sob o império de idéias um pouco sombrias e um pouco misantrópicas; crê-se ver a expressão de um coração ulcerado. O Espírito que as ditou morreu há poucos anos; quando vivo, era amigo da médium, da qual, depois de sua morte, se constituiu o gênio familiar. Era um artista pintor de talento, cuja vida era calma e bastante descuidada; mas quem sabe o que fora em sua precedente existência? Quem quer que o seja, todas as suas comunicações atestam nele muito de profundidade e de sabedoria. Poder-se-ia crer que são o reflexo do caráter da médium; a senhora Lese..., sem contradita, é uma mulher muito séria e acima do vulgo, sob muitos aspectos, e, sem nenhuma dúvida, à parte sua faculdade mediúnica, é o que a concilia a simpatia dos bons Espíritos, mas a comunicação seguinte, obtida na Sociedade, prova que ela pode recebê-las de um caráter muito variado.

A Fantasia.

(Médium, senhora Lese,...)

Queres que eu fale da fantasia; ela foi minha rainha, minha senhora, minha escrava; eu a servi ou dominei-a; mas, sempre submetido às suas adoráveis flutuações, nunca lhe fui infiel. Ainda é ela quem me impele a falar de outra coisa: da facilidade que tem o coração para carregar dois amores, facilidade desprezada e muito censurada. Creio que é absurda essa

censura de bons burgueses que não amam senão os seus vícios regulares, mais aborrecidos ainda que suas virtudes; não admitem senão o que seu cérebro raspado e adornado de arbustos, como um jardim de cura. Tens medo do que te digo; esteja tranqüila; Musset teve seu domínio cruel; não se pode pedir gentilezas a cãesinhos adestrados; é necessário suportar e compreender seus caprichos, verdadeiros sob sua aparência frívola, tristes sob sua alegria, risonha em suas lágrimas.

ALFRED DE MUSSET.

Nota. Uma pessoa que não ouvira esta comunicação senão na primeira leitura, disse, numa sessão íntima, que lhe parecia um pouco insignificante. O Espírito de Sócrates, que tomava parte na conversa, respondendo a essa observação, escreveu espontaneamente: "Não, tu te enganas; relei-a; há coisa boa; ela é muito inteligente, e isso tem seu lado bom. Disse-se que nela se reconhecia o homem; com efeito, é mais fácil provar a identidade de um Espírito de vosso tempo que do meu, e, para certas pessoas, é útil que, de tempos em tempos, tenhais dessa espécie de comunicações."

Um outro dia, estabelecida a conversa a propósito dos médiuns, sobre o caráter de Alfred de Musset, um dos assistentes acusou-o de ter sido muito material em sua vida, este escreveu espontaneamente a notável comunicação seguinte, por um dos seus *médiuns preferidos*.

Influência do médium sobre o Espírito.

(Médium, senhora Schmidt.)

Só os Espíritos superiores podem se comunicar indistintamente com todos os médiuns, e ter, por toda parte, a mesma linguagem; mas eu não sou um Espírito superior, eis porque, às vezes, sou um pouco material! Entretanto, sou mais avançado do que o credes.

Quando nos comunicamos com um médium, a emanção de sua natureza reflete, mais ou menos, sobre nós; por exemplo, se o médium é dessas naturezas onde o coração domina, desses seres elevados, capazes de sofrer por seus irmãos; enfim, dessas almas devotadas, grandes, que a infelicidade tornou fortes, e que permaneceram puras no meio da tormenta, então o reflexo faz bem, nesse sentido que nos corrigimos espontaneamente, quando a nossa linguagem disso se ressentir; mas, no caso contrário, se nos comunicamos por um médium de natureza menos elevada, servimo-nos, pura e simplesmente, de sua faculdade como de um instrumento; é então que nos tornamos o que chamamos um pouco materiais; dizemos coisas espirituais, se quiserdes, mas deixamos o coração de lado.

Pergunta. Os médiuns instruídos, e de um espírito cultivado, são mais aptos a receberem comunicações elevadas que aqueles que não têm instrução? - *Resposta.* Não; eu o repito: só a essência da alma se reflete sobre os Espíritos, mas só os Espíritos superiores lhe são invulneráveis.

ALFRED DE MUSSET.

Bibliografia

Revista Espírita, junho de 1860

Falamos, num artigo acima, de uma nova publicação periódica sobre o Espiritismo, que se faz em Londres sob o título de *the Spiritual Magazine*; a Itália não fica atrás no movimento que traz as idéias do mundo invisível. Recebemos os prospectos de um jornal que apareceu em Gênova sob o título de LAMORE DEL VERO, *periódico de scienze, litteratura, belle arti, magnetismo animale, omeopatia, elettro-telegrafia, Spiritismo, ec. Sotto la direzione dei signor D. PIETRO GATTI e B. E. MAINERI*. Esse jornal aparece três vezes por mês em caderno de 18 páginas.

O senhor doutor Gatti, diretor do Instituto de Homeopatia de Gênova, é um adepto esclarecido do Espiritismo, e não duvidamos que as questões relativas à ciência não sejam tratadas por ele com o talento e a sagacidade que o caracterizam.

A HISTÓRIA DE JOANA D'ARC, ditada por ela mesma à senhorita Ermance Dufaux, e da qual anunciamos a reimpressão, vem de aparecer em Ledoyen. Demos conta dessa obra notável no número da *Revista Espírita* de janeiro de 1858. Desde essa época, a nossa opinião não variou sobre a sua importância, não só do ponto de vista histórico, mas como um dos fatos mais curiosos de manifestação espírita. Essa reimpressão era vivamente reclamada, e não duvidamos que obtenha um sucesso tanto maior, porque os partidários da ciência nova são hoje muito mais numerosos do que eram quando da primeira publicação.

ALLAN KARDEC

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Terceiro Ano – 1860

Julho

- [Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas](#)
- [A Frenologia e a Fisiognomonia](#)
- [Os Fantasmas](#)
- [Lembrança de uma existência anterior](#)
- [Dos animais: dissertações pelo Espírito de Charlet.](#)
 - [Exame crítico das dissertações de Charlet sobre os animais](#)
- [Bibliografia](#)

Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas

Revista Espírita, julho de 1860

Sexta-feira, 1º de junho de 1860. (Sessão particular).

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão do dia 25 de maio.

Com o parecer do comitê, e depois de relatório verbal, a Sociedade admitiu, no número de associados livres:

A senhora E..., de Viena (Áustria).

Assuntos administrativos. O comitê propôs, à Sociedade, a adoção das duas proposições seguintes:

1º A Sociedade, considerando que, nos termos do art. 16, de seu regulamento, no fim do mês de abril, pode dar a conhecer a intenção de certos membros de se retirarem;

Que se as nomeações da secretaria e do comitê forem feitas antes dessa época, elas poderiam pesar sobre os membros que não continuassem a fazer parte dela;

Que não seria racional que aqueles que estivessem com essa intenção, participassem das nomeações:

Resolve o que se segue:

"As nomeações da secretaria e do comitê far-se-ão na primeira sessão do mês de maio. Os membros em exercício continuarão as suas funções até essa época."

2ª A Sociedade, considerando que uma ausência muito prolongada, e não prevista, dos membros da secretaria e do comitê pode entrar a marcha dos trabalhos;

Resolve o que se segue:

"Os membros da secretaria e do comitê ausentes durante três meses consecutivos, sem darem aviso, serão considerados como tendo renunciado às suas funções, e será provida a sua substituição."

Comunicações diversas. 1ª Leitura de um ditado obtido pela senhora L..., sobre a *honestidade relativa*, e assinado por *Georges*, Espírito familiar.

2ª Outra da senhora Schmidt, sobre a *Influência do médium sobre o Espírito*, assinada por

Alfred de Musset.

3ª Narração de um fato, concernente a duas pessoas, das quais uma é uma jovem pobre, cujas relações atuais são uma consequência das que existiam, entre elas, em sua precedente existência. Circunstâncias, em aparência fortuitas, colocaram-nas em relação, e ambas sentiram, uma pela outra, uma simpatia que se revelou por uma coincidência singular de potência mediúnica. Um Espírito superior, sendo interrogado sobre certos fatos, disse que a jovem, tendo sido a filha da outra na sua precedente existência, e tendo-a abandonado, fora colocada em seu caminho, em sua existência atual, a fim de fornecer-lhe ocasião para reparar os seus erros com ela protegendo-a, o que esta última está bem decidida a fazer, embora a sua própria posição seja bastante precária, uma vez que não vive senão de seu trabalho.

Este fato, que empresta um maior interesse dos detalhes, vem em apoio do que, freqüentemente foi dito sobre certas simpatias cuja causa remonta a existências precedentes.

Esse princípio dá, sem contradita, uma razão de ser maior ao sentimento fraternal que faz uma lei da caridade e da benevolência, porque aperta e multiplica os laços que devem unir a Humanidade.

Estudos. 1º Evocação da *grande Françoise*, uma das principais convulsionárias de Saint-Médard, e cuja primeira evocação foi publicada (ver número de maio de 1860). Esse Espírito foi chamado de novo, a seu pedido, com o objetivo de retificar o opinião que emitiu sobre o diácono Paris. Acusa-se de ter caluniado e desnaturado as suas intenções, e pensa que a retratação, que faz espontaneamente, poupá-la-á da punição em que incorrera por esse fato.

São Luís completa esta comunicação pelo ensinamento sobre os Espíritos culpados.

2ª Exame analítico e crítico das comunicações de Chartet e os animais. O Espírito desenvolve, completa e retifica certas assertivas que pareceram obscuras ou errôneas. Este exame continuará na próxima sessão. (Publicado adiante).

3ª Dois ditados espontâneos foram obtidos, o primeiro pela senhorita Huet sobre a continuação das *Memoires d'un Spirit*; a segunda pela senhora Lese..., e assinada *Georges*, seu Espírito familiar, sobre o exame crítico que a Sociedade se propõe fazer das comunicações espíritas. O Espírito aprova muito esse gênero de estudo, e considera-o um meio de prevenir as falsas comunicações.

Sexta-feira, 8 de junho de 1860. (Sessão geral).

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão de 1ª de junho.

A senhora viúva G..., antigo membro titular, não constando da lista determinada em 30 de abril, na execução do novo regulamento da Sociedade, escreveu para explicar os motivos de sua ausência, e pedir para ser reintegrada como *associada livre*. Com o parecer do comitê, a Sociedade admite a senhora G..., nesta condição.

Comunicações diversas. 1ª Leitura de um ditado espontâneo, obtido pela senhora Lese..., e assinado *Delphine de Geraldin*, sobre as *primeiras impressões de um Espírito*. Ela apresenta um quadro poético e muito verdadeiro das sensações que o Espírito experimenta em

deixando a Terra.

2ª Outra, do mesmo médium, assinada *Alfred de Musset*, intitulada *Aspirações de um Espírito*.

3ª O senhor M..., de Metz, dá conta de um fato interessante que lhe é pessoal, sobre a influência, que um médium pode exercer sobre uma outra pessoa para nela desenvolver a faculdade medianímica. Foi por esse meio que a faculdade foi desenvolvida no senhor M...; mas o que houve de particular, nesta circunstância, foi a constatação da ação à distância. Estando o médium em Châlons, e o senhor M... em Metz, acertaram uma hora para fazerem a prova, e o senhor M... pôde constatar os momentos *precisos* em que o médium o influenciava ou cessava de agir; bem mais, ele escrevia as impressões morais que o médium sentia, e as quais ele não poderia supor, e, de seu lado, o médium escrevia as mesmas palavras que o senhor M... traçava.

Além disso, produziu-se, nesse mesmo médium, um fato muito curioso de escrita direta espontânea, quer dizer, sem provocação e sem nenhuma intenção de sua parte, porque nisso não pensava de nenhum modo. Várias palavras, que não poderiam ter outra origem, quando se conhecem as circunstâncias, foram achadas escritas inopinadamente, em vista de uma intenção bem manifesta, e apropriada à situação. Tendo o médium tentado provocar uma nova manifestação semelhante, não conseguiu.

Estudos. 1ª Perguntas diversas dirigidas a São Luís. 1ª sobre o estado dos Espíritos; 2ª sobre o que se deve entender pela esfera ou planeta de flores, da qual alguns Espíritos falam; 3ª sobre as faculdades intelectuais latentes; 4ª sobre os sinais de reconhecimento para se constatar a identidade dos Espíritos.

2ª Evocação de Antoine T..., desaparecido há um certo número de anos sem deixar indícios sobre a sua sorte. Tendo sido reconhecida inexata uma primeira evocação, ele explica-lhe as causas, e dá novos detalhes sobre a sua pessoa. A experiência fará reconhecer se são mais verídicas que as primeiras.

3ª Evocação do astrólogo Vogt, de Munique, que se suicidou em 4 de maio de 1860. Seu Espírito, pouco desligado, ainda está sob o império das idéias que o preocuparam durante a sua vida.

4ª Dois ditados espontâneos foram obtidos simultaneamente, o primeiro pelo senhor Didier filho, sobre a *Fatalidade*, assinado *Lammennais*; o segundo pela senhora Lese..., assinado *Delphinede Girardin*, sobre as *Dissimulações humanas*.

Sexta-feira, 15 de junho de 1860. (Sessão particular).

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão do dia 8 de maio. Com a recomendação do comitê, a Sociedade recebeu como sócios livres:

O senhor conde N..., de Moscou. O senhor P..., proprietário em Paris.

Comunicações diversas. 1ª Leitura de uma carta que constata que, em certas localidades, o clero se ocupa seriamente com o estudo do Espiritismo, e que membros mais esclarecidos desse corpo dele falam como de uma coisa chamada a exercer uma grande influência sobre as relações sociais.

2ª Leitura de uma evocação particular, feita na casa do senhor Allan Kardec, do senhor J... filho. de Saint-Etienne. Essa evocação, embora feita num interesse privado, apresenta ensinamentos úteis pela elevação dos pensamentos do Espírito chamado, e foi ouvida com um vivo interesse.

3ª Observação apresentada pelo senhor Allan Kardec, a respeito de uma predição que lhe foi submetida por um médium de seu conhecimento. Segundo essa predição, certos acontecimentos devem se cumprir numa data fixada, e, como constatação, o Espírito dissera ao médium fazê-la assinar por diversas pessoas, entre outras o senhor Allan Kardec, a fim de poderem certificar, quando do acontecimento, quanto à época em que foi feita. Eu me recusei, disse o senhor Allan Kardec, pelas considerações seguintes: "Já se está muito levado a ver, no Espiritismo, um meio de adivinhação, o que é contrário ao seu objetivo; quando acontecimentos futuros são anunciados e se realizam, é um fato excepcional e curioso, sem dúvida, mas que seria perigoso considerar como sendo uma regra; por isso, não quis que meu nome servisse para acreditar uma crença que falsearia o Espiritismo em seu princípio e na sua aplicação."

Estudos. 1ª Evocação de Thilorier, o físico, que morreu crendo ter descoberto o meio de substituir o vapor pelo ácido carbônico condensado, como força motriz. Ele reconheceu que essa descoberta não estava senão em sua imaginação. (Publicada adiante.)

28 Continuação do exame das comunicações de Charlei sobre os animais. (Será publicada.)

3ª Evocação de um Espírito batedor que se manifesta ao filho do senhor N..., membro da Sociedade, por efeitos físicos de uma certa originalidade; ele diz ter sido tambor-mor papal na música militar, e chamar-se *Eugène*, Espírito familiar; sua linguagem não desmente a qualidade que se dá.

6ª Ditado espontâneo obtido pela senhora Lese..., sobre *o desenvolvimento das faculdades intelectuais*, a propósito da evocação de Thilorier. e assinada *Georges*, Espírito familiar. É de notar-se que esse Espírito, freqüentemente, apropria as suas comunicações às circunstâncias presentes, o que prova que ele assiste às conversas mesmo sem ser chamado. Esse fato igualmente se produziu em muitas ocasiões da parte de outros Espíritos.

Outra, pelo senhor Didier filho, assinada *Vauvenargues*, e contendo alguns pensamentos destacados.

Sexta-feira, 22 de junho de 1860. (Sessão geral.)

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão de 15 de junho.

Comunicações diversas. 1ª Leitura de um ditado espontâneo, obtido pela senhora Lese..., sobre *o Sonhos* assinado *Alfred de Musset*.

2ª Narração de um fato de mediunidade natural espontânea, como médium escrevente, reportado pela senhora Lub..., membro da Sociedade. O sujeito é uma jovem do campo, com idade de quinze anos, e que, sem ter nenhum conhecimento do Espiritismo, escreve quase diariamente, e algumas vezes páginas inteiras, de modo inteiramente mecânico. Uma intuição lhe diz que deve ser um Espírito quem lhe fala, porque, quando se sente solicitada a

escrever, toma um lápis dizendo: *Vejamos o que ele vai dizer-me hoje*. Suas comunicações, freqüentemente, reportam-se aos acontecimentos da vida privada, seja para ela, seja para as pessoas de seu conhecimento, e são, quase sempre, de uma justeza extrema pelas coisas mesmo que ela ignora completamente. É provável que, se essa faculdade fosse cultivada e bem dirigida, desenvolver-se-ia de modo notável e útil.

Estudos. 1º Perguntas sobre os animais em transição, podendo preencher a lacuna que existe na escala dos seres vivos entre o animal e o homem. Este estudo será continuado.

2ª Perguntas sobre os inventores e as descobertas prematuras, a propósito da evocação de Thilorier.

3ª Manifestações físicas produzidas pelo filho do senhor N..., criança de treze anos, da qual se falou na última sessão. O Espírito batedor que se ligou a ele, fá-lo simular, com as mãos e os dedos, e isso com uma incrível volubilidade, todas as espécies de evoluções militares, tais como carga de cavalaria, manobras de artilharia, ataques de fortes, etc., pegando todos os objetos ao seu alcance para figurar as armas. Ele exprime os diversos sentimentos que o agita, seja a cólera, a impaciência ou a zombaria, por pancadas violentas e gestos de pantomima muito significativos. O que se nota, por outro lado, é a impassividade e a negligência da criança enquanto suas mãos e seus braços se entregam a essa espécie de ginástica; fica evidente que todos esses movimentos são independentes de sua vontade. Durante o resto da sessão, e mesmo quando cessou a experiência, o Espírito aproveitou as ocasiões para manifestar, à sua maneira, o seu contentamento ou o seu mau humor a respeito do que se diz; em uma palavra, vê-se que se apodera dos membros da criança, e serve-se deles como dos seus. Esse gênero de manifestação oferece um curioso objeto de estudo pela sua originalidade, e pode fazer compreender a maneira pela qual os Espíritos agem sobre certos indivíduos.

São Luís, interrogado sobre as conseqüências que essas manifestações podem ter para a criança, deu, a este respeito, conselhos cheios de sabedoria, e aconselhou não provocá-las. Por outro lado, convida a Sociedade a não entrar no caminho dessas espécies de experiências, que teriam por resultado afastar os Espíritos sérios, e a continuar ocupando-se, como o fez até aqui, em aprofundar as questões importantes.

A Frenologia e a Fisiognomonia

Revista Espírita, julho de 1860

A frenologia é a ciência que trata das funções atribuídas a cada parte do cérebro. O doutor Gall, fundador desta ciência, pensou que, uma vez que o cérebro é o ponto onde chegam todas as sensações, e de onde partem todas as manifestações das faculdades intelectuais e morais, cada uma das faculdades primitivas deve ter aí seu órgão especial. Seu sistema consiste, pois, na localização das faculdades. O desenvolvimento de cada parte cerebral, compelindo ao desenvolvimento do envoltório ósseo, e aí produzindo protuberâncias, disso concluiu que, do exame dessas protuberâncias, poder-se-ia deduzir a predominância de tal ou tal faculdade, e daí o caráter ou as aptidões do indivíduo; daí, também, o nome de *cranioscopia* dado a esta ciência, com a diferença de que a frenologia tem por objeto tudo o que concerne às atribuições do cérebro, ao passo que a *cranioscopia* se limita às induções tiradas da inspeção do crânio; em uma palavra, Gall fez, a respeito do crânio e do cérebro, o que Laváter fez para os traços da fisionomia.

Não temos a discutir aqui o mérito dessa ciência, nem examinar se ela é verdadeira ou exagerada em todas as suas conseqüências; ela é, porém, alternativamente defendida e criticada por homens de um alto valor científico; se certos detalhes são ainda hipotéticos, ela não repousa menos sobre um princípio incontestável, o das funções gerais do cérebro, e sobre as relações existentes entre o desenvolvimento e a atrofia desse órgão e as manifestações intelectuais. O que é de nossa alçada, é o estudo de suas conseqüências psicológicas.

Das relações que existem entre o desenvolvimento do cérebro e a manifestação de certas faculdades, alguns sábios concluíram que os órgãos cerebrais são a própria fonte das faculdades, doutrina que não é outra senão a do materialismo, porque tende à negação do princípio inteligente estranho à matéria; faz do homem, por conseqüência, uma máquina sem livre arbítrio e sem responsabilidade de seus atos, uma vez que poderia sempre atirar as suas faltas sobre a sua organização, e que haveria injustiça em punir faltas que não dependeu dele cometer. Pode-se abalar com as conseqüências de semelhante teoria, e ter-se-ia razão; seria necessário, por isso, proscrever a frenologia? Não, mas examinar o que ela poderia ter de verdadeiro ou de falso nessa maneira de encarar a coisa; ora, esse exame prova que as atribuições do cérebro em geral, e mesmo a localização das faculdades, podem perfeitamente se conciliar com o *Espiritualismo*, o mais severo, que nela encontra mesmo a explicação de certos fatos. Admitamos por um instante, a título de hipótese querendo-se, a existência de um órgão especial para o instinto musical; suponhamos, por outro lado, como nos ensina a Doutrina *Espírita*, que um Espírito, cuja existência é bem anterior ao seu corpo, e chega com a faculdade musical muito desenvolvida, essa faculdade se exercerá naturalmente, sobre o órgão correspondente, e impelirá para o seu desenvolvimento como o exercício de um membro aumenta o volume dos músculos. Na infância, o sistema ósseo oferecendo pouca resistência, o crânio sofre a influência do movimento expansivo da massa cerebral; assim, o desenvolvimento do crânio é produzido pelo desenvolvimento do cérebro, como o desenvolvimento do cérebro é produzido pela faculdade; a faculdade é a causa primeira; o estado do cérebro é um efeito consecutivo; sem a faculdade, o órgão não existiria, ou não seria senão rudimentar. Encarada sob este ponto, a frenologia não tem, como se vê, nada de contrário à moral, porque deixa ao homem toda a sua responsabilidade, e nós acrescentamos que essa teoria, ao mesmo tempo, está conforme a lógica e a observação dos fatos.

Objetam com os casos bem conhecidos em que a influência do organismo sobre a manifestação das faculdades é incontestável, como os da loucura e da idiotia, mas a questão é fácil de resolver. Vêem-se, todos os dias, homens inteligentes tomarem-se loucos; o que isso prova? Um homem muito forte pode quebrar a perna, e então ele não pode mais andar; ora, a vontade de andar não está na perna, mas em seu cérebro; somente essa vontade está paralisada pela impossibilidade que tem de movimentar a perna. No louco, o órgão que servia às manifestações do pensamento estando desequilibrado, por uma causa física qualquer, o pensamento não pode mais se manifestar de um modo regular; ele erra a torto e a direito fazendo o que chamamos de extravagâncias; mas a sua integridade não é menor, e a prova aí está, é que se o órgão pode ser restabelecido, o pensamento retorna, como o movimento da perna que está melhorada. O pensamento não existe, pois, mais no cérebro que na caixa óssea do crânio; o cérebro é o instrumento do pensamento como o olho é o instrumento da visão, e o crânio é a superfície sólida que se molda sobre os movimentos do instrumento; se o instrumento está deteriorado, a manifestação não mais ocorre, absolutamente como, quando se perdeu um olho, não se pode mais ver.

Mas ocorre, algumas vezes, que a parada da livre manifestação do pensamento não é devida a uma causa accidental, como na loucura; a constituição primitiva dos órgãos pode oferecer, ao Espírito, desde o nascimento, um obstáculo do qual toda a sua atividade não pode triunfar; é o que ocorre quando os órgãos estão atrofiados, ou apresentam uma resistência insuperável; tal é o caso do idiota. (Espírito está como aprisionado, e sofre desse constrangimento, mas não pensa menos como Espírito, tanto quanto o prisioneiro sob os ferrolhos. O estudo das manifestações do Espírito de pessoas vivas, pela evocação, lança uma grande luz sobre os fenômenos psicológicos; isolando-se o Espírito da matéria, prova-se, pelos fatos, que os órgãos não são a causa das faculdades, mas simples instrumentos com a ajuda dos quais as faculdades se manifestam, com mais ou menos de liberdade e de precisão; que, freqüentemente, são como os abafadores que amortecem as manifestações, o que explica a maior liberdade do Espírito, uma vez desligado da matéria.

Na idéia materialista, o que é um idiota? Nada; apenas um ser humano; segundo a Doutrina Espírita, é um ser dotado de razão como todo o mundo, mas enfermo de nascença pelo cérebro, como outros o são por outros membros. Esta doutrina, em reabilitando-o, não é mais moral, mais humana, que aquela que dele faz um ser de refugio? Não é mais consolador, para um pai, que tem a infelicidade de ver uma tal criança, pensar que esse envoltório imperfeito encerra uma alma pensante?

Àqueles que, sem serem materialistas, não admitem a pluralidade das existências, perguntamos o que é a alma do idiota? Se a alma é formada ao mesmo tempo que o corpo, por que Deus cria seres assim desfavorecidos? Qual será a sua sorte futura? Admiti, ao contrário, uma sucessão de existências, e tudo se explica segundo a justiça, o idiotismo pode ser uma punição ou uma prova, e, em todos os casos, não é senão um incidente na vida do Espírito; isso não é maior, mais digno da justiça de Deus, que supor que Deus criou um ser abortado para a eternidade?

Lancemos, agora, um golpe de vista sobre a *fisiognomonia*. Esta ciência está fundada sobre o princípio incontestável de que é o pensamento que põe em jogo os órgãos, que imprime aos músculos certos movimentos; de onde se segue que, estudando-se as relações dos movimentos aparentes com o pensamento, desses movimentos que se vêem pode-se deduzir o pensamento que não se vê; assim é que não se enganará quanto à intenção daquele que faz um gesto ameaçador ou amigável; que se reconhecerá pelo modo de andar o homem apressado daquele que não o é. De todos os músculos, os mais móveis são os da face; freqüentemente, ali se refletem, até as nuances, os mais delicados pensamentos; por isso se

disse, com razão, que o rosto é o espelho da alma. Pela freqüência de certas sensações, os músculos contraem o hábito dos movimentos correspondentes, e acabam por formar-lhe a ruga; a forma exterior se modifica, assim, pelas impressões da alma, de onde se segue que, dessa forma, algumas vezes, pode-se deduzir essas impressões, como do gesto se pode deduzir o pensamento. Tal é o princípio geral da arte ou, querendo-se, da ciência fisiognomônica; esse princípio é verdadeiro; não só porque se apóia sobre uma base racional, mas está confirmado pela observação, e Laváter tem a glória, senão de tê-lo descoberto, ao menos de tê-lo desenvolvido e formulado em corpo de doutrina. Infelizmente, Laváter caiu num defeito comum à maioria dos autores de sistemas, e ó que, de um princípio verdadeiro em certos aspectos, concluem numa aplicação universal, e, no seu entusiasmo por descobrir uma verdade, vêem-na por toda a parte: aí está o exagero e, freqüentemente, o ridículo. Não temos que examinar aqui o sistema de Laváter em seus detalhes; diremos somente que tanto é conseqüente remontar do físico ao moral por certos sinais exteriores, quanto ó ilógico atribuir um sentido qualquer às formas ou sinais sobre os quais o pensamento não pode ter nenhuma ação. É a falsa aplicação de um princípio verdadeiro que o tem, freqüentemente, relegado à classe de crenças supersticiosas, e que faz confundir, na mesma reprovação, aqueles que vêem justo e que aqueles que exageram.

Diremos, entretanto, para ser justo, que a falta, freqüentemente, está menos no mestre que nos discípulos, que, em sua admiração fanática e irrefletida, algumas vezes, estendem as conseqüências de um princípio além dos limites do possível.

Se examinarmos agora essa ciência nas suas relações com o Espiritismo, teremos a combater várias induções errôneas que dela se poderiam tirar. Entre as relações fisiognomônicas, uma há, sobretudo, sobre a qual a imaginação freqüentemente se exerce, que é a semelhança de certas pessoas com certos animais; tentemos, pois, procurar-lhe a causa.

A semelhança física resulta, entre parentes, da consangüinidade que transmite, de um a outro, as partículas orgânicas semelhantes, porque o corpo procede do corpo; mas não poderia vir ao pensamento de ninguém supor que aquele que se assemelha a um gato, por exemplo, tem sangue de gato nas veias; ela tem, pois, uma outra fonte. Primeiro, ela pode ser fortuita e sem significação alguma, e é o caso mais comum. Entretanto, além da semelhança física, nota-se, algumas vezes, analogia de inclinações; isso poderia se explicar pela mesma causa que modifica os traços da fisionomia; se um Espírito, ainda atrasado, conserva alguns traços dos instintos do animal, seu caráter, como homem, carregará os seus traços, e as paixões que o agitam poderão dar, a esses traços, alguma coisa que lembre vagamente as do animal, do qual tem os instintos; mas esses traços se apagam à medida que o Espírito se depura e que o homem avança no caminho da perfeição.

Seria, pois, aqui, o Espírito que imprimiria a sua marca na fisionomia; mas da semelhança de instintos seria absurdo concluir que o homem que tem os do gato possa ser a encarnação do Espírito de um gato. O Espiritismo, longe de ensinar uma semelhante teoria, dela sempre demonstrou o ridículo e a impossibilidade. Nota-se, é verdade, uma gradação contínua na série animal; mas entre o animal e o homem há solução de continuidade; ora, admitindo-se mesmo, o que não é senão um sistema, que o Espírito tenha passado por todos os graus da escala animal, antes de chegar ao homem, haveria sempre, de um ao outro, uma interrupção que não existiria se o Espírito do animal pudesse se encarnar diretamente no corpo do homem. Se assim fora, entre os Espíritos errantes haveria Espíritos de animais, como há Espíritos humanos, o que não tem lugar.

Sem entrar no exame aprofundado dessa questão, que discutiremos mais tarde, dizemos, segundo os Espíritos, que estão nisso de acordo com a observação dos fatos, que nenhum

homem é a encarnação do Espírito de um animal. Os instintos animais do homem prendem-se à imperfeição de seu próprio Espírito ainda não depurado, e que, sob a influência da matéria, dá a preponderância às necessidades físicas sobre as necessidades morais e o senso moral, não ainda suficientemente desenvolvido. Sendo as mesmas as necessidades físicas no homem e no animal, disso resulta, necessariamente, que, até naquilo que o senso moral haja estabelecido um contrapeso, pode aí haver, entre eles, uma certa analogia de instintos; mas aí se detém a paridade; o senso moral, que não existe num, que germina primeiro e cresce sem cessar no outro, estabelece entre eles a verdadeira linha de demarcação.

Uma outra indução, não menos errada, é tirada do princípio da pluralidade das existências. De sua semelhança com certos personagens, há os que concluem poderem ter sido esses personagens; ora, pelo que precede, é fácil demonstrar-lhes que aí não está senão uma idéia quimérica.. Como dissemos, as relações consangüíneas podem produzir uma semelhança de formas, mas não está aqui o caso, e Esopo pôde, mais tarde, ser um homem muito bonito, e Sócrates um forte e belo jovem; assim, quando não há filiação corpórea, não se pode ver senão uma semelhança fortuita, porque não há nenhuma necessidade, para o Espírito, de habitar corpos semelhantes, e em se tomando um novo corpo não lhe traz nenhuma parcela do antigo. Entretanto, segundo o que dissemos acima, do caráter que as paixões podem imprimir aos traços, poder-se-ia pensar que, se um Espírito não progrediu sensivelmente, ele retorna com as mesmas inclinações, e poderá ter sobre o seu rosto idêntica expressão; isso é exato, mas seria no máximo um ar de família, e daí a uma semelhança real há muita distância. Esse caso, de resto, deve ser excepcional, porque é raro que o Espírito não venha, numa outra existência, com as disposições sensivelmente modificadas. Assim, dos sinais fisionômicos não se pode tirar nenhum indício de existências precedentes; não se pode encontrá-los senão no caráter moral, nas idéias instintivas e intuitivas, nos pendores inatos, naqueles que não são o fato da educação, assim como na natureza das expiações que se sofre; e ainda isso não poderia indicar senão o gênero de existência, o caráter que se deveria ter, tendo-se em conta o progresso e não a individualidade. (Ver *O Livro dos Espíritos*, números 216 e 217).

Os Fantasmas

Revista Espírita, julho de 1860

A Academia assim define esta palavra: "Diz-se dos Espíritos que se supõe retornarem do outro mundo." Ela não diz *que retomam*; não há senão os Espíritos que possam ser bastante loucos para ousar afirmar semelhantes coisas. Qualquer que ela seja, pode-se dizer que a crença nos fantasmas é universal; ela está evidentemente fundada sobre a intuição da existência dos Espíritos, e a possibilidade de comunicar-se com eles; a esse título, todo Espírito que manifesta a sua presença, seja pela escrita de um médium, seja simplesmente batendo sobre uma mesa, seria um fantasma; reserva-se, porém, geralmente, esse nome, quase sepulcral, para aqueles que se tornam visíveis e que se o *supõe*, como disse com razão a Academia, virem em circunstâncias mais dramáticas. São contos de velhas? O fato em si mesmo, não; os acessórios? sim. Sabe-se que os Espíritos podem se manifestar à visão, mesmo sob uma forma tangível, eis o que é real; mas o que é fantástico são os acessórios, do qual o medo, que tudo exagera, acompanha ordinariamente esse fenômeno muito simples em si mesmo, que se explica por uma lei toda natural, e não tem, por conseguinte, nada de maravilhoso, nem de diabólico. Por que, pois, se tem medo dos fantasmas? Precisamente por causa desses mesmos acessórios que a imaginação se compraz em tornar assustadores, porque ela se assustou e que ela acreditou ver o que não viu. Em geral, são representados sob um aspecto lúgubre, vindo de preferência à noite, e sobretudo nas noites mais sombrias, em horas fatais, em lugares sinistros, cobertos de lençóis ou bizarramente vestidos. O Espiritismo nos ensina, ao contrário, que os Espíritos podem se mostrarem todos os lugares, a toda hora, de dia tão bem quanto à noite; que o fazem, em geral, sob a aparência que tinham quando vivos, e que só a imaginação cria fantasmas; que aqueles que o fazem, longe de ser temíveis, são, o mais freqüentemente, parentes ou amigos que vêm a nós por afeição, ou Espíritos infelizes que podem ser assistidos; algumas vezes, são farsantes do mundo Espírita que se divertem às nossas custas e se riem do medo que causam; concebe-se que, com estes, o melhor meio é rir deles e provar-lhes que não se tem medo; de resto, limitam-se, quase sempre, a fazerem barulho e raramente se tornam visíveis. Infeliz daquele que toma a coisa a sério, porque então redobram as suas travessuras; tanto valeria exorcizar um moleque de Paris. Mas supondo-se mesmo que seja um mau Espírito, que mal poderia ele fazer, e não se teria cem vezes mais a temer de um bandido vivo que de um bandido morto e tornado Espírito! Aliás, sabemos que estamos constantemente cercados de Espíritos, que não diferem daqueles que se chamam fantasmas senão porque não são vistos.

Os adversários do Espiritismo não faltarão de acusá-lo acreditar numa crença supersticiosa; mas o fato das manifestações visíveis, estando averiguado, explicado pela teoria, e confirmado por numerosos testemunhos, não se pode fazer que ele não seja, e todas as negações não impedirão de se produzirem, porque há poucas pessoas que, consultando as suas lembranças, não se lembrem de algum fato dessa natureza que não podem revogar em dúvida. Vale, pois, bem mais que se esteja esclarecido sobre o que há de verdadeiro ou de falso, de possível ou de impossível nos relatos nesse gênero; é em se explicando uma coisa, raciocinando-a, que se premune contra um medo pueril. Conhecemos bom número de pessoas que tinham um grande medo dos fantasmas; hoje que, graças ao Espiritismo, elas sabem o que eles são, seu grande desejo seria vê-los. Conhecemos outros que tiveram visões com as quais muito se amedrontaram; agora que compreendem, com isso não são de nenhum modo tocados. Conhecem-se os perigos do mal do medo para os cérebros fracos; ora, um dos resultados do conhecimento do Espiritismo esclarecido é precisamente o de curar esse mal, e aí não está um dos seus menores benefícios.

Lembrança de uma existência anterior

Revista Espírita, julho de 1860

(Sociedade, 25 de maio de 1860.)

Um dos nossos assinantes nos comunicou uma carta de um de seus amigos, da qual extraímos a passagem seguinte:

"Pedistes a minha opinião, ou antes a minha crença na presença, ou não, junto a nós, das almas daqueles que amamos. Pedistes, também, algumas explicações quanto à minha convicção de que as nossas almas mudam bastante rapidamente de envoltório.

"Dir-vos-ei, por ridículo que isso possa parecer, que a minha convicção sincera é ter sido assassinado durante os massacres de São Bartolomeu. Eu era bem criança quando essa recordação veio ferir a minha imaginação. Mais tarde, quando li essa triste página da nossa história, pareceu-me que muitos desses detalhes me eram conhecidos, e creio ainda que se a velha Paris pudesse ser reconstruída, eu reconheceria essa sombria alameda onde, fugindo, senti o frio de três golpes de punhal pelas costas. Há detalhes dessa cena sanguinolenta que estão na minha memória, e que nunca desapareceram. Por que eu tinha essa convicção antes de saber o que era a São Bartolomeu? Por que, lendo o relato do massacre, eu disse a mim: foi o meu sonho, aquele desagradável sonho que tive em criança, e cuja lembrança ficou-me tão vivaz? Por que, quando quis consultar a minha lembrança, forçar o meu pensamento, fiquei como o pobre louco ao qual surgiu uma idéia, e que parece lutar para encontrar de novo a sua razão? Por que? Disso não sei nada. Achar-me-eis ridículo, sem dúvida, mas com isso não guardarei menos a minha lembrança, a minha convicção.

"Se vos dissesse que tinha sete anos quando um sonho me veio, e ele era tal: Eu tinha vinte anos, era jovem, bem posto, penso que era rico. Vim bater em duelo, e fui morto. Se vos dissesse que essa salvação que se faz nas armas antes de bater-se, eu a fiz a primeira vez que tive um florete na mão. Se vos dissesse que cada preliminar, mais ou menos graciosa, que a educação ou a civilização colocaram na arte de se matar, era-me conhecida antes da minha educação nas armas, dir-me-eis, sem dúvida, que sou louco ou maníaco; talvez muito, mas parece-me às vezes que um clarão fura esse nevoeiro, e tenho a convicção de que a lembrança do passado se restabelece na minha alma.

Se me perguntardes se creio na simpatia das almas, no seu poder de se colocar em contato elas mesmas, apesar da distância, apesar da morte, eu vos responderei: Sim, este sim será pronunciado com toda a força da minha convicção. Ocorreu-me encontrar-me a vinte e cinco léguas de Lima, depois de oitenta dias de viagem, e despertar todo em pranto com uma verdadeira dor do coração; uma tristeza mortal se apoderou de mim, todo o dia. Consignei este fato em meu diário. Em hora semelhante, na mesma noite, meu irmão foi atingido por um ataque de apoplexia que comprometeu gravemente a sua vida. Confrontei o dia, o instante, tudo estava exato. Eis um fato; as pessoas existem, dir-me-eis que sou louco.

"Eu não li nenhum autor tratando de semelhante assunto; fá-lo-ei em meu retorno; talvez

essa leitura derramará um pouco de luz em mim."

O senhor V..., o autor desta carta, é oficial da marinha e atualmente em viagem. Poderia ser interessante ver se, evocando-o, confirmaria as suas lembranças, mas haveria a impossibilidade de preveni-lo quanto à nossa intenção, e por outro lado, em razão de seu estado, poderia ser difícil encontrar um momento propício. Todavia, nos foi dito para chamar o seu anjo guardião quando quiséssemos evocá-lo, e que ele nos diria se poderíamos fazê-lo.

1. Evocação do anjo guardião do senhor V... - R. Atendo ao vosso chamado.
2. Conheceis o motivo que nos faz desejar evocar o vosso protegido; trata-se, não de satisfazer uma vã curiosidade, mas de constatar, se isso for possível, um fato interessante para a ciência espírita, o da lembrança de sua precedente existência. - R. Compreendo o vosso desejo, mas no momento seu Espírito não está livre, está ocupado ativamente pelo seu corpo e numa inquietação moral que o impede de estar em repouso.
3. Está ainda no mar? - R. Está em terra; mas eu poderia responder a algumas de vossas perguntas, uma vez que aquela alma sempre esteve confiada à minha guarda.
4. Uma vez que sois bastante bom para responder-nos, perguntaremos se a lembrança que ele acreditou ter conservado de sua morte numa precedente existência é uma ilusão? - R. É uma intuição muito real; essa pessoa estava bem na Terra nessa época.
5. Por qual razão essa lembrança é mais precisa para ele que para outras pessoas? Há nisso uma causa fisiológica ou uma utilidade particular para ele? - R. Essas lembranças vivazes são muito raras; ela se prende um pouco ao gênero de morte que a impressionou, de tal modo que está, por assim dizer, encarnado em sua alma. Entretanto, muitas outras pessoas tiveram mortes também terríveis, e a lembrança não lhes permaneceu; Deus não permite isso senão raramente.
6. Desde essa morte, quando da São Bartolomeu, ele teve outras existências? - R. Não.
7. Que idade tinha quando foi morto? - R. Uns trinta anos.
8. Pode-se saber o que ele era? - R. Estava ligado à casa de Coligny.
9. Se pudéssemos evocá-lo, a ele mesmo, teríamos perguntado se se lembra o nome da rua onde foi assassinado, a fim de ver-se, colocando-se sobre os lugares, quando viera a Paris, a lembrança da cena seria ainda mais precisa? - R. Foi na encruzilhada Bucy.
10. A casa onde foi morto ainda existe? - R. Não; ela foi reconstruída.
11. No mesmo objetivo, teríamos perguntado se se lembra do tome que tinha? - R. Seu nome não é conhecido na história, porque era simples soldado. Chamava-se Gaston Vincent.
12. Seu amigo, aqui presente, desejaria saber se ele recebeu a sua carta? - R. Não, ainda.
13. Éreis seu anjo guardião nessa época? - R. Sim, então e agora.

Nota. Oscéticos, mais maus brincalhões do que sérios, poderiam dizer que o seu anjo guardião guardou-o mal, e perguntar por que não desviou a mão que o atingiu. Embora uma semelhante pergunta mereça apenas uma resposta, algumas palavras a este respeito talvez não sejam inúteis.

Diremos primeiro que, u ma vez que está na natureza do homem morrer, não está no poder de nenhum anjo guardião o opor-se ao curso das leis da Natureza, de outro modo não haveria razão para que não impedissem a morte natural tão bem quanto a morte acidental; em segundo lugar, estando no destino de cada um o instante e o gênero da morte, é necessário que esse destino se cumpra. Diremos enfim, que os Espíritos não encaram a morte como nós; a verdadeira vida é a vida do Espírito, das quais as diversas existências corpóreas não são senão episódios; o corpo é um envoltório que o Espírito reveste momentaneamente, e que deixa como o faz com uma roupa quando está usada ou *dilacerada*; pouco importa, pois, que se morra um pouco mais cedo ou um pouco mais tarde, de um modo ou de outro, uma vez que, em definitivo, é necessário sempre ali chegar, e que essa morte, longe de causar um prejuízo ao Espírito, pode ser-lhe mais útil segundo a maneira pela qual se cumpra; é o prisioneiro que deixa a sua prisão temporária para gozar da liberdade eterna. Pode ser, pois, que o fim trágico de Gaston Vincent tenha sido uma coisa útil para ele como Espírito, o que seu anjo guardião compreende melhor do que nós, porque um não vê senão o presente, ao passo que o outro vê o futuro. Os Espíritos arrebatados deste mundo por uma morte prematura, na flor da idade, freqüentemente nos responderam que era um favor de Deus, que assim os preservara dos males aos quais, sem isto, estariam expostos.

Dos animais

Revista Espírita, julho de 1860

(Dissertações espontâneas feitas pelo espírito de Chartet, em várias sessões da Sociedade

Há uma coisa entre vós que sempre excita a vossa atenção e a vossa curiosidade; esse mistério, uma vez que o é bem grande para vós, é a ligação, ou antes, a distância que existe entre a vossa alma e a dos animais, mistério que, apesar de toda a sua ciência, Buffon, o mais poético dos naturalistas, e Cuvier, o mais profundo, nunca puderam penetrar, não mais que o bisturi não vos detalha a anatomia do coração. Ora, sabeis, os animais vivem e tudo o que vive pensa. Não se pode, pois, viver sem pensar.

Estabelecido isto, resta demonstrar-vos que quanto mais o homem avança, não segundo o tempo, mas segundo a perfeição, tanto mais penetrará a ciência espiritual, aquela que se aplica não somente a vós, mas ainda aos outros seres que estão abaixo de vós: os animais. Oh! Exclamarão alguns homens persuadidos de que a palavra *homem* signifique todo o aperfeiçoamento, mas há um paralelo possível entre o homem e o animal? Podeis chamar inteligência o que não é senão instinto? Sentimento que não é senão sensação? Podeis, em uma palavra, rebaixar a imagem de Deus? Responderemos: Foi-se um tempo em que a metade do gênero humano era considerada como uma classe dos animais, onde o bicho não era considerado como nada; um tempo, que agora é o vosso, onde a metade do gênero humano é considerada como inferior e o animal como besta. Pois bem! Do ponto de vista do mundo, assim o era, é verdade; do ponto de vista espiritual, o é de outro modo. O que diriam os Espíritos superiores do homem terrestre, dizem os homens dos animais.

Tudo é finto na Natureza: o material como o espiritual; ocupemo-nos, pois, um pouco dessas pobres bestas, espiritualmente falando, e vereis que o animal vive verdadeiramente, uma vez que pensa.

Isto serve de prefácio a um pequeno curso que vos darei a este respeito. De resto, quando vivo, disse que a melhor parte do homem, é o cão.

Continua no próximo número.

CHARLET.



O mundo é uma escala imensa, cuja elevação é infinita, mas cuja base repousa num horrível caos; quero dizer que o mundo não é senão um progresso constante de seres; estais bem baixo, sempre; mas os há bem abaixo de vós; porque, entendi-o bem, não falo somente de vosso planeta, mas ainda de todos os mundos de todo o Universo. Mas tendes medo, limitar-nos-emos à Terra.

Entretanto, antes disso falar, duas palavras sobre um mundo chamado Júpiter, e do qual ai o engenhoso e imortal Palissy vos deu alguns resumos estranhos e sobrenaturais para a vossa

imaginação. Lembrai-vos de que, num desses encantadores desenhos, ele vos representou alguns animais de Júpiter; não há progresso evidente e podereis não lhes conceder um grau de superioridade sobre os animais terrestres? E ainda não vedes ali senão um progresso de forma e não de inteligência, embora, entretanto, o jogo com o qual se ocupam não possa ser executado por animais terrestres. Não vos cito esse exemplo senão para vos indicar já a sua superioridade de seres que estão bem abaixo de vós. Que seria se vos enumerasse todos os mundos que conheço, quer dizer, cinco ou seis? Mas nada senão sobre essa Terra, vedes a diferença que existe entre eles. Pois bem! Se a forma é tão variada, tão progressiva, uma vez mesmo que há progresso na matéria, podeis não admitir o progresso espiritual nesses seres? Ora, sabei-o, se a matéria progride, mesmo a mais baixa, com mais forte razão o Espírito que a anima.

Na próxima vez continuarei.

CHARLET.

Nota. - Publicamos, com o número do mês de agosto de 1858, uma prancha desenhada e gravada pelo Espírito de Bemard Palissy, representando a casa de Mozart em Júpiter, com uma descrição desse planeta, que sempre foi designado como um dos mundos mais avançados do nosso turbilhão solar, moral e fisicamente. O mesmo Espírito deu um grande número de desenhos sobre o mesmo assunto, há um entre outros que representa uma cena de animais jogando, na parte que lhes é reservada na habitação de Zoroastro; sem contradita, é um dos mais curiosos da coleção. Entre os animais que aí estão figurados, os há cuja forma se aproxima muito da forma humana terrestre e que se prende, ao mesmo tempo ao macaco e ao sátiro; sua ação denota inteligência e compreende-se que a sua estrutura possa prestar-se aos trabalhos manuais, que executam por conta dos homens; são, disse ele, servidores e operários, os homens não se ocupam senão dos trabalhos de inteligência. Foi a esse desenho, feito há mais de três anos, que Charlet aludiu na comunicação acima.



Nos mundos avançados, os animais são de tal modo superiores que para eles, a mais rigorosa ordem se faz com a palavra, e entre vós, muito freqüentemente, com o bastão. Em Júpiter, por exemplo, uma palavra basta, e entre vós muitos golpes de chicote não bastam. Entretanto, há um progresso sensível sobre a vossa Terra e que não se explicou nunca, é que mesmo o animal se aperfeiçoa. Assim, outrora, o animal era muito mais rebelde ao homem. Há também progresso de vossa parte por compreender instintivamente esse aperfeiçoamento dos animais, uma vez que proibis de bater neles. Eu disse que há um progresso moral para o animal; há também progresso de condição. Assim, um infeliz cavalo batido, ferido por um charreteiro mais bruto que ele, está comparativamente numa condição muito mais tranqüila, mais feliz que a de seu carrasco. Não é toda justiça e deve-se admirar que um animal que sofre, que chora, "que é reconhecido ou vingativo segundo a doçura ou a crueldade de seus senhores, tenha a recompensa por suportar pacientemente uma vida cheia de torturas? Deus é justo, antes de tudo, e todas as suas criaturas estão sob suas leis, e as suas leis dizem: "Todo ser fraco que sofrer, será indenizado." Eu entendo, sempre comparativamente ao homem, e ousa acrescentar, para terminar, que o animal, freqüentemente, tem mais alma, mais coração que o homem, em muitas circunstâncias.

CHARLET.

IV

A superioridade do homem se manifesta sobre o vosso globo por essa elevação de inteligência que dele faz o rei da Terra. Ao lado do homem o animal é bem fraco, bem medíocre, e pobre sujeito dessa Terra de prova, e tem freqüentemente que suportar os cruéis caprichos de seu tirano: o homem! A metempsicose antiga era uma lembrança bem confusa da reencarnação, e entretanto, essa mesma doutrina não é outra senão uma crença popular. Os grandes Espíritos admitiam a reencarnação progressiva; a massa ignorante não penetrando como eles, o Universo, dizia-se naturalmente: Uma vez que o homem se reencarna, isso não pode ser senão sobre a Terra; portanto, a sua punição, seu tártaro, sua prova, é a vida no corpo de um animal; absolutamente como na idade média os cristãos diziam: Será no grande vale que ocorrerá o julgamento, após o que os condenados irão sob a Terra queimar em suas entranhas.

Os Antigos, crentes da metempsicose, acreditavam, pois, alguns se entendiam no Espírito das bestas, uma vez que admitiam a passagem da alma humana para o corpo do animal. Pitágoras, lembrou de sua antiga existência, e reconheceu o escudo que carregava no tribunal de Tróia. Sócrates morreu predizendo a sua nova vida.

Uma vez que, como vos disse, tudo é progresso no Universo, uma vez que as leis de Deus não são e não podem ser senão leis do progresso, no ponto em que estais, no ponto do vista de vossas tendências espiritualistas, não admitir o progresso daquilo que há abaixo do homem seria um contra-senso, uma prova de ignorância e de completa indiferença.

O animal tem, igual ao homem, o que chamais consciência, que não é outra coisa senão a sensação da alma quando ela tenha feito o bem ou mal? Observai, e vede se o animal não dá prova de consciência, sempre relativamente ao homem. Credes que o cão não sabe quando ele faz o bem ou o mal? Se não o sentisse, ele não viveria. Como já vos disse, a sensação moral, a consciência, em uma palavra, existe nele como no homem, sem isso é necessário retirar ao animal o reconhecimento, o sofrimento, os lamentos, enfim, todos os caracteres de uma inteligência, caráter que todo homem sério é levado a observar em todos os animais, segundo seus graus diferentes, porque mesmo entre eles, há diversidades estranhas.

CHARLEI.

V

O homem, rei da Terra pela inteligência, é um ser superior também sob o aspecto material; suas formas são harmoniosas, e seu Espírito tem para se fazer obedecer um organismo admirável: o corpo. A cabeça do homem é alta e olha o céu, diz o Gênese; o animal olha a Terra, e, pela estrutura de seu corpo, a ela parece estar mais ligado que o homem. Além disso, a harmonia magnífica do corpo humano não existe no animal. Vede a variedade infinita que os distingue uns dos outros, variedade infinita que, entretanto, não corresponde ao seu Espírito, porque os animais, eu entendo a sua imensa maioria, têm, quase todos, o mesmo grau de inteligência. Assim, no animal, variedade na forma; no homem, ao contrário, variedade no Espírito. Encontrai dois homens que sejam semelhantes de gostos, de aptidões, de inteligência; e tomai um cão, um cavalo, um gato, em uma palavra, um milhar de animais, com dificuldade perceberéis diferença em sua inteligência. O Espírito dorme, pois, no animal; no homem, ele brilha em todos os sentidos; seu Espírito adivinha Deus e compreende a razão de ser da perfeição.

Assim, pois, no homem, harmonia simples na forma, começo do infinito, no Espírito; e vede agora a superioridade do homem que domina o animal, materialmente pela sua estrutura admirável e intelectualmente pelas suas faculdades imensas. Parece que Deus, nos animais, preferiu variar mais a forma encerrando o Espírito; no homem, ao contrário, a fazer do próprio corpo humano a manifestação material do Espírito.

Igualmente admirável nessas duas criações, a Providência é infinita no mundo material como no mundo espiritual. O homem está para o animal o que a flor e todo o reino vegetal estão para a matéria bruta.

Eu quis estabelecer, nestas poucas linhas, a posição que o animal deve ocupar na escala da perfeição; veremos como pode chegar, comparativamente ao homem.

CHARLET.

VI

Como o Espírito se eleva? Pelo abaixamento, pela humildade. O que perde o homem é razão orgulhosa que o impele a desprezar todo subalterno, e a invejar todo superior. A inveja é a expressão mais viva do orgulho; não é o prazer do orgulho, é esse desejo doentio, incessante, de poder desfrutá-lo; os invejosos são os mais orgulhosos quando se tomam poderosos. Considerai vosso senhor em tudo, Cristo, o homem por excelência, mas na mais alta fase da sublimidade; Cristo, digo eu, em lugar de vir com a audácia e a insolência para derrubar o mundo antigo, veio sobre a Terra se encarnar numa família pobre, e nascer entre os animais; porque os encontrais por toda a parte, esse pobres animais, em todos os instantes em que o homem vive simplesmente com a Natureza, em uma palavra, em pensando em Deus. Nasce entre os animais, e esses exaltam o seu poder na sua linguagem tão expressiva, tão natural e tão simples. Vede que assunto de reflexão! O Espírito ainda baixo que os anima pressente o Cristo, quer dizer, o Espírito em toda a sua essência de perfeição. Balaão, o falso profeta, o orgulho humano em toda a sua corrupção, blasfemou contra Deus, e bateu na sua criatura; súbito o Espírito ilumina o Espírito ainda bem vago do asno, e ele fala; torna-se, por um instante, o igual de um homem, e, pela sua palavra, ele é o que será em vários milhares de anos. Poder-se-ia citar muitos outros fatos, mas aquele me parece bastante evidente a propósito do que avancei sobre o orgulho do homem, que nega até a sua alma, porque não pode compreendê-la, e que vai até negar o sentimento nos seres inferiores, entre* os quais o Cristo preferiu nascer.

CHARLET.

VII

Conversei convosco, durante algum tempo, sobre o que vos prometera. Como vos disse, em começando, não falei sob o ponto de vista anatômico ou médico, mas unicamente da essência espiritual que existe nos animais. Teria ainda que vos falar sobre vários outros pontos que, em sendo diferentes, não são menos úteis para a Doutrina. Permiti-me uma última recomendação, é de refletirem um pouco sobre o que vos disse; isso não é nem demorado nem pedante, e, crede-me, não é por isso menos útil. Que um dia, quando o bom Pastor dividir as suas ovelhas, eu possa vos contar entre os pobres e excelentes diabos que

terão melhor seguido os seus preceitos. Perdoai-me esta imagem um pouco viva. Ainda uma vez, vos é necessário refletir sobre o que vos disse; de resto, eu continuarei a vos falar enquanto o desejardes. Teria a vos dizer outra coisa, na próxima vez, para definir o meu pensamento sobre a inteligência dos animais.

Todo vosso,

CHARLET.

VIII

Tudo o que posso vos dizer, amigos, neste momento, é que vejo com prazer a linha de conduta que seguis. Que a caridade, esta virtude das almas verdadeiramente francas e nobres, seja sempre o vosso guia, porque aí está o sinal da verdadeira superioridade. Perseverai neste caminho que deve, necessariamente, vos conduzir todos, apesar dos esforços dos quais não supondes a força, à verdade e à unidade.

A modéstia é também um dom bastante difícil de adquirir, não é, senhores? É uma virtude bastante rara entre os homens. Pensai que, para avançar no caminho do bem, no caminho do progresso, não tendes a opor senão a modéstia; sem Deus, sem seus divinos preceitos, que serieis? Um pouco menos que esses pobres animais dos quais já vos falei, e sobre os quais tenho a intenção de vos entreter ainda. Cingi vossos rins e preparai-vos para lutar de novo, mas não fraquejeis; pensai que não é contra Deus que lutais, como Jacó, mas bem contra o Espírito do mal, que invade tudo e vós mesmos a cada instante.

O que tenho a vos dizer seria muito longo para esta noite. Tenho a intenção de vos explicar a queda moral dos animais, depois da queda moral do homem. Para terminar, darei título ao que já vos disse sobre os animais: O primeiro homem feroz e o primeiro animal que se tornou feroz.

Desconfiai dos Espíritos maus; não supondes a sua força, eu vos disse ainda há pouco, e embora esta última frase não esteja em relação com a que precede, não é menos muito verdadeira e muito a propósito; agora, refleti.

CHARLET.

Nota. O Espírito acreditou dever interromper naquele dia o assunto principal de que trata, para fazer este ditado incidente, motivado por uma circunstância particular, de que se quis aproveitar.

Nós a damos, apesar disso, porque ela não encerra menos de úteis instruções.

IX

Quando o primeiro homem foi criado, tudo era harmonia na Natureza. A onipotência do Criador pusera, em cada ser, uma palavra de bondade, de generosidade e de amor. O homem estava radiante; os animais desejavam o seu olhar celeste, e seus carinhos eram os mesmos para ele e sua celeste companhia. A vegetação era luxuriante; o Sol dourava e

iluminava toda a Natureza, como o sol misterioso da alma, centelha de Deus, iluminava interiormente a inteligência do homem; numa palavra, todos os reinos da Natureza apresentavam essa calma infinita que parecia compreender Deus; tudo parecia ter bastante inteligência para exaltar a onipotência do Criador. O céu sem nuvens era como o coração do homem, e a água límpida e azul tinha reflexos infinitos, como a alma do homem tinha os reflexos de Deus.

Bem muito tempo depois, tudo parece mudar subitamente; a Natureza oprimida suspira fundo, e, pela primeira vez, a voz de Deus se fez ouvir; terrível dia de infelicidade em que o homem, que não tinha ouvido, até então, senão a grande voz de Deus que lhe dizia em tudo: "Tu és imortal," amedrontou-se com estas terríveis palavras: "Caim, por que mataste teu irmão?" Tudo muda togo: o sangue de Abel se derrama sobre toda a Terra; as árvores mudaram de cor; a vegetação, tão rica, tão colorida, se descora; o céu se torna negro.

Por que o animal se tornou feroz? Magnetismo todo-poderoso, invencível, que tomou então cada ser, a sede de sangue, o desejo de carnagem, brilharam em seus olhos, outrora tão doces, e o animal se tornou feroz como o homem. Uma vez que o homem fora rei da Terra, não tinha mostrado o exemplo? O animal seguiu o seu exemplo, e a morte, desde então, pairou sobre a Terra, morte que se tornou hedionda, em lugar de uma transformação doce e espiritual; o corpo do homem deveria se dispersar no ar como o corpo do Cristo se dispersou sobre a terra, nessa terra irrigada do sangue de Abel, e o homem trabalha, e o animal trabalha.

CHARLET.

Exame crítico das dissertações de Charlet sobre os animais

SOBRE O Parágrafo I

1. Dissestes: *Tudo o que vive pensa; não se pode, pois, viver sem pensar; essa proposição parece-nos um pouco absoluta, porque a planta vive e não pensa; admitis isso em princípio?* - R. Sem dúvida, não falo senão da vida animal, e não da vida vegetal; deveis bem compreendê-lo.

2. Mais adiante dissestes: *Vereis que o animal vive verdadeiramente, uma vez que pensa; não há interversão na frase? Parece-nos que a proposição seja esta: Vereis que o animal pensa verdadeiramente, uma vez que vive.* - R. Isto é evidente.

SOBRE O Parágrafo II

3. Lembrai-vos dos desenhos que foram feitos sobre os animais de Júpiter; nota-se que têm uma analogia marcante com os sátiros da fábula; essa idéia de sátiros seria uma intuição da existência desses seres em outros mundos, e, nesse caso, não seria, então, uma criação puramente fantástica? -R. Quanto mais o mundo seja novo, tanto mais se recorda; o homem tinha a intuição de uma ordem de seres intermediários, seja mais baixo que ele, seja mais elevado; é o que chamais os *deuses*.

4. Admitis, então, que as divindades mitológicas não eram outras senão o que chamamos

Espíritos? - R. Sim.

5. Foi-nos dito que, em Júpiter, pode-se compreender somente pela transmissão do pensamento; quando os habitantes desse planeta se dirigem aos animais, que são os seus servidores e seus operários, têm o recurso de uma linguagem particular? Teriam, para os animais, uma linguagem articulada e entre eles uma linguagem de pensamento? - R. Não, não há linguagem articulada, mas uma espécie de magnetismo de ferro que faz o animal curvar e fá-lo executar os menores desejos e as ordens de seus senhores; o Espírito, todo-poderoso, não pode se rebaixar.

6. Entre nós, os animais têm, evidentemente, uma linguagem, uma vez que se compreendem, mas muito limitada; os de Júpiter têm uma linguagem mais precisa, mais positiva que os nossos, em uma palavra, têm uma linguagem articulada? - R. Sim.

7. Os habitantes de Júpiter compreendem melhor que nós a linguagem dos animais? -R. Eles vêem neles e compreendem-nos perfeitamente.

8. Examinando-se a série dos seres vivos, acha-se uma corrente interrompida desde a madrépora, a planta mesmo, até o animal mais inteligente; mas entre o animal mais inteligente e o homem, há uma lacuna evidente, que deve ser preenchida em alguma parte, porque a Natureza não deixa nenhum degrau vago; de onde vem essa lacuna? - R. Essa lacuna dos seres não é senão aparente, porque ela não existe realmente; provém das raças desaparecidas. (São Luís).

9. Essa lacuna pode existir sobre a Terra, mas, seguramente não existe no conjunto do Universo e deve estar preenchendo alguma parte; não o seria ela senão para certos animais de mundos superiores que, como os de Júpiter, por exemplo, parecem se aproximar muito do homem terrestre pela forma, a linguagem e outros sinais? - R. Nas esferas superiores, o germe eclode sobre a terra e, desenvolvido, não se perde nunca. Encontrareis, em vos tornando Espíritos, todos os seres criados ou desaparecidos nos cataclismas de vosso globo. (São Luís.)

Nota. Uma vez que essas raças intermediárias existiram sobre a Terra, e dela desapareceram, isso justifica o que Charlet disse ainda há pouco, que quanto mais o mundo era novo, tanto mais se recorda. Se ela não existira senão nos mundos superiores, o homem da Terra, menos avançado, não poderia guardá-la na memória.

SOBRE O PARÁGRAFO III

10. Dissestes que tudo se aperfeiçoa, e como prova de progresso no animal, dissestes que outrora ele era mais rebelde ao homem. O animal se aperfeiçoa, isto é evidente; mas, sobre a Terra pelo menos, não se aperfeiçoa senão pelos cuidados do homem; abandonado a si mesmo ele retoma a sua natureza selvagem, mesmo o cão. - R. E o homem, pelos cuidados de que se aperfeiçoa? Não é pelos cuidados de Deus? Tudo é escala na Natureza.

11. Falais de recompensas para os animais que sofrem maus tratos, e dizeis que é de toda justiça que haja compensação para eles. Pareceria, segundo isso, que admitis no animal a consciência do seu *eu* depois da morte, com a lembrança de seu passado; isto é contrário ao que nos foi dito. Se as coisas se passam tal como dizeis, disso resultaria que, no mundo dos Espíritos, haveria animais; então não haveria razão para que não houvesse Espíritos de ostras. Quereis, pois, dizer-nos se vedes ao vosso redor Espíritos de cães, de gatos, de

cavalos ou de elefantes como vedes Espíritos humanos? - R. A alma do animal, tendes perfeitamente razão, não se conhece na morte do corpo; é um conjunto confuso de germes que podem passar no corpo de tal ou tal animal, segundo o desenvolvimento que adquiriu; ela não é individualizada. Dir-vos-ei, entretanto, que em certos animais, em muitos mesmo, há individualidade.

12. Essa teoria, de resto, não justifica de nenhum modo os maus tratos dos animais; o homem é sempre culpado por fazer sofrer um ser sensível qualquer, e a doutrina nos diz que, por isso, será punido, mas daí, a colocar o animal numa condição superior à dele há uma grande distância; que pensais disso? - R. Sim, mas estabeleceis sempre, todavia, uma escala entre os animais; pensai que há mundos entre certas raças. O homem é tanto mais culpado quanto seja mais poderoso.

13. Como explicais este fato, que mesmo no estado de selvagem o homem se faz obedecer pelo animal mais inteligente? É a Natureza que age, sobretudo, nisto; o homem selvagem é o homem da Natureza, conhece o animal familiarmente; o homem civilizado estuda, e o animal se curva diante dele; o homem é sempre o homem diante do animal, quer seja selvagem ou civilizado.

SOBRE O Parágrafo V

14. (A Charlet). Nada temos a dizer sobre este parágrafo que nos parece racional; tendes alguma coisa a acrescentar-lhe? - R. Não tenho outra coisa a acrescentar que isto: os animais têm todas as faculdades que indiquei, mas neles o progresso se realiza pela educação que recebem do homem, e não por eles mesmos, o animal, abandonado ao estado selvagem, retoma o tipo que tinha ao sair das mãos do Criador, submisso ao homem ele se aperfeiçoa, eis tudo.

15. Isto é perfeitamente verdadeiro para os indivíduos e as espécies; mas considerando-se o conjunto da escala dos seres, há uma marca ascendente evidente, que não se detém nos animais da Terra, uma vez que os de Júpiter são superiores aos nossos, física e intelectualmente. - R. Cada raça é perfeita em si mesma, e não emigra nas raças estranhas; em Júpiter são os mesmos tipos formando raças distintas, mas não são os Espíritos de animais defuntos.

16. Em que se torna, então, o princípio inteligente dos animais defuntos? - R. Retorna à massa onde cada novo animal haure a sua porção de inteligência que lhe é necessária. Ora, está aí precisamente o que distingue o homem do animal; é que nele o Espírito está individualizado e progride por si mesmo, e é também o que lhe dá a superioridade sobre todos os animais; eis porque o homem, mesmo selvagem, como fizestes notar, se faz obedecer mesmo pelos animais mais inteligentes.

SOBRE O Parágrafo VI

17. Dais a história de Balaão como um fato positivo; pensais nisso seriamente? - R. É uma pura alegoria, ou antes, uma ficção para flagelar o orgulho; fez-se falar o asno de Balaão como La Fontaine fez falar muitos outros animais.

SOBRE O Parágrafo XI

18. Nesta passagem, Charlet parece se deixar arrastar por sua imaginação, porque o quadro

que ele faz da degradação moral do animal é mais fantástico que científico. Com efeito, o animal não é feroz senão por necessidade, e foi para satisfazer essa necessidade que a Natureza lhe deu uma organização especial. Se uns querem se nutrir de carne, foi por um objetivo providencial, e porque era útil à harmonia geral que certos elementos fossem absorvidos. O animal é, pois, feroz pela sua constituição, e não se conceberia que a queda moral do homem pudesse fazer brotar dentes caninos no tigre e encurtar seus intestinos, porque então não haveria razão para que não tivesse o mesmo resultado sobre o carneiro. Dizemos antes que o homem, sobre a Terra, estando pouco avançado, aí se encontra com seres inferiores sob todos os aspectos, e cujo contato é, para ele, uma causa de inquietação, de sofrimentos, e, por consequência, uma fonte de provas que o ajudam em seu adiantamento futuro.

Que pensa Charlet destas reflexões?

R. Não posso senão aprová-las. Eu era um pintor, e não um literato ou um sábio: eis porque me deixo, de vez em quando, ao prazer, novo para mim, de escrever belas frases, mesmo às expensas da verdade; mas o que dissestes aí está muito justo e bem inspirado. No quadro que tracei, bordei sobre certas idéias concebidas para não machucar nenhuma convicção. A verdade é que as primeiras idades eram idades de ferro, bem distantes dessas pretendidas dores; a civilização, descobrindo cada dia, novos tesouros acumulados sobre a bondade de Deus, no espaço tão bem quanto na Terra, faz o homem conquistar a verdadeira terra prometida, aquela que Deus concederá à inteligência e ao trabalho, e que não entregará toda enfeitada nas mãos de homens crianças, que deveriam descobri-la pela sua própria inteligência. De resto, esse erro que cometi não podia ser nocivo aos olhos de pessoas esclarecidas, que deveriam facilmente reconhecê-lo; para os ignorantes, passariam despercebidos. Entretanto, eu errei, nisto convenho; agi levianamente, e isto vos prova em que ponto deveis controlar as comunicações que recebeis.

Nota geral.

Um ensinamento importante, do ponto de vista da ciência espírita, ressalta dessas comunicações. A primeira coisa que toca, em as lendo, é uma mistura de idéias justas, profundas, e trazendo a marca do observador, ao lado de outras evidentemente falsas, e fundadas sobre a imaginação mais que sobre a realidade. Charlet era, sem contradita, um homem acima do vulgo, mas, como Espírito, não é mais universal do que o era quando vivo, e pode se enganar porque, não sendo ainda bastante elevado, não encara as coisas senão sob o seu ponto de vista; não há, de resto, senão os Espíritos chegados ao último grau de perfeição que estão isentos de erros; os outros, por alguns dons que tenham, não sabem tudo e podem se enganar; mas, então, quando são verdadeiramente bons, fazem-no de boa fé e nisso convém francamente, ao passo que há os que o fazem conscientemente e se obstinam nas idéias mais absurdas. Por isso, é necessário guardar-se de aceitar o que vem do mundo invisível sem tê-lo submetido ao controle da lógica; os bons Espíritos o recomendam sem cessar, e não se melindram nunca com a crítica, porque de duas coisas uma, ou estão seguros do que dizem, e então não temem, ou não estão seguros e, se têm a consciência de sua insuficiência, procuram, eles mesmos, a verdade; ora, se os homens podem se instruir com os Espíritos, certos Espíritos também podem se instruir com os homens. Os outros, ao contrário, querem dominar, esperando que aceitem as suas utopias com o favor de seu título de Espíritos; então, seja presunção de sua parte, seja má intenção, não sofrem a contradição; querem ser acreditados sob palavra, porque sabem bem que eles não podem senão perder ao exame; se desagradam com a menor dúvida sobre a sua infalibilidade, e ameaçam soberbamente de vos abandonar como indignos de ouvi-los; também não gostam senão daqueles que se põem de joelhos diante deles. Não há homens assim feitos, e deve-se espantar de encontrá-los com os seus defeitos no mundo dos

Espíritos? Entre os homens, um tal caráter é sempre, aos olhos de pessoas sensatas, um indício de orgulho, de vã suficiência, de tola vaidade, e partindo da pequenez nas idéias e de um falso julgamento; o que é um sinal de inferioridade moral entre eles não poderia ser um sinal de superioridade nos Espíritos.

Charlet, como se acaba de ver, se presta de bom grado à controvérsia; escuta e admite as objeções, e responde-as com benevolência; desenvolve o que estava obscuro e reconhece lealmente o que não está exato; em uma palavra, não quer se fazer passar por mais sábio do que é, e, nisto, prova mais elevação que se obstinasse nas idéias falsas, a exemplo de certos Espíritos que se escandalizam tão-só com o anúncio de que as suas comunicações parecem suscetíveis de comentários.

O que é ainda próprio desses Espíritos orgulhosos é a espécie de fascinação que exercem sobre *seus* médiuns, com a ajuda da qual, algumas vezes, chegam a fazê-los partilhar os mesmos sentimentos. Dissemos de propósito *seus médiuns* porque eles se apoderam deles e querem ter, neles, os instrumentos que agem de olhos fechados; não se acomodariam de nenhum modo com um médium escrutador ou que visse muito claro; não é assim ainda entre os homens? Quando o encontraram, temem que se lhes escape, inspiram-lhe o afastamento de quem poderia esclarecê-lo; isolam-no de alguma sorte, a fim de que gozem de inteira liberdade, ou não o aproximam senão daqueles dos quais nada têm a temer; e, para melhor captar a sua confiança, se fazem bons apóstolos usurpando os nomes de Espíritos venerados, dos quais procuram imitar a linguagem; mas agem inutilmente, a ignorância nunca poderá arremedar o verdadeiro saber, nem uma natureza má a verdadeira virtude; sempre o orgulho surgirá sob o manto de uma fingida humildade, e é porque temem ser desmascarados que evitam a discussão e dela desviam os seus médiuns.

Não há pessoa, julgando friamente e sem prevenção, que não reconheça como má uma tal influência, porque cai sob o mais vulgar bom senso que um Espírito, verdadeiramente bom e esclarecido, não procuraria nunca exercê-la. Pode-se, pois, dizer que todo médium que lhes cede está sob o império de uma obsessão, da qual deve procurar se desembaraçar o mais cedo. O que se quer, antes de tudo, não são quando mesmo comunicações, mas comunicações boas e verdadeiras; ora, para ter boas comunicações são necessários bons Espíritos, e para ter bons Espíritos é necessário ter médiuns livres de toda má influência. A natureza dos Espíritos que assistem habitualmente um médium é, pois, uma das primeiras coisas a considerar; para conhecê-la, exatamente, há um critério infalível, e isso não está nem nos sinais materiais nem nas fórmulas de evocação ou de conjuração que são encontradas; esse critério está nos sentimentos que o Espírito inspira ao médium; pela maneira de agir deste último, pode-se julgar da natureza dos Espíritos que o dirigem e, por conseguinte, do grau de confiança que as suas comunicações merecem.

Isto não é uma opinião pessoal, um sistema, mas um princípio deduzido da mais rigorosa lógica, se se admitem estas premissas que um mau pensamento não pode ser sugerido por um bom Espírito. Tanto que não se prove que um bom Espírito pode inspirar o mal, diremos que todo ato que se afaste da benevolência, da caridade e da humildade, onde penetre o ódio, a inveja, o ciúme, o orgulho ferido ou a simples acrimônia, não pode ser inspirado senão por um mau Espírito, então mesmo que este pregasse hipocritamente as mais belas máximas, porque, se fora verdadeiramente bom, prová-lo-ia pondo seus atos em harmonia com as suas palavras. A prática do Espiritismo está cercada de tantas dificuldades, os Espíritos enganadores são tão velhacos, astuciosos, e ao mesmo tempo tão numerosos, que não se saberia cercar-se de muitas precauções para frustrá-los; importa, pois, procurar com o maior cuidado todos os indícios pelos quais podem se trair; ora, esses indícios estão, ao mesmo tempo, em sua linguagem e nos atos que solicitam.

Tendo submetido estas reflexões ao Espírito de Charlet, eis o que nos disse: "Não posso senão aprovar o que acabais de dizer, e convidar todos aqueles que se ocupam do Espiritismo para seguirem tão sábios conselhos, evidentemente ditados pelos bons Espíritos, mas que não estão de todo, podeis bem crê-lo, ao gosto dos maus, porque eles sabem muito bem que é o meio mais eficaz de combater a sua influência: também fazem tudo o que podem para desviarem aqueles que querem colocar em suas fileiras."

Charlet disse que se deixa ir ao prazer novo, para ele, de escrever belas frases, mesmo às expensas da verdade. Que teria advindo se tivéssemos publicado o seu trabalho sem comentários? Acusou-se o Espiritismo de acreditar em idéias ridículas, e nós mesmos de não sabermos distinguir o verdadeiro do falso. Muitos Espíritos estão no mesmo caso; procuram uma satisfação do amor-próprio ao darem a luz, por intermédio de médiuns, não podendo fazê-lo por si mesmos, obras literárias, científicas, filosóficas ou dogmáticas de grande fôlego; mas quando esses Espíritos não têm senão um falso saber, escrevem coisas absurdas tão bem como o fariam os homens. é sobretudo nessas obras continuadas que se pode julgá-los, porque a sua ignorância toma-os incapazes de sustentar seu papel por muito tempo, e que eles mesmos revelam a sua insuficiência ferindo, a cada passo, a lógica e a razão. Através de uma multidão de idéias falsas, às vezes, se encontram muitas boas, sobre as quais contam para fazerem passar as outras. Só esta incoerência prova a sua incapacidade; são pedreiros que sabem bem alinhar as pedras de um edifício, mas que seriam incapazes de levantar um palácio. Algumas vezes, é uma coisa curiosa de ver o dédalo inextricável de combinação e de raciocínio no qual se empenham, e do qual não podem sair senão à força de sofisma e de utopias. Vimos os que, à custa de expedientes, deixaram aí seu trabalho: mas outros não se dão por vencidos e querem impeli-lo até o objetivo, de fazer rir às custas daqueles que os tomam a sério.

Estas reflexões nos são sugeridas como princípio geral, e estar-se-ia errado não vendo nelas uma aplicação qualquer. Entre os numerosos escritos que foram publicados sobre o Espiritismo, os há, sem dúvida, os que poderiam dar lugar à crítica fundada; mas nos guardamos de colocar tudo na mesma linha; indicamos um meio de apreciá-los, cabe a cada um fazê-lo como entenda. Se ainda não empreendemos deles fazer um exame na nossa *Revista*, foi pelo temor de que não se menospreze sobre o motivo da crítica que poderíamos fazer; preferimos, pois, esperar que o Espiritismo fosse melhor conhecido e, sobretudo, melhor compreendido; então a nossa opinião, apoiando-se sobre uma base geralmente admitida, não poderia ser suspeita de parcialidade. O que esperamos se produza cada dia, porque vemos que, em muitas circunstâncias, o julgamento da opinião precede o nosso; também nos aplaudimos pela nossa reserva. Empreenderemos este exame quando cremos o momento oportuno; mas já se pode ver qual será a nossa base de apreciação: esta base é *lógica*, da qual cada um pode fazer uso por si mesmo, porque não temos a tola pretensão de possuí-la por privilégio. A lógica, com efeito, é o grande critério de toda comunicação espírita, como o é de todos os trabalhos humanos. Sabemos bem que aquele que raciocina em falso crê ser lógico; o é à sua maneira, mas não o é senão para ele, e não para os outros; quando uma lógica é rigorosa como a de dois e dois são quatro, é que as conseqüências são deduzidas de axiomas evidentes, o bom senso geral, cedo ou tarde, faz justiça a todos esses sofismas. Cremos que as proposições seguintes têm esse caráter:

1° Os bons Espíritos não podem ensinar e inspirar senão o bem; portanto, tudo o que não é rigorosamente bem não pode vir de um bom Espírito;

2° Os Espíritos esclarecidos e verdadeiramente superiores não podem ensinar coisas absurdas; portanto, toda comunicação manchada por erros manifestos, ou contrários aos dados mais vulgares da ciência e da observação, atesta, só por isso, a inferioridade de sua

origem;

3° A superioridade de um escrito qualquer está na justeza e na profundidade das idéias, e não na inchação e na redundância do estilo; portanto, toda comunicação espírita onde haja mais de palavras e de frases brilhantes que de pensamentos sólidos, não pode vir de um Espírito verdadeiramente superior;

4° A ignorância não pode contradizer o verdadeiro saber, nem o mal contrafazer o bem de maneira absoluta; portanto, todo Espírito que, sob um nome venerado, diz coisas incompatíveis com o título que se dá, está convicto de fraude;

5° É da essência de um Espírito elevado se ligar mais ao pensamento que à forma e à matéria, de onde se segue que a elevação do Espírito está em razão da elevação das idéias; portanto, todo Espírito metucioso nos detalhes da forma, que prescreve puerilidades, em uma palavra, que liga importância aos sinais e às coisas materiais, acusa, por isso mesmo, uma pequenez de idéias, e não pode ser verdadeiramente superior;

6ª Um Espírito verdadeiramente superior não pode se contradizer; portanto, se duas comunicações contraditórias são dadas, sob o mesmo nome respeitável, uma das duas é necessariamente apócrifa; se uma é verdadeira, esta não pode ser senão aquela que não desmente em *nada* a superioridade do Espírito cujo nome foi posto em frente.

A consequência a se tirar destes princípios é que fora das questões morais não é necessário acolher senão com reserva o que vem dos Espíritos, e que, em todos os casos, nunca é necessário aceitá-lo sem exame. Daí decorre a necessidade de pôr a maior circunspeção na publicação dos escritos emanados dessa fonte, quando, sobretudo pela estranheza das doutrinas que contêm, ou a incoerência das idéias, podem se prestar ao ridículo. É preciso desconfiar da tendência de certos Espíritos para as idéias sistemáticas, e do amor-próprio que colocam e propagam-nas; é, pois, sobretudo nas teorias científicas que é necessário colocar uma extrema prudência, e se guardar de dar precipitadamente como verdades sistemas freqüentemente mais sedutores que reais, e que, cedo ou tarde, podem receber um desmentido oficial. Que sejam apresentados como probabilidades, se são lógicos, e como podendo servir de base a observações ulteriores, seja; mas haveria imprudência em dá-los, prematuramente, como artigos de fé. Um provérbio diz: *Nada é mais perigoso do que um imprudente amigo*. Ora, é o caso daqueles que, no Espiritismo, se deixam levar por um zelo mais ardente que refletido.

Bibliografia

Revista Espírita, julho de 1860

Anunciamos uma continuação a *O Livro dos Espíritos* sob o título de *Espiritismo experimental*, e como devendo ser publicada em abril último. Esse trabalho atrasou por algumas circunstâncias independentes de nossa vontade e, sobretudo, pela importância maior que acreditamos dever lhe dar. Está hoje no prelo, e faremos conhecer, ulteriormente, a época na qual ele aparecerá.

nota. - A falta de espaço nos obriga a remeter para o próximo número várias comunicações importantes que nos foram transmitidas.

ALLAN KARDEC.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Terceiro Ano – 1860

Agosto

- [Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas](#)
- [Concordância Espírita e Cristã](#)
- [O Trapeiro da rua dos Noyers](#)
- Conversas familiares além-túmulo.
 - [Thilorier](#)
 - [O Suicida da rua Quincampoix](#)
- Variedades
 - [O prisioneiro de Limoges](#)
 - [Cartas de um Espírita da Argélia ao Sr. Oscar Comettant](#)
- Dissertações Espíritas
 - [Desenvolvimento das idéias \(Georges\)](#)
 - [Dissimulações humanas \(Delphine de Girardin\)](#)
 - [O saber dos Espíritos \(Channing\)](#)
 - [Origens \(Lazare\)](#)
 - [O futuro \(São Luís\)](#)
 - [A Eletricidade espiritual \(Lamennais\)](#)
- [Instruções Práticas sobre as Manifestações Espíritas](#)

Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas

Revista Espírita, agosto de 1860

DA SOCIEDADE PARISIENSE DE ESTUDOS ESPÍRITAS.

Sexta-feira, 29 de junho de 1860 (Sessão particular).

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão de 22 de junho.

Leitura de uma carta do senhor doutor de Grand-Boulogne, antigo cônsul de França, que pede para ser admitido como membro correspondente em Havana, para onde vai seguir proximamente.

A Sociedade admite, a esse título, o senhor de Grand-Boulogne, e como sua carta contém resumos muito judiciosos sobre o Espiritismo, pede a sua inserção na Revista.

Comunicações diversas. 1ª Leitura de um ditado espontâneo obtido pela senhora Gostei sobre as Origens, assinado Lazare.

2º Relação de fatos de manifestações físicas espontâneas, que ocorreram ultimamente na rua dos Noyers, e dos quais vários jornais deram conta, lembrando fatos análogos que se passaram em 1849, na rua dos Grès. Alguns acrescentaram que os fatos da rua dos Grès foram uma fraude imaginada pelo tocador para obter despedida.

O senhor de Grand-Boulogne disse, a esse respeito, que pode certificar a autenticidade desses fatos; aliás, foram reportados pelo senhor de Mirville, que tomou todas as informações necessárias para se assegurar de sua realidade.

Um membro fez notar que, em semelhantes casos, a afluência de curiosos tornando-se fatigante para os interessados, deles se desembaraçam dando a coisa à conta de malevolência. O proprietário, com medo de ver a sua casa abandonada, tem, sobretudo, um grande interesse em não acreditar neles; tal é a razão do desmentido que, frequentemente, é dado aos fatos dessa natureza.

Estudos. 1ª Discussão sobre o mérito e a eficácia das provas do homem de bem, suportadas com o fim de proporcionar alívio aos Espíritos sofredores e infelizes, a propósito de uma passagem da carta do senhor de Grand-Boulogne.

Ele fez observar, a esse respeito, que a eficácia da prece, considerada como um testemunho de simpatia e de comiseração, sendo constatada, pode-se considerar as provas que se impõem com esse objetivo, como um testemunho análogo, que deve ter os mesmos efeitos que a prece; a intenção é tudo, nesse caso, e pode-se encará-la como uma prece mais ardente ainda que aquela que não consiste senão de palavras.

2ª A senhora N... exprime dúvidas sobre a identidade do Espírito que lhe deu alguns conselhos na última sessão, e que ela não se crê aplicáveis. Ela roga pedir, por um outro médium, se o Espírito que se comunicou é mesmo o de São Luís. Acrescenta que acreditou ver, na natureza de suas reflexões, um sentimento pouco benevolente, que não está em relação com a sua mansuetude habitual, o que lhe inspirou as dúvidas.

São Luís, interrogado a esse respeito, por intermédio da senhorita H..., responde: "Sim, fui bem eu quem vim vos traçar essas linhas e vos dar um conselho. É errado que se receba mal o meu conselho; é necessário que aquele que quer avançar no caminho do bem saiba aceitar os conselhos e os avisos que se quer lhe dar, devessem mesmo machucar o seu amor-próprio. A marca de seu adiantamento consiste na maneira doce e humilde com que os recebe. Outrora, quando eu estava sobre a Terra, não dei provas da maior humildade em me submetendo, sem murmurar, às decisões da Igreja, e mesmo às penitências que impôs, por humilhantes que fossem? Sede, pois, dóceis e humildes, se não fordes orgulhosos; aceitai os conselhos; tratai de vos corrigir, e avançareis."

O senhor T... faz notar que, quando vivo, São Luís nem sempre se submeteu à Igreja, uma vez que lutou contra as suas pretensões.

São Luís responde: "Em vos dizendo que me submeti às penitências que os chefes da Igreja me impuseram, disse-vos a verdade; mas eu não disse que a minha conduta tenha sempre sido irrepreensível; fui um grande pecador diante de Deus, embora os homens, mais tarde, me tenham concedido o título glorioso de santo."

O senhor Allan Kardec ajuntou que São Luís sempre se submeteu às decisões da Igreja com referência ao dogma; ele lutou contra pretensões de uma outra natureza.

3ª Perguntas sobre o conselho de São Luís, relativo às experiências de manifestações físicas, com as quais convida a sociedade a não se ocupar.

4ª Perguntas sobre a faculdade mediúmica entre as crianças, a propósito das manifestações obtidas na última sessão pela jovem N...

5ª: Perguntas sobre o fato das manifestações da rua dos Noyers.

6ª Dois ditados espontâneos foram obtidos simultaneamente: o primeiro pela senhora Gostei, sobre a *Eletricidade do pensamento*, assinado *Delphine de Girardin*; o segundo, pela senhora Lubr..., a propósito dos conselhos dados pelos Espíritos, assinado *Paul*, Espírito familiar.

Sexta-feira, 6 de julho de 1860. (Sessão particular.)

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão de 29 de junho.

Comunicações diversas. 1º O senhor Achille R... lê uma carta de Limoges, na qual o autor fala de um médium, de seus amigos, que um Espírito faz trabalhar oito a nove horas por dia; esse Espírito deve, disse ele, dar-lhe um meio infalível de se assegurar da identidade dos Espíritos e de nunca ser enganado; mas recomenda-lhe segredo sobre esse ponto e sobre as suas comunicações em geral.

O senhor Allan Kardec fez observar, a esse respeito, que vê três motivos de suspeição no fato acima: o primeiro é a duração do trabalho imposto ao médium, o que é sempre um sinal de obsessão. Os bons Espíritos podem solicitar, sem dúvida, a um médium para escrever, mas, em geral, não são imperativos, e nada prescrevem de absoluto, nem por horas, nem para a duração do trabalho; eles detêm antes o médium, quando nele há excesso de zelo. O segundo é o pretensioso procedimento infalível para se assegurar da identidade, e o terceiro, enfim, a recomendação do segredo. Se a receita era boa, não deveria dela fazer um mistério. Esse Espírito parece-lhe querer se apossar do médium, a fim de conduzi-lo à sua vontade, em favor da suposta infalibilidade de seu procedimento; teme provavelmente que outros aí não vejam tão claro e frustrem suas manobras; por isso, recomenda o silêncio, a fim de não ter contraditores: é o meio de ter sempre razão.

Estudos. 1ª Evocação de François Arago, pela senhorita H... São Luís responde que esse médium não é aquele que convém para esse Espírito; convida para tomar um outro.

Diversas perguntas são dirigidas, a esse respeito, sobre a aptidão especial dos médiuns para receberem comunicações de tal ou tal Espírito. A resposta foi esta: "Um Espírito vem, de preferência, com uma pessoa cujas idéias simpatizem com as que teve quando vivo; há relação de pensamentos entre o céu e a Terra, mais ainda do que as há sobre a Terra."

2º Questão proposta pelo senhor conde Z... sobre a distinção feita, por certos sonâmbulos lúcidos, que designam os homens pela qualificação de *luz azul*, e as mulheres pela de *luz branca*/pergunta se o perispírito teria uma cor diferente segundo os sexos. O Espírito interrogado, responde o que segue: "Isto não tem nenhuma relação com o nosso mundo; é um fato puramente físico, e que depende da pessoa que vê. Entre os homens, existem os que, bem despertos, não vêem certas cores ou vêem-nas de modo diferente de outros; ocorre o mesmo com as pessoas adormecidas; elas podem ver o que outros não vêem."

3ª Foram obtidos quatro ditados espontâneos: o primeiro, pela senhorita Huet, do Espírito que continua as suas memórias; o segundo, pelo senhor Didier, sobre a *Eletricidade espiritual*, assinado *Lamennais*; o terceiro, pela senhora Gostei, sobre as *Altas verdades do Espiritismo*, assinado *Lazare*; o quarto, pela senhorita Stéphan, sobre *A cada um a sua profissão*, assinado *Gustave Lenormand*.

Sexta-feira, 13 de julho de 1860. (Sessão geral.)

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão de 6 de julho.

O senhor Eugène de Porry, de Marseille, homenageou a Sociedade com um seu novo poema, intitulado: *LINDA, lenda gaulesa*. A Sociedade lembra o encantador poema do mesmo autor sobre *Urânia*, e expressa-lhe seus agradecimentos por ter a bondade de dirigir-lhe a sua nova obra. Ela encarregou a senhorita P... de analisá-la.

Comunicações diversas. 1ª O senhor S... transmite uma nota sobre um homem que, no último ano, suicidou-se na rua Quincampoix, para isentar seu filho do serviço militar, tornando-o filho único de viúva. Pensa-se que essa evocação poderá ser instrutiva.

2ª O senhor de Grand-Boulogne manda uma nota sobre o muçulmano Seih-ben-Moloka, que vem de morrer na Tunísia com a idade de cento e dez anos, e cuja vida foi notável pelos atos de caridade que realizou. Será evocado.

Uma conversação se estabelece sobre a questão da longevidade. O senhor de Grand-Boulogne, que viveu muito tempo entre os Árabes, disse que os exemplos dessa natureza não são muito raros entre eles, o que, sem dúvida, é necessário atribuir à sobriedade. Ele conheceu um que tinha em torno de cento e trinta anos de idade. O senhor conde Z... disse que a Sibéria é, talvez, o país onde a longevidade é mais freqüente. A sobriedade e o clima têm, sem dúvida, uma grande influência sobre a duração da vida; mas o que deve, sobretudo, contribuir é a tranqüillidade de espírito e a ausência de preocupações morais que afetam, em geral, as pessoas do mundo civilizado, e devem gastar-se prematuramente; por isso, encontra-se mais de grande velhice entre aqueles cuja vida mais se aproxima da Natureza.

3ª O senhor Allan Kardec dá conta de um fato, que lhe é pessoal, e que mostra o desejo que certos Espíritos sentem de serem evocados quando nunca o foram. Eles aproveitam as ocasiões propícias para se comunicarem, quando elas se apresentam.

4ª Vários membros comunicaram o protesto, publicado por diversos jornais, do senhor Lerible, antigo comerciante de carvão da rua dos Grès, em cuja casa se passaram, em 1849, fatos notáveis de manifestações, e cuja autenticidade foi posta em dúvida.

Estudos. 1ª Exame crítico da dissertação de Lammennais sobre a *Eletricidade espiritual*, feita na sessão de 6 de julho. O Espírito explica e desenvolve os pontos que pareceram obscuros.

2ª Evocação do suicida da rua Quicampoix.

3ª Evocação de Gustave Lenormand.

4ª Diversas perguntas sobre os médiuns.

5ª Três ditados foram obtidos simultaneamente; o primeiro, sobre o *Saber dos Espíritos*, assinado Channing; o segundo, dando continuidade à *Eletricidade do pensamento*, assinado Delphine de Girardin; o terceiro, sobre a *Caridade*, assinado Lammennais, a propósito da notícia que foi lida sobre o muçulmano Sih-ben-Moloka.

Sexta-feira, 20 de julho de 1860. (Sessão particular.)

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão de 12 de julho.

O presidente fez observar que, há algum tempo, se negligenciou de ler, assim como ficara convencionalizado, os nomes dos Espíritos que reclamam assistência. Doravante, isso ocorrerá em seguida à invocação geral.

Comunicações diversas. 1ª Leitura de dois ditados obtidos pelo senhor C..., novo médium, um sobre as *Pretensões do homem*, assinado Massillon; o outro sobre o *Futuro*, assinado São Luís. O senhor C... pergunta se, sobretudo neste último, não há nada que revele uma substituição do Espírito, não se reportando, sob esse aspecto, ao seu próprio julgamento.

A Sociedade, depois de uma leitura atenta, reconhece nesta comunicação a marca de uma incontestável superioridade, e nela nada vê que desminta o caráter de São Luís, de onde se conclui que não pode emanar senão de um Espírito elevado.

2ª Outro ditado sobre a *Experiência*, obtido pela senhora Gostei e assinado Georges.

O presidente anuncia que vários novos membros fazem progressos notáveis, como médiuns em diversos gêneros; convida-os a comunicarem à Sociedade os fatos que obtiverem. A Sociedade é necessariamente limitada em seus trabalhos pelo tempo; ela deve ser o centro onde deverão chegar os resultados obtidos nas reuniões particulares; haveria mesmo egoísmo em guardar para si trabalhos que podem ser úteis a todos; aliás, é um meio de controle pelos esclarecimentos a que podem dar lugar, a menos que o médium não esteja convencido da infalibilidade das suas comunicações, ou que não haja recebido como aquela de Limoges, com a injunção de tê-las secretas, o que seria, seguramente, de mau augúrio e um duplo motivo de suspeição. A primeira qualidade do médium é fazer abnegação de todo amor-próprio, como de toda falsa modéstia, pela razão de que, não sendo senão um instrumento, não pode se fazer um mérito daquilo que obtém de bem, nem se melindrar com a crítica daquilo que pode ser mau. A Sociedade é uma família cujos membros animados por uma benevolência recíproca, devem estar movidos unicamente pelo desejo de instruir-se, e banir todo sentimento de personalidade e de rivalidade, se compreendem a Doutrina e são verdadeiros Espíritas. Sob esse aspecto, o senhor C... deu um muito bom exemplo e mostrou que não é desses médiuns que crêem nada mais terem a aprender, porque têm comunicações assinadas com grandes nomes. Quanto mais os nomes são imponentes, mais se deve temer, ao contrário, ser o joguete de Espíritos enganadores.

3ª O senhor Achille R... leu uma carta relatando um fato curioso de manifestação espontânea, que ocorreu na prisão de Limoges, e do qual o autor da carta pôde constatar a realidade. (Publicada adiante no artigo *Variedades*.)

4ª O senhor Allan Kardec deu conta de um outro fato, muito bizarro, que lhe foi relatado no ano passado por um visitante do qual não se lembra nem o nome e nem o endereço, e à fonte do qual, conseqüentemente, não pôde remontar para verificá-lo. Eis do que se trata.

Um médico crente e um de seus amigos que não acreditava em nada, conversavam juntos sobre o Espiritismo; o primeiro disse ao outro: "Vou tentar uma prova; ignoro se ela terá êxito; em todo caso, não respondo por nada. Designai-me uma pessoa viva que vos seja muito simpática." Tendo o amigo indicado uma jovem que mora numa cidade longínqua, e que era igualmente conhecida do médico, este lhe disse: "Ide passear no jardim, e observai o que se passará; e eu vos repito que é uma experiência que tento e que pode nada produzir. Durante o passeio de seu amigo, ele evocou a jovem; ao cabo de um quarto de hora, o amigo entrou e disse: "Acabo de ver essa pessoa; estava vestida de branco, aproximou-se de mim, apertou-me a mão, depois desapareceu; mas o que é bem singular é que ela deixou-me o anel que aqui está." O médico mandou imediatamente, ao pai da jovem, um despacho telegráfico assim concebido: "Não me pergunteis; mas respondi-me imediatamente, e dizei-me o que fazia a vossa filha às três horas e como estava vestida." A resposta foi esta: "Às três horas, minha filha estava sentada no salão comigo; tinha uma roupa branca; ela dormiu durante 15 a 20 minutos; mas, ao despertar, percebeu que não tinha mais o anel que carrega habitualmente."

Uma discussão se estabeleceu sobre esse fato, do qual se examinaram os diferentes graus de probabilidade e de improbabilidade. Interrogado a esse respeito, São Luís respondeu: O fato da aparição é possível; o do transporte não o é quase nada pelo perispírito de uma pessoa viva. Certamente, a Deus tudo é possível, mas não permite essas coisas senão muito raramente: um Espírito desligado pode fazer esses transportes mais facilmente. Quanto a vos dizer se o fato é verdadeiro, eu o ignoro.

Nota. Sendo este relato publicado, se cair, por acaso, sob os olhos da pessoa que o reportou, ser-lhe-á reconhecido, se consentir dar alguns esclarecimentos a esse respeito.

Estudos. 1. Perguntas sobre os Espíritos que tomam nomes supostos.

2. Evocação do Espírito da rua dos Noyers.

3. Cinco ditados espontâneos foram obtidos; o 1^a de Lammennais sobre uma retificação que pede no relatório de sua comunicação sobre *A Caridade*. -O 2^a sobre as *Vítimas da Síria*, assinado Jean. - O 3^a sobre as *Aberrações da inteligência*, assinado Georges. -O 4^a sobre os *Erros dos médiuns*, assinado Paul. - o 5^a sobre o *Concurso dos Médiuns*, assinado Gustave Lenormand.

Durante a sessão, pancadas muito claras se fizeram ouvir perto da senhorita Stefan. Era o Espírito de Gustave que queria, disse ele, constrangê-la a ir escrever, o que ela não desejava; pensou que era um meio de fazê-la vir à mesa, tendo ele mesmo o desejo de dar uma comunicação por seu intermédio.

Depois da sessão, numa comunicação privada, perguntando-se a São Luís se ele estava satisfeito, respondeu: "Sim e não; errais em tolerar os cochiches contínuos de certos membros, quando os Espíritos são questionados. Tendes, às vezes, comunicações que pedem réplicas sérias de vossa parte, e respostas mais sérias ainda da parte dos Espíritos evocados que, com isso, crede-o bem, sentem descontentamento; daí nada de completo, porque o médium, que escreve, sente ao seu redor graves distrações nocivas ao seu ministério. Há uma coisa séria a fazer, é ler, na próxima sessão, estas observações, que serão compreendidas por todos os sócios, dizei-lhes que aqui não é um gabinete de conversa.

"SÃO LUÍS."

Concordância Espírita e Cristã

Revista Espírita, agosto de 1860

Carta do Sr. doutor de Grand-Boulogne à Sociedade Espírita

A carta seguinte foi dirigida à *Sociedade de Estudos Espíritas*, pelo senhor doutor de Grand-Boulogne, antigo vice-cônsul da França.

Senhor presidente,

Desejando fazer parte vivamente da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, mas forçado a deixar proximamente a França, venho solicitar a honra de ser agraciado como membro correspondente. Tenho a vantagem de vos ser pessoalmente conhecido, e não tenho necessidade em vos dizer com qual interesse e com qual simpatia sigo os trabalhos da Sociedade. Li as vossas obras, assim como a do senhor barão de Guldenstubbe, e conheço, por conseguinte, os pontos fundamentais do Espiritismo, cujos princípios adoto sinceramente tal como vos são ensinados. Como protesto aqui a minha firme vontade de viver e de morrer cristão, esta declaração leva-me a vos fazer a minha profissão de fé, e vereis como, talvez com algum interesse, a minha fé religiosa acolhe, muito naturalmente, os princípios do Espiritismo, e eis, segundo eu, como se aliam as duas coisas:

1. Deus: criador de todas as coisas.
2. Objetivo e fim de todos os seres criados: concorrer para a harmonia universal.
3. No universo criado, três reinos principais: o reino material, ou inerte; o reino orgânico, ou vital; o reino intelectual e moral.
4. Todo ser criado está submetido às leis.
5. Todos os seres compreendidos nos dois primeiros reinos obedecem, invencivelmente, sua harmonia nunca é perturbada.
6. O terceiro reino, como os dois primeiros, está submetido às leis, mas goza do privilégio inaudito de poder subtrair-se a elas; possui a terrível faculdade de desobedecer a Deus: o que constitui o livre arbítrio.

O homem pertence, ao mesmo tempo, aos três reinos: é um Espírito encarnado.

7. As leis que regem o mundo moral estão formuladas no Decálogo, mas se resumem neste admirável preceito de Jesus: Amareis a vosso Deus acima de todas as coisas, e ao vosso próximo como a vós mesmos.

8. Toda derrogação da lei constitui uma perturbação à harmonia universal; ora, Deus não permite que essa perturbação se mantenha, e a ordem deve ser invencivelmente restabelecida.

9. Existe uma lei destinada à reparação da desordem no mundo moral, e essa lei está inteiramente nesta palavra: *expição*.

10. A expiação se efetua: 1ª pelo arrependimento e os atos de virtude; 2ª pelo arrependimento e as provas; 3ª pela prece e as provas do justo, unidas ao arrependimento do culpado.

11. A prece e as provas do justo, se bem que concorram, de maneira mais eficaz, para a harmonia universal, são insuficientes para a reparação absoluta da falta; Deus exige o arrependimento do pecador; mas com esse arrependimento a prece do justo, e sua penitência em favor do culpado, bastam à eterna justiça, e o crime está perdoado.

12. A vida e a morte de Jesus colocam em evidência esta adorável verdade.

13. Sem livre arbítrio não há pecado, mas também não há virtude.

14. O que é a virtude? A coragem no bem.

15. O que há de mais belo no mundo, não é, como disse um filósofo, o espetáculo de uma grande alma lutando com a adversidade; é o esforço perpétuo de uma alma progredindo no bem e se elevando, de virtude em virtude, até o seu Criador.

Qual é a mais bela de todas as virtudes? A caridade.

17. O que é a caridade? É o atributo especial da alma que, em suas ardentes aspirações no bem, esquece-se de si mesma e se consome em esforços para a felicidade do próximo.

18. O saber está bem acima da caridade; ele nos eleva na hierarquia espírita, mas não contribui em nada para o restabelecimento da ordem perturbada pelo mau. O saber nada expia, nada resgata, em nada influi sobre a justiça de Deus: a caridade, ao contrário, expia e apazigua. O saber é uma qualidade, a caridade é uma virtude.

19. Encarnando os Espíritos, qual foi o desígnio de Deus? Criar, para uma parte do mundo espiritual, uma situação sem a qual não existiria nenhuma das grandes virtudes que nos enchem de respeito e de admiração. Com efeito, sem o sofrimento, não há caridade; sem o perigo, não há coragem; sem a infelicidade, não há devotamento; sem a perseguição, não há estoicismo; sem a cólera, não há paciência, etc. Ora, sem a corporeidade, com o desaparecimento dos males, há o desaparecimento dessas virtudes.

Para o homem pouco desligado dos laços da matéria, há nesse conjunto, de bem e de mal, uma harmonia, uma grandeza de uma ordem mais elevada do que a harmonia e a grandeza do mundo exclusivamente material.

Isto responde, com algumas palavras, às objeções fundadas sobre a incompatibilidade do mal com a bondade de Deus.

Seria necessário escrever volumes para desenvolver convenientemente essas diversas proposições, mas o objetivo desta comunicação não é de oferecer, à Sociedade, uma tese filosófica e religiosa; quis apenas formular algumas verdades cristãs em harmonia com a Doutrina Espírita. Essas verdades são, do meu ponto de vista, a base fundamental da religião, e longe de enfraquecer-se, elas se fortificam pelas revelações espíritas; também, não hesito em formular um lamento, é que os ministros do culto, cegos pela demoniofobia, recusam esclarecer-se e condenam sem exame. Se os cristãos abrissem o ouvido às revelações dos Espíritos, tudo o que, no ensinamento religioso, perturba os nossos corações e revolta a nossa razão, desvanecer-se-ia de repente; sem estar modificada em sua essência, a religião alargaria o círculo de seus dogmas, e os clarões da verdade nova consolariam e iluminariam as almas; e se for verdade, como o disse o P. Ventura, que as doutrinas filosóficas ou religiosas acabam por se traduzirem nos atos comuns da vida, é bem evidente que uma nação iniciada no Espiritismo tornar-se-ia a mais admirável e a mais feliz das nações.

Dir-se-á que uma Sociedade verdadeiramente cristã seria perfeitamente feliz; eu concordo; mas o ensinamento religioso procede antes pelo terror do que pelo amor, e os homens, dominados por suas paixões, querendo a todo preço livrar-se dos dogmas que os ameaçam, serão sempre tão numerosos que o grupo dos sólidos cristãos sempre será uma minoria. Os cristãos são numerosos, mas os verdadeiros cristãos são raros.

Assim não é do ensinamento espírita. Se bem que a sua moral se confunda com a do cristianismo; se bem que pronuncia, como este, palavras cominatórias, tem ricos tesouros de consolação; é, ao mesmo tempo, tão lógico e tão prático; lança uma tão viva luz sobre o nosso destino; ela afasta tão bem as obscuridades que perturbam a razão e as perplexidades que atormentam os corações, que, em verdade, parece impossível que um Espírita sincero negligencie, um único dia, de trabalhar pela sua melhoria, e para concorrer ao restabelecimento da harmonia perturbada pelo extravazamento das paixões egoística e cúpidas.

Pode-se, pois, afirmar que, em propagando as verdades que tivemos a felicidade de conhecer, trabalhamos pela Humanidade, e a nossa obra será abençoada por Deus. Para que um povo seja feliz, é necessário que o número daqueles que querem o bem, que praticam a lei de caridade, suplante aqueles que querem o mal e não praticam senão o egoísmo; creio, em minha alma e consciência, que o Espiritismo, apoiado sobre o cristianismo, está chamado a operar essa revolução.

Penetrado destes sentimentos, e querendo, na medida de minhas forças, contribuir para a felicidade dos meus semelhantes, ao mesmo tempo que tento me tornar melhor, eu peço, senhor presidente, para fazer parte de vossa Sociedade. Aceitai, etc.

DE GRAND-BOULOGNE. doutor médico, antigo vice-cônsul de França.

Nota. Esta carta não tem necessidade de comentários, e cada um apreciará a alta importância dos princípios que nela são formulados de um modo, ao mesmo tempo, tão simples e tão claro. São aqueles do verdadeiro Espiritismo, aqueles que, todavia, ousam pôr em ridículo os homens que pretendem o privilégio da razão e do bom senso, porque não sabem se têm uma alma, e não fazem diferença entre o seu futuro e o de uma máquina. A isso não juntaremos senão uma observação, é que o Espiritismo, *bem compreendido*, é a salvaguarda das idéias verdadeiramente religiosas que se apagam; que, contribuindo para a melhoria dos indivíduos, levará, pela força das coisas, à melhoria das massas, e que não está

longe o tempo em que os homens compreenderão que encontrarão nesta Doutrina o mais fecundo elemento da ordem, do bem-estar e da prosperidade dos povos, e isso por uma razão bem simples, é que ele mata o materialismo, que desenvolve e mantém o egoísmo, fonte perpétua das leis sociais, e lhe dá uma razão de ser; uma sociedade cujos membros fossem guiados pelo amor ao próximo, que inscrevesse a caridade em todos os seus códigos, seria feliz e logo veria se extinguirem os ódios e as discórdias; o Espiritismo pode cumprir esse prodígio, e o cumprirá a despeito daqueles que ainda escarnecem dele; porque os escarnecedores passarão, e o Espiritismo ficará.

O Trapeiro da rua dos Noyers

Revista Espírita, agosto de 1860

(Sociedade, 29 de junho de 1860.)

Sob o título. *Cenas de feitiçaria no décimo-nono século*, o *Droit* narra o fato seguinte:

"Um fato, dos mais estranhos, passa-se neste momento na rua dos Noyers. O senhor Lesage, despenseiro do Palácio da Justiça, ocupa nessa rua um apartamento. Há algum tempo, projéteis, partidos não se sabe de onde, vêm quebrar as suas vidraças e, penetrando em seu alojamento, atingem aqueles que aí se encontram de modo a feri-los, mais ou menos gravemente: são fragmentos bastante consideráveis de lenha, semicarbonizados, pedaços de carvão de terra muito pesados, e mesmo carvão dito de Paris. A criada do senhor Lesage deles recebeu no peito, e isso resultou-lhe fortes contusões.

"A vítima desses sortilégios acabou por pedir a assistência da polícia. Os agentes foram colocados em vigilância; mas não tardaram, eles mesmos, a serem atingidos pela artilharia invisível, e lhes foi impossível saber de onde vinham esses golpes.

"A existência se lhe tornando insuportável numa casa onde seria necessário estar sempre alerta, o senhor Lesage solicitou, do proprietário, a rescisão de seu contrato de aluguel. Esse pedido foi concedido e, para redigir o ato, veio a Sra. Vaillant, bedel, cujo nome convinha perfeitamente numa circunstância onde os mandados não poderiam ser cumpridos sem perigo.

"Com efeito, apenas o oficial ministerial se pôs em ação para redigir seu ato, um enorme pedaço de carvão, lançado com uma força extrema, entrou pela janela e foi atingir a parede reduzindo-se a pó. Sem se desconcertar, a Sra. Vaillant serviu-se desse pó, como doutra feita Junot da terra levantada por uma bomba, para esparramá-lo sobre a página que acabara de escrever.

"Em 1847 ocorreu, na rua dos Grès, um fato análogo, do qual demos conhecimento. Um senhor L..., comerciante de carvão, servia também de alvo a flexas fantásticas, e essas incompreensíveis emissões de pedra punham emocionado todo o quarteirão. Paralelamente à casa habitada pelo carvoeiro estendia-se um terreno vago, no meio do qual achava-se antiga igreja da rua dos Grès, hoje escola dos irmãos da Doutrina cristã. Imaginou-se primeiro que era dali que partiam os projéteis, mas logo se foi desenganado. Quando se estava de espreita de um lado, as pedras chegavam de um outro. Entretanto, acabou-se por surpreender em flagrante delito o mágico, que não era outro senão o senhor L..., ele mesmo. Recorrera a essa fantasmagoria porque se descontentara de sua casa e queria obter a rescisão de seu contrato de aluguel.

"Não ocorreu o mesmo com o Sr. Lesage, cuja honorabilidade exclui toda idéia de astúcia, e que aliás está contente em seu apartamento, que não deixa senão se lamentando.

"Espera-se que o inquérito, conduzido pelo Sr. Hubaut, comissário do quarteirão da Sorbonne, esclareça esse mistério, que, talvez, não seja senão uma brincadeira de mau

gosto, infinitamente prolongada."

1. (A São Luís.) Teríeis a bondade de nos dizer se o fato relatado acima foi real; quanto à possibilidade, dela não duvidamos? - R. Sim, esses fatos são verdadeiros; somente a imaginação dos homens os exagerará, seja por medo, seja por ironia; mas repito, eles são verdadeiros. Essas manifestações são provocadas por um Espírito que se diverte um pouco às expensas dos habitantes do lugar.

Nota. Desde então tivemos ocasião de ver o próprio Sr. Lesage, que consentiu honrar-nos com a sua visita, e não apenas nos confirmou os fatos, mas os completou e retificou sob vários aspectos. São Luís tinha razão quando disse que seriam exagerados por medo ou por ironia; com efeito, a história do pó recolhido estoicamente pela corajosa bedel, imitando Junot, foi uma invenção do chistoso jornalista. No próximo número daremos uma narração completamente exata dos fatos, com as novas observações a que darão lugar.

2. Há na casa uma pessoa que seja a causa dessas manifestações? - R. Elas sempre são causadas pela presença da pessoa à qual se ataca; é que o Espírito perturbador não quer o habitante do lugar onde ele está, e quer fazer-lhe malícias ou mesmo procura desalojá-lo.

3. Perguntamos se, entre os habitantes da casa, há algum que seja a causa desses fenômenos por uma influência medianímica espontânea e involuntária? - R. Ele o é bem necessário; sem isso o fato não poderia ocorrer. Um Espírito habita um lugar de predileção para ele; permanece inativo até que uma outra natureza, que lhe seja conveniente, não se apresente nesse lugar; quando essa pessoa chega, então diverte-se tanto quanto pode.

4. Esses Espíritos são sempre de uma ordem muito inferior; a aptidão para servir-lhes de auxiliares é uma presunção desfavorável para a pessoa? Isso denota uma simpatia com os seres dessa natureza? - R. Não, não precisamente; porque essa aptidão prende-se a uma disposição física; entretanto, isso anuncia, muito freqüentemente, uma tendência material que seria preferível não ter; porque quanto mais se é elevado moralmente, mais se atrai para si os bons Espíritos, que se afastam necessariamente dos maus.

5. Onde o Espírito vai pegar os projéteis dos quais se serve? -R. Esses diversos objetos, o mais freqüentemente, são colhidos no próprio lugar; uma força vinda de um Espírito lança-os no espaço, e caem num lugar designado por esse Espírito. Quando não estão nos lugares, pedras e carvões podem ser fabricados por eles muito facilmente.

Nota. Demos, na *Revista* do mês de abril de 1859, a teoria completa dessas espécies de fenômenos, nos artigos *Mobiliário de além-túmulo* e *Pneumatografia ou escrita direta*.

6. Credes que seria útil evocar esse Espírito para pedir-lhe algumas explicações? - R. Evocai-o se quiserdes; mas é um Espírito inferior, que não vos dará senão respostas bastante insignificantes.

(Sociedade, 29 de junho de 1860.)

1. Evocação do Espírito perturbador da rua dos Noyers. - R. Que tendes para me chamar? Quereis pedradas? Será então que se verá um salve-se quem puder, apesar de vosso ar de bravura.

2. Quando nos arremessares pedras aqui, isso não nos amedrontará; pergunto mesmo positivamente se tu as podes arremessar? - R. Aqui, talvez eu não pudesse; tendes um guardião que vela bem sobre vós.

3. Na rua dos Noyers, havia uma pessoa que te servia de auxiliar para facilitar-te as peças que pregavas aos habitantes da casa? - R. Certamente, encontrei um bom instrumento, e nenhum Espírito sábio e prudente para impedir-me; porque sou alegre, e gosto, às vezes, de me divertir.

4. Qual era a pessoa que te servia de instrumento? - R. Uma criada.

5. Era com o seu desconhecimento que te servia de auxiliar? -R. Oh sim! a pobre *jovem*; ela era a mais medrosa.

6. Entre as pessoas que estão aqui, há alguma que esteja apta para te ajudar a produzir efeitos semelhantes? - R. Eu bem poderia encontrar uma delas, se quisesse a isso se prestar, mas não para manobrar aqui.

7. Podes designá-la? -R. Sim, ali embaixo, à direita daquele que fala; tem óculos sobre o nariz.

Nota. O Espírito designou, com efeito, um membro da Sociedade que é um pouco médium escrevente, mas nunca teve nenhuma manifestação física; é provável que seja um novo gracejo do Espírito.

8. Agias com um fim hostil? - R. Eu, eu não tinha nenhum objetivo hostil, mas os homens, que se apoderam de tudo. fá-lo-ão reverter em sua vantagem.

9. Que entendes por isso? Não te compreendemos. - R. Eu procuro divertir-me; mas vós, vós estudais a coisa e tereis um fato a mais para mostrar que existimos.

10. Onde obtiveste os objetos que lançaste?- R. São bastante comuns: eu os encontrei no pátio, nos jardins vizinhos.

11. Encontraste todos ou fabricaste alguns? - R. Eu nada criei, nada compus.

12. Se não os tivesses encontrado, tê-los-ia podido fabricar? -R. Isso fora mais difícil, mas, a rigor, misturam-se as matérias, e isso faz um todo qualquer.

13. Agora, dize-nos como os lançaste? - R. Ah! isso é mais difícil para dizer: fui ajudado pela natureza elétrica dessa jovem unida à minha, menos material; pudemos assim transportar esses diversos materiais em dois. (Ver a nota em seguida à evocação.)

14. Gostarias, penso, de nos dar algumas informações sobre a tua pessoa. Dize-nos, primeiro, se morreste há muito tempo? -R. Há bem muito tempo; faz bem cinquenta anos.

15. Que eras quando vivo? - R. Não muita coisa de bom; eu catava trapos neste quarteirão, e se me diziam, às vezes, tolices, porque eu gostava muito do licor vermelho do bom homem Noé; eu queria, também, fazê-los todos se retirarem.

16. Foi por ti mesmo, e de toda a tua vontade, que respondeste às nossas perguntas? - R. Eu tinha um preceptor.

17. Quem é esse preceptor? - R. O vosso bom rei Luís.

Nota. Esta pergunta foi motivada pela natureza de certas respostas que pareceram superar a capacidade desse Espírito, pelo fundo das idéias e mesmo pela forma de linguagem. Nada há por se admirarem ser ajudado por um Espírito, mais esclarecido, que quis aproveitar essa ocasião para nos dar uma instrução. Isto é um fato muito comum; mas uma particularidade notável, nesta circunstância, foi que a influência do outro Espírito se fez sentir sobre a própria escrita: a das respostas em que ele interveio, é mais regular e mais fluente; a das outras é mais angulosa, grossa, irregular, freqüentemente pouco legível, e traz um caráter diferente.

18. Que fazes agora; ocupas-te de teu futuro? - R. Nada ainda, eu erro; pensa-se tão pouco em mim sobre a Terra, que ninguém ora por mim; também não sou ajudado; eu não trabalho.

19. Qual foi o teu nome quando vivo? - R. Jeannet.

20. Pois bem! Nós oraremos por ti. Dize-nos se nossa evocação te deu prazer ou te contrariou? - R. Antes prazer, porque sois boas pessoas, alegres viventes, embora um pouco austeros; é igual, me escutastes, eu estou contente.

Jeannet.

Nota. - A explicação dada pelo Espírito à pergunta 13 está perfeitamente conforme com a idéia, que nos foi dada, há já muito tempo, por outros Espíritos, sobre a maneira que agem para operar o movimento e a translação de mesas e outros objetos inertes. Quando se dá conta desta teoria, o fenômeno parece muito simples; compreende-se que ele resulta de uma lei da Natureza, e que não é maravilhoso senão pelo mesmo título que todos os efeitos dos quais não se conhece a causa. Esta teoria acha-se completamente desenvolvida nos números da *Revista* de maio e junho de 1858.

A experiência nos confirma, todos os dias, a utilidade das teorias que demos dos fenômenos espíritos; uma explicação racional desses fenômenos deveria ter por resultado fazer compreender-lhes a possibilidade, e, por isso mesmo, ter a convicção; eis porque muitas pessoas, que não estavam de nada convencidas pelos fatos mais extraordinários, o foram desde que puderam saber o porquê e o como. Acrescentemos que, para muitos, essas explicações fazem desaparecer o maravilhoso, e colocando fatos, por insólitos que sejam, na ordem das coisas naturais, quer dizer, que isso não são derrogações às leis da Natureza, e que o diabo aí não está por nada. Quando ocorrem espontaneamente, como na rua dos Noyers, quase sempre aí se encontra a ocasião de algum bem a fazer e de alguma alma a aliviar.

Sabe-se que, em 1849, fatos semelhantes se passaram na rua dos Grès, perto da Sorbonne. O Sr. Lerible, que deles foi a vítima, vem de dar um desmentido aos jornais que o acusaram de fraude, citando-os diante dos tribunais. As considerações de sua citação merecem ser relatadas:

"No ano mil oitocentos e sessenta, em nove de julho, a requerimento do Sr. Lerible, antigo comerciante de carvão e de madeira, proprietário, residindo em Paris, à rua de Grenelle-Sainl-

Germain, 64, elegendo domicilio em sua residência;

Eu, Jules Demonchy, bedel junto ao tribunal civil da Seine, com sede em Paris, e residindo na rua dos Fossés-Saint-Victor, 43, abaixo-assinado, cito ao Sr. Garat, gerente do jornal *la Patrie*, nos escritórios do dito jornal, com sede em Paris, rua do Croissant, onde estando e falando a uma mulher de confiança assim declarei:

Dever inserir, em resposta ao artigo publicado em 27 de junho último, nos *Fatos* do jornal *la Patrie*, a citação seguinte, dada pelo requerente ao gerente do jornal *le Droit*, com os oferecimentos que faz o requerente de dar contas das despesas de inserção ao seu cargo, no caso em que sua resposta exceda o número de linhas que a lei o autoriza fazer publicar:

"No ano mil oitocentos e sessenta, em cinco de julho, a requerimento do Sr. Lerible, antigo comerciante de carvão e madeira, proprietário, residindo em Paris, rua de Grenelle-Saint-Germain, 64, elegendo domicilio em sua residência;

"Eu, Aubin Jules Demonchy, bedel junto ao tribunal civil da Seine, com sede em Paris, e residindo, rua dês Fossés-Saint-Victor, 43;

"Dar citação ao Sr. François, em nome e como gerente do jornal *le Droit*, nos escritórios do dito jornal, situado em Paris, praça Dauphine, onde estando e falando a...

"A comparecer, em 8 de agosto de 1860, à audiência e diante dos senhores presidente e juizes componentes da sexta câmara do tribunal de primeira instância da Seine, statuindo em matéria de policia correcio-nal, no Palácio da Justiça de Paris, dez horas da manhã, para:

"Tendo em vista que, em seu número de vinte e seis de junho último, e por ocasião dos fatos que teriam se passado em uma casa da rua dos Noyers, o jornal *le Droit* reporta que fatos os análogos ocorreram, em 1847, em uma casa da rua dos Grès;

" Que o redator acompanha as suas observações com explicações tendentes a fazerem crer que os ataques, dos quais a casa da rua dos Grès foi o objeto em 1847, emanaram do locatário dessa casa, que lhes deram nascimento, num pensamento de má-fé, para obter, por meio de uma especulação desonesta, a rescisão de seu contrato de aluguel;

"Tendo em vista que os fatos, assinalados pelo jornal *le Droit* realmente ocorreram, não em 1847 mas em 1849, na casa que o requerente ocupava, nessa época, na rua dos Grès;

"Que, ainda bem que o nome do requerente não houvesse sido indicado no artigo do *Droit* senão por uma inicial, a designação exata de sua indústria, a das localidades que ele habitava, e enfim a relação que os fatos, dos quais se tratam, foram colhidas pelo próprio jornal, assinalam suficientemente o requerente como sendo o autor das manobras atribuídas à pessoa que ocupava a casa da rua dos Grès;

"Tendo em vista que estas imputações são de natureza a atingirem a honra e a consideração do requerente;

"Que elas são tanto mais repreensíveis quanto nenhuma das verificações dos acontecimentos, do qual se tratam, que foram o objeto, não ocorreu, e que a exemplo daqueles cuja rua dos Noyers parece ter sido o teatro, esses acontecimentos ficaram sem explicação;

"Que, aliás, o requerente era proprietário, desde 1847, da casa e do terreno que ele ocupava na rua aos Grès; que a suposição na qual se deteve o diretor do *Droit* não tem nenhuma razão de ser e nunca foi formulada;

"Tendo em vista que os termos empregados pelo jornal te *Droit* constituem uma difamação e caem sob a aplicação das penas previstas na lei;

"Que todos os jornais de Paris se apoderaram do artigo do *Droit*, e que a honra do requerente spfreu, pelo fato dessa publicidade, uma ofensa cuja reparação lhe é devida;

"Por estes motivos;

"Se ver fazer, o Sr. François, a aplicação das penas pronunciadas pela lei, e se ouvir condenado mesmo em pessoa, a pagar, ao requerente, as perdas e danos que este se reserva reclamar na audiência, e das quais declara, quanto à presente, empregar em proveito dos pobres; ver dizer, por outro lado, que o julgamento a interpor-se será inserido em todos os jornais de Paris às expensas do acima nomeado, e ouvir-se condenar às custas, sob todas as reservas;

"E, a fim de que o acima nomeado não o ignore, a domicilio e falando como acima, deixe-lhe cópia do presente.

"Custo, 3 fr. 55 c.

Assinado: Demonchy.

"Registrado em Paris, em 6 de julho de 1860, recebido 2 f r. 20 c.

Assinado: DUPERRON

Conversas familiares de além-túmulo

Revista Espírita, agosto de 1860

Thirolier, o físico

Thirolier se ocupava ativamente na procura de um motor destinado a substituir o vapor, e pensou encontrá-lo no ácido carbônico, que chegara a condensar. Considerava-se, então, o vapor como um meio grosseiro e bárbaro de locomoção. Leu-se, a esse respeito, a notícia seguinte na crônica de *la Patrie*, de 22 de setembro de 1859:

Se Thirolier encontrou um motor de uma força sem igual e perto da qual o vapor não é senão uma criança, trata-se ainda de regular a sua força, e três ou quatro vezes os ensaios que se tentaram tornaram-se-lhe funestos. Os aparelhos, explodindo, cobriram com numerosas feridas e atingiram com uma surdez quase completa o mártir da ciência.

Entrementes, julgou-se a propósito renovar ao colégio de França, a experiência de condensação do ácido carbônico. Por uma imprudência, ou por um acaso funesto, o aparelho se quebrou, estourou, ferindo gravemente várias pessoas, custou a vida a um dos ajudantes do professor, e levou um dedo a Thirolier.

Não foi seu dedo que ele lamentou, foi o desfavor lançado sobre o novo motor que ele descobrira. O medo se apossou de todos os sábios, e se recusaram a se render a todos os ingênuos argumentos de Thirolier: "Mas eis vinte vezes que meu aparelho de condensação estoura entre as minhas mãos, e foi a primeira vez que matou alguém! Nunca fez senão me ferir!" Só o nome de ácido carbônico punha a fugir o Instituto inteiro, sem contar a Sorbonne colégio de França.

Thirolier, um pouco triste, fechou-se em seu laboratório mais do que habituava fazê-lo; aqueles que o amavam puderam notar, desde então, uma mudança profunda se operar em seus hábitos. Passava dias inteiros, sem pensar em tomar o seu gato nos joelhos, marchar a grandes passos, e não tocava mais nem em seus corníferos, nem em seus alambiques. Quando, por acaso, ele saía de sua casa, era para se deter, sem mais nada, em pleno meio da rua, sem prestar atenção na curiosidade e no espanto que causava entre os que passavam.

Como era um homem de fisionomia doce e distinta, com os belos cabelos começando a branquear, e que levava na lapela de sua sobrecasaca azul a fita vermelha da Legião de Honra, olhavam-no sem muita zombaria. Uma jovem, movida de compaixão, tomou-o um dia pelo braço e o conduziu para o meio da calçada, sobre o passeio. Ele não pensou mesmo em agradecer à sua bela benfeitora. Passava ao lado dos seus melhores amigos sem vê-los e sem responder, quando lhe dirigiam a palavra. A idéia fixa tomara conta dele, a idéia fixa, essa nuance imperceptível que separa o gênio da loucura.

Um dia, conversando com um dos seus amigos em seu laboratório:

- Pois bem! disse ele, enfim resolvi o meu problema! Tu o sabes, há algumas semanas meu aparelho de condensação se quebrou, na Sorbonne...

- Algumas semanas? interrompi eu: mas eis já vários anos!

- Ah! retomou ele sem desconcertar-se, levei, pois, tanto tempo para resolver o meu problema? Algumas semanas ou alguns anos, que importa, depois de tudo, uma vez que tenho a minha solução! Sim, meu amigo, não somente uma explosão é impossível, mas ainda, esta força terrível, dela sou o senhor! Faço dela o que quero! É minha escrava! Posso, à minha vontade, empregá-la para arrastar massas enormes, dar vida a máquinas gigantescas, ou obrigá-las a funcionar, sem os ferir, com os meios mais delicados e mais frágeis!

E, como olhava com estupefação:

- Ele duvida, minha fé, daquilo que lhe digo! exclamava rindo-se. Mas toma, olha meus planos, estes desenhos, e se não o crês petos teus olhos, escuta-me!

E logo, com uma lucidez que parecia não deixar nenhuma dúvida possível, mesmo para um homem estranho aos arcanos da ciência, ele desenvolvia os meios que contava utilizar. Não se lhe podia dirigir uma única objeção: sob todos os pontos a sua teoria era irrefutável.

- Necessito de três dias para executar o meu aparelho, continuou ele. Quero construí-lo inteiramente com as minhas mãos. Venha me ver depois de amanhã... E tu que não me abandonaste, tu que não duvidaste de mim, tu, cuja pena me defendeu, tu serás o primeiro a desfrutar o meu sucesso e a compartilhá-lo.

Fui-lhe fiel, com efeito.

Quando eu passava diante do quarto da porteira, esta me chamou.

- Ah! Senhor, disse-me ela, que grande infelicidade, não é? Um tão bravo homem! Uma verdadeira criança pela bondade! Morrer tão depressa!

- Quem, pois?

- O Sr. Thiolier. Ele passou ainda há pouco.

Ai de mim! Ela não dizia senão a verdade! Uma morte súbita atingira, em seu laboratório, o meu infeliz amigo.

Em que se tomou a sua descoberta? Não se encontrou, em sua casa, nenhum traço dos desenhos que me mostrara; suas notas, se as deixara, ficaram igualmente perdidas. Resolvera ele o grande problema que procurava? Deus o sabe! Deus que não lhe permitira dizer o seu pensamento sublime, ou loucura, senão a um profano, incapaz de discernir-lhe a verdade ou o falso e, sobretudo, lembrar-se da teoria sobre a qual o inventor a fizera repousar.

Qualquer que o seja, hoje a condensação do ácido carbônico não é mais que uma experiência

curiosa, que os professores demonstram raramente em seus cursos.

Se Thiolier vivesse alguns anos mais, talvez o ácido carbônico transtornasse a face do mundo?

SAM.

Thiolier encontrou o que procurava? Em todos os casos, poderia ser interessante conhecer o que disso pensava como Espírito.

1. Evocação. - R. Eis-me muito feliz no meio de vós.

2. Desejamos conversar convosco, porque pensamos que não poderíamos senão ganhar numa conversação com o Espírito de um sábio, como éreis quando vivo. - R. O Espírito de um sábio, freqüentemente, é bem mais elevado sobre a Terra do que no céu; entretanto, quando a ciência se acompanhou da probidade, é uma garantia de superioridade espírita.

3. Como físico, estivestes especialmente ocupado na procura de um motor para substituir o vapor, e pensáveis tê-lo encontrado no ácido carbônico condensado; que pensais disso agora? -R. Minha idéia estava de tal modo fixada sobre esse objeto de estudo, que sonhei, na véspera de minha morte, ou para ser mais exato, no momento de minha ressurreição espiritual.

4. Alguns dias antes de morrer, pensáveis ter encontrado a solução da dificuldade prática; tínheis realmente achado esse meio? - R. Eu vos disse que a superexcitação de minha imaginação me fizera ter um sonho fantástico lá em cima, e que anunciei desperto; era em termos próprios aquilo que chamais a loucura. O que sonhei, assim, de nenhum modo era aplicável.

5. Estáveis lá quando se leu a notícia que vos concerne? - R. Sim.

6. Que pensais disso? -R. Pouca coisa; repouso no seio de meu anjo guardião, porque a minha pobre alma saiu bem contundida de meu miserável corpo.

7. Entretanto, podereis responder a algumas perguntas relativas às ciências? -R. Sim, por um momento quero muito reentrar no dédalo da ciência.

8. Pensais que o vapor seja um dia substituído por um outro motor? - R. Este está todavia bem aperfeiçoado; entretanto, creio que no futuro a inteligência humana encontrará um meio para simplificá-lo ainda.

9. Que pensais do ar condensado como motor? - R. O ar condensado é um excelente motor, mais ágil do que o vapor e mais econômico. Quando se souber dirigir-lhe o emprego, terá mais força, partindo com mais velocidade.

10. Que pensais agora do ácido carbônico condensado, empregado para esse uso? - R. Eu estava bem atrasado ainda; necessitará de numerosas experiências e de longos e difíceis estudos para chegar a um resultado satisfatório. A ciência tem ainda tanto a fazer!

11. Dos diferentes motores com os quais se está ocupado, qual é o que pensais dever dominá-lo? - R. Ó vapor agora, o ar condensado mais tarde.

12. Revistes a Arago? - Sim.

13. Tendes tido juntos conversas sobre as ciências? - R. Algumas vezes, temos muito as faculdades de nossa inteligência voltadas para os estudos humanos; gostamos muito de assistir às experiências que se fazem; mas quando se retorna ao céu, não se pensa mais nisso; aliás eu, para o momento, repouso; eu vos disse.

14. Ainda uma pergunta, eu vos peço, mas muito séria, e se não puderdes responder por vós mesmo, tende a bondade de se fazer assistir por um Espírito mais competente.

Sempre nos foi dito que os Espíritos sugerem idéias aos homens, e que muitas descobertas têm essa origem; mas como todos os Espíritos não sabem tudo, e que procuram se instruir, quereis nos dizer se há os que fazem pesquisas e descobertas em seu estado de Espírito? - R. Sim, quando um Espírito chega a um grau bastante avançado, Deus lhe confia uma missão e o encarrega de se ocupar com tal ou tal ciência útil aos homens; é então que essa inteligência, obediente a Deus, procura nos segredos da Natureza que Deus lhe quer deixar entrever, tudo o que é necessário que ele aprenda com isso; e quando ele estudou bastante, dirige-se a um homem capaz de compreender o que ele pode ensinar-lhe ao seu turno. De repente, esse homem se encontra obsidiado por um pensamento; não pensa mais que nisso; disso fala a cada instante; disso sonha à noite; ouve vozes celestes que lhe falam; depois, quando tudo está bem desenvolvido em sua cabeça, esse homem anuncia ao mundo uma descoberta ou um aperfeiçoamento. Foi assim que a maioria dos grandes homens foram inspirados.

15. Nós vos agradecemos por consentirdes em nos responder, e de sair um instante de vosso repouso por nós. - R. Pedirei a Deus para velar sobre vós e vos inspirar.

Nota. A Senhora. G...que vê algumas vezes os Espíritos, deu conta das impressões que recebeu durante a evocação de Thiolier: ela viu um Espírito que crê ser o seu.

16. (A São Luís.) Quereis nos dizer se foi realmente o Espírito de Thiolier que a senhora G... viu? - R. Não foi precisamente esse Espírito que esta dama acaba de ver, mas mais tarde os seus olhos estarão mais habituados a discernir a forma, ou perispírito, e ela distinguirá perfeitamente; para o momento é uma espécie de miragem.

Nota. As perguntas complementares seguintes foram igualmente dirigidas a São Luís.

17. Se os autores de descobertas são assistidos por Espíritos que lhes sugerem idéias, como ocorre que os homens crêem inventar e não inventam nada de tudo, ou não inventam senão quimeras? - R. E que são enganados por Espíritos enganadores que, encontrando seu cérebro aberto ao erro, dele se apoderam.

18. Como ocorre que o Espírito escolha, tão freqüentemente, homens incapazes de conduzir uma descoberta a bom fim? -R. São os cérebros desprovidos de previdência humana que são os mais capazes para receberem as perigosas sementes do desconhecido. O Espírito não escolhe este homem porque ele é incapaz; é o homem quem não sabe fazer frutificar a semente que se lhe dá.

19. Mas, então, é a ciência que os sofre, e isso não nos diz por que os Espíritos não se dirigem de preferência a um homem capaz? - R. A ciência não sofre com isso, porque um a delinea, o outro a termina, e durante o intervalo, a idéia amadureceu.

20. Quando uma descoberta é feita prematuramente, obstáculos providenciais podem se opor à sua divulgação? - R. Nunca nada detém o desenvolvimento de uma idéia útil: Deus não o permite; é necessário que ela siga o seu curso.

21. Quando Papin descobriu a força motriz do vapor, numerosos ensaios foram feitos para utilizá-la, e obtiveram-se resultados bastante satisfatórios, mas que permaneceram no estado de teoria; como ocorre que uma tão grande descoberta haja dormido por tanto tempo, uma vez que dela se possuíam os elementos? Os homens capazes de fecundá-la não faltavam. Isso ateve-se à insuficiência de conhecimentos ou bem a que esse tempo da revolução que ela deveria operar na indústria não chegara? - R. Para a emissão das descobertas que devem transformar o aspecto exterior das coisas, Deus deixa a idéia amadurecer, como as espigas das quais o inverno não impede, mas só retarda o desenvolvimento. A idéia deve germinar muito tempo para eclodir no momento em que todos a solicitam. Ocorre o mesmo com as idéias morais que germinam primeiro e se implantam quando chegam à maturidade. O Espiritismo, por exemplo, neste momento em que se tornou uma necessidade, será o acolhido como um benefício, porque se tentaram inutilmente todas as outras filosofias para satisfazer as aspirações do homem.

São Luís.

O suicida da rua Quincampoix

No ano último, os jornais reportaram um exemplo de suicídio cumprido em circunstâncias particulares: era no começo da guerra com a Itália; um homem, pai de família, gozando da estima geral de seus vizinhos, tinha um filho que a sorte chamara sob as bandeiras; encontrando-se, pela sua posição, na impossibilidade de se exonerar do serviço, teve a idéia de se suicidar, a fim de isentá-lo como filho único de viúva.

Essa morte era uma prova para o pai ou para a mãe? Em todos os casos, é provável que Deus terá levado em conta, a esse homem, o seu devotamento, e que o suicídio não teve para ele as mesmas conseqüências que se cumprido por outros motivos.

(A São Luís.) Quereis nos dizer se podemos fazer a evocação do homem de quem se acaba de falar? -R. Sim, com isso será mesmo muito feliz, porque será um pouco aliviado.

1º Evocação. - R. Oh! Obrigado! Eu sofro muito, mas... é justo; entretanto ele me perdoará.

Nota. O Espírito escreveu com uma enorme dificuldade; os caracteres são irregulares e muito mal formados; depois da palavra *mas* ele se deteve, em vão tentou escrever, e não fez senão alguns traços indecifráveis e pontos, e é evidente que foi o nome *Deus* que ele não pôde escrever.

2. Preenchei a lacuna que acabais de deixar. - R. Disso sou indigno.

3. Dissestes que sofreis, sem dúvida errastes em vos suicidar, mas é que o motivo que vos

levou a esse ato não mereceu alguma indulgência? - R. Minha punição será menos longa, mas a ação não foi menos má.

4. Poderíeis nos descrever a punição que sofreis; dar-nos o mais de detalhes possíveis a esse respeito para a nossa instrução? - R. Eu sofro duplamente, em minha alma e em meu corpo; sofro neste último, embora não mais o possua, como o amputado sofre de seu membro ausente.

5. A vossa ação teve por único motivo salvar o vosso filho, e não fostes solicitado por uma outra causa. -R. O amor paternal, só ele me mal guiou; em favor desse motivo a minha pena me será abreviada.

6. Prevedes o fim de vossos sofrimentos? -R. Não lhes sei o termo; mas tenho a segurança de que esse fim existe, o que é um alívio para mim.

7. Ainda há pouco não pudestes escrever o nome de Deus; entretanto, vimos Espíritos muito sofrendores escrevê-lo; isso faz parte de vossa punição? - R. Eu o poderei com grandes esforços de arrependimento.

8. Pois bem! Fazei grandes esforços e tratai de escrevê-lo; estamos convencidos de que, se a isso chegardes, vos será um alívio.

O Espírito acabou por escrever, em caracteres irregulares, tremidos e muito grossos: Deus é muito bom.

9. Nós vos sabemos contente por virdes ao nosso chamado, e pedimos a Deus por vós, a fim de chamar a sua misericórdia sobre vós. - R. Sim, se vos apraz.

10. (A SãoLuís.) Quereis nos dar a vossa apreciação pessoal sobre o ato do Espírito que acabamos de evocar? -R. Este Espírito sofre justamente, porque lhe faltou confiança em Deus, o que é uma falta sempre punível; sua punição seria terrível e muito longa se não tivesse em seu favor um motivo louvável, que foi o de impedir seu filho de ir diante da morte; Deus, que vê o fundo dos corações, e que é justo, não o pune senão segundo as suas obras.

Nota. - Este homem, pela sua ação, talvez impediu de cumprir-se o destino de seu filho; primeiro, não era certo que este fosse morrer na guerra, e talvez que essa carreira deveria fornecer-lhe a ocasião de fazer alguma coisa que seria útil ao seu adiantamento; esta consideração, sem dúvida, não é estranha à severidade do castigo que lhe foi infligido. Sua intenção, sem dúvida, era boa, também disso lhe foi tido conta; a intenção atenua o mal e merece indulgência, mas não impede o que é mal de ser mal; sem isso, a favor da intenção poder-se-iam desculpar todas as faltas, e poder-se-ia mesmo matar sob o pretexto de uma boa intenção. Cre-se, por exemplo, que seja permitido fazer morrer um homem que sofre sem esperança de cura, pelo motivo que se quer abreviar os seus sofrimentos? Não, porque em agindo assim, se lhe abrevia a prova que deve suportar, e se lhe faz mais de errado que de bem. Uma mãe que mata o seu filho na crença que ela o envia direto ao céu, é menos faltosa porque ela o faz numa boa intenção? A favor desse sistema justificar-se-iam todos os crimes que um fanatismo cego fez cometer nas guerras de religião.

Variedades

Revista Espírita, agosto de 1860

O prisioneiro de Limoges

O fato seguinte foi comunicado à Sociedade pelo Sr. Achille R..., um de seus membros, segundo uma carta de um de seus amigos de Limoges, com data de 18 de julho:

" Nossa cidade se ocupa neste momento de um fato interessante para os Espiritas, e que me apresso em fazer passar ao Sr. Allan Kardec, por vosso intermédio. Eu mesmo tomei as informações, as mais circunstanciadas, junto de testemunhas do fato em questão, quer dizer, na prisão em que se encontra neste momento o herói da aventura.

" Um soldado da primeira linha, de nome Mallet, foi condenado a um mês de prisão pelo desvio de uma soma de três francos, pertencente a um de seus camaradas. Sua pena expirará em sete dias. Este jovem militar perdeu um irmão de dezenove anos, doméstico, há cerca de oito anos, e desde sete anos ele vê, pelo menos quatro noites sobre oito, depois da meia noite, uma grande (lama no meio da qual se destaca um jovem carneiro. Esta visão o terrorifica, mas não ousa dela falar; quando foi só para a sua prisão, disso foi mais amedrontado ainda, e suplicou ao carcereiro para lhe dar companhia, e quatro soldados do 2º de caçadores montados lhe foram ajuntados. A uma hora depois da meia noite, tendo Mallet se levantado, as quatro testemunhas perceberam logo a flama e o cordeiro sobre as suas costas.

"Esta aparição se renova freqüentemente, como vos disse; o pobre jovem com isso está tão afetado que chora, se desola e não come mais. O cirurgião-mor do regimento quis se assegurar do fato por si mesmo, mas não ficou por muito tempo e a visão não ocorreu senão uma hora e meia depois de sua partida. Um abade de Saint-Michel, o Sr. F..., foi mais feliz, ao que parece, porque tomou notas. Visitei-o para lhe perguntar o que pensa disso.

"Mas isso não é tudo. O carcereiro disse-me ter visto, várias vezes, a porta do cárcere aberta de manhã, se bem que pusesse com cuidado os ferrolhos na véspera. Convidou-se Mallet a interrogar o carneiro, o que fez na última noite, e ele lhe respondeu estas palavras, que colho textualmente de sua boca: *Fazei-me dizer um De Profundis e missas, sou teu irmão; eu não retomarei mais.* Tal ó o relato exato dos fatos; eu os entrego ao Sr. Kardec para que faça o uso que julgar oportuno."

Cartas de um Espírita da Argélia ao Sr. Oscar Comettant

A carta seguinte nos foi dirigida por um dos nossos assinantes de Sétif (Argélia), onde existem numerosos adeptos que obtêm comunicações notáveis, com as quais já entretivemos os nossos leitores.

Senhor,

O Sr. Dumas já vos falou de um fenômeno extraordinário que se produz, há algum tempo, na pessoa de meu filho de dezesseis anos, médium de um gênero singular: cada vez que se faz uma evocação, ele dorme, sem magnetismo, e nesse estado responde a todas as perguntas que se dirige ao Espírito por seu intermédio. Ao despertar, ele não conserva nenhuma lembrança disso. Responde mesmo em latim, em inglês, em alemão, línguas das quais não tem nenhum conhecimento. É um fato que muitas pessoas puderam constatar, e que afirmo sobre o que tenho de mais sagrado, mesmo ao Sr. Oscar Commettant. Tenho às mãos um folhetim do dia 27 de outubro de 1859, onde ele escreveu: Mas em que, pois, credes? perguntar-me-á talvez o Sr. Allan Kardec, Eu, senhor, não lhe perguntarei se crê em alguma coisa, primeiro porque isso pouco me importa, em seguida porque há homens que não crêem em nada. O Sr. Oscar Commettant se apoia sobre a autoridade de Voltaire, que não cria no que a sua razão não podia compreender, ele errou porque, malgrado o imenso saber que Deus lhe dera, Voltaire, há milhares de coisas conhecidas hoje e que a sua razão nunca supôs. Ora, negar um fato do qual não se quer mesmo constatar a realidade, se pergunta, em consciência, de que lado está o absurdo.

Dirijo-me diretamente ao Sr. Commettant, e lhe digo: Admitamos que não sejam os Espíritos que nos falam; mas, então, dai-nos uma explicação lógica do fato que citei; se o negais *a priori*, eu vos cito no tribunal da razão que invocais; se me tomardes em flagrante delito de mentira, eu consinto confessar a minha culpa ou em passar por um louco; em caso contrário, estou inteiramente pronto a entrar em luta convosco no terreno dos fatos. Mas antes de iniciar a discussão, eu vos perguntarei:

1ª Se credes em sonâmbulo natural e se vistes indivíduos nesse estado?

2ª Vistes os sonâmbulos escreverem?

3ª Vistes os sonâmbulos responderem a perguntas mentais?

4ª Vistes os sonâmbulos responderem em línguas que lhes são desconhecidas?

Tenho necessidade de um *sim* ou de um não puro e simples a essas perguntas. Se for *sim* passaremos a outra coisa; se for *não* encarrego-me de fazer-vos ver, e então poderíeis bem me explicar a coisa à vossa maneira.

Aceitai, etc.

COURTOIS.

Faremos, sobre a carta acima, as seguintes reflexões. É provável que o Sr. Commettant não responda mais ao Sr. Courtois que às outras pessoas que lhe escreveram sobre o mesmo assunto, se ele iniciasse uma polêmica, sem dúvida, isso seria no terreno do sarcasmo, terreno sobre o qual se dá sempre a última palavra, e sobre o qual nenhum homem sério não gostaria de segui-lo. Que o Sr Courtois o deixe, pois, na quietude *momentânea* de sua incredulidade, uma vez que ela lhe basta e que ele se contenta em ser matéria; uma vez que não há senão gracejos a opor, e ele não tem nada melhor a dizer; ora, como os gracejos não são razões aos olhos de pessoas sensatas, é se confessar vencido.

O Sr. Courtois erra em tomar muito a peito as negações dos incrédulos. Os materialistas não crêem mesmo terem uma alma, e se reduzem ao papel modesto de gira-espeto; como podem admitir Espíritos fora deles, quando não crêem ter um neles mesmos? Falar-lhes de Espíritos e de suas manifestações é, pois, começar por onde seria necessário acabar; não admitindo a causa primeira, não podem admitir as conseqüências. Dir-se-á, sem dúvida, que eles têm julgamento e devem ceder à evidência; é verdade, mas é precisamente esse julgamento que lhes falta; aliás, sabe-se que não há pior cego do que aquele que não quer ver. Deixemo-los, pois, em repouso, porque as suas de negações não impedirão mais a verdade de se propagar, quanto não impedirão a água de escoar.

Ditados Espontâneos e Dissertações Espíritas

Revista Espírita, agosto de 1860

Obtidos ou lidos nas sessões da Sociedade.

Desenvolvimento das idéias

A propósito da evocação de Thiolier. (Médium, senhora Costel.)

Vou falar-vos da necessidade de reunir os elementos diversos do Espírito para formar um todo. É uma ilusão comum crer que uma aptidão especial não tem necessidade, para se desenvolver, senão do estudo especial; não; o Espírito humano, como um rio, se engrossa com todos os afluentes. O homem não deve se isolar em seu trabalho, quer dizer, ele deve, petos contrastes mais opostos, fazer jorrar a seiva das idéias. A originalidade é o contraste das idéias-mães; é uma das mais raras superioridades; desde a infância, ela é abafada pela regra absurda que abaixa todos os Espíritos sob o mesmo nível. Eu vou explicar a minha idéia. Thiolier, que se acaba de evocar, era um inventor apaixonado, uma inteligência ativa; mas ele mesmo se limitou na esfera da invenção, quer dizer, na idéia fixa. Nunca se punha à janela para ver passar as idéias dos outros; também, permaneceu prisioneiro de seu próprio cérebro; o gênio flutuava em torno dele; encontrando todas as saídas fechadas, deixou a loucura, sua irmã, penetrar e invadir a praça tão bem guardada; e Thiolier, que deveria deixar um nome imortal, não vive senão na lembrança de alguns sábios.

Georges. (*Espírito familiar*).

Dissimulações Humanas

(méd., senhora Costel.)

Eu vos falarei da necessidade singular que têm os melhores Espíritos de se misturar sempre com coisas que lhes são as mais estranhas; por exemplo, um excelente comerciante não duvidará um instante de sua aptidão política, e o maior diplomata porá do amor-próprio para decidir as coisas mais frívolas. Esse erro, comum a todos e a todas, não tem outro móvel senão a vaidade e esta não tem senão necessidades factícias; para o toucador, para o espírito, mesmo para o coração, ela procura, antes de tudo o falso, vicia o instinto do belo e do verdadeiro; conduz as mulheres a desnaturarem a sua beleza; persuade os homens a procurarem precisamente o que lhes é mais nocivo. Se os Franceses não tivessem esse erro, seriam, uns os mais inteligentes do mundo, os outros os mais sedutores de Evas conhecidos. Não tenhamos, pois, essa absurda humildade; tenhamos a coragem de sermos nós mesmos; de carregar a cor de nosso Espírito, como a de nossos cabelos. Mas os tronos desabarão, as repúblicas se estabelecerão, antes que um Francês leviano renuncie às suas pretensões à gravidade, e uma Francesa às suas pretensões à solidez; dissimulação contínua, onde cada um toma o costume de ma outra época, ou mesmo, muito simplesmente, ode seu vizinho;

dissimulação política, dissimulação religiosa, onde todos, arrastados pela vertigem, vos procurais perdidamente, não encontrando nesse tumulto nem o vosso ponto de partida, nem o vosso objetivo.

Delphine de girardin.

O Saber dos Espíritos

(Méd., senhorita Huet.)

No estudo do Espiritismo há um erro muito grave, que se propaga cada dia mais, e que se torna quase o móvel que manda vir a nós, e é que nos crêem infalíveis em nossas respostas; pensa-se que devemos tudo saber, tudo ver, tudo prever. Erro! Grande erro! Certamente, não estando mais nossa alma encerrada num corpo material, como um pássaro numa gaiola, lança-se no espaço; os sentidos dessa alma se tornam mais finos, mais desenvolvidos; vemos melhor, entendemos melhor; mas não podemos saber tudo, não podemos estar por toda a parte, não temos mesmo o dom de ubiquidade, que diferença haveria, pois, de nós a Deus, se nos fora permitido conhecer o futuro e anunciá-lo pontualmente? Isto é impossível. Certamente, sabemos mais do que os homens; algumas vezes podemos ler no pensamento e no coração daqueles que nos falam, mas aí se detém a nossa ciência espírita. Corrigi-vos, pois, da idéia de nos interrogar unicamente para saber o que se passa sobre tal ou tal parte do vosso globo, com relação a uma descoberta material, comercial, ou para serem advertidos do que acontecerá amanhã, nos assuntos políticos e industriais; nós vos informaremos sempre sobre o nosso estado, sobre a nossa existência incorpórea, sobre a bondade e a grandeza de Deus, enfim, sobre tudo o que possa servir à vossa instrução e à vossa felicidade, presente e futura, mas não nos pergunteis o que não podemos ou não devemos vos dizer.

CHANNING.

Origens

(Méd., senhora Costel.)

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava em Deus. Assim se anuncia o Evangelho de São João; quer dizer, no começo era o princípio, e o princípio era Deus, o Criador de todas as coisas que não hesitou mais na formação do homem que na do globo. Ele o criou tal como é hoje, dando-lhe, ao sair de suas mãos, o livre arbítrio e o poder de progredir. Deus disse à mãe: Tu não irás mais longe; ao contrário, disse aos homens, em lhes mostrando o Universo: Tudo isto é para vós; trabalhai, desenvolvei, descobri os tesouros em germe, semeados por toda a parte: no ar, nas ondas, no seio da Terra; trabalhai e amai; não duvideis da vossa origem divina, ela é direta; sois os frutos de um lento progresso; não passastes pela fieira animal; sois positivamente os filhos de Deus. Então, de onde provém o pecado? O pecado é criado pelas nossas faculdades, ele é o avesso e o exagero.

Não houve um primeiro homem, pai do gênero humano, mais que não houve um sol para iluminar o Universo. Deus abriu a sua grande mão, e espalhou, com a mesma profusão, a raça humana sobre os mundos e as estrelas nos céus; os Espíritos animados por seu sopro logo revelaram a sua existência aos homens, bem antes os profetas que conheceis; outros

enviaram desconhecidos, tendo esclarecido as almas ignorantes delas mesmas. Ao mesmo tempo que os homens, os animais foram criados; estes, dotados de instintos, mas não de inteligência progressiva. Também conservaram os tipos primitivos, e, salvo a educação individual, são os mesmos que no tempo dos patriarcas. Os cataclismos dos dilúvios, porque não ocorreu um só, mas vários, fizeram desaparecer raças inteiras de homens e de animais; são conseqüências geológicas que vos ameaçam ainda.

Os homens descobrem, mas não inventam nada, assim, as crenças mitológicas não eram puras ficções, mas as revelações de Espíritos inferiores; os sátiros, as faunas, eram Espíritos secundários, habitando os bosques e os campos, como o fazem ainda hoje; era-lhes permitido, então, se manifestarem mais freqüentemente aos olhos do homens, porque o materialismo não estava depurado pelo cristianismo e o conhecimento de um Deus único. O Cristo destruiu o império dos Espíritos inferiores, para estabelecer o do Espírito sobre a Terra. Esta é a verdade, eu o afirmo em nome de Deus todo-poderoso.

Lazare.

O futuro

(Méd., Sr Coll.)

O Espiritismo é a ciência de toda a luz; feliz a sociedade que o coloque em prática! Será então somente que a idade de ouro, ou melhor, a era do pensamento celeste reinará entre vós. E não credes que, com isso, tendes menos satisfações terrestres; bem ao contrário, tudo será felicidade para vós, porque nesse tempo a luz vos fará ver a verdade sob o seu mais agradável dia; o que os homens ensinam não será mais essa ciência capciosa que vos faz ver, sob a máscara enganadora do bem geral ou de um bem a vir, no qual, freqüentemente, os próprios ensinamentos não têm nenhuma confiança, e a mentira e a cupidez, a inveja de tudo ter, em proveito de uma seita, e, algumas vezes, em proveito de um só. Os homens, sem dúvida, nesse tempo, compreenderão o trabalho, e todos chegarão à riqueza, porque não desejarão o supérfluo senão para poderem fazer grandes obras em proveito de todos. O amor, esse nome divino, não terá mais a aceitação impura que lhe dais; todo sentimento pessoal desaparecerá diante deste ensinamento suave, contido nestas palavras do Cristo: Amai-vos uns aos outros, como a vós mesmos.

Chegados a esta crença, todos sereis médiuns; todos os vícios que degradam a vossa Sociedade desaparecerão; tudo se tornará luz e verdade; o egoísmo, esse verme roedor e retardatário de todo o progresso, que abafa todo sentimento fraternal, não mais terá presa sobre as vossas almas; vossas ações não terão mais por móvel a cupidez e a luxúria; amareis vós, a vossa mulher, porque ela terá a alma boa, e vos quererá, porque verá em vós o homem escolhido por Deus para proteger a sua fraqueza, e que ambos vos ajudareis a suportar as provas terrestres, e sereis os instrumentos votados à propagação de seres destinados a se melhorarem, a progredirem, a fim de chegarem a mundos melhores, onde podereis, por um trabalho mais inteligente ainda, chegar até o nosso supremo benfeitor.

Ide, Espíritas! Perseverai; fazei o bem; desprezeis *docemente* os escarnecedores; lembrai-vos de que tudo é harmonia na Natureza, que a harmonia está nos mundos superiores, e que, apesar de certos Espíritos fortes, tereis também a vossa harmonia relativa.

SÃO LUÍS

A Eletricidade espiritual

(Méd., Sr. Didier filho.)

O homem é um ser bem singular e bem fraco ao mesmo tempo; singular neste sentido, que no meio dos fenômenos que o cercam, não segue menos o seu curso comum, espiritualmente se entende; fraco neste sentido, que depois de ver, depois de ser tocado, sorri, porque o seu vizinho sorriu, e não pensa mais nisso; e notai que falo aqui não de seres vulgares, sem reflexão, sem aquisição; não, falo de pessoas inteligentes, na maioria, esclarecidas. De onde vem esse fenômeno? Porque eu nele refletindo, é um momento moral. Pois bem! O Espírito começou a agir sobre a matéria, pelo magnetismo e a eletricidade; entrou em seguida no coração mesmo do homem, e o homem disso não percebeu! Estranha cegueira! Cegueira, não produzida por uma causa estranha, mas voluntária, saída do Espírito; o Espiritismo veio em seguida; deu uma comoção ao mundo e o homem publicou livros muito sábios, em dizendo: é uma causa natural, é muito simplesmente eletricidade, uma lei física, etc.: e o homem ficou satisfeito; mas, ficai disto certos, o homem terá muitos livros ainda a escrever, antes de poder compreender o que há de escrito no livro da Natureza: o livro de Deus. A eletricidade, essa nuance entre o tempo e o que não é mais o tempo, entre o finito e o infinito, o homem ainda não pode defini-la; por quê? Sabei-o: não podereis defini-la senão pelo magnetismo, essa manifestação material do Espírito; não conheceis ainda senão a eletricidade material; mais tarde, conhecereis também a eletricidade espiritual, que não é outra senão o reino eterno da idéia.

LAMENNAIS.

Desenvolvimentos sobre a comunicação precedente

1ª Teríeis a bondade de nos dar alguns desenvolvimentos sobre certas passagens do vosso último ditado, que nos parecem um pouco obscuras? - R. O que puder fazer neste tempo, eu o farei.

2ª Dissestes: *a eletricidade, essa nuance entre o tempo e o que não é mais o tempo, entre o finito e o infinito*, esta frase não nos parece muito clara; quereis ter a bondade de desenvolvê-la? - R. Eu a explico deste modo, o mais simples que posso achar. Para vós o tempo não é, não é isso? Para nós, ele não é mais; a eletricidade, eu a defino assim: essa nuance entre o tempo e o que não é mais o tempo, porque essa parte do tempo da qual era necessário outrora vos servir para vos falar de um canto do mundo ao outro, essa porção de tempo, digo eu, não existe mais; mais tarde virá esta eletricidade que não será outra senão o pensamento do homem, atravessando o espaço; não é, com efeito, a imagem, a mais impressionante, entre o finito e o infinito, entre o pequeno meio e o grande meio? Quero dizer, em uma palavra, que a eletricidade suprime o tempo.

3ª Mais longe dissestes: *não conheceis ainda senão a eletricidade material; mais tarde, conhecereis também a eletricidade espiritual*; entendeis com isso os meios de comunicação de homem a homem, por via medianímica? - R. Sim, como progressos médios; virá outra coisa mais tarde; dai aspirações aos homens: ele adivinha primeiro, e vê em seguida.

Instruções Práticas sobre as Manifestações Espíritas

Revista Espírita, agosto de 1860

Esta obra está inteiramente esgotada e não será reimpressa. Será substituída pelo novo trabalho, neste momento no prelo, e que é muito mais completo e sobre um outro plano.

ALLAN KARDEC.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Terceiro Ano – 1860

Setembro

- [Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas](#)
- [O Maravilhoso e o Sobrenatural](#)
- [História do Maravilhoso e do Sobrenatural, pelo Sr. Louis Figuier](#)
- [Correspondência. Carta do Sr. Jobard sobre Thilorier](#)
- Dissertações Espíritas
 - [O sonho \(Alfred de Musset\).](#)
 - [Sobre os trabalhos da Sociedade](#)
- [Aviso](#)

Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas

Revista Espírita, setembro de 1860

Sexta-feira, 27 de julho de 1860.

Reunião da comissão.

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão de 20 de julho.

Comunicações diversas. -1ª Relatório da senhorita P... sobre o poema que o Sr. de Pd/y, de Marselha, dirigiu à Sociedade, intitulado *Linda, lenda gaulesa*. A senhorita P... analisa o tema da obra e nele reconhece pensamentos de uma grande elevação muito bem expressos; mas, salvo as idéias cristãs, em geral, ela nele não vê nada, ou pouca coisa, que tenha relação direta com o Espiritismo; o autor lhe pareceu mais *Espiritualista* do que *Espírita*; sua obra não é por isso menos notável, disse ela, e será lida com interesse por todos os amantes da boa poesia.

2ª Carta do Sr. X..., que dá uma análise sucinta da doutrina do Sr. Rigolot, de Saint-Etienne. Segundo essa doutrina, o mundo espírita não existe; depois da morte do corpo, os Espíritos são imediatamente reunidos com Deus. Somente três Espíritos podem se comunicar com os homens por via medianímica, e eles são: Jesus, diretor e protetor de nosso globo, Maria, sua mãe, e Sócrates. Todas as comunicações, de qualquer natureza que elas sejam, emanam deles; eles são os únicos, disse ele, que se lhe manifestam, e, quando lhe ditam coisas grosseiras, pensa que é para prová-lo.

Uma discussão se estabeleceu a esse respeito; ela assim se resume:

A Sociedade é unânime para declarar que a razão se recusa a admitir que o Espírito do bem por excelência, o modelo das mais sublimes virtudes, possa ditar coisas más, e que há mesmo uma espécie de profanação em supor que comunicações revoltantes de torpezas, e mesmo de obscenidade, como se vêem algumas vezes, possam emanar de uma fonte tão pura. Por outro lado, admitir que todas as almas, depois da morte, são imediatamente reunidas com Deus, é negar o castigo do culpado, porque não se poderia pensar que o seio de Deus, que aprendemos a olhar como sendo a suprema recompensa, seja ao mesmo tempo um foco de dor para aquele que viveu mal. Se nessa fusão divina o Espírito perde a sua individualidade, é uma variedade do panteísmo. Num e noutro caso, segundo essa doutrina, o culpado não tem nenhum motivo para se deter no caminho do mal, e os esforços para fazer o bem são supérfluos; é pelo menos o que ressalta dos princípios gerais que parecem ser-lhe a base.

A Sociedade não conhece bastante o sistema do Sr. Rigolot para julgá-lo em seus detalhes; ignora como ele explica uma multidão de fatos *patentes*: o das aparições, por exemplo; aqueles em que o Espírito de um parente evocado prova *materialmente* a sua identidade; seria admitir, pois, que Jesus simularia esses personagens; seria, pois, ainda ele que no

fenômeno dos Espíritos batedores, viria bater a carga ou músicas rítmicas; depois de ter desempenhado o papel odioso de tentador, viria servir de divertimento? Há incompatibilidade moral entre o trivial e o sublime, entre o bem absoluto e o mal absoluto.

O Sr. Rigolot sempre se manteve isolado dos outros Espíritos, e isso é um erro; para bem conhecer um coisa, é necessário tudo ver, tudo aprofundar, comparar todas as opiniões, ouvir o pró e o contra, escutar todas as objeções, e finalmente aceitar o que a mais severa lógica pode admitir; é o que nos recomendam, sem cessar, os Espíritos que nos dirigem, e foi por isso que a Sociedade tomou o nome de *Sociedade de Estudos*, nome que implica a idéia de exame e de pesquisas. É permitido pensar que se o Sr. Rigolot tivesse seguido esse marcha, teria reconhecido em sua teoria pontos em contradição manifesta com os fatos. Seu distanciamento de outros Espíritos não lhe permitiu ter senão comunicações de uma só natureza, e impediram-no naturalmente de ver o que poderia esclarecê-lo sobre a sua insuficiência para resolver todas as questões; é o que se nota na maioria dos médiuns que se isolam; eles estão no caso daqueles que, não ouvindo senão um só sino, não ouvem senão um som.

Tal é a impressão que a Sociedade tem a respeito dessa doutrina, que lhe parece impossibilitada a dar a razão de todos os fatos.

3º Menção de uma carta do Sr. doutor Morhéry, que dá novos detalhes sobre a senhorita Godu, e a seqüência de suas observações sobre os casos de curas obtidas; e uma outra do Sr. doutor de Grand-Boulogne, sobre o papel dos Espíritos batedores. Tendo em vista a extensão, sua leitura foi remetida para aproxima sessão.

4º O Sr. Allan Kardec dá conta de um fato interessante que se passou em sua casa, numa sessão particular. A esta sessão assistia o Sr. Rabache, muito bom médium, e ao qual se comunicara espontaneamente Adam Smith, num café em Londres. Tendo sido Adam Smith evocado, por intermédio de um outro médium, a senhora Gostei, ele respondeu simultaneamente por esta senhora, em francês, e pelo Sr. Rabache, em inglês; várias respostas foram encontradas com uma identidade perfeita, e mesmo ser a tradução *literal* uma da outra.

5º Narração de diversos fatos de manifestações físicas chegados ao Sr. B..., presente à sessão; entre outros fatos, está o do transporte de uma rolha lançada num quarto, e de um frasco de água espiritualizada, que tomara um odor de almíscar tão forte, que todo o apartamento dele foi impregnado.

Estudos. 1ª Evocação do muçulmano *Séid-ben Moloka*, morto em Tunis com a idade de 110 anos, e cuja vida toda foi marcada com atos de beneficência e de generosidade. Suas respostas revelam nele um Espírito elevado, mas que, durante a sua vida, não estivera isento de preconceitos de seita.

Dois ditados espontâneos são obtidos, o primeiro pelo Sr. Didier, sobre a *consciência*, assinado por Lamennais; o segundo pela senhora Lub... sobre diversos conselhos, assinado por Paul.

Sexta-feira, 3 de agosto de 1860 (Sessão particular.)

Reunião da comissão.

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão de 27 de julho.

Leitura de uma carta do Sr. Dacol, pela qual ele propõe à Sociedade fazer uma subscrição para os cristãos da Síria. Funda a sua proposição sobre os princípios de humanidade, de caridade e de tolerância, que são a própria essência do Espiritismo, e devem guiar a Sociedade.

A comissão, que examinou a proposição, embora rendendo justiça às boas intenções do Sr. D..., pensa que a Sociedade deve se abster de toda manifestação estranha ao objeto de seus estudos, e que é preciso deixar cada membro livre para agir individualmente.

A Sociedade não vê, nessa diligência, nada que possa ser visto com maus olhos, bem ao contrário; mas, tendo em vista a ausência da maioria dos membros, em razão da estação, ela adiou o exame da proposição.

Sob o conselho da comissão, a Sociedade decide que tirará suas férias durante o mês de setembro.

Comunicações diversas. 1ª Carta do Sr. doutor Morhéry.

2ª Carta do Sr. Indermuhle, membro da Sociedade, que fala da sua apreciação das idéias espíritas, que se encontra entre certas pessoas da classe rural. Cita, a esse respeito, um pequeno livro alemão, intitulado: *Die Ewigkeit kein geheimniss* (Mais de secreto sobre a eternidade), e que se propõe enviar à Sociedade.

3ª Carta do Sr. doutor de Grand-Boulogne sobre as manifestações físicas como meio de convicção. Ele pensa que seria errado considerar todos os Espíritos batedores como sendo de uma ordem inferior, tendo em vista que ele mesmo obteve, por pancadas, comunicações de uma ordem muito elevada.

O Sr. Allan Kardec responde que a tiplogia é um meio de comunicação como qualquer outro, e da qual podem se servir os Espíritos mais elevados, quando eles não têm um outro mais rápido à sua disposição. Todos os Espíritos que se comunicam por pancadas não são Espíritos batedores, e a maioria repudia mesmo essa qualificação, que não convém senão àqueles que se poderia chamar *batedores de profissão*. Repugna ao bom senso crer que Espíritos superiores venham passar seu tempo para divertir uma reunião com exibição de destreza. Quanto às manifestações físicas propriamente ditas, nunca contestou a sua utilidade, mas persiste em sua opinião de que só elas são insuficientes para levarem à convicção; bem mais, disse ele, quanto mais os fatos são extraordinários, mais eles excitam a incredulidade. O que é preciso, antes de tudo, é compreender o princípio dos fenômenos; para aqueles que se deram conta deles não têm nada de sobrenatural e vêm em apoio da teoria.

O Sr. de Grand-Boulogne disse que a carta que se acabou de ler é já um pouco antiga, e que, depois, suas idéias modificaram-se sensivelmente; ele partilha inteiramente a opinião do Sr. Allan Kardec, tendo a experiência lhe demonstrado o quanto é útil compreender o princípio antes de ver; também, não admite em sua casa senão pessoas que já se deram conta da teoria, e por aí evita uma multidão de perguntas ociosas e objeções; reconhece ter feito mais prosélitos por esse sistema, do que pela exibição de fatos que não são compreendidos.

Estudos. 1ª Evocação de *James Coyle*, alienado, morto com a idade de 106 anos, no hospital São Patrício, de Dublin, onde estava desde o ano de 1802. Essa evocação oferece um interessante objeto de estudo sobre o estado do Espírito na alienação mental.

2ª Chamada feita, sem evocação especial, aos Espíritos que reclamaram assistência. Dois se apresentaram espontaneamente, e são: a Grande Françoise e o Espírito de Castelnau, que agradecem por se ter orado por eles.

3ª Um ditado espontâneo foi obtido pelo Sr. D...; foi assinado por *irmã Jeanne*, uma das vítimas dos massacres da Síria.

Sexta-feira, 10 de agosto (Sessão geral.)

Reunião da comissão.

Leitura da ata e dos trabalhos da última sessão.

O Sr. Allan Kardec anunciou que uma senhora, membro da Sociedade, remeteu-lhe 10 francos, como sua subscrição, em proveito dos cristãos da Síria, ou qualquer outra obra caritativa, na qual crê dever aplicá-los.

Comunicações diversas. -1ª Carta do Sr. Jobard, de Bruxelas, sobre Tillorier, de quem foi amigo, e que foi evocado em 15 de junho de 1860. Ele dá interessantes detalhes sobre a sua descoberta, sua vida e seus hábitos, e retifica várias afirmativas contidas na notícia publicada, a esse respeito, no jornal *la Paine*. Conta, entre outras particularidades, como a sua audição foi restituída pelo magnetismo. (Publicada adiante.)

2ª O Sr. B....ouvinte estrangeiro, narra diversos fatos de manifestações físicas espontâneas, ocorridas com um de seus amigos. Não tendo essa pessoa podido vir à sessão, disse ela mesma dará conta de detalhes, ulteriormente.

Estudos. -1ª Perguntas diversas e problemas morais dirigidos a São Luís, a respeito da morte de Jean Luizerolle, que substituiu a seu filho, condenado à morte em 1793, e se devotou para salvar-lhe a vida.

2ª Evocação de Alfred de Marignac, que deu ao Sr. Darcol uma comunicação dele sobre a *penúria*, e sob o nome de Bossuet.

3ª Evocação de Bossuet a esse respeito e diversas outras questões. Ele termina com uma dissertação espontânea sobre o Perigo das querelas religiosas.

4ª Evocação da *irmã Jeanne*, vítima dos massacres da Síria, que viera espontaneamente na última sessão, e pedira para ser chamada de novo.

5ª Chamada feita a um dos Espíritos sofredores que reclamam assistência. Um Espírito novo se apresenta sob o nome de *Fortune Privat*, e dá detalhes sobre a sua situação e as penas que sofre. Esta comunicação deu lugar a várias explicações interessantes sobre o estado dos Espíritos infelizes.

6ª Ditado espontâneo, sobre *o nada e a vida*, assinado *Sophie Swetchine*, e obtido pela senhora Huet.

Sexta-feira, 17 de agosto de 1860. (Sessão particular.)

Reunião da comissão.

Leitura da ata de dos trabalhos da sessão de 10 de agosto.

Com o parecer da comissão, e depois de relatório verbal, a Sociedade recebe, como associado livre, o Sr. Jules R..., de Bruxelas, e domiciliado em Paris.

Comunicações diversas. - 1ª Numa carta da senhora condessa D...escrita ao Sr. Allan Kardec, encontra-se a passagem seguinte: "Tenho ultimamente folheado velhas revistas de Paris, e encontrei uma historieta escrita por este delicioso escritor, Charles Nodier, e que tem por título: *Lydie ou a ressurreição*. Encontrei-me em plena *Revista Espírita*; é uma intuição de O Livro dos Espíritos, embora escrita em 1839. É que Nodier era um crente? É que nessa época falava-se do Espiritismo? Eu gostaria muito, se o pudesse, de evocá-lo; é um coração puro e uma alma amante. Vós que podeis *tanto*, evocai-o, eu vos peço. Se, estando encarnado, sua moral era tão doce, tão atraente, que não seria no presente, que o seu Espírito está liberado de toda matéria!"

A Sociedade tem, há muito tempo, o desejo de chamar Charles Nodier; ela o fará na presente sessão.

2ª Leitura de duas dissertações obtidas pelo Sr. doutor de Grand-Boulogne, assinadas Zenon; a primeira a respeito da dúvida manifestada sobre a identidade de Bossuet, na sessão precedente; a segunda, sobre a reencarnação, da qual o Espírito demonstra a necessidade do ponto de vista moral, e a concordância com as idéias religiosas.

3ª Leitura de duas comunicações obtidas pela senhora Gostei e assinadas Georges; a primeira, sobre *o progresso dos Espíritos*, a segunda, sobre *o despertar do Espírito*.

4ª Leitura da evocação de Louis XIV, feita pela senhorita Huet, e de um ditado espontâneo, obtido pela mesma, sobre *o proveito a tirar dos conselhos dados pelos Espíritos*, assinado *Marie*, Espírito familiar.

Estudos. 1ª o Sr. Ledoyen lembra que São Luís começara, no tempo, uma série de dissertações sobre os pecados capitais. Pergunta se gostaria de dar a seqüência a esse trabalho.

São Luís responde que o fará de bom grado, e que a próxima vez falará sobre *a Inveja*, estando a hora avançada para começar naquela mesma noite.

2ª Pergunta-se, a São Luís, se, na próxima sessão, se poderá chamar de novo a rainha de Oude, já evocada em janeiro de 1858, a fim de julgar os progressos que ela pôde fazer. Ele responde: "Será caridoso a vós evocá-la e falar-lhe amigavelmente, ao mesmo tempo que instruí-la um pouco, porque ela está bem atrasada ainda."

3ª Evocação de Charles Nodier. Após responder, com uma extrema benevolência, às perguntas que lhe são endereçadas, promete começar um trabalho continuado, na próxima sessão.

4ª Ditado espontâneo, obtido pelo Sr. Didier, sobre a *hipocrisia*, assinado Lamennais. Este Espírito responde em seguida a diversas perguntas que lhe são feitas sobre a sua situação, e o caráter que se reflete em suas comunicações.

Sexta-feira, 24 de agosto de 1860. (Sessão geral.)

Reunião da comissão.

Leitura da ata e dos trabalhos da última sessão.

O presidente lê a instrução seguinte, concernente às pessoas estranhas à Sociedade, a fim de premuni-las contra as idéias falsas que se poderiam formar sobre o objeto de seus trabalhos.

"Cremos dever lembrar às pessoas estranhas à Sociedade, e que não estariam ao corrente de nossos trabalhos, que não fazemos nenhuma experiência, e que elas se enganariam se cressem achar aqui assuntos de distração. Ocupamo-nos seriamente com coisas muito sérias, mas pouco interessantes e pouco inteligíveis para quem é estranho à ciência espírita. Como a presença dessas pessoas seria inútil para elas mesmas, e poderia ser uma causa de perturbação para nós, nos recusamos a admitir aquelas que dela não possuam ao menos os primeiros elementos, e sobretudo aquelas que não lhe seriam simpáticas. Somos, antes de tudo, uma Sociedade científica de estudos, e não uma Sociedade de ensino; nós nunca convocamos o público, porque sabemos, por experiência, que a convicção não se forma senão por uma longa seqüência de observações, e não por haver assistido a algumas sessões que não apresentam nenhuma continuidade metódica. Eis porque não fazemos demonstrações que estariam a recommençar a cada dia, e nos deteriam em nosso trabalho. Se, apesar disso, se encontrarem aqui pessoas que não fossem atraídas senão pela curiosidade, ou que não partilham a nossa maneira de ver, nós lhes pedimos para que se lembrem que não as convidamos, e esperamos de sua decência o respeito às nossas convicções, como respeitamos as suas. Não reclamamos de sua parte senão o silêncio e o recolhimento. Sendo o recolhimento uma das recomendações mais expressas da parte dos Espíritos, que consentem em se comunicarem conosco, convidamos com instância as pessoas presentes a se absterem de toda conversação particular."

A comissão decidiu que, se bem que haja uma 5ª. sexta-feira, em 31 deste mês, esta sessão seria a última antes das férias, e que a próxima sessão ocorrerá na primeira sexta-feira de outubro.

A comissão tomou conhecimento de uma carta de pedido de admissão, como associado livre, do Sr. B..., de Paris; mas, tendo em vista que a sessão deste dia é geral, o exame foi remetido para depois das férias.

Comunicações diversas. 1ª Leitura de evocação feita em particular pelo Sr. Jules Rob..., do Père Leroy, morto recentemente em Beirute. Essa evocação é notável pela elevação dos pensamentos do Espírito, que não desmente em nada o belo caráter de que deu provas em sua vida, e que é o de um verdadeiro cristão. Ele exprime o desejo de ser chamado na Sociedade.

2ª Leitura de um ditado espontâneo, obtido pelo Sr. Darcol sobre os *médiuns*, e assinado *Salles*. Essa comunicação, entregue na última sessão, nela não pôde ser lida, porque dela não se tomou conhecimento antecipadamente, e tendo em vista que *o regulamento prescreve imperiosamente essa formalidade*.

3ª Outro ditado espontâneo, obtido pela senhora de B..., sobre a *Caridade moral*, e assinada irmã Rosalie.

4ª Dois outros ditados espontâneos, obtidos pela senhora Gostei, um sobre as *diferentes categorias de Espíritos errantes*, o outro sobre os *castigos*, e assinado *Georges*. Estas duas comunicações podem ser colocadas na categoria das mais notáveis pela sublimidade dos pensamentos, a verdade dos quadros e a eloquência do estilo. (Serão publicadas, assim como as outras comunicações mais importantes.)

O presidente faz observar que a Sociedade é necessariamente limitada pelo tempo, mas que tudo o que os seus membros obtêm em seu particular, e que querem a ela trazer, deve ser considerado como um complemento de seus trabalhos. Ela não deve, pois, considerar como lhe fazendo parte somente o que obtêm em suas sessões, mas igualmente tudo o que lhe vem de fora e pode servir para a sua instrução. Ela é o centro onde vêm chegar os estudos privados para o bem de todos; ela os examina, os comenta, e deles se aproveita se há lugar. Para os médiuns, é um meio de controle, que, esclarecendo-os sobre as comunicações que recebem, pode preservá-los de mais de uma decepção. Os Espíritos, aliás, preferem, freqüentemente, se comunicar na intimidade, onde há necessariamente mais recolhimento que nas reuniões numerosas, pelos instrumentos de sua escolha, nos momentos que lhes convém, e em circunstâncias que nem sempre nos é dado apreciar. Em concentrando essas comunicações, cada um aproveita assim todas as vantagens que elas podem oferecer.

Estudos. 1ª Pergunta dirigida a São Luís sobre o Espírito *Georges*. Quando vivo era artista pintor, e professor de desenho da pessoa que lhe serve como médium; sua vida não oferece nenhuma particularidade saliente, a não ser que sempre foi bom e benevolente. Suas comunicações, como Espírito, trazem a marca de uma tal superioridade, que se desejou saber a classe que ele ocupa no mundo dos Espíritos. São Luís respondeu:

"Ele foi um Espírito justo sobre a Terra; toda a sua grandeza consiste na bondade, na caridade e na fé em Deus que ele professava; também hoje, encontra-se colocado entre os Espíritos superiores."

2ª Evocação de *Charles Nodier*, pela senhorita Huet. Ele começa o trabalho prometido na última sessão.

3ª Evocação de *Père Leroy*. Como ele deixara livre a escolha do médium, preferiu-se tomar aquele que lhe serviu na primeira vez, a fim de afastar toda influência e de melhor poder julgar da identidade pelas suas respostas. Elas estão em todos os pontos em conformidade com os sentimentos precedentemente expressos, e dignas de um Espírito elevado. Ele termina com conselhos da mais alta sabedoria, onde se revelam, ao mesmo tempo, a humildade do cristão, a tolerância e a caridade evangélicas, e a superioridade da inteligência.

4ª Evocação da rainha de Oude, já evocada em janeiro de 1858 (*ver Revista de março de 1858*). Médium, o Sr. Jules Rob... Notou-se nela uma ligeira disposição para se melhorar, mas o fundo do caráter sofreu pouca mudança.

Nota. Entre os assistentes se encontrava uma senhora que morou por longo tempo na Índia, e a conheceu pessoalmente. Ela disse que todas as suas respostas estão perfeitamente conformes com o seu caráter, e que é impossível nisso não reconhecer uma prova de identidade.

5ª Três ditados espontâneos foram obtidos, o primeiro pela senhorita Huet sobre a *Inveja*, assinado São Luís; o segundo pelo Sr. Didier sobre o *pecado original*, assinado Ronsard; o terceiro pela senhorita Stéphanie, assinado Gustave Lenormand.

Durante estas últimas comunicações, a senhorita L.J..., médium desenhista, obtém dois grupos assinados Jules Romain.

Em seguida a alguns belos pensamentos escritos por um Espírito que não se assina, um outro Espírito, que já se manifestou à senhorita L.J..., vem trazer obstáculos fazendo-a quebrar os lápis, e fazer traços que denotam um sentimento de cólera. Ao mesmo tempo ele se comunica pelo Sr. Jules Rob..., e responde laconicamente, e com altura, às perguntas que lhe são dirigidas.

É o Espírito de um soberano estrangeiro, conhecido pela violência de seu caráter. Convidado a assinar seu nome, ele o faz de duas maneiras. Um dos assistentes, ligado ao governo de seu país, e que suas funções o colocavam mesmo a ver, freqüentemente, a sua assinatura, reconheceu numa das peças oficiais, e na outra a de cartas particulares.

Sendo levantada a sessão geral, os Senhores membros da Sociedade são convidados a permanecerem alguns instantes para uma comunicação.

O Sr. Sanson, numa alocução calorosamente expressa, expôs o reconhecimento que deve ao Espírito de São Luís, pela sua intervenção na cura instantânea de um mal na perna que resistira a todos os tratamentos, e deveria chegar à amputação. Foi, disse ele, ao conhecimento do Espiritismo que deve a sua cura, verdadeiramente miraculosa, pela confiança que hauriu na bondade e no poder de Deus, com o qual antes se inquietava muito pouco; e como foi à Sociedade que ele deve por ter se iniciado nas verdades que ensina, compreende-a em seus agradecimentos. Desde então, a cada ano, ele oferece ao Espírito de São Luís, no dia que lhe é consagrado, um buquê em memória do favor do qual foi objeto, e é essa homenagem que ele renova hoje, 24 de agosto, véspera de São Luís.

A Sociedade se associa aos testemunhos de gratidão do Sr. Sanson; ela agradece a São Luís pela benevolência da qual foi objeto de sua parte, e roga-lhe consentir em continuar a sua proteção. São Luís responde:

"Eu estou feliz, três vezes feliz, meus bem-amados irmãos, pelo que vejo e ouço esta noite; a vossa emoção e o vosso reconhecimento são ainda a melhor homenagem que poderíeis me dirigir. Que o Deus de bondade vos conserve nesses bons e piedosos sentimentos! Eu continuarei a velar sobre uma sociedade unida pelos sentimentos da caridade e de uma verdadeira fraternidade.

Luís.

O Maravilhoso e o Sobrenatural

Revista Espírita, setembro de 1860

Se a crença nos Espíritos, e em suas manifestações, fosse uma concepção isolada, o produto de um sistema, ela poderia, com alguma aparência de razão, ser suspeita de ilusão; mas, que se nos diga por que é encontrada tão vivaz entre os povos antigos e modernos, nos livros santos de todas as religiões conhecidas? É, dizem alguns críticos, porque em todos os tempos o homem amou o maravilhoso. - O que é, pois, o maravilhoso, segundo vós? - O que é sobrenatural. Que entendeis por sobrenatural? O que contraria as leis da Natureza. - Conheceis, pois, de tal modo essas leis que vos é possível assinalar um limite ao poder de Deus? Pois bem! Então provai que a existência dos Espíritos e as suas manifestações são contrárias às leis da Natureza; que não é, e não pode ser, uma dessas leis. Segui a Doutrina Espírita, e vede se esse encadeamento não tem todas as características de uma admirável lei. O pensamento é um dos atributos do Espírito; a possibilidade de agir sobre a matéria, de impressionar os sentidos, e, por consequência, de transmitir o pensamento, resulta, se assim podemos nos exprimir, de sua constituição fisiológica; portanto, não há nesse fato nada de sobrenatural, nada de maravilhoso.

Todavia, dir-se-á, admitis que um Espírito pode levantar uma mesa, e mantê-la no espaço sem ponto de apoio; não é uma derrogação à lei da gravidade? - Sim, à lei conhecida; mas a Natureza disse a sua última palavra? Antes que se pudesse experimentar a força ascensional de certos gases, quem diria que uma pesada máquina, levando vários homens, pode triunfar sobre a força de atração? Aos olhos do vulgo, isso não deveria parecer maravilhoso, diabólico? Aquele que propusesse, há um século, transmitir um despacho a 500 léguas, e dele receber a resposta em alguns minutos, passaria por um louco; se o fizesse, crer-se-ia ter o diabo às suas ordens, porque então só o diabo era capaz de ir tão depressa. Por que, pois, um fluido desconhecido não teria a propriedade, em dadas circunstâncias, de contrabalançar o efeito da gravidade, como o hidrogênio contrabalança o peso do balão? Isto, anotemos de passagem, é uma comparação, mas não uma assimilação, e unicamente para mostrar, por analogia, que o fato não é fisicamente impossível. Ora, foi precisamente quando os sábios, na observação dessas espécies de fenômenos, quiseram proceder por via de assimilação, que eles se enganaram. De resto, o fato aí está, todas as negações não poderão fazer com que não esteja, porque negar não é provar; para nós, nada tem de sobrenatural, é tudo o que podemos dizer para o momento.

Se o fato está constatado, dir-se-á, nós o aceitamos; aceitamos mesmo a causa que vindes de assinalar, a de um fluido desconhecido; mas o que prova a intervenção dos Espíritos? Aí está o maravilhoso, o sobrenatural.

Seria necessária toda uma demonstração, que não estaria em seu lugar, e teria, aliás, duplo emprego, porque ela ressalta de todas as outras partes do ensinamento. Todavia, para resumi-la em algumas palavras, diremos que está fundada, em teoria, sobre este princípio: todo efeito inteligente deve ter uma causa inteligente; na prática, sobre esta observação de que os fenômenos, ditos Espíritos, tenham dado provas de inteligência, deve ter a sua causa fora da matéria; que essa inteligência, não sendo a dos assistentes, - isto é um resultado da experiência, deveria estar fora deles; uma vez que não se via o ser agindo, era, pois, um ser invisível. Foi então que, de observação em observação, chegou-se a reconhecer que esse ser invisível, ao qual deu-se o nome de Espírito, não era outro senão a alma daqueles que

viveram corporeamente, e que a morte despojou de seu envoltório grosseiro e visível, não lhe deixando senão um envoltório etéreo, invisível em seu estado normal. Eis, pois, o maravilhoso e o sobrenatural reduzidos à sua mais simples expressão. Uma vez constatada a existência de seres invisíveis, sua ação sobre a matéria resulta de seu envoltório fluídico; essa ação é inteligente, porque, em morrendo, ele não perdeu senão o seu corpo, mas conservou a inteligência, que é sua essência; aí está a chave de todos esses fenômenos erradamente reputados sobrenaturais. A existência dos Espíritos não é, pois, um sistema preconcebido, uma hipótese imaginada para explicar os fatos; é um resultado de observação, e a consequência natural da existência da alma; negar esta causa é negar a alma e seus atributos. Que aqueles que pensam poder dar, desses efeitos inteligentes, uma solução mais racional, podendo sobretudo dar razão de *todos os fatos*. queiram bem fazê-lo, e então poder-se-á discutir o mérito de cada um.

Aos olhos daqueles que consideram a matéria como a única força da Natureza, *tudo o que não pode ser explicado pelas leis da matéria é maravilhoso ou sobrenatural*; ora, para eles, *maravilhoso* é sinônimo de *superstição*. A esse título a religião fundada sobre a existência de um princípio imaterial, seria uma trama de superstições; eles não ousam dizer muito alto, mas o dizem baixinho, e crêem salvar as aparências em concedendo que é preciso uma religião para o povo, e para fazer com que as crianças sejam sábias; de duas coisas uma, ou o princípio religioso é verdadeiro ou é falso; se é verdadeiro, o é para todos; se é falso, não é melhor para o ignorante do que para as pessoas esclarecidas.

Aqueles que atacam o Espiritismo em nome do maravilhoso se apoiam, pois, geralmente sobre o princípio materialista, uma vez que lhe negam todo efeito extramaterial, negam, por isso mesmo, a existência da alma; sondai o fundo de seus pensamentos, escrutai bem o sentido de suas palavras, e vereis quase sempre esse princípio, se não estiver claramente formulado, despontar sob as aparências de uma pretensa filosofia racional. Se abordais decididamente a questão, perguntando-lhes se crêem ter uma alma, talvez não ou sem dizer não, mas responderão que disso nada sabem, ou que dela não estão seguros. Rejeitando à contado maravilhoso tudo o que decorre da existência da alma, eles são consequentes consigo mesmos; não admitindo a causa, não podem admitir os efeitos; daí, em alguns, uma opinião preconcebida que os torna impróprios para julgarem sadiamente o Espiritismo, porque partem do princípio da negação de tudo o que não é material. Quanto a nós, do fato de admitirmos efeitos que são a consequência da existência da alma, segue-se que aceitamos todos os fatos qualificados de maravilhosos; que somos os campeões de todos os sonhadores, os adeptos de todas as utopias, de todas as excentricidades sistemáticas? Seria preciso conhecer bem pouco o Espiritismo para julgá-lo; mas os nossos adversários não o olham de tão perto; a necessidade de conhecer do que falam é o menor de seus cuidados. Segundo eles, o maravilhoso é absurdo; ora, o Espiritismo se apoia sobre fatos maravilhosos, portanto, o Espiritismo é absurdo; é para eles um julgamento sem apelação. Eles crêem opor um argumento sem réplica quando, depois de terem feito eruditas pesquisas sobre os convulsionários de Saint-Médard, os Camisards des Cévennes ou os religiosos de Loudun, chegaram a nelas descobrir fatos patentes de fraude que ninguém contesta; mas essas histórias são o evangelho do Espiritismo? Seus partidários negam que o charlatanismo haja explorado certos fatos em seu proveito, que a imaginação os tenha criado, que o fanatismo os tenha exagerado muito? Ele não é mais solidário com as extravagâncias que se possam cometer em seu nome, do que a verdadeira ciência não o é dos abusos da ignorância, nem a verdadeira religião dos excessos do fanatismo. Muitos críticos não julgam o Espiritismo senão pelos contos de fadas e as lendas populares que são suas as ficções; tanto valeria julgar a história pelos romances históricos ou as tragédias.

Em lógica elementar, para discutir uma coisa é preciso conhecê-la, porque a opinião de um crítico não tem valor senão tanto que ele fale com perfeito conhecimento de causa; só então

a sua opinião, fosse ela errada, pode ser tomada em consideração; mas de que peso é ela sobre uma matéria que não conhece? O verdadeiro crítico deve fazer prova, não só de erudição, mas de um *saber profundo* a respeito do objeto de que ele trata, de um julgamento sadio, e de uma imparcialidade a toda prova, de outro modo o primeiro rabequista chegado poderia se arrogar o direito de julgar Rossini, e um mau pintor o de censurar a Rafael.

O Espiritismo não aceita, pois, todos os fatos reputados maravilhosos ou sobrenaturais; longe disso, ele demonstra a impossibilidade de um grande número e o ridículo de certas crenças que, para ele, constituem, propriamente falando, a superstição. É verdade que, nos que ele admite, há coisas que, para os incrédulos, são do puro maravilhoso, dito de outro modo, da superstição; seja; mas ao menos discuti apenas estes pontos, porque sobre os outros nada há a dizer, e pregais para convertidos. Mas onde se detém a crença no Espiritismo, dir-se-á? Lede, observai e o sabereis. Toda ciência não se adquire senão com o tempo e o estudo; ora, o Espiritismo, que toca todas as questões mais graves da filosofia, todos os ramos da ordem social; que abarca, ao mesmo tempo, o homem físico e o homem moral, ele mesmo é toda uma ciência, toda uma filosofia que não pode mais ser aprendida em algumas horas como qualquer outra ciência, porque haveria tanto de puerilidade em ver todo o Espiritismo numa mesa girante, quanto ver a física em certos jogos infantis. Para quem não quer se deter na superfície, não são horas, mas são meses e anos que são necessários para sondar-lhe todos os arcanos. Que se julgue, por aí, o grau de saber e o valor da opinião daqueles que se arrogam o direito de julgar, porque viram uma ou duas experiências, o mais freqüentemente a título de distração e de passatempo. Sem dúvida, dirão que não têm lazer necessário para esse estudo; seja; nada a isso os constrange; mas, então, quando não têm tempo para aprender uma coisa, não se misture a falar dela, e muito menos julgá-la, não querendo ser acusado de levandade; ora, quanto mais se ocupa uma posição elevada na ciência, menos se é desculpável em tratar levemente um assunto que não se conhece. Nós nos resumimos nas proposições seguintes:

1ª Todos os fenômenos Espíritos têm por princípio a existência da alma, sua sobrevivência ao corpo e suas manifestações;

2ª Estando esses fenômenos fundados sobre uma lei da Natureza, nada têm de *maravilhoso* nem de *sobrenatural*, no sentido vulgar destas palavras;

3ª Muitos fatos não são reputados sobrenaturais senão porque não se lhes conhece a causa; p Espiritismo, lhes assinando uma causa, fá-los entrar no domínio dos fenômenos naturais;

4ª Entre os fatos qualificados de sobrenaturais, muitos há dos quais o Espiritismo demonstra a impossibilidade, e que classifica entre as crenças supersticiosas;

5ª Se bem que o Espiritismo reconheça, em muitas crenças populares, um fundo de verdade, ele não acerta de modo algum a solidariedade de todas as histórias fantásticas criadas pela imaginação;

6ª Julgar o Espiritismo sobre os fatos que ele não admite é dar prova de ignorância, e tirar todo o valor de sua opinião;

7ª A explicação dos fatos admitidos pelo Espiritismo, suas causas e suas conseqüências morais, constituem uma verdadeira ciência que requer um estudo sério, perseverante e aprofundado;

8ª O Espiritismo não pode considerar como crítico sério senão aquele que tudo teria visto, tudo estudado, com a paciência e a perseverança de um observador consciencioso; que saberia tanto sobre este assunto quanto o adepto mais esclarecido; que teria, por conseqüência, hauridos seus conhecimentos alhures que nos romances da ciência; a quem não se poderia opor *nenhum fato* do qual não tivesse conhecimento, nenhum argumento que não houvesse meditado; que refutaria, não por negações, mas por outros argumentos mais peremptórios; que poderia, enfim, assinalar uma causa mais lógica aos fatos averiguados. Este crítico está ainda por ser encontrado.

Desnecessário dizer que os que desprezam o maravilhoso re-jertam.com mais forte razão, os milagres na categoria de quimeras da imaginação. Algumas palavras a esse respeito , embora tiradas de um precedente artigo, aqui encontram seu lugar natural, e não seria inútil lembrá-las.

Em sua acepção primitiva, e pela sua etimologia, a palavra milagre significa *coisa extraordinária, coisa admirável a ver*; mas esta palavra, como tantas outras, afastou-se de seu sentido original, e hoje diz-se (segundo a Academia)de *um ato de poder divino contrário às leis comuns da Natureza*. Tal é, com efeito, a sua acepção usual, e não é mais que por comparação e por metáfora que é aplicada às coisas vulgares que nos surpreendem e cuja causa é desconhecida. De nenhum modo entra em nossos objetivos examinar se Deus pôde julgar útil, em certas circunstâncias, derogar as leis estabelecidas por ele mesmo; nosso objetivo é unicamente demonstrar que os fenômenos espíritas, por extraordinários que sejam, não derogam de nenhum modo essas leis, não têm nenhum caráter miraculoso, não mais que não são maravilhosos ou sobrenaturais. O milagre não se explica; os fenômenos espíritas, ao contrário, se explicam da maneira mais racional; não são, pois, milagres, mas simples efeitos que tema sua razão de ser nas leis gerais. O milagre tem ainda um outro caráter: é o de ser insólito e isolado. Ora, desde o momento que um fato se reproduz, por assim dizer, à vontade, e por diversas pessoas, isso não pode ser um milagre.

A ciência todos os dias faz milagres aos olhos dos ignorantes: eis porque outrora aqueles que disso sabiam mais do que o vulgo passavam por feiticeiros; e, como se acreditava que toda ciência sobre-humana vinha do diabo, eram queimados. Hoje, que se está muito mais civilizado, contenta-se em enviá-los aos hospícios.

Que um homem realmente morto seja chamado à vida por uma intervenção divina, aí está um verdadeiro milagre, porque é contrário às leis da Natureza. Mas se esse homem não tem senão as aparências da morte, se há ainda nele um resto de *vitalidade latente*, e que a ciência, ou uma ação magnética chega a reanimar, para as pessoas esclarecidas, é um fenômeno natural; mas aos olhos do vulgo ignorante, o f ato passará por miraculoso. Que nomeio de certos camponeses um físico lance um papagaio elétrico e faça cair o raio sobre uma árvore, esse novo Prometeu será certamente visto como armado de uma força diabólica; mas Josué detendo o movimento do Sol, ou antes da Terra, eis o, verdadeiro milagre, porque não conhecemos nenhum magnetizador dotado de um tão grande poder para operar um tal prodígio. De todos os fenômenos espíritas, um dos mais extraordinários, sem contradita, é p da escrita direta, e um daqueles que demonstram, da maneira mais patente, a ação das inteligências ocultas; mas pelo fato de que o fenômeno seja produzido por seres ocultos, ele não é mais miraculoso que todos os outros fenômenos que são devidos a agentes invisíveis, porque esses seres ocultos que povoam os espaços são uma das forças da Natureza, força cuja ação é incessante sobre o mundo material, assim como sobre o mundo moral.

O Espiritismo, em nos esclarecendo sobre essa força, nos dá a chave de uma multidão de coisas inexplicadas, e inexplicáveis por todo outro meio, e que puderam, nos tempos

recuados, passar por prodígios; ele revela, do mesmo modo que o magnetismo, uma lei, se não desconhecida, ao menos mal compreendida, ou, por melhor dizer, conheciam-se os efeitos, porque se produziram em todos os tempos, mas não se conhecia a lei, e foi a ignorância dessa lei que engendrou a superstição. Conhecida essa lei, o maravilhoso desaparece e os fenômenos entram da ordem das coisas naturais. Eis porque os Espíritas não fazem mais milagres em fazendo girar uma mesa, e escreverem os mortos, que o médico em fazendo reviver um moribundo, ou o físico em fazendo cair o raio. Aquele que pretendesse, com a ajuda desta ciência, *fazer milagres*, seria, ou um ignorante da coisa, ou um fazedor de ingênuos.

Os fenômenos espíritas, do mesmo modo que os fenômenos magnéticos, antes que se lhes conhecesse a causa, devem ter passado por prodígios; ora, como os cétricos, os espíritos fortes, quer dizer, aqueles que têm o privilégio exclusivo da razão e do bom senso, não crêem que uma coisa seja possível do momento que não a compreendem; eis porque todos os fatos reputados prodigiosos são o objeto de suas zombarias; e como a religião contém um grande número de fatos deste gênero, eles não crêem na religião, e daí para a incredulidade absoluta não há senão um passo. O Espiritismo, explicando a maioria desses fatos, dá-lhes uma razão de ser. Ele vem, pois, em ajuda da religião em demonstrando a possibilidade de certos fatos que, por não terem mais o caráter miraculoso, não são menos extraordinários, e Deus, com isso, não é menos grande, nem menos poderoso por não ter derogado as suas leis. De quantos gracejos as levitações de São Cupertino não foram objeto? Ora, a suspensão etérea dos corpos pesados é um fato explicado pelo Espiritismo; dela fomos *pessoalmente testemunha ocular*, e o Sr. Home, assim como outras pessoas do nosso conhecimento, renovaram várias vezes os fenômenos produzidos por São Cupertino. Portanto, esse fenômeno entra na ordem das coisas naturais.

Ao número dos fatos deste gênero é necessário colocar em primeira linha as aparições, porque são os mais freqüentes. A de Salette, que divide mesmo o clero, nada tem de insólita para nós. Seguramente, não podemos afirmar que tal fato ocorreu, porque dele não temos a prova material; mas, para nós, ele é possível, tendo em vista que milhares de fatos análogos *recentes* nos são conhecidos; nós neles cremos não somente porque sua realidade foi averiguada por nós, mas sobretudo porque nos damos perfeitamente conta da maneira pela qual eles se produzem. Que se queira bem reportar à teoria que demos das aparições, e verá-se que esse fenômeno torna-se tão simples e tão plausível como uma multidão de fenômenos físicos que não são prodigiosos senão por não se ter deles a chave. Quanto ao personagem que se apresentou à Salette, é uma outra questão; a sua identidade não nos foi de nenhum modo demonstrada; constatamos somente que uma aparição pode ter ocorrido, o resto não é de nossa competência; cada um pode, a esse respeito, guardar as suas convicções, o Espiritismo não tem que disso se ocupar; dizemos somente que os fatos produzidos pelo Espiritismo nos revelam leis novas, e nos dão a chave de uma multidão de coisas que parecem sobrenaturais; se alguns daqueles que passam por miraculosos nele encontram uma explicação lógica, é um motivo para não se apressar em negar aquilo que não se compreende.

Os fatos do Espiritismo são contestados por certas pessoas, precisamente porque parecem sair da lei comum, da qual não se dão conta. Dai-lhes uma base racional, e a dúvida cessa. A explicação, neste século em que não se pagam as palavras, é, pois, um poderoso motivo de convicção; também vemos, todos os dias, pessoas que não foram testemunhas de nenhum fato, que não viram nem uma mesa girar, nem um médium escrever, e que são tão convencidas quanto nós, unicamente porque leram e compreenderam. Se não se devesse crer senão naquilo que se viu com seus olhos, nossas convicções se reduziriam a bem pouca coisa.

História do Maravilhoso e do Sobrenatural

Revista Espírita, setembro de 1860

POR LOUIS FIGUIER.

(Primeiro artigo.)

É um pouco da palavra *maravilhoso* como da palavra *alma*; há um sentido elástico que pode dar lugar a interpretações diversas; por isso, acreditamos útil colocar alguns princípios gerais no artigo precedente, antes de abordar o exame da história que nos dá p Sr. Figuiet. Quando essa obra apareceu, os adversários do Espiritismo bateram as mãos dizendo que, sem dúvida, teríamos pela frente um forte adversário; em seu caridoso pensamento, já nos viam mortos sem retorno; tristes efeitos da cegueira passional e irrefletida; porque, se se dessem ao trabalho de observar o que querem demolir, veriam que o Espiritismo será um dia, e isso mais cedo do que crêem, a salvaguarda da sociedade, e talvez mesmo lhe deverão a sua salvação, não dizemos no outro mundo, com o qual pouco se inquietam, mas neste! Não é levianamente que dizemos estas palavras; não chegou ainda o tempo de desenvolvê-las; mas muitos já nos compreendem.

Voltando ao Sr. Figuiet, nós mesmos pensamos encontrar nele um adversário verdadeiramente sério, trazendo enfim argumentos peremptórios que valessem o trabalho de uma refutação séria. Sua obra compreende quatro volumes; os dois primeiros contêm de início uma exposição de princípios num prefácio e uma introdução, depois um relato de fatos perfeitamente conhecidos, que se lera, contudo, com interesse, por causadas pesquisas eruditas que ocorreram da parte do autor; é, nós o cremos, o relato mais completo que disso se publicou. Assim, o primeiro volume é quase inteiramente consagrado à história de Urbain Grandier e dos religiosos de Loudun; vêm em seguida os convulsionários de Saint-Médard, a história dos profetas protestantes, a varinha adivinhatória, o magnetismo animal. O quarto volume, que acaba de aparecer, trata especialmente das mesas girantes e dos Espíritos batedores. Retornaremos mais tarde sobre este último volume, nos limitando, por hoje, a uma apreciação sumária do conjunto.

A parte crítica das histórias que os dois primeiros volumes encerram consiste em provar, por testemunhos autênticos, que a intriga, as paixões humanas, o charlatanismo, aí desempenharam um grande papel; que certos fatos levam uma marca evidente de malabarismos; mas é o que ninguém contesta; ninguém nunca garantiu a integridade de todos esses fatos; os Espíritos, menos que os outros, devem mesmo agradecer ao Sr. Figuiet por ter juntado provas que evitarão numerosas compilações; eles têm interesse em que a fraude seja desmascarada, e todos aqueles que as descobrirem nos fatos falsamente qualificados de fenômenos espíritas, lhes prestarão serviço; ora, para prestar semelhantes serviços, nada melhor que os inimigos; vê-se, pois, que os próprios inimigos são bons para alguma coisa; somente neles, o desejo da crítica os arrasta, algumas vezes, muito longe, e em seu ardor para descobrir o mal, freqüentemente, vêm-no onde ele não está, por falta de examinar a coisa com bastante atenção ou imparcialidade, o que é ainda mais raro. O verdadeiro crítico deve se defender de idéias preconcebidas, se despojar de todo preconceito, de outro modo ele julga sob seu ponto de vista que, talvez, nem sempre é justo. Tomemos

um exemplo: suponhamos a história política dos acontecimentos contemporâneos escrita com a maior imparcialidade, quer dizer, com uma inteira verdade, e suponhamos essa história comentada por dois críticos de opiniões contrárias; por serem todos os fatos exatos, eles melindrarão forçosamente a opinião de um dos dois; daí dois julgamentos contraditórios: um que levará a obra às nuvens, o outro que a dirá boa para se lançar ao fogo; e todavia a obra não continha senão a verdade. Se assim é para fatos patentes como os da história, com mais forte razão quando se trata da apreciação de doutrinas filosóficas; ora, o Espiritismo é uma doutrina filosófica, e aqueles que não o vêm senão no fato das mesas girantes, ou que o julgam sobre contos absurdos, sobre o abuso que dele se pode fazer, que o confundem com os meios de adivinhação, provam que não o conhecem. O Sr. Figuier está nas condições requeridas para julgá-lo com imparcialidade? É o que se trata de examinar.

O Sr. Figuier inicia assim em seu prefácio:

"Em 1854, quando as mesas girantes e falantes, importadas da América, fizeram a sua aparição na França, elas aí produziram uma impressão que ninguém esqueceu. Muitos espíritos sábios e refletidos ficaram assustados com esse excesso imprevisto da paixão do maravilhoso. Não podiam compreender *um tal descaminho* em pleno décimo-nono século, com uma filosofia avançada e no meio desse magnífico movimento científico que dirige tudo hoje para o positivo e o útil."

Seu julgamento está pronunciado: a crença nas mesas girantes é um descaminho. Como o Sr. Figuier é um homem positivo, deve-se pensar que, antes de publicar o seu livro, tudo viu, tudo estudou, tudo aprofundou, em uma palavra, que fala com conhecimento de causa. Se o fora de outro modo, cairia no erro dos Srs. Schiff e Jobert (deLamballe) com a sua teoria do músculo estalante. (Ver a Revista do mês de junho de 1859.) E, todavia, é do nosso conhecimento que, há um mês apenas, ele assistiu a uma sessão onde provou que é estranho aos princípios mais elementares do Espiritismo. Dir-se-á suficientemente esclarecido porque assistiu a uma sessão? Certamente não duvidamos de sua perspicácia, mas, por grande que seja, não poderíamos admitir que ele possa conhecer e, sobretudo, compreender o Espiritismo em uma sessão, que não aprendeu a física em uma lição; se o Sr. Figuier pudesse fazê-lo, teríamos o fato por um dos mais maravilhosos. Quando ele tiver estudado o Espiritismo com tanto cuidado como se tem com o estudo de uma ciência, que tiver consagrado um tempo moral necessário, que tiver assistido a *alguns milhares de* experiências, que se tiver dado conta de todos os fatos sem exceção, que tiver comparado todas as teorias, então somente poderá fazer uma crítica judiciosa; até lá o seu julgamento é uma opinião pessoal, que não terá mais peso no pró que no contra.

Tomemos a coisa de um outro ponto de vista. Dissemos que o Espiritismo repousa inteiramente sobre a existência, em nós, de um princípio imaterial, dito de outro modo, sobre a existência da alma. Aquele que não admite um Espírito em si, não pode admiti-lo fora de si; por consequência, não admitindo a *causa*, não pode admitir o efeito. Gostaríamos, pois, de saber se o Sr. Figuier poderia colocar, na cabeça de seu livro, a profissão de fé seguinte:

1ª Eu creio em Deus, autor de todas as coisas, todo-poderoso, soberanamente justo e bom, e infinito em suas perfeições;

2ª Eu creio na *providência* de Deus;

3ª Eu creio na existência da alma sobrevivente ao corpo, e em sua individualidade depois da morte. Nisso creio não como uma *probabilidade*, mas como uma coisa necessária e

conseqüente dos atributos da Divindade;

4ª Admitindo a alma e a sua sobrevivência, eu creio que não seria nem segundo a justiça, nem segundo a bondade de Deus, que o bem e o mal fossem tratados no mesmo pé depois da morte, então que, durante a vida, tão raramente recebem a recompensa ou o castigo que merecem;

5ª Se a alma do mau e do bom não são tratadas do mesmo modo, há, pois, as que são felizes ou infelizes, quer dizer, que são recompensadas ou punidas segundo as suas obras.

Se o Sr. Figuiet fizer uma tal profissão de fé, nós lhe diremos: Essa profissão é a de todos os Espíritas, porque sem isso o Espiritismo não teria nenhuma razão de ser; somente que, o que credes teoricamente o Espiritismo o demonstra pelos fatos; porque todos os fatos espíritas são a conseqüência desses princípios. Os Espíritos que povoam os espaços, não sendo outra coisa que as almas daqueles que viveram sobre a Terra, ou em outros mundos, do momento que se admite a alma, a sua sobrevivência e a sua individualidade, admite-se, por isso mesmo, os Espíritos. Estando a base reconhecida, toda a questão é saber se esses Espíritos, ou essas almas, podem se comunicar com os vivos; se têm uma ação sobre a matéria; se influem sobre o mundo físico e o mundo moral; ou bem se estão devotadas a uma inutilidade perpétua, ou a não se ocuparem senão delas mesmas, o que é pouco provável, se se admite a providência de Deus, e se se considera a admirável harmonia que reina no Universo, onde o menor ser desempenha o seu papel.

Se a resposta do Sr. Figuiet fosse negativa, ou somente polidamente dúbia, para nos servir da expressão de certas pessoas, a fim de não chocar muito bruscamente preconceitos respeitáveis, nós lhe diríamos: não sois juiz mais competente em relação ao Espiritismo do que um muçulmano com respeito à religião católica; o vosso julgamento não seria imparcial, e seria em vão que vos defenderíeis de trazer idéias preconcebidas, porque estas idéias estão em vossa opinião, mesmo tocando o princípio fundamental que rejeitais *a priori*, e antes de conhecer a coisa.

Se um corpo sábio nomeasse um relator para examinar a questão do Espiritismo, e que esse relator não fosse francamente *Espiritualista*, valeria tanto quanto se um concílio escolhesse Voltaire para tratar de uma questão de dogma. Espanta-se, diga-se de passagem, que os corpos sábios não hajam dado o seu parecer; mas esquece-se de que a sua missão é o estudo das leis da matéria e não as dos atributos da alma, e ainda menos de decidir se a alma existe. Sobre tais assuntos eles podem ter opiniões individuais, como podem tê-las sobre a religião; mas, como corporação, nunca terão que se pronunciar.

Não sabemos o que o Sr. Figuiet responderia às perguntas formuladas na profissão de fé acima, mas seu livro pode fazê-lo pressentir. Com efeito, o segundo parágrafo de seu prefácio está assim concebido:

"Um conhecimento exato da história do passado teria prevenido, ou ao menos muito diminuído, esse espanto. Seria, com efeito, um grande erro imaginar que as idéias que geraram em nossos dias a crença nas mesas falantes e nos Espíritos batedores, são de origem moderna. Esse amor do maravilhoso não é particular à nossa época; ele é de todos os tempos e de todos os países, porque se prende à própria natureza do espírito humano. *Por uma instintiva e injusta desconfiança de suas próprias forças, o homem é levado a colocar, acima dele, invisíveis forças se exercendo numa esfera inacessível.* Essa disposição *nativa* existiu em todos os períodos da história da Humanidade, e revestindo, segundo os tempos,

os lugares e os costumes, aspectos diferentes, ela deu nascimento a manifestações variáveis em sua forma, mas tendo no fundo o mesmo princípio."

Uma vez que disse que *é por uma instintiva e injusta desconfiança de suas próprias forças que o homem é levado a colocar, acima dele, invisíveis forças se exercendo numa esfera inacessível*, é reconhecer que o homem é *tudo*, que ele pode tudo, e que acima dele nada há; se não nos enganamos, isso não é somente do materialismo, mas do ateísmo. Estas idéias, de resto, ressaltam de uma multidão de outras passagens de seu prefácio e de sua introdução, sobre os quais chamamos toda a atenção de nossos leitores, e estamos persuadidos de que elas os levarão ao mesmo julgamento nosso. Dir-se-á que essas palavras não se aplicam à Divindade mas aos Espíritos? Nós lhes responderemos que, então, eles não conhecem a primeira palavra do Espiritismo, uma vez que negar os Espíritos é negar a alma: sendo os Espíritos e as almas uma só e mesma coisa; que os Espíritos não exercem a sua força numa esfera inacessível, uma vez que estão ao nosso lado, nos tocando, agindo sobre a matéria, a exemplo de todos os fluidos imponderáveis e invisíveis que, contudo, são os mais poderosos motores e os agentes mais ativos da Natureza. Só Deus exerce o seu poder numa esfera *inacessível* aos homens; negar esse poder, é, pois, negar a Deus. Dir-se-á, enfim, que esses efeitos, que atribuímos aos Espíritos, sem dúvida, são devidos a alguns desses fluidos? Isso seria possível; mas, então, nós lhes perguntaremos como fluidos *ininteligentes* podem dar efeitos *inteligentes*.

O Sr. Figuier constata um fato capital em dizendo que esse *amor do maravilhoso é de todos os tempos e de todos os países, porque ele se prende à própria natureza do espírito humano*. O que ele chama amor do maravilhoso é muito simplesmente a crença instintiva, *nativa*, como ele disse, na existência da alma e em sua sobrevivência ao corpo, crença que revestiu formas diversas segundo os tempos e os lugares, mas tendo no fundo um princípio idêntico. Esse sentimento inato, universal no homem, Deus ter-lhe-ia inspirado para se divertir com ele? Para lhe dar aspirações impossíveis de se realizarem? Crer que isso possa ser assim, é negar a bondade de Deus, é mais, é negar o próprio Deus.

Se quer outras provas daquilo que avançamos? Vejamos ainda algumas passagens de seu prefácio:

"Na Idade Média, quando uma religião nova transformou a Europa, o maravilhoso tomou domicílio nessa mesma religião. Crê-se nas possessões diabólicas, nos feiticeiros e nos mágicos. Durante uma série de séculos, essa crença foi sancionada por uma guerra sem trégua e sem misericórdia, feita aos infelizes que eram acusados de um secreto comércio com os demônios ou com os mágicos seus cúmplices.

"Pelo fim do décimo-sétimo século, na aurora de uma filosofia tolerante e esclarecida, o diabo caiu em desuso, e a acusação de magia começa a ser um argumento usado, mas o maravilhoso não perde os seus direitos por isso. Os milagres floresceram a porfia nas igrejas das diversas comunhões cristãs; crê-se, ao mesmo tempo, na varinha adivinhatória, ou se reporta aos movimentos de um bastão em forquilha para procurar os objetos do mundo físico e se esclarecer sobre as coisas do mundo moral. Continua-se, nas diversas ciências, a admitir a intervenção de influências sobrenaturais, precedentemente introduzidas por Paracelso.

"No décimo-oitavo século, apesar da voga da filosofia cartesiana, ao passo que, sobre as matérias filosóficas, todos os olhos se abriram as luzes do bom senso e da razão, no século de Voltaire e da enciclopédia, só o maravilhoso resiste à queda de tantas crenças até aqui veneradas. Os milagres pululam ainda."

Se a filosofia de Voltaire, *que abriu os olhos à luz do bom senso e da razão*, e solapou tantas superstições, não pôde desarraigar a idéia *nativa* de um poder oculto, não seria porque essa idéia é inatacável? A filosofia do décimo-oitavo século flagelou os abusos, mas se deteve contra a base. Se esta idéia triunfou dos golpes que lhe deu o apóstolo da incredulidade, o Sr. Figuier espera ser mais feliz? Nós nos permitimos disso duvidar.

O Sr. Figuier faz uma singular confusão de crenças religiosas, milagres e da varinha adivinhatória; tudo isto, para ele, sai da mesma fonte: a superstição, a crença no maravilhoso.

Não empreenderemos defender aqui esse pequeno bastão em forquilha que teria a singular propriedade de servir *para a procura do mundo físico*, pela razão de que não aprofundamos a questão, e que temos por princípio não louvar ou criticar *senão o que conhecemos*; mas, se quiséssemos raciocinar por analogia, perguntaríamos ao Sr. Figuier se a pequena agulha de aço com a qual o navegador encontra a sua rota, não tem uma virtude tão maravilhosa quanto o pequeno bastão forquilhado? Não, direis, porque conhecemos a causa que a faz agir, e essa causa é toda física. Antes que se conhecesse a teoria da bússola, que teríeis pensado, se vivêsseis nessa época, então que os marinheiros não tinham por guia *senão as estrelas*, que, freqüentemente, lhes faltavam, que teríeis pensado, dizemos, de um homem que viesse dizer: Tenho ali, numa pequena caixa, não maior que uma bomboneira, uma pequenina agulha com a qual os maiores navios podem se dirigir com certeza; que indica a rota para todos os tempos com a precisão de um relógio? Ainda uma vez, não defendemos a varinha adivinhatória, e ainda menos o charlatanismo que dela se apoderou; mas perguntamos somente o que haveria de mais sobrenatural em que um pequeno pedaço de madeira, em circunstâncias dadas, fosse agitado por um eflúvio terrestre invisível, como a agulha imantada o é pela corrente magnética, que não se vê mais? É que esta agulha não *serve também para a procura das coisas do mundo físico*? É que ela não está influenciada pela presença de uma mina de ferro subterrânea? O maravilhoso é idéia fixa do Sr. Figuier; é seu pesadelo; ele o vê por toda parte onde haja alguma coisa que ele não compreenda. Mas pode somente, ele, sábio, dizer como germina e se reproduz o menor grão? Qual é a força que faz a flor girar para a luz? o que, sob a terra, atrai as raízes para um terreno propício, e isso através dos obstáculos mais duros? Estranha aberração do espírito humano, que crê tudo saber e não sabe nada; que esmigalha sob os pés maravilhas sem nome, e nega um poder sobre-humano!

Estando a religião fundada sobre a existência de Deus, essa força sobre-humana que se exerce numa esfera inacessível; sobre a alma que sobrevive ao corpo, em conservando a sua individualidade, e por conseqüência a sua ação, tem por princípio o que o Sr. Figuier chama de maravilhoso. Se tivesse se limitado a dizer que entre os fatos chamados maravilhosos há ridículos, absurdos, dos quais a razão faz justiça, nós o aplaudiríamos por isso, com todas as nossas forças, mas não poderíamos ser do seu parecer quando ele confunde, na mesma reprovação o princípio e o abuso do princípio; quando nega a existência de todo poder acima da Humanidade. Esta conclusão, aliás, está formulada de maneira inequívoca na passagem seguinte:

"Destas discussões, cremos que resultará para o leitor a perfeita convicção da *não existência de agentes sobrenaturais*, e a certeza de que todos os prodígios que excitaram, em diversos tempos, a surpresa ou a admiração dos homens, se explicam com *o só conhecimento de nossa organização fisiológica*. A *negação* do maravilhoso, tal é a conclusão a tirar deste livro, que poderia se chamar *o maravilhoso explicado*; e se chegarmos ao objetivo que nos propusemos alcançar, teremos a convicção de ter prestado um verdadeiro serviço para o bem das pessoas."

Fazer conhecer os abusos, desmascarar a fraude e a hipocrisia por onde se encontrem, sem contradita, é prestar um grande serviço; mas cremos que é prestar um muito mau serviço à sociedade, tanto quanto aos indivíduos, em atacar o princípio porque se pôde dele abusar; é querer cortar uma boa árvore, porque deu um fruto vidrado. O Espiritismo bem compreendido, dando a conhecer a causa de certos fenômenos, mostra o que é possível e o que não o é, e, por isso mesmo, tende a destruir as idéias verdadeiramente supersticiosas; mas, ao mesmo tempo, mostrando o princípio, dá um objetivo ao bem; fortifica nas crenças fundamentais que a incredulidade procura atacar vivamente sob o pretexto de abuso; ele combate a praga do materialismo, que é a negação do dever, da moral e de toda esperança, e é nisso que dizemos que será um dia a salvaguarda da sociedade.

Estamos, de resto, longe de nos lamentar da obra do Sr. Figuier; sobre os adeptos não pode ter nenhuma influência, porque reconhecerão togo os pontos vulneráveis; sobre os outros, terá o efeito de todas as críticas: o de provocar a curiosidade. Depois da aparição, ou melhor, da reaparição do Espiritismo, muito se escreveu contra; não lhe pouparam nem os sarcasmos nem as injúrias; não há senão uma coisa da qual não teve a honra, é a fogueira, graças aos costumes do tempo; isso o impediu de progredir? De nenhum modo, porque ele conta hoje adeptos aos *milhões* em todas as partes do mundo, e todos os dias eles aumentam. Para isso a crítica, sem o querer, tem muito contribuído, porque o seu efeito, como dissemos, é provocar o exame; quer-se ver o pró e o contra, e se espanta em encontrar uma doutrina racional, lógica, consoladora, acalmando as angústias da dúvida, resolvendo o que nenhuma filosofia pôde resolver, ali onde se esperava não encontrar senão uma crença ridícula. Quanto mais o nome do contraditor é conhecido, mais a sua crítica repercute, e mais ela pode fazer de bem em chamando a atenção dos indiferentes. Sob este aspecto, a obra do Sr. Figuier está nas melhores condições; por outro lado, ele escreveu de maneira séria, e não se arrasta na lama de injúrias grosseiras e de personalismos, únicos argumentos dos críticos de baixa classe. Uma vez que pretende tratar a coisa do ponto de vista científico, e a sua posição lho permite, ver-se-á, pois, aí a última palavra da ciência contra esta doutrina, e então o público saberá a que se prender. Se a sábia obra do Sr. Figuier não tiver o poder de lhe dar o golpe de misericórdia, duvidamos que outros sejam mais felizes; para combatê-la com eficácia, não há senão um meio, e com prazer lho indicamos. Não se destrói uma árvore cortando-lhe os ramos, mas cortando-lhe a raiz. É necessário, pois, atacar o Espiritismo pela raiz e não pelos ramos que renascem à medida que são cortados; ora, as raízes do Espiritismo, deste *descaminho* do décimo-nono século, para nos servir de sua expressão, são a alma e seus atributos; que ele prove, pois, que a alma não existe, e nem pode existir, porque sem *almas* não haverá mais *Espíritos*. Quando ele tiver provado isto, o Espiritismo não terá mais razão de ser e nos confessaremos vencidos. Se o seu ceticismo não vai até aí, que ele prove, não por u ma simples negação, mas por uma demonstração matemática, física, química, mecânica, fisiológica ou qualquer outra:

- 1ª Que o ser que pensa durante a sua vida não deve mais pensar depois de sua morte;
- 2ª Que se ele pensa, não deve mais querer se comunicar com aqueles que amou;
- 3ª Que se ele pode estar por toda a parte, não pode estar ao nosso lado;
- 4ª Que se está ao nosso lado, não pode se comunicar conosco;
- 5ª Que pelo seu envoltório fluídico ele não pode agir sobre a matéria inerte;
- 6ª Que se ele pode agir sobre a matéria inerte, ele não pode agir sobre um ser animado;

7ª Que se ele pode agir sobre um ser animado, não pode dirigir a sua mão para fazê-lo escrever;

8ª Que podendo fazê-lo escrever, não pode responder às suas perguntas e transmitir-lhe o seu pensamento.

Quando os adversários do Espiritismo nos tiverem demonstrado que isso não se pode, por razões tão patentes como aquelas pelas quais Galileu demonstrou que não é o Sol que gira ao redor da Terra, então poderemos dizer que as suas dúvidas são fundadas; infelizmente, até este dia, toda a sua argumentação se resume nestas palavras: *Eu não creio, portanto, isto é impossível*. Eles nos dirão, sem dúvida, que cabe a eles provar a realidade das manifestações; nós lhes provamos pelos fatos e pelo raciocínio; se não admitem nem a uns nem ao outro, se negam o que vêem, cabe a eles provar que o nosso raciocínio é falso e que os fatos são impossíveis.

Num outro artigo examinaremos a teoria do Sr. Figuier; desejamos por ele que ela seja de melhor quilate que a do músculo es-talante de Jobert (de Lamballe).

Correspondência - Carta do Sr. Jobard sobre Thilorier

Revista Espírita, setembro de 1860

Ao Sr. Presidente da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas.

Senhor Presidente,

Permiti-me alguns esclarecimentos oportunos sobre *Tillorier* e suas descobertas (ver a Revista de agosto de 1860). *Tillorier* era meu amigo, e quando ele montou o plano de seu aparelho em ferro fundido, para liqüefazer o gás ácido carbônico, eu lhe disse que, apesar da espessura das paredes, ele explodiria, como os canhões, depois de um certo número de experiências, e convidei-o a fazê-lo rodear de ferro batido, como se faz hoje para os canhões de ferro fundido, mas ele se limitou a juntar-lhe nervuras.

Nunca um aparelho desse gênero explodiu em suas mãos, porque teria sido morto como o jovem Frémy; mas a comissão da Academia se mantinha prudentemente atrás das paredes enquanto ele preparava tranqüilamente a sua experiência. Ele era surdo, então, há vários anos, o que o forçara a dar a sua demissão de controlador dos correios. A única explosão que teve foi a da coronha de um fuzil a ar, cheio de gás ácido carbônico, que depositou ao sol sobre a grama de um jardim.

Esta experiência, que eu lhe sugerira, assim como o Sr. Galy Cazala, fez-lhe ver a que alta pressão poderia se elevar o gás ácido carbônico, e o perigo de seu emprego em armas de guerra. Quanto a Galy, ele teve a idéia de substituir o gás hidrogênio em lugar do gás ácido carbônico, mas este nunca ultrapassou a 28 atmosferas; era muito pouco: sem isso, a pólvora teria sido utilmente suprimida, porque o seu mecanismo era dos mais simples, e um pequeno cilindro de cobre conteria facilmente cem tiros sucessivamente, seguidos do restabelecimento quase instantâneo da pressão, pela decomposição da água, no meio do ácido sulfúrico e da granalha de zinco. Se os nossos químicos encontrassem um gás que pudesse ser produzido em pressão média, entre a do ácido carbônico e do hidrogênio, o problema estaria resolvido. *Eis o que seria bom pedir a Lavoisier, Berzélius ou Dalton.*

Na véspera de sua morte, *Tillorier* me explicava um novo aparelho, quase terminado, com o objetivo de fazer o ar atmosférico, por pressões sucessivas capazes de suportar de 500 a 1000 atmosferas. Terão vendido esta bela máquina ao cobre velho. Eu disse que *Tillorier* era extremamente surdo, de sorte que, entrando em seu gabinete da praça Vendôme algumas semanas antes de sua morte, eu gritava em conseqüência; ele tapou as orelhas com suas duas mãos dizendo-me que iria retornar-lhe a surdez, da qual foi felizmente livrado pelo magnetizador Lafontaine, hoje em Genebra. Eu saí maravilhado com a cura da qual anunciei a nova, na mesma noite, aos meus dois amigos Galy Cazala e o capitão Delvigne, com os quais passeava na praça da Bourse, quando percebemos *Tillorier* com a orelha colada à vitrine de um magazine onde alguém tocava o piano; ele parecia no êxtase de poder gozar da música moderna que não ouvia há longos anos. Ah! Claro! disse aos meus dois incrédulos, eis a peça da convicção; passai atrás de nosso homem e pronunciai seu nome num tom ordinário. *Tillorier* se voltou vivamente, reconheceu seus amigos que fizeram um giro pelo

bulevar, conversando com ele normalmente. Delvigne, que se encontra neste momento em meu escritório, se lembra perfeitamente deste fato muito interessante para o magnetismo. Estava alegre em certifi-cá-lo aos nossos acadêmicos depois de um mês, dizia Tillorier, eles não querem crer que pude estar curado sem os remédios de sua farmacopéia, que não curam nada, porque os empreguei todos sem sucesso, ao passo que os dois dedos de La Fontaine me devolveram todo o ouvido em duas sessões. Eu me lembro que, encantado com o magnetismo, Tillorier chegara a mudar os pólos de uma barra imantada que tinha nas mãos, só pelo esforço de sua vontade.

A morte desse sábio inventor nos privou de uma multidão de descobertas, das quais me falara, e que levou para o túmulo. Ele era tão sagaz quanto esse bom Darcet, que igualmente vira pleno de saúde na véspera de sua morte, e que me mostrara meus livros todos descosturados e cobertos de nódoas, dizendo-me que estava seguro de me dar maior prazer em mos apresentando nesse estado, do que bem encadernados e dourados, enfileirados na biblioteca. É singular, me dizia, o quanto as nossas idéias se parecem, se bem que não fomos alunos na mesma escola. Depois me contou o desgosto que sentira por ter sido maltratado a propósito de sua gelatina nutritiva, que ele melhor fizera, dizia, em vendê-la a um centavo a libra aos pobres sob a Pont-Neuf, que apresentá-la aos acadêmicos que pagam por ela 15 francos nas lojas de comestíveis, e que pretendem que ela não alimenta. Evocai, pois, este bravo tecnologista.

Arago nos ensina que as pretensas manchas do Sol não são senão restos de planetas que vêm se enriquecer, no foco da eletricidade, dos fluidos que lhes faltam, para se constituírem num cometa que começará seu curso num século. Esses restos, grandes como a Europa, estão a mais de 500.000 léguas do Sol; e chegados ao último limite de sua atração, quando a Terra tiver descrito, sobre a sua elíptica, em tomo de um quarto de seu percurso, quer dizer, mais ou menos em três meses (nós estamos em 6 de julho), esses restos, inseparáveis de sua constelação, terão desaparecido aos nossos olhos.

A Academia se ocupa com a nossa Memória sobre a catalepsia, que errastes em lançar no cesto das ex-comunicações. Não importa, a isto retornareis.

Aceitai, etc. Jobard

Nota. Agradecemos ao Sr. Jobard pelos interessantes detalhes que consentiu em nos dar sobre Tillorier, e que são tanto mais preciosos porque são autênticos. Gosta-se sempre de saber a verdade sobre os homens que marcaram seu lugar durante a sua vida.

O Sr. Jobard está errado se crê que colocamos no cesto das esquecidas a Notícia que o Sr. B... nos enviou sobre acatalepsia. Primeiro, ela foi lida na Sociedade, assim como o constatam as atas de 4 e 11 de maio, publicadas na *Revista* de junho de 1860, e o original, em lugar de ser descartado, está cuidadosamente conservado nos arquivos da Sociedade. Se não publicamos esse volumoso documento, foi precisamente porque, se devêssemos publicar tudo o que nos é endereçado, ser-nos-iam necessários dez volumes por ano, e, em segundo lugar, cada coisa deve vir a seu turno; mas do fato de que uma coisa não foi publicada não é necessário crer que esteja perdida por isso; nada está perdido do que é comunicado, seja a nós, seja à Sociedade, e nós a reencontramos sempre, para dela fazer nosso proveito, quando o momento oportuno é chegado. Eis do que, as pessoas que querem bem nos endereçar documentos, devem se persuadir; o tempo material nos falta freqüentemente para lhes responder tão prontamente e tão longamente como, sem dúvida, conviria fazê-lo, mas como responder com detalhes a milhares de cartas por ano, quando se está obrigado a fazer tudo por si mesmo, e que não se tem secretário para ajudar? Seguramente, a jornada não

bastará para tudo o que temos a fazer, se nós não lhe consagrarmos uma parte de nossas noites.

Isto dito para a nossa justificativa pessoal, acrescentaremos, a respeito da teoria da formação da Terra contida na Memória acima mencionada, e do estado cataléptico dos seres vivos em sua origem, que foi aconselhado à Sociedade esperar antes de prosseguir esse estudo, que documentos mais autênticos lhe sejam fornecidos. "é necessário desconfiar, foi-lhe dito pelos guias espirituais, das idéias sistemáticas dos Espíritos, tão bem quanto dos homens, e não aceitá-las levemente, e sem controle, se não se quer expor-se a ver desmentido mais tarde o que se tiver aceito com muita precipitação. É porque tomamos interesse nos vossos trabalhos que queremos vos manter em guarda contra um escolho onde tantas imaginações ardentes se chocaram, seduzidas por aparências enganosas. Lembrai-vos de que há uma só coisa em que nunca sereis enganados, é sobre o que toca ao aprimoramento moral dos homens ; aí está a verdadeira missão dos bons Espíritos; mas não credes que esteja em seu poder vos descobrir o que é segredo de Deus; não credes, sobretudo, que estejam encarregados de aplainar o rude caminho da ciência; a ciência não é adquirida senão ao preço do trabalho e de pesquisas assíduas. Quando o tempo é chegado para revelar uma descoberta útil para a Humanidade, nós procuramos o homem capaz de conduzi-la a bom fim; nós lhe inspiramos a idéia para dela se ocupar, e disso lhe deixamos todo o mérito; mas, onde estaria o trabalho, onde estaria o mérito, se lhe bastasse perguntar aos Espíritos os meios de adquirir sem trabalho ciência, honras e riquezas? Sede, pois, prudentes, e não entreis num caminho onde não sentiríeis senão decepções, e que em nada contribui para o vosso adiantamento. Aqueles que se deixam arrastar por isso, reconhecerão um dia o quanto estavam em erro, e lamentarão não haverem empregado melhor o seu tempo."

Tal é o resumo das instruções que os Espíritos muitas vezes deram à Sociedade, assim como a nós. Pudemos mesmo reconhecer-lhe a sabedoria por experiência; por isso, as comunicações relativas às pesquisas científicas não têm para nós senão uma importância secundária. Não as repelimos; acolhemos tudo o que nos é transmitido, porque em tudo há alguma coisa a aprender; mas não a aceitamos senão sob o benefício de inventário, nos guardando de juntar-lhe uma fé cega e irrefletida: observamos e esperamos. Ó Sr. Jobard, que é um homem positivo e de um grande senso, compreenderá melhor que ninguém que esta marcha é a melhor para se preservar do perigo das utopias. Certamente, não será a nós que se acusará de querer permanecer atrás, mas queremos evitar de colocar o pé em falso, e tudo o que poderia comprometer o crédito do Espiritismo, dando prematuramente como verdades incontestáveis, o que não é ainda senão hipotético.

Pensamos que estas observações serão igualmente apreciadas por outras pessoas, e que elas compreenderão, sem dúvida, o inconveniente de antecipar no tempo para certas publicações; a experiência lhes mostrará a necessidade de nem sempre se completar por isso a impaciência de alguns Espíritos. Os Espíritos verdadeiramente superiores (não falamos daqueles que se dão por tais) são muito prudentes, e ó um dos caracteres pelos quais se pode reconhecê-los.

Dissertações Espíritas

Revista Espírita, setembro de 1860

Obtidas ou lidas na Sociedade por diversos médiuns.

O sonho.

Eu vou te contar uma história do outro mundo, onde estou. Figura-te um céu azul, um mar calmo e verde, rochedos bizarramente talhados; nada de verdura, senão as dos pálidos líquens, pendurados nas fendas das pedras. Eis a paisagem. Não posso, como um simples romancista, comprazer-me em dar-te os detalhes. Para povoar esse mar, esses rochedos, não se procuraria senão a um poeta, sentado, sonhador, e refletindo em sua alma, como num espelho, a calma bonita da Natureza, que não falava menos ao seu coração do que aos seus olhos. Esse poeta, esse sonhador, era eu. Onde? Quando se passa o meu relato? Que importa!

Portanto, eu escutava, olhava, emocionado e penetrado pelo encanto profundo da grande solidão; de repente, vi surgir uma mulher, de pé sobre o ponto culminante do rochedo; ela era grande, morena e pálida. Seus longos cabelos negros flutuavam sobre a roupa branca; ela olhava direto diante dela, com uma estranha fixação. Eu me levantara, transportado de admiração, porque esta mulher, florescendo de repente sobre o rochedo, me parecia ser o próprio sonho, o divino sonho que, tão freqüentemente, eu evocara com estranhos transportes. Aproximei-me; ela, sem se mexer, estendeu seus braços nus e soberbos para o mar e, como inspirada, cantou com uma voz doce e lamentosa. Eu a escutava, tomado de uma mortal tristeza, e repetia mentalmente as estrofes que escorriam de seus lábios, como de uma fonte viva. Então, ela se virou para mim, e fui como envolvido na sombra de sua branca roupagem.

- Amigo, disse ela, escutai-me; menos profundo é o mar com ondas variantes; menos duros são os rochedos que não é o amor, o cruel amor que despedaça um coração de poeta; não escute a sua voz que empresta todas as seduções da onda, do ar, do Sol, para abraçar, penetrar e queimar a sua alma que treme e deseja sofrer do mal do amor. Assim ela dizia; eu a escutava e sentia meu coração se fundir numa enlevação divina; quisera me aniquilar no sopro puro que saía de sua boca.

- Não, repetiu ela, amigo, não lutes contra o gênio que te possui; deixa-te transportar sobre suas asas de fogo nas riosas esferas; esquece, esquece a paixão que te fará rastejar, tu, águia, destinada aos cimos elevados; escuta as vozes que te chamam aos celestes concertos; alça teu vôo, pássaro sublime; o gênio é solitário; marcado com seu selo divino, não podes te tornar escravo de uma mulher.

Ela dizia, e a sombra avançava, e o mar, de verde se tornava negro, e o céu se ensombrecia e os rochedos se perfilavam sinistros.

Ela, mais radiosa ainda, parecia se coroar com estrelas que pareciam iluminar seus fogos cintilantes, e sua roupa, branca como a espuma que agitava a praia, se desenrolava em pregas imensas. - Não me deixes, disse-lhe enfim: leva-me em teus braços ; deixa teus

negros cabelos se virem de laços que me reterão cativo; deixa-me viver em teu clarão, ou morrer em tua sombra.

- Vem, pois, repetiu ela com uma voz distinta, mas que parecia distante; vem, uma vez que preferes o sonho que adormece o gênio, ao gênio que esclarece os homens; vem, não te deixarei mais, e ambos feridos com uma mortal ferida, passaremos enlaçados como o grupo de Dante; não temas que eu te abandone, ó meu poeta! O sonho te sagra para a felicidade e para o desdém dos homens, que não abençoarão teus cantos senão quando não estiverem mais irritados pelo clarão de teu gênio

E, então, senti um forte abraço que me elevava do solo; não vi mais senão as vestes brancas que me envolviam como uma auréola, e fui consumido pela posse do sonho que, para sempre, me separava dos homens.

Alfred de Musset.

Sobre os trabalhos da Sociedade.

Eu vos falarei da necessidade, em vossas sessões, de observar a maior regularidade; quer dizer, evitar toda confusão, toda divergência nas idéias. A diversidade favorece a substituição dos maus Espíritos aos bons, e quase sempre esses são os primeiros que se apoderam das perguntas propostas. De outra parte, numa reunião composta de elementos diversos e desconhecidos uns dos outros, como evitar as idéias contraditórias, as distrações ou pior ainda: uma vaga e escarnekedora indiferença? Esse meio, eu queria encontrá-lo eficaz e certo. Talvez esteja na concentração de fluidos esparsos ao redor dos Médiuns. Só eles, mas sobretudo aqueles que são amados, retêm os bons Espíritos na assembléia; mas a sua influência basta apenas para dissipar toda a turba de Espíritos estouvados. O trabalho do exame das comunicações é excelente; não se poderia mais aprofundar as questões e sobretudo as respostas; o erro é fácil, mesmo para os Espíritos animados das melhores intenções; a lentidão da escrita, enquanto aquele Espírito se desvia do assunto que ele esgotou todo que o concebeu; a mobilidade e a indiferença para certas formas convencionadas, todas estas razões e muitas outras, vos fazem um dever não ter senão uma confiança limitada, e sempre subordinada ao exame, mesmo quando se trata das comunicações mais autênticas.

Sobre isto, que Deus tome todos os verdadeiros Espíritas sob a sua santa guarda.

Georges (*Espírito familiar*).

Aviso

Revista Espírita, setembro de 1860

A segunda edição do Livro dos Espíritos, publicada em Março de 1860, esgotou-se em 4 meses. Uma terceira edição acaba de ser liberada.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Terceiro Ano – 1860

Outubro

- Uma sessão entre os Espíritas
 - Resposta do Sr. Allan Kardec à *Gazette de Lyon*
- Banquete oferecido pelos Espíritas lioneses ao Sr. Allan Kardec
 - Resposta do Sr. Allan Kardec
- Sobre o valor das comunicações espíritas, pelo Sr. Jobard
- Dissertações Espíritas
 - Formação dos Espíritos (Georges)
 - Os Espíritos errantes (Georges)
 - O castigo (Georges)
 - Marte (Georges)
 - Júpiter (Georges)
 - Os puros Espíritos (Georges)
 - Morada dos bem-aventurados (Georges)
 - A reencarnação (Zénon)
 - O despertar do Espírito (Georges)
 - Progresso dos Espíritos (Georges)
 - A caridade material e a caridade moral (Irmã Rosalie)
 - A eletricidade do pensamento (Delphine de Girardin)
 - A hipocrisia (Lamennais)

Uma sessão entre os Espíritas

Revista Espírita, outubro de 1860

Sob o título de: *Uma sessão entre os Espíritas*, a *Gazette de Lyon* publicou, em seu nº de 2 de agosto de 1860, o artigo seguinte, ao qual o Sr. Allan Kardec, durante a sua permanência em Lyon, deu a resposta que se encontrará adiante, mas que esse jornal ainda não julgou oportuno reproduzir.

- Chamam-se Espíritas certos alucinados que, tendo rompido com todas as crenças religiosas de sua época e de seu país, fazem, todavia, profissão de se crerem em relação com os Espíritos.

Gerado pelas mesas girantes, o Espiritismo, entretanto, não é senão uma das mil formas desse estado patológico no qual o cérebro humano pode cair, quando se deixa levar a essas mil aberrações das quais a antigüidade, a Idade Média e os tempos atuais não deram senão muitos exemplos.

Condenados prudentemente pela Igreja, todas essas pesquisas misteriosas que saem do domínio dos fatos positivos, não têm outro resultado que o de produzirem a loucura naqueles que delas se ocupam, supondo que este estado de loucura já não tenha passado ao estado crônico no cérebro dos adeptos, o que está longe de ser demonstrado.

Os Espíritas têm um jornal em Paris, e basta ler-lhe algumas passagens para se assegurar de que não exageramos nada. A inépcia das perguntas dirigidas aos Espíritos que são evocados, não têm igual senão a inépcia de suas respostas, e se lhes pode dizer, com razão, que não vale a pena retornar do outro mundo para dizer tantas bagatelas.

Breve essa loucura nova, renovada das antigas, virá cair sobre a nossa cidade. Lyon possui Espíritas, e é na casa de simples *canus* que os Espíritos se dignam manifestar-se.

O antro de Trophonius está *situado (sic)* numa oficina, o grande sacerdote do lugar é um trabalhador em seda, e a sibila é a sua esposa; os adeptos são geralmente obreiros, porque ali não se recebe facilmente aqueles que, pelo seu exterior, anunciam muita inteligência: os Espíritos não se dignam manifestar-se senão aos *simples*. Provavelmene, foi o que nos valeu para sermos admitidos.

Convidado para assistir a uma das reuniões hebdomanárias dos Espíritas lioneses, penetramos numa oficina contendo quatro operários, dos quais um achava-se desprovido de trabalho. Foi ali, entre essas quatro potências, que a sibila tomou lugar em face de uma mesa quadrada, sobre qual se esparramavam um caderno com uma pena de *pato*. Notai bem que dissemos uma pena de *pato*, e não uma pena metálica, os Espíritos tendo horror aos metais.

Vinte a vinte e cinco pessoas, dos dois sexos, compreendendo-se entre elas o vosso servidor, faziam círculo ao redor da mesa.

Depois de um pequeno *speech* do grande sacerdote, sobre a natureza dos Espíritos, e tudo

recitado em estilo que deveria encantar os *Espíritos*, por causa de sua... *simplicidade*, as perguntas começaram.

Um jovem aproximou-se e perguntou à sibila por que oito dias antes dos combates, seja na Criméia, seja na Itália, era sempre chamado para outra parte?

A inspirada (é o nome que se lhe dá) pegando a pena de pato, a passeia um instante sobre o papel, onde traça sinais cabalísticos, depois pronuncia esta fórmula: "*Meu Deus, dai-me a graça de nos esclarecer sobre este assunto!*" Em seguida acrescenta: "Eu li a resposta seguinte: É que estais destinado a viver para instruir e esclarecer os vossos irmãos."

E um adepto influente que se quer ganhar para a causa, evidentemente; além do mais, foi soldado, e talvez um ex-zuavo; não vamos nos fazer um mau assunto, e passemos.

Um outro jovem se aproxima, a seu turno, e pergunta: Se o Espírito de seu pai o acompanha e protege nos combates?

Resposta: Sim.

Tomamos à parte este jovem e lhe perguntamos desde que época seu pai estava morto.

- Meu pai não está morto, respondeu-nos.

Um velho se apresenta em seguida e pergunta, notai bem a sutileza da pergunta, renovada de Tarquínio, o Antigo, se foi o que ele pensa a causa porque seu pai lhe deu o nome de Jean?

Resposta: Sim.

Um velho soldado do primeiro império pergunta, em seguida, se os Espíritos dos soldados do velho império não acompanham os nossos jovens soldados na Criméia e na Itália?

Resposta: Sim.

A supersticiosa pergunta seguinte é feita, depois disto, por uma jovem: Por que a sexta-feira é um mau dia?

A resposta não se fez esperar e, certamente, ela merece que se coloque em guarda com ela, por causa de diversas obscuridades históricas que faz desaparecer. -É, respondeu a inspirada, porque Moisés, Salomão e Jesus Cristo morreram nesse dia.

Um jovem operário lionês, como nós o julgamos pelo seu sotaque, pediu para ser esclarecido sobre um fato maravilhoso. Uma noite, disse ele, minha mãe sentiu um rosto que tocava o seu; ela despertou meu pai e eu, procuramos por toda a parte e nada encontramos; mas, de repente, um dos nossos *teares* se põe a bater, nos aproximamos e ele se detém; mas um outro se põe a bater na extremidade da oficina: estávamos terrificados, e isto ficou bem pior quando vimos todos trabalharem ao mesmo tempo, sem que vissemos ninguém.

- Era, respondeu a sibila, vosso avô que vinha pedir preces. Ao que o jovem respondeu com um ar que deveria dar-lhe um fácil acesso ao santuário: Foi bem isso, o pobre velho, se lhe

prometera missas que não se lhe deram.

Um outro operário perguntou por que, várias vezes, o travessão de sua balança se erguera sozinho?

- Foi um Espírito batedor, respondeu a inspirada, quem produziu esse fenômeno.

- Muito bem, respondeu o operário, mas eu detive o prodígio colocando um pedaço de chumbo no prato mais fraco.

- É muito simples, retomou a adivinhadora, os Espíritos têm horror ao chumbo, por causa da *miragem*.

Cada um quer ter a explicação da palavra miragem.

Aí se vê acabar o poder da sibila: Deus não quer, disse ela, explicar isso, *nem mesmo a mim!*

Era uma razão maior diante da qual todos se inclinaram.

O grande sacerdote, então, prevendo objeções interiores, tomou a palavra e disse: Sobre esta questão, senhores, é necessário abster-se, porque seríamos levados para perguntas científicas, que estaríamos proibidos de responder.

Nesse momento, as perguntas se multiplicaram e se cruzaram:

Se os sinais que nos aparecem no céu, há algum tempo (os cometas), são aqueles de que fala o Apocalipse?

-Resposta: Sim, e em cento e quarenta anos este mundo não existirá mais.

- Por que Jesus Cristo disse que sempre haveria pobres?

- Resposta: Jesus Cristo quis falar dos pobres de espírito; para estes Deus vem de preparar um globo especial.

Não faremos notar toda a importância de semelhante resposta. Quem não compreende o quanto os nossos descendentes serão felizes, quando não terão mais a temer por se encontrarem em contato com os pobres de espírito? Quanto aos outros, a resposta da sibila deixa felizmente supor que o seu reino acabou. Boa nova para os economistas, a quem a questão do pauperismo impede de dormir.

Para terminá-la, uma mulher de quarenta a cinquenta anos se aproxima e pergunta se seu Espírito já esteve encarnado e quantas vezes?

Estaríeis muito embaraçados para responderem, e eu também; mas os Espíritos têm respostas para tudo:

- Sim, respondeu a pluma de pato, esteve três vezes: a primeira, como a filha natural de

uma *respeitável* princesa russa (esta palavra *respeitável*, próxima da precedente, me intriga); a segunda, como filha legítima de um trapeiro da Boêmia, e a terceira, ela o sabe...

Esta amostra de uma sessão dos Espíritos lioneses deve bastar, nós o esperamos, para demonstrar que os *Espíritos* de Lyon valem bem aqueles de Paris.

Mas nos perguntamos se não seria melhor impedir pobres loucos de o tornarem ainda mais?

Antigamente, a Igreja era bastante poderosa para impor silêncio a semelhantes divagações; ela feriria talvez muito forte, é verdade, mas deteria o mal. Hoje, uma vez que a autoridade religiosa é impotente, uma vez que o bom senso não tem bastante império para fazer justiça a tais alucinações, a outra autoridade não deveria intervir neste caso, e por fim a práticas das quais o menor inconveniente é tornar ridículos aqueles que com isso se ocupem?

c. m.

Resposta do Sr. Allan Kardec.

Ao Sr. redator da Gazette de Lyon.

Senhor,

Foi-me comunicado um artigo, assinado C. M., que publicastes na *Gazette de Lyon*, de 2 de agosto de 1860, sob o título: *Uma sessão entre os Espíritos*. Nesse artigo, se não fui atacado senão indiretamente, o sou na pessoa de todos aqueles que partilham as minhas convicções; mas isto não seria nada se as vossas palavras não tendessem a falsear a opinião pública sobre o princípio e as conseqüências das crenças espíritas, derramando o ridículo e a censura sobre aqueles que as professam, e que assinalais à vindita legal. Peço-vos permitir-me algumas retificações a esse respeito, esperando de vossa imparcialidade que, uma vez que crestes dever publicar o ataque, bem gostaríeis de publicar a minha resposta.

Não credes, Senhor, que o meu objetivo seja de procurar vos convencer, nem que vá restituir-vos injúria por injúria; quaisquer que sejam as razões que vos impeçam de partilhar a nossa maneira de ver, não penso em indagá-las, e as respeito se são sinceras; não peço senão a reciprocidade praticada entre pessoas que sabem viver. Quanto aos epítetos descorteses, não está nos meus hábitos deles me servir.

Se tivésseis discutido seriamente os princípios do Espiritismo, se a eles opusésseis argumentos quaisquer, bons ou maus, teria podido vos responder; mas toda a vossa argumentação se limita a nos qualificar de *ineptos*, e não me cabe discutir convosco se tendes erro ou razão; eu me limito, pois, a levantar o que as vossas assertivas têm de inexato, fora de todo personalismo.

Não basta dizer às pessoas, que não pensam como nós, que elas são imbecis: isto está ao alcance de qualquer um; é necessário demonstrar-lhes que estão erradas; mas como fazê-lo, como entrar na vida da questão se não se sabe dela a primeira palavra? Ora, creio que é o caso em que vos encontrais, de outro modo teríeis empregado melhores armas do que a acusação banal de estupidez. Quando tiverdes dado, ao estudo do Espiritismo, o tempo mora! necessário, e vos previno que dele é necessário muito; quando tiverdes lido tudo o que possa

assentar a vossa opinião, aprofundado todas as questões, assistido como observador *conscencioso e imparcial* a alguns milhares de experiências, a vossa crítica terá algum peso; até lá, não é senão uma opinião individual que não se apóia sobre nada, e a respeito da qual podeis, em cada palavra, ser preso em flagrante delicto de ignorância. O princípio de vosso artigo, disto é a prova.

Chamam-se espíritas, dizeis, certos alucinados que romperam com TODAS as crenças religiosas de sua época e de seu país. Sabeis, Senhor, que esta acusação é muito grave, e tanto mais grave que é, ao mesmo tempo, falsa e caluniosa? O Espiritismo está inteiramente fundado sobre o princípio da existência da alma, sua sobrevivência ao corpo, sua individualidade depois da morte, sua imortalidade, as penas e as recompensas futuras. Ele não sanciona estas verdades somente pela teoria, sua essência é de dar-lhes provas patentes; eis porque tantas pessoas, que não criam em nada, foram conduzidas para as idéias religiosas. Toda a sua moral não é senão o desenvolvimento destas máximas do Cristo: Praticar a caridade, restituir o bem para o mal, ser indulgente com seu próximo, perdoar aos inimigos, em uma palavra, agir para com os outros como gostaríamos que eles agissem para conosco. Achais, pois, estas idéias muito estúpidas? Romperam com toda a crença religiosa aqueles que se apóiam sobre as próprias bases da religião? Não, direis, mas basta ser católico para ter estas idéias; tê-las, seja; mas praticá-las é outra coisa, ao que parece. É bem evangélico a vós, católico, insultar bravas pessoas que não vos fizeram mal. Que não conheceis e que tiveram bastante confiança em vós, para vos receber entre elas? Admitamos que estejam no erro; será prodigalizando-lhes injúria, irritando-as que as conduzireis?

O vosso artigo contém um erro de fato que prova, ainda uma vez, a vossa ignorância em matéria de Espiritismo. Dissestes: *Os adeptos são geralmente operários.* Sabei, pois, Senhor, para o vosso governo, que sobre os cinco ou seis milhões de Espíritas que existem hoje, a quase totalidade pertence às classes mais esclarecidas da sociedade; ele conta entre seus adeptos um número muito grande de médicos em todos os países, de advogados, de magistrados, de homens de letras, de altos funcionários, de oficiais de todos os graus, de artistas, de sábios, de negociantes, etc., pessoas que classificaes muito levemente entre os ineptos. Mas passemos por cima disto. As palavras *insulto* e *injúria* vos parecem muito fortes? Vejamos!

Pesastes bem a importância de vossas palavras quando, depois de ter dito que os adeptos são geralmente operários, acrescentais, a propósito das reuniões lionesas: *Porque ali não recebem facilmente aqueles que, pelo seu exterior, anunciam MUITA INTELIGÊNCIA; os Espíritos não se dignam manifestar-se senão aos SIMPLES, provavelmente, foi o que nos valeu para ser ali admitido.* E mais longe esta outra frase: *Depois de um SPEECH sobre a natureza dos Espíritos, e tudo recitado num estilo que deveria encantar os Espíritos, por causa de sua SIMPLICIDADE, as perguntas começaram.* Eu não lembro os vossos gracejos a respeito da pena de pato da qual se servia, segundo vós, o médium, e outras coisas também muito espirituosas; falo mais seriamente. Eu não faria senão uma simples anotação, é que os vossos olhos e os vossos ouvidos vos serviram muito mal, porque o médium, de quem falastes, não se serve de pena de pato, e a forma, tanto quanto o fundo, da maioria das perguntas e das respostas, que narrastes em vosso artigo, são de pura invenção: são, pois, pequenas calúnias a favor das quais quisestes fazer brilhar o vosso espírito.

Assim, segundo vós, para ser admitido nas reuniões de operários, é necessário ser operário, quer dizer, desprovido de bom senso, e ali não fostes introduzido senão porque, dissestes, provavelmente vos tomaram por um tolo. Seguramente, acreditando-se que tivésseis bastante espírito para inventar coisas que não são, muito certamente ter-lhe-iam fechado a porta.

Sabeis bem, Senhor, que não atacais somente os Espíritas, mas toda a classe operária, e em particular a de Lyon? Esquecei-vos de que são estes mesmos operários, estes *canus*, como o dissestes com afetação, que fazem a prosperidade de vossa cidade, pela sua indústria? Foram pessoas sem valor moral, como esses operários, que produziram Jacquard? De onde saíram bom número de vossos fabricantes, que adquiriram a sua fortuna com o suor de seu rosto e à força da ordem e da economia? Não é insultar o seu trabalho comparando seus teares a *potências*? Derramais o ridículo sobre a sua linguagem; mas esqueceis que seu estado não é o de fazer discursos acadêmicos? Há necessidade de um estilo tirado ao cordel para dizer o que se pensa? As vossas palavras, Senhor, não são apenas levianas, -emprego esta palavra com comedimento, - elas são imprudentes. Se nunca ainda Deus vos reservou dias nefastos, rogai-o para que disto não se lembrem. Aqueles que forem Espíritas os esquecerão, porque a caridade isso lhes ordena; fazei, pois, votos para que o sejam todos, porque eles haurem no Espiritismo princípios de ordem social, de respeito à propriedade, e sentimentos religiosos.

Sabeis o que fazem esses operários espíritas lioneses, que tratais com tanto desdém? Em lugar de irem se distrair num cabaré, ou de se nutrir de doutrinas subversivas e quiméricas; nessa oficina que comparais zombeteiramente ao antro de Trophomus, no meio desses teares de quatro potências, *eles pensam em Deus*. Ali os vi durante a minha estada aqui; conversei com eles e estou convencido do que se segue: Entre eles, muitos maldiziam seu trabalho penoso: hoje o aceitam com a resignação do cristão, como uma prova; muitos viam com olhos de inveja e de ciúme a sorte dos ricos: hoje, eles sabem que a riqueza é uma prova ainda mais arriscada do que a da miséria, e que o infeliz que sofre, e não cede à tentação, é o verdadeiro eleito de Deus; eles sabem que a verdadeira felicidade não está no supérfluo, e que aqueles que são chamados os felizes deste mundo, também têm cruéis angústias que o ouro não aquietam; muitos se riam da prece; hoje, eles oram, e reencontraram o caminho da igreja, que esqueceram, porque outrora não acreditavam em nada e hoje eles crêem; vários teriam sucumbido ao desespero: hoje, que conhecem a sorte daqueles que abreviam voluntariamente sua vida, se resignam à vontade de Deus, porque sabem que têm uma alma, e que antes disto não estavam certos; porque sabem, enfim, que não estão senão de passagem sobre a Terra, e que a justiça de Deus não falta a ninguém.

Eis, Senhor, o que sabem e o que fazem esses *ineptos*, como os chamais; eles se exprimem numa linguagem talvez ridícula, trivial aos olhos de um homem de espírito como vós, mas aos olhos de Deus o mérito está no coração e não na elegância das frases.

Alhures, dissestes: *Outrora a Igreja era bastante poderosa para impor silêncio a semelhantes divagações; ela feriria talvez muito forte, é verdade, mas ela deferia o mal. Hoje, que a autoridade religiosa está impotente, a outra autoridade não deveria intervir?* Com efeito, ela queimava; é verdadeira pena que não haja mais fogueiras. O! deploráveis efeitos do progresso das luzes!

Não tenho por hábito responder às diatribes; se não agisse senão por mim, nada teria dito; mas, a propósito de uma crença que me faz glória de professar, porque é uma crença eminentemente cristã, zombais de pessoas honestas e trabalhadoras, porque são iletradas, esquecendo que o próprio Jesus era operário; vós os excitais com palavras irritantes; chamais sobre elas o rigor da autoridade civil e religiosa, quando são pacíficas e compreendem o vazio das utopias, nas quais foram embaladas, e que vos meteram medo: devi tomar a sua defesa, lembrando-lhes os deveres que a caridade impõe, e dizendo-lhes que se outros faltam com os seus deveres, não é isso uma razão para deles se isentarem. Eis, Senhor, os conselhos que lhes dou; assim são também aqueles que lhes dão esses Espíritos que têm a tolice de se dirigirem a pessoas simples e ignorantes antes que a vós; é que, provavelmente, eles sabem que serão melhor escutados. Gostaríeis, a esse respeito, de

me dizer por que Jesus escolheu seus apóstolos entre o povo, em lugar de tomá-los entre os homens de letras? Foi, sem dúvida, porque não havia ali, então, jornalistas para lhe dizer o que deveria fazer.

Direis, sem dúvida, que a vossa crítica não vai senão sobre a crença nos Espíritos e suas manifestações, e não sobre os princípios sagrados da religião. Disso estou persuadido; mas, então, por que dizer que os Espíritas romperam com todos os princípios religiosos? Foi porque não sabeis sobre o que eles se apóiam. Entretanto, ali vistes um médium orar com recolhimento, e vós, católico, ristes de uma pessoa que orava!

Provavelmente, não sabeis mais o que são os Espíritos. Os Espíritos não são outra coisa que as almas daqueles que viveram; as almas e os Espíritos são, pois, uma só e mesma coisa; de tal sorte que negar a existência dos Espíritos é negar a da alma; admitir a alma, a sua sobrevivência e a sua individualidade, é admitir os Espíritos. Toda a questão se reduz, pois, em saber se a alma, depois da morte, pode se manifestar aos vivos; os livros sacros e os Pais da Igreja o reconhecem. Se os Espíritas estão errados, estas autoridades enganaram-se igualmente; para prová-lo, trata-se de demonstrar, não por uma simples negação, mas por razões peremptórias:

1ª Que o ser que pensa em nós, durante a vida, não deve mais pensar depois da morte;

2ª Que, se pensa, não deve mais pensar naqueles que amou;

3ª Que, se pensa naqueles que amou, não deve mais querer se comunicar com eles;

4ª Que, se está por toda a parte, não pode estar ao nosso lado;

5ª Que, se está ao nosso lado, não pode se comunicar conosco. Se conhecêsseis o estado dos Espíritos, a sua natureza, e, se assim posso me exprimir, a sua constituição fisiológica, tal como no-la descrevem, e tal como a observação o confirma, saberíeis que, sendo o Espírito e a alma uma só e mesma coisa, não há de menos no Espírito senão o corpo do qual é despojado em morrendo, mas que lhe resta um envoltório etéreo, que constitui para ele um corpo fluídico com a ajuda do qual pode, em certas circunstâncias, se tornar visível, assim como ocorre nos fatos de aparições que a própria Igreja admite perfeitamente, uma vez que, de alguns, fez artigo de fé. Estando esta base dada, às proposições precedentes se acrescentariam as seguintes, vos pedindo provar:

6ª Que, pelo seu envoltório fluídico, o Espírito não pode agir sobre a matéria inerte;

7ª Que, se ele pode agir sobre a matéria inerte, não pode agir sobre um ser animado;

8ª Que, se pode agir sobre um ser animado, não pode dirigir a sua mão para fazê-lo escrever;

9ª Que, podendo fazê-lo escrever, não pode responder às suas perguntas e transmitir-lhe o seu pensamento.

Quando tiverdes demonstrado que tudo isto não se pode, por razões tão patentes quanto aquelas pelas quais Galileu demonstrou que não é o Sol que gira, então a vossa opinião poderá ser tomada em consideração.

Objetareis, sem dúvida, que, em suas comunicações, os Espíritos dizem algumas vezes coisas absurdas. Isto é muito verdadeiro; eles fazem mais: dizem às vezes grosserias e impertinências. É que, deixando o seu corpo, o Espírito não se despoja imediatamente de todas as suas imperfeições; e é provável que aqueles que dizem coisas ridículas como Espíritos, o disseram mais ridículas ainda quando estavam entre nós; por isso, não aceitamos mais cegamente tudo o que vem de sua parte, quanto o que vem da parte dos homens. Mas me detenho, não tendo a intenção de fazer aqui um curso de ensinos; basta-me provar que faláveis do Espiritismo sem conhecê-lo.

Aceitai, Senhor, minhas cordiais saudações.

ALLAN KARDEC.

Banquete oferecido pelos Espíritas lioneses ao Sr. Allan Kardec

Revista Espírita, outubro de 1860

em 19 de setembro de 1860.

Nessa reunião íntima e toda familiar, um dos membros, o Sr, Guillaume, quis expressar os sentimentos dos Espíritas lioneses na alocação seguinte. Lendo-a, se compreenderá que devemos ter hesitado em publicá-la na nossa Revista, apesar do desejo que nos foi manifestado; também não foi senão sobre as instâncias que nos fizeram que nós com isso consentimos, temendo, por outro lado, por uma recusa, mal reconhecer os testemunhos de simpatia que recebemos. Rogamos, pois, aos nossos leitores, fazerem abstração da pessoa, e de não verem, nessas palavras, senão uma homenagem prestada à Doutrina.

"Ao Sr. Allan Kardec; ao propagador zeloso da Doutrina Espírita!

"é em sua homenagem, às suas luzes e à sua perseverança devotada, que devemos a felicidade de estarmos hoje reunidos neste banquete simpático e fraternal;

"Que todos os Espíritas lioneses não se esqueçam nunca de que se eles têm a felicidade de se sentirem melhores, malgrado todas as influências perniciosas que desviam, -freqüentemente, o homem da rota do bem, o devem a *O Livro dos Espíritos*;

"Que se a sua existência está aliviada, e se seu coração está depurado e mais afetuoso; se dele expulsaram a cólera e a vingança, o devem a *O Livro dos Espíritos*;

"Que se, em sua vida privada, sustentam com coragem os revezes da fortuna; se repelem todo meio baseado sobre a fraude e a mentira para adquirirem os bens da Terra, o devem a *O Livro dos Espíritos* que lhes fez compreender a prova, e colocou neles a luz que expulsa as trevas.

"Se um dia, que talvez não esteja distante, os homens se tornarem humanos, fraternos e devotados numa mesma fé; se a caridade não for mais para eles uma palavra vã, o deverão ainda a *O Livro dos Espíritos*, ditado pelos melhores dentre eles ao Sr. Allan Kardec, escolhido para difundir a luz.

À união sincera dos Espíritas lioneses! À Sociedade Espírita Parisiense, cuja irradiação nos esclareceu a todos, que é a sentinela avançada encarregada de desobstruir a rota tão difícil do progresso! Paris é a cabeça do Espiritismo, como Lyon deve merecer, pela sua união, seu trabalho, suas luzes e seu amor, dele ser o coração.

"Quando o coração e o espírito estiverem unidos na mesma fé, para alcançar o mesmo objetivo, não haverá cedo mais na França senão irmãos amantes e devotados. Cresçamos,

pois, pela união no amor, e logo os nossos sentimentos, os nossos princípios cobrirão o mundo inteiro. O Espiritismo, Senhoras e Senhores, é o único meio para atingir prontamente o reino de Deus.

"Honra à Sociedade Espírita Parisiense! Honra a Allan Kardec, o fundador e o primeiro anel da grande corrente espírita!"

"GUILLAUME.

Resposta do Sr. Allan Kardec.

Senhoras e Senhores, e vós todos, meus caros e bons irmãos em Espiritismo.

A acolhida tão amiga e tão benevolente que recebo entre vós, desde a minha chegada, seria bem feita para me dar ao orgulho, se eu não compreendesse que estes testemunhos se dirigem menos à pessoa do que à Doutrina, da qual não sou senão um dos mais humildes trabalhadores; é a consagração de um princípio, e com isso estou duplamente feliz, porque esse princípio deverá assegurar, um dia, a felicidade do homem e o repouso da sociedade, quanto for bem compreendido, e ainda melhor, quando for praticado. Seus adversários não o combatem senão porque não o compreendem; é a nós, é aos verdadeiros Espíritas, àqueles que vêm no Espiritismo outra coisa que experiências mais ou menos curiosas, de fazê-lo compreender e de difundi-lo, pregando-o com o exemplo tanto como com palavras. *O Livro dos Espíritos* teve por resultado fazer ver dele a importância filosófica; se este livro tem algum mérito, seria presunção minha dele me glorificar, porque a Doutrina que ele encerra não é minha criação; toda a honra do bem que ele faz redundará aos Espíritos sábios que o ditaram e que consentiram se servirem de mim. Eu posso, pois, ouvir elogios sem que a minha modéstia seja ferida, e sem que o meu amor-próprio com isso seja exaltado. Se quisesse me prevalecer, seguramente, teria reivindicado a concepção, em lugar de atribuí-la aos Espíritos; e se se pudesse duvidar da superioridade daqueles que nele cooperaram, bastaria considerar a influência que exerceu, em tão pouco tempo, pela força única da lógica, e sem nenhum dos meios materiais próprios para excitar a curiosidade.

Qualquer que ela seja, Senhores, a cordialidade de vossa acolhida será para mim um poderoso encorajamento, na tarefa laboriosa que empreendi, e da qual faço a obra de minha vida, porque me dá a certeza consoladora de que os homens de coraçaõ não são tão raros neste século quanto se alegria em dizê-lo. Os sentimentos que fazem nascer em mim estes testemunhos benevolentes se compreendem melhor do que se possa exprimir, e é o que lhes dá, aos meus olhos, um valor inestimável, é que não têm por móvel nenhuma consideração pessoal. Agradeço-vos por isso do fundo do coração, em nome do Espiritismo, em nome, sobretudo, da *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas*, que ficará feliz com as provas de simpatia que quisestes lhe dar, e orgulhosa de contar em Lyon com um tão grande número de bons e leais confrades. Permitti-me traçar, em algumas palavras, as impressões que carrego de minha muito curta permanência entre vós.

A primeira coisa que me tocou foi o número de adeptos; eu bem sabia que Lyon contava com muitos deles, mas estava longe de desconfiar de que o número fosse tão considerável, porque é por centenas que são contados, e cedo, espero, não se poderá mais contá-los. Mas se Lyon se distingue pelo número, não o faz menos pela qualidade, o que vale ainda melhor. Por toda a parte, não encontrei senão Espíritas sinceros, compreendendo a doutrina sob o seu verdadeiro ponto de vista. Há, Senhores, três categorias de adeptos: uns que se limitam a crer na realidade das manifestações, e que procuram, antes de tudo, os fenômenos; o

Espiritismo é simplesmente para eles uma série de fatos mais ou menos interessantes.

Os segundos nele vêem outra coisa além dos fatos; lhes compreendem a importância filosófica; admitem a moral que dele decorre, mas não a praticam: para eles a caridade cristã é uma bela máxima, mas eis tudo.

Os terceiros, enfim, não se contentam em admirar a moral: a praticam e lhes aceitam todas as conseqüências. Bem convencidos de que a existência terrestre é uma prova passageira, tratam de aproveitar os seus curtos instantes para marchar no caminho do progresso que os Espíritos lhes traçam, e, se esforçando por fazer o bem e reprimir os seus maus pendores; suas relações são sempre seguras, porque as suas convicções os distanciam de todo pensamento do mal; a caridade é, em toda coisa, a regra de sua conduta, estes são os *verdadeiros Espíritas*, ou melhor, os *Espíritas cristãos*.

Pois bem! Senhores, eu vos digo com alegria, que ainda não encontrei aqui nenhum adepto da primeira categoria; em nenhuma parte vi os que se ocupavam do Espiritismo por pura curiosidade; em nenhuma parte vi os que se servissem das comunicações para assuntos fúteis; por toda parte o objetivo é importante, as intenções sérias, e, pelo que vejo e pelo que me dizem, creio que há muitos da terceira categoria. Honra, pois, aos Espíritas lioneses por estarem tão grandemente entrados neste caminho progressivo, sem o qual o Espiritismo seria sem objetivo! Este exemplo não será perdido; terá as suas conseqüências e não serão sem razão, eu o vejo, porque os Espíritos me responderam outro dia, por um de vossos médiuns mais devotados, embora um dos mais obscuros, então quando lhes expressava a minha surpresa: "*Por que te admiras disso? Lyon foi a cidade dos mártires; a fé ali está viva; ela fornecerá apóstolos ao Espiritismo. Se Paris é a cabeça, Lyon será o coração. A coincidência desta resposta com a que fizestes precedentemente, e que o Sr. Guillaume vem de lembrar em sua alocução, é alguma coisa muito significativa.*

A rapidez com a qual a Doutrina se propagou nestes últimos tempos, apesar da oposição que encontra ainda, ou talvez por causa mesmo desta oposição, pode fazer pressagiar-lhe o futuro; evitemos, pois, com a nossa prudência, tudo o que poderia produzir uma impressão importuna, e, eu não digo perder uma causa desde agora assegurada, mas em retardar o seu desenvolvimento; sigamos nisto os conselhos dos Espíritos sábios e não nos esqueçamos de que, neste mundo, muitos sucessos se comprometeram por muita precipitação; não nos esqueçamos, não mais, de que os nossos inimigos do outro mundo, tão bem quanto os deste, podem procurar nos arrastar para um caminho perigoso.

Consentistes em me pedir alguns conselhos, eu me farei um prazer vos dar aqueles que a experiência poderá me sugerir; isso não será sempre senão uma opinião pessoal, que vos convido a pesarem em vossa sabedoria, e da qual fareis o uso que julgardes oportuno, não tendo a intenção de me colocar como árbitro absoluto.

Tínheis a intenção de formar uma grande sociedade; já vos disse, a este respeito, o meu modo de pensar, limito-me a resumi-lo aqui.

Está reconhecido que as melhores comunicações são obtidas nas reuniões pouco numerosas, naquelas sobretudo onde reinem a harmonia e a comunhão de sentimentos: ora, quanto mais o número é grande, mais esta homogeneidade é difícil de se obter. Como é impossível que, no início de uma ciência, tão nova ainda, não surjam algumas divergências na maneira de apreciar certas coisas, desta divergência nascerá, infalivelmente, um mal-estar que poderá conduzir à desunião. Os pequenos grupos, ao contrário, serão sempre mais homogêneos;

nele se conhece melhor, se está sempre em família, admite-se melhor quem se quer; e, como, em definitivo, todos tendem ao mesmo objetivo, podem perfeitamente se entender, e se entenderão tanto melhor quanto não houver esse choque incessante, incompatível com o recolhimento e a concentração de espírito. Os maus Espíritos, que procuram sem cessar semear a discórdia, em irritando a suscetibilidade, aí terão sempre menos presa do que numa reunião numerosa e misturada; em uma palavra, a unidade de vista e de sentimentos aí será sempre mais fácil de se estabelecer.

A multiplicidade dos grupos tem uma outra vantagem, que é a de obter uma variedade muito maior nas comunicações, pela diversidade de aptidões dos médiuns. Que estas reuniões parciais se façam parte, reciprocamente, do que elas obtêm cada uma de seu lado, e todas aproveitarão, assim, de seus trabalhos mútuos. Chegará um tempo, aliás, em que o número dos adeptos não permitirá mais uma só reunião, que deveria se fracionar pela força das coisas, é porque vale mais fazer imediatamente o que se estaria forçado a fazer mais tarde.

Do ponto de vista da propaganda, há ainda um fato certo, é que não é nas grandes reuniões que os novatos podem haurir elementos de convicção, mas bem na intimidade; há, pois, duplo motivo para se preferir os pequenos grupos, que podem se multiplicar ao infinito; ora, vinte grupos de dez pessoas, por exemplo, sem contradita, obterão mais e farão mais prosélitos do que uma única assembléia de duzentos membros.

Falei ainda há pouco das divergências que podem surgir, e disse que elas não deveriam trazer obstáculos ao perfeito entendimento dos diferentes centros; com efeito, estas divergências não podem cair senão sobre pontos de detalhe e não sobre o fundo; o objetivo é o mesmo: a melhora moral; o meio é o mesmo: o ensinamento dado pelos Espíritos. Se este ensinamento fosse contraditório; se, evidentemente, um devesse ser falso e o outro verdadeiro, notai bem que isto não poderia alterar o objetivo que é de conduzir o homem ao bem, para a sua maior felicidade presente ou futura; ora, o bem não poderia ter dois pesos e duas medidas. Do ponto de vista científico ou dogmático, entretanto, é útil, ou ao menos interessante, saber quem tem erro ou razão; pois bem! tendes um critério infalível para apreciá-lo, quer se trate de simples detalhes ou de sistemas mais radicalmente divergentes; e isto se aplica não só aos sistemas espíritas, mas a todos os sistemas filosóficos.

Examinai primeiro aquele que é o mais lógico, aquele que responde melhor às vossas aspirações, que pode melhor alcançar o objetivo; o mais verdadeiro, evidentemente, será aquele que explique o melhor, que dê a melhor razão de tudo. Podendo-se opor a um sistema um único fato em contradição com a sua teoria, é que esta teoria é falsa ou incompleta. Examinai, em seguida, os resultados práticos de cada sistema; a verdade deverá estar do lado daquele que produz mais bem, que exerce a influência mais salutar, que faz mais homens bons e virtuosos, que excite ao bem por motivos mais puros e mais racionais. O objetivo constante ao qual o homem aspira é a felicidade; a verdade estará do lado do sistema que proporcione a maior soma de satisfação moral, em uma palavra, que o torna mais feliz.

O ensinamento vindo dos Espíritos, os diferentes grupos, tanto quanto os indivíduos, se encontram sob a influência de certos Espíritos que presidem aos seus trabalhos, ou os dirige moralmente. Se estes Espíritos não se põem de acordo, a questão é saber qual é aquele que merece maior confiança; evidentemente, será aquele cuja teoria não pode levantar nenhuma objeção séria, em uma palavra, aquele que, sob todos os pontos, dá mais provas de sua superioridade. Se tudo está bom, racional nesse ensinamento, pouco importa o nome que o Espírito toma, e sob este aspecto a questão da identidade é inteiramente secundária. Se, sob um nome respeitável, o ensinamento peca pelas suas qualidades essenciais, podeis

audaciosamente disso concluir que é um nome apócrifo, e que é um Espírito impostor, ou que se diverte. Regra geral: o nome nunca é uma garantia; a única, a verdadeira garantia de superioridade é o pensamento e a maneira pela qual está expresso. Os Espíritos enganadores podem tudo imitar, tudo, exceto o verdadeiro saber e o verdadeiro sentimento.

Não tenho a intenção, Senhores, de vos dar aqui um curso de Espiritismo, e talvez abuse de vossa paciência por todos esses detalhes; entretanto, não posso impedir-me de acrescentar-lhe ainda algumas palavras.

Ocorre, freqüentemente, que para fazer adotar certas utopias, os Espíritos exibem um falso saber, e pensam se imporem retirando do arsenal de palavras técnicas tudo o que pode fascinar aquele que crê muito facilmente. Eles têm ainda um meio mais certo, é ode afetar as aparências da virtude; graças às grandes palavras caridade, fraternidade, humildade, eles esperam fazer passar os mais grosseiros absurdos, e é o que ocorre, muito freqüentemente, quando disso não se está em guarda; é necessário, pois, evitar de se deixar prender pelas aparências, tão bem da parte dos Espíritos quanto da dos homens; ora, eu o confesso, é uma das maiores dificuldades; mas nunca se disse que o Espiritismo seria uma ciência fácil; ele tem seus escolhos que não se podem evitar senão pela experiência. Para evitar cair na armadilha, é necessário guardar-se do entusiasmo que cega, do orgulho que carregam certos médiuns, a se crerem os únicos intérpretes da verdade; é necessário tudo examinar friamente, tudo pesar maduramente, tudo controlar, e, desconfiando-se do próprio julgamento, o que é, freqüentemente, o mais sábio, é necessário referi-lo a outros, segundo o provérbio de que quatro olhos vêm melhor do que dois; só um falso amor-próprio, ou uma obsessão, podem fazer persistir numa idéia notoriamente falsa, e que o bom senso de cada um repele.

Eu não ignoro, Senhores, que tenho aqui muitos inimigos; isto vos espanta, e, todavia, nada é mais verdadeiro; sim, os há aqui que me escutam com raiva; não digo entre vós, graças a Deus!, onde espero nunca ter senão amigos; quero falar dos Espíritos enganadores, que não querem vos dar os meios de desmascará-los, porque revelo as suas astúcias; porque colocando-vos sob as vossas guardas, tiro-lhes o império que poderiam tomar sobre vós. A esse respeito, Senhores, eu vos direi que seria um erro crer que eles não exercem esse império senão sobre os médiuns; ficai bem seguros de que os Espíritos, estando por toda a parte, agem incessantemente sobre nós, com o nosso desconhecimento, quer se seja, ou não, Espírita ou médium. A mediunidade não os atrai mais; ela dá, ao contrário, o meio de conhecer o seu inimigo, que se trai *sempre*; *sempre* entendei-o bem, e que não enganam senão aqueles que se deixam enganar.

Isto, Senhores, me conduz a completar o meu pensamento sobre o que vos disse, ainda há pouco, a respeito das dissidências que poderiam surgir entre os diferentes grupos, em consequência da diversidade de ensinamento. Eu vos disse que, apesar de algumas divergências, eles poderiam se entender, devem se entender se são verdadeiros Espíritas. Dei-vos o meio de controlar o valor das comunicações: eis aquele de apreciar a natureza das influências que exercem sobre cada um. Estando dado que toda boa influência emana de um bom Espírito, que tudo o que é mau vem de má fonte, que os maus Espíritos são os inimigos da união e da concórdia, o grupo que for assistido pelo Espírito do mal, será aquele que lançará a pedra no outro, e não lhe estenderá a mão. Quanto a mim, Senhores, eu vos considero como meus irmãos, quer estejais na verdade ou no erro; mas, eu vos declaro altamente, estarei de coração e alma com aqueles" que mostrem o mais de caridade, o mais de abnegação. Se houvessem, o que a Deus não praza, os que mantêm sentimentos de ódio, de inveja, de ciúme, eu os lamentaria, porque estariam sob má influência, e gostaria ainda melhor de crer que esses maus pensamentos lhes venham de um Espírito estranho do que de seu próprio coração; só isso me tornaria suspeita a veracidade das comunicações que eles

poderiam receber, em virtude deste princípio de que um Espírito verdadeiramente bom não pode sugerir senão bons sentimentos.

Terminarei, Senhores, esta alocução, já muito longa sem dúvida, por algumas considerações sobre as causas que devem assegurar o futuro do Espiritismo.

Todos vós compreendeis, porque tendes sob os olhos, e porque sentis em vós mesmos, que um dia a chegar o Espiritismo deverá exercer uma imensa influência sobre o estado social; mas aquele dia em que essa influência estará generalizada está ainda longe, sem dúvida; são necessárias gerações para que o homem se despoje do homem velho. Entretanto, desde hoje, se o bem não pode ser geral, já é individual, e é porque esse bem é efetivo, que a doutrina que o proporciona é aceita com tanto mais facilidade; posso dizer mesmo, com tanto mais zelo para muitos. Com efeito, à parte a sua racionalidade, que doutrina é mais capaz para livrar o pensamento do homem dos laços terrestres, de elevar a sua alma para o infinito? Qual é aquela que lhe dá uma idéia mais justa, mais lógica, e apoiada sobre as provas mais patentes, de sua natureza e de seu destino? Que seus adversários o substituam, pois, por alguma coisa melhor, uma doutrina mais consoladora, que concorde melhor com a razão, que substitua a alegria infável de saber que os seres que nos foram queridos sobre a Terra, estão junto a nós, que nos vêem, que nos escutam, nos falam e nos aconselham; que dá um motivo mais legítimo à resignação; que faça temer menos a morte; que proporcione mais calma nas provas da vida; que substitua, enfim, essa doce quietude que se experimenta quando se pode dizer: Eu me sinto melhor. Diante de uma doutrina que fizesse melhor do que tudo isto, o Espiritismo abaixaria as armas.

O Espiritismo torna, pois, soberanamente feliz; com ele não mais isolamento, não mais desespero; ele já poupou muitas faltas, impediu muitos crimes, levou a paz a mais de uma família, corrigiu muitos defeitos; que será, pois, quando os homens se nutrirem daquelas idéias? Porque, então, vindo a razão, nela se fortificarão e não negarão mais a sua alma. Sim, o Espiritismo torna feliz, e é o que lhe dá um irresistível poder e assegura o seu triunfo futuro. Os homens querem a felicidade, o Espiritismo lha dá, eles se lançarão nos braços do Espiritismo. Querem aniquilá-lo? Que se dê ao homem uma fonte maior de felicidade e de esperança. Eis aí quanto aos indivíduos.

Duas outras forças parecem temer a sua aparição: a autoridade civil e a autoridade religiosa; e por que isto? Porque não o conhecem. Hoje, a Igreja começa a ver que encontrará nele uma arma poderosa para combater a incredulidade; a solução lógica de mais de um dogma embaraçante, e, finalmente, que ele já conduz aos seus deveres de cristãos bom número de ovelhas desgarradas. O poder civil, de seu lado, começa a ver as provas de sua benfeitoria influência sobre a moralidade das classes trabalhadoras, às quais esta doutrina inculca, *pela convicção*, idéias de ordem, de respeito para com a propriedade, e faz compreender o nada das utopias; testemunha de metamorfoses morais quase miraculosas, entreverá logo, na difusão destas idéias, um alimento mais útil ao pensamento do que as alegrias do cabaré, ou o tumulto da praça pública, e, por conseguinte, uma salvaguarda para a sociedade. Assim, povo, Igreja e poder, vendo nele, um dia, um dique contra a brutalidade das paixões, uma garantia de ordem e de tranquilidade, um retorno às idéias religiosas que se extinguem, ninguém terá interesse em entravá-lo. Cada um, ao contrário, nele achará um apoio. Poder-se-á, aliás, deter o curso deste rio de idéias que já rola suas águas benfeitoras sobre as cinco partes do mundo?

Tais são, meus caros confrades, as considerações que desejava vos submeter. Termino vos agradecendo, de novo, pela vossa benevolente acolhida, cuja lembrança estará sempre presente em minha memória. Agradeço igualmente aos bons Espíritos por toda a satisfação

que eles me proporcionaram durante a minha viagem, porque, por toda a parte onde me detive, também encontrei bons e sinceros Espíritas, e pude constatar, com os meus próprios olhos, o imenso desenvolvimento destas idéias, e o quanto facilmente elas tomam raízes; por toda a parte encontrei pessoas felizes, aflições consoladas, desgostos acalmados, ódios apaziguados; por toda a parte a confiança e a esperança sucedendo às angústias da dúvida e da incerteza. Ainda uma vez, o Espiritismo é a chave da verdadeira felicidade, e aí está o segredo do seu irresistível poder. É, pois, uma utopia senão uma doutrina que faz tais prodígios? Que Deus, em sua bondade, meus queridos amigos, se digne vos enviar bons Espíritos para vos assistir nas vossas comunicações, a fim de que estes vos esclareçam sobre as verdades que estais encarregados de divulgar! Recolhereis, um dia, ao cêntuplo, os frutos do bom grão que houverdes semeado.

Que este repasto de amigos, meus bem-amados confrades, como os antigos ágapes, seja a garantia de união entre todos os verdadeiros Espíritas!

Ergo um brinde aos Espíritas lioneses, tanto em meu nome como no da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas.

ALLAN KARDEC.

Sobre o valor das comunicações espíritas

Revista Espírita, outubro de 1860

Pelo Sr. Jobard.

A ortodoxia religiosa faz Satã e seus pretensos satélites desempenharem um papel muito grande, onde deveriam limitar-se a chamar Espíritos malignos, ignorantes, vaidosos, e quase todos maculados com o pecado do orgulho que os perderam. Nisso não são em nada diferentes dos homens, dos quais fizeram parte num período muito curto, com relação à eternidade de sua existência pneumática, que pode se comparar a de um corpo passado ao estado volátil. O erro é crer que, porque são Espíritos, devem ser perfeitos, como se o vapor, ou o gás, fossem mais perfeitos do que a água ou o líquido de onde saíram; como se um bandido não pudesse ser um homem honesto senão depois de ter escapado de sua prisão; como se um louco pudesse ser reputado sábio depois de ter vencido os muros do Charenton; como se um cego, saído dos Quinze-Vingtes pudesse se fazer passar por um clarividente.

Figurai-vos bem, Senhores médiuns, vós que tereis relações com todo aquele mundo, e que há tanta diferença entre os Espíritos quanto entre os homens; ora, não ignorais que tantos homens, tantos sentimentos; tantos corpos, tantas propriedades diversas, antes como depois da sua mudança de estado. Podeis julgar, pelos erros, a má qualidade dos Espíritos, como se julga a má qualidade dos corpos pelos odores que eles exalam. Se, algumas vezes, estão de acordo sobre certos pontos, entre eles e entre vós, é porque se copiam e vos copiam, porque eles sabem, melhor do que vós, o que foi escrito antigamente e recentemente sobre tal ou tal doutrina, que vos repetem, freqüentemente, como papagaios, mas algumas vezes com convicção, se são Espíritos estudiosos e conscienciosos, como certos filósofos ou sábios que vos honrariam vindo conversar e discutir convosco. Mas, ficai persuadidos de que não vos respondem senão sentindo que estais no estado de compreendê-los; sem isso, não vos dizem senão vulgaridades, e nada que ultrapasse o alcance da vossa inteligência e dos vossos conhecimentos adquiridos. Eles sabem, tão bem quanto vós, que não é necessário lançar pérolas aos porcos; citam o Evangelho se sois cristão, e o Corão se sois turco, e se metem facilmente em unísono, porque no estado pneumático, eles têm mais inteligência do que os corpos materiais volatilizados não têm; só nisto a comparação que precede falta em exatidão. Se gostais de rir, de jogar com as palavras, e que tendes negócio com um Espírito sério, ele vos enviará os Espíritos farsantes, mais fortes do que vós quanto à zombaria e ao jogo de palavras. Se tendes o cérebro fraco, vos entregará aos mistificadores que vos levarão mais longe do que quereis.

Em geral, os Espíritos gostam de conversar com os homens; é uma distração, e, algumas vezes, um estudo para eles; todos vo-lo dizem. Não temais cansá-los, estareis sempre diante deles; mas não vos ensinarão nada senão o que poderiam vos dizer quando vivos; eis porque tanta gente pergunta por que perder seu tempo em consultá-los, uma vez que deles não se podem esperar revelações extraordinárias, invenções inesperadas, panacéias, pedras filosofais, transmutação de metais, motores perpétuos, porque não sabem mais do que vós sobre os resultados que ainda não foram obtidos pela ciência humana; e se vos convidam a fazer experiências, é porque eles mesmos estariam curiosos para lhes ver os efeitos, de outro modo, não vos dão senão explicações enroladas, como os pretensos sábios e os advogados

que cumprem sempre permanecerem breves. Se se trata de um tesouro, vos dirão: cavai; de uma liga, vos dirão: sopraí. Pode que, em procurando, encontrareis; eles estarão tão admirados quanto vós, e se gabarão por terem vos dado bons conselhos; a vaidade humana não os abandona. Os bons Espíritos não vos afirmam que encontrareis, como os maus, que não se têm escrúpulo em vos arruinar; é nisso que nunca deveis fazer abstração do vosso julgamento, do vosso livre arbítrio, da vossa razão. Que dizeis quando um homem vos emprega num mau negócio? Que é um Espírito infernal, diabólico. Pois bem! O Espírito que vos aconselha mal não é mais diabólico, mais infernal; é um ignorante, no máximo um mistificador; mas não tem nem missão especial, nem poder sobre-humano, nem grande interesse em vos enganar; usa igualmente do livre arbítrio que Deus lhe deu, como a vós, e pode, como vós, dele fazer um bom ou mau uso: eis tudo. É uma tolice crer que ele se liga a vós durante anos e anos para tratar de alistar a vossa pobre alma no exército de Satã. Que faz para Satã uma fadiga de mais ou de menos, quando lhe chegam espontaneamente por milhões e por bilhões, sem que tenha o trabalho de chamá-los? Os eleitos são raros, mas os voluntários do mal são inumeráveis. Se Deus e o Diabo têm, cada um, seu exército, só Deus tem necessidade de recrutadores; o Diabo pode se poupar a inquietação para encher seus quadros; e como a vitória está sempre do lado dos grandes batalhões, julgai de sua grandeza e de seu poder, e da facilidade de seus triunfos sobre todos os pontos do universo; e, sem ir muito longe, olhai ao vosso redor.

Mas tudo isto não tem sentido; uma vez que se sabe, hoje, conversar facilmente com as pessoas do outro mundo, é necessário tomá-las como elas são e pelo que são. Há poetas que podem vos ditar bons versos, filósofos e moralistas que podem vos ditar boas máximas, historiadores que podem vos dar bons esclarecimentos sobre a sua época, naturalistas que podem vos ensinar o que sabem, ou retificar os erros que cometeram, astrônomos que podem vos revelar certos fenômenos que ignorais, músicos, autores capazes de escreverem suas obras póstumas, e que têm mesmo a vaidade de pedir que sejam publicadas em seu nome; um deles, que acreditava ter feito uma invenção, se indignava em aprender que a patente não lhe seria entregue pessoalmente; outros que não fazem mais caso das coisas da Terra como certos sábios. Alguns há, também, que assistem com um prazer infantil à inauguração de sua estátua, e outros que não tomam a pena disso ir ver, e que desprezam profundamente os imbecis que lhes prestam essas honras depois de tê-los desconhecido e perseguido durante a sua vida. De Humboldt não nos respondeu, a respeito de sua estátua, senão uma só palavra: Zombaria! Um outro deu a inscrição da estátua que se lhe preparava e que sabia não merecer: Ao grande ladrão, os ladrões reconhecidos.

Em resumo, devemos considerar como certo que cada um carrega consigo o seu caráter e as suas aquisições morais e científicas; os tolos deste mundo são ainda os tolos do outro mundo. Não há senão os gatunos não tendo mais bolsos para esvaziar, os gulosos não tendo mais nada a fritar, os banqueiros nada mais a contar, que sofrem destas privações. É por isso que o Espírito Santo, o Espírito de verdade nos recomenda o desprezo pelas coisas terrestres que não podemos levar, nem nos assimilar, para não pensar senão nos bens espirituais e morais, que nos seguem, e que nos servirão pela eternidade, não somente de distração, mas de degraus para nos elevarmos, sem cessar, sobre a grande escada de Jacó, na incomensurável hierarquia dos Espíritos.

Também, vede o quanto pouco caso os Espíritos fazem dos bens e dos prazeres grosseiros que perderam em morrendo, quer dizer, em reentrando em seu país, como eles dizem; semelhantes a um sábio prisioneiro arrancado subitamente de seu calabouço, não são das suas roupas, seus móveis, seu dinheiro que lamenta, mas os seus livros e os seus manuscritos. A borboleta que sacode o pé de suas asas antes de retomar seu vôo, muito pouco se importa com os restos da lagarta que lhe serviu de habitáculo. Do mesmo modo um Espírito superior como Buffon não lamenta mais o seu castelo de Montbard, do que Lamartine

não lamentará seu Saint-Point que tanto lamentava em vida. É por isso que a morte de um sábio é tão calma e a de um *humanimal* tão horrível, porque este último sente que, em perdendo os bens da Terra, perde tudo; ele se agarra a eles, pois, como o avaro ao seu cofre forte. Seu Espírito não pode mesmo deles se distanciar, prende-se à matéria e continua a assombrar os lugares que lhe foram caros, e em lugar de fazer esforços incessantes para quebrar os laços que o retêm à Terra, a eles se agarra em desespero; ele sofre verdadeiramente como um condenado por não poder mais gozá-los: eis o inferno, eis o fogo que esses condenados se aplicam em tornar eterno. Tais são os maus Espíritos que repelem os conselhos dos bons, e que têm necessidade do socorro da razão e da própria sabedoria humana, para decidi-los a largar a presa. Os bons Médiuns devem se dar ao trabalho de convencê-los, repreendê-los e orar por eles, porque eles confessam que a prece os alivia e disso testemunham o seu reconhecimento, em termos, freqüentemente, muito tocantes. Isto prova a existência de uma solidariedade comum entre todos os Espíritos, livres ou incorpóreos, porque evidentemente a encarnação não é senão uma punição, a Terra senão um lugar de expiação onde não estamos colocados, como disse o salmista, para o nosso divertimento, mas para nos aperfeiçoar e aprender a adorar a Deus, em estudando as suas obras; de onde se segue que o mais infeliz é ornais ignorante; o mais selvagem se torna o mais vicioso; e o mais criminoso o mais miserável dos seres nos quais Deus colocou uma centelha de sua alma divina, e talentos para os fazer valer, e não para enterrá-los até a chegada do senhor, ou antes até o compadecimento, diante de Deus, do culpado de preguiça ou de negligência.

Eis o que é, possivelmente para uns e realmente para os outros, do mundo espírita, que tanto medo faz a uns e que encanta tão fortemente a outros, e que não mereceu nem esse excesso de honras, nem essa indignidade.

Quando, por força da experiência e do estudo, se estiver familiarizado com o fenômeno das manifestações, tão natural como nenhum, se reconhecerá a verdade das explicações que" acabamos de dar. A força do mal que se concede aos Espíritos, tem por antítese a força do bem que se pode esperar dos outros; estas duas forças são *adequadas*, como todas as da Natureza, sem o que o equilíbrio estaria rompido, e o livre arbítrio substituído pela fatalidade, o cego *fatum*, o *fato bruto*, ininteligente, a morte de todos, a catalepsia do universo, o caos.

Proibir de interrogar os Espíritos é reconhecer que eles existem; assinalá-los como os subordinados do diabo é fazer pensar que devem existir os que são os agentes, os missionários de Deus; que os maus sejam os mais numerosos, nós vo-lo concedemos; mas há de tudo assim sobre a Terra; do fato de que há mais grãos de areia do que pepitas de ouro, deve-se condenar os pesquisadores de ouro?

Quando os Espíritos vos dizem que lhes é proibido responder a certas perguntas de uma importância somente pessoal, é um modo cômodo de cobrir a sua ignorância quanto às coisas do futuro; tudo o que depende de nossos próprios esforços, de nossas pesquisas intelectuais, não pode nos ser revelado, sem infringir a lei divina que condena o homem ao trabalho; seria muito cômodo, para o primeiro *médium* que chegasse, na posse de um Espírito familiar complacente, se proporcionar, sem esforços, todos os tesouros e todo o poder imaginável, em se desembaraçando de todos os obstáculos que os outros têm tanto trabalho para superar. Não, os Espíritos não têm semelhante poder, e fazem bem em dizer que tudo o que lhes pedis de ilícito lhes está interdito. Entretanto, eles exercem uma grande influência sobre os encarnados, em bem ou em mal; felizes são aqueles que os bons Espíritos aconselham e protegem; tudo lhes sai bem, se obedecem às boas inspirações, que, aliás, não recebem senão depois de merecê-las, e trabalhem o equivalente ao sucesso que lhes é dado por acréscimo.

Quem espera a fortuna em seu leito não tem grande chance de alcançá-la; tudo neste mundo depende do trabalho inteligente e honesto que nos dá um grande contentamento interior, e nos livra do mal físico em nos comunicando o dom de aliviar o mal dos outros; porque não há um *médium* bem intencionado que não seja magnetizador e curador por natureza; mas não sabem possuir um tal tesouro não tentando dele fazer uso. Nisso é que seriam melhor aconselhados e mais poderosamente ajudados pelos seus bons Espíritos. Têm-se visto fazer milagres análogos àquele que vem de se operar sobre o duque de *Celeuza, príncipe Vasto*, no café *Nocera*, em Nápoles, no dia 13 de junho último, o qual acaba de publicar que foi curado instantaneamente de uma enfermidade reputada *incurável*, da qual sofria há dez anos, unicamente pela palavra de um velho cavalheiro francês, a quem contava os seus sofrimentos. Há outros que fazem estas coisas em diferentes países, na Holanda, na Inglaterra, na França, na Suíça; mas eles se multiplicarão com o tempo; os germes estão semeados.

Os *médiuns*, devidamente advertidos sobre a natureza, os usos e os costumes dos Espíritos terrestres, não têm senão que se conduzirem em consequência; quanto aos Espíritos celestes, ou de uma ordem transcendental, é raro vê-los se comunicarem com os indivíduos que ainda não chegou o tempo para com eles falar; eles presidem aos destinos da nações e às grandes catástrofes, às grandes evoluções dos globos e das Humanidades; eles trabalham neste momento, esperemos com recolhimento as grandes coisas que vão chegar: *Renovabunt fadem terra*.

JOBARD.

OBSERVAÇÕES.

O Sr. Jobard intitulara seu artigo: *Conselho aos médiuns*; acreditamos dever dar-lhe um título menos exclusivo, tendo em vista que as suas notas se aplicam em geral à maneira de apreciar as comunicações espíritas; não sendo os médiuns senão o instrumento das manifestações, estas podem ser dadas a todo o mundo, seja diretamente, seja por intermediário; todos os evocadores podem delas fazer proveito, tanto quanto os médiuns.

Aprovamos esta maneira de julgar as comunicações, porque ela é rigorosamente verdadeira, e que ela não pode senão contribuir para se pôr em guarda contra a ilusão à qual estão expostos aqueles que aceitam muito facilmente, como expressão da verdade, tudo o que vem do mundo dos Espíritos. Pensamos, entretanto, que o Sr. Jobard é talvez demasiado absoluto sobre alguns pontos. Em nosso parecer, ele não leva em muita conta o progresso que se cumpriu no Espírito no estado errante. Sem dúvida, ele leva para além da tumba as imperfeições da vida terrestre, é um fato constatado pela experiência; mas como está num meio todo diferente, que não recebe mais as suas sensações por intermédio de órgãos materiais, que não tem mais sobre os olhos esse véu que obscurece as idéias, suas sensações, suas percepções e suas idéias devem experimentar uma modificação sensível; por isso é que vemos, todos os dias, homens pensarem, depois de sua morte, de modo diferente que quando vivos, porque o horizonte moral se estendeu para eles; autores criticarem as suas obras, homens do mundo censurarem a sua própria conduta, sábios reconhecerem os seus erros. Se o Espírito não progredisse na vida espírita, reentraria na vida corpórea como dela saiu, nem mais avançado, nem mais atrasado. o que, positivamente, é contraditado pela experiência. Certos Espíritos podem, pois, ver mais claro e mais justo que quando estavam sobre a Terra, também se os vê darem excelentes conselhos, dos quais muitos se encontraram; mas entre os Espíritos, como entre os homens, é necessário saber a quem dirigir-se, e não crer que o primeiro que chegue possua a ciência infusa, nem que um sábio esteja livre de seus preconceitos terrestres, porque são Espíritos; sob este aspecto, o Sr.

Jobard tem perfeitamente razão em dizer que não é necessário aceitar, senão com uma externa reserva, as suas teorias e os seus sistemas; é necessário fazer com eles o que se faz com os homens, quer dizer, não lhes conceder confiança senão quando deram provas irrecusáveis de sua superioridade, não pelo nome que se dão, freqüentemente errado, mas pela constante sabedoria de seus pensamentos, a irrefutável lógica de seus raciocínios e a inalterável bondade de seu caráter.

As judiciosas notas do Sr. Jobard, à parte o que elas podem ter de exagero, sem dúvida, desencantarão aqueles que crêem encontrar nos Espíritos um meio certo de tudo saberem, de fazerem descobertas lucrativas, etc.; com efeito, aos olhos de certas pessoas, para que servem os Espíritos se não são bons para nos proporcionarem fortuna? Pensamos que basta haver estudado um pouco a Doutrina Espírita, para compreender que eles nos ensinam uma multidão de coisas mais úteis do que o saber se se ganhará na bolsa ou na loteria; mas, em admitindo mesmo a hipótese mais rigorosa, aquela em que seria completamente indiferente dirigir-se aos Espíritos, ou aos homens, para as coisas deste mundo, não é, pois, nada o nos darem a prova da existência de além-túmulo; de nos iniciarem no estado feliz ou infeliz daqueles que para lá nos precedem; de nos provarem que aqueles a quem amamos não estão perdidos para nós, e que os reencontraremos nesse mundo que nos espera a todos, ricos como pobres, poderosos ou escravos? Porque, em definitivo, é um fato certo, de que um dia ou outro nos será necessário atravessar o passo; que haverá além dessa barreira? De trás dessa cortina que nos cobre o futuro? Há alguma coisa, ou nada há ali? Pois bem! Os Espíritos nos ensinam que há alguma coisa; que, quando morremos, não está tudo acabado; longe disso, é então que começa a verdadeira vida, a vida normal; se não nos ensinassem senão isto, certamente suas conversas não seriam inúteis; eles fazem mais: nos ensinam o que é necessário fazer neste mundo, para estar, o melhor possível, nesse novo país; e como ali deveremos ficar por muito tempo, é bom nos assegurar o melhor lugar possível. Como o disse o Sr. Jobard, os Espíritos, em geral, se prendem muito pouco às coisas da Terra, por uma razão muito simples, *é que eles têm melhor do que isto: seu objetivo é nos ensinar sobre o que é necessário fazer para ali ser feliz; eles sabem que nos ligamos às alegrias da Terra, como as crianças aos seus brinquedos: querem avançar a nossa razão; tal é a sua missão; e se se foi enganado por alguns, foi porque se quis fazê-los sair da esfera de suas atribuições; que se lhes pergunte o que não sabem, o que não podem ou não devem dizer; é então que se é mistificado pela turba de Espíritos zombadores que se divertem com a nossa credulidade. O erro de certos médiuns é crer na infalibilidade dos Espíritos que se comunicam com eles, e que os seduzem com algumas belas frases, apoiadas num nome imponente, que, o mais freqüentemente, é um nome emprestado. Reconhecer a fraude é um resultado do estudo e da experiência. O artigo do Sr. Jobard não pode, sob este aspecto, senão ajudar a lhes abrir os olhos.*

Dissertações Espíritas

Revista Espírita, outubro de 1860

Obtidas ou lidas na Sociedade por diversos médiuns.

Formação dos Espíritos

(Médium, senhora Costel.)

Deus criou a semente humana que espalhou pelos mundos como o lavrador lança nos sulcos os grãos que devem germinar e amadurecer. As sementes divinas são as moléculas de fogo que Deus faz jorrar do grande foco, centro da vida, onde irradia em seu poder. As moléculas são para a Humanidade o que os germes das plantas são para a terra; elas se desenvolvem lentamente, e não amadurecem senão depois de longas permanências no planeta-mãe, aqueles onde se formam e começam as coisas. Não falo senão do princípio; o ser chega à sua qualidade de homem, se reproduz e a obra de Deus está consumada.

Por que o ponto de partida sendo comum, os destinos humanos são tão diversos? Por que uns nascem num meio civilizado, os outros num estado selvagem? Qual é, então, a origem dos demônios? Retomemos a história do Espírito e sua primeira eclosão. Apenas formadas as almas, hesitantes e balbuciantes, estão por toda a parte livres para penderem do bom ou do mau lado. Desde que viveram, os bons se separam dos maus. A história de Abel é ingenuamente verdadeira. As almas ingratas, apenas saídas das mão do Criador, persistem na revolta do crime; então, durante a sucessão dos séculos, elas erram, prejudicando os outros e, sobretudo, a si mesmas, até que o arrependimento as toque, o que ocorre infalivelmente. Portanto, os primeiros demônios são os primeiros homens culpados. Deus, em sua imensa justiça, não impõe nunca senão os sofrimentos resultantes dos atos maus. A Terra deveria ser inteiramente povoada, mas não poderia sê-lo igualmente, e, segundo o grau de adiantamento obtido nas migrações terrestres, uns nascem nos grandes centros de civilização, os outros Espíritos incertos, que têm, ainda, necessidade de iniciação, nascem nas florestas afastadas; o estado selvagem é preparatório. Tudo é harmonioso, e a alma culpada e cega de um demônio da Terra não pode reviver num centro esclarecido. Entretanto, algumas se arriscam nesse meio que não é o seu; se aí não podem caminhar em unísono, dão o espetáculo da barbárie em meio da civilização; são os seres desterrados. O estado embrionário é o do um ser que não sofreu ainda migração; pode-se estudá-lo à parte, uma vez que é a origem do homem.

GEORGES.

Os Espíritos errantes

(Médium, senhora Costel.)

Os Espíritos são divididos em várias categorias: primeiro os *embriões* que não têm nenhuma faculdade distinta; flutuam no ar, como os insetos que se vêem turbilhonar num raio de sol;

volteiam sem objetivo, e estão encarnados sem escolherem; tornam-se seres humanos ignorantes e grosseiros.

Acima deles estão os *Espíritos levianos*, cujos instintos não são maus, mas somente malignos; brincam com os homens e lhes causam penas frívolas; são crianças; temos caprichos e a pueril maldade.

Os Espíritos maus não o são todos no mesmo grau; há os que não fazem outro mal senão as levianas mentiras; que não se agarram a um ser, e se limitam a fazer cometer faltas pouco graves.

Os Espíritos malfazejos impelem ao mal e se alegram com ele, mas têm ainda algum clarão de piedade.

Os Espíritos perversos não o têm; todas as suas faculdades tendem para o mal; fazem-no com cálculo, com seqüência; alegram-se com as torturas morais que causam, correspondem, no mundo dos Espíritos, aos criminosos no vosso. Chegam a essa perversidade à força de desconhecerem as leis de Deus; em suas vidas carnis, caem de queda em queda e os séculos passam antes que lhes venha um pensamento de renovação. O mal é o seu elemento; nele mergulham com delícias; mas, obrigados a se reencarnarem, sofrem tais sofrimentos, e esse sofrimento aumenta de tal modo em suas vidas espíritas, que o amor do mal se perde neles; acabam por compreender que devem ceder à voz de Deus, que não cessa de chamá-los. Viram-se Espíritos mais rebeldes pedirem, com ardor, as expiações mais terríveis e sofrê-las com a alegria de um mártir. É uma imensa alegria, para os puros Espíritos, esses retornos ao bem. A palavra do Cristo, para as ovelhas desgarradas, é brilhante de verdade.

Os Espíritos errantes da segunda ordem são os intermediários entre os Espíritos superiores e os mortais, porque é raro que os Espíritos superiores se comuniquem diretamente; é necessário, para isso, que sejam impelidos por uma solicitação particular. Estes intermediários são os Espíritos dos mortais que não têm nenhum mal grave a censurar, e cujas intenções não foram más. Eles recebem missões, e, quando as cumprem com zelo e amor, são recompensados com um adiantamento mais rápido. Têm menos migrações a sofrer; também os Espíritos desejam ardentemente essas missões, que não são concedidas senão como recompensa, quando são julgados capazes de cumpri-las. São os Espíritos superiores que os dirigem e que escolhem as suas funções.

Os Espíritos superiores não o são todos no mesmo grau; se estão dispensados das migrações em vossos mundos, não o estão das condições de adiantamento nas esferas mais elevadas. Enfim, não há nenhuma lacuna no mundo visível e invisível; uma ordem admirável proveu a tudo; nenhum ser é ocioso ou inútil; todos concorrem, na medida de suas faculdades, para a perfeição da obra de Deus, que não tem nem fim nem limite.

Georges.

O castigo.

(Médium, senhora Costel.)

Os Espíritos maus, egoístas e duros, são, logo depois da morte, entregues a uma dúvida cruel

sobre o seu destino presente e futuro; olham ao redor deles, e não vêem primeiro nenhum sujeito sobre o qual possam exercer a sua maldosa personalidade, e o desespero se apodera deles, porque o isolamento e a inação são intoleráveis aos maus Espíritos; eles não erguem seus olhares para os lugares habitados pelos Espíritos puros; eles consideram o que os cerca, e logo, impressionados pelo abatimento dos Espíritos fracos e punidos, se agarram a eles como a uma presa, armando-se da lembrança de suas faltas passadas, que colocam, sem cessar, em ação pelos seus gestos irrisórios. Não lhes bastando essa zombaria, mergulham sobre a Terra como abutres esfomeados; procuram, entre os homens, a alma que abrirá um mais fácil acesso às suas tentações; se apoderam dela, exaltam a sua cobiça, tratam de extinguir a sua fé em Deus, e quando, enfim, senhores de uma consciência, vêem a sua presa assegurada, estendem sobre tudo o que aproxima a sua vítima, o fatal contágio.

O mau Espírito, que exerce a sua raiva, é quase sempre feliz; não sofre senão nos momentos em que não age e naqueles também em que o bem triunfa do mal.

Entretanto, os séculos se escoam; o mau Espírito sente, de repente, as trevas invadi-lo; o seu círculo de ação se aperta, sua consciência, até então muda, fá-lo sentir as pontas agudas do arrependimento. Inativo, levado pelo turbilhão, ele erra, sentindo, como dizem as Escrituras, o pêlo de sua carne se endireitar de pavor; logo um grande vazio se faz nele, ao redor dele; o momento é chegado, ele deve expiar; a reencarnação ali está, ameaçadora; vê, como numa miragem, as provas terríveis que o esperam; gostaria de recuar, avança e se precipita no abismo escancarado da vida, e rola espantado até que o véu da ignorância caia de seus olhos. Ele vive, age, e é ainda culpado; sente em si não sei qual lembrança inquieta, quais pressentimentos que o fazem tremer, mas não o fazem recuar no caminho do mal. Ao cabo de forças e de crimes, vai morrer. Estendido sobre o seu catre, ou sobre o seu leito, que importa! o homem culpado sente, sob a sua aparente imobilidade, se movimentar e viver um mundo de sensações esquecidas! Sob as suas pálpebras fechadas vê apontar um clarão, ouve sons estranhos; sua alma, que vai deixar o seu corpo, se agita impaciente, ao passo que as suas mãos crispadas tentam se agarrar aos lençóis; gostaria de falar, gostaria de gritar àqueles que o cercam: Detende-me! vejo o castigo! Não o pode; a morte se fixa sobre os seus lábios pálidos, e os assistentes dizem: Ei-to em paz!

Entretanto, ele ouve tudo; flutua ao redor de seu corpo que não gostaria de abandonar; uma força secreta o atrai: vê, e reconhece o que já viu. Desvairado, se lança no espaço onde gostaria de se esconder. Não mais de retiro, não mais de repouso! Outros Espíritos lhe devolvem o mal que fez, e castigado, escarnecido, confuso, a seu turno, ele erra e errará até que o divino clarão se insinue em seu endurecimento e o ilumine, para mostrar-lhe o Deus vingador, o Deus triunfante de todo mal, que não poderá apaziguar senão à força de gemidos e de expiações.

Georges.

Nota. Jamais quadro mais eloqüente, mais terrível e mais verdadeiro, foi traçado quanto à sorte do mau; é, pois, necessário recorrer à fantasmagoria das chamas e das torturas físicas?

Marte

(Médium, senhora Costel.)

Marte é um planeta inferior à Terra da qual é um esboço grosseiro; não é necessário habitá-

lo. Marte é a primeira encarnação dos demônios mais grosseiros; os seres que o habitam são rudimentares; têm a forma humana, mas sem nenhuma beleza; têm todos os instintos do homem sem o enobrecimento da bondade.

Entregues às necessidades materiais, eles bebem, comem, lutam, se unem carnalmente. Mas como Deus não abandona nenhuma de suas criaturas, no fundo das trevas de sua inteligência jaz, latente, o vago conhecimento de si mesmo, mais ou menos desenvolvido. Esse instinto basta para torná-los superiores uns aos outros, e preparar a sua eclosão para uma vida mais completa. A sua é curta, como a dos efêmeros. Os homens, que não são senão matéria, desaparecem depois de uma curta duração. Deus tem horror ao mal, e não o tolera senão como servindo de princípio ao bem; abrevia o seu reino e a ressurreição triunfa dele.

Neste planeta a terra é árida; pouca verdura; uma folhagem sombria que a primavera não rejuvenesce; um dia igual e cinza; o sol, apenas aparente, nunca prodigaliza as suas festas; o tempo escoia monótono, sem as alternativas e as esperanças das estações novas; não há inverno, não há verão. O dia, mais curto, não se mede do mesmo modo; a noite reina mais longa. Sem indústrias, sem invenções, os habitantes de Marte gastam sua vida para conquista de seu alimento. Suas moradias grosseiras, baixas como covil de feras, são repelentes pela incúria e pela desordem que aí reinam. As mulheres lançam-se sobre os homens; mais abandonadas, mais famélicas, não são senão suas mulheres. Elas têm apenas o sentimento maternal; colocam no mundo com facilidade, sem nenhuma angústia; alimentam e guardam suas crianças junto delas até o completo desenvolvimento de suas forças, e as repelem sem remorso, sem uma lembrança.

Eles não são canibais; suas contínuas batalhas não têm por objetivo senão a posse de um terreno mais ou menos abundante em caça. Caçam em planícies intermináveis. Inquietos e móveis como os seres desprovidos de inteligência, se deslocam sem cessar. A igualdade de sua estação, por toda a parte a mesma, comporta por consequência as mesmas necessidades e as mesmas ocupações; há pouca diferença entre os habitantes de um hemisfério a outro.

A morte não tem para eles nem terror nem mistério; consideram somente como a podridão do corpo que queimam imediatamente. Quando um desses homens vai morrer, ele é logo abandonado e sozinho, estendido, pensa pela primeira vez; um vago instinto se apodera dele; como a andorinha advertida de sua próxima migração, ele sente que tudo não está acabado, que vai recomeçar alguma coisa desconhecida. Ele não é bastante inteligente para supor, temer ou esperar, mais calcula às pressas suas vitórias ou seus defeitos; pensa num número de animais que abateu, e se regozija ou se aflige segundo os resultados obtidos. Sua mulher (eles não têm mais que uma cada vez, mas podem mudar tanto quanto lhes sejam conveniente) agacha-se sobre o limiar da porta, lança pedras no ar; quando formam um pequeno montículo, ela julga que o tempo decorreu e se arrisca a olhar no interior; se suas previsões estão realizadas, se o homem está morto, ela entra sem um grito, sem uma lágrima, despoja-o das peles de animais que o envolve, e vai friamente advertir seus vizinhos que carreguem o corpo e o queimem, apenas resfriado.

Os animais, que suportam por toda parte o reflexo humano, são mais selvagens, mais cruéis que por toda parte alhures. O cão e o lobo não são senão uma mesma espécie, e sem cessarem em luta com o homem, se entregam a combates obstinados. Aliás, menos numerosos, menos variados sobre a Terra, os animais são o resumo de si mesmos.

Os elementos têm a cólera cega do caos; o mar furioso separa os continentes sem navegação possível; o vento ruga e curva as árvores até o solo. As águas submergem as terras ingratas que elas não fecundam. O terreno não oferece as mesmas condições geológicas da Terra; o

fogo não esquentava; os vulcões são ali desconhecidos; as montanhas, apenas elevadas, não oferecem nenhuma beleza; elas cansam o olhar e desencorajam a exploração; por toda a parte, enfim, monotonia e violência; por toda a parte, a flor sem a cor e o perfume, por toda a parte homens sem previdência, matando para viver.

Georges.

Nota. Por servir de transição entre o quadro de Marte e de Júpiter, seria necessário o de um mundo intermediário, da Terra, por exemplo, mas que conhecemos suficientemente. Em observando-a, é fácil reconhecer que mais se aproxima de Marte do que de Júpiter, pois que no seio mesmo da civilização se encontram ainda seres tão abjetos e tão desprovidos de sentimentos de humanidade, que vivem no mais absoluto embrutecimento, não pensam senão nas necessidades materiais, sem nunca terem voltado seus olhos para o céu, e que parecem virem de Marte em linha direta.

Júpiter

(Médium, senhora Costel.)

O planeta Júpiter, infinitamente maior do que a Terra, não apresenta o mesmo aspecto. Ele está inundado de uma luz pura e brilhante, que ilumina sem ofuscar. As árvores, as flores, os insetos, os animais dos quais os vossos são o ponto de partida, ali são enobrecidos e aperfeiçoados; ali a natureza é mais grandiosa e mais variada, a temperatura é igual e deliciosa; a harmonia das esferas encanta os olhos e os ouvidos. A forma dos seres que o habitam a mesma que a vossa, mas embelezada, aperfeiçoada, e sobretudo purificada. Não estamos submetidos às condições materiais de vossa natureza: não temos nem as necessidades, nem as enfermidades que lhes são as conseqüências. Somos almas revestidas de um envoltório diáfano que conserva as marcas das nossas migrações passadas: aparecemos aos nossos amigos tais como nos conheceram, mas iluminados por uma luz divina, transfigurados pelas nossas impressões interiores que sempre são elevadas.

Júpiter é dividido, como a Terra, em um grande número de regiões variadas de aspecto, mas não de clima. As diferenças de condições ali são estabelecidas unicamente pela superioridade moral e inteligente; não há nem senhores nem escravos; os graus mais elevados não são marcados senão pelas comunicações mais diretas e mais freqüentes com os Espíritos puros, e pelas funções mais importantes que nos são confiadas. Vossas habitações não podem vos dar nenhuma idéias das nossas, uma vez que não temos as mesmas necessidades. Cultivamos artes chegadas a um grau de perfeição desconhecido entre vós. Gozamos de espetáculos sublimes, entre os quais o que admiramos mais à medida que o compreendemos melhor, é a inesgotável variedade de criações, variedades harmoniosas que têm seu ponto de partida e se aperfeiçoam no mesmo sentido. Todos os sentimentos ternos e elevados da natureza humana, nós os encontramos aumentados e purificados, o desejo incessante que temos de chegar à classe dos puros Espíritos não é um tormento, mas uma nobre ambição que nos impele a nos aperfeiçoarmos. Estudamos incessantemente com amor para sermos elevados até eles, o que fazem também os seres inferiores para chegarem a nos igualar. Os vossos pequenos ódios, os vossos mesquinhos ciúmes nos são desconhecidos; um laço de amor e fraternidade nos une: os mais fortes ajudam os mais fracos. No vosso mundo tendes necessidade da sombra do mal para sentir o bem, da noite para admirar a luz, da enfermidade para apreciar a saúde. Aqui, esses contrastes não são necessários; a eterna luz, a eterna bondade, a eterna calma da alma nos enche de uma eterna alegria. Eis o que o espírito humano tem mais dificuldade de compreender; foi engenhoso para pintar os

tormentos do inferno, mas nunca pôde representar as alegrias do céu, e por que isto? Porque sendo inferior, não suportou senão penas e misérias, e não entreviu as celestes dar idades; não pode vos falar daquilo que não conhece, como o viajante descreve os países que percorreu; mas, a medida que se eleva e se depura, o horizonte se ilumina e ele confunde o bem que tem diante de si, como compreendeu o mal que ficou atrás dele. Outros Espíritos já procuraram vos fazer compreender, tanto quanto a vossa natureza o permite, o estado de mundos felizes, a fim de vos excitar a seguir um único caminho que pode a eles conduzir; mas há entre vós os que são de tal modo agarrados à matéria que preferem ainda as alegrias materiais da Terra, às alegrias puras que esperam o homem que sabe delas desligar-se. Que aí gozem, pois, enquanto aí estão! Porque um triste retorno os espera, talvez mesmo desde esta vida. Aqueles que escolhemos por nossos intérpretes são os primeiros a receber a luz; infelizes deles, sobretudo, se não aproveitam o favor que Deus lhes concede, porque a sua justiça pesará sobre eles!

GEORGES.

Os puros Espíritos

(Médium, senhora Costel.)

Os puros Espíritos são aqueles que, chegados ao mais alto grau de perfeição, são julgados dignos de serem admitidos aos pés de Deus. O esplendor infinito que os rodeia, não os dispensa de sua parte de utilidade nas obras de criação: as funções que eles têm a cumprir correspondem à extensão de suas faculdades. Estes Espíritos são os ministros de Deus; eles regem, sob suas ordens, os mundos inumeráveis; dirigem do alto os Espíritos e os humanos; estão ligados entre eles, por um amor sem limites, este ardor se estende sobre todos os seres que procuram chamar e tornar dignos da suprema felicidade. Deus irradia sobre eles e lhe transmite as suas ordens; eles o vêem sem serem oprimidos por sua luz.

Sua forma é etérea, não têm mais nada de palpável; eles falam aos Espíritos superiores e lhes comunicam a sua ciência; tornaram-se infalíveis E nas suas fileiras que são escolhidos os anjos guardiães que descem com bondade seus olhares sobre os mortais, e os recomendam aos Espíritos superiores que os amaram. Estes escolhemos agentes de sua direção nos Espíritos da segunda ordem. Os puros Espíritos são iguais; e não poderia ser de outro modo, uma vez que não são chamados a essa classe senão depois de atingirem o mais alto grau de perfeição. Há igualdade, mas não uniformidade, porque Deus não quis que nenhuma de suas obras fossem idênticas. Os Espíritos puros conservam a sua personalidade, que somente adquiriram a perfeição mais completa, no sentido do seu ponto de partida.

Não é permitido dar maiores detalhes sobre esse mundo supremo.

GEORGES.

Morada dos bem-aventurados

(Médium, senhora Costel.)

Falemos das últimas espirais de glória habitadas pelos puros Espíritos. Ninguém as alcança antes de ter atravessado os círculos dos Espíritos errantes. Júpiter é o mais alto grau da

escala; quando um Espírito, por longo tempo purificado pela sua permanência nesse planeta, é julgado digno da suprema felicidade, é advertido por um redobramento da energia; um fogo sutil anima todas as partes delicadas de sua inteligência que parece irradiar e se tornar visível; ofuscante, transfigurado, ele ilumina o dia que parece tão radioso aos olhos dos habitantes de Júpiter; seus irmãos reconhecem o eleito do Senhor e, trêmulos, se ajoelham diante de sua vontade. Entretanto, o Espírito escolhido se eleva, e os céus, em sua suprema harmonia, lhe revelam belezas indescritíveis.

À medida que ele sobe, compreende, não mais como na erraticidade, não mais vendo o conjunto das coisas criadas, como em Júpiter, mas abarcando o infinito. Sua inteligência transfigurada se lança como uma flecha para Deus, sem estremecimento e sem terror, como num foco imenso alimentado por milhares de objetos diversos. O amor, nesses diversos Espíritos, reveste a cor de sua personalidade experimentada; eles se reconhecem, se regozijam uns pelos outros. Suas virtudes, refletidas, repercutem, por assim dizer, as delícias da visão de Deus e aumentam incessantemente a felicidade de cada eleito. Mar de amor que cada afluente engrossa, essas forças puras não permanecem mais inativas do que as forças de outras esferas. Investidos logo do dom da ubiqüidade, eles abraçam, ao mesmo tempo, os detalhes infinitos da vida humana desde a sua eclosão até as suas derradeiras etapas. Irresistível como o dia, sua visão penetra por toda a parte ao mesmo tempo, e, ativos como a força que os move, eles espargem as vontades do Senhor. Como de uma urna cheia se escapa a vaga benfazeja, sua bondade universal aquece os mundos e confunde o mal.

Estes diversos intérpretes têm por ministros do seu poder os Espíritos já depurados. Assim, tudo se eleva, tudo se aperfeiçoa, e a caridade irradia sobre os mundos que ela alimenta como seu poderoso seio.

Os puros Espíritos têm, por atribuição a posse de tudo que é bem e verdade, porque possuem Deus, o próprio princípio. O pobre pensamento humano limita a tudo o que ele compreende e não admite o infinito que a felicidade não limita. Depois de Deus, que pode aí haver? Deus ainda, Deus sempre; o viajante vê os horizontes sucederem aos horizontes e um não é senão o começo do outro; assim o infinito se desenrola incessantemente. A alegria mais imensa dos puros Espíritos é precisamente essa extensão tão profunda quanto a própria eternidade.

Não se pode descrever uma graça, uma chama, um raio, não posso descrever os puros Espíritos. Mais vivos, mais belos, mais brilhantes que não o são as imagens mais etéreas, uma palavra resume seu ser, seu poder e suas alegrias: Amor! Enchei desta palavra os espaço que separa a Terra do céu e não tereis ainda senão a idéia de uma gota d'água no mar. O amor terrestre por grosseiro que seja, só pode vos fazer conhecer a sua divina realidade.

GEORGES.

A reencamação

(Pelo Sr. de Grand-Boulogne, médium.)

Há, na doutrina da reencarnação, uma economia moral que não escapa à tua inteligência.

Só a corporeidade sendo compatível com os atos de virtude, e estes atos sendo necessários ao adiantamento do Espírito, este deve raramente encontrar, numa só existência, as

circunstâncias necessárias à sua melhoria acima da Humanidade.

Estando admitido que a justiça de Deus não pode se misturar com as penas eternas, a razão deve concluir pela necessidade: 1ª de um período de tempo durante o qual o Espírito examina o seu passado, e. forma as suas resoluções para o futuro; 2ª de uma existência nova em harmonia com o adiantamento desse Espírito. Não falo de suplícios, algumas vezes terríveis, aos quais são condenados certos Espíritos durante o período da erraticidade, eles respondem de uma parte pela enormidade da falta, de outra pela justiça de Deus. Isto é dito bastante para dispensar e dar detalhes que encontrará, aliás, no estudo das evocações. Retornando às reencarnações, delas compreenderás a necessidade por uma comparação vulgar, mas impressionante de verdade.

Depois de um ano de estudos, que ocorre ao jovem colegial? Se progredir, passa para uma classe superior; se permaneceu imóvel na sua ignorância, ele recomeça a sua classe. Vai mais longe; supõe faltas graves: ele é expulso; pode errar de colégio em colégio; pode ser expulso da Universidade, e pode ir da casa de educação para a casa de correção. Tal é a imagem fiel da sorte dos Espíritos, e nada satisfaz mais completamente a razão. Quer se escavar mais profundamente a doutrina? Ver-se-á o quanto, nestas idéias, a justiça de Deus parece mais perfeita e mais conforme às grandes verdades que dominam a nossa inteligência.

No conjunto, como nos detalhes, há alguma coisa de tão surpreendente que o Espírito nelas iniciado pela primeira vez está como iluminado. E as censuras murmuradas contra a Providência, e as maldições contra a dor, e o escândalo do vício feliz em face da virtude que sofre, e a morte prematura da criança; e, numa mesma família, encantadoras qualidades dando, por assim dizer, a mão a uma perversidade precoce; e as enfermidades que datam do berço; e a diversidade infinita dos destinos, seja entre os indivíduos, seja entre os povos, problemas não resolvidos até este dia, enigmas que fizeram duvidar da bondade e quase da existência de Deus, tudo isso se explica ao mesmo tempo. Um puro raio de luz se estende sobre o horizonte da filosofia nova, e no seu quadro imenso, se agrupam harmoniosamente todas as condições da existência humana. As dificuldades se nivelam, os problemas se resolvem, e os mistérios impenetráveis até este dia se resumem e se explicam nesta única palavra: *reencarnação*.

Eu li em teu pensamento, caro cristão; tu dizes: eis, desta vez, uma verdadeira heresia. Não mais, meu filho, do que a negação da eternidade das penas. Nenhum dogma *prático* é contraditório com esta verdade. O que é a vida humana? O tempo durante o qual o Espírito permanece unido a um corpo. Os filósofos cristãos, no dia marcado por Deus, não terão nenhuma dificuldade de dizer que a vida é múltipla. Isso não acrescenta e nem muda nada em vossos deveres. A moral cristã permanece de pé, e a lembrança da Missão de Jesus plana sempre sobre a Humanidade. A religião nada tem a temer desse ensinamento, e não está longe o dia em que os seus ministros abrirão os olhos à luz; reconhecerão, enfim, na revelação nova, os recursos que, do fundo das suas basílicas, eles imploram do céu. Crêem que a sociedade vai perecer: ela vai ser salva.

ZÉNON.

O despertar do Espírito

(Médium, senhora Costel.)

Quando o homem deixa seu despojo mortal, ele sente um espanto e um ofuscamento que o mantêm algum tempo indeciso sobre seu estado real; não sabe se está morto ou vivo, e as suas sensações, muito confusas, precisam longo tempo para clarearem. Pouco a pouco, os olhos de seu Espírito são ofuscados pelas diversas claridades que o cercam; segue toda uma ordem de coisas, grandes e desconhecidas, que primeiro tem dificuldade em compreender, mas logo reconhece que não é mais do que um ser impalpável e imaterial; procura seu despoje e se espanta de não mais encontrá-lo; é algum tempo antes de que lhe retorne a memória do passado, e o convença de sua identidade. Olhando a Terra que vem de deixar, vê os seus parentes e os seus amigos que o choram, e o seu corpo inerte. Enfim, seus olhos se desligam da terra e se elevam para o céu; se a vontade de Deus não o retém no solo, ele se eleva lentamente e sente-se flutuar no espaço, o que é uma sensação deliciosa. Então a lembrança da vida que deixa lhe aparece com uma clareza, desoladora mais freqüentemente, mas consoladora algumas vezes. Eu te falo aqui do que senti, eu não sou um mau Espírito, mas não tenho a felicidade de ocupar uma classe elevada. A gente se despoja de todos os preconceitos terrestres; a verdade aparece em toda a sua luz; nada dissimula as faltas, nada esconde as virtudes; vê a sua alma tão claramente como num espelho; procura-se, entre os Espíritos, aqueles a quem se conheceu, porque o Espírito se assusta com o seu isolamento, mas eles passam sem se deterem; não há comunicações amigáveis entre os Espíritos errantes; mesmo aqueles que se amaram não trocam sinais de reconhecimento; essas formas diáfanas deslizam e não se fixam; as comunicações afetivas estão reservadas aos Espíritos superiores que permutam os seus pensamentos. Quanto a nós, nosso estado transitório não serve senão ao nosso adiantamento do qual nada pode nos distrair, as únicas comunicações que nos são permitidas são com os humanos, porque elas têm um objetivo de utilidade mútua que Deus prescreveu. Os maus Espíritos contribuem também para o adiantamento humano: servem para as provas; se lhes resistem, adquirem-se méritos. Os Espíritos que dirigem os homens são recompensados por um grande abrandamentos de suas penas. Os Espíritos errantes não sofrem da ausência de comunicações entre eles, porque sabem que se reencontrarão; eles não têm senão mais ardor para chegar no momento em que as provas cumpridas se lhes tornem os objetos de sua afeição, que não pode se exprimir, mas que jaz latente neles. Nenhum dos laços que contraímos sobre a Terra é quebrado; as nossas simpatias se restabelecerão na ordem em que elas existiram, mais ou menos vivas segundo o grau de calor ou de intimidade que elas tiveram.

Georges

Progresso dos Espíritos

(Médium, senhora Costel.)

Os Espíritos podem avançar intelectualmente, se o querem sinceramente e com firmeza; eles têm, como os homens, seu livre arbítrio, e o seu estado errante não impede o exercício de suas faculdades; ajuda-os mesmos dando-lhes os meios de observação que podem aproveitar.

Os maus Espíritos não são fatalmente condenados a permanecer como tais; podem se melhorar, mas o querem raramente, porque lhes falta discernimento, encontram uma espécie de prazer malsão no mal que fazem. Para que eles retornem ao bem, é necessário que sejam violentamente atingidos e punidos; porque seus cérebros tenebrosos não se esclarecem senão pelo castigo.

Os Espíritos fracos não fazem o mal por prazer, mas não avançam, são retidos pela sua própria fraqueza, e por uma espécie de entorpecimento que paralisa as suas faculdades;

vêm sem saber onde; o tempo passa sem que o meçam; interessam-se pouco pelo que vêem; e disso não tiram proveito ou com isso se revoltam. É necessário ter chegado a um certo grau de adiantamento moral para poder progredir no estado de erraticidade; também esses pobres Espíritos escolhem freqüentemente muito mal as suas provas; eles procuram, sobretudo, estar o melhor possível na sua vida carnal, sem muito se inquietar do que se lhes sucederá além dela. Esses Espíritos fracos aspiram ardentemente à encarnação, não para se depurarem, mas para viverem ainda. Os seres que cumpriram muitas migrações são mais experientes do que os outros; cada uma de suas existências depositou neles uma soma de conhecimento mais considerável; eles viram e retiveram; são menos ingênuos do aqueles que estão próximos de seu ponto de partida.

Os Espíritos que partiram da Terra, nela reencarnam mais freqüentemente do que por toda a parte alhures, porque a experiência que adquiriram nela é mais aplicável. Eles não visitam quase nada os outros mundos senão antes ou depois de seu aperfeiçoamento. Em cada planeta, as condições de existência são diferentes, porque Deus é inesgotável na variedade de suas obras; todavia, os seres que os habitam obedecem às mesmas leis de expiação, e tendem todos para o mesmo objetivo de completa perfeição.

Georges.

A caridade material e a caridade moral

(Médium, senhora de B...)

"Amemo-nos uns aos outros e façamos a outrem o que gostaríamos que nos fizessem." Toda a religião, toda amoral se encontram encerradas nestes dois preceitos; se fossem seguidos neste mundo, seríamos todos perfeitos: não mais de ódio, não mais ressentimentos; eu diria mais ainda: não mais de pobreza, porque do supérfluo da mesa de cada rico, muitos pobres se alimentariam, e não veríeis mais, nos sombrios bairros que habitei durante a minha última encarnação, pobres mulheres arrastando atrás delas miseráveis crianças com falta de tudo.

Ricos! Pensai um pouco nisso; ajudai com o vosso melhor os infelizes; dai, porque Deus vos torna um dia o bem que fizeres, porque encontrareis um dia, ao sair de vosso envoltório terrestre, um cortejo de Espíritos reconhecidos que vos receberão no limiar de um mundo mais feliz.

Se pudésseis saber a alegria que senti reencontrando lá no alto aqueles que favoreci na minha última vida! Dai, e amai o vosso próximo; amai como a vós mesmos, porque o sabeis, também vós, agora que Deus permitiu que comeceis a se instruir na ciência espírita, esse infeliz que repelis é talvez um irmão, um pai, um filho, um amigo que lançai longe de vós, e então qual será o vosso desespero, um dia, reconhecendo-o neste mundo espírita!

Desejo que compreendais bem o que pode ser *a caridade moral*, aquela que cada um pode praticar, aquela que não *custa nada* de material, e, entretanto, aquela que é a mais difícil de se pôr em prática!

A caridade moral consiste em se suportar uns aos outros, e é o que menos fazeis, neste mundo em que estais encarnados no momento. Sede, pois, caridosos, porque avançareis mais no bom caminho; sede humanos e suportai-vos uns aos outros. Há um grande mérito em saber se calar para deixar falar um mais tolo do que agente e aí está um gênero de

caridade. Saber ser surdo quando uma palavra zombeteira escapa de uma boca habituada a escarnecer; não ver o sorriso desdenhoso que acolhe a vossa entrada na casa de pessoas que, freqüentemente erradas, se crêem acima de vós, ao passo que, na vida espírita, *a única real*, eles estão disso algumas vezes bem longe; eis um mérito, não de humildade, mas de caridade, porque não notar os erros de outrem, eis a caridade moral. Passando junto de um pobre enfermo, o olhar com compaixão, tem sempre maior mérito do que o de lançar, com desprezo, o seu óbolo.

Entretanto, não é necessário tomar essa figura ao pé da letra, porque essa caridade não deve impedir a outra; mas pensai, sobretudo, em não desprezar o vosso semelhante; lembrai-vos do que já vos disse: É necessário se lembrar que, sem cessar, no pobre rejeitado, talvez rejeitais um Espírito que vos foi querido, e que se encontra, momentaneamente, numa posição inferior à vossa. Revi um desses pobres de vossa Terra que pude, por felicidade, favorecer algumas vezes, a quem me ocorre *agora implorar* por minha vez.

Sede, pois, caridosos; não sejais desdenhosos, sabeis deixar passar uma palavra que vos fere, e não creiais que ser caridoso seja somente dar o material, mas também praticar a caridade moral. Eu vos repito, façais uma e a outra. Lembrai-vos que Jesus disse que somos irmãos, e pensai sempre nisto antes de repelir o leproso ou o mendigo. Eu retornarei ainda para vos dar comunicação mais longa, mas sou chamada. Adeus; pensai naqueles que sofrem, e orai.

Irmã Rosalie.

A eletricidade do pensamento

(Médium, senhora Costel.)

Eu vos falarei do estranho fenômeno que se passa nas assembléias, qualquer que seja o seu caráter; quero falar da eletricidade do pensamento, que se espalha, como por encanto, nos cérebros os menos preparados para recebê-las. Só esse fato deveria confirmar o magnetismo aos olhos dos mais incrédulos. Estou sobretudo impressionada com a coexistência dos fenômenos, e o modo pelo qual se confirmam uns e outros; direis, sem dúvida: O Espiritismo os explica todos, porque dá a razão dos fatos, até então relegados ao domínio da superstição. É necessário crer no que ele nos ensina, porque transforma a pedra em diamante, quer dizer, que eleva sem cessar as almas que se aplicam em compreendê-lo, e que lhes dá, sobre esta Terra, a paciência para suportar os males, e lhes proporciona, no céu, a elevação gloriosa que aproxima do Criador.

Retorno do ponto de partida, do qual me afastei um pouco: a eletricidade que une o Espíritos dos homens reunidos, e fá-los compreender a todos, ao mesmo tempo, a mesma idéia; essa eletricidade será, um dia, empregada eficazmente entre os homens como já o é para as suas comunicações distantes. Eu vos indico esta idéia; desenvolvê-la-eis um dia, porque é muito fecunda. Conservai a calma em vossos trabalhos, e contaí com a benevolência dos bons Espíritos para vos assistir.

Vou completar meu pensamento que permaneceu inacabado na minha última comunicação. Eu vos falei da eletricidade de pensamento, e disse que um dia ela seria empregada como o é a sua irmã a eletricidade física. Com efeito, os homens reunidos libertam um fluido que lhes transmite, com a rapidez do raio, as menores impressões. Por que nunca se pensou empregar esse meio para descobrir um criminoso, por exemplo, ou para fazer as massas

compreenderem as verdades da religião ou do Espiritismo? Quando dos grandes processos criminais ou políticos, os assistentes dos dramas judiciais todos puderam constatar a corrente magnética que força, pouco a pouco, as pessoas mais interessadas em esconder o seu pensamento, a descobri-lo, a se acusar mesmo, não podendo mais suportar a pressão elétrica que fazia, apesar delas, jorrar a verdade, não de sua consciência, mas de seu peito; à parte essas grandes emoções, o mesmo fenômeno se reproduz para as idéias intelectuais que se comunicam de cérebro a cérebro; o meio, pois, está encontrado; trata-se de aplicá-lo: reunir, num mesmo centro, homens convencidos, ou homens instruídos, e opor-lhes a ignorância ou o vício. Estas experiências devem ser feitas conscientemente, e são mais importantes que os vãos debates feitos com palavras.

Delphinede girardin.

A hipocrisia

(Médium, Sr. Didier filho.)

Deveria haver, sobre a Terra, dois campos bem distintos: os homens que fazem o bem abertamente e aqueles que fazem o mal abertamente. Oh bem! Não. O homem não é mesmo franco no mal; ele aparenta a virtude. Hipocrisia! Hipocrisia! Deusa poderosa, quantos tiranos elevaste! Quantos ídolos fizeste adorar! O coração do homem é verdadeiramente muito estranho, uma vez que pode bater estando morto, uma vez que pode amar em aparência a honra, a virtude, a verdade, a caridade! O homem, cada dia, se prosterna diante dessas virtudes, e cada dia ele falta com a palavra, cada dia despreza o pobre e o Cristo; cada dia ele mente, cada dia ele é falso! Quantos homens parecem honestos pela aparência que freqüentemente engana! Cristo chamava-os sepulcros brancos, quer dizer, a podridão por dentro, o mármore por fora brilhando ao sol. Homem! Tu pareces efetivamente com essa morada da morte, e enquanto teu coração estiver morto, Jesus não o inspirará mais; Jesus, esta luz divina que não clareia exteriormente, mas que ilumina interiormente.

A hipocrisia é o vício da vossa época, entendei-o bem; e quereis vos fazer grandes pela hipocrisia! Em nome da liberdade, vos engrandeceis; em nome da moral vos embruteceis; em nome da verdade, mentis.

LAMENNAIS.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Terceiro Ano – 1860

Novembro

- [Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas](#)
- [Bibliografia. Carta de um católico sobre o Espiritismo \(pelo doutor Grand\)](#)
- [Homero](#)
- [Conversas familiares de além-túmulo: Um Espírito gastrônomo](#)
- [Um Espírita ao seu Espírito familiar. Estância](#)
- [Relações afetuosas dos Espíritos](#)
- Dissertações Espíritas
 - [Primeiras impressões de um Espírito. \(Delphine de Girardin\)](#)
 - [Os órfãos](#)
 - [De um irmão morto para a sua irmã viva](#)
 - [O Cristianismo \(Lamennais\)](#)
 - [O tempo perdido \(Massilon\)](#)
 - [Os Sábios \(Delphine de Girardin\)](#)
 - [O homem \(Santa Teresa\)](#)
 - [Da firmeza nos trabalhos espíritas \(Channing\)](#)
 - [Os inimigos do progresso \(Lamennais\)](#)
 - [Distinção da natureza dos Espíritos](#)
 - [Scarron](#)
 - [O nada da vida \(Swetchine\)](#)
 - [Aos Médiuns \(Salles\)](#)
 - [A honestidade relativa \(Georges\)](#)
 - [Proveito de conselhos](#)
 - [Pensamentos destacados \(Massillon-Lamennais\)](#)
- [Maria d'Agreda. Fenômeno de bi-corporeidade](#)
- [Aviso](#)

Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas

Revista Espírita, novembro de 1860

Sexta-feira, 5 de outubro de 1860. (Sessão particular.)

Reunião da comissão.

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão de 24 de agosto.

Com o parecer da comissão, que tomou conhecimento da carta de pedido, e depois de relatório verbal, a Sociedade admite como associado o Sr. B..., negociante de Paris.

Comunicações diversas - 1º O Sr. Allan Kardec dá conta do resultado da viagem que vem de fazer no interesse do Espiritismo, e se felicita pela cordial acolhida que recebeu por toda a parte, e notadamente em Sens, Mâcon, Lyon e Saint-Etienne. Constatou, por toda a parte onde se deteve, o progresso considerável da Doutrina; mas, o que foi sobretudo digno de nota foi que, em nenhuma parte, não se viu dele fazer divertimento; por toda a parte dele se ocupa de maneira séria, e por toda a parte se compreende a importância de suas conseqüências futuras. Sem dúvida, há ainda muitos opositores, dos quais os mais obstinados são os opositores interessados, mas os escarnecedores diminuem sensivelmente, vendo que os seus sarcasmos não colocam os galhofeiros de seu lado, e que favorecem mais do que detêm o progresso das crenças novas, começam a compreender que nada ganham com isso e gastam o seu espírito em pura perda, por isso é que se calam. Uma palavra bem característica parece estar por toda a parte na ordem do dia; é esta: *O Espiritismo está no ar*; por si só ela pinta o estado das coisas. Mas é sobretudo em Lyon que os resultados são mais notáveis. Os Espíritas ali são numerosos em todas as classes, e, na classe operária, eles se contam por centenas. A Doutrina Espírita exerceu, entre os operários, a mais salutar influência do ponto de vista da ordem, da moral e das idéias religiosas. Em resumo, a propagação do Espiritismo caminha com a mais encorajadora rapidez.

O Sr. Allan Kardec leu o discurso pronunciado pelo Sr. Guillaume no banquete que os espíritas lioneses lhe ofereceram, e a resposta que lhe deu.

A Sociedade reconheceu os testemunhos de simpatias que seus confrades de Lyon lhe deram nessa circunstância, vota-lhes uma carta de agradecimento, cujo projeto foi submetido à comissão, e emendado por ela. Essa carta será transmitida aos cuidados do presidente.

O Sr. Allan Kardec viu, em Saint-Etienne, o Sr. R... e ouviu dele mesmo a exposição do sistema que lhe foi ditado por meio do que chama *a escrita inconsciente*. Este sistema será ulteriormente o objeto de um exame especial.

Deu conta de um caso muito curioso de obsessão física sobre uma pessoa de Lyon; de um fato de mediunidade visual, do qual foi testemunha, e de um fenômeno de transfiguração que se passou nos arredores de Saint-Etienne, na pessoa de uma jovem que tomava, em certos

momentos, a aparência completa de seu irmão morto alguns anos antes.

2º Narração de um fato notável de identidade espírita, ocorrido sobre um navio da marinha imperial, navegando nos mares da China. O fato foi reportado por um cirurgião da frota, presente à sessão. No navio, todo mundo, desde os marinheiros até o estado-maior, se ocupava de evocações; mas não conhecendo o meio de se obter comunicações escritas, serviam-se da tipologia alfabética; teve-se a idéia de evocar um tenente morto, há dois anos; entre outras particularidades, disse isto: "Peço-vos insistentemente pagarem ao capitão a quantia de... (designou a soma) que lhe devo, e que lamento não lhe ter pago antes de minha morte. "Ninguém conhecia esta circunstância; o próprio capitão a tinha esquecido, mas tendo verificado as suas contas, ali encontrou a menção da dívida do tenente, e cuja cifra indicada pelo seu Espírito era perfeitamente exata.

3º O Sr. de Grand-Boulogne leu uma encantadora peça de versos, dirigida por ele ao seu Espírito familiar.

Estudos - 1º Perguntas dirigidas a São Luís sobre a sua aparição a um médium vidente de Lyon, em presença do Sr. Allan Kardec. Ele respondeu: "Sim, era bem eu; era do dever da minha missão não abandonar o diretor da sociedade que patrocino."

- Outras perguntas sobre a impressão física produzida sobre certos médiuns escreventes pelos Espíritos bons ou maus.

2º Evocação do Sr. Ch. de P. que se encontrou afogado, e cuja morte foi atribuída a um suicídio. Ele desmente esta opinião, contando as causas acidentais que ocasionaram a sua morte.

3º Ditado espontâneo, assinado por Lamennais, obtido pela Sra D...

Sexta-feira, 12 de outubro de 1860. (Sessão geral.)

Reunião da comissão.

Presidência do Sr. Jobard, de Bruxelas, presidente honorário.

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão de 5 de outubro.

Comunicações diversas. - 1º Leitura de diversas comunicações obtidas pela Sra. Schm...: *Os órfãos*, assinada por Jules Morin. Outras, assinadas por Alfred de Musset; a rainha de Oude, Nicolas.

2º Leitura de um ditado espontâneo assinado por São Luís, obtido pelo Sr. Darcol, sobre diversos conselhos aos espíritas.

3º Carta dirigida ao Sr. Allan Kardec, pelo Sr. J..., de Terre-Noire, sobre a penosa impressão que produziu, sobre ele, a exposição do sistema do Sr. R...

Estudos. - 1º Evocação de Saul, rei dos Judeus; declara que não é ele que se comunica à senhorita B...

O Espírito que se comunica sob este nome ensinara, no círculo dessa senhorita, um sistema particular cujos dois pontos principais são estes: 1^o Os Espíritos são tanto mais esclarecidos quanto sua última existência terrestre seja mais antiga, de onde se segue que São Luís, por exemplo, deve ser menos avançado do que ele, porque morreu há menos tempo; - 2^o Que os Espíritos não encarnam senão na Terra, e que o número dessas encarnações é de três, nunca mais, jamais menos, o que basta para conduzi-los do grau mais baixo até o grau mais alto.

Tendo o Sr. Allan Kardec combatido essa teoria como irracional e desmentida pelos fatos, o Espírito empenhou-se em fazê-lo mudar de opinião. Sendo evocado, não pôde sustentar o seu sistema, mas não se deu por vencido, e pediu para ser ouvido numa outra sessão íntima, e pelo seu médium habitual.

Nota. Esta sessão ocorreu alguns dias depois, e o Espírito persistia em se dizer Saul, o rei dos Judeus; mas pressionado pelas perguntas, deu prova da mais absoluta ignorância, dizendo, por exemplo, que a encarnação não ocorre senão sobre a Terra, porque a Terra é o único globo sólido; todos os outros planetas não sendo, segundo ele, senão *globos fluídicos*, não podiam servir de habitação a seres corpóreos. Quando se lhe objetou o fenômeno dos eclipses do Sol, pretendeu que o Sol jamais era eclipsado por Mercúrio e Vênus, e que, aliás, os astrônomos nem sempre estiveram de acordo entre eles.

Esse fato prova, uma vez mais, que os Espíritos estão longe de ter a ciência infusa, e o quanto se deve manter em guarda contra os sistemas que, por amor-próprio, alguns procuram acreditar, a favor de algumas belas máximas de moral. Este, apesar de sua jactância, mostrou o seu verdadeiro caráter, pela sua ridícula teoria de corpos planetários, e provou que, quando vivo, deveria ser menos instruído do que o último escolar, o que não prova muito em favor do seu adiantamento. Quando esses Espíritos encontram ouvintes que acolhem as suas palavras com uma confiança muito cega, disso se aproveitam, mas serão encontrados menos à medida que se compenetrarem desta verdade, de que é necessário submeter todas as comunicações ao controle severo da lógica e da razão; quando esses Espíritos, pseudo-sábios, verem que não se é mais vítima de nomes respeitáveis dos quais se apoderam, e que não podem fazer aceitar as suas utopias, compreenderão que perdem o seu tempo e se calarão.

2^o Evocação do Espírito que se comunicou ao Sr. M..., e igualmente lhe ditou um sistema completo. Este estudo será repetido ulteriormente..

3^o Ditado espontâneo obtido pelo Sr. D..., sobre a ciência infusa, e assinado por São Luís. Esta comunicação parece ter sido provocada pelos assuntos com os quais se ocupou durante a sessão.

4^o Desenho obtido pela senhorita J... e assinado por Ary Schoeffer.

5^o Evocação de Nicolas, pela senhorita J... Ele se manifesta, como de hábito, pela violência. "Pedir-me calma, disse ele, é pedir para não ser eu. Vós o vereis, eu queimo ainda; é que o sopro da batalha eleva-se para mim."

Interrogado sobre a razão pela qual se mantém tão calmo com a senhora Sech..., responde; Tomei um intérprete para não ferir essa frágil criatura; posso ter belos e bons pensamentos, mas eu mesmo não os escrevo.

Um outro Espírito se comunica espontaneamente à senhorita J...; pela sua extrema doçura, sua escrita séria, correta e quase de imprensa, que contrasta de maneira tão notável com a escrita brusca, angulosa e impaciente de N..., o médium crê reconhecer a Jean-Baptiste, que várias vezes se manifestou dessa maneira. Ele fala da eficácia da prece, e lembra os profetas do Apocalipse, que hoje encontram a sua aplicação.

Sexta-feira, 19 de outubro de 1860. (Sessão particular.)

Reunião da comissão.

Leitura da ata e dos trabalhos da última sessão.

Com o parecer da comissão, e depois de relatório verbal, são admitidos, como associados livres, o Sr. G..., negociante de Paris, e o Sr. D..., empregado dos correios.

Comunicações diversas. - 1º Leitura de uma comunicação obtida pela Sra. Sch..., de seu irmão. Ela é notável pela elevação dos pensamentos, e prova a afeição que os Espíritos conservam por aqueles que amaram sobre a Terra.

2º A Sra. Desl... lê a evocação de uma antiga criada, morta ao serviço de sua família. Esta evocação, onde o Espírito prova o seu apego e seus bons sentimentos, oferece uma particularidade notável, que é a forma da linguagem, que é em todos os pontos semelhante à das pessoas do campo, tendo o Espírito conservado até as expressões que lhe eram familiares.

3º Fato de identidade relativo ao Espírito do Sr. Charles P..., evocado na sessão de 5 de outubro. A pessoa com quem já se comunicara em Bordeaux, tendo-o evocado de novo, nos primeiros dias desse mês, comunicou-lhe que fora chamado na Sociedade, onde confirmara o que lhe dissera a respeito da causa accidental de sua morte. Poucos instantes depois, essa pessoa recebeu a carta do Sr. Allan Kardec, que lhe transmitia o detalhe da evocação feita na Sociedade.

4º Narração de diversos fatos de aparições vaporosas e tangíveis, e de transporte de objetos materiais, pessoais ao Sr. de St.-G..., presente na sessão, assim como a um dos seus pais. Esses fatos serão o objeto de um exame ulterior.

Estudos. - 1º Evocação do Espírito que se manifestou visivelmente ao Sr. de St.-G... Ele dá algumas explicações, mas declara que prefere se comunicar pelo seu médium habitual.

2º Evocação de um Espírito que toma o nome de Balthazar, e que se revelou espontaneamente na casa da senhorita H..., mostrando disposições gastronômicas. Essa evocação oferece um grande interesse do ponto de vista do estudo dos Espíritos não desmaterializados, e que conservam os instintos da vida terrestre.

3º Três ditados espontâneos foram obtidos: o primeiro pelo Sr. Didier filho, sobre o Cristianismo, assinado por Lammenais; o segundo pela senhora Gostei, sobre os Espíritos materiais, assinado por Delphine de Girardin; o terceiro pela senhorita Huet; o Beijo da paz, parábola, assinada por Channing.

Bibliografia

Revista Espírita, novembro de 1860

Carta de um católico sobre o Espiritismo

Pelo doutor GRAND, antigo vice-cônsul da França (1)

(1) Br grand in-18, preço 1 fr., e para o correio 1 fr. 15cen?., casa Ledoyen, livreiro-editor, Palais-Royal. 31, galeria de Orléans, e no escritório da *Revista Espírita*.)

O autor dessa brochura se propôs provar que se pode ser, ao mesmo tempo, bom católico e fervoroso Espírita; sob este aspecto, ele prega pela palavra e pelo exemplo, porque é sinceramente uma e outro. Estabelece por fatos e por argumentos de uma rigorosa lógica, a concordância do Espiritismo com a religião, e demonstra que todos os dogmas fundamentais encontram, na Doutrina Espírita, uma explicação de natureza a satisfazer a razão mais exigente, e que a teologia em vão se esforça em dar; de onde conclui que se esses mesmos dogmas fossem ensinados dessa maneira encontrariam bem menos incrédulos e que, portanto, a religião devendo ganhar com essa aliança, um dia virá que, pela força das coisas, o Espiritismo estará na religião, ou a religião no Espiritismo.

Parece-nos difícil que, depois da leitura desse pequeno livro, aqueles que os escrúpulos religiosos afastam ainda do Espiritismo, não sejam conduzidos a uma apreciação mais sadia da coisa. Há, aliás, um fato evidente, é que as idéias espíritas caminham com uma tal rapidez que se pode, sem ser adivinho ou feiticeiro, prever o tempo em que serão tão gerais que, bom grado, malgrado, será necessário muito contar com elas; tomarão direito de cidadania sem necessidade da permissão de ninguém, e dentro em pouco se reconhecerá, se já não se fez, a impossibilidade absoluta de deter-lhe o curso. As diatribes mesmo lhe dão um impulso extraordinário, e não se poderia crer no número de adeptos que fez, sem o querer, o Sr. Louis Figuier com a sua *Historie du merveilleux*, onde ele pretende tudo explicar pela alucinação, ao passo que, em definitivo, não explica nada, porque sendo o seu ponto de partida a negação de todo poder fora da humanidade, sua teoria material não pode resolver todos os casos. Os gracejos do Sr. Oscar Comettant não são razões: ele faz rir, mas não é às custas dos espíritas. O impudente e grosseiro artigo da *Gazette de Lyon*, não faz de errado senão a si mesmo, porque todo o mundo o julgou como merecia sê-lo. Depois da leitura da brochura de que falamos, que dirão aqueles que ainda ousam avançar que os espíritas são ímpios, e que a sua doutrina ameaça a religião? Eles não prestam atenção que dizendo isso fazem crer que a religião é vulnerável; ela seria bem vulnerável, com efeito, se uma utopia, uma vez que, segundo eles, ela é uma, poderia comprometê-la. Não tememos dizer-lo, todos os homens sinceramente religiosos, e nós entendemos por isso aqueles que o são mais pelo coração do que pelos lábios, reconhecerão no Espiritismo uma manifestação divina, cujo objetivo é reavivar a fé que se extingue.

Recomendamos com instância essa brochura a todos os nossos leitores, e cremos que farão uma coisa útil procurando propagá-la.

Homero

Revista Espírita, novembro de 1860

Há muito tempo estamos em relação com dois médiuns de Sens, tão distinguidos pelas suas faculdades como recomendáveis pela sua modéstia, seu devotamento e a pureza de suas intenções. Guardaríamos-nos de dizer-lhes, se não os soubéssemos inacessíveis ao orgulho, essa dificuldade imprevista de tantos médiuns, e contra a qual vieram se quebrar tantas disposições felizes; é uma qualidade tão rara para que mereça ser assinalada. Pudemos nos assegurar, por nós mesmos, da simpatia de que gozam entre os bons Espíritos; mas longe de se prevalecerem disso, longe de se crerem os únicos intérpretes da verdade, sem se deixarem deslumbrar por nomes imponentes, aceitam com toda a humildade, e com uma *prudente reserva* as comunicações que recebem, submetendo-as sempre ao controle da razão. É o único meio para desencorajar os Espíritos enganadores, sempre à espreita de pessoas dispostas a crerem, sobre palavra, em tudo o que vem do mundo dos Espíritos, contanto que isso leve um nome respeitável. De resto, nunca tiveram comunicações frívolas, triviais, grosseiras ou ridículas, e jamais algum Espírito tentou inculcar-lhes idéias excêntricas, ou se impor como regulador absoluto; e o que prova, mais ainda do que tudo isso, em favor dos Espíritos que os assistem, são os sentimentos de real benevolência e de verdadeira caridade cristã que esses Espíritos inspiram aos seus protegidos. Tal foi a impressão que nos ficou do que vimos e que estamos felizes em proclamar.

No interesse da conservação e do aperfeiçoamento de sua faculdade, fazemos votos de que não caiam jamais no erro dos médiuns que crêem em sua infalibilidade. Não há um deles que possa se gabar de nunca ter sido enganado; as melhores intenções nisso não garantem sempre e, freqüentemente, é uma prova para exercer o julgamento e a perspicácia; mas com relação àqueles que têm a infelicidade de se crerem infalíveis, os Espíritos enganadores são muito ágeis para disso não se aproveitarem; eles fazem o que os homens fazem: *exploram todas as fraquezas*.

Dentre as comunicações que esses senhores nos endereçaram, a seguinte, assinada por Homero, sem nada ter de muito saliente sob o aspecto das idéias, nos pareceu merecer uma atenção particular, em razão de um fato notável que pode, até um certo ponto, ser considerado como uma prova de identidade. Essa comunicação foi obtida espontaneamente e sem que o médium pensasse o mínimo do mundo no poeta grego; ela deu lugar a diversas perguntas que cremos igualmente dever reproduzir.

O médium escreveu, pois, um dia o que se segue, sem saber quem lho ditava:

"Meu Deus! Quanto os vossos desígnios são profundos e quanto os vossos objetivos são impenetráveis! Os homens procuraram, em todos os tempos, a solução de uma multidão de problemas que ainda não foram resolvidos. Eu também, procurei toda a minha vida, e não pude resolver aquele que parece o menor de todos: o mal, o aguilhão do qual vos servis a fim de impelir o homem a fazer o bem por amor. Conheci, bem jovem ainda, os maus tratos que os humanos se fazem uns aos outros, sem dissimulação, como se o mal fosse para eles um elemento natural, e, todavia, não o é assim, uma vez que todos tendem para o mesmo objetivo, que é o bem. Eles se massacram entre si, e ao despertarem reconhecem ter ferido um irmão! Mas tais são os vossos decretos que não nos cabe mudá-los; não temos senão o mérito, ou o demérito, de termos mais ou menos resistido à tentação, e por sanção de tudo

isso, o castigo ou a recompensa.

"Passei a minha juventude nos caniços de Meles; eu me banhei e me embalei, muito freqüentemente, em suas ondas; por isso, em minha juventude, me chamavam *Mélèsigène*."

1. Sendo-nos desconhecido esse nome, pedimos ao Espírito para consentir em se dar a conhecer de um modo mais preciso. - R. Minha juventude foi embalada nas ondas; a poesia me deu cabelos brancos; é a mim que chamais *Homero*.

Nota. - Nossa surpresa foi grande, porque não tínhamos nenhuma idéia desse sobrenome de Homero; depois o encontramos no dicionário de mitologia. Prossequimos com as nossas perguntas.

2. Gostariéis de nos dizer a que devemos a alegria da vossa visita espontânea, porque, disso vos pedimos perdão, não pensávamos de modo algum em vós neste momento? - R. É porque virei às vossas reuniões, como se vai sempre junto aos irmãos que têm em vista fazer o bem.

3. Se ousássemos, pediríamos para nos falar dos últimos momentos da vossa vida terrestre. - R. Oh! meus amigos, faça Deus que não morrais tão infeliz quanto eu! Meu corpo morreu na última das misérias humanas; a alma bem perturbada nesse estado; o despertar é mais difícil, mas também há bem mais beleza. Oh! como Deus é grande! Que vos abençoe! Eu o peço do fundo de meu coração.

4. Os poemas da *Ilíada* e da *Odisséia*, que temos, estão bem como os compusestes? - R. Não, foram trabalhados.

5. Várias cidades disputaram a honra de vos ter dado a luz; poderíeis nos fixar a esse respeito? - R. Procurai qual cidade da Grécia possuía o teto do cortesão Cléanax; foi ele quem expulsou a minha mãe do lugar do meu nascimento, porque ela não queria ser sua amante, e sabereis em que cidade vim à luz. Sim, elas disputaram essa pretensa honra, e não disputaram a de me ter dado a hospitalidade. Oh! Eis bem os pobres humanos; sempre fúteis; bons pensamentos, nunca!

Observação. - O fato mais saliente desta comunicação foi a revelação do sobrenome Homero, e é tanto mais notável quanto os dois médiuns, que eles mesmos reconhecem e deploram a insuficiência de sua educação, o que os obriga a viverem do trabalho de suas mãos, disso não podiam ter nenhuma idéia; e igualmente se pode menos atribuí-la a um reflexo de um pensamento qualquer, porque nesse momento estavam a sós.

Faremos, a esse respeito, uma outra anotação, o que é constante para todo espírita, embora seja pouco experiente, que uma pessoa que houvesse conhecido o sobrenome Homero e que, tendo-o evocado lhe pedisse dize-lo como prova de identidade, não a teria obtido. Se as comunicações fossem um reflexo do pensamento, como o Espírito não diria o que se sabe, ao passo que, ele mesmo, disse o que não se sabe? É que ele tem também a sua dignidade e sua suscetibilidade, e quer provar que não está às ordens do primeiro que chega. Suponhamos que aquele que mais protesta contra o que se chama o capricho ou a má vontade do Espírito, se apresente numa casa declinando o seu nome; que faria se o acolhesse pedindo-lhe, à queima-roupa, para provar que é bem um tal? Voltaria as costas; é o que fazem os Espíritos. Isto não quer dizer que é necessário crer neles sob palavra; mas quando se quer ter provas de sua identidade, é preciso que se faça isso com comedimento, tão bem com eles quanto com os homens. As provas de identidade dadas espontaneamente

pelos Espíritos são sempre as melhores.

Se nos estendemos tão longamente a propósito de um assunto que não parecia comportar tanto desenvolvimento, é que nos parece útil não negligenciar nenhuma ocasião de chamar a atenção sobre a parte prática de uma ciência que está cercada de maior dificuldades do que se crê geralmente, e que muitas pessoas crêem possuir, porque sabem fazer bater uma mesa ou caminhar um lápis. Aliás, nos dirigimos àqueles que crêem ainda terem necessidade de alguns conselhos, e não àqueles que, após alguns meses apenas de estudo, pensam poder disso abster-se; se os conselhos que cremos dever dar são perdidos para alguns, sabemos que não o são para todos, e que muitas pessoas os acolhem com prazer.

Conversas familiares de além-túmulo

Revista Espírita, novembro de 1860

BALTHAZAR OU O ESPÍRITO GASTRÔNOMO.

(Sociedade, 19 de outubro de 1860).

Numa reunião espírita particular, um Espírito se apresentou espontaneamente, sob o nome de Balthazar, e ditou a frase seguinte por pancadas:

"Eu gosto de comida e das belas; viva o melão e a lagosta, a meia xícara e o cálice!"

Pareceu-nos que semelhantes disposições, num habitante do mundo invisível, poderia dar lugar a um estudo sério, e que se deveria poder tirar dele um ensinamento instrutivo sobre as faculdades e as sensações de certos Espíritos. Era, ao nosso ver, um interessante assunto de observação que se apresentava por si mesmo, ou melhor ainda, que talvez tivesse sido enviado pelos Espíritos elevados, desejosos de nos fornecer meios para nos instruir; seríamos, pois, culpados disso, não aproveitando. É evidente que esta frase burlesca revela, da parte desse Espírito, uma natureza toda especial, cujo estudo pode lançar uma nova luz sobre o que se pode chamar a fisiologia do mundo espírita.

Por isso a Sociedade acreditou dever evocá-lo, não por um motivo fútil, mas na esperança de nele encontrar um novo objeto de estudo.

Certas pessoas crêem que nada se pode aprender senão com o Espírito dos grandes homens: é um erro. Sem dúvida, só os Espíritos de elite podem nos dar lições de alta filosofia teórica, mas o que não nos importa menos é o conhecimento do estado real do mundo invisível. Pelo estudo de certos Espíritos, conhecemos de alguma sorte a natureza sobre o fato; é vendo as feridas que se pode encontrar o meio de curá-las. Como nos daríamos conta das penas e dos sofrimentos da vida futura, se não víssemos Espíritos infelizes? Por eles compreendemos que se pode sofrer muito sem estar no fogo e nas torturas materiais do inferno, e esta convicção, que o espetáculo da baixa população da vida espírita dá, não é uma das causas que menos contribuiriam para reunir os partidários da doutrina.

1. Evocação. - R. Meus amigos, eis-me diante de uma grande mesa, mas nua, ai de mim!
2. Esta mesa está nua, é verdade, mas quereis nos dizer para que vos serviria se estivesse carregada de comidas; que farias delas? - *Delas sentiria o perfume, como outrora sentia-lhe o gosto.*

Nota. Esta resposta é todo um ensinamento. Sabemos que os Espíritos têm as nossas sensações e que percebem os odores tão bem quanto os sons. Na falta de poder comer, um Espírito material e sensual se repasta na emanção das comidas; ele as saboreia pelo odor como, quando vivo, o fazia pelo sentido do gosto. Há, pois, alguma coisa de verdadeiramente

material em seu prazer; mas, como em definitivo há mais desejo do que realidade, esse prazer mesmo, estimulando os desejos, torna-se um suplício para os Espíritos inferiores, que ainda conservaram as paixões humanas.

3. Falemos muito seriamente, eu vos peço; o nosso objetivo não é, de nenhum modo, a diversão, mas nos instruir. Consenti, pois, em responder seriamente às nossas perguntas, e, se for preciso, vos fazer assistir por um Espírito mais esclarecido, se isso for necessário.

Tendes um corpo fluídico, nós o sabemos; mas dissei-nos se, nesse corpo, há um estômago? - R. Estômago fluídico também, onde só os odores podem passar.

4. Quando vedes comidas apetitosas, sentis o desejo de comê-las? -R. Comê-las, ai de mim! eu não o posso mais; para mim essas comidas são o que são as flores para vós: vós as sentis, mas não as corneis; isso vos contenta; pois bem! eu estou contente também.

5. Isso vos dá prazer em ver os outros comerem? -R. Muito, quando ali estou.

6. Sentis a necessidade de comer e de beber? Notai que dizemos a *necessidade*; ainda há pouco dissemos o *desejo*, o que não é a mesma coisa. - R. Necessidade, não; mas desejo, sim, sempre.

7. Esse desejo é plenamente satisfeito pelo odor que aspirais; é para vós a mesma coisa de que comêsseis realmente? - R. É como se vos perguntasse se a visão de um objeto, que desejais ardentemente, substitui para vós a posse desse objeto.

8. Pareceria, segundo isso, que o desejo que sentis deve ser um verdadeiro suplício, não podendo ter o gozo real? -R. Suplício maior do que credes; mas trato de me atordoar em me iludindo.

9. Vosso estado me parece bastante material; dissei-nos se dormis algumas vezes? -R. Não; eu gosto de vadiar um pouco por toda a parte.

10. O tempo vos parece longo? Aborrecei-vos algumas vezes? - R. Não, percorro os mercados, as feiras; vou ver chegar o peixe fresco do mar, e isso me ocupa bem e muito.

11. Que fazíeis quando estáveis sobre a Terra?

Nota. - Alguém disse: sem dúvida era cozinheiro. -R. Guloso, não glutão; advogado, filho de guloso; neto de guloso; meus pais eram fazendeiros generosos.

O Espírito, respondendo, em seguida, à reflexão precedente, acrescenta: Bem vêis que eu não era cozinheiro, não te teria convidado para os meus almoços, tu não sabes nem beber nem comer.

12. Faz muito tempo que estais morto? -R. Há uma trintena de anos; há oitenta anos.

13. Vedes a outros Espíritos mais felizes do que vós?-R. Sim, vejo que fazem consistir a sua felicidade em louvar a Deus; não conheço isso ainda, meus pensamentos roçam a terra.

14. Dai-vos conta da causa que os tornam mais felizes do que vós? - R. Eu não as aprecio ainda, como aquele que não sabe o que é um prato rebuscado, não o aprecia; isso talvez virá. Adeus; vou à procura de uma pequena sopa bem delicada e bem suculenta.

BALTHAZAR.

Nota. - Esse Espírito é um verdadeiro tipo; faz parte dessa classe numerosa de seres invisíveis que não se elevaram, de nenhum modo, acima da condição da humanidade; não têm de menos senão o corpo material, mas as suas idéias são exatamente as mesmas. Este não é um mau Espírito, não tem contra ele senão a sensualidade que é, ao mesmo tempo, para ele, um suplício e um prazer; como Espírito, não está, pois, entre os infelizes, é mesmo feliz à sua maneira; mas Deus sabe o que o espera numa nova existência! Um triste retorno poderá fazê-lo muito refletir, e desenvolver nele o senso moral, ainda abafado pela preponderância dos sentidos.

Um Espírita ao seu Espírito familiar

Revista Espírita, novembro de 1860

ESTÂNCIA.

Tu, que dás à minha tristeza

Um olhar de terna piedade!

Tu, que dás à minha fraqueza

O apoio da santa amizade!

Espírito, gênio, ou pura flama,

Suspende teu vôo para os céus;

Fica para esclarecer minha alma,

Ó conselheiro misterioso!

Mensageiro da Providência,

Sábio intérprete de sua lei,

Oh! Fala; eu te escuto em silêncio:

Mestre divino, ensina-me.

Recentemente ainda a dúvida sombria,

A dúvida planava sobre meu coração,

Mas teu sopro afastando essa sombra,

Me lança um raio de felicidade!

Assim, Deus, o senhor adorado,

Pai, ainda mais que criador,

Coloca, em sua ternura inefável,

Um anjo junto do meu coração.

Cada um, ó encantador milagre!

Possui um celeste guardião;

Cada um de nós tem seu oráculo

Ou seu invisível apoio.

Encantador Espírito que me consola!

Irmão bendito, doce e piedoso,

Que contigo minha alma voa,

Que ela voa para os céus!

Sim, eu te amo, anjo tutelar;

Com alegria tomo a tua mão

Eu te sou, doce estrela; ilumina

O céu onde estaremos amanhã.

Relações afetuosas dos Espíritos

Revista Espírita, novembro de 1860

Comentários sobre o ditado espontâneo, publicado na Revista do mês de outubro de 1860, sob o título de: *o Despertar do Espírito*.

Geralmente, se tem admirado as belas comunicações do Espírito que assina *Georges*; mas, em razão mesmo da superioridade da qual este Espírito deu provas, várias pessoas viram com surpresa o que ele disse na sua comunicação do *Despertar do Espírito*, a propósito das relações de além-túmulo. Ali se lê o que se segue:

"A gente despoja-se de todos os preconceitos terrestres, a verdade aparece com toda a sua luz, nada disfarça as faltas, nada esconde as virtudes; vê-se sua alma tão claramente como num espelho, procura-se entre os Espíritos aqueles que se conheceu, porque o Espírito se assusta com o seu isolamento, mas passam sem se deter; não há comunicações amigáveis entre os Espíritos errantes; aqueles mesmos que se amaram não trocam sinais de reconhecimento; essas formas diáfanas deslizam e não se fixam: as comunicações afetuosas são reservadas aos Espíritos superiores."

O pensamento de se encontrar depois da morte, e de se comunicar com aqueles que se amou, é uma das mais doces consolações do Espiritismo, e a idéia de que as almas não podem ter, entre elas, relações amigáveis seria dolorosa se devesse ser absoluta, também não estamos surpresos com o sentimento penoso que ela produziu. Se *Georges* fora um desses Espíritos vulgares e sistemáticos, que emitem suas próprias idéias sem se inquietarem com a sua justeza ou a sua falsidade, não se teria dado nenhuma importância; em razão de sua sabedoria e sua profundidade habituais, poder-se-ia crer que, no fundo dessa teoria, haveria alguma coisa de verdadeira, mas que o pensamento não fora completamente expresso; é, com efeito, o que resulta das explicações que pedimos. Encontramos aí, pois, uma prova a mais de que não é preciso nada aceitar sem tê-lo submetido ao controle da razão, e aqui a razão e os fatos nos dizem que essa teoria não poderia ser absoluta.

Se o isolamento fosse uma propriedade inerente à erraticidade, esse estado seria um verdadeiro suplício, tanto mais penoso quanto mais possa se prolongar durante uma longa seqüência de séculos. Nós sabemos, por experiência, que a privação da visão daqueles que se amou é uma punição para certos Espíritos; mas sabemos também que muitos ficam felizes por se reencontrarem; que à saída dessa vida, nossos amigos do mundo espírita vêm nos receber e nos ajudam a nos desembaraçarmos das faixas materiais, e que nada é mais penoso do que não encontrar nenhuma alma benevolente nesse momento solene. Essa consoladora doutrina seria uma quimera! Não, isto não se pode porque ela não é somente o resultado de um ensino, são as próprias almas, felizes ou sofredoras, que vieram descrever sua situação. Sabemos que os Espíritos se reúnem e concordam entre eles para agirem de comum acordo com mais força em certas ocasiões, tanto para o mal como para o bem; que os Espíritos a quem faltem conhecimentos necessários, para responderem às perguntas que se lhes dirige, podem ser assistidos por Espíritos mais esclarecidos; que estes têm por missão ajudarem, com os seus conselhos, ao adiantamento dos Espíritos atrasados, que os Espíritos inferiores agem sob o impulso de outros Espíritos dos quais são os instrumentos; que eles recebem ordens, proibições ou permissões, todas circunstâncias que não poderiam ocorrer se os Espíritos estivessem entregues a si mesmos. O simples bom senso nos diz, pois, que a

situação da qual foi falada é relativa e não absoluta. Que ela pode existir para alguns em dadas circunstâncias, mas que não poderia ser geral, porque de outro modo seria o maior obstáculo ao progresso do Espírito, e por isso mesmo não estaria conforme nem com a justiça e nem com a bondade de Deus. Evidentemente, o Espírito de Georges não considerou senão uma fase da erraticidade, onde, por melhor dizer, restringiu a acepção da palavra *errante* a uma certa categoria de Espíritos em lugar de aplicá-la, como o fazemos, a todos os Espíritos não encarnados indistintamente.

Pode ocorrer, pois, que dois seres que se amam não troquem os sinais de reconhecimento; que não possam mesmo nem se verem e nem se falarem, se é uma punição para um dos dois. Por outro lado, como os Espíritos se reúnem segundo a ordem hierárquica, dois seres que se amam sobre a Terra podem pertencer a ordens muito diferentes e, por isso mesmo, se encontrarem separados até que o menos avançado tenha chegado ao grau do outro; essa privação pode ser, assim, uma conseqüência da expiação e das provas terrestres: cabe a nós fazer de modo a não merecê-la.

A felicidade dos Espíritos é relativa à sua elevação; a felicidade não é completa senão para os Espíritos depurados, cuja felicidade consiste, principalmente, no amor que os une; isso se concebe e é de inteira justiça, porque a afeição verdadeira não pode existir senão entre seres que se despojaram de todo o egoísmo e de toda influência material, porque, entre aqueles somente, ela é pura sem dissimulação, e não pode ser perturbada por nada; de onde se segue que as suas comunicações devem ser, por isso mesmo, mais afetuosas, mais expansivas, do que entre os Espíritos que ainda estão sob o império das paixões terrestres; é necessário disso concluir que os Espíritos errantes não estão forçosamente privados, mas podem estar privados dessas espécies de comunicações, se tal é a punição que lhes foi infligida. Como disse Georges numa outra passagem: "Essa privação momentânea não lhes dá senão mais ardor para chegar a um momento onde as provas cumpridas lhes devolverão os objetos de sua afeição." Portanto, essa privação não é o estado normal dos Espíritos errantes, mas uma expiação para aqueles que a mereceram, uma das mil e uma variedades que nos esperam na outra vida, quando desmerecemos nesta.

Dissertações Espíritas

Revista Espírita, novembro de 1860

Obtidas ou lidas na Sociedade por diversos médiuns.

Primeiras impressões de um Espírito

(Médium, senhora Costel.)

Eu vos falarei da estranha mudança que se opera no Espírito logo depois de sua libertação; ele se evapora do despojo que abandona, como uma chama se destaca do foco que a produziu; depois segue-se uma grande perturbação, e esta estranha dúvida: estou morto ou vivo? A ausência das sensações comuns produzidas pelo corpo o espanta e imobiliza, por assim dizer; assim como um homem habituado a um fardo pesado, a nossa alma, aliviada de repente, não sabe o que fazer da sua liberdade; depois o espaço infinito, as maravilhas sem número dos astros se sucedendo num ritmo harmonioso, os Espíritos diligentes, flutuando no ar, e radiosos de luz sutil que parece trespassá-los, o sentimento da liberdade que inunda de repente, a necessidade de se lançar também no espaço, como os pássaros que querem ensaiar suas asas, eis as primeiras impressões que todos tios sentimos. Não posso vos revelar todas as fases dessa existência; acrescento apenas que, logo satisfeita pelo seu deslumbramento, a alma ávida quer se lançar e subir mais alto, nas regiões da verdadeira beleza, do verdadeiro bem, e essa aspiração é o tormento dos Espíritos sedentos do infinito; como a crisálida, esperam a caída de sua casca; sentem surgir as asas que os levarão, radiosos, ao azul bendito; mas, ainda retidos pelos laços do pecado, lhes é preciso planarem entre o céu e a Terra, não pertencendo nem a um nem a outro. Que são todas as aspirações terrestres, comparadas ao ardor insatisfeito do ser que entreviu um canto da eternidade! Sofrei muito, pois, para chegardes depurados entre nós; o Espiritismo vos ajudará, porque é uma obra bendita; ele une os Espíritos e os vivos, que formam os anéis de uma cadeia invisível, que remonta até Deus.

Delphine de Girardin.

Os órfãos

(Médium, senhora Schimidt).

Meus irmãos, amai os órfãos: se soubésseis o quanto é triste estar só e abandonado, sobretudo na infância! Deus permite que haja órfãos para vos convidar a servir-lhes de pais. Que divina caridade ajudar uma pobre pequena criatura abandonada, impedi-la de sofrer da fome e do frio, dirigir sua alma, a fim de que não se desvie no vício! Quem estende a mão a uma criança abandonada é agradável a Deus, porque compreende e pratica a sua lei. Pensai também que, freqüentemente, a criança que socorreis talvez vos tenha sido querida em uma outra vida; e se pudésseis vos lembrar, isso não seria mais caridade, mas um dever. Assim, pois, meus amigos, todo ser sofredor é vosso irmão, e tem direito à vossa caridade; não essa caridade que fere o coração, não essa esmola que queima a mão na qual ela cai, porque os

vossos óbolos, freqüentemente, são bem amargos. Quantas vezes seriam recusados se na casa a doença e a fome não os esperassem! Dai delicadamente, acrescentai ao benefício o mais precioso de todos: uma boa palavra, uma carícia, um sorriso de amigo; evitai esse tom de piedade e de proteção que derrama o fel num coração que sangra, e pensai que lhe fazendo o bem, trabalhais por vós e pelos vossos.

Jules MORIN.

Nota. - O Espírito que assim assina é inteiramente desconhecido; pode-se ver pela comunicação acima, e por muitas outras do mesmo gênero, que nem sempre é necessário um nome ilustre para obter belas coisas. É uma puerilidade se ligar a um nome; é preciso aceitar o bem de qualquer parte que venha; aliás, o número dos nomes ilustres é muito limitado; o dos Espíritos é infinito. Por que, pois, não haveria os tão capazes entre aqueles que não se conhece? Fazemos esta reflexão, porque há pessoas que crêem que nada se pode obter de sublime senão apelando às celebridades; a experiência prova, todos, os dias, o contrário, e nos mostra que se pode aprender alguma coisa com todos os Espíritos, sabendo-se disso aproveitar.

De um irmão morto para a sua irmã viva

(Médium, senhora Schmidt).

Minha irmã, tu não me evocas com freqüência; isso não me impede de vir todos os dias verte. Conheço os teus aborrecimentos; a tua vida é penosa, eu o sei, mas é necessário sofrer a sua sorte que nem sempre é alegre. Entretanto, algumas vezes há um alívio nas penas; por exemplo, aquele que faz o bem às custas da sua própria felicidade, pode, por si mesmo e por outros, desviar o rigor de muitas provas.

É raro que, nesse mundo, se veja fazer o bem com essa abnegação; sem dúvida é difícil, mas não é impossível, e aqueles que têm essa sublime virtude são verdadeiramente os eleitos do Senhor. Dando-se bem conta dessa pobre peregrinação sobre a Terra, compreender-se-á isso; mas não é assim: Os homens se aferram junto aos bens como se devessem permanecer sempre em seu exílio. Entretanto, o bom senso vulgar, a mais simples lógica, demonstram todos os dias que não se é, nesse mundo, senão aves de passagem, e que aqueles que têm o menos de penas em suas asas são aqueles que chegam mais depressa.

Minha boa irmã, para que serve a esse rico, todo esse luxo, todo esse supérfluo? Amanhã será despojado de todos esses vãos ouropéis para descer ao túmulo, e para ele não se levará nada. É verdade que fez uma boa viagem; nada lhe faltou, não sabia mais do que desejar, esgotou as delícias da vida; é verdade também que, em seu delírio, algumas vezes, ele lançou rindo a esmola na mão de seu irmão; mas, para isso, retirou um pedaço da boca? Não; porque não se privou de um único prazer, de uma única fantasia. Esse mesmo irmão, entretanto, é um filho de Deus, nosso pai de todos, a quem tudo pertence. Compreendes, minha irmã, que um bom pai não deserda um de seus filhos para enriquecer um outro? Por isso ele recompensará aquele que está privado da sua parte nessa vida.

Assim, pois, aqueles que se crêem deserdados, abandonados e esquecidos, alcançarão logo a margem bendita onde reina a justiça e a felicidade. Mas infeliz daqueles que fizeram um mau uso dos bens que nosso pai lhes confiou! Infeliz também do homem dotado do dom tão precioso da inteligência, se dela abusou! Acredita-me, Marie, quando se crê em Deus, nada

há sobre a Terra que possa invejar, senão a graça de praticar as suas leis.

Teu irmão WILHELM.

O Cristianismo

(Médium, Sr. Didier filho).

O que é necessário observar no Espiritismo é a moral cristã. Houve muitas religiões desde séculos, muitos cismas, e muitas pretensas verdades; e tudo o que se elevou fora do cristianismo caiu, porque o Espírito santo não o animava. O Cristo resume o que a moral mais pura, a mais divina, ensina ao homem com respeito aos seus deveres nesta vida e na outra. A antigüidade, no que ela tem de mais sublime, é pobre diante dessa moral tão rica e tão fértil. A auréola de Platão empalidece diante da do Cristo, e o copo de Sócrates é bem pequeno diante do imenso cálice do Filho do homem. És tu, ó Sésostris! Déspota do imóvel Egito, que podes te medir, do alto das pirâmides colossais, com o Cristo nascendo numa manjedoura? És tu Solon? És tu Licurgo, cuja lei bárbara condenava as crianças mal formadas, que podeis vos comparar àquele que disse face a face com o orgulho: "Deixai vir a mim as criancinhas?" Sois vós, pontífice sagrado do piedoso Numa, cuja moral queria a morte viva das vestais culpadas, que podeis vos comparar àquele que disse à mulher adúltera: "Levanta-te, mulher, e não peques mais?" Não, não mais que esses mistérios tenebrosos que praticáveis, ó padres antigos! com esses mistérios cristãos que são a base desta religião sublime que se chama cristianismo. Diante dele vós vos inclinai todos, legisladores e sacerdotes humanos; inclinai-vos, porque foi o próprio Deus quem falou pela boca deste ser privilegiado que se chama Cristo.

Lamennais.

O tempo perdido

(Médium, senhorita Huet).

Se pudésseis refletir por um instante sobre a perda do tempo, mas nisso refletir bem seriamente, e calcular o erro imenso que fizestes, veríeis o quanto essa hora, esse minuto decorrido inutilmente, e que não podeis recuperar, poderia ser necessário ao vosso bem futuro. Todos os tesouros da Terra não poderiam restituí-la; e se a passastes mal, um dia sereis obrigado a repará-la pela expiação, e talvez de uma maneira terrível! que não daríeis então para recuperar o tempo perdido! Votos inúteis; lamentos supérfluos! Também, pensai bem nisso, está no vosso interesse futuro e mesmo presente; porque, freqüentemente, os lamentos nos chegam sobre a própria Terra. Quando Deus vos pedir conta da existência que vos deu, da missão que tínheis a cumprir, que lhe responderéis? Sereis como o enviado de um soberano, que, longe de cumprir as ordens de seu senhor, passasse o tempo a se divertir e não se ocupasse de nenhum modo do assunto para o qual fora acreditado; que responsabilidade não encontraria em seu retorno? Sois nesse mundo os enviados de Deus, e tereis de dar-lhe conta de vosso tempo passado com os vossos irmãos. Eu vos recomendo esta meditação.

Massilon.

Os Sábios

(Médium, senhorita Hueí).

Uma vez que chamais um Espírito a vós, Deus me permite vir, vou vos dar um bom conselho, sobretudo a vós, Sr...

Vós que vos ocupais sempre com sábios, porque aí está a vossa preocupação, deixai-os, pois, de lado; que podem eles sobre as crenças religiosas e sobretudo espíritas! Em todos os tempos não repeliram as verdades que se apresentaram? Não rejeitaram todas as invenções, tratando-as de quimeras! Aqueles que as anunciam, essas verdades, uns foram tratados de loucos, e como tais internados; os outros lançados nos calabouços da inquisição, outros lapidados ou queimados. A verdade, mais tarde, não brilhou menos aos olhos dos sábios surpresos que a colocaram sob o alqueire. Em vos dirigindo sem cessar a eles, quereis, novo Galileu, vos infligir a tortura moral que é o ridículo, e ser forçado a retratar as vossas palavras? O Cristo se dirigiu às Academias de sua época? Não; ele pregava a divina moral a todos em geral e ao povo em particular.

Por apóstolos e propagadores de sua vinda, escolheu pescadores, pessoas simples de coração, muito ignorantes, que não conheciam as leis da Natureza, e não sabiam se um milagre poderia contrariá-las, mas que criam ingenuamente. "Ide, dizia Jesus, e contaí o que vistes."

Jamais fez um milagre senão em favor daqueles que o pediam com fé e convicção; recusou-o aos fariseus e aos saduceus que vinham para tentá-lo, e os tratou de hipócritas. Dirigi-vos, pois, a pessoas inteligentes, levadas a crerem; rejeitai os sábios e os incrédulos.

De resto, o que é um sábio? Um homem que é mais instruído do que os outros, porque estudou mais, mas que muito perdeu do prestígio que tinha outrora, auréola fatal que, freqüentemente, levaria às honras da fogueira. Mas, à medida que a inteligência popular se desenvolveu, seu brilho diminuiu; hoje o homem de gênio não teme mais ser acusado de feitiçaria; não é mais o aliado de Satã.

A Humanidade esclarecida aprecia em seu justo valor aquele que trabalha muito e que sabe muito; sabe colocar sobre o pedestal que lhe convém, o homem de gênio que cria belas obras. Como sabe em que consiste a ciência do sábio, ela não mais o atormenta; como sabe de onde emana o gênio criador, ela se inclina diante dele; mas, por sua vez, quer ter a liberdade de crer em tais verdades que fazem a sua consolação; ela não quer mais que aquele que sabe mais ou menos de química, mais ou menos de retórica, que cria a mais bela ópera, venha entravá-la em suas crenças, lançando-lhe o ridículo à face e tratando suas idéias de loucuras; ela se desviará de seu caminho, e perseguirá silenciosamente a sua rota; a verdade envolverá, um dia, o mundo inteiro, e aqueles que a tenham repellido serão obrigados a reconhecê-la. Eu mesmo que me ocupei do Espiritismo até o meu último dia, sempre o fiz na intimidade.

A Academia pouco me importava. Ela virá a nós mais tarde, crede-o.

Delphine de Girardin.

O homem

O homem é um composto de grandeza e de miséria, de ciência e de ignorância; sobre a Terra, ele é o verdadeiro representante de Deus, porque a sua vasta inteligência abarca o universo; soube descobrir uma parte dos segredos da Natureza; sabe servir-se dos elementos; percorre distâncias imensas por meio do vapor; pode conversar com seu semelhante de um antipoda ao outro pela eletricidade que sabe dirigir; seu gênio é imenso; quando sabe depor tudo isto aos pés da divindade e fazer-lhe com isso homenagem, é quase iguala Deus!

Mas quanto é pequeno e miserável, quando o orgulho se apodera de seu ser! Ele não vê a sua miséria; não vê que a sua existência, esta vida que não pode compreender, lhe é arrebatada, algumas vezes instantaneamente, tão-só pela vontade dessa Divindade que ele desconhece, porque não pode se defender contra ela; é necessário que a sua sorte se cumpra! Ele que tudo estudou, tudo analisou; ele que conhece tão bem o caminho dos astros, conhece a força criativa que faz germinar o grão de trigo que colocou na terra? Pode criar uma flor, a mais simples e a mais modesta? Não; aí se detém o seu poder. Deveria então reconhecer que há um bem superior ao seu; a humildade deveria se apoderar de seu coração, e em admirando as obras de Deus, faria um ato de adoração.

Santa Teresa.

Da firmeza nos trabalhos espíritas

Eu vou vos falar da firmeza que deveis ter em vossos trabalhos espíritas. Uma citação sobre este assunto vos foi feita; eu vos aconselho a estudar de coração, e de vos aplicá-la ao Espírito, porque, do mesmo modo que São Paulo, sereis perseguidos, não mais em carne e osso, mas em Espírito; os incrédulos, os fariseus da época, vos censurarão, zombarão de vós; mas nada temais, isso será uma prova que vos fortificará se souberdes relacioná-la a Deus, e mais tarde vereis os vossos esforços coroados de sucesso; isso será um grande triunfo para vós, à luz da eternidade, sem esquecer que, nesse mundo, já é uma consolação para as pessoas que perderam parentes e amigos; saber que são felizes, que se pode comunicar com eles, é uma felicidade. Caminhai, pois, para a frente, cumpri a missão que Deus nos dá, e ela será contada no dia em que aparecerdes diante do Todo-Poderoso.

Channing.

Os inimigos do progresso

(Médium, Sr. R....)

Os inimigos do progresso, da luz e da verdade, trabalham na sombra; preparam uma cruzada contra as nossas manifestações; com isso não tomam nenhum cuidado; sois poderosamente sustentados; deixai-os se agitarem em sua impotência, entretanto, por todos os meios que estão em vosso poder, aplicai-vos em combater, aniquilar a idéia da eternidade das penas, pensamento blasfematório para com a justiça e a bondade de Deus, a mais fecunda fonte da incredulidade, do materialismo e da indiferença que invadiram as massas depois que a sua inteligência começou a se desenvolver; o espírito prestes a se esclarecer, não estivesse senão

desbastado, bem depressa compreende a monstruosa injustiça; sua razão a repele e então raramente falta em confundir, no mesmo ostracismo, a pena que o revolta, e o Deus ao qual se a atribui; daí os males sem número que vieram se precipitar sobre vós, e para os quais viemos trazer o remédio. A tarefa que nós vos assinalamos vos será tanto mais fácil quanto mais as autoridades sobre as quais se apoiam os defensores dessa crença evitaram todos de se pronunciarem formalmente; nem os concílios, nem os Pais da Igreja decidiram essa grave questão. Se, segundo os próprios evangelistas, e se tomando ao pé da letra as palavras emblemáticas do Cristo, ele ameaçou os culpados com um fogo que não se extingue, um fogo eterno, e não há absolutamente nada, em suas palavras, que prove que ele haja condenado esses culpados *eternamente*.

Pobres ovelhas desgarradas, sabeis ver chegar de longe o bom Pastor, que longe de vos querer banir inteiramente de sua presença, ele mesmo vem ao vosso encontro para vos conduzir ao aprisco. Filhos pródigos, deixai o vosso exílio voluntário; voltai os vossos passos para a morada paterna: o pai vos estende os braços e se mantém sempre pronto a festejar o vosso retorno à família.

Lamennais.

Distinção da natureza dos Espíritos

(Médium, senhora Costel).

Quero falar-te das altas verdades do Espiritismo; elas estão estreitamente ligadas às da moral, é, pois, importante jamais dividi-las; primeiro, o ponto que atrai a atenção dos seres inteligentes é a dúvida sobre a própria verdade das comunicações espíritas. A verdade, primeira dignidade da alma, está toda neste ponto de partida; procuremos, pois, estabelecê-lo.

Não há meio infalível para distinguir a natureza dos Espíritos, se abdicamos o julgamento, a comparação, a reflexão; estas três faculdades são mais que suficientes para distinguir seguramente os diversos Espíritos. O livre arbítrio é o eixo sobre o qual roda o pivô da inteligência humana; o equilíbrio se romperia se os Espíritos não tivessem senão que falar para submeter os homens; seu poder, então, igualaria o de Deus: isso não pode ser assim; o intercâmbio entre os humanos e os invisíveis assemelha-se à escada de Jacó; se permite a uns subir, deixa os outros descerem; e todos agindo, uns sobre os outros, sob o olhar de Deus, devem caminhar para ele, no mesmo espírito de amor e de *inteligente* submissão. Eu aflorei este assunto e vos aconselho aprofundá-lo sob todas as suas faces.

LAZARRE.

Scarron

(Médium, senhorita Huet).

Meus amigos, fui bem infeliz sobre a Terra, porque meu Espírito era igual, e algumas vezes superior àqueles das pessoas que me cercavam; mas o meu corpo estava abaixo. Também o meu coração estava ulcerado pelos sofrimentos morais, e pelos males físicos, que puseram meu envoltório terrestre num estado piedoso e miserável.

Meu caráter era irritado pelas enfermidades e as contrariedades que senti no comércio de meus amigos. Deixei-me conduzir à malignidade mais cáustica; era alegre e sem desgosto em aparência; entretanto, sofria bem no fundo do meu coração; e quando estava só, entregue aos secretos pensamentos de minha alma, eu gemia por estar assim em luta entre o bem e o mal. O mais belo dia de minha existência foi aquele em que meu Espírito se separou do meu corpo; onde, esse primeiro, leve e iluminado por raio divino, lançou-se para as esferas celestes. Parecia-me que renascia, e a felicidade se apoderou de meu ser: eu repousava enfim!

Mais tarde, minha consciência despertou, reconheci os erros que tinha para com o meu criador; senti remorsos, e implorei a piedade do Todo-Poderoso. Desde esse tempo, procuro me instruir no bem; tento me tornar útil aos homens, e progride cada dia. Entretanto, tenho necessidade que se ore por mim, e peço aos crentes fervorosos elevarem em meu favor seus pensamentos a Deus. Se me chamam a eles, trato de vir algumas vezes e de responder às suas perguntas tanto quanto o possa.

Assim se pratica a caridade.

PAUL SCARRON.

O nada da vida

(Médium, senhorita Huet).

Meus bons amigos de adoção, permiti-me vos dizer, algumas palavras, como conselhos. Deus me permite vir a vós; quanto não posso vos comunicar todo ardor que tinha em meu coração, e que me animava para o bem! Crede em Deus, o autor de todas as coisas; amai-o; sede bons e caridosos; a caridade é a chave do céu. Para vos tornar bons, pensai algumas vezes na morte; é um pensamento que eleva a alma e a torna melhor, tornando-a humilde; porque, o que se é sobre a Terra? Um átomo lançado no espaço; bem pouca coisa no universo. O homem não é nada, ele faz número. Quando olha diante de si, quando olha para trás, é ainda o infinito; sua vida, por longa que seja, é um ponto na eternidade. Pensai então em vossa alma, pensai na vida nova que vos espera, porque não podeis duvidar que haja uma, quando isso não seria senão os desejos de vossa alma que jamais foram satisfeitos, o que é uma prova de que devem estar num mundo melhor. Até breve.

S. Swetchine.

Aos Médiuns

(Médium, Sr. Darcol).

Quando quiserdes receber comunicações de bons Espíritos, importa vos preparar para esse favor pelo recolhimento, pelas santas intenções e pelo desejo de fazer o bem tendo em vista o progresso geral; porque, lembrai-vos, que o egoísmo é uma causa de retardamento a todo adiantamento. Lembrai-vos que se Deus permite, a alguns dentre vós, receber o sopro de certos de seus filhos que, pela sua conduta, souberam merecer a honra e compreender a sua bondade infinita, é que ele quer muito, pela nossa solicitação, e em vista de vossas boas

intencões, vos dar os meios para avançar em seu caminho; assim, pois, médiuns! aproveitai essa faculdade que Deus muito vos quer conceder. Tende fé na mansuetude de vosso Senhor; tende a caridade sempre em prática; não deixeis jamais de exercer esta sublime virtude, assim como a tolerância. Que sempre as vossas ações estejam em harmonia com a vossa consciência, é um meio certo para centuplicar a vossa felicidade nesta vida passageira, e vos preparar uma existência mil vezes mais doce ainda.

Que o médium dentre vós que não sinta mais a força de perseverar no ensinamento espírita, se abstenha; porque não aproveitando a luz que o esclarece, será menos desculpável que um outro, e terá que expiar a sua cegueira.

François de Salles.

A honestidade relativa

(Médium, senhora Costel).

Ocupar-nos-emos hoje da moralidade daqueles que não a tem, quer dizer, a honestidade relativa que se encontra nos corações mais pervertidos. O ladrão não rouba o lenço de seu camarada, mesmo quando este tenha dois; o comerciante não pede preço exagerado ao seu amigo; o traidor é fiel quando ao menos a um ser qualquer. Nunca a luz divina está completamente ausente do coração humano, também deve-se conservá-la com cuidados infinitos, senão desenvolvê-la. O julgamento estreito e brutal dos homens impede, pela sua severidade, muito mais bons retornos quanto não preserva de más ações. O Espiritismo desenvolvido deve ser, e será a consolação e a esperança de corações enfraquecidos pela justiça humana. A religião, cheia de ensinamentos sublimes, plana muito acima para os ignorantes; ela não ataca muito diretamente a espessa imaginação do iletrado que quer ver e tocar para crer. Esclarecida pelos médiuns, médium ele mesmo, a crença florescerá nesse coração seco. Também é, sobretudo, ao povo que os verdadeiras espíritas devem se dirigir como outrora os apóstolos; que eles divulguem a doutrina consoladora; como pioneiros que se enfiam nos pântanos da ignorância e do vício para roçar, sanear, preparar o terrenos das almas, a fim de que elas possam receber a bela cultura do Cristo.

Georges.

Proveito de conselhos

(Médium, senhorita Huet).

Aproveitais dos nossos conselhos e do que vos dizemos cada dia? Não; muito pouco. Saindo de uma de vossas reuniões vos entreteis com a curiosidade do fato; do maior ao menor interesse que ela oferece aos assistentes; mas não há um entre vós que se pergunte se pode se aplicar a moral, o conselho que acabamos de prescrever e se está na intenção de fazê-lo, ele pediu, solicitou uma comunicação; a tem: isso basta-lhe. Volta às suas ocupações diárias em se prometendo rever um espetáculo tão interessante; conta os fatos aos seus amigos, a fim de excitar a sua curiosidade, e somente para provar que os sábios podem ser confundidos; bem poucos o fazem com o objetivo de pregar a moral; bem poucos mesmo procuram se melhorar.

A minha lição é severa; não quero, todavia, desencorajar; trouxe sempre boa vontade, somente um pouco mais de bons sentimentos a Deus, e menos inveja em querer aniquilar aqueles que não querem crer: isto olha o tempo e Deus.

MARIE. (*Espírito familiar.*)

Pensamentos destacados

Oh homens! que sois soberbamente orgulhosos! A vossa pretensão é verdadeiramente cômica, quereis tudo saber, e vossa essência se opõe, sabei-o, a essa faculdade de compreensão universal. Não chegais a conhecer essa maravilhosa natureza senão pelo trabalho perseverante; não tereis alegria de aprofundar esses tesouros e de entrever o infinito de Deus senão vos melhorando pela caridade, e fazendo todas as coisas do ponto de vista do bem para todos, e relacionando essa faculdade do bem a Deus que, em sua generosidade que nada pode igualar, vos recompensa por ela além de toda suposição.

MASSILLON.

O homem é o joguete dos acontecimentos, diz-se freqüentemente; de quais acontecimentos se quer falar? Quais seriam as suas causas, o seu objetivo? Nunca se viu o dedo de Deus. Esse pensamento vago e materialista, mãe da fatalidade, tem desviado mais de Espírito, mais de uma profunda inteligência. Balzac disse, vós o sabeis: "Não há princípios; não há senão os acontecimentos;" quer dizer, segundo ele, o homem não tem mais o livre arbítrio; a fatalidade o toma no berço e o conduz até o túmulo; monstruosa invenção do Espírito humano! Este pensamento abate a liberdade; a liberdade, quer dizer, o progresso, a ascensão da alma humana, demonstração evidente da existência de Deus. Se o homem se deixasse pois, conduzir, seria escravo de tudo: dos homens e de si mesmo! Ó homem! Desce em ti; nasceste para a servidão? Não; nasceste para a liberdade.

LAMENNAIS.

Maria d'Agreda

Revista Espírita, novembro de 1860

Fenômeno de bi-corporeidade

Encontramos, em resumo histórico que acaba de ser publicado sobre a vida de *Maria de Jesus d'Agreda*, um fato notável de bi-corporeidade, que prova que esses fenômenos são perfeitamente aceitos. É verdade que, para certas pessoas, as crenças religiosas não são mais uma autoridade do que as crenças espíritas; mas quando essas crenças se apoiaram sobre as demonstrações que delas dá o Espiritismo, sobre as provas patentes que ele fornece, por uma teoria racional, de sua possibilidade, sem derogar as leis da natureza, e de sua realidade por exemplos análogos e autênticos, será preciso bem se render à evidência, e reconhecer que, fora das leis conhecidas, há outras que ainda estão nos segredos de Deus.

Maria de Jesus nascida em Agreda, cidade de Castela, dia 2 de abril de 1602, de pais nobres e uma virtude exemplar. Muito jovem ainda, ela se tornou superiora de um monastério da Immaculée-Conception de Maria, onde morreu em odor de santidade. Eis o relato que se encontra em sua biografia:

"Qualquer desejo que tenhamos de resumir, não podemos dispensar de falar aqui do papel completamente excepcional de missionária e apóstolo, que Maria d'Agreda exerceu no Novo México. Este fato que vamos narrar, e do qual se têm provas incontestáveis, provaria por si mesmo o quanto eram levados os dons sobrenaturais com os quais Deus enriqueceu sua humilde serva, e quanto era ardente o zelo que ela nutria em seu coração pela salvação do próximo. Em suas relações íntimas e extraordinárias com Deus, ela dele recebia uma viva luz com a ajuda da qual descobria o mundo inteiro, a multidão dos homens que o habitam, e aqueles dentre os quais não tinham ainda entrado na comunhão dos fiéis católicos, e que estavam em perigo evidente de se perderem pela eternidade. Tendo em vista a perda de tantas almas, Maria d'Agreda sentia o coração trespassado e, em sua dor, multiplicava as suas fervorosas preces. Deus fê-la conhecer que os povos do Novo México apresentavam menos obstáculos, do que o resto dos homens, para a sua conversão, e que era especialmente sobre eles que a sua divina misericórdia queria se derramar. Esse conhecimento foi um novo agulhão para o coração caridoso de Maria d'Agreda, e do mais profundo de sua alma ela implorou a clemência divina em favor desse pobre povo. Deus, ele mesmo lhe ordenara orar e trabalhar para esse fim; e ela o fez de maneira tão eficaz, que o senhor, cujos julgamentos são impenetráveis, operou nela, e por ela, uma das maiores maravilhas que a história pode contar.

"Tendo o senhor, um dia, a arrebatado em êxtase no momento em que ela orava insistentemente pela salvação dessas almas, Maria d'Agreda se sentiu, de repente, transportada para uma região longínqua e desconhecida, sem saber como, ela se encontrou, então, num clima que não era mais o de Castela, e se sentiu sob os raios de um Sol mais ardente que comumente. Homens de uma raça que jamais ela encontrara, estavam diante dela, e Deus lhe ordenou então satisfazer os seus caridosos desejos, e pregar a lei e a fé santa a esse povo. A estática d'Agreda obedeceu a essa ordem. Ela pregou a esses índios em sua língua espanhola, e esses inféis a entendiam como se lhes falasse em sua língua natural. Conversões em grande número se seguiram. Retornando desse êxtase, essa santa filha se achava no mesmo lugar onde estava no começo do arrebatamento. Não foi uma única vez

que Maria de Jesus cumpriu esse papel maravilhoso de missionária e de apóstolo junto dos habitantes do Novo México. O primeiro êxtase que ela teve desse gênero, ocorreu-lhe em torno 1622; mas foi seguido de mais de quinhentos êxtases do mesmo gênero, e durante mais ou menos oito anos. Maria d'Agreda se encontrava sem cessar nesse mesmo país para ali continuar a sua obra de apóstolo. Parecia-lhe que o número de convertidos aumentara prodigiosamente, e que uma nação inteira, o rei à frente, resolvera abraçar a fé em Jesus Cristo. "Ela via ao mesmo tempo, mas a uma grande distância, os franciscanos espanhóis, que trabalhavam na conversão desse novo mundo, mas que ignoravam ainda até a existência desse povo que ela convertera. Essa consideração levou-a à aconselhar, a esses índios, para enviarem alguns dentre eles até esses missionários, a fim de pedir-lhes para virem conceder-lhes o batismo. Foi por esse meio que a Divina Providência quis dar uma demonstração brilhante do bem que Maria d'Agreda fizera no Novo México, pela sua pregação extática.

"Um dia, os missionários franciscanos, que Maria d'Agreda vira em Espírito, mas a uma grande distância, se viram abordados por um bando de índios, de uma raça que não tinham ainda encontrado em suas excursões. Estes se anunciam como os enviados de sua nação, pedem a graça do batismo com grandes instâncias. Surpresos com a visão desses índios e mais espantados ainda dos pedidos que lhes faziam, os missionários trataram de saber a causa. Os enviados responderam: que há um tempo bem longo, uma mulher aparecera em seu país anunciando a lei de Jesus Cristo. Acrescentaram que essa mulher desaparecia no momento, sem que se pudesse descobrir o lugar de sua retirada; que foi ela que lhes fizera conhecer o verdadeiro Deus e que lhes aconselhara para irem junto aos missionários, a fim de obter, para toda a sua nação, a graça do sacramento que redime os pecados e faz os filhos de Deus. A surpresa dos missionários aumentou bem mais quando, tendo interrogado esses índios, sobre os mistérios da fé, os encontraram perfeitamente instruídos de tudo o que era necessário para a salvação. Esses missionários tomaram as informações possíveis sobre essa mulher; mas tudo o que esses índios puderam dizer, foi que jamais viram uma pessoa semelhante. Entretanto, alguns detalhes descritivos da roupa fizeram supor, aos missionários, que essa mulher podia estar vestida de religiosa, e um deles, que tinha com ele o retrato da venerável mãe Louisede Carrion, ainda viva, e eu já santidade era conhecida de toda Espanha, mostrou-o aos índios, no pensamento que poderiam, talvez, reconhecer alguns traços de sua mulher apóstolo. Estes, depois de considerarem o retrato, responderam que a mulher que lhes pregara a lei de Jesus Cristo levava em verdade um véu, como aquele do qual se lhes apresentara a imagem; mas que, pelos traços de seu rosto, ela diferia completamente dela, sendo mais jovem e de uma grande beleza.

"Alguns dos missionários partiram, pois, com os enviados índios para irem recolher, no meio deles, uma tão abundante colheita. Depois de vários dias de caminho, chegaram ao seio dessa tribo, onde foram acolhidos com as mais vivas demonstrações de alegria e de reconhecimento. Em sua viagem, puderam constatar que, entre todos os indivíduos desse povo, a instrução cristã era completa.

"O chefe da nação, objeto especial da solitudes da serva de Deus, quis ser o primeiro a receber a graça do batismo com toda a sua família, e, em poucos dias, a nação inteira seguiu o seu exemplo.

"Não obstante esses grandes acontecimentos, ignorava-se ainda qual fora essa serva do Senhor que evangelizara esses povos, e se estava numa santa curiosidade e numa piedosa impaciência para conhecê-la. O P. Alonzo de Benavides, sobretudo, que era o superior dos missionários franciscanos no Novo México, quisera poder dissipar o véu misterioso que cobria ainda o nome dessa mulher-apóstolo, e aspirava a reentrar momentaneamente na Espanha para descobrir o retrato dessa religiosa desconhecida, que prodigiosamente cooperara para a salvação de tantas almas. Em 1630, pôde enfim embarcar para a Espanha, e ir diretamente a

Madrid, onde se encontrava então o geral de sua ordem. Benavides fê-lo compreender o objetivo que propusera empreendendo a sua viagem à Europa. O geral conhecia Maria de Jesus d'Agreda, e segundo dever de seu cargo, deveu examinar a fundo o interior dessa religiosa. Ele conhecia, pois, a sua santidade, tão bem quanto a sublimidade dos caminhos nos quais Deus a colocara. Veio-lhe logo, em pensamento, que essa mulher privilegiada poderia bem ser essa mulher-apóstolo da qual lhe falava o P. Benavides, e lhe comunicou as suas impressões. Deu-lhe cartas pelas quais o constituía seu comissário, com ordem a Maria d'Agreda a responder-lhe, com toda a simplicidade, às perguntas que julgasse a propósito dirigir-lhe. Com esses despachos, o missionário partiu para Agreda.

"A humilde irmã se viu, pois, obrigada a revelar ao missionário tudo o que sabia com respeito ao objeto de sua missão junto dela. Confusa e dócil ao mesmo tempo, ela manifestou a Benavides tudo o que lhe ocorrera em seus êxtases, acrescentando com franqueza que estava completamente incerta sobre o modo pelo qual a sua ação pudera se exercer a uma tão grande distância assim. Benavides interrogou também a irmã sobre as particularidades dos lugares que ela deveu tantas vezes visitar, e achou que ela era muito instruída sobretudo o que havia com relação ao Novo México e seus habitantes. Ela lhe expôs, nos maiores detalhes, toda a topografia dessas regiões, e descobriu-lhos, servindo-se mesmo de nomes próprios, como o faria um viajante depois de ter passado vários anos nessas regiões. Acrescentou mesmo que vira, várias vezes, Benavides e seus religiosos, marcando os lugares, os dias, as horas, as circunstâncias, e fornecendo detalhes especiais dos missionários.

"Compreende-se facilmente o consolo de Benavides por ter enfim descoberto a alma privilegiada da qual Deus se servira, para exercer sua ação miraculosa sobre os habitantes do Novo México.

"Antes de deixar a cidade de Agreda, Benavides quis redigir uma declaração de tudo o que constatara, seja na América, seja em Agreda, em suas conversas com a serva de Deus. Exprimiu, nessa peça, sua convicção pessoal quanto à maneira pela qual essa ação de Maria de Jesus se fizera sentir aos Índios. Ele inclinava-se a crer que essa ação fora corpórea, sobre essa questão, a humilde religiosa guardou sempre uma grande reserva. Apesar de mil indícios que faziam Benavides concluir, o que concluía antes o confessor da serva de Deus, indícios que pareciam acusar uma mudança corpórea de lugar, Maria d'Agreda persistia sempre em crer que tudo se passava em Espírito; ainda eslava ela em sua humildade, fortemente tentada a pensar que esse fenômeno podia bem não ser senão uma alucinação, embora inocente e involuntária de sua parte. Mas seu diretor, que conhecia o fundo das coisas, acreditou poder pensar que a religiosa era corporalmente transportada, em seus êxtases, aos lugares de seus trabalhos evangélicos. Motivava a sua opinião sobre a impressão física que a mudança de clima fazia Maria d'Agreda sentir, sobre a longa seqüência de seus trabalhos entre os índios, e sobre o conselho de várias doutas personagens que crera dever consultar em segredo. Qualquer que ele seja, o fato permanece sempre como um dos mais maravilhosos dos quais se falou nos anais dos santos, e é muito próprio para dar uma idéia verdadeira, não só das comunicações divinas que Marie d'Agreda recebia, mas também de sua candura e de sua amável sinceridade."

Aviso

Revista Espírita, novembro de 1860

Lembramos aos nossos leitores que a obra intitulada: *A Instrução prática sobre as manifestações espíritas* está esgotada, e que será substituída por uma outra obra, muito mais completa, sob o título: *O Espiritismo experimental*. Ele está neste momento no prelo, e aparecerá no curso de dezembro.

Nós lhes lembramos igualmente que a segunda edição de *A História de JeanneD'Arc*, ditada por ela mesma à senhorita Ermance Dufaux, está à venda. O sucesso desta obra não diminui; é lida sempre com o mesmo interesse pelas pessoas sérias, sejam ou não partidárias do Espiritismo. Esta história será sempre considerada como uma das mais interessantes e completas que foram publicadas.

ALLAN KARDEC.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Terceiro Ano – 1860

Dezembro

- [Aos assinantes da Revista Espírita](#)
- [Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas](#)
- [A arte pagã, a arte cristã, a arte espírita](#)
- [História do Maravilhoso, pelo Sr. Louis Figuier \(2º artigo\)](#)
- Conversas familiares de além-túmulo
 - [Balthazar \(2ª conversa\)](#)
 - [A educação de um Espírito](#)
- Dissertações Espíritas
 - [Entrada de um culpado no mundo dos Espíritos](#)
 - [Castigo do egoísta](#)
 - [Alfred de Musset](#)
 - [Intuição da vida futura \(Delphine de Girardin\)](#)
 - [A reencarnação \(Delphine de Girardin\)](#)
 - [O dia dos Mortos \(Charles Nodier\)](#)
 - [Alegoria de Lázaro \(Lamennais\)](#)
 - [O duende familiar \(Charles Nodier\)](#)

Aos assinantes da *Revista Espírita*

Revista Espírita, dezembro de 1860

Três anos de existência fizeram conhecer suficientemente, aos leitores da Revista, o pensamento que preside à sua redação; e a melhor prova de que esse pensamento obtém o seu assentimento, é o aumento constante do número dos assinantes, que ainda cresceu notavelmente neste último período; mas o que é infinitamente mais precioso para nós são os testemunhos de simpatia e de satisfação que deles recebemos diariamente; seu sufrágio é, para nós, um encorajamento para o prosseguimento da nossa tarefa, trazendo para o nosso trabalho todas as melhorias cuja utilidade a experiência nos fará conhecer. Continuaremos, como no passado, o estudo raciocinado dos princípios da ciência do ponto de vista moral e filosófico, sem negligenciarmos os fatos; mas, quando citarmos os fatos, não nos limitaremos a uma simples narração, divertida talvez, mas infalivelmente estéril, se não se lhe juntar a procura das causas e a dedução das conseqüências. Para isto, nos dirigimos às pessoas sérias que não se contentam em ver, mas que, antes de tudo, querem compreender e se dar conta do que vêem. A série dos fatos, aliás, é bem depressa esgotada, se não sequer cair nas repetições fastidiosas, porque eles giram quase sempre no mesmo círculo, e não ensinaríamos nada de novo aos nossos leitores quando lhes disséssemos que, em tal ou tal casa, se fez mais ou menos bem as mesas girarem. Os fatos têm, para nós, um outro caráter: não são histórias, mas objetos de estudo, e o mais simples em aparência, freqüentemente, pode dar lugar às anotações mais importantes. Ocorre aqui como na ciência vulgar, onde um talo de erva encerra, para o observador, tanto mistério quanto uma árvore gigante; é por isso que, nos fatos, consideramos bem mais o lado instrutivo do que o lado divertido, e nos ligamos àqueles que podem nos ensinar alguma coisa, sem consideração à sua maior ou menor estranheza.

Apesar do número considerável de assuntos dos quais já tratamos, estamos longe de ter esgotado a série de todos aqueles que se ligam ao Espiritismo, porque, quanto mais se avança nesta ciência, mais o horizonte se alarga; aqueles que nos restam para serem examinados, nos fornecerão materiais para muito tempo ainda, sem contar as atualidades. Há muitos que adiamos de propósito, a fim de não abordá-los senão sucessivamente e à medida que o estado dos conhecimentos permita compreender-lhes a importância. Assim é, por exemplo, que hoje fazemos mais larga parte às dissertações espíritas espontâneas, porque as instruções que elas encerram, para a maioria, podem ser muito melhor apreciadas do que numa época em que se conheciam apenas os primeiros elementos da ciência; outrora, não teriam sido julgadas senão do ponto de vista literário, e uma multidão de pensamentos úteis e profundos passariam despercebidos, porque elas tratariam de pontos ainda desconhecidos ou mal compreendidos. A diversidade dos assuntos não exclui o método, e o sem nexos não é senão aparente, porque cada coisa tem o seu lugar motivado. A variedade repousa o espírito, mas a ordem lógica ajuda a inteligência; o que nos esforçamos em evitar, é de fazer de nossa Revista uma coletânea indigesta. Certamente não temos a pretensão de fazer uma obra perfeita, mas esperamos, pelo menos, que nos será levada em conta a intenção.

Nota: Os Senhores assinantes que não quiserem experimentar o atraso no envio da Revista, para o ano 1861, são rogados para renovarem a sua assinatura antes do dia 1 de janeiro prox.

Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espiritas

Revista Espírita, dezembro de 1860

Sexta-feira, 26 de outubro de 1860. (Sessão geral.)

Comunicações diversas. 1ª Leitura de uma comunicação obtida pela Sra. M... sobre esta pergunta: Se Deus criou todas as almas semelhantes, como ocorre que haja de repente tanta distância entre elas?

2ª Leitura de várias comunicações obtidas pelo Sr. P..., médium de Sens; uma assinada por Homero, apresenta um fato notável que pode ser considerado como uma prova de identidade, que é a revelação espontânea do nome de *Mélésigène*, sob o qual Homero era primitivamente designado. Este nome era desconhecido pelo médium.

3ª Análise de uma carta do Sr. L..., de Troyes, onde dá conta de fatos notáveis de manifestações físicas espontâneas que ocorreram, em 1856, na casa de uma pessoa dessa cidade, e que lembram os de Bergzabern.

4ª Carta do Sr. doutor Morhéry, que relata diversos fatos singulares de manifestações espontâneas, ocorridas em sua presença, na casa da Srta. Désirée Godu, e que coincidem com a chegada de uma carta do Sr. Allan Kardec.

Estudos. 1ª Diversas perguntas dirigidas a São Luís.

2ª Evocação do filho do Sr. Morhéry, que diz haver participado nas manifestações que ocorreram na casa de seu pai.

3ª Ditado espontâneo obtido pelo Sr. Alfred Didier, sobre o *desespero*, e assinado por Lamennais.

4ª Perguntas diversas, dirigidas a Lamennais, sobre diversos casos particulares de suicídio, sobre as relações dos Espíritos, e sobre a identidade de Homero na comunicação de Sens.

Sexta-feira, 2 de novembro de 1860. (Sessão particular.)

Comunicações diversas. 1ª Leitura de uma segunda comunicação de Homero, obtida pelo Sr. P..., médium de Sens, e de diversas perguntas e respostas feitas a esse respeito.

2ª Desenhos obtidos por um médium de Lyon, e notáveis pela sua originalidade, se não pela sua execução. São Luís, interrogado a esse respeito, disse que esses desenhos têm o seu valor, porque são bem o fato de um Espírito, mas que não têm significado bem preciso, o médium e o Espírito não estando ainda suficientemente identificados um com o outro. Esse médium, acrescenta ele, poderá se tornar excelente com o tempo.

Estudos. 1ª Perguntas dirigidas a São Luís: 1ª sobre a fórmula de afirmação para a identidade dos Espíritos; 2ª sobre o papel do homem na moralização dos Espíritos imperfeitos; 3ª sobre a aparição dos Espíritos sob as forma de chama; 4ª sobre o valor dos desenhos enviados de Lyon; 5ª sobre o transporte de objetos materiais pelos Espíritos, seu levantamento do solo e a sua invisibilidade.

3ª Exame da questão de saber se os Espíritos podem operar o transporte de objetos num lugar fechado, e através de obstáculos materiais.

O Sr. L... fez observar que essas questões se ligam aos fenômenos das manifestações físicas, dos quais a Sociedade não deve se ocupar.

O presidente respondeu que a procura das causas é um ponto importante que se liga diretamente ao estudo da ciência, e entra no quadro dos trabalhos da Sociedade; todas as partes da ciência devem ser elucidadas. Outra coisa é se ocupar de pesquisas teóricas ou fazer da produção de fenômenos um objeto exclusivo. De resto, acrescentou, isso podemos referir a São Luís, pedindo-lhe consentir em nos dizer se ele considera a discussão, que vem de ocorrer, como tempo perdido. São Luís respondeu: "Estou longe de considerar a vossa conversação como inútil."

4ª Evocação de Charles Nodier. Ele é rogado para consentir em continuar o trabalho que começou. Respondeu que o continuará na próxima vez; lembra a solenidade do dia, num encantador ditado espontâneo. A pedido que se lhe fez, ditou uma curta prece, análoga à circunstância.

5ª Um chamado geral é feito, sem designação especial, aos Espíritos sofredores que possam estar presentes, convidando-os para que se dêem a conhecer. O Espírito de um homem, altamente colocado quando vivo, morto há dois anos, se apresenta espontaneamente, e testemunha, pela sua linguagem, ao mesmo tempo simples e digna, os bons sentimentos dos quais está animado agora, e o pouco caso que faz das grandezas humanas; responde com complacência e benevolência às perguntas que lhe são dirigidas.

Sexta-feira, 9 de novembro de 1860. (Sessão geral.)

O Sr. Allan Kardec apresenta algumas observações sobre o que foi dito na última sessão, no que toca às manifestações físicas. Lembra, a esse respeito, a instrução dada por São Luís, no mês de novembro de 1858, sobre o objetivo dos trabalhos da Sociedade. Essa instrução está assim formulada:

"Pode-se zombar das mesas girantes, não se zombará jamais da filosofia, da sabedoria e da caridade que brilham nas comunicações sérias. Esse foi o vestibulo da ciência; é ali que, entrando, deve-se deixar seus preconceitos, como se deixa o seu casaco. Não posso muito vos convidar a fazerem, das vossas reuniões, um centro sério. Que alhures se façam demonstrações físicas, que alhures se veja, que alhures se ouça, *que, entre vós, se compreenda e se ame.* Que pensais ser, aos olhos dos superiores, quando fazeis girar ou erguer uma mesa?

Escolares; os sábios passam o seu tempo a repassarem *q a, b, c* da ciência? Ao passo que, vendo-vos procurar as comunicações sérias, vos consideram como homens em busca da

verdade.

"São Luís."

Não está aí, senhores, ajunta o Sr. Allan Kardec, um admirável programa, traçado com essa precisão, essa simplicidade de palavras que caracterizam os Espíritos verdadeiramente superiores? *Que, entre vós, se compreenda*, quer dizer, que devemos tudo aprofundar e nos dar conta de tudo; *que, entre vós, se ame*, quer dizer, que a caridade, uma benevolência mútua devem ser os objetivos dos nossos esforços, o laço que deve nos unir, a fim de mostrar, pelo nosso exemplo, o verdadeiro objetivo do Espiritismo. Equivocar-se-á estranhamente sobre os sentimentos da Sociedade, se se crê que ela despreza o que se faz alhures; nada é inútil, e as experiências físicas têm também a sua vantagem, que ninguém de nós contesta. Se delas não nos ocupamos, não é porque tenhamos uma outra bandeira; temos a nossa especialidade de estudos como outros têm a sua, mas tudo isso se confunde num objetivo comum: o progresso e a propagação da ciência.

Comunicações diversas. 1ª Leitura de ditados espontâneos obtidos fora da Sociedade.

2ª Carta do Sr. L..., de Troyes, que dá conta de fatos que ocorreram em sua presença, da parte do Espírito obsessor do qual se falou na última sessão. Esses fatos, que cessaram desde 1856, vêm de se reproduzir com circunstâncias muito notáveis, que serão objeto de um estudo da parte da Sociedade.

Estudos. 1ª Perguntas diversas: sobre a obsessão; - sobre a possibilidade de se reproduzir, pela daguerreotipia, a imagem das aparições visíveis e tangíveis; - sobre as manifestações físicas do Sr. Squire.

2ª Perguntas sobre o Espírito que se manifesta em Troyes, e notadamente sobre os efeitos magnéticos que se produziram nessa circunstância.

3ª Cinco ditados espontâneos foram obtidos por quatro médiuns diferentes.

4ª Evocação do Espírito perturbador de Troyes. Este Espírito revela uma natureza das mais inferiores.

A arte pagã, a arte cristã, a arte espírita

Revista Espírita, dezembro de 1860

Na sessão da Sociedade, do dia 23 de novembro, o Espírito de Alfred de Musset tendo se manifestado espontaneamente (encontrar-se-á o detalhe adiante, página 386), a pergunta seguinte lhe foi dirigida:

A pintura, a escultura, a arquitetura, a poesia foram alternativamente inspiradas pelas idéias pagas e cristãs; quereis nos dizer se, depois da arte paga e da arte cristã, haverá, um dia, a arte espírita? - Ó Espírito respondeu:

"Fizestes uma pergunta que se responde por si mesma; o verme é verme, torna-se verme de seda, depois borboleta. O que ha de mais aéreo, de mais gracioso do que uma borboleta? Pois bem, a arte paga, é o verme; a arte cristã, é o envoltório; a arte espírita será a borboleta."

Quanto mais se aprofunda o sentido dessa graciosa comparação, mais se lhe admite a justeza. À primeira vista, poder-se-ia supor, ao Espírito, a intenção de rebaixar a arte cristã, colando a arte espírita no coroamento do edifício; mas não é nada disso, e basta meditar esta poética figura para apanhar-lhe a justeza. Com efeito, o Espiritismo se apoia essencialmente sobre o Cristianismo; não vem substituí-lo, completa-o e veste-o com uma roupa brilhante.

Na infância do Cristianismo, encontram-se os germes do Espiritismo; se se repelissem mutuamente, um renegaria o seu filho e o outro o seu pai. O Espírito, em comparando o primeiro ao verme e o segundo à borboleta, indica perfeitamente o laço de parentesco que os une; há mais: a própria figura pinta o caráter da arte que um inspirou e que o outro inspirará. A arte cristã, sobretudo, deveu se inspirar nas terríveis provas dos mártires e revestir a severidade da origem materna; a arte espírita, representada pela borboleta, se inspirará nos vaporosos e esplêndidos quadros da existência futura desvendada; alegrará a alma que a arte cristã tomara de admiração e de temor; será o canto de alegria depois da batalha.

O Espiritismo se reconhece todo inteiro na teogonia paga, e a mitologia não é outra coisa senão o quadro da vida espírita poetizada pela alegoria. Quem não reconhece o mundo de Júpiter nos Campos Elíseos, com os seus habitantes de corpos etéreos; e os mundos inferiores no seu Tártaro; as almas errantes nos manes, os Espíritos protetores da família nos lares e nos penais; no Letes, o esquecimento do passado no momento da reencarnação; nas suas pitonisas, os nossos médiuns videntes e falantes; em seus oráculos, as comunicações com os seres de além-túmulo? A arte, necessariamente, deveu se inspirar nessa fonte tão fecunda para

a imaginação; mas para se elevar até o sublime do sentimento, falta-lhe o sentimento por excelência: a caridade cristã. Os homens não conhecem senão a vida material; a arte procurou, antes de tudo, a perfeição da forma. A beleza corpórea era então a primeira de todas as qualidades: a arte se interessou em reproduzi-la, em idealizá-la; mas só ao

Cristianismo estava dado fazer ressaltar a beleza da alma sob a beleza da forma; também, a arte cristã, tomando a forma na arte paga, acrescentou-lhe a expressão de um sentimento desconhecido dos Antigos.

Mas, como dissemos, a arte cristã deveu se ressentir da austeridade de sua origem, e se inspirar nos sofrimentos dos primeiros adeptos; as perseguições impeliram à vida de isolamento e de reclusão, e a idéia do inferno à vida ascética; é por isso que a sua pintura e escultura, em suas três quartas partes, sobressaem pelo quadro das torturas físicas e morais; a arquitetura nela reveste um caráter grandioso e sublime, mas sombrio; sua música é grave e monótona como uma sentença de morte; a sua eloquência é mais dogmática do que tocante; a própria beatitude nela traz marca de tédio, de ociosidade e de satisfação toda pessoal; aliás, ela está longe de nós, tão alto colocada, que nos parece quase inacessível, por isso nos toca tão pouco quando não a vemos reproduzida sobre a tela ou o mármore.

O Espiritismo nos mostra o futuro sob uma luz mais à nossa altura; a felicidade está mais perto de nós, está ao nosso alcance, nos seres mesmo que nos cercam e com os quais podemos entrar em comunicação; a morada dos eleitos não é mais isolada: há solidariedade constante entre o céu e a terra; a beatitude não está mais numa contemplação perpétua, que não seria senão uma eterna e inútil ociosidade, ela está numa constante atividade para o bem, sob o próprio olhar de Deus; está, não na quietude de um contentamento pessoal, mas no amor mútuo de todas as criaturas chegadas à perfeição. O mau não está mais relegado às fornalhas ardentes, o inferno está no próprio coração do culpado que encontra, em si mesmo, o seu próprio castigo; mas Deus, em sua bondade infinita, deixando-lhe o caminho do arrependimento, ao mesmo tempo, deixa-lhe a esperança, essa sublime consolação do infeliz.

Que fontes fecundas de inspiração para a arte! Que obras primas essas idéias novas não podem criar pela reprodução de cenas tão variadas e, ao mesmo tempo, tão suaves ou tão pungentes da vida espírita! Quantos assuntos, ao mesmo tempo, poéticos e palpitantes de interesse nesse comércio incessante dos mortais com os seres de além-túmulo, na presença, junto a nós, dos seres que nos são queridos! Isso não será mais a representação de despejos frios e inanimados, será a mãe tendo ao seu lado a sua filha querida, em sua forma etérea e radiosa de felicidade; um filho ouvindo com atenção os conselhos de seu pai que vela por ele; o ser pelo qual se pede vem testemunhar o seu reconhecimento. E, numa outra ordem de idéias, o Espírito do mal soprando o veneno das paixões, o mau fugindo da visão de sua vítima que lhe perdoa, o isolamento do perverso no meio da multidão que o repele, a perturbação do Espírito no momento do despertar, a sua surpresa diante da visão de seu corpo do qual se espanta por estar separado, o Espírito do defunto no meio dos seus ávidos herdeiros e amigos hipócritas; e tantos outros assuntos tanto mais capazes de impressionar quanto tocam mais de perto a vida real. O artista quer se elevar acima da esfera terrestre? Ele encontrará assuntos não menos interessantes nesses mundos felizes que os Espíritos se comprazem em descrever, verdadeiros Édens de onde o mal está banido, e nesses mundos ínfimos, verdadeiros infernos, onde todas as paixões reinam soberanas.

Sim, nós o repetimos, o Espiritismo abre à arte um campo novo, imenso, e ainda inexplorado, e quando o artista trabalhar com convicção, como trabalharam os artistas cristãos, haurirá nessa fonte as mais sublimes inspirações.

Quando dizemos que a arte espírita será um dia uma arte nova, queremos dizer que as idéias e as crenças espíritas darão, às produções do gênio, um cunho particular, como ocorreu com as idéias e as crenças cristãs, não que os assuntos cristãos jamais caiam em descrédito, longe disso, mas, quando um campo está respigado, o ceifeiro procura colher alhures, e colherá abundantemente no campo do Espiritismo. Já o fez, sem dúvida, mas não de um

modo tão especial como o fará mais tarde, quando para isso será encorajado e excitado pelo assentimento geral; quando essas idéias estiverem popularizadas, o que não pode tardar, porque os cegos da geração atual desaparecem, cada dia, da cena pela força das coisas, e a geração nova terá menos preconceitos. A pintura foi mais de uma vez inspirada por idéias desse gênero; na poesia sobretudo elas pululam, mas estão isoladas, perdidas na multidão; o tempo virá em que farão eclodir obras magistrais, e a arte espírita terá seus Rafaéis e seus Miguel-Ângelos, como a arte paga teve os seus Apolos e os seus Fídias.

História do Maravilhoso

Revista Espírita, dezembro de 1860

pelo Sr. Louis Figuier.

(Segundo artigo; ver a Revista de Setembro de 1860.)

Falando do Sr. Louis Figuier, em nosso primeiro artigo, procuramos, antes de tudo, qual fora o seu ponto de partida, e demonstramos, citando textualmente as suas palavras, que ele se apoia sobre a negação de todo poder fora da humanidade corpórea; as suas premissas devem fazer pressentir a sua conclusão. O seu quarto volume, aquele que deveria tratar especialmente a questão das mesas girantes e dos médiuns, não aparecera ainda, e nós o esperamos para ver se daria, desses fenômenos, uma explicação mais satisfatória do que aquela do Sr. Jobert (de Lambale). Nós o lemos com cuidado, e o que dele ressalta mais claro para nós, é que o autor tratou de uma questão que ele não conhecia de modo nenhum; para isso não queremos outra prova senão as duas primeiras linhas assim concebidas: *Antes de abordar a história das mesas girantes e dos médiuns, cujas manifestações são todas modernas*, etc. Como o Sr. Figuier não sabe que Tertuliano fala em termos explícitos das mesas girantes e falantes; que os Chineses conhecem esse fenômeno de tempos imemoriais; que é praticada entre os Tártaros e os Siberianos; que há médiuns entre os Tibetanos; que os havia entre os Assírios, os Gregos e os Egípcios; que todos os princípios fundamentais do Espiritismo se encontram nos filósofos sânscritos? É falso, pois, avançar que essas manifestações são *todas modernas*; os modernos nada inventaram a esse respeito, e os Espíritas se apoiam sobre a antigüidade e a universalidade de sua doutrina, o que o Sr. Figuier deveria saber antes de ter a pretensão de fazer-lhe um tratado *ex professo*. Sua obra não teve menos as honras da imprensa, que se apressou em render homenagem a esse campeão das idéias materialistas.

Aqui se apresenta uma reflexão, cuja importância não escapará a ninguém. Nada, diz-se, é brutal como um fato: ora, eis aqui um que tem bem o seu valor, é o progresso inaudito das idéias espíritas, às quais certamente a imprensa, nem pequena e nem grande, não prestou o seu concurso. Quando ela se dignou falar desses pobres imbecis que crêem ter uma alma, e que essa alma, depois da morte, se ocupa ainda dos vivos, não foi senão para gritar alto lá! sobre eles, e os enviar aos manicômios, perspectiva pouco encorajadora para o público ignorante da coisa. Portanto, o Espiritismo não entou a trombeta da publicidade; não encheu os jornais de faustosos anúncios; como ocorre, pois, que, sem ruído, sem estrondo, sem o apoio daqueles que se colocam como árbitros da opinião, ele se infiltra nas massas, e que depois de ter, segundo a graciosa expressão de um crítico, do qual não nos lembramos o nome, *infestado as classes esclarecidas*, penetra, agora, nas classes trabalhadoras? Que nos digam como, sem o emprego dos meios comuns de propaganda, a segunda edição de *O Livro dos Espíritos* se esgotou em quatro meses? Apaixona-se, diz-se, das coisas mais ridículas; seja, mas apaixona-se com o que diverte, de uma história, de um romance; ora, *O Livro dos Espíritos*, de nenhum modo tem a pretensão de ser divertido. Não seria que a opinião encontra, nessas crenças, alguma coisa que desafia a crítica?

O Sr. Figuier encontrou a solução desse problema: é, disse, o amor do maravilhoso, e ele tem razão; tomemos a palavra maravilhoso na acepção que ele lhe dá, e seremos da sua opinião. Segundo ele, toda a Natureza estando na matéria, todo fenômeno extra-material é do

maravilhoso: fora da matéria não há salvação; conseqüentemente, a alma, depois de tudo o que se lhe atribui, seu estado depois da morte, tudo isso é do maravilhoso; chamemo-lo, pois, como ele do maravilhoso. A questão é de saber se o maravilhoso existe ou não existe. O Sr. Figuier, que não gosta do maravilhoso, e não o admite senão nos contos de Barba-Azul, diz que não. Mas se o Sr. Figuier não deseja sobreviver ao seu corpo; se despreza a sua alma e a vida futura, nem todo o mundo partilha os seus gostos, e não é preciso que, com isso, desgoste os outros; há muitas pessoas para as quais a perspectiva do nada tem muito poucos encantos, e que muito esperam reencontrar, lá em cima ou lá embaixo, seu pai, sua mãe, seus filhos ou seus amigos; o Sr. Figuier não o deseja; não se podem disputar os gostos.

Instintivamente, o homem tem horror à morte, e o desejo de não morrer inteiramente é bastante natural, com isso se convirá; pode-se mesmo dizer que essa fraqueza é geral; ora, como sobreviver ao corpo se não se possui esse *maravilhoso* que se chama alma? Se temos uma alma, ela tem algumas propriedades, porque sem propriedades ela não poderia ser alguma coisa; estas não são, infelizmente para certas pessoas, as propriedades químicas; não se pode colocá-la num frasco para conservá-la num museu anatômico, como se conserva um crânio; nisso, a grande Causa, verdadeiramente errou em não fazê-la mais agarrável: é que, provavelmente, não pensou no Sr. Figuier.

Qualquer que ela seja, de suas coisas uma: essa alma, se alma há, vive ou não vive depois da morte; é alguma coisa ou é o nada, não há meio termo. Ela vive para sempre ou por um tempo? Se ela deve desaparecer em um tempo dado, antes valeria que o fosse logo em seguida; um pouco mais cedo, ou um pouco mais tarde, com isso o homem não seria mais adiantado. Se ela vive, faz alguma coisa ou não faz nada; mas como admitir um ser inteligente que não faça nada, e isso durante a eternidade? Sem ocupação, a existência futura seria muito monótona. O Sr. Figuier, não admitindo que uma coisa inapreciável aos sentidos possa produzir quaisquer efeitos, é conduzido, em razão de seu ponto de partida, a esta conclusão, de que todo efeito deve ter uma causa material; por isso ele classifica no domínio do maravilhoso, quer dizer, da imaginação, todos os efeitos atribuídos à alma, e, por conseqüência, a própria alma, ela mesma, as suas propriedades, os seus fatos e os seus gestos de além-túmulo. Os simples, que têm a tolice de querer viver depois da morte, amam naturalmente tudo o que agrada aos seus desejos e vêm confirmar as suas esperanças; por isso, amam o maravilhoso. Até o presente se estava contente em dizer: "Tudo não morre com o corpo, ficai tranquilos, disso vos damos a nossa palavra de honra." Era muito confortador, sem dúvida, mas uma pequena prova nada teria de perturbadora para o assunto; ora, eis que o Espiritismo, com os seus fenômenos, veio dar-lhes esta prova, a aceitam com alegria; eis todo o segredo da sua rápida propagação; ele dá a realidade a uma esperança: a de viver, e melhor do que isso, a de viver mais feliz; ao passo que vós, Sr. Figuier, vos esforçais para lhes provar que tudo isso não é senão quimera e ilusão; ele eleva a coragem, e vós a abateis; credes que, entre os dois, a escolha será duvidosa?

O desejo de reviver depois da morte é, pois, no homem, a fonte de seu amor pelo maravilhoso, quer dizer, por tudo o que se liga à vida de além-túmulo. Se alguns homens, seduzidos pelos sofismas, puderam duvidar do futuro, não crede que isso seja deliberadamente; não, essa idéia lhes inspira pavor, e é com esse terror que sondam as profundezas do nada; o Espiritismo acalma as suas inquietações, dissipa as suas dúvidas; o que é vago, indeciso, incerto, toma uma forma, torna-se uma realidade consoladora; eis porque, em alguns anos, deu a volta ao mundo, porque todos querem viver, e o homem preferirá sempre as doutrinas que o confortam àquelas que o apavoram.

Voltemos à obra do Sr. Figuier, e digamos primeiro que o seu quarto volume, dedicado às *mesas girantes e aos médiuns*, tem as três quartas partes cheias de histórias que não lhe

têm nenhuma relação, tão bem que o principal ali se torne o acessório. Cagliostro,

o negócio do colar, que ali figura não se sabe porquê, a moça elétrica, os caracóis simpáticos, nele ocupam treze capítulos em dezoito; é verdade que essas histórias ali são tratadas com um verdadeiro luxo de detalhes e de erudição, que as fará lidas com interesse, toda opinião espírita à parte. Sendo o seu objetivo provar o amor do homem pelo maravilhoso, procura ele todos os contos que o bom senso, de todos os tempos, tem tomado pelo que eles valem, e se esforça por provar que são absurdos, o que ninguém contesta, e exclama: "Eis o Espiritismo fulminado!" Ao ouvi-to, crê-se que as proezas de Cagliostro e os contos de Hoffmann são, para os espíritas, artigos de fé, e que os caracóis simpáticos têm todas as suas simpatias.

O Sr. Figuier não rejeita todos os fatos, muito longe disso; ao contrário de outros críticos que negam tudo sem cerimônia, o que é mais cômodo, porque isso dispensa de toda explicação, ele admite perfeitamente as mesas girantes e os médiuns, tudo fazendo uma larga parte à velhacaria; as Senhoritas Fox, por exemplo, são insignes escamoteadoras, porque elas foram achincalhadas por jornais americanos pouco galantes; ele admite mesmo o magnetismo, como agente material, bem entendido, a força fascinadora da vontade e do olhar, o sonambulismo, a catalepsia, o hipnotismo, todos os fenômenos de biologia; que disso se guarde! vai passar por um iluminado aos olhos de seus confrades. Mas, conseqüente consigo mesmo, ele quer reconduzir tudo às leis da física e da fisiologia. Ele cita, é verdade, alguns testemunhos autênticos e dos mais honrosos em apoio dos fenômenos espíritas, mas se estende com complacência sobre todas as opiniões contrárias, sobretudo as dos sábios que, como o Sr. Chevreul e outros, procuraram as provas na matéria; ele tem em grande estima a teoria do músculo mentiroso dos Srs. Jobert e participantes. A sua teoria, como a lanterna mágica da fábula, peca por um ponto capital, e é que se perde numa complicação de explicações que pedem, elas mesmas, explicações para serem compreendidas. Um outro defeito, é que é, a cada passo, contraditada pelos fatos dos quais não pode dar conta e que o autor passa em silêncio, por uma razão muito simples, é que não os conhece; ele nada viu, ou pouco viu, por si mesmo; em uma palavra, ele nada aprofundou, *de visu*, com a sagacidade, a paciência e a independência de idéias do observador consciencioso; contenta-se com relatos mais ou menos fantásticos que encontrou em certas obras que não brilham pela imparcialidade; não tem em nenhuma conta os progressos da ciência em alguns anos; toma-a em seu início, quando caminhava tateante, e cada um lhe trazia uma opinião incerta e prematura, e quando ela estava longe de conhecer todos os fatos; absolutamente como se se quisesse julgar a química de hoje pelo que ela era *ao tempo* de Nicolas Flamel. Em nossa opinião, por sábio que ele seja, resente-se, pois, da primeira qualidade de um crítico, a de conhecer *a fundo* a coisa da qual fala, condição ainda mais necessária quando se quer explicá-la.

Não o seguiremos em todos os seus raciocínios; preferimos remeter à sua obra que todo espírita pode ler sem o menor perigo para as suas convicções; não citaremos senão a passagem onde ele explica a sua teoria das mesas girantes, que quase resume a de todos os outros fenômenos.

"Vem em seguida a teoria que explica os movimentos da mesa pelos *Espíritos*. Se a mesa gira depois de um quarto de hora de recolhimento e de atenção da parte dos experimentadores, é, diz-se, que os Espíritos, bons ou maus, anjos ou demônios, entraram na mesa e a puseram em oscilação. O leitor deseja que discutamos esta hipótese? Não pensamos. Se empreendêssemos provar, à força de argumentos lógicos, que o diabo não entra nos móveis para fazê-los dançar, nos seria preciso igualmente empreender demonstrar que não são os Espíritos que, introduzidos no nosso corpo, nos fazem agir, falar, sentir, etc. (1-(1) Não são os Espíritos que nos fazem agir e pensar, mas um Espirito que é a nossa

alma. Negar este Espírito, é negar a alma; negar a alma é proclamar o materialismo puro. Parece que o Sr. Figuiet pensa que, como ele. *ninguém* crê ter uma alma imortal, ou que ele crê ser todo o mundo.). Todos esses fatos são da mesma ordem, e aquele que admite a intervenção do demônio para fazer girar uma mesa, deve recorrer à mesma influência sobrenatural para explicar os atos que não ocorrem senão em virtude da nossa vontade e pelo socorro dos nossos órgãos. *Ninguém nunca quis atribuir seriamente* os efeitos da vontade sobre os nossos órgãos, por misteriosa que seja a essência desse fenômeno, à ação de um anjo ou de um demônio. Todavia, é a essa consequência que são conduzidos aqueles que querem informar a rotação das mesas a uma causa sobre-humana.

"Dizemos, para terminar esta discussão, que a razão proíbe recorrer a uma causa sobrenatural, em toda parte onde uma causa natural pode bastar. Uma causa natural, normal, fisiológica, pode ser invocada para a explicação do giro das mesas? Aí está toda a questão.

"Eis, pois, que somos conduzidos a expor o que nos parece dar conta do fenômeno estudado nesta última parte do nosso livro.

"A explicação do fato das mesas girantes, considerado em sua maior simplicidade, nos parece ser fornecida por esses fenômenos cujo nome variou muito até aqui, mas cuja natureza é, no fundo, idêntico, quer dizer, porque alternativamente se chamou *hipnotismo*, com o doutor Braid, *biologismo* com o Sr. Philips, *sugestão* como Sr. Carpenter. Lembremos que, em consequência da forte tensão cerebral resultante da contemplação, muito tempo mantida, de um objeto imóvel, o cérebro cai num estado particular, que recebeu, sucessivamente, os nomes de *estado magnético*, de sono *nervoso* e de *estado biológico*, nomes diferentes que designam certas variantes particulares de um estado geralmente idêntico.

"Uma vez levado a este estado, seja pelos passes de um magnetizador, como se faz desde Mesmer, seja pela contemplação de um corpo brilhante, como operava Braid, imitado depois pelo Sr. Philips, e como operam ainda os os feiticeiros árabes e egípcios, seja simplesmente, enfim, por uma forte contenção moral, como disso citamos mais de um exemplo, o indivíduo cai nessa passividade automática que constitui o sono *nervoso*. Ele perdeu o poder de dirigir e de controlar a sua própria vontade, e está em poder de uma vontade estranha. Se lhe apresenta um copo de água afirmando, com autoridade, que é uma deliciosa bebida, ele a bebe crendo beber vinho, um licor ou leite, segundo a vontade daquele que se apoderou fortemente do seu ser. Assim, privado do socorro do seu próprio julgamento, o indivíduo permanece quase estranho às ações que executa, e uma vez retornado ao seu estado natural, perdeu a lembrança dos atos que realizou durante essa estranha e passageira abdicação de seu *eu*. Está sob a influência de *sugestões*, quer dizer que, aceitando sem poder repeli-la, uma idéia fixa que lhe é imposta por uma vontade exterior, ele age, e é forçado a agir sem idéia e sem vontade própria, por consequência, sem consciência. Esse sistema levanta uma grave questão de psicologia, porque o homem, assim influenciado, perdeu seu livre arbítrio, e não tem mais a responsabilidade pelas ações que executa. Ele age, determinado por imagens intrusas que obsidiam seu cérebro, análogas a essas visões que Cuviers supôs fixadas no *sensorium* da abelha, e que lhe representam a forma e as proporções da célula que um instinto a impele construir. O princípio das *sugestões* dá perfeitamente conta dos fenômenos, tão variados e às vezes tão terríveis da alucinação, e mostra, ao mesmo tempo, o pouco de intervalo que separa a alucinação da monomania. Não será necessário mais espantar-se se, num número bastante grande de giradores de mesas, a alucinação sobreviveu à experiência e se transformou em loucura definitiva.

"Esse princípio das *sugestões*, sob a influência do sono nervoso, nos parece fornecer a

explicação do fenômeno da rotação das mesas, tomado em sua maior simplicidade. Consideremos o que se passa numa cadeia de pessoas que se entregam a uma experiência desse gênero. Essas pessoas estão atentas, preocupadas, fortemente emocionadas pela espera do fenômeno que se deve produzir. Uma grande atenção, um recolhimento completo de Espírito é recomendado. À medida que essa tensão se prolonga, e que a contenção moral permanece muito tempo mantida entre os experimentadores, seu cérebro se fatiga cada vez mais, suas idéias sentem uma ligeira perturbação. Quando assistimos, durante o inverno do ano 1860, às experiências feitas em Paris pelo Sr. Philips; quando vimos as dez ou doze pessoas às quais ele confiava um disco metálico, com a injunção de considerar fixa e unicamente esse disco colocado no côncavo da mão durante uma meia hora, não pudemos nos negar de encontrar, nessas condições reconhecidas indispensáveis para a manifestação do estado hipnótico, a fiel imagem do estado em que se encontram as pessoas formando silenciosa cadeia, para obter a rotação da mesa. Num e noutro caso, há uma forte contenção do Espírito, uma idéia exclusivamente perseguida durante um tempo considerável. O cérebro humano não pode resistir, por muito tempo, a essa excessiva tensão, a essa acumulação anormal do influxo nervoso. Sobre as dez ou doze pessoas que se entregaram a essa alteração, a maioria abandona a experiência, forçada em renunciá-la pela fadiga nervosa que sentem. Somente alguns, um ou dois, que nela perseveraram, caem vítimas do estado hipnótico ou biológico, e dão, então, lugar aos fenômenos diversos que examinamos falando no curso desta obra, do hipnotismo e do estado biológico.

"Nessa reunião de pessoas fixamente ligadas, durante vinte minutos ou meia hora, para formarem a cadeia, as mãos postas espalmadas sobre uma mesa sem terem a liberdade de distrair um instante a sua atenção da operação da qual tomam parte, o maior número não sente nenhum efeito particular. Mas é muito difícil que uma delas, uma só se se quer, não caia, por um momento, vítima do estado hipnótico biológico. Não seria preciso talvez senão um segundo de duração desse estado, para que o fenômeno esperado se realize. O membro da cadeia caído nesse semi-sono nervoso, não tendo mais consciência de seus atos, e não tendo outro pensamento senão a idéia fixa da rotação da mesa, imprime, com o seu desconhecimento o movimento ao móvel; ele pode, nesse momento, desdobrar uma força muscular relativamente considerável e a mesa se arremessa. Dado esse impulso, realizado esse ato *inconsciente*, nada lhe é mais necessário. O indivíduo, assim passageiramente biotogizado, pode em seguida retornar ao seu estado ordinário; porque apenas esse movimento de deslocamento mecânico se manifestou na mesa que logo todas as pessoas compondo a cadeia se levantam e seguem os seus movimentos, de outro modo dito, fazem a mesa caminhar crendo somente segui-la. Quanto ao indivíduo, causa involuntária, *inconsciente*, do fenômeno como não conserva nenhuma lembrança dos atos que realizou no estado de sono nervoso, ele mesmo ignora o que fez e se indigna, de muito boa fé, sendo acusado de ter empurrado a mesa. Supõe mesmo os outros membros da cadeia não terem agido com a má fé de que são acusados. Daí essas freqüentes discussões e mesmo essas *disputas sérias às quais, muito freqüentemente*, deram lugar a distração das mesas girantes.

"Tal é a explicação que cremos poder apresentar no que concerne ao fato da rotação das mesas, tomado em sua maior simplicidade. Quanto aos movimentos da mesa respondendo a perguntas: os pés que se erguem aos comandos, e que, pelo número de golpes, respondem às perguntas feitas, o mesmo sistema disso dá conta, admitindo-se que, entre os membros da cadeia, há um cujo estado nervoso conserva uma certa duração. Esse indivíduo, hipnotizado com seu desconhecimento, responde às perguntas e às ordens que lhes são dadas, inclinando a mesa, ou fazendo-a bater pancadas, de conformidade com as perguntas. Retornado em seguida ao seu estado natural, esqueceu todos os atos assim realizados, do mesmo modo que todo indivíduo magnetizado, hipnotizado, perdeu as lembranças dos atos que executou nesse estado. O indivíduo que desempenha esse papel com o seu desconhecimento, é, pois, uma espécie de dorminhoco desperto; ele não está *sui compôs*,

está num estado mental que participa do sonambulismo e da fascinação. Ele não dorme, está encantado ou fascinado em consequência da forte concentração moral que se impôs: é um *médium*. Como esse último exercício é de uma ordem superior ao primeiro, não pode ser obtido em todos os grupos. Para que a mesa responda às perguntas feitas, é necessário que os indivíduos que operam hajam praticado com continuidade o fenômeno da mesa girante, e que, entre eles, se encontre um sujeito particularmente apto a cair nesse estado, que nele cai mais depressa pelo hábito e nele persevera por mais tempo: é preciso, em uma palavra, um *médium* experimentado.

"Mas, dir-se-á, vinte minutos ou meia hora não são necessários para obter a rotação de uma mesinha redonda de pé único ou de uma mesa. Frequentemente, ao cabo de quatro ou cinco minutos, a mesa se coloca em movimento. A esse respeito, respondemos que um magnetizador, quando opera com seu sujeito habitual ou com um sonâmbulo de profissão, faz esse cair em sonambulismo em um minuto ou dois, sem passes, sem aparelhos, e unicamente com a imposição fixa de seu olhar. Aqui, foi o hábito que tornou o fenômeno fácil e rápido. Do mesmo modo, os *médiuns* exercitados podem, em muito pouco tempo, chegar a esse estado de semi-sono nervoso, que deve tornar inevitável o fato da rotação da mesa ou o movimento impresso por ele a esse móvel, de conformidade com a pergunta feita."

Não sabemos como o Sr. Figuiet aplicaria sua teoria aos movimentos que ocorre, aos ruídos que se fazem ouvir, ao deslocamento dos objetos, sem o contato do médium, sem a participação da vontade, contra a sua vontade; mas há muitas outras coisas que ele não explica. De resto, mesmo aceitando a sua teoria, ela revelaria um fenômeno fisiológico dos mais extraordinários e bem digno da atenção dos sábios; porque, pois, o desdenharam?

O Sr. Figuiet termina seu *Tratado do Maravilhoso* por uma curta notícia sobre *O Livro dos Espíritos*. Ele o julga naturalmente sob o seu ponto de vista: "A filosofia, disse ele, nele está fora de moda, e a moral dormente." Teria, sem dúvida gostado de uma moral galhofeira e despertante; mas que fazer dela? É uma moral para uso da alma; de resto sempre terá tido uma vantagem: a de fazê-lo dormir; é para ele uma receita em caso de insônia.

Conversas familiares de além-túmulo

Revista Espírita, dezembro de 1860

Balthazar ou o Espírito gastronômico

2ª Conversa.

Um dos nossos assinantes, lendo, na *Revista Espiritado* mês de novembro, a evocação do Espírito que se deu a conhecer sob o nome de Balthazar, acreditou nele reconhecer um homem que conhecera pessoalmente, e cuja vida e caráter coincidiam perfeitamente com todos os detalhes narrados; não duvida que não foi ele que se manifestou sob um nome de fantasia, e nos pede disso nos assegurarmos por uma nova evocação. Segundo ele, Balthazar não era outro do que o Sr. G... de la R... conhecido pelas suas excentricidades, sua fortuna e seus gostos gastronômicos.

1. Evocação. - R. Ah! Eis-me; mas não tendes nunca nada para me oferecer; decididamente não sois amáveis.

2. Quereis dizer-nos o que poderíamos vos oferecer para vos ser agradáveis? - R. Oh! Pouca coisa: um pequeno chá, uma pequena ceia bem fina, eu gostaria disso e essas senhoras também, sem contar com os senhores aqui presentes que não a deixariam de lado; convinde nisso.

3. Conhecestes um certo Sr. G... de la R...? - R. Sois curiosos, eu creio.

4. Não, não é por curiosidade; dissei-vos, eu vos peço, se o conhecestes. - R. Tendes, pois, a descobrir o meu incógnito.

5. Portanto, sois o Sr. G... de la R...? - R. Ah! Sim, sem almoço.

6. Não fomos nós que descobrimos o vosso incógnito; foi um de vossos amigos, aqui presente, quem vos reconheceu. - R. É um tagarela; deveria se calar.

7. Em que isso pode vos prejudicar? - R. Em nada; mas desejaria não me dar a conhecer imediatamente. É indiferente, eu não esconderia meus gostos por isso; se conhecesses as ceias que eu dava, convirias francamente que eram boas, e que tinham um valor que hoje não mais se aprecia.

8. Não, eu não as conheci; mas falemos um pouco seriamente, eu vos peço, e deixemos de lado os jantares e as ceias que não nos ensinam nada; nosso objetivo é o de nos instruir; por isso vos pedimos dizer que sentimento vos levou, no dia da vossa recepção como advogado em fazer jantar vossos confrades numa sala de jantar decorada como câmara mortuária? - R. Não distinguis, no meio de todas as minhas excentricidades de caráter, um fundo de tristeza

causada pelos erros da sociedade, sobretudo pelo orgulho daquela que freqüentava, e da qual fazia parte pelo meu nascimento e minha fortuna? Eu procurava atordoar meu coração com todas as loucuras imaginárias, e me chamavam louco, extravagante; pouco importava; saindo dessas ceias tão gabadas pela sua originalidade, eu corria a fazer uma boa ação que se ignorava, mas isso me era indiferente, meu coração estava satisfeito, os homens o estavam também; riam de mim, ao passo que eu me divertia deles. Que não falais dessa ceia onde cada convidado tinha o seu caixão atrás de si! Suas aparências alongadas me distraíam muito, também vós o vedes, era a loucura aparente unida à tristeza do coração.

9. Qual é a vossa opinião atual sobre a divindade? - R. Eu não esperei não ter mais corpo para crer em Deus; somente esse corpo que eu amei bastante materializou o meu Espírito ao ponto que lhe será necessário muito tempo para quebrar todos os laços terrestres, todos os laços das paixões que o prendem à Terra.

Nota. Vê-se que de um assunto frívolo na aparência, freqüentemente, se podem tirar úteis ensinamentos. Não há alguma coisa eminentemente instrutiva nesse Espírito que conserva, além do túmulo, instintos corpóreos, e que reconhece que os abusos das paixões, de alguma sorte, *materializou* o seu Espírito?

A educação de um Espírito

Um de nossos assinantes, cuja mulher é muito boa médium escrevente, não pode, apesar disso, se comunicar com os seus parentes e seus amigos, porque um mau Espírito se impôs a ela e *intercepta*, por assim dizer todas as comunicações, o que lhe causa uma viva contrariedade. Notemos que há simples obsessão e não subjugação, porque o médium não é de nenhum modo vítima desse Espírito que, aliás, é francamente mau, e não procura esconder o seu jogo. Nos tendo pedido o nosso conselho a esse respeito, dissemos-lhe que ele não se desembaraçaria nem pela cólera, nem pelas ameaças, mas com a paciência; que seria necessário dominá-lo pela ascendência moral, e procurar tomá-lo melhor pelos conselhos; que é uma *carga da alma* que lhe foi confiada, e cuja dificuldade fará o mérito.

Segundo o nosso conselho, o marido e a mulher empreenderam a educação desse Espírito, e devemos dizer que o fizeram admiravelmente, e que, se não triunfarem, não terão nada a se censurar. Extraímos algumas passagens dessas instruções, que damos como modelo do gênero, e porque a natureza desse Espírito aí se desenha de maneira característica.

1. Por que és assim mau, é necessário que sofras? - R. Sim, eu sofro, e é o que faz que eu seja mau.

2. Não tens jamais remorsos do mal que fazes ou procuras fazer? - R. Não, eu não o tenho nunca, e gozo com o mal que faço, porque não posso ver os outros felizes sem sofrer.

3. Tu não supões, pois, que se possa ser feliz com a felicidade dos outros, em lugar de achar a sua felicidade em sua infelicidade; nunca fizestes estas reflexões? - R. Eu jamais as fiz e acho que tu tens razão. Mas eu não posso me... eu não posso fazer o bem; eu sou...

Nota. Esses pontos de suspensão substituem os rabiscos que o Espírito faz, quando não quer ou não pode escrever uma palavra.

4. Mas, enfim, não queres me escutar, e tentar os conselhos que poderia te dar? - R. Eu não

sei, porque tudo o que me dizes me faz sofrer ainda mais, e não tenho a coragem de fazer o bem.

5. Pois bem! Promete-me ao menos tentar? - R. Oh! Não, eu não posso, porque eu não cumpriria a minha promessa, e disso seria punido; é necessário ainda que tu peças a Deus para me mudar o coração.

6. Então, pecamos juntos; peça comigo que Deus te melhore. - R. Eu não posso, te digo, eu sou muito mau, e me alegro em fazer o mal.

7. Mas, é que tu gostarias realmente de fazê-lo a mim? Eu não considero como do mal real as tuas mistificações que, certamente, nos foram até aqui mais úteis que nocivas, porque serviram para a nossa instrução; assim, vês que perdes o teu tempo. - R. Sim, eu tenho feito tanto o quanto posso, e se não te faço mais, é porque não posso.

8. O que te impede? - R. É o teu bom anjo e tua Maria, sem isso verias do que sou capaz.

Nota. Maria é o nome de uma jovem que eles evocam em vão, e que não pode se manifestar por causa desse Espírito. Mas vê-se, pela própria resposta do Espírito, que se ela não se comunicar materialmente, ela não está menos lá, assim como o anjo guardião, velando sobre eles. Esse fato levanta uma grave questão, a de saber como um mau Espírito pode impedir as comunicações de um bom Espírito. Ele não impede senão as comunicações materiais, mas não pode se opor às comunicações espirituais. Não é o mau Espírito que é mais poderoso que o bom, é o médium que não é bastante poderoso para vencer a obstinação do mau, e que deve se esforçar por vencê-lo pelo ascendente do bem, em se melhorando cada vez mais. Deus permite essas provas em nosso interesse.

9. Mas o que me farias, pois? - R. Eu te faria mil coisas mais desagradáveis, umas do que as outras; eu te faria...

10. Vejamos, pobre Espírito, nunca tiveste, pois, um movimento generoso? Nunca tiveste um único desejo de fazer algum bem, não fosse senão um desejo vago? - R. Sim, um desejo vago de fazer o mal, eu não posso ter outro. É necessário que tu peças a Deus, para que eu seja tocado, de outro modo, permanecerei mau, é certo.

11. Crês, pois, em Deus? - R. É muito necessário que nele eu creia, uma vez que me faz sofrer.

12. Pois bem! Uma vez que crês em Deus, deves ter confiança em sua perfeição e em sua bondade; deves compreender que ele não fez as suas criaturas para dedicá-las à infelicidade; que se elas são infelizes, é pela sua própria falta, e não pela dele, mas que elas têm sempre os meios de se melhorarem, e, conseqüentemente, de chegar à felicidade; que Deus não fez as criaturas inteligentes sem objetivo, e que, esse objetivo é fazê-las todas concorrer para a harmonia universal: a caridade, o amor de seu próximo; que a criatura que se afasta desse objetivo perturba a harmonia, e que ela mesma é a primeira a sofrer os efeitos dessa perturbação que causa. Olha ao redor de ti, acima de ti; não vês Espíritos felizes? Não tens o desejo de ser como eles, uma vez que dizes que sofres? Deus não os criou mais perfeitos do que tu; talvez sofreram, como tu, mas se arrependeram, e Deus lhes perdoou; podes, pois, fazer como eles. - R. Eu começo a ver, e começo a compreender que Deus é justo; ainda não o vira; é tu que vens abrir os meus olhos.

13. Pois bem! Não sentes já o desejo de se melhorar? - R. Não ainda.

14. Espera que isso virá; eu o espero, eu. Dissestes a minha mulher que ela te torturava, quando te evocava: crês que procuramos te torturar? - R. Não; vejo bem que não, mas não é menos verdadeiro que eu sofro mais do que nunca, e sois vós outros que lhe são a causa.

Nota. Um Espírito superior, interrogado sobre a causa desse sofrimento, respondeu: Ela vem do combate que se trava nele; ele sente, apesar de si, alguma coisa que o arrasta para um caminho melhor, mas resiste, e é essa luta que o faz sofrer. - Que vencerá nele o bem ou o mal? - R. O bem, mas isso será longo e difícil. É necessário pôr nisso muito de perseverança e de devotamento.

15. O que poderíamos fazer para não te fazer mais sofrer? - R. É necessário que peças a Deus me perd...(ele risca essas duas últimas palavras) que tenha piedade de mim.

16. Pois bem! Ora conosco. - R. Eu não posso.

17. Disseste-nos que é muito necessário que creias em Deus, uma vez que te faz sofrer; mas como sabes que é Deus que te faz sofrer? - R. Ele me faz sofrer porque sou mau.

18. Se é verdade que crês que é Deus que te faz sofrer, deves conhecer-lhe o motivo, porque não podes te figurar um Deus injusto? - R. Sim, eu creio na justiça de Deus.

19. Disseste-nos que foi nós que te abrimos os olhos; que seja assim ou não, não é menos verdadeiro que não podes dissimular a verdade daquilo que te dizemos; ora, que essas verdades te sejam conhecidas antes de nós ou por nós, o essencial é que as conheças; hoje, o grande assunto para ti é delas tirar partido. Dize-me, pois, francamente se a satisfação que sentes em fazer o mal não te deixa nada a desejar. - R. Eu desejo que os meus sofrimentos acabem, eis tudo; e eles não acabarão nunca.

20. Compreendes que depende de ti fazê-los acabar? - R. Eu compreendo.

21. Na última existência corpórea, te entregaste sem reservas aos maus pendores, como pareces te entregar agora? - R. É necessário que saibas que sou mais imundo do que o animal, e que sou um miserável que tudo fez até...

22. é que nós te fizemos, minha mulher e eu, o mal? Tiveste do que se lamentar de nós em uma outra existência? - R. Não; eu não...

23. Então dize-me por que encontras mais prazer em te enfurecer com pessoas inofensivas como nós, que te queremos o bem, antes que junto de pessoas más que talvez são ou foram teus inimigos? -R. *Eles não me fazem inveja, eles.*

Nota. Esta resposta é característica; ela pinta o ódio do mau contra os homens que sabe valer mais do que ele; é o ciúme que é cego e, freqüentemente, o impele aos atos mais contrários ao seu interesse. Ocorre o mesmo neste mundo onde, freqüentemente, o maior erro de um homem, aos olhos de certas pessoas, é o seu mérito: Aristides disso é um exemplo.

24. Eras mais feliz sobre a Terra do que agora? - R. Oh! Sim! Era rico e não me privava de nada; fiz baixezas de todas as espécies, fiz todo o mal que se pode fazer quando se tem o

dinheiro e miseráveis à sua disposição.

25. Por que me dizias, outro dia, para te deixar tranqüilo? - R. Porque eu não queria responder às perguntas que me dirigias; mas estou muito satisfeito que me evoques e eu gostaria sempre de escrever, porque o tédio me mata. Oh! Você não sabe o que é estar continuamente em presença de suas faltas e de seus crimes como aí eu estou!

26. Que impressão sentes à visão de uma ação generosa? - R. Com isso sinto despeito; eu gostaria de poder aniquilá-la.

27. Durante a última existência corpórea, jamais fizeste uma boa ação, qualquer que lhe fosse o móvel? - R. Eu a fiz por ambição e por orgulho; jamais eu fiz por bondade; por isso não me foram tidas em conta.

Nota. Essas conversas se prolongaram durante um grande número de sessões, e se prolongam ainda neste momento, infelizmente sem resultado ainda muito sensível. O mal domina sempre nesse Espírito, que não mostra senão em raros intervalos alguns clarões de bons sentimentos, também isso é uma tarefa penosa para os seus preceptores. Esperamos, todavia, que com a perseverança, virão afinal domar essa natureza rebelde, ou pelo menos que Deus lhe terá conta de seus esforços.

Dissertações Espíritas

Revista Espírita, dezembro de 1860

Obtidas ou lidas na Sociedade por diversos Médiuns

Entrada de um culpado no mundo dos Espíritos

(Méd., senhora Costel.)

Vou contar-te o que sofri quando morri. Meu Espírito, retido ao meu corpo por laços materiais, teve grande dificuldade para dele se desembaraçar; o que foi u ma primeira e rude angústia. A vida que eu deixara há vinte e quatro anos estava ainda tão forte em mim que eu não acreditava em sua perda. Eu procurava o meu corpo e me admirava e aterrorizava por me ver perdido no meio dessa multidão de sombras. Enfim, a consciência de meu estado, e a revelação das faltas que cometera em todas as minhas encarnações, me feriram de repente; uma luz implacável clareou as mais secretas dobras de minha alma, que se sentiu *nua* e depois tomada de uma vergonha acabrunhante. Eu procurava a isso escapar interessando-me por objetos novos, e *entretanto conhecidos*, que me cercavam; os Espíritos radiosos, flutuando no éter, davam-me a idéia de uma felicidade à qual não podia aspirar; formas sombrias e desoladas, umas mergulhadas num melancólico desespero, as outras irônicas ou furiosas, deslizavam ao meu redor e sobre a Terra à qual eu permanecia amarrado. Eu via se agitarem os humanos dos quais invejava a ignorância; toda uma ordem de sensações desconhecidas, ou *reencontradas*, me invadiam ao mesmo tempo. Arrastado como por uma força irresistível, procurando fugir dessa dor obstinada, eu transpunha as distâncias, os elementos, os obstáculos materiais, sem que as belezas da natureza, nem os esplendores celestes pudessem acalmar um instante o dilaceramento de minha consciência nem o pavor que me causava a revelação da eternidade. Um mortal pode pressentir as torturas materiais pelo estremecimento da carne, mas as vossas frágeis dores, abrandadas pela esperança, temperadas pelas distrações, mortas pelo esquecimento, não poderão jamais vos fazer compreender as angústias de uma alma que sofre sem trégua, sem esperança, sem arrependimento. Passei um tempo, do qual não posso apreciar a duração, invejando os eleitos, cujo esplendor eu entrevia, detestando os maus Espíritos que me perseguiram com seus escárnios, desprezando os humanos dos quais via as torpezas, passando de um profundo acabrunhamento à uma revolta insensata.

Enfim, tu me apaziguastes; escutei os ensinamentos que te dão os teus guias; a verdade me penetrou, eu orei: Deus me ouviu; revelou-se a mim pela sua clemência, como se revelara pela sua justiça. novel

Castigo do egoísta

(Médium, senhora Costel.)

Nota. O Espírito que ditou as três comunicações seguintes é o de uma mulher que o médium

conheceu quando viva, e cuja conduta e caráter não justificam senão muito os tormentos que ela suporta. Era sobretudo dominada por um sentimento excessivo de egoísmo e de personalidade, que se reflete na última comunicação, pela sua pretensão em querer que o médium não se ocupe senão dela, e renuncie por ela os seus estudos ordinários.

I

Eis-me, eu, a infeliz Claire; que queres que eu te ensine? Tua resignação e a esperança não são senão palavras para aquele que sabe, que inumeráveis como os cascalhes soltos da praia, os seus sofrimentos ficarão durante a sucessão dos séculos intermináveis. Eu posso abrandá-los, dizes! Que palavra vaga! Onde encontrar a coragem, a esperança para isso? Trate, pois, cérebro limitado, de compreender o que é um dia que nunca termina. É um dia, um ano, um século? Que sei eu disso? As horas não o dividem, as estações não o variam; eterno e lento como a água que ressuma do rochedo, esse dia execrado, esse dia maldito, pesa sobre mim como um relicário de chumbo... Eu soffro!... Não vejo nada ao meu redor senão sombras silenciosas e indiferentes... Eu soffro!

Eu o sei, todavia, acima dessa miséria reina Deus, o pai, o senhor, aquele para o qual tudo se dirige. Quero nele pensar; quero lhe implorar.

Eu me debato e me arrasto como um estropiado que rasteja ao longo do caminho. Não sei qual poder me atrai para ti; talvez tu sejas a salvação. Eu te deixo um pouco calma, um pouco reanimada, como um velho tiritante que um raio de sol reanima; minha alma insensível haure uma nova vida em de ti se aproximando.

Claire

II

A minha infelicidade aumenta a cada dia; aumenta à medida que o conhecimento da eternidade se desenvolve em mim. Ó miséria! Quanto eu vos maldigo, horas culpáveis, horas de egoísmo e de esquecimento, onde desconhecendo toda caridade, todo devotamento, e eu não pensava senão no meu bem-estar! Sede malditos, arranjos humanos! Vãs preocupações de interesses materiais! Sede malditos, vós me cegastes e perdestes! Estou roída pelo incessante remorso do tempo escoado. Que te direi, a ti que me escutas? Vela sem cessar sobre ti; ama os outros mais do que a ti mesmo; não te demores nos caminhos do bem-estar; não engordes teu corpo às expensas de tua alma; vigia, como dizia o Salvador aos seus discípulos. Não me agradeças por esses conselhos, o meu Espírito os concebe, mas o meu coração jamais os escutou. Como um cão chicoteado, o medo me faz rastejar, mas não conheço ainda o livre amor! Sua divina aurora tarda muito a se levantar! Ora pela minha alma ressequida e tão miserável!

Claire

III

Nota. Os dois primeiros ditados foram obtidos pelo médium em sua casa; este foi dado espontaneamente na Sociedade, o que explica o sentido da primeira frase.

Venho te procurar até aqui, uma vez que me esqueces. Crês, pois, que preces isoladas, meu nome pronunciado, bastarão para o apaziguamento de minha pena. Não, cem vezes não. Eu urro de dor; erro sem repouso, sem asilo, sem esperança, sentindo o eterno aguilhão do castigo se cravar na minha alma revoltada. Rio quando eu ouço os vossos lamentos, quando vos vejo abatidos. Que são as vossas pálidas misérias! Que são as vossas lágrimas! Que são os vossos tormentos que o sono suspende! Será que durmo, eu? Eu quero, ouves? Eu quero que, deixando as tuas dissertações filosóficas, te ocupes de mim; que delas tu faça os outros se ocuparem. Eu não encontro expressão para pintar a angústia desse tempo que escoar, sem que as horas me marquem os períodos. Apenas se vejo um fraco raio de esperança, e essa esperança, foi tu que ma deste; não me abandones, pois.

Claire

IV

Nota. A comunicação seguinte não é do mesmo Espírito; é de um Espírito superior, nosso guia espiritual em resposta à pergunta que lhe fizemos de consentir em nos dar a sua opinião sobre as que precedem.

Esse quadro não é muito verdadeiro, porque não está de nenhum modo carregado. Perguntar-se-á, talvez, o que fez essa mulher para sertão miserável! Cometeu algum crime horrível? Roubou, assassinou? Não; ela nada fez que haja merecido a justiça dos homens. Ela se distraía, ao contrário, com aquilo que chamais a felicidade terrestre: beleza, fortuna, prazeres, adulações, tudo lhe sorria, nada lhe faltava, e se dizia vendo-a: Que mulher feliz! E se invejava a sua sorte. O que ela fez? Foi egoísta; tinha tudo, exceto um bom coração. Se ela não violou a lei dos homens, violou a lei de Deus, porque desconheceu a caridade, a primeira das virtudes. Não amou senão a si mesma: agora, não é amada por ninguém; ela nada deu: não se lhe dá nada; está isolada, desamparada, abandonada, perdida no espaço, onde ninguém pensa nela, ninguém se ocupa dela, o que faz o seu suplício. Como não procurou senão os gozos mundanos, e que hoje esses gozos não existem mais, fez-se o vazio ao seu redor; ela não vê senão o nada, e o nada lhe parece a eternidade. Não sofre torturas físicas; os diabos não vêm atormentá-la, mas isso não é necessário; ela se atormenta a si mesma, e sofre muito mais, porque esses diabos ainda seriam seres que pensariam nela. O egoísmo fez a sua alegria sobre a Terra: ele a perseguiu; é agora o verme que lhe rói o coração; é o seu verdadeiro demônio.

Ah! Se os homens soubessem o que custa ser egoísta! Deus, todavia, vo-lo ensina todos os dias, porque se envia tantos Espíritos egoístas sobre a Terra, é a fim de que, desde esta vida, eles se punam uns pelos outros, e compreendam melhor, pelo contraste, que a caridade é o único contra-veneno desta lepra da Humanidade.

Alfred de Musset

(Médium, senhorita Eugénie.)

Na sessão da Sociedade de 23 de novembro, um Espírito se comunica espontaneamente, escrevendo o que se segue:

Como eu desejo, antes de tudo, vos ser agradável, vou pedir-vos o que quereis que eu trate; se tendes um assunto, fazei as perguntas. Enfim, senhores, sou sempre o vosso devotado

Alfred de Musset.

- Sendo a vossa visita imprevista, não temos assunto preparado; rogamos querer tratá-lo à vossa escolha; qualquer que seja, por isso vos seremos muito reconhecidos.

-Tendes razão; sim, porque o meu Espírito, em particular, e todos em geral, nós conhecemos melhor as vossas necessidades, e podemos aplicar melhor as comunicações do que vós mesmos não o faríeis.

De que vou tratar? Estou bastante embaraçado em meio de tantos assuntos interessantes. Começemos por falar daqueles que desejam ardentemente ser espíritas, mas que parecem recuar diante do que crêem uma apostasia; falemos, pois, por aqueles que recuariam diante da idéia de se encontrarem em contradição com o catolicismo. Escutai bem, eu disse catolicismo, e não cristianismo.

Tendes medo de renegar a fé dos vossos pais? Erro! Os vossos pais, os primeiros, aqueles que fundaram essa religião sublime em sua origem, mais do que vós eram espíritas; eles pregavam a mesma doutrina que se vos ensina hoje; e que diz: Espiritismo, como vossa religião, diz: Caridade, bondade, esquecimento e perdão das injúrias; como o catolicismo, vos ensina a abnegação de si mesmo. Podeis, pois, consciência escrupulosa, alia-tos juntos, e vir, sem escrúpulo sentar-vos a esta mesa e falar aos seres que lamentais. Sede, como os vossos pais, caridosos, bons, complacentes, e no fim da rota tereis todos o mesmo lugar; no fim do caminho, a balança, que pesará as vossas ações, terá os mesmos pesos, e a obra o mesmo valor. Vinde sem medo, isso vos peço; vinde, mulheres graciosas, com o coração cheio de ilusões; vinde aqui, elas serão substituídas pelas realidades mais belas e mais riosas; vinde, esposa de coração duro, que sofreis pela vossa secura, aqui está a água que amolece a rocha e mitiga a sede; vinde, mulheres amantes, que aspirais toda a vossa vida à felicidade, que medis a profundidade de vosso coração e desesperais de preenchê-la; vinde, mulheres de inteligência ávida: aqui a ciência corre clara e pura; vinde haurir nesta fonte que rejuvenesce. E vós, velhos que vos curvais, vinde e riréis à frente desta juventude que vos desdenha, porque, para vós, se abrem as portas do santuário, para vós o renascimento vai começar a trazer de novo a felicidade dos vossos primeiros anos; vinde, e nós vos faremos ver irmãos que vos estendem os braços e vos esperam; vinde, pois, todos, porque, para todos, há consolações. Vedes que me presto voluntariamente; usai de mim, vós me dareis prazer.

Aproveitando da boa vontade do Espírito de Alfred de Musset, foram-lhe dirigidas as perguntas seguintes:

1. Qual será a influência da poesia no Espiritismo? - R. A poesia é o bálsamo que se aplica sobre as feridas; a poesia foi dada ao homem como um maná celeste, e todos os poetas são médiuns que Deus enviou sobre a Terra para regenerar um pouco o seu povo, e não deixá-los embrutecer inteiramente; porque, o que há de mais belo! O que fala mais à alma do que a poesia!

2. A pintura, a escultura, a arquitetura, a poesia foram alternativamente influenciadas pelas idéias pagas e cristãs; quereis nos dizer se, depois da arte paga e da arte cristã, haverá um dia a arte espírita? - R. Fazeis uma pergunta que se responde por si mesma: o verme é verme, torna-se verme de seda, depois borboleta. O que há de mais aéreo, de mais gracioso do que uma borboleta? Pois bem! A arte paga, é o verme; a arte cristã é a crisálida; a arte espírita será a borboleta.

(Ver, a este respeito o artigo acima, pág. 366, sobre a arte paga, a arte cristã e a arte espírita.)

3. Qual é a influência da mulher no decimo-nono século.

Nota. Esta pergunta foi colocada por um jovem estranho à sociedade.

R. Ah! É o progresso; e é um jovem que propõe esta questão, é belo, sou muito amador, para não me dignar responder-lhe, e estou seguro de que todos aqui o desejam também.

A influência da mulher no décimo-nono século! Credes que ela haja esperado essa época para vos ter todos no esquecimento, pobres e fracos homens que sois? Se tentastes depreciá-la, foi porque tivestes medo; se tentastes abafar a sua inteligência, foi porque temestes a sua influência; não há senão seu coração no qual não pudestes colocar obstáculos, e como o coração é o presente que Deus lhe fez em particular, ele permaneceu senhor e soberano. Mas eis também que a mulher se fez borboleta: ela quer sair de sua crisálida; ela quer reconquistar os seus direitos, todos divinos; como aquela, se lança na atmosfera e dir-se-ia que respira o ar do seu justo valor. Não credes que com isso quero fazer eruditas, letradas, mulheres de poemas; não, mas eu quero, se quer aqui, no mundo em que habito, que aquela que deve elevar a Humanidade seja digna de seu papel; se quer que aquela que deve formar os homens, comece a conhecer a si mesma, e, para infiltrar-lhe, desde a juventude, o amor do belo, do grande, do justo, é necessário que ela possua esse amor em um grau superior; é necessário que ela o compreenda; se o agente educador por excelência é reduzido ao estado de nulidade, a sociedade cambaleia; é o que deveis compreender no décimo-nono século.

Intuição da vida futura

(Médium, senhorita Eugénie.)

Nota. A médium escreveu num antigo caderno, que serviu a um outro médium, e no qual se encontrava uma comunicação escrita, há muito tempo, e assinada por Delphine de Girardin. Esta circunstância explica o começo da comunicação seguinte:

Encontro justamente o meu nome traçado, e me servirá de assinatura antes de haver começado.

Quero aqui vos falar, a todos em geral, e provar que sois espiritualistas e por isso não tereis senão que dirigir-me ao vosso julgamento. Que ides, no primeiro dia de novembro, fazer no cemitério, uma vez que não conserva senão o despojo dos seres que lamentais? Por que ides perder o vosso tempo para lhes levar, um buquê odorífero, um pensamento de amizade e uma doce lembrança? Por que ides lembrar a sua memória se não vivem mais? Por que derramar prantos e lhes pedir para secá-los ou vos reunir a eles? Respondei, vós todos que dizeis, - porque aqueles que não o dizem bem alto o pensam bem baixo, - que dizeis: a matéria é a única coisa que existe em nós; depois de nós, nada. Dizei, não estais em desacordo com vós mesmos? Mas regozijai-vos, tendes mais fé do que pensais. Deus, que vos criou imperfeitos, quis vos dar confiança apesar de vós, e sem querer disso vos dar conta, sem disso ter consciência, falais a esses seres queridos, pedi-lhes para sentir as flores que lhes ofereceis, pedi-lhes amizade e proteção. Mãe! Tu chamas tua filha um anjo e lhe pede as suas preces; filha! tu chamas a proteção de tua mãe e roga-lhe te dar os seus conselhos. Muitos entre vós dizem: Eu sinto em meu coração a verdade do que dizeis, mas

está em desacordo com o que os meus pais me ensinaram, e Espíritos escrupulosos que sois! Encerrai-vos em vossa ignorância. Atuai, pois, sem medo, porque a fé espírita está em relação com todas as religiões, uma vez que ela diz o que todas repetem: Amor, caridade, humildade. Vedes que, se isso não se deve senão à vossa hesitação, deveis crer.

Delphine de Girardin.

Nota. A contradição, da qual fala o Espírito, em começando, se vê a cada instante, naqueles mesmos que negam fortemente a vida futura. Se tudo parece com a vida corpórea, de que serviria, com efeito, a comemoração dos seres que se lamentam se eles não nos ouvem mais? Falaram-nos de um senhor imbuído, ao último ponto, das idéias materialistas mais absolutas; recentemente, vem de perder um filho único, e o desgosto que com isso sentiu foi tal que quis suicidar-se para ir reencontrá-lo; ora, para ir reencontrar o quê? Os ossos que não são mais dele, porque esses ossos não pensam.

A reencarnação

(Médium, senhorita Eugénie.)

Nota. Na sessão da Sociedade, onde foi obtido o ditado precedente, o Espírito da senhora de Girardin sendo rogado para consentir dar um sobre a reencarnação, respondeu: "Oh! Eu não peço melhor; esse médium está habituado a me ver fazer aquilo que não lhe apraz sempre, e tendes razão." Esta última frase é uma alusão a certas idéias particulares do médium com respeito à reencarnação.

"A reencarnação é uma coisa lógica, e cai sob o sentido; assim, pois, não se trata senão de refletir, senão de querer examinar bem ao redor. Não tendes senão que olhar dentro de vós mesmos para encontrar as provas da reencarnação. Vedes nessa mesa um bom pai de família, há várias crianças belas, uns são de uma inteligência notável, os outros num estado quase abjeto; de onde vem, pois, esta diferença? O mesmo pai, a mesma mãe, a mesma educação, e, entretanto, tantos contrastes!

"Olhai em vossa lembrança; nela não encontrais a intuição de fatos dos quais não tendes nenhum conhecimento, e que entretanto todos vós lembrais completamente como tendo existido? Não vos encontrais tocados, vendo um ser pela primeira vez, que vos parece ser conhecido? Sim, não é? Pois bem! Isso vos prova uma vida anterior, à qual pertencestes; isso prova que a criança inteligente deveu percorrer várias existências, e por aí se depurou, e que outro pode estar em sua primeira; que a pessoa que reencontrais vos pode ter sido íntima, e que o fato do qual não vos lembrais vos foi pessoal numa outra vida. Depois, enfim, para entrar no reino de Deus, é necessário que sejais perfeitos. Vejamos! Credes que vos resta tão pouco a fazer para crer que, depois da vossa morte, três ou quatro meses de esferas vos bastarão (1 - (1) Alusão à opinião que algumas pessoas professam *com* respeito à vida futura)? Não; eu não creio em tanta pretensão; para adquirir, é preciso trabalhar, e a fortuna moral não se lega como a fortuna material; para vos depurar, é necessário passar em vários corpos que carregam com eles, em cada despojo, uma parte da vossa impureza.

"Se refletísseis, não poderíeis vos impedir de vos render à evidência.

Delphine de Girardin

O dia dos mortos

(Médium, senhorita Huet.)

Nota. Na sessão da Sociedade de 2 de novembro, Charles Nodier, rogado a consentir para continuar o trabalho que começou, respondeu:

"Permiti-me, esta noite, meus muito caros amigos, vos falar sobre um outro assunto; continuarei o meu trabalho começado numa próxima vez.

"Hoje é uma época que nos é muito pessoalmente consagrada, pelo que não lembraremos a vossa atenção sobre a morte e sobre as preces que reclamam a maioria daqueles que vos precederam. Esta semana é uma época de confraternização entre o céu e a Terra, entre os vivos e os mortos; deveis vos ocupar de nós mais particularmente, e de vós também; porque meditando este pensamento de que logo, como para nós, os vivos pedirão pela vossa alma, deveis vos tornar melhores. Segundo a maneira pela qual vivestes neste mundo, sereis recebidos diante de Deus. O que é a vida, depois de tudo? Uma curtíssima emigração do Espírito sobre a Terra; tempo, entretanto, em que pode amontoar um tesouro de graças ou se preparar para cruéis tormentos. Pensai nisso, pensai no céu, e a vida, qualquer que a tendes, vos parecerá bem breve.

Charles Nodier

As perguntas seguintes foram dirigidas ao Espírito a respeito de sua comunicação.

1. Hoje os Espíritos são mais numerosos do que habitualmente nos cemitérios? - R. Neste tempo estamos mais de bom grado junto de nossos despejos terrestres, porque os vossos pensamentos, as vossas preces ali estão conosco.

2. Os Espíritos que, nestes dias, vêm para suas tumbas junto das quais ninguém roga, sofrem por se verem abandonados, ao passo que outros têm seus parentes e seus amigos que vêm lhes dar um sinal de lembrança? - R. Não há pessoas piedosas que oram por todos os mortos em geral? Pois bem! Essas preces retornam ao Espírito esquecido, são para eles o maná celeste que cai para o preguiçoso como para o homem ativo; a prece é para o conhecido como para o desconhecido: Deus a reparte igualmente, e os bons Espíritos que dela não têm mais necessidade a revertem para aqueles que ela pode ser necessária.

3. Sabemos que a fórmula das preces é indiferente, todavia, muitas pessoas têm necessidade de uma fórmula para fixar as suas idéias; por isso, vos seríamos reconhecidos em consentir em nos ditar uma sobre esse assunto; todos nós nos associaremos a ela pelo pensamento, para aplicá-la aos Espíritos que podem dela ter necessidade. - R. Eu o desejo muito.

"Deus, criador do universo, dignai-vos ter piedade de vossas criaturas; considerai as suas fraquezas; abreviai as suas provas terrestres, se estão acima de suas forças; compadecei-vos das penas daqueles que deixaram a Terra, e inspirai-lhes o desejo de progredir para o bem."

4. Sem dúvida, há aqui vários Espíritos aos quais podemos ser úteis; vamos pedir-lhes para se darem a conhecer. - R. Que pergunta fazeis! Sereis assaltados.

5. Não estamos, de nenhum modo assustados com isso; se não podemos ouvi-los todos, o que nos dirão por um, os outros nisso terão a sua parte.-R. Pois bem! Fazei o que o vosso coração vos ditar.

Sendo feito um chamado sem designação a um dos Espíritos presentes que quisesse se comunicar para reclamar a nossa assistência, ou de um personagem muito conhecido, morto há dois anos, se manifesta e mostra sentimentos bem diferentes daqueles que tinha quando vivo e que se estava longe de supor-lhe.

Alegoria de Lázaro

(Médium, Sr. Alfred Didier.)

Cristo amava um homem de nome Lázaro, e quando soube de sua morte, a sua dor foi grande, e se fez conduzir para junto de seu túmulo.

A irmã de Lázaro suplicava ao Senhor e lhe dizia: "É possível que possais restituir a vida ao meu irmão? Ó, vós que o amais tanto, restituí-lhe a vida!"

Mundo do décimo-nono século, morreste também; a fé, que é a vida dos povos, se extingue dia a dia; em vão alguns crentes quiseram te despertar em tua agonia: é muito tarde; Lázaro está morto, só Deus pode salvá-lo.

O Cristo se fez, pois, conduzir ao túmulo; levantou-se a pedra do sepulcro; o cadáver cercado de faixinhas se apresentou em todo o horror da morte. Cristo lançou um olhar para o céu, tomou a mão da irmã, e levantando a sua outra mão para o céu, exclamou: "Lázaro, levanta-te!" E apesar das faixinhas, apesar de sua mortalha, Lázaro despertou e se levantou.

O mundo! Assemelhas-te a Lázaro, nada pode te restituir a vida; o teu materialismo, as tuas torpezas, o teu ceticismo tem tantas faixinhas que cercam o teu cadáver, e te sentes mal, porque estás morto há muito tempo. Qual é aquele que te exclamará como a Lázaro: em nome de Deus; levantai-vos! E o Cristo que obedece ao chamado do Espírito-Santo. Século, século, a voz de Deus se faz ouvir! Estás mais apodrecido do que Lázaro?

Lamennais

O duende familiar

(Médium, senhora Costel.)

Eu nunca me comuniquei convosco, e estou muito feliz em aumentar a vossa plêiade literária. Sabeis, vós que me lestes com tanto gosto, que divinização eu tinha do que se chama de mundo fantástico. Freqüentemente só, nas longas noites de inverno, recolhido ao canto de minha lareira solitária, eu escutava gemerem as notas lamentosas do vento. Ao passo que o meu olhar distraído seguia vagamente os desenhos inflamados do fogo, certamente o duende doméstico me entrelinha então, e eu não inventava mais Trilby; eu repetia o que ele murmurara em meu ouvido atento. A encantadora coisa de sentir viver ao redor de si, esses hóspedes invisíveis! Com eles, nada de mistérios: eles vos amam, embora malgrado vos

conhecem melhor do que não o fazeis vós mesmos. Em minha vida literária, em minha vida de homem, devo a esses invisíveis amigos e os meus melhores sucessos e as minhas mais caras consolações. De minha parte, agora, de murmurar aos ouvidos amigos as coisas que o coração adivinha e não repete. É vos dizer, caro médium, que, freqüentemente, terei o doce privilégio de conversar convosco.

Charles Nodier

ALLAN KARDEC.